

CINDA WILLIAMS CHIMA

TRADUZIDO POR CLAUDIA SANTANA MARTINS



O HERDEIRO DRAGÃO

A SAGA DOS HERDEIROS

03

O HERDEIRO DRAGÃO

CINDA WILLIAMS CHIMA

Traduzido por Claudia Santana Martins

FAROL
2010

Para Eric e Keith, que acreditam em dragões.

Agradecimentos

Um livro é como um navio. É preciso muitas pessoas para se lançar um. Alguns ajudam na estrutura e no planejamento, outros fornecem o financiamento; alguns ficam aplaudindo na praia, enquanto outros põem mãos à obra e o empurram até tirá-lo do ancoradouro.

Sou grata a todas as pessoas talentosas na Hyperion, especialmente a minha preparadora de texto, Arianne Lewin, que me fez reescrever o livro todo e aperfeiçoá-lo. Obrigada a

Elizabeth Clark, que, junto com o artista Larry Rostant, é responsável pelas belíssimas capas. Obrigada a Angus Killick e sua equipe, que colocaram meus livros nas mãos de professores e bibliotecários. (E obrigada também a esses professores e bibliotecários, que colocaram meus livros nas mãos dos leitores.)

Muito obrigada, Christopher Schelling. Além de ser um agente fantástico, muitas vezes ele me convence, correta ou incorretamente, de que eu não sou louca.

Obrigada a Pam Daum, que é um gênio, pelas maravilhosas fotografias. Escritora, artista, amigas para sempre. Saudades.

Obrigada aos meus generosos colegas da Hudson Writers e Twinsburg Writers por sua crítica amável e detalhada. Obrigada principalmente a Marsha McGregor, que aturou telefonemas bastante incoerentes e conversou comigo até que eu me acalmasse.

Devo um agradecimento sincero a Rod, que forneceu apoio moral, emocional e técnico (website, fotografias, layout e design, assistência técnica para a impressora) ao mesmo tempo que agüentava reclamações ocasionais e cumpria mais do que a sua cota no trabalho doméstico e em questões de relacionamento. (Aqueles cartões de aniversário que foram enviados — não fui eu.)

Finalmente, obrigada aos meus primeiros leitores, Eric e Keith, que deram início a tudo.

Prólogo

Sete Anos Antes

O nevoeiro aderiu à montanha Booker como um velho casaco esfarrapado. Os faróis da picape atravessaram a névoa. Embora a estrada fosse estreita e traiçoeira, Madison não estava

preocupada. A avó, Min, era capaz de achar o caminho de olhos vendados e em sono profundo.

Min diminuiu a marcha quando a subida se tornou mais íngreme. Seu rosto exibia duros traços de irritação, mas Madison sabia que Min não estava zangada com ela. Sentia-se a salvo, aninhada na picape com John Robert no colo e Grace espremida entre ela e a porta. Grace estava dormindo, a cabeça apoiada na janela, os cabelos emaranhados ao redor do rosto. Min não teve tempo para penteá-la.

— Mamãe não vai ficar preocupada quando chegar em casa e descobrir que a gente foi embora? — indagou Madison, falando baixinho para não assustar John Robert, que chupava o polegar com aquela expressão concentrada, típica dos bebês.

— Um pouco de preocupação vai fazer bem a Carlene, se quer saber o que acho — disse Min. — Que idéia, deixar uma menina de dez anos tomando conta de um bebê e de uma criança pequena por dois dias.

— Alguém provavelmente faltou — sugeriu Madison. — Ou quem sabe Harold Duane pediu pra ela trabalhar até tarde.

— O bar só fica aberto até as duas. Ela não tinha por que ficar fora a noite toda.

— Eu sou bem adulta pra minha idade. É o que a mamãe diz.

Min bufou e revirou os olhos.

— Eu sei que é, querida. Você é mais adulta do que a sua mãe. Você nasceu sábia.

Eles passaram pelo muro de tijolos e pedra e pelos pilares iluminados do portão que marcava a propriedade dos Ropers. Min fez um sinal com a mão ao atravessarem a larga entrada para carros.

— Pra que é isso? — perguntou Madison, sabendo que era uma maldição.

Min não respondeu. Min sempre dizia que bons cristãos não amaldiçoavam pessoas.

— Por que a senhora quer amaldiçoar os Ropers? — insistiu Madison.

Brice Roper morava ali. Ele era seu colega de classe na escola. Havia um brilho em torno dele, como a luz através de um vidro molhado pela chuva. O tipo de brilho das pessoas ricas, talvez. Brice tinha quatro cavalos árabes e deixava aqueles de quem gostava montarem neles.

Madison nunca cavalgara nas terras dos Ropers.

— Os Ropers querem a nossa montanha — disse Min.

Madison pensou: "A montanha Booker? O que eles queriam com ela?"

— Mas a terra deles é muito melhor! — exclamou ela.

Para quem gostava de luxuosas casas de pedra com pilares e gramados verdejantes e quilômetros de cerca branca. E cavalos árabes.

— Carvão — respondeu Min secamente. — Bryson Roper não consegue tirar o resto do carvão dele da terra sem passar pela montanha Booker. E ela pertence a mim.

Contornaram a última curva, passando pela caixa do correio que dizia M. BOOKER, CARTOMANTE E CONSELHEIRA. A picape chacoalhou até parar junto aos degraus da varanda.

Madison levou John Robert no colo, e Min carregou Grace. Madison caminhou pisando com toda a sola dos pés nas tábuas desgastadas da varanda, para não ficar com farpas nos pés descalços. Após terem subido os degraus, cruzado a varanda e levado as crianças para os quartos nos fundos, Min ficou com a respiração pesada, o rosto estranhamente cinza.

Madison sentiu o beijo frio do medo na nuca.

— Vovó? A senhora está bem?

Min apenas agitou a mão, sem fôlego para falar. Abriu o colarinho da blusa, revelando o pingente de opala que sempre usava. Aquele que ela às vezes deixava Madison experimentar.

Assim que os pequenos estavam na cama, Madison acendeu o fogão e fez café para as duas. Min nem se queixou do gosto, o que era preocupante.

— Vai ser um inverno frio — previu Min, acomodando-se na única poltrona com braços e cobrindo os ombros com um xale. Um pouco da cor lhe voltara. — Mais neve do que temos tido por muito tempo. Um tempo de morte.

Quando Min profetizava algo, era melhor escutar. Porém Madison era velha o bastante para se perguntar como era possível que uma pessoa capaz de prever o futuro tivesse tanta má sorte.

Madison gostava de se sentar à mesa na sala da frente para tomar com Min café com açúcar. O gato listrado, deitado diante do fogo, ronronava. Apenas uma coisa tornaria aquilo melhor ainda, se Min concordasse.

— Leia a sorte pra mim, vovó! — pediu Madison.

Ler a sorte era assunto sério, a avó sempre dizia, e não para o entretenimento de meninhas. Entretanto, Min observou Madison por um momento, os pálidos olhos azuis cintilando como pedras da lua, as hábeis mãos envolvendo a caneca de café, e acabou concordando.

— Muito bem. Está na hora. Pegue aquelas cartas que estão em cima da lareira.

— Mesmo?

Madison se apressou em sair da cadeira antes que Min mudasse de idéia.

Min guardava dois baralhos numa surrada caixa de madeira com uma cruz entalhada na tampa. Ela as chamava de 'cartas ciganas', mas pareciam cartas normais de jogo para Madison, com algumas a mais. A caixa continha também uma bolsa de couro cheia de pedregulhos e ossinhos, mas Madison nunca tinha visto Min usá-los.

Min passou-lhe o baralho mais grosso. Madison embaralhou as cartas desajeitadamente, cortou três vezes e embaralhou de novo.

— Coloque as cartas em três fileiras de três — disse Min, e Madison obedeceu.

A avó virou as cartas, estapeando levemente a madeira envelhecida da mesa.

— Madison Moss. — Agora a voz dela era a de uma estranha, a voz da cartomante. — Quer ouvir a verdade?

— Sim, senhora — respondeu Madison, engolindo em seco, torcendo para que não houvesse ali nada de assustador.

Min estudou as cartas, empurrou os óculos nariz abaixo e estudou-as um pouco mais. Madison se inclinou para a frente, fixando os olhos nas cartas. A carta central em cada fileira era um dragão com olhos de cobra e uma longa cauda retorcida, brilhante em suas cores, cintilante em seu dourado.

Repentinamente, Min recolheu-as e passou-as de volta a Madison.

— Embaralhe de novo.

Espantada, Madison embaralhou de novo e distribuiu-as. Dragões novamente. Min franziu a testa para eles. Moveu-os de um lado para o outro com as pontas dos dedos. Tirando a bolsa de couro da caixa, ela esvaziou-a na palma da mão. Lançou os pedregulhos e ossos sobre a mesa. Catou-os e deixou-os de lado, resmungando consigo mesma.

— Qual é o problema? — perguntou Madison, desapontada. — Não estão funcionando?

— Oh, minha filha — disse Min, balançando a cabeça. A cor sumiu de seu rosto novamente. Ela estendeu a mão trêmula em direção a Madison, e depois a recolheu, como que por medo de tocá-la. — Não importa. Vamos tentar outra coisa.

Min passou-lhe o baralho menor de 32 cartas, apenas com as cartas maiores do que sete.

Madison embaralhou de novo e posicionou-as no familiar arranjo cigano, três fileiras de sete cartas aos pares. Passado, presente e futuro.

Nenhum dragão.

Pessoalmente, Madison não estava tão interessada no passado ou no presente. Mas tinha esperanças no futuro. Ela se inclinou para a frente, ansiosa, enquanto Min virava as cartas uma de cada vez. Min sussurrava, como se estivesse insegura.

— Uma disputa por dinheiro — disse ela, virando o sete de ouros. No par seguinte, o nove de espadas jazia sobre a dama de paus. — A morte de uma mulher sábia. — Um três de ouros sobre os outros dois. — Um documento legal e uma herança.

Madison ficou entediada com a idéia de disputas por dinheiro e documentos legais.

— Vou ter um namorado algum dia? — perguntou ela. Já tinha idade suficiente para saber que não gostava muito dos meninos de Coal Grove.

Min virou as cartas de figuras. Dois reis: o de paus e o de espadas. Valete de ouros. Ela virou as cartas auxiliares, fitou-as por um momento. Parecia não gostar do que via. Min segurou as mãos de Madison, aproximando-se, os olhos azuis como janelas para uma Min mais jovem enclausurada na pele enrugada.

— Maddie, querida, me escute. Cuidado com as ordens mágicas — murmurou ela. — Especialmente os magos.

— Vovó, nunca conheci nenhuma ordem mágica — disse Madison, não conseguindo entender.

— Brice Roper — disse Min. — Ele é um dos ruins. Não tem nada de bom nele.

Madison pestanejou.

— O velho Brice ou o jovem Brice? — perguntou ela.

— O jovem Brice — disse Min, o que a surpreendeu, pois o velho Brice era assustador e malvado, e todos diziam que o

jovem Brice tinha charme. As pessoas cercavam o jovem Brice como abelhas em torno da limonada.

— Não se misture com os dotados, Madison. Não se meta com magia. Isso só trouxe problemas para a nossa família. Jure que não vai se envolver com eles.

Min soava quase como o pregador da igrejinha a que Madison fora uma vez, que falava sobre aqueles que faziam pactos com o demônio.

— Mas, vovó, as cartas não são mágicas? — arriscou Madison. Min apertou-lhe as mãos com tanta força que lágrimas saltaram dos olhos de Madison.

— Jure!

— Tudo bem, eu juro! — disse ela, piscando rápido para impedir que as lágrimas lhe escapassem dos olhos e corresse pelo rosto. Ela não achava que os Ropers iriam querer se envolver com ela, de qualquer forma.

Min soltou as mãos de Madison. Parecia mais triste do que zangada.

— Você não dá valor à minha sabedoria, menina.

A avó olhou de novo para as cartas.

— Vejo quatro belos meninos bruxos se aproximando. Dois vão lutar por seu coração de maneiras diferentes. Dois são impostores que virão à sua porta: um moreno, outro loiro. Todos eles têm magia...

Mas àquela altura Madison tinha perdido um pouco da noção de quem era quem. Fosse como fosse, aquela era uma previsão maravilhosa, com quatro belos meninos com os quais sonhar.

Min acariciou as pequenas gravuras dos reis com as pontas dos dedos.

— Lembre-se disto, Madison Moss: eles só vão ter o poder que você entregar a eles.

Capítulo Um

A Ravina do Corvo

O vento uivava desde a Escócia, assolando Solway Firth, forçando passagem por entre os picos e montanhas dos lagos da Cúmbria, empurrando a neve à frente. Jason Haley curvou os ombros para se proteger da chuva misturada com neve que lhe alfinetava o rosto e as mãos.

A Ravina do Corvo se estendia diante dele, ora sendo escondida, ora revelada por redemoinhos de nuvens e gelo. Uma traiçoeira trilha de ovelhas, coberta por cascalho, descia em direção ao pé do vale.

A pedra de mago de Jason vibrava dentro dele, respondendo à proximidade da pedra Weir. A enorme pedra cristalina brilhava como uma safira contra o flanco da montanha conhecida como Cabeça do Corvo. Piscando para remover a neve dos cílios, Jason contemplou-a. Também conhecida como o Dente do Dragão, a pedra Weir era a fonte de poder de todas as ordens mágicas.

Tinham se passado seis horas de carro desde Londres até Keswick, por estradas cada vez mais perigosas, lutando contra o clima e o estranho costume britânico de dirigir do lado esquerdo da estrada. Quando chegara a Keswick, os olhos de Jason tremiam pelo esforço de enxergar através dos flocos rodopiantes, e seus braços e ombros doíam de segurar o volante. Aquela havia sido a parte fácil.

Ele fizera a longa escalada até o topo da ravina, os pés escorregando nas pedras desgastadas apesar das botas com travas, especiais para alpinismo. Tivera de se esgueirar entre as sentinelas postadas pelas Rosas nas montanhas ao redor. As Casas dos Magos das Rosas Branca e Vermelha haviam sitiado a Ravina do Corvo depois que o senhor da ravina, Claude D'Orsay, traiu ambas na ilha de Second Sister.

Pelo menos Jason estava em boa forma — melhor do que nunca. Os magos eram, em sua maioria, fracos, porque usavam magia para fazer o trabalho pesado. Jason, por outro lado, vinha treinando sob a suave orientação de Leander Hastings, que não abria mão de corridas de oito quilômetros antes do café da manhã. Jason tinha apenas 17 anos, enquanto Hastings andava pelo mundo havia mais de um século, mas mesmo assim não era fácil acompanhar o ritmo do atlético mago.

Dando as costas ao vento, criando um pequeno abrigo com uma das mãos, Jason acendeu um cigarro. Hastings estava sempre pegando no pé dele por causa do fumo. Mas o risco parecia pequeno, se comparado ao perigo que corria agora, ali na beira do abismo.

Teria sorte se chegasse aos 18 anos. Para começar, havia uma grande probabilidade de que Hastings o matasse quando descobrisse o que estava aprontando.

Em algum lugar lá embaixo estava D'Orsay, mago traidor que levava consigo o pacto fraudulento assinado em Second Sister — o documento que ameaçava escravizar a todos eles.

D'Orsay era tudo o que Jason não era: um boa-vida, privilegiado por nascimento, ex-Mestre de Jogos, herdeiro de uma aristocrática Casa de Magos. Jason era um punk de rua, quase sem nenhum poder, um órfão de sangue mestiço e vingativo.

Jason torcia para que D'Orsay não tivesse a menor idéia de que más notícias estavam descendo a montanha na direção dele. Torcia para que ninguém esperasse um intruso numa noite como aquela. Torcia para que conseguisse encontrar o pacto e fugisse com ele antes que alguém notasse sua presença.

Se não conseguisse encontrar o pacto, ele procuraria o lendário tesouro de armas de D'Orsay — o último legado da Magia Antiga. Aquele boato era a única coisa que mantinha as Rosas a distância.

No mínimo, ele localizaria as fortificações de D'Orsay e descobriria quantos magos protegiam a ravina. Se fosse bem-sucedido em qualquer um desses empreendimentos, talvez Hastings lhe desse mais folga.

Pelo menos ele estava fazendo alguma coisa. Talvez Hastings se contentasse em ficar em Londres, observando e esperando até que alguém se mexesse. Mas não havia nada mais tedioso do que observar as Rosas observarem D'Orsay.

Quando terminou o cigarro, Jason pôs a mochila nas costas e iniciou a longa e penosa descida até o sopé da ravina. Chamar aquilo de trilha era um exagero — ele a escolhera por ser obscura. D'Orsay não tinha como monitorar cada trilha de ovelhas coberta de mato e cada atalho que levasse à ravina.

Jason esperava que o clima melhorasse uma vez que estivesse sob a sombra do pico, mas o vento cortante ainda lhe jogava neve no rosto e o puxava pelos braços e pernas, ameaçando arrancá-lo da montanha.

À frente, uma névoa amarelada cobria a trilha junto ao chão, o que era estranho, considerando-se o clima e a hora do dia. Era uma cor que seria estranha em qualquer estação. Jason olhou-a com cautela, estendeu a mão enluvada e pronunciou um feitiço. Nada. Ele não sabia se o problema estava no feitiço ou nele mesmo. Aquilo não era Shakespeare?

Ele tentou mais alguns feitiços, sem sucesso, até que a névoa cedeu, de má vontade, à magia dele, dissolvendo-se em tiras que o vento carregou para longe.

Naquele momento, já estava escuro na ravina lá embaixo. Os picos ao redor ficaram dourados sob os últimos raios de luz. Lâmpadas se acenderam no castelo da Ravina do Corvo, na extremidade oposta do vale. A forma escura da construção se agigantava em meio aos redemoinhos de flocos e rajadas de neve.

Ele conseguiu se mover com maior rapidez ao se aproximar da base da montanha, pois as encostas íngremes deram lugar a caminhos mais retos, em ziguezague. Até que fez uma curva e se chocou contra um emaranhado — como uma gigantesca teia de aranha feita de fios grossos e translúcidos — quase invisível sob a luz que desaparecia.

Era uma teia Weir, uma rede mágica feita para capturar os dotados. Ele tentou recuar, mas ela era incrivelmente grudenta, e cada movimento o deixava mais enredado.

Lá se ia o ataque surpresa. Jason se forçou a ficar imóvel, mexendo apenas o braço direito, que usou para apanhar a faca que trazia consigo. Segurando o cabo, ele a sacou e cortou com cuidado as gavinhas ao seu alcance. A teia se partiu com relutância. Fora projetada para resistir à magia, e ele não estava se saindo muito melhor com uma lâmina de verdade.

Algo brilhante riscou o céu como um cometa e detonou no ápice de seu arco, enchendo a ravina de luz fosforescente.

"Agora começa a diversão", pensou Jason.

Ele levou dez preciosos minutos para se libertar. Ainda assim, a abertura era ampla apenas o suficiente para que ele se esgueirasse através dela.

Sabia que deveria abortar a missão e sair dali enquanto podia. Mas a sua vida inteira havia sido uma série de más decisões. Não tinha nenhuma vontade de voltar para Hastings com o mesmo gosto amargo na boca que vinha sentindo desde que Leicester e D'Orsay assassinaram o seu pai.

Forçou a entrada pela brecha. Ao emergir, rajadas de chamas mágicas irromperam da encosta da montanha acima, e ele se jogou para o lado. Engatinhou para dentro de um arvoredor, depois se virou para olhar.

Em toda a volta, magos vestidos de negro se moviam silenciosamente pela floresta, lançando um fogo cada vez mais fraco em direção ao rasgo na teia.

Jason analisou as opções de que dispunha. Se D'Orsay fosse esperto (e era), ficaria escondido dentro da fortaleza até que tudo acabasse. O tesouro de peças mágicas de D'Orsay estaria lá dentro também. Junto com o Pacto que tornava D'Orsay governante de todas as ordens mágicas.

Para o castelo, então. Mas seria melhor que não o notassem.

Jason enfiou os dedos dentro do casaco e retirou uma argola de pedra opaca com runas entalhadas. Era uma *dyrne sefa*, o que significava coração secreto, um amuleto de poder. Apesar do frio, era quente ao toque, soltando fumaça no ar gelado, drenando poder da pedra Weir próxima. Esfregando a superfície com as pontas dos dedos, ele pronunciou um feitiço.

Agora imperceptível, Jason atravessou a floresta e a campina aberta do sopé do vale em direção ao castelo. Distante do abrigo das paredes da ravina, o vento atacou-o novamente. Mas agora ele estava invulnerável ao frio, inflamado pelo poder e pela determinação.

A campina era pontuada por arbustos queimados pelo vento, polvilhada com neve fina e seca, e rachada por fendas. A necessidade de prestar atenção onde pisava entrava em conflito com o desejo de olhar em torno como um turista.

Aqueles deviam ser os campos do torneio.

Ali o sangue de gerações de guerreiros havia sido derramado em batalhas rituais que decidiam o poder entre as Casas dos Magos. Ali os guerreiros Jack Swift e Ellen Stephenson disputaram o torneio que rompera o Pacto original e desafiara o poder das Rosas.

Ali o santuário de Trinity havia nascido.

O que Jason mais queria era deixar aquele mesmo tipo de marca no mundo.

Labaredas mágicas cruzavam o ar como foguetes e iluminavam a ravina como se fosse meio-dia. Árvores se acendiam como tochas, soltando rolos de fumaça que subiam ao céu. Jason

pensou que deveria ficar lisonjeado pela intensidade da reação à sua invasão. Era como usar uma espingarda contra um mosquito. A neve ainda caía, cintilando em cores impossíveis quando a luz a atingia.

A frente dele o castelo se agigantava, uma estrutura ameaçadora de pedra que poderia ter sido entalhada a partir da encosta da montanha. Era cercado por jardins em patamares, cobertos com os esqueletos de plantas mortas pelo inverno, como as ruínas de uma civilização erguida nos tempos de clima ameno.

Esquadrões de magos subiam e desciam o vale correndo, escudos mágicos posicionados, lançando poder em todas as direções. Alguns passavam a poucos metros de distância dele, fantasmas brancos luminosos em capas impermeáveis com capuzes, salpicadas de neve. Jason continuou sua marcha teimosa para o forte.

Ele esperara que eles desistissem, supondo que o intruso havia fugido. Que nada. Os magos de D'Orsay se reuniram junto ao castelo, formando uma larga falange de poder bélico. Feitiços foram lançados, e uma grande muralha verde formada por vapor venenoso cruzou a campina vindo em sua direção.

Guerra química à moda dos magos.

Praguejando baixinho, Jason desativou o feitiço de imperceptibilidade para que pudesse usar outras magias. Estendeu a mão e tentou reproduzir o feitiço que usara sobre a névoa amarela. Ou ele cometeu um erro ou simplesmente não era forte o bastante. A nuvem continuou se aproximando, engolindo árvores, pedras e animais em fuga, sem piedade. Não sobraria nada vivo na ravina pela manhã.

A única esperança de Jason era ficar acima da nuvem. Ele se virou, correu para a Cabeça do Corvo e começou a escalar. À medida que o caminho ia se tornando mais íngreme, ele precisava se esticar cada vez mais para encontrar apoio para as mãos, lançando-se desesperadamente para cima, insinuando-se

nas fendas e firmando os pés nas imperfeições que marcavam a face de pedra da montanha.

Já estava achando que os pulmões iam explodir quando alcançou uma plataforma logo abaixo da pedra Weir e subiu sobre ela. Ficou deitado de bruços na neve até recuperar o fôlego, depois se levantou.

A ravina lá embaixo era um mar de névoa, uma vasta fossa poluída que subia cada vez mais alto nos declives ao redor.

Então os terremotos começaram. Trovões ribombaram pela ravina, e as pedras sob os pés de Jason ondularam como uma prancha de skate fora de controle. A montanha se deslocou e estremeceu, tentando jogá-lo para longe. Rochas despencavam de cima, arrancadas de seus antigos ninhos no alto das encostas, e saltavam ao passar por ele, desaparecendo no mar de névoa lá embaixo. Aquilo era mais do que travessura de magos. Parecia... apocalíptico.

Jason se agachou junto à Cabeça do Corvo, e seus braços envolviam a cabeça para se proteger dos destroços em queda, enquanto o olhar se deixava atrair pela chama azul da pedra Weir.

Ela assomava sobre sua cabeça, um cristal lapidado da cor verde-azulada do oceano mais profundo e mais límpido. Com a pedra tão próxima, o sangue agitava-se em seu corpo, inebriando-o, aquecendo-o até os dedos das mãos e dos pés. O poder o assaltava por todos os lados, vibrando-lhe nos ossos como o baixo dilacerante de uma banda mágica de rock.

Enquanto ele observava, uma fenda irregular se abriu na face de rocha sólida acima dele. A fenda foi ficando cada vez maior, um corte exposto na sombra da pedra. Pedregulhos e brita aguilhoavam a pele de Jason, e ele fechou os olhos com força para não ficar cego.

Gradualmente, a terra se aquietou e o brilho da pedra esmaeceu. Jason abriu os olhos. Rastejou para a frente e espiou por cima da

borda da rocha. A névoa verde ainda subia as montanhas devagarinho.

Ele se sentou de pernas cruzadas, observando a caverna recém-criada. O ar frio, vindo debaixo da pedra Weir, beijou-lhe o rosto. Talvez ele pudesse se arrastar mais para dentro da montanha até que a névoa baixasse. Sem ter visto nenhuma outra alternativa, mergulhou na abertura.

O ar estava surpreendentemente fresco, considerando-se que estivera represado na montanha por tanto tempo. Jason concentrou luz na ponta dos dedos, uma lâmpada improvisada para mostrar-lhe o caminho. Quando ele se insinuou no interior da rocha, percebeu que o terremoto havia reaberto uma caverna entalhada havia séculos na montanha. No chão de pedra, espalhavam-se evidências de ocupação anterior: ossos de grandes animais, fragmentos de cerâmica e utensílios de metal.

Jason foi adiante, o vento da caverna soprando contra o rosto. "Ótimo", pensou ele. "Aquilo manteria a névoa à distância".

A passagem terminava numa câmara do tamanho de um grande salão de baile. Muito acima, o vento assobiava através de uma abertura. Aquela, então, era a fonte do ar fresco. Jason tentou iluminar o teto, mas a abóbada escura ficava bem no alto, além do alcance de sua pequena lâmpada. A pedra Weir cintilava, um longo raio penetrando fundo na montanha.

A fuligem manchava as paredes em todos os lados, como se tivesse sido formada pela fumaça de milhares de fogos antigos. Em um canto, erguia-se uma plataforma dois metros e meio acima do chão. Jason encontrou apoio para os dedos e içou-se para o topo.

Ali havia fragmentos de tecido: veludos, cetins e rendas que se desintegravam quando tocava neles. Mais ossos grandes jaziam empilhados num canto, inclusive alguns esqueletos que talvez fossem de seres humanos. Crânios de animais e de pessoas sorriam de nichos na parede. Ele estava no covil de algum

grande predador ou no local de uma batalha ocorrida havia muito tempo.

Na extremidade oposta da plataforma havia uma enorme porta de carvalho.

Jason estudou a porta. Num filme, aquela seria a porta que não se deveria abrir.

Mas é claro que seria aberta.

Àquela altura, a ravina, a névoa e os magos que procuravam por ele lá fora pareciam uma ameaça distante. Ele tinha de passar por aquela porta. Algo o incitava a prosseguir.

Jason libertou a dyrne sefa mais uma vez. Usando-a como um monóculo, ele examinou a entrada. Estava coberta por um delicado labirinto de cordas cintilantes, invisíveis a olho nu. Um outro tipo de teia.

Estendendo a mão, ele murmurou:

— Geryman. Abra.

A porta se manteve fechada.

Jason olhou em volta, procurando por ferramentas. Erguendo um dos longos ossos de uma perna, ele se aproximou da porta pela lateral, estendendo o osso e cutucando cautelosamente a teia de luz.

Com um som semelhante ao tiro de uma espingarda, a porta explodiu num jorro de chamas. Se Jason estivesse no limiar da porta, teria sido incinerado. Ali onde ele estava, quase molhou as calças.

Quando sentiu o pulso acelerado se firmar, ele se aproximou da entrada, novamente pela lateral, e espiou para dentro. Além da entrada havia uma outra porta, com seis painéis folheados a ouro, cada um gravado com uma imagem. Jason levou alguns instantes para compreender o que estava vendo.

Cada gravura retratava uma das ordens Weirs. Uma bela mulher de cabelos ondulados e roupas flutuantes estendia as mãos em direção a Jason, sorrindo. Ela obviamente representava os

encantadores, que tinham o dom de encantar e seduzir. Um homem alto e musculoso vestindo um peitoral de armadura e kilt atacava, brandindo uma espada. Aquele era o guerreiro, que se destacava nas batalhas.

Em outra cena, um velho olhava num espelho, enquanto lágrimas rolavam por suas faces enrugadas. Devia ser um adivinho, que podia prever o futuro, embora imperfeitamente. No quarto painel, uma mulher triturava raízes com almofariz e pilão. Era uma feiticeira, especialista na criação e uso de ferramentas e substâncias mágicas. Finalmente, um homem de rosto magro numa auréola de luz manipulava as cordas de uma marionete que parecia não perceber seu manipulador.

"Bem, aí está o mago", pensou Jason. "O único no bando que podia moldar a magia com palavras e, por essa razão, o mais poderoso."

O painel central, o maior, exibia a gravura de um dragão magnífico, as pernas da frente estendidas, cheias de garras, e as asas abertas.

A lenda era que os fundadores das ordens mágicas eram primos que haviam ido parar na ravina e se tornado escravos de um dragão que governava a fortaleza. Após um tempo, trabalhando juntos, eles haviam conseguido enganar o dragão. Em algumas versões, eles o matavam, em outras o colocavam num sono mágico. Rebatizaram o vale como a Ravina do Corvo, preferindo esquecer que o dragão um dia havia existido.

Então quatro dos primos foram ludibriados e assinaram um pacto que os tornava subservientes ao quinto primo.

O mago.

Por volta do século XVI, a hierarquia das ordens mágicas estava bem estabelecida. Os governantes magos haviam se organizado nas facções rivais da Rosa Branca e da Rosa Vermelha, cujas batalhas intermináveis dizimaram as Casas com o passar do tempo. O sistema de torneios conhecido como o Jogo foi

implantado para limitar o banho de sangue entre os magos. A Casa do Dragão, à qual Jason pertencia, remontava a um tempo anterior ao momento em que os magos haviam assumido o papel hegemônico.

Jason estudou a gravura do dragão, sabendo que tais peças muitas vezes continham pistas importantes. O trabalho havia sido feito com Magia Antiga, utilizando um talento artístico perdido no tempo. O poder parecia ondular sob as escamas metálicas do dragão. Humor e inteligência brilhavam nos olhos dourados. Um manto requintado se derramava em dobras cintilantes pelas costas do dragão, sendo recolhido pelos braços de uma dama postada logo atrás do animal.

A dama estava bem-vestida para uma serva, se é que ela era uma. O cabelo estava cuidadosamente arranjado, e ela exibia um colar com uma única pedra preciosa luminosa engastada no metal. Embora fosse minúscula junto ao dragão, a dama não parecia ter medo. Ela apoiava uma mão na perna do dragão de forma afetuosa, e a cabeça do dragão se arqueava na direção dela como se fosse continuar uma conversa íntima.

Numa pálida escrita contínua ao redor do painel central lia-se estas palavras: "Entre com um coração virtuoso, ou não entre".

"Bem, isso me deixa de fora", pensou Jason. Embora pelos padrões de um mago ele talvez se qualificasse.

Quem teria feito algo tão belo e escondido na montanha para ser encontrado apenas por acaso? E o que havia por trás daquilo?

"É inútil. Você vai entrar. Não consegue resistir."

Respirando fundo, estendendo a mão, ele sussurrou mais uma vez:

— Geryman.

Ele esperava uma outra explosão.

Dessa vez, as portas duplas se abriram silenciosamente para dentro.

Mais uma vez, ele usou a dyrne sefa para examinar a entrada em busca de armadilhas mágicas. Não encontrou nenhuma. Carregando o osso da perna diante de si, brandindo-o como uma espada, ele passou pela entrada.

Era um depósito, com pilhas que iam até o teto de barris, baús e tonéis, cofres e caixas-fortes, cestas e caixas.

Ele ficou pestanejando como um idiota por um momento, depois largou o osso e abriu a tampa do barril mais próximo. Enfiando a mão bem fundo, sem nenhum cuidado, deixou o conteúdo escorrer-lhe pelos dedos.

Pérolas. Em todas as cores, do precioso preto ao branco cremoso, ao rosa-claro e ao amarelo. Grandes, redondas e perfeitas. "Devem valer uma fortuna", pensou ele.

Ele ergueu a tampa de um pequeno baú com detalhes em latão. Esmeraldas de um verde profundo, com corações faiscantes. Um pequeno cofre de ouro estava cheio de diamantes tão grandes que em qualquer outro lugar ele teria imaginado que eram falsos.

Havia pedras de todas as cores, carretéis de corrente de ouro, tanto gemas soltas quanto jóias em peças medievais. Moedas gravadas com os retratos de reis e rainhas havia muito tempo. Rolos de veludo e cetim envoltos em capas de linho resistente. Armários cheios de rolos de pergaminho, frágeis pela idade, e livros em capas de couro. Pinturas em molduras folheadas a ouro estavam alinhadas contra as paredes em fileiras de quatro.

Em algumas das grandes cestas, ele encontrou o melhor tesouro até então: talismãs de proteção, amuletos de poder, inscritos com runas de feitiços na linguagem misteriosa da magia. Muitos eram confeccionados com as pedras pretas lisas que lhe eram familiares de sua própria coleção, as peças mágicas que herdara da mãe. Outros eram feitos de metais preciosos — criados por métodos hoje esquecidos entre as ordens.

Os talismãs estavam misturados sem nenhum critério. Jason os separou em pilhas, louco para experimentá-los. Ele não era especialmente poderoso, mas, com aquelas peças à sua disposição, até o Castelo da Ravina do Corvo poderia cair.

Seria esse o lendário tesouro das armas? Parecia improvável. Dizia-se que o tesouro era um arsenal ativo, que os D'Orsays utilizavam regularmente e ao qual acrescentavam peças. Aqueles objetos ali pareciam ter ficado intocados por séculos. Embora algumas das sefas pudessem ser usadas como armas, o que mais havia ali eram sofisticadas peças de decoração: jóias, livros, obras de arte, pedras preciosas.

Seria possível que D'Orsay não soubesse que aquilo estava lá? Totalmente possível.

Jason se apoiou contra a parede, esfregando o queixo. Bem, e agora? Não seria bom se aquilo caísse nas mãos das Rosas ou de D'Orsay.

Ele não tinha como carregar tudo para fora em uma única viagem, mas também não podia garantir que seria capaz de voltar. Talvez não conseguisse sair vivo dessa vez. E, se fosse capturado, eles logo arrancariam dele a informação sobre a localização da caverna.

Ele teria de se concentrar em objetos menores e escolher com cuidado. Abriu o zíper da mochila e depositou-a no chão da caverna.

Os artefatos mágicos eram a prioridade. Ele, Hastings e o resto da Casa do Dragão estavam naquela guerra para sobreviver. Qualquer coisa que mantivesse as outras Casas dos Magos longe do santuário de Trinity valia ouro.

Os rebeldes poderiam usar aqueles amuletos a fim de tornar o preço da conquista alto demais para Claude D'Orsay ou para as Rosas.

Jason vasculhou metodicamente a caverna, dividido entre uma crescente claustrofobia e o medo de negligenciar algo

importante. Embrulhou algumas das peças mais frágeis e de aparência perigosa em tiras que rasgou dos rolos de tecido. Enfiou jóias mágicas, cristais, espelhos e pedras de adivinhação na mochila, tomando muito cuidado, torcendo para não quebrar nada nem ativar algo sem querer. Era como carregar bombas caseiras num carrinho de supermercado.

No fundo da caverna, uma espada numa bainha incrustada de jóias estava sozinha, como se o dono a houvesse apoiado contra a parede, com a intenção de voltar e buscá-la. Ele agarrou o punho delicadamente. O metal tiniu em sua mão, em um tipo de saudação mágica.

— O que temos aqui? — murmurou Jason, sentindo uma excitação crescente.

O punho e a guarda eram de estilo bem simples, adornados com uma cruz celta no copo da espada, com uma rosa de pétalas achatadas no centro. Era, de certa forma, ainda mais bonita por sua simplicidade. Jason não era nenhum guerreiro, mas reconhecia qualidade quando a via. Ao sacar a lâmina de seu invólucro, ela pareceu incendiar-se, empurrando as sombras para os cantos.

Poderia ser aquela uma das sete grandes espadas?

Das sete, sabia-se da existência de apenas uma outra: a Sombra Assassina, a lâmina carregada pelo amigo de Jason, o guerreiro Jack Swift, de Trinity. Afagando o metal cintilante, Jason desejou poder se unir com a arma, como Jack fazia.

Mas não. Era sempre melhor ser um mago do que um guerreiro na hierarquia das ordens mágicas.

Enfiando a espada na bainha novamente, ele a colocou junto à mochila cada vez mais cheia.

— O que mais? — perguntou ele à sala.

Havia nichos na parede dos fundos, na sombra azulada do Dente do Dragão. Alguns estavam vazios, outros exibiam tesouros, e outros ainda estavam lacrados com cimento. Raciocinando que

os nichos fechados deviam ter o conteúdo mais valioso, ele os arrombou sem pressa, com pequenos golpes de magia contida. A montanha estremeceu sob o assalto. Poeira escorria sobre a cabeça e os ombros de Jason.

Um surrado baú de madeira com um adereço de runas estava num nicho aberto logo abaixo da pedra Weir. Jason ergueu-o, colocou-o no chão da caverna e levantou a tampa. Dentro havia uma coleção de pergaminhos, unidos com uma corda de dois fios de linho, cobertos com uma escrita que ele não conseguiu decifrar. E um grande livro lacrado com um fecho incrustado de pedras preciosas.

Jason não era muito fã de livros, e aquele parecia difícil de manusear e pesado — como saber se valeria a pena carregá-lo consigo? Por outro lado, alguém tivera o trabalho de lacrá-lo.

O fecho se desfez nas mãos dele, e a velha capa protestou com um estalo ao ser aberta. Aquilo era quase fácil demais. O texto estava escrito em caligrafia de escriba ou literato. Na página do título estava escrito: dos últimos dias do glorioso reinado e como ele passou à história: uma tragédia.

Projetando luz a partir de seus dedos, Jason observou as primeiras páginas.

Era o diário da camareira de alguma antiga rainha, escrito na linguagem da magia. Ele quase fechou o livro e o pôs de lado, mas algo o impeliu a continuar lendo.

Minha senhora, a rainha Aidan Ladhra, saudou os reis de Gaul na torre principal! Como ela fulgurava sob a luz do fogo, a armadura incrustada de jóias, polida pelas minhas mãos! Sua formidável beleza petrificou os nossos convidados e deixou-os atordoados de admiração. Eles se ajoelharam escondendo os rostos, e se ergueram somente quando ela lhes implorou para fazê-lo, com a voz mais gentil.

Eles jantaram conosco, e, devo dizer, minha senhora ficou muito desapontada com a conversa deles. Ela foi graciosa como

sempre, mas os convidados estavam impossíveis! Ela chamou os músicos, e eles os ignoraram, comendo e arrotando, cantando canções indecentes e enfiando a prataria nos bolsos. Ela falava de arte e feitiçaria, e eles ficaram confusos. Eles não sabem nada de magia...

Jason pulou adiante no texto.

Minha senhora Aidan enviou uma mensagem gentil aos reis da Bretanha, convidando-os a comparecer à sua corte de inverno. Mas eles vieram com exércitos e máquinas de guerra de todos os tipos, e enviaram um mensageiro exigindo que ela se entregasse. Era uma mensagem arrogante; evidentemente a julgavam estúpida e incapaz de negociar. Receio que a minha senhora tenha ficado tão irritada que matou o mensageiro ali mesmo e o devorou na ceia. Então destruiu os exércitos que vieram em seguida.

Caramba!

Jason pulou adiante novamente.

Fracassando em sua tentativa de encontrar amigos entre os reinados existentes, e desencorajada pelas respostas deles às suas tentativas amigáveis de diálogo, a senhora Aidan decidiu criar sua própria comunidade de pares, artistas e intelectuais agraciados com o dom da magia, um talento que passarão aos filhos. Eu vi o futuro em meu cristal e disse a ela que isso é arriscado, mas a minha senhora está solitária, tendo apenas a minha pobre pessoa como companhia. Quanto a mim, não necessito de nenhuma outra dádiva além da presença dela.

A montanha ribombou e se moveu lá em cima. Embora estivesse fresco na caverna, Jason enxugou o suor do rosto com a manga. Consciente da passagem do tempo, virou apressadamente as páginas frágeis, os dedos úmidos deixando marcas.

A senhora Aidan se cansa das constantes disputas entre aqueles a quem dotou de poder. Onde ela buscou companheirismo, só encontrou problemas. Talentos preciosos ela deu a todos,

entretanto cada um deles tem inveja dos outros. Temo que estejam conspirando contra ela, em especial o mago Demus, que molda a magia com palavras. Vejo-os lançar olhares invejosos para o tesouro que ela acumulou. Mas ela não escuta os meus avisos. Ela considera esses contendores como filhos, corretamente ou não, e não aceita que se fale mal deles.

Em algum lugar ao longo da passagem subterrânea, Jason ouviu rocha se chocar contra rocha. Era hora de ir, e ele ainda não sabia se valia a pena levar o livro. Ele pulou para o fim, procurando pelo último registro. Parecia ter sido rabiscado às pressas, as páginas manchadas e borradas, como que marcadas por lágrimas.

Aconteceu como previ. Demus e as outras víboras ingratas nos envenenaram. A minha senhora retirou-se ao grande salão na Ravina do Dragão para morrer. Cuidei dela da melhor maneira que pude, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Ela faleceu algumas horas atrás.

Ela morre sem filhos. Antes de cair no sono, ela deixou em minhas mãos o Coração do Dragão, que é agora a fonte do poder de todas as ordens mágicas. Apesar de tudo, ela ainda tem esperanças em relação a eles. A despeito de minhas objeções, ela me nomeou a Herdeira Dragão, e encarregou a mim e a meus descendentes de manter as ordens sob controle e impedi-los de causar a destruição uns dos outros e do mundo. Prometi que o faria, para que ela morresse em paz, embora eu mesma esteja morrendo. Não tenho nenhum apreço por esta tarefa. Eu preferiria que meus filhos não tivessem nada a ver com os dotados.

Quando seguro a pedra do Dragão em minhas mãos, é como se a minha senhora ainda vivesse. A chama do espírito dela queima em seu centro, mais a salvo neste receptáculo do que em qualquer domicílio carnal, poderosa o bastante para destruir

todos os seus inimigos. Eu só gostaria de ser forte o suficiente para usá-la.

A fortaleza do dragão está cercada. Meus filhos estão espalhados aos quatro ventos. Não me atrevo a enviar nenhuma mensagem a eles para que não seja interceptada, embora eu tenha mandado alguns pequenos itens de valor por um mensageiro confiável. Sinceramente, cultivo a esperança amarga e rebelde de que eles cresçam e prosperem ignorantes de sua responsabilidade.

Antes de morrer ao lado da minha senhora, enterrarei a pedra do Coração do Dragão na montanha com todas as proteções que posso fornecer, na esperança de que o acaso a coloque sob a posse de alguém com o coração e o desejo de libertar todo o seu poder. Essa pessoa obterá controle sobre os dons ofertados. Essa pessoa reinará mais uma vez sobre as ordens. Ou as destruirá, como merecem.

Jason pousou o livro nos joelhos. Seria aquela apenas outra das lendas fantásticas criadas para explicar uma complicada herança mágica?

Ele largou o livro e espiou de novo pelo buraco na rocha, iluminando o nicho com a luz nas pontas dos dedos.

No fundo do nicho havia um pedestal de metal requintadamente torneado, com uma opala do tamanho de uma bola de softball em cima. Com cuidado, Jason enfiou a mão dentro do nicho e retirou a pedra de sua base.

Jason sentou-se de pernas cruzadas no chão, aninhando a pedra entre as mãos. Tinha formato ovóide, faiscando com lampejos de fogo verde, azul e roxo. Era perfeita, cristalina, sem nenhuma falha visível. Aquecia-lhe os dedos, como se houvesse mesmo chamas ardendo no centro, e parecia crepitar de poder. Longos minutos se passaram enquanto ele olhava para o coração da pedra, hipnotizado. Uma corrente pulsante parecia fluir entre a pedra em suas mãos e a pedra Weir que trazia ao peito,

reforçando-a. Como o Dente do Dragão encravado na montanha, só que... portátil.

Um intensificador do poder? Exatamente o que ele precisava.

Inclinando-se para a frente de novo, ele puxou a base de metal do nicho. Era um emaranhado de bestas míticas, ou talvez uma besta mítica com múltiplas cabeças. Dragões.

Sentindo um pouco de vertigem, Jason jogou fora as ágatas de um saco de veludo e guardou a pedra lá dentro. Rasgando um pedaço de veludo carmesim de um rolo, embrulhou o suporte com cuidado. Colocou-os na mochila. "Isto é meu", pensou.

Separando rapidamente as jóias, escolheu várias peças interessantes, inclusive um grande brinco de ouro para si mesmo, uma estrela celta. Enfiou as pedras soltas e as jóias nos cantos vazios da mochila, então fechou o zíper. Passou-a por sobre um dos ombros, inclinando-se um pouco sob o peso. Pendurou no outro ombro a espada dentro da bainha e alojou o grande livro debaixo de um braço. Queria poder carregar mais.

Em torno dele, a montanha ficava cada vez mais inquieta, grunhindo à medida que rocha deslizava contra rocha, espalhando areia e pedregulhos sobre o chão de pedra. Era como se a Cabeça do Corvo reconhecesse o ladrão em seu coração e quisesse detê-lo. Jason percebeu que havia permanecido ali por tempo demais.

Saiu pelas portas duplas, e elas se fecharam atrás dele.

Grandes rachaduras fenderam a abóbada de pedra, ramificando-se à frente dele.

"Essa não".

Ele correu para a entrada da caverna, saltando sobre os destroços, desviando-se de rochas e do cascalho em queda, contorcendo-se para descer pela passagem estreita, sentindo a inclinação e o tremor da rocha sob os pés. Viu uma luz à sua frente, o que significava que estava quase a salvo.

A montanha vibrava, tremia e sacudia. Lascas de pedra feriam-lhe o rosto. Adiante, ficou horrorizado ao ver que os dois grandes blocos de rocha que haviam se partido para abrir a caverna deslizavam, desmoronando um contra o outro. A cunha de luz estava desaparecendo. Ele ficaria preso dentro da Cabeça do Corvo.

Espremeu-se pela entrada que desmoronava, escorregando como uma enguia, segurando o livro contra o corpo, esfolando cotovelos e joelhos, machucando as mãos, contorcendo-se para libertar a mochila carregada, arrastando a espada atrás dele, as peças de metal faiscando sobre a pedra.

Finalmente ele estava do lado de fora, agarrando-se ao peitoril gelado na entrada da caverna enquanto a montanha se fechava atrás dele.

Jason ficou deitado de bruços sobre a rocha — a espada, o livro e a mochila estavam ao seu lado, e suas mãos feridas deixavam manchas de sangue na neve.

Ele se permitiu alguns minutos mais de descanso antes de se sentar e espiar além da borda.

A batalha desigual parecia haver terminado. A névoa esverdeada se dissipava, rasgando-se em longas fitas que se afastavam serpenteando ao vento. A floresta ainda fumegava nas encostas da ravina. Fogo mágico era notoriamente difícil de se apagar.

Jason se recostou contra a Cabeça do Corvo e pegou outro cigarro. Não foi fácil acendê-lo. As mãos tremiam, e não era de frio. A pedra na mochila fornecia todo o calor de que precisava. De alguma forma, tinha de sair da ravina.

Usando uma corda elástica, ele amarrou o livro à mochila, distribuindo o peso da melhor forma que podia. Então se deitou e dormiu um sono inquieto, com a pedra mágica iluminando-lhe os sonhos.



Jason esperou até a hora mais escura antes da manhã, dando à névoa mortal mais tempo para desaparecer. Depois desceu pela encosta, lutando contra o peso do incômodo fardo e contra a espada, que se enroscava na vegetação e nas rachaduras. Soltou um longo suspiro quando chegou ao sopé do vale.

O Castelo da Ravina do Corvo ainda estava fulgurantemente iluminado, e Jason pôde ver figuras sombrias se movendo ao longo dos muros, sem dúvida alertas para um possível ataque. Jason comparou o risco de voltar pelo caminho por onde viera com o de encontrar uma nova saída. Decidiu arriscar-se a voltar pelo trajeto que conhecia.

Ele se fez imperceptível e tomou o caminho vale acima, enquanto o peso da mochila se tornava cada vez mais difícil de suportar, à medida que avançava. De vez em quando, o som baixo de conversas ou uma leve luz penetrando através das árvores lhe dizia que havia magos vigiando a floresta ao seu redor. Quando alcançou a base da trilha, voltou-se para a subida, caminhando com mais cuidado ainda. Estreitou os olhos para enxergar em meio ao vento, buscando as sombras escuras sob a copa dos pinheiros.

Estava tão amortecido pelo frio que mal sentiu o fio de arame quando roçou nele. Jason foi imediatamente engolfado por uma nuvem brilhante, reluzente, e sua forma antes imperceptível se revelou, num contorno radiante.

— Ahá! — gritou uma voz atrás dele.

Agindo completamente por instinto, Jason desativou o feitiço de imperceptibilidade e ergueu um escudo a tempo de desviar um jorro de chamas abrasadoras de mago. Virou-se para enfrentar o atacante.

Era um menino, mais jovem do que ele, com uns 13 anos talvez, quase bonito, olhos de um azul-claro por trás de óculos com aros finos, os cachos loiros polvilhados de neve.

"Que droga", pensou Jason. "O plano era sair sem ser notado."

— Eu sabia que você devia ter se tornado imperceptível — vangloriou-se o menino. — Não tem outro jeito de passar pelos guardas do meu pai.

Jason saiu da trilha para contornar o novo obstáculo, mas as palavras do menino o detiveram.

— Os guardas do seu pai — repetiu Jason. — Quem diabos é você?

— Meu nome é Devereaux D'Orsay — disse o menino. — Eu moro aqui. Quem é você?

— Geoffrey Wylie — disse Jason, dizendo o primeiro nome de mago que lhe veio à cabeça. Ganhar um pouco mais de fama não faria mal ao mago da Rosa Vermelha.

— Está invadindo a nossa propriedade, senhor Wylie — disse Devereaux D'Orsay. Ele estendeu a mão de forma imperiosa. — Entregue a espada e a mochila.

— Ceeeeerto — disse Jason.

Jason fez menção de se virar, e Devereaux lançou um feitiço de imobilização que ele conseguiu desviar, mas que o deixou atordoado e cambaleante. O garoto tinha talento. Infelizmente.

O menino franziu o cenho, empertigando-se em toda a sua pequena altura.

— Venha comigo. Vou levar você para o forte. Meu pai e eu vamos interrogar você e descobrir o que está fazendo aqui e para quem trabalha.

Jason suspirou, soltando uma baforada de vapor. Ele e Seph McCauley haviam matado Gregory Leicester em legítima defesa. Imaginava que conseguiria matar Claude D'Orsay sem que isso o fizesse perder o sono. Mas não um garoto de 13 anos. E isso significava deixar uma testemunha para trás.

— Vá embora, está bem? — disse Jason, cansado. — Vamos esquecer que isso aconteceu.

Aquilo pareceu enfurecer Devereaux D'Orsay, que se jogou sobre Jason, conseguindo penetrar em seu escudo e derrubá-lo. Eles rolaram juntos para dentro de uma pequena vala, um nó de braços e pernas, como num desenho animado. Devereaux atacou-o, puxando as cordas que prendiam a mochila até que o livro se soltou e caiu na neve.

Jason socou o menino no nariz. O sangue jorrou, distraíndo o pequeno D'Orsay o suficiente para que Jason pudesse jogar um feitiço de imobilização sobre ele. Jason conseguiu se desvencilhar e se levantou, olhando para o imobilizado filho de Claude D'Orsay, desejando poder fazer com que ele desaparecesse.

— Diga olá ao Claude por mim — resmungou ele. — Diga a ele que passarei por aqui outro dia para uma visita.

Não havia tempo para procurar pelo livro perdido. A luta mágica que tinham travado não passaria despercebida. Revigorado pelo desejo de permanecer vivo, Jason subiu a trilha a passos largos, rumando para a estrada de volta a Keswick, sentindo o peso da pedra misteriosa na mochila.

Atrás dele, a montanha estava encoberta por trevas ininterruptas. A chama no coração do Dente do Dragão havia se apagado.

Capítulo Dois

Santuário

Madison Moss atravessou a rua gelada, segurando o portfólio junto ao corpo para que não apanhasse vento. O uniforme que vestia para o trabalho de garçomete na Pensão Lendas — uma saia longa esvoaçante e uma blusa vitoriana rendada — não era prático para circular pelas calçadas de uma cidade pequena no inverno do nordeste de Ohio.

Por cima, ela vestia um casaco com forro de lã que encontrara no Exército da Salvação e, nos pés, calçava um par de botas de

couro vermelho trabalhado que comprara de um camelô no centro da cidade. Aquilo fora em setembro, quando se sentira rica.

Agora Madison tinha dez dólares e 55 centavos no bolso do casaco. O preço total da lista de livros e materiais para o próximo semestre era 455 dólares e 79 centavos, mais impostos. Talvez pudesse encomendá-los por menos pela internet, mas ela chegara ao limite do cartão de crédito no outono.

Em seu quarto havia uma conta do seguro de saúde — 150 dólares — exigido pela Faculdade de Trinity. O tipo de emprego que a mãe dela, Carlene, conseguia arranjar não incluía previdência social.

O que mais? A transmissão da velha picape de Madison estava a ponto de quebrar. Ela ainda conseguia movê-la acelerando o motor e passando diretamente do ponto morto para a segunda marcha.

Se estivesse em suas terras, convenceria algum mecânico de fundo de quintal a consertá-la. Ele teria medo de dizer não. Medo de que sua loja ou casa pegasse fogo com a família dele dentro.

Havia algumas vantagens em ser chamada de bruxa.

O estômago de Madison se contraiu de um jeito familiar até que ela expulsou o pensamento da mente. Havia preocupações demais para manter à distância. Era como um daqueles flipperamas em que os jacarés emergem e é preciso acertar-lhes a cabeça com um martelo antes que eles mordam.

Embora o Estado pagasse os cursos que estava fazendo na faculdade e ela trabalhasse o máximo de horas que Rachel lhe oferecia na Lendas, estava endividada e em situação cada vez pior. O Natal passara e ela gastara mais do que seria recomendável em presentes para Grace, John Robert e Carlene.

E Seph.

Olhou de relance para o relógio e caminhou mais rápido. Janeiro estava chegando ao fim, mas a praça de Trinity ainda era um cartão-postal natalino dos velhos tempos: a praça coberta de neve, cercada pelos prédios antigos de pedra da faculdade, laços e verdes guarnecendo as luminárias de rua de estilo antiquado. Fachadas pitorescas de lojas cintilavam com as ofertas pós-natalinas e compradores se acotovelavam com pacotes e sacolas. Absolutamente perfeito.

Absolutamente irritante.

Mas melhor do que em sua terra natal. Lá, no Condado de Coalton, ela era o tema dos sermões em igrejazinhas podres onde os pregadores usavam-na como um mau exemplo.

— Bruxa —, gritavam eles. E sussurravam — incendiária.

As pessoas atravessavam para o outro lado da rua quando a viam se aproximar. Reuniam-se em grupinhos após ela passar, todos com um ar puritano, como estorninhos cochichando.

As calçadas de Trinity estavam repletas de pessoas cintilantes cuja magia brilhava através da pele como luzes de Natal por meio de camadas de neve. Eram na maioria Weirs Anamagos — membros das ordens mágicas que não a dos magos e que haviam se refugiado da guerra no santuário de Trinity.

Era uma guerra que passava despercebida pelos Anaweirs (as pessoas sem magia), mas o derramamento de sangue havia se espalhado por todo o mundo. Era uma batalha constante entre facções de magos, o pesadelo que se tentara impedir com o Pacto. Aqueles nas subordens que se recusaram a participar haviam fugido para Trinity e eram considerados rebeldes por causa disso.

Madison não brilhava, por isso eles nunca prestavam atenção nela.

O aroma de canela e patchuli assaltou-lhe as narinas quando ela entrou no interior aquecido da Mãos Mágicas, a loja de arte em consignação na praça. Íris Bolingame estava à sua mesa de

trabalho nos fundos, soldando vidro, Íris fazia mágica com o vidro colorido. Literalmente.

— Oi, Maddie — disse Íris, largando o trabalho e lavando as mãos. — Preciso lhe dizer que as pessoas adoram o seu trabalho. Está despertando muito interesse!

Madison passou os dedos pelos brincos de contas pendurados na árvore de Natal no balcão e lançou um olhar de desejo para as jóias no mostruário de vidro.

— Eu só estava, sabe como é... Eu queria ver se alguma das minhas peças foi vendida.

— Humm. — Íris foi até o balcão e folheou o arquivo de cartões.

— Vejamos. Três estampas, uma aquarela, quatro caixas de cartões de visita. — Ela ergueu o olhar para Madison. — Uau. Em apenas duas semanas. Isso é ótimo, hein?

— Estava me perguntando se eu poderia pegar o dinheiro agora. Íris hesitou.

— Normalmente a gente espera até o fim do mês para processar todos os cheques de uma vez, mas se for uma emergência...

— Deixa pra lá — disse Madison, fingindo examinar os caleidoscópios no balcão. — Eu ia fazer umas compras, só isso. Lágrimas traidoras queimavam-lhe os olhos. "Odeio isso", pensou ela, "e é o que tenho feito a minha vida toda. Catar migalhas, poupar, dar desculpas."

— Você está bem, querida?

Madison ergueu o olhar e encontrou os olhos preocupados de Íris.

— Estou ótima — sussurrou ela, torcendo para que Íris não insistisse.

Num impulso, a maga estendeu o braço na direção dela, mas recolheu a mão no último momento, fingindo arrumar os ornamentos que pendiam de sua longa trança, Íris não estivera em Second Sister, mas certamente ouvira a respeito. Os magos

desconfiavam de uma pessoa que era capaz de lhes sugar a magia.

"É como se eu tivesse uma doença incurável", pensou Maddie, "e ninguém soubesse o quão contagiosa é. Nem mesmo eu."

— Se você tiver algo mais que queira colocar aqui...

As faces de íris estavam rosadas de embaraço.

Madison se endireitou, levantou o queixo e pigarreou.

— Na verdade, tem algo que eu gostaria de retirar, pelo menos, por enquanto. — Madison revistou a caixa de desenhos foscos, tirou um e inseriu-o no portfólio. Entregou a etiqueta para Íris, que a anotou no cartão de Maddie. — Tenho algumas outras estampas lá no meu quarto. Trago amanhã.

Ela saiu de Mãos Mágicas e virou na rua Maple, chutando pedaços de gelo lançados pelo limpador de neve, rumando para o colégio.

Com alguma sorte, conseguiria algumas gorjetas naquela noite na Lendas. Os negócios costumavam ser menos intensos durante o inverno, mas não naquele ano. Naquele ano Trinity parecia Aspen nas férias. Fora o que a prima Rachel dissera, pelo menos. Ela estivera em Aspen, certa vez, numa convenção de hoteleiros.

Era a hora da saída no Colégio de Trinity, e os alunos desciam ruidosamente os degraus, distribuindo-se pelas ruas adjacentes e entrando nos ônibus. Alguns deles acenavam — era uma cidade pequena, afinal, e eles a haviam visto com o garoto mais popular da cidade, Jack Swift, e os amigos dele, Harmon Fitch e Will Childers.

Algumas das meninas a fitavam com um olhar perscrutador, sem dúvida se perguntando o que o exótico Seph McCauley vira nela. Mas a maioria dos rostos não exibia nenhuma preocupação com ela. Trinity podia ser uma cidade pequena, mas, comparada a Coal Grove, era uma metrópole.

Enrolando-se firme naquele bem-vindo manto de anonimato, Madison atravessou o corredor lotado da escola até o escritório principal.

Ela tirou um envelope de manila do portfólio e entregou-o à secretária.

— Para o senhor Penworthy — disse ela. — Os relatórios de avaliação da doutora Mignon, com as notas do semestre passado.

— A doutora Mignon devia ter mandado isso diretamente para mim, Senhorita Moss — disse o senhor Penworthy da entrada de seu escritório. — Eu já lhe disse isso antes.

O diretor do Colégio de Trinity usava botas de salto alto, um cinto de caubói com fivela de prata e uma gravata-borboleta. Madison baixou o olhar rapidamente para as próprias botas vistosas e deu de ombros. Era tudo uma questão de escala e contexto. Em todo caso, foi o que ela disse a si mesma.

Madison fez uma pausa antes de falar, com medo do que pudesse deixar escapar.

— Eu... eu sinto muito, senhor. Ela insistiu em que eu desse isso ao senhor. Disse que queria me manter inteirada do assunto. Disse para o senhor telefonar para ela se tiver alguma pergunta. Desde o início, o diretor não havia gostado da idéia de supervisionar o programa pós-secundário de Madison, embora tudo o que ele precisasse fazer fosse lidar com a papelada.

O senhor Penworthy arrancou o envelope das mãos da secretária e sacudiu-o diante de Madison.

— Como vou saber se as suas notas não foram alteradas?

Madison conteve as primeiras palavras que lhe vieram à mente.

— Bem, eu... Acho que pode telefonar para ela, senhor.

Ela praticamente fez uma reverência ao sair de costas do escritório.

"Você não pode se dar ao luxo de se meter em mais encrencas", disse ela a si mesma. "Você veio para cá para recomeçar do zero."

Tudo havia começado no Colégio de Coal Grove, com mensagens voando para todos os lados: deixadas no armário dela, enfiadas na mochila ou enviadas para celulares. Mensagens dizendo que Madison Moss era uma bruxa. Não a bruxa boazinha ou a vovozinha tradicional naquela região. Não. Maddie era uma harpia maligna e diabólica, que podia sugar a alma de alguém pela orelha e amaldiçoar jardins ou seduzir namorados.

Ela não fazia idéia de onde viera aquilo, mas a fofoca se espalhara e era persistente. As crianças faziam sinais contra o mau-olhado no corredor quando ela passava. As meninas tentavam conseguir uma mecha do cabelo dela para usar em simpatias de amor. Os meninos desafiavam uns aos outros a convidá-la para sair.

Não era que as pessoas ainda acreditassem naquele tipo de coisa. Era mais como se todos estivessem sob efeito de algum encanto, ou algo assim. Madison tentou ignorar tudo, torcendo para que aquilo sumisse, ou para que algum outro escândalo aparecesse para eles falarem a respeito.

Então os incêndios começaram. A princípio, foram celeiros, barracos em ruínas e montes de feno que queimaram como pólvora, por todo o condado. Mais tarde, foram celeiros ocupados, chalés de caça e igrejinhas. Não havia como apagar os incêndios. Tudo queimava até as cinzas. Os criminosos marcavam cada local com um símbolo de bruxaria — uma estrela de cinco pontas, uma cruz élfica, um cálice. Madison nem sabia o que eles queriam dizer até que foi procurar na biblioteca.

O medo varreu o condado, e a suspeita se concentrou na montanha Booker, reforçada por boatos que haviam corrido

anteriormente. A polícia veio e procurou por pistas, embora não parecesse saber ao certo o que procurava. Alguém deixou um caldeirão cheio de sangue no curral junto ao celeiro. As pessoas deixavam mensagens ameaçadoras pelo telefone (na época em que eles ainda tinham telefone). Alguém entrou no cemitério da família na montanha Booker e quebrou algumas das lápides, rabiscou ameaças e palavrões em outras. Uma delegação da Igreja do Evangelho Quadrangular realizou um exorcismo em frente ao portão deles até que Madison trouxe a espingarda de Jordie e brandiu-a na direção deles.

Aquilo não ajudou nada.

Era um pesadelo que ia ficando cada vez pior. Carros cheios de aventureiros começaram a segui-la por todo lado, na esperança de flagrá-la no ato. As pessoas se recusavam a servi-la em restaurantes ou a serem servidas por Carlene. Os poucos amigos que tinha sumiram.

Carlene foi finalmente forçada a agir quando achou que ia perder o emprego. Ela telefonou para Rachel, e Rachel ofereceu a Madison quarto, comida e um emprego em Trinity. E a professora de arte, a senhora McGregor, explicou a Madison como ela poderia usar os créditos da faculdade para se formar no segundo grau. Madison partiu do Condado de Coalton no fim do segundo ano.

E, de uma hora para a outra, os incêndios cessaram. O que confirmava a culpa dela, segundo alguns.

Ela sentiu o estômago embrulhar e afastou a lembrança. Aquilo eram águas passadas para ela.

Os corredores já estavam vazios quando ela deixou o escritório, e os ônibus haviam partido. Ela olhou para os alunos que tinham permanecido nos degraus da frente do colégio, pensando que talvez visse a forma alta e magra de Seph entre eles. Mas não. Ele havia dito que a encontraria no Corcoran's, e ela já estava

atrasada. Por sorte, era logo ali, naquele mesmo quarteirão. Ela atravessou o estacionamento e subiu a rua.

Bateu os pés para tirar a neve das botas à frente do Corcoran's, olhando feio para a rena de plástico montada sobre a porta, o nariz iluminado brilhando alegremente na luz evanescente da tarde. Os sinos pendurados na coleira tocaram seu som estridente quando ela abriu a porta. Será que ninguém na cidade havia notado que o Natal já havia passado?

O Corcoran's estava lotado com a clientela de costume após as aulas. Madison sondou o lugar — as cabines em imitação de couro vermelho na lateral, os banquinhos dilapidados junto ao bar de refrigerantes.

Nada do Seph.

Madison olhou para o relógio. Ela estava 20 minutos atrasada. Quem sabe ele havia vindo e ido embora? Abriu o celular. Nenhuma mensagem.

Harmon Fitch e a namorada, Rosie, estavam aconchegados diante do laptop de Fitch à mesa de costume, junto à janela da frente.

Fitch ergueu a cabeça.

— Oi, Maddie. Puxe uma cadeira.

Ele virou o laptop para Rosie, que jogou para trás as longas tranças rastafári e começou a digitar furiosamente. Provavelmente hackeando o Pentágono.

Madison balançou a cabeça.

— Obrigada. Não posso ficar. Tenho que ir trabalhar.

Madison transferiu o peso do corpo de um pé para o outro.

Rosie passou o laptop de volta para Fitch. Ele estudou a tela e abriu um sorriso cruel.

— Brilhante. Vamos tentar isso.

Os dedos dele voavam sobre o teclado, transmitindo seqüências de letras e números.

— Ahn... Vocês viram o Seph? — Ela inclinou o portfólio na direção de Fitch. — Ele ficou de me encontrar aqui. Tenho uma coisa pra ele.

Os dedos de Fitch não pararam de se mover.

— A última vez que vi o Seph foi no segundo período. Ele estava dormindo durante a aula, como de costume. Ele cabulou cálculo hoje à tarde.

— Ele o quê?

Fitch parou de digitar e se reclinou na cadeira, olhando-a pensativo.

— Ele não apareceu na aula de matemática nem estava na lista de dispensados. Você tem mantido ele acordado até tarde ou algo assim?

Madison estremeceu, sentindo o sangue subir-lhe às faces.

— Não fui eu.

Então quem? Ela lutou contra uma maré de ciúmes. Ela vinha evitando Seph, inventando desculpas. Não podia reclamar se ele saísse com outra pessoa.

Fitch deu de ombros e se debruçou sobre o computador de novo.

— De todo jeito, ele está encrocado. Garrity ficou uma fera. É a terceira falta esse semestre.

O medo alfinetou-a, em guerra com a culpa. Não era do estilo dele perder aulas.

Talvez estivesse doente.

Ou pior: talvez estivesse doente por causa dela.

Mas como podia ser, se ela não o vira por dias? Ele lhe enviara um e-mail no dia anterior, pedindo-lhe ajuda em um projeto de arte. Ele não pediria se não estivesse desesperado. Ela não pudera dizer não.

— Bem, se ele aparecer, você pode dizer a ele pra me telefonar? Ela tentou o celular dele, mas caiu na secretária eletrônica. Deixou uma mensagem.

Onde mais ele poderia estar? Será que havia se esquecido?

Em desespero, ela andou o caminho todo até o parque Perry, embora este fosse pouco freqüentado no inverno. Seph não estava à vista, mas ela encontrou os guerreiros Jack Swift e Ellen Stephenson, treinando o exército fantasma deles numa clareira isolada na floresta.

Ela chegou até eles seguindo os ruídos do combate. Jack havia erguido uma daquelas cercas de mago para manter pessoas curiosas à distância, na hipótese improvável de que pessoas curiosas estivessem caminhando pela floresta em pleno inverno. Mas Madison era uma extratora. A magia e suas ilusões não tinham efeito sobre ela. Madison simplesmente a absorvia e depois a magia se dispersava, sem que ela pudesse controlá-la.

Lá na clareira estava Jack Swift, os longos cabelos loiro-avermelhados amarrados atrás com uma tira de couro, liderando duas dúzias de guerreiros pelo campo nevado num ruidoso ataque. A serem enfrentados por

Ellen Stephenson e as duas dúzias de guerreiros dela, uma parede erigida de espadas e escudos.

Não havia nenhum sinal de Seph.

Era um conjunto variado de soldados, com armaduras e armamentos provenientes de dois séculos de guerras. As armas brilhavam sob o frágil sol de inverno, a respiração deles virando fumaça no ar frio. Os guerreiros colidiram em um choque de quebrar os ossos, numa disputa de braços e pernas e armas letais. O sangue se espalhou pela neve, e palavrões de épocas passadas e desafios em meia dúzia de línguas ressoaram pela floresta à medida que os guerreiros tentavam abrir espaço na multidão de corpos para usar suas armas.

Jack se desvencilhou, abrindo um grande espaço ao redor de si com sua espada, a Sombra Assassina. A lâmina tremeluzia como uma chama na sombra sob as árvores. Ellen se agachou para se desviar, girando, e sua espada achou uma abertura na defesa

dele. O lado cego da lâmina bateu nas costelas de Jack, erguendo um jato de neve.

— Um toque! — vociferou ela. — Um toque evidente. Você se rende?

— Muito pouco evidente — grunhiu Jack, empurrando-a para trás com fúria.

Faíscas voaram quando as lâminas colidiram, e os corpos aquecidos exalavam vapor no ar frio. Suas botas revolviam a clareira num grosso pudim de lama e gelo.

Madison estava fascinada, para a sua própria surpresa. Jack, alto e musculoso, era um prazer de se observar em qualquer circunstância. Ele e Ellen eram parceiros dessa dança havia muito tempo. Seus corpos se moviam ao som de uma melodia selvagem que ninguém mais escutava.

Era como um videogame em tamanho real, um embate agonizante entre vivos e mortos. Eles podiam ser feridos — até mortalmente — naquelas lutas, mas todos se levantavam inteiros no fim do dia, ainda que com algumas dores.

Finalmente, Jack rodopiou e atingiu a espada de Ellen com um grande golpe com as duas mãos, fazendo a arma voar das mãos dela. Jack avançou, sorrindo, a espada estendida, acuando Ellen contra uma árvore.

— Então, Guerreira, você se ren... Ei! — gritou ele quando Ellen disparou a funda e uma pedra do tamanho de uma mão cerrada atingiu-lhe o ombro.

Ellen detestava perder.

Jack finalmente notou Madison, que assistia a tudo da orla da floresta.

— Madison! De onde você veio? — Desviando-se de um guerreiro alto, com roupas de pele de camurça, que se lançava contra ele com um machado, ele ergueu a mão. — Parem!

A luta se reduziu a alguns golpes retardatários e pequenas escaramuças até se acalmar.

O feitiço foi quebrado. Madison puxou o chapéu para baixo para cobrir as orelhas.

— Não vão interromper por minha causa!

Jack e Ellen olharam um para o outro, como se cada um esperasse que o outro falasse. Madison não aprovava as preparações frenéticas em andamento em Trinity, e eles sabiam disso. Os dotados eram um clube do qual Madison não fazia parte.

Jack pigarreou.

— A gente está, sabe como é, treinando. Para o caso de as outras Casas de Magos tentarem invadir o santuário.

Madison curvou os ombros como se pudesse desaparecer dentro do casaco.

— Eles não vão vir pra cá. Não se atreveriam.

— Eles estão lutando em outros lugares — retrucou Ellen. — Seqüestrando feiticeiros para ajudar na guerra. Estocando armas. Era verdade, mas... Madison inclinou a cabeça em direção ao exército formado por guerreiros de todos os tipos.

— Se as Rosas vierem... o que não vai acontecer... o que vocês vão fazer? Acham mesmo que vão conseguir segurar eles com esse grupo capenga?

Assim que disse aquilo, ela se arrependeu. Sua mãe, Carlene, sempre dizia que as maneiras de Madison vinham dois passos atrás de sua língua ferina.

Como se Carlene fosse algum exemplo para qualquer um.

— Bem — disse Jack, trocando olhares com Ellen novamente.

— A gente precisa tentar.

— Talvez vocês deversem comprar alguns fuzis de assalto, então

— sugeriu Madison com sarcasmo. — E alguns lançadores de granadas.

— Fuzis de assalto não funcionam contra magos, a menos que eles sejam apanhados de surpresa — disse Ellen. Ela fora criada por magos, fora dos círculos sociais adolescentes de costume,

por isso o sarcasmo muitas vezes lhe passava despercebido. — Os escudos deles podem rebater ataques não mágicos por completo. Mas um guerreiro pode derrotar um mago numa batalha mágica justa.

— Bom, eu acho que é uma perda... — Sentindo uma presença, ela se virou. O guerreiro em peles de camurça estava logo atrás dela, escutando rudemente a conversa.

— Deseja alguma coisa?

Ele tirou o chapéu e inclinou-se num gesto que até poderia passar por uma reverência.

— Meu nome é Jeremiah Brooks, senhorita — disse ele.

— Acho que não fomos apresentados.

Madison estreitou os olhos para observá-lo. Era bem alto e cheirava a suor, couro e pólvora.

— O meu é Maddie Moss.

Jeremiah Brooks sorriu, um sorriso amplo, lento, de pálpebras caídas.

— Muito prazer em conhecê-la. Se me permite dizer, a senhorita deve ser a moça mais bonita na cidade.

— O Jeremiah viveu aqui por volta de 1780 — explicou Jack. — Foi raptado pelas Rosas e morreu na Ravina do Corvo em 1792.

— É mesmo, senhor Brooks? — perguntou Madison, na falta do que dizer.

É claro que era. O senhor Jeremiah Brooks era um fantasma. Ela estava levando uma cantada de alguém que estava morto havia mais de duzentos anos. Esse tipo de coisa era rotineira em Trinity, Ohio.

Brooks fez um gesto de mão como para dizer que o fato de estar morto não tinha importância.

— Dona Moss, se aceitar dançar comigo hoje à noite, vai ver que ainda tenho vida dentro de mim.

— Não saio com pessoas mortas — disse Madison, olhando feio para o fantasma. — Esse é o meu limite.

Aqueles fantasmas eram um pouco substanciais demais para o gosto dela. Eles comiam, bebiam, lutavam... e dançavam, pelo jeito. A não ser pela estranha maneira de se vestirem e pelas armas que portavam, não dava para diferenciá-los dos vivos.

Jack sorriu.

— É melhor tomar cuidado, Brooks. A Maddie está namorando o meu primo. O mago mais poderoso que conheço.

Brooks empalideceu sob a barba por fazer.

— Me desculpe, senhorita. Não quis ofender. A senhorita não parece com o tipo que... Eu não tinha como saber que...

— A gente não está namorando — disse Madison, fazendo uma carranca para Jack, que deu de ombros e arqueou as sobrancelhas para Ellen.

Madison tentou de novo.

— Quero dizer, somos só... amigos. Bons amigos. Pra ser honesta, eu mal tenho visto ele ultimamente.

"Você está falando demais. Pare com isso".

Brooks ergueu uma sobrancelha.

— Tome cuidado, dona Moss. Não sei se é bom ser amiga de um mago. Eles são conhecidos por tirarem vantagem das jovens. Se entende o que quero dizer.

Madison encarou-o com firmeza, depois se voltou para Jack e Ellen.

— Seja como for, era pra gente ter se encontrado há uma hora. Vocês não viram o Seph, viram?

Jack balançou a cabeça.

— Também não tenho visto o Seph. Ele e o Nick estão sempre ocupados cuidando das fronteiras.

Enquanto os guerreiros jogavam seus jogos de guerra, os magos de Trinity haviam estabelecido uma barreira invisível para suprimir a magia de ataque dentro do Santuário. A manutenção dessa barreira parecia exigir uma grande quantidade de energia. E tempo.

— Ainda não entendo por que a gente precisa de uma fronteira especial agora, se nunca precisamos antes — disse Madison.

— O banimento da magia de ataque faz parte do Pacto, mas acho que agora ninguém sabe se está valendo ou não, nem quando D'Orsay vai consagrar o novo Pacto dele — disse Jack. — As coisas estão meio vagas.

Madison bateu os pés, descobrindo que as botas luxuosas não eram muita proteção contra o frio.

— É que ele me pediu pra ajudar num projeto de arte, mas não apareceu.

Jack e Ellen esfregaram os pés na neve batida, obviamente ansiosos para retornarem à luta.

— Se nós virmos o Seph, contaremos que você está procurando por ele — sugeriu Ellen.

Madison enfiou as mãos nos bolsos, tentando aquecê-las.

— Está ficando tarde. Preciso ir trabalhar. Até mais.

O barulho da luta recomeçou antes mesmo que ela deixasse a clareira.

Agora faltava apenas uma hora para o turno dela começar. Tentaria a casa da tia de Seph, Becka, depois passaria pela praia. Se ele não estivesse em nenhum desses dois lugares, ela teria de ir trabalhar.

Certamente não acontecera nada com Seph. Ele só ficara enredado em alguma tarefa. Como de costume. Ele estava seguro dentro do santuário. Afinal, havia uma barreira. Nada de magia de ataque.

Não podia se esquecer de que, pelo menos dentro do santuário, a maior ameaça a Seph McCauley era Madison Moss e a magia que lhe vazava dos dedos.

Uma lembrança lhe ocorreu: a batalha na pensão em Second Sister, uma cena pintada em pavorosos tons de laranja. Gregory Leicester sorriu, estendendo as mãos, lançando uma chama mortal na direção de Seph. Maddie se colocou entre eles,

recebendo a força total do ataque. Ela foi enrolando a linha de magia enquanto o mago lutava na outra ponta, como um peixe no lago Jackson. Leicester caiu, junto com todos os magos que mantinha cativos.

Ela havia sido contaminada. O gosto amargo da maldição permanecia em sua língua e se infiltrava pelos poros, um veneno virulento e mortal, feito especialmente para Seph.

Após voltarem de Second Sister, ele se queixara de dores de cabeça, dores de estômago e fadiga. Tivera erupções e eczemas; ficara magro e pálido e com os olhos fundos, como se estivesse debilitado por uma doença.

A princípio, Madison achara que era consequência do que ele havia passado na ilha. Imaginara que ele sararia com o tempo, mas só piorara. Suas mãos tremiam e os olhos cambiantes se tornaram nebulosos e opacos, e por duas vezes ele desmaiou na escola.

Os pais de Seph o levaram para a Inglaterra no Natal, e ele pareceu melhorar, mas adoeceu de novo quando voltou para Trinity. A mãe, Linda, preocupada, chamou a curandeira Mercedes Foster, que prescreveu ar fresco, luz do sol, boa comida, poções e amuletos. Nada disso adiantou. Quando Mercedes finalmente o mandou ficar acamado, Madison passou várias horas sentada junto a ele, lendo e segurando sua mão. Ela achou que não era muito boa como enfermeira, pois Seph só parecia ficar mais fraco.

Então Madison foi passar um fim de semana prolongado em sua casa em Coal Grove. Quando voltou, Seph estava de pé e se sentindo melhor. Parecia uma pessoa diferente, mais como costumava ser.

Mas não por muito tempo. E foi aí que ela soube.

Às vezes ela se perguntava se estava possuída. Podia sentir algo malévolo dentro de si reagir à presença de Seph, como uma serpente se desenrolando. O toque dela era venenoso. Ninguém

mais parecia ter feito a conexão, muito menos Seph. E se descobrissem...

Por isso ela começou a evitá-lo, a impedir o toque dele em especial, inventando desculpas. E morrendo por dentro todas as vezes que isso acontecia.

Madison virou na esquina da rua Jefferson, tomando cuidado com os paralelepípedos cobertos de gelo. A Jefferson era flanqueada por altos carvalhos e graciosas 'damas pintadas' — assim eram chamadas aquelas casas vitorianas com pequenas torres e colunas, rodeadas por varandas. Jack morava com a mãe numa elegante Rainha Ana de telhas verdes.

A mãe de Jack, Becka, e a mãe de Seph, Linda, eram irmãs numa família cheia de segredos. Linda era uma encantadora, mestra do carisma — sedução, alguns diziam. Becka era Anaweir — não tinha dons mágicos e não sabia nada sobre a magia que acontecia em torno dela.

Madison parou junto à entrada da garagem. O carro de Seph estava estacionado na entrada lateral.

Ela bateu na porta de tela. Nenhuma resposta. Bateu na porta interna. Nada. Virou a maçaneta e viu que estava destrancada.

— Alguém em casa? — gritou ela, abrindo a porta e enfiando a cabeça no vestíbulo.

Ele estava ali em algum lugar. Ela podia sentir-lhe a presença na aceleração do próprio coração, uma leve vibração nos ossos.

"Menino bruxo".

Ela atravessou o vestíbulo e o corredor até a sala de estar nos fundos. E ficou paralisada à entrada.

Seph jazia estendido no tapete em frente à lareira. O rosto sob os cachos escuros estava pálido e esculpido como porcelana, a não ser por manchas escuras sob os olhos. Tinha a testa franzida, os lábios entreabertos, como se houvesse desfalecido entre duas palavras. Por um terrível momento, ela achou que ele estivesse morto, até ver um leve subir e descer do peito.

— Bom dia, Maddie. — O mago Nick Snowbeard ergueu-se parcialmente da cadeira no canto da lareira e cobriu Seph com uma colcha. Depois se reclinou no assento junto ao fogo. — É um prazer vê-la, como sempre.

Ela caiu de joelhos junto a Seph, o coração martelando no peito, com receio de que ela fosse de alguma forma responsável por aquilo.

— O que aconteceu? Ele está...?

O velho zelador inclinou a cabeça, parecendo surpreso.

— Ora, minha querida, está dormindo, é claro, embora ele não esteja muito feliz com isso.

Madison olhou para Seph, como se ele pudesse fazer algum comentário, depois de volta para Snowbeard. A preocupação se transformou em irritação.

— Ele está tirando uma soneca? Era pra gente ter se encontrado duas horas atrás.

— O rapaz está exausto. Ele está se esgotando, cuidando da fronteira 24 horas por dia.

O velho mago pressionou os dedos entre as sobrelanceiras encrespadas, como se tivesse uma dor de cabeça. O Velho Urso, como os dotados o chamavam, ou às vezes o Urso Prateado. Ele parecia mesmo com um urso um tanto desgrenhado, depois de ser arrancado de sua caverna no meio do inverno.

— Foi uma falha de comunicação — continuou Snowbeard. — Tarefas demais a cumprir, e muito poucas pessoas para cumprir essas tarefas. O Hastings está fora, e eu tive... um contratempo que me atrasou. Eu não sabia que ele tinha ficado sozinho por tanto tempo, e não é da natureza dele pedir ajuda. Mas agora assumi o lugar dele, e coloquei-o para dormir, apesar dos protestos.

Madison se inclinou para a frente, segurando a saia com as mãos.

— Ele está sempre caindo de sono na escola. Além disso, ele perdeu muitas aulas no semestre passado, quando esteve tão doente. "E de quem é a culpa disso?" — Não achei que vocês pudessem fazer alguém trabalhar até a morte desse jeito. Acho que não existem leis contra o trabalho infantil entre magos.

Snowbeard ergueu uma xícara de chá da mesinha lateral e tomou um longo gole. Ele a pôs de volta no pires com as mãos trêmulas, porcelana batendo contra porcelana.

— Minha querida, eu... sinto muito. Embora seja jovem, ele é o mago mais poderoso que temos à nossa disposição, fora o pai dele e eu. A íris está disposta, mas ela não é forte o bastante para manter a fronteira por muito tempo. É um trabalho incrivelmente exaustivo. Há outros que não são particularmente confiáveis. A maioria dos magos se aliou às Rosas ou ao D'Orsay. Muitos dos partidários do Dragão não consideram o santuário uma prioridade, agora que a guerra estourou.

— Mas você considera.

— Acho que precisamos de um lugar seguro, sim, ou vamos ser esmagados entre as pedras da ambição dos magos. Já notou que a cidade está cheia de refugiados com o dom?

É claro que ela notara. Eram pessoas de boa educação, pessoas com dinheiro, artistas talentosos que se instalaram em lojas em torno da praça. As Casas dos Magos os consideravam rebeldes por se recusarem a apoiar a guerra. E quanto mais Weirs Anamagos apareciam, mais Trinity se tornava um alvo. O que não combinava com os planos de Madison de forma alguma.

Ela se sentou junto a Seph de costas para a lareira, lembrando de manter um pequeno espaço entre eles. A neve das botas dela derretia em poças sobre o piso de madeira.

— Queria que não tivessem deixado todas aquelas pessoas entrarem.

— É difícil culpá-las por procurarem um refúgio. Os magos estão raptando os Weirs Anamagos por todo o mundo,

recrutando-os para o esforço de guerra. Eles precisam de feiticeiros para reunir arsenais, guerreiros para utilizá-los, adivinhos para ver o futuro e planejar estratégias, encantadores para a espionagem. — Nick suspirou. — Isso só pode acabar em desastre. Por séculos, os magos não se atreveram a guerrear abertamente entre si, por medo de quebrar o pacto e despertar o dragão que dorme na Ravina do Corvo. Suponho que os magos não acreditem mais em dragões... ou no pacto. — A voz do velho foi perdendo a força.

Madison lutou para impedir que o ceticismo se estampasse em seu rosto. Dragões. Certo. Havia monstros suficientes na vida real para combater.

Madison baixou os olhos para Seph. O rosto dele era como uma obra de arte que exigia estudo intensivo. Ela estava contente de poder observá-lo sem que ele a olhasse com aqueles olhos verdes que não perdiam nada. Resistiu à tentação de contornar-lhe os ossos das maçãs do rosto e o pronunciado nariz com o dedo indicador. Se Seph tivesse algum tipo de reação na frente de Nick, na certa estaria tudo acabado.

Ela encontrara Seph pela primeira vez na praia no lago Erie. Ele estivera por lá durante dias, observando-a com aquele seu jeito de garoto rico, metido e bruxo. Como se só precisasse fazer um sinal com o dedo para que ela viesse correndo. Ela vira o bastante daquilo com Brice Roper na terra dela.

Mas Brice era simples. Por baixo da superfície bonita, tinha apenas uns dois centímetros de profundidade. Havia uma complexidade em Seph que a fascinava. Os olhos eram como as poças verdes e sombreadas do riacho Booker, que mudavam com a luz. Embora fosse jovem, o rosto já carregava traços de história e perda. Ela o desenhara várias vezes, tentando capturar-lhe a intensidade e o poder com linhas e cores.

Quando Seph viu os desenhos dela, quando compreendeu que ela via a magia nele, pensou que ela trabalhasse para as Rosas.

Tentou usar de persuasão sobre ela, o poder queimando em seus dedos. Ela absorveu a magia, forte e doce, e ele caiu, aturdido, na areia. Por dias depois daquilo, ela se sentiu embriagada, como se tivesse bebido alguma taça mágica de alegria.

Tão diferente de agora. Ela estremeceu.

Nick pigarreou. Ela despertou daquele devaneio e viu o velho observando-a. Min sempre dissera que o rosto de Madison era transparente como vidro.

Ela começou a falar aos borbotões.

— Ele me pediu ajuda num projeto de arte que é pra entregar amanhã. E está bem atrasado em todos os trabalhos, e não vai ter crédito suficiente para se formar se não passar nas matérias. Ele... — A voz dela foi perdendo a força.

Nick tinha os olhos distantes, o rosto envelhecido repuxado em longas linhas de culpa e tristeza.

— E quando ele for embora pra faculdade? — perguntou ela baixinho.

"Vai ser melhor quando ele for embora", ela disse a si mesma. Não vai ter de vê-lo todos os dias.

— Para ser honesto, minha querida, não tenho certeza de que ele deva deixar o santuário. Isso pode colocá-lo em perigo.

— Mas por que eles iriam atrás dele? Ele só tem dezessete anos!

— Política de magos — respondeu Nick. — Ele é um alvo, por ser quem é. Este não é o tipo de conflito em que é possível permanecer neutro. A maioria dos magos odeia o pai dele por apoiar as outras ordens contra as Casas dos Magos. E agora que sabem que Linda é um dos arquitetos da rebelião... — Nick deu de ombros. — Eles vêm tentando recrutá-lo de todas as formas, sabe? As Rosas. O D'Orsay. Fazendo todo tipo de oferta das quais eu não deveria saber.

— Eles realmente acham que ele... passaria para o lado negro?

As faces de Madison ardiam à medida que o sangue lhe subia para o rosto.

— Baseados na prática habitual dos magos, eles presumem que é uma questão de preço ou influência. — Nick esfregou o lado do nariz com o dedo indicador. — Ele deixou uma forte impressão. O D'Orsay e o Leicester teriam vencido em Second Sister, se não fosse pelo Seph e pelo Jason... e por você, minha querida — terminou ele, delicadamente.

Em Second Sister, ela vira magos lançando feitiços, conjurando imagens de dragões e cometendo assassinato com magia. Ela vira Seph atirando chamas das pontas dos dedos, lutando por sua vida. Vira as ambiciosas Casas dos Magos cercando-o quando compreenderam quão forte ele era.

Ela finalmente entendeu o que estava em jogo. E agora não via nada em sua frente a não ser catástrofe. Ela não fazia nenhum bem a Seph. Ele não fazia nenhum bem a ela. Madison tinha de se afastar daquele negócio de magia. Não tinha opção. Ela ergueu a mão e tocou com o dedo a opala de Min que lhe pendia de uma corrente em torno do pescoço. "Não se meta com magia", havia dito Min. "Isso só trouxe problemas para a nossa família."

O velho mago pigarreou.

— Sabe, Madison, dado o seu dom, você poderia ter um papel importante.

— Não! — Madison sentia-se sufocada, os pulmões se fechando a cada respiração. — Essa luta não é minha. Não sou membro de nenhuma das suas ordens ou casas ou... ou coisa alguma. — Ela cruzou os braços diante do peito, escondendo as mãos. — Não há magia em mim.

Ela fechou a boca com firmeza após a mentira.

— Nós não entendemos realmente o que aconteceu quando o Leicester e os magos conectados a ele fulminaram você. O poder simplesmente... se dissipou ou...

— Na verdade não importa, não é? A questão é que eu não quero ser parte disto.

Ela viera a Trinity para se livrar da contaminação da magia. E, no entanto, ela parecia concentrar-se sobre Madison onde quer que ela fosse.

— Minha querida Madison. — Nick se interrompeu, claramente pouco acostumado àquele tipo de persuasão. — A sua ajuda poderia ser útil a nós. Não vamos pedir que faça nada com que não se sinta confortável. Hastings e eu poderíamos trabalhar com você para...

A voz dele silenciou quando ele viu a expressão de Madison.

— Quero ser a primeira na minha família a ir pra faculdade. No fim deste semestre, vou completar um ano de créditos. Mas mal tenho tempo para fazer meus trabalhos de escola e cumprir as minhas horas de serviço na Lendas.

Ela olhou para o relógio e gemeu.

— Tenho que ir. Já estou atrasada e preciso desse emprego.

Ajoelhando-se, abriu o portfólio e tirou um desenho em carvão opaco, aquele que fora buscar na Mãos Mágicas. Era a praça de Trinity ao anoitecer, a neve caindo por entre as grandes árvores, poças de luz das lâmpadas e sombras na grama coberta de neve. Não era o que Seph queria dela, mas era algo. Uma pequena oferenda que representava um sonho que tivera um dia.

— Quando o Seph acordar, poderia dar isto a ele? Diga que fui eu quem trouxe.

Ela se levantou, fechou o zíper do casaco e botou o portfólio embaixo do braço. Ao passar pela entrada da garagem, chutou o muro de tijolos que cercava o jardim.

Capítulo Três

Banido da Ilha Coroada

Jason preferia as neves da Cúmbria às chuvas de inverno de Londres. Era só uma breve caminhada por uma rua calçada de

pedras desde o táxi até o pub, mas ainda assim ele ficou ensopado até os ossos. Passou por baixo de uma placa de madeira com a inscrição A FLAUTA IRLANDESA e avançou para o interior sombrio que cheirava a tabaco, malte e décadas de peixe frito. Era um lugar antigo, com piso de ladrilhos e teto de zinco. Tom, o garçom, dizia que o prédio datava do início do século XVII.

Acenando com a cabeça para Tom e erguendo dois dedos, Jason passou pelo pub e entrou numa sala privativa nos fundos. Tom nunca pedia para ver seus documentos. A idade mínima para consumo de álcool entre os magos era meio flexível. Como nos tempos medievais.

A lareira na sala dos fundos compartilhava a chaminé com a lareira na frente. Com um gesto, Jason pôs fogo na lenha e sentou-se à mesa mais próxima da lareira.

Colocou a mochila entre os pés, no chão, sentindo-se nervoso como um terrorista com uma bomba escondida sob a cadeira. Totalmente consciente da proximidade e do calor da pedra.

Alguns minutos mais tarde, Tom colocou dois copos de cerveja escura na frente de Jason.

— Obrigado, Tom.

Fechando os olhos, concentrando-se, Jason forçou a água a sair das roupas.

— Você está soltando fumaça.

Jason abriu os olhos e viu que Tom havia partido e Hastings estava diante dele. Devia ter caído no sono. Não dormira realmente desde a caminhada na ravina, salvo por uns poucos minutos de descuido em que cochilara no trem.

Hastings sabia se mover em total silêncio, como um demônio. Às vezes parecia que o mago podia atravessar paredes. Esfregando os olhos cheios de areia, Jason olhou em torno. A porta para o bar lá fora estava fechada, e os contornos da sala

tinham a aparência borrada de barreiras mágicas. Estavam seguros.

Hastings sentou-se à frente dele e estudou-o por sob as pesadas sobranceiras negras. Era assustador o quanto Hastings e Seph se pareciam, com os cabelos escuros e cacheados, maçãs do rosto salientes, narizes proeminentes e olhos verdes (embora os de Seph tendessem a mudar de cor de uma hora para a outra e de um dia para o outro, sem dúvida uma herança da mãe encantadora).

— Os dois são pra mim? — perguntou Hastings, sarcástico, inclinando a cabeça para os copos na mesa.

Jason empurrou um copo na direção de Hastings e pegou o outro.

— Um é pra você.

Hastings agarrou o pulso de Jason antes que este pudesse levar o copo aos lábios.

— Não é uma boa idéia. Você precisa ficar atento. Só porque pode fazer algo e se safar não quer dizer que deva.

"Você curte a sua bebidinha", pensou Jason, mas era esperto demais para dizê-lo em voz alta. Deu de ombros e soltou o copo.

— Clima dos infernos — disse Jason, usando uma expressão tipicamente britânica.

Hastings corrigiu-lhe a pronúncia e apossou-se da bebida de Jason, zombando:

— Você ainda soa como um americano.

"Ele deve ter colecionado os sermões enquanto eu estava fora."

— Eu sou americano.

— Isso faz com que você se destaque. Faz com que as pessoas se lembrem de você.

Hastings simplesmente não entendia. Jason queria ser lembrado.

— Por onde esteve? Eu disse pra ficar por aqui.

Hastings nunca perdia tempo com gentilezas. Não havia sentido em resistir a ele. Hastings logo lhe arrancaria a história toda, de qualquer forma.

— Decidi dar uma olhada na Ravina do Corvo.

— Você o quê? — O mago não ergueu a voz, mas esta pareceu alta mesmo assim.

Jason respirou fundo e se forçou a encarar Hastings nos olhos.

— Você estava fora. Eu tinha algum tempo.

— Eu mandei você ficar vigiando e me contar se Jessamine Longbranch retornasse a Londres. Essa era a sua missão.

— Isso é trabalho inútil — protestou Jason. — A casa dela está trancada há meses. Não havia nada pra fazer.

— Ah, é? — Hastings arqueou uma sobrancelha. — Ela está de volta há pelo menos três dias. E não faço idéia do que aconteceu desde o retorno dela.

— Wylie esteve lá ontem. E um bando de outros. Eles têm se encontrado todos os dias. — Jason deslizou um papel por sobre a mesa até Hastings. — Eu... humm... persuadi os vizinhos a ficarem de olho enquanto eu estava fora.

Hastings tamborilou os longos dedos no tampo gasto da mesa.

— Eu não dei essa missão para os vizinhos. O que você esperava conseguir? Na Ravina do Corvo, quero dizer.

— Bem, todos estão com medo de entrar... As Rosas, o... ahn... todo mundo.

Jason concentrou o olhar na mesa. Ele vinha argumentando em favor da idéia de ir até a ravina desde que chegara a Londres, e Hastings recusara.

— Nós discutimos isso. Você sabia que era provável que a ravina estivesse bem vigiada. Se tivesse sido capturado, as conseqüências teriam sido terríveis. Eu estive no porão do Castelo da Ravina do Corvo, e não é um lugar que eu gostaria de rever.

— Imaginei que uma pessoa, sozinha, pudesse entrar despercebida.

— E conseguiu? Entrar despercebido?

"Aposto que ele já sabe a resposta", pensou Jason. Pigarreou.

— Não. Eles... ahn... perceberam.

— Então o que aconteceu?

— Foi como chutar um formigueiro. Ele tem um exército lá em cima, e todos eles apareceram. Fiquei imperceptível e fui para o forte.

Hastings franziu o cenho.

— Você devia ter saído imediatamente quando percebeu que havia sido descoberto.

"Certo. Aposto que você teria atacado o castelo com as próprias mãos", pensou Jason.

— Achei que era isso que esperariam que eu fizesse. — Percebeu que estava sacudindo o pé, e parou. — Então o D'Orsay... ou alguém... encheu a ravina com névoa lucífera.

Hastings disse um palavrão.

— Tem certeza? Achava que ninguém mais soubesse como fazer isso.

— Foi isso ou algo parecido. Eu desisti de chegar ao castelo e fui para um terreno mais alto. Escalei a Cabeça do Corvo até a pedra Weir. Aí teve um terremoto.

— E fogo e pestilência também, suponho — disse Hastings, em tom seco.

— Ahaha. Seja como for, uma grande fenda se abriu na Cabeça do Corvo, logo abaixo da pedra Weir. Eu me escondi lá até a névoa baixar.

Jason conseguiu acender um cigarro em sua segunda tentativa, depois soprou uma baforada de fumaça.

Hastings abanou a fumaça para longe, não fazendo nenhum esforço para ocultar o quanto desaprovava Jason em geral e o hábito dele de fumar em particular.

— Você foi visto? Foi reconhecido?

Jason hesitou.

— Fui visto — admitiu ele. — Não acho que tenha sido reconhecido.

— Se foi visto, vai ser identificado. Você deixou uma forte impressão em Second Sister. — Hastings bateu a mão na mesa.

— Apesar da sua sede insaciável de confrontação, ir atrás de D'Orsay não nos ajuda. Pelo menos ele distrai a atenção das Rosas. Precisamos encontrar o Pacto e destruí-lo antes que alguém tente enfiá-lo pela nossa goela abaixo.

— E se D'Orsay estiver com o Pacto? — retrucou Jason com teimosia. Afinal, o ex-Mestre de Jogos havia desaparecido da malfadada reunião na ilha de Second Sister na mesma ocasião que o documento que as ordens haviam assinado sob coação.

— Talvez ele esteja — grunhiu Hastings. — Mas acho que não. Senão ele teria convocado os aliados dele e realizado uma grande cerimônia na ravina consagrando o documento e se declarando governante de todos nós.

— Eu não achei o Pacto, está bem? Mas achei isso aqui.

Jason levantou a mochila que estava entre seus pés, abriu o zíper e derramou o conteúdo sobre a mesa. Tudo menos a opala e seu suporte, que estavam escondidos no bolso lateral. Ainda não havia decidido se partilharia aquilo com Hastings.

Hastings baixou o olhar para o tesouro sobre a mesa e depois olhou para Jason, levantando uma sobrancelha em indagação.

— Achei essas coisas em uma caverna atrás da pedra Weir.

Hastings passou os dedos pela mistura de gemas, jóias e artefatos mágicos sobre a mesa de madeira envelhecida, segurou alguns junto à luz para poder ver as inscrições. Olhou para cima mais de uma vez, como para ter certeza de que a porta permanecia trancada.

Parecia que, pelo menos uma vez, Jason havia impressionado o jamais impressionável Leander Hastings.

Finalmente, Hastings falou.

— É só o que tinha?

Jason balançou a cabeça.

— Foi só o que eu consegui carregar. A montanha ainda estava instável. A entrada desmoronou ao meu redor quando eu estava saindo — acrescentou ele.

Por que ele sempre se sentia como se tivesse de se defender?

— Acha que D'Orsay sabia da existência dessas coisas? — perguntou Hastings.

— Não. — Jason balançou a cabeça. — Parecia que nada tinha sido tocado havia séculos. Além do mais, ele já não teria usado isso, considerando a encrenca em que está?

— Como você decidiu? O que pegar, quero dizer.

Jason deu de ombros.

— A minha mãe me ensinou um bocado sobre amuletos e talismãs. Por isso escolhi as peças que pareciam as mais poderosas, pela inscrição ou, sabe como é, pela vibração. A maior parte do que eu peguei são peças mágicas. Além de uma espada — acrescentou ele.

A cabeça do mago se levantou.

— Uma espada?

— Eu deixei no meu quarto. Achei que não devia carregar uma espada pelas ruas de Londres. Já foi difícil de esconder no trem até aqui.

Ele usara uma sacola de golfe. Pensando bem, uma sacola de esquis teria sido mais apropriada para a estação.

— Certo — disse Hastings, assumindo o comando com naturalidade e estendendo a mão para pegar a mochila. — Vamos empacotar essas coisas.

Jason segurou-a.

— Oh, é verdade. Quase esqueci. Tem esta outra coisa.

Jason remexeu no bolso da frente, tirou uma bolsa com a opala e passou-a para Hastings.

O mago pesou a bolsa em sua mão e então desfez o nó na corda e largou a opala sobre o tampo da mesa, cercanda-a com os braços. O leve brilho da pedra iluminou o rosto do mago, colocando-lhe os traços em relevo.

— O que é isto? — sussurrou Hastings.

— É uma sefa, acho — respondeu Jason. — Achei que talvez você pudesse me ensinar como usar.

Agora que estava livre da cobertura de veludo, era como se a pedra estivesse lhe puxando as entranhas para fora. Imagens de uma paisagem estilhaçada roçavam-lhe as margens da consciência, como asas. Uma voz sedutora murmurava-lhe ao ouvido, mas ele não conseguia distinguir as palavras.

Hastings pôs a pedra rapidamente de volta na bolsa, atando a corda com firmeza.

— Temos que levar isto... tudo isto... para um lugar seguro. E não tem nenhum na Grã-Bretanha.

Jason ficou contente com a reação de Hastings, mas confuso com as palavras dele.

— Como assim? Por quê?

Hastings não respondeu imediatamente. Ficou pensando, tamborilando os dedos na mesa, os olhos verdes cintilando à luz do fogo.

— Vamos levar essas coisas para Trinity — anunciou ele, enfim.

— É o lugar mais seguro, já que estamos mantendo uma barreira ao redor do santuário, e ninguém vai fazer perguntas sobre o aumento da segurança.

— Trinity? — Jason estreitou os olhos para Hastings. — Achei que eu e você poderíamos usar algumas dessas coisas para ir atrás do D'Orsay. E do Pacto.

— Claude D'Orsay não é a nossa prioridade imediata — disse Hastings, acentuando cada palavra. — Quero que o Nick Snowbeard dê uma olhada nessas coisas. E o Seph, já que ele está envolvido na manutenção da segurança de Trinity.

Seph. É claro. Jason lutou contra uma onda de ciúme.

— Achei que talvez a gente pudesse... — começou Jason, mas Hastings ergueu a mão para silenciá-lo.

— Eu gostaria de ver a espada, porém acho que não podemos arriscar sermos vistos juntos. Volte direto para o seu quarto, apanhe a espada e pegue o primeiro avião para os Estados Unidos.

A mente cansada de Jason tropeçou naquelas palavras.

— Quer que eu leve essas coisas para Trinity?

— Ora, claro que quero — respondeu Hastings, como se Jason fosse incrivelmente lento. — Tem que ser você. Quanto menos pessoas souberem a respeito disso, melhor.

— Mas eu não quero voltar — protestou Jason. — Se me der outra chance, eu consigo entrar na ravina sozinho. Se não encontrar o Pacto, vou procurar pelo tesouro. Talvez eu consiga entrar de novo na caverna.

— Você nunca vai entrar de novo, ainda mais agora, depois desse ataque fracassado.

— Quem mais vai fazer isso? Você? Todos sabem quem você é. Todos conhecem o seu rosto. Não vão deixar que chegue nem perto da ravina. As Rosas vão assassinar você, mesmo que supostamente seja aliado delas contra o D'Orsay.

— Não sou aliado das Rosas — disse Hastings, em tom seco. — Mesmo que nossos interesses coincidam temporariamente, vamos acabar lutando contra elas no fim.

— Então essa é a minha punição por fracassar — disse Jason com amargura. — Estou fora.

Hastings esvaziou o copo e bateu-o sobre a mesa.

— Essa é a sua punição por assumir um risco idiota sem nenhum bom motivo. Acha que o seu rosto não é conhecido? O D'Orsay não é nenhum bobo. Acha que eu fico aconselhando você a assumir uma aparência comum porque sou conservador? Você é confiante demais, Jason, além de chamar a atenção e ser

descuidado, e essa combinação é o que vai matá-lo. Não quero ser responsável pela bagunça que você deixar para trás.

Aquilo era irônico, vindo de um homem que tinha um dos rostos e imagens mais memoráveis que Jason já conhecera, cujas fugas audaciosas eram lendárias.

Jason se debruçou sobre a mesa.

— Escute. Eu me livro do brinco. — Ele tocou o lóbulo da orelha. — Eu me livro do cabelo punk. — Passou os dedos pelo cabelo descolorido. — Eu visto um maldito terno e gravata, se você quiser. Mas me deixe ficar e trabalhar com você.

Hastings suspirou.

— Não pense que isso significa que tudo deu errado. — Ele pousou a mão na mochila. — Este é um tremendo achado. Às vezes não sou muito... bom com elogios.

— Não quero cumprimentos. Quero ficar aqui. Quero fazer alguma coisa.

— E eu quero que alguém em quem eu possa confiar leve essas coisas para Trinity antes que o D'Orsay consiga nos achar. Acha que ele não está procurando? — Hastings se recostou, esticando as longas pernas. — Fazer alguma coisa não basta. É importante fazer a coisa certa.

— Eu sei que é — disse Jason, tentando não soar emburrado. — Mas nada vai acontecer em Trinity.

— Não tenha tanta certeza. Tenho um pressentimento de que as peças que você encontrou são importantes. A batalha pode muito bem depender delas.

— Então por que levar para Trinity? Vai pôr a cidade inteira em perigo.

— É exatamente por isso que ninguém deve descobrir onde estão. E tenha em mente que, se perdermos essa guerra, Trinity vai ser destruída junto com tudo o mais.

Jason se levantou e começou a andar de um lado para o outro, dando meia-volta todas as vezes que chegava aos limites do aposento.

— Será que você não pode pelo menos tentar me entender?

— Entendo melhor do que você imagina.

— Por quê? As Rosas mataram o seu pai e a sua irmã cem anos atrás, por isso você entende como me sinto? Só porque o Leicester e o D'Orsay assassinaram o meu pai?

— Porque sei como é querer provar o próprio valor a tal ponto que isso acaba destruindo todas as outras coisas importantes — replicou Hastings, fitando o fogo. — Às vezes é apenas uma desculpa para evitar lidar com os próprios demônios.

Agora Hastings era psiquiatra, além de mago e Mestre de Guerreiros. Jason conteve uma resposta exaltada.

— Escute aqui, eu sou órfão. Como você. Ninguém se importa com o que acontecer comigo. É minha escolha. Minha.

— Eu assumi a responsabilidade por você quando o trouxe à Grã-Bretanha.

Jason notou que Hastings não dissera que se importava com ele.

— Por favor. Eu quero ajudar. — Estava perigosamente perto de implorar. — O Jack e a Ellen estão treinando os guerreiros deles. É nisso que são bons. O Seph está mantendo a barreira. Não posso fazer nada disso. Quero estar onde sou útil.

— A coisa mais útil que pode fazer por mim agora é levar a espada e o resto para Trinity — disse Hastings, sem erguer os olhos. — Diga para o Nick dar uma olhada na lâmina. Pode muito bem ser uma das sete. Se for, passe para a Ellen. Ela merece uma espada digna de suas habilidades. Ela e o Jack podem ter um papel crucial, se entrarmos mesmo em guerra.

Nick. Ellen. Seph. Jack. Todos importantes para a causa. Todos menos ele.

Jason sabia que a discussão estava encerrada. O erro dele fora pensar que Hastings estivera de fato dialogando com ele. Ele se deixou cair na cadeira.

— Quando você volta para Trinity?

O mago deu de ombros.

— Em breve, espero. Vou tentar descobrir o que está acontecendo na Ravina do Corvo. Se notaram que algumas coisas sumiram e se estão atrás de nós. Talvez eu possa bagunçar um pouco o coreto. E despistá-los.

E foi tudo. A breve carreira de Jason como agente da Casa do Dragão estava encerrada.

Jason caiu no sono no metrô no caminho de volta a seu apartamento, passando da estação Mornington Crescent e saindo em Camden Town. Andou pelas ruas da cidade para clarear a mente. No caminho, parou num cibercafé e reservou uma passagem num vôo de Heathrow para Nova York que partia na manhã seguinte.

Assim, o homem que perambulava junto às saídas do metrô em Mornington Crescent com uma fotografia de Jason Haley não o viu por lá.

Jason parou para falar com uma garota que morava no prédio ao lado do dele. Eles encomendaram uma pizza, e ele ficou até tarde no apartamento dela. Àquela altura, estava caindo chuva com neve. Os dois prédios tinham um porão comum, por isso ele entrou no próprio prédio pelas lavanderias, sem sair para a rua.

Assim, a mulher que se abrigava na entrada do apartamento de Jason não percebeu que a raposa havia ido para a toca.

De volta à seu quarto, Jason reuniu seus poucos pertences. Havia planejado tomar o trem em Euston, mas agora Hastings o havia deixado com medo. No fim, ele telefonou para um serviço de táxi e reservou um carro para buscá-lo às quatro da manhã. Disse que se chamava Bob Roberts e não deu um destino.

Levaria a mochila como bagagem de mão e convenceria a companhia aérea a deixá-lo embarcar com a sacola de golfe com a espada dentro. Jogadores de golfe tinham suas manias a respeito de não se separarem de seus tacos, não tinham? Ele só estivera no Reino Unido por um mês. Torcia para que o seu banimento não durasse muito tempo.

Capítulo Quatro

A Arte de Negociação

Leesha Middleton sacudiu a neve de seus cachos e esticou as mãos congeladas em direção ao fogo. Por que Claude D'Orsay não podia se refugiar em, Belize durante o inverno, como qualquer pessoa normal?

Ela deu uma olhada ao redor, examinando a saleta com um olhar crítico. Tudo tinha um ar sufocante, de família rica, como as salas de museu nas propriedades de seus avós. Cheiravam igual também — a charutos, couro e casacos mofados de lã. Leesha correu um dedo sob o suéter de gola alta e tocou a coleira de ouro — o torque — que lhe circundava o pescoço. Tocá-lo estava se tornando um hábito.

— Quem é você?

Leesha deu um pulo e se virou.

O menino havia se esgueirado por trás dela. Era magro e com cara de estudioso, com cachos loiros, pele clara e olhos que eram de um azul tão pálido — atrás de óculos sem armação — que pareciam quase sem cor. Talvez tivesse uns 14 anos. Jovem demais para ser interessante, embora Leesha só tivesse 17. Ele era quase bonito, mas sua aparência era prejudicada por um olho roxo e um nariz que havia sido quebrado recentemente.

— Meu nome é Alicia Middleton — disse ela, não vendo nenhuma razão para mentir.

— Devereaux D'Orsay — replicou o menino, postando-se perto demais dela e olhando-a fixamente no rosto. — Meu pai não falou que estava esperando visitas.

— Não?

Não fora fácil conseguir aquele convite. Um fax da última página do Pacto assinado pelas ordens em Second Sister havia sido o fator decisivo na realização da proeza. Ela havia mandado o motorista dos avós, Charles, trazê-la de carro até ali desde a propriedade deles na Escócia. Se ela conseguisse sobreviver até o fim do dia sem receber um castigo, teria muita, muita sorte.

— Gostaria de algo para beber? — indagou Devereaux, indicando com a cabeça o balcão, onde havia uma série de garrafas e latas de refrigerante.

Leesha balançou a cabeça.

— Não, obrigada.

O menino se apoiou no balcão.

— Temos uma seleção maior na adega. Gostaria de ver?

— Não, estou muito bem assim, obrigada. — Tentou mudar de assunto. — Quem bateu em você?

Aquilo pareceu perturbá-lo.

— Ninguém me bateu, senhorita Middleton — disse o menino, endireitando-se, o rosto de cor clara adquirindo um tom rosa-escuro que contrastava com os machucados.

— Em termos de poder, eu tinha absoluta vantagem. Se não fosse por...

— Devereaux.

Agora foi a vez de o menino pular e ficar com cara de culpado. Claude D'Orsay estava ali em pé, emoldurado pelo batente da porta, vestindo calças de lã, suéter de casimira e casaco de tweed. Os cabelos do mago eram escuros e cortados rente. O rosto era aristocrático e de traços delicados.

— Senhorita Middleton, que prazer em revê-la. Vejo que já conheceu o meu filho.

— Sim — respondeu Leesha. — Não teria adivinhado pela aparência.

— Ele puxou à minha falecida esposa.

D'Orsay entrou na sala e estendeu a mão para Leesha. O aperto dele era frio e seco, com a ferroada elétrica característica dos magos.

— Não me disse que vinha alguém hoje, pai. — Devereaux ainda parecia chateado. — Como é que eu ia saber quem ela é?

— Eu só fiquei sabendo em cima da hora, Dev — respondeu D'Orsay. — A senhorita Middleton requisitou um encontro. — Ele estudou Leesha com um olhar avaliador.

— Creio que a última vez que nos encontramos foi aqui, na Ravina do Corvo, no último torneio.

— Aquilo foi um desastre — disse Leesha com franqueza.

D'Orsay não discordou, mas inclinou a cabeça em direção ao balcão.

— Gostaria de beber alguma coisa?

— Não, obrigada — respondeu Leesha, perguntando-se quantas vezes mais ela teria de recusar bebidas antes de sair.

D'Orsay gesticulou em direção a uma das duas poltronas junto à lareira.

— Por favor, sente-se. Fique à vontade.

Leesha se sentou, embora não se sentisse exatamente à vontade, e D'Orsay se sentou em frente a ela. Devereaux ficou em pé, apoiado na lareira, claramente com a intenção de escutar, e talvez de participar.

Leesha fez um gesto de cabeça na direção de Devereaux e arqueou uma sobrancelha.

— O Dev pode ficar. Prezo a opinião dele — disse D'Orsay, antes de fazer uma pausa. — Então está aqui representando Jessamine Longbranch?

— Por que acha isso?

— Creio que estava trabalhando para ela no ano passado quando... ahn... trouxe aqueles dois jovens para cá como reféns durante o último torneio. Amigos daquele bizarro guerreiro mestiço que ela criou, Jack Swift. Aquilo foi um desastre.

— Deve ter parecido uma boa idéia na época — disse Leesha. — De qualquer forma, não trabalho mais para ela.

— Ah, sim. Acho que ouvi falar que se aliou a mercadores? Imagino que Jessamine não tenha aprovado.

Leesha examinou as unhas.

— Não se pode acreditar em tudo o que se ouve.

— Mas está trabalhando com alguém.

— Ah, sim.

— Quem?

— O meu sócio quer se manter anônimo até que tenhamos certeza de que podemos fazer negócios.

D'Orsay se recostou na poltrona e sorriu como um gato com um pássaro entre as patas.

— Nós podemos ser bastante persuasivos.

O coração de Leesha deu um pulo, mas ela conseguiu manter a voz firme.

— O meu sócio não apreciaria se algo de ruim me acontecesse.

— Trouxe o documento?

— Eu pareço idiota ou o quê?

D'Orsay deu de ombros.

— Nunca se pode julgar pelas aparências. Onde ele está agora?

— O senhor deveria estar pensando em que tipo de acordo está disposto a fazer.

— Eu poderia oferecer trocar você pelo Pacto.

Leesha suspirou. Tateou dentro da bolsa à procura do estojinho de maquiagem e reaplicou o batom, tentando manter a mão firme. Ganhando tempo.

— Sou apenas a assistente contratada, entende? Posso ser substituída. Mas o meu sócio poderia se aborrecer a ponto de decidir vender o documento para outra pessoa.

— Ninguém mais ia querer.

— Por favor. Sou mercadora. Sei quem quer o quê. As Rosas querem destruí-lo porque ele tira o poder das mãos delas e coloca nas suas. As subordens querem destruí-lo porque ele as mantém subservientes aos magos. O senhor quer consagrá-lo e colocá-lo em vigor. Aposto que a gente poderia ter um leilão a três.

D'Orsay levantou a mão.

— Duvido que isso seja necessário.

Ele sorriu, como se reconhecendo a derrota. Era charmoso, não havia dúvida. E de boa aparência para alguém tão velho.

D'Orsay se levantou, pôs outro pedaço de lenha no fogo e voltou para a poltrona, sem pressa.

— O seu sócio lhe deu permissão para negociar a venda? — perguntou ele.

— Deu.

— Então presumo que ele tenha lhe contado que oferta ele estaria disposto a aceitar?

— Contou.

— E então?

— Ele quer ser incluído.

D'Orsay arregaçou as mangas.

— O que você está dizendo?

— O novo Pacto afirma que todas as ordens mágicas, inclusive as Casas dos Magos, serão governadas pelo senhor, por Gregory Leicester e pelos herdeiros dos dois. O Leicester está morto e não tem herdeiros de sangue. O meu sócio quer ser nomeado herdeiro legal do Gregory Leicester e, dessa forma, co-governante das ordens.

— O seu sócio está louco — disse D'Orsay com um sorriso.

Leesha respirou fundo, amaldiçoando o dia em que se envolvera naquilo.

— Esse é o preço. É pegar ou largar.

— Quem ele pensa que é? Acha realmente que eu o aceitaria como um sócio com igualdade de direitos? O Leicester e eu trabalhamos nesse projeto por anos.

— Veja por este ângulo: o que o senhor pode oferecer que as Rosas não podem? Tenho certeza de que elas podem conseguir mais dinheiro do que o senhor, se todos contribuírem. Além do mais, se elas destruírem o Pacto, então o meu sócio não tem que se preocupar em viver sob o seu domínio, o que, tendo lido o documento, parece arriscado. A única maneira de acalmar os ânimos dele é deixar que ele seja incluído como um igual.

D'Orsay pressionou as pontas dos dedos umas contra as outras.

— Se eu soubesse com quem estou lidando, se tivesse certeza de que seríamos compatíveis...

"Se soubesse se ele seria fácil de matar", pensou Leesha. "Sem dúvida ambos os sócios contratariam assassinos antes que a tinta no acordo secasse. Com alguma sorte, matariam um ao outro."

— Essa é minha herança também — disse Devereaux, inclinando-se para a frente. — Vamos levá-la para o porão. Podemos fazer com que ela nos diga o que queremos.

"Fique longe de mim, seu pestinha miserável", pensou Leesha, o suor escorrendo-lhe entre os ombros. Ela olhou ostensivamente para o relógio.

— Deixe que eu trate disso, Dev — disse D'Orsay. O mago massageou a testa, como se doesse; então se voltou para Leesha.

— Quem sabe possamos negociar uma venda privada, você e eu.

Leesha considerou a hipótese. Na verdade, ela a havia considerado muito antes de entrar na Ravina.

— Eu não tenho o documento original, na verdade.

— Talvez você possa obtê-lo.

— Isso seria... difícil.

Impossível, na realidade, com as coisas do jeito que estavam, mas ela não contaria isso a ele.

— O seu sócio poderia sofrer um acidente.

Leesha gostou bastante da idéia.

— Ele poderia, mas eu não posso estar ligada a isso de maneira alguma. Além disso, teria de ser um acidente absolutamente... humm... permanente. Se entende o que quero dizer.

— Ah. — D'Orsay sorriu. — Você seria capaz de armar uma ocasião favorável, não?

— Talvez.

— E o que iria querer em troca?

Aquilo seria o bastante. Livrar-se de Warren Barber. Livrar-se de todo aquele negócio. Mas não seria apropriado para uma maga dizer aquilo.

— Oh, não sei. Dinheiro é bom. Ou talvez eu queira ser incluída também — acrescentou ela. Eles já deviam estar esperando por isso, é claro.

D'Orsay sorriu de novo.

— Muito bem, então. Acho que podemos chegar a um acordo.

— O que significava que eles esfaqueariam as costas um do outro assim que pudessem. — Mas me diga, como o seu chefe conseguiu o documento? Como um comprador ocasional de antigüidades e arte, sei que a proveniência de uma peça diz muito sobre a sua autenticidade.

Leesha revirou os olhos.

— Isso seria uma pista muito grande.

O sorriso de D'Orsay desapareceu.

— Não pode haver acordo entre nós sem um nome.

— E se ele descobrir que eu contei a você?

— Minha querida jovem, ele não vai descobrir por mim. Isso não seria do meu interesse. Não posso ir atrás do seu sócio se não sei quem ele é, não?

Leesha respirou fundo e resistiu à tentação de tocar na gargantilha de novo.

— É o Warren Barber.

D'Orsay arqueou as sobrancelhas, cético.

— Quem?

— Warren Barber — repetiu ela.

As sobrancelhas continuaram levantadas.

— E quem, se me permite perguntar, é esse?

"Acho que o velho Warren não pertence ao seu círculo social", pensou Leesha. "Nem ao meu." Ela estremeceu, depois transformou o movimento num dar de ombros.

— Ele era um dos alunos do Leicester no Porto Seguro. Chamado às vezes de Aranha.

— A... Aranha. — D'Orsay bateu no queixo com o elegante dedo indicador, parecendo divertir-se. — Está me dizendo que todo esse esquema foi organizado por adolescentes?

— Bem, sem querer ofender, mas os velhos não parecem estar se saindo muito bem.

— Talvez não. — D'Orsay inclinou a cabeça, condescendente.

— Mas nunca ouvi falar desse Barber.

— Ele faz muralhas Weir. Dizem que foi ele quem teceu o muro ao redor da pensão em Second Sister para impedir que as ordens escapassem antes que o Pacto fosse assinado.

Leesha não estivera lá, por sorte, mas ouvira tudo a respeito.

— Entendo. — Os olhos de D'Orsay brilharam. — Então ele deve ser aquele que fracassou, que deixou o McCauley, o Haley e a garota entrarem no salão.

Barber não havia mencionado aquilo. Certo...

— De qualquer forma, quando ele viu o que estava acontecendo, quando o McCauley apareceu e o Leicester foi morto, o Barber roubou o documento.

— Que... astucioso. — D'Orsay suspirou, como se estivesse lamentando a falsidade humana. — E então... Que tipo de documento satisfaria o jovem senhor Barber?

— Tenho algo comigo. — Leesha tirou uma pasta de seu portfólio. — Este documento atesta que, para os propósitos do Pacto, o meu sócio, nomeado a seguir, é o herdeiro do Gregory Leicester e assume todos os privilégios e direitos, blá, blá, blá.

— Ela passou a pasta para D'Orsay. — Uma vez que seja assinado e passe pelo devido processo, o... ahn... Pacto revisado estará disponível para a consagração na ravina diante da pedra Weir.

Naturalmente, os detalhes daquilo eram bastante vagos.

Uma expressão peculiar passou pelo rosto de D'Orsay. Seguida por um olhar calculista.

— Ah, sim. A pedra Weir.

— Algum problema?

— Bem, pode ser que haja. Tivemos um intruso na ravina algumas noites atrás. — D'Orsay deu um sorriso sem graça. — Ele atacou o meu filho, e creio que possa ter levado algo importante.

Leesha olhou de relance para o rosto ferido de Devereaux.

— O que o faz pensar isso?

— A pedra Weir perdeu o brilho. Na verdade, parece estar... apagada.

Leesha estremeceu, reagindo como qualquer mago racional ante uma ameaça à sua herança de magia.

— O que acha que isso significa?

— É difícil dizer o que significa em termos da consagração do Pacto. As Rosas e os rebeldes presumem que nós o temos. Talvez esse tenha sido o objetivo da invasão: tornar impossível para nós colocar o Pacto em vigor.

— Mas isso arruinaria tudo!

— Precisamente. Por isso, agora que os nossos interesses coincidem tão de perto, talvez possamos pedir ao senhor Barber que contribua para o sucesso dessa empreitada de uma forma concreta.

Ela não entendera nada que ele dissera depois da palavra precisamente.

— Como é que é?

— Como um ato de boa-fé, peço que você e o seu sócio tragam aqui o criminoso, vivo, junto com o que quer que ele tenha levado.

Oh, que maravilha. Ela sabia quem ia ficar com aquela missão.

— Como... como é que o Barber vai encontrar essa pessoa, quando nós nem sabemos com certeza se ele levou alguma coisa? — perguntou Leesha, irritada.

D'Orsay sorriu.

— Podemos ajudar nisso. Sabemos agora quem foi e temos alguma idéia do que está faltando.

— Por que a gente deveria sair caçando o seu ladrão?

D'Orsay balançou os papéis sob o nariz de Leesha.

— Assim que eu assinar isto, o Barber terá tanto interesse em ver o Pacto consagrado quanto eu. Mas estou um tanto quanto preso aqui. Se eu deixar a Ravina do Corvo, as Rosas cairão em cima de mim antes que eu consiga sair da Cúmbria. E, na minha ausência, elas poderiam assumir o controle da ravina. O que, mais uma vez, seria inconveniente, se quisermos ter acesso à pedra Weir. O Barber, por outro lado, pode seguir esse Jason Haley até os Estados Unidos e...

— Quem é Jason Haley? — interrompeu Leesha. — Nunca ouvi falar dele.

D'Orsay se levantou e foi até a escrivaninha, selecionando uma pasta de uma pilha. Retirou uma imagem colorida, voltou e entregou-a para Leesha.

— Dev não teve nenhum problema para identificá-lo a partir do nosso banco de dados de rebeldes e encenqueiros.

Para a surpresa de Leesha, Jason Haley parecia ser um rapaz da idade dela, vestindo jeans e blusão, com brilhantes olhos azuis e um sorriso sarcástico.

— Ele não deve representar nenhuma dificuldade para alguém como Barber. Pelo que descobrimos, é um agente secundário e um reles ladrão...

— Que conseguiu entrar aqui e roubar algo debaixo do seu nariz. D'Orsay assentiu com a cabeça.

— Verdade. E ele também é o rapaz que se juntou ao McCauley no ataque em Second Sister. Ele se alinhou com a ralé em Trinity.

— Ralé como o Leander Hastings e o Nicodemus Snowbeard? Deles eu ouvi falar. Prefiro não cruzar o caminho deles de novo. Oh, Deus, essa não. Os ex-sócios dela ainda estavam enterrados sob o estacionamento do Colégio de Trinity.

— Esse é o campo em que estamos jogando, minha querida. Leesha suspirou.

— Acha que ele foi para Trinity?

— Suspeito que sim.

Pessoas demais a conheciam em Trinity.

— O que foi que o Haley levou?

Deveraux abriu a boca para falar, mas D'Orsay o interrompeu.

— Acreditamos que seja uma pedra seja de algum tipo, pequena o bastante para caber nas suas mãos, com um centro flamejante. Inútil sozinha, acreditamos, mas, de alguma forma, aqui na ravina... — disse D'Orsay, dando de ombros.

"Aquilo não seria fácil de encontrar", mesmo em Trinity, pensou Leesha, desolada.

— Pois é isso — disse D'Orsay animadamente. — Mande o Barber atrás do Jason Haley. Talvez eles se matem um ao outro e você possa recuperar a pedra. Enquanto isso, mantenha-me

informado sobre o paradeiro do Barber, nós vamos procurar uma oportunidade para eliminá-lo. Estamos de acordo?

— Isso depende. Vai assinar o documento ou não? — perguntou Leesha, de mau humor. Estava cansada de ser escrava de todo mundo. — Tenho que levar alguma coisa de volta para o Barber. D'Orsay foi até a escrivaninha, retirou uma caneta da gaveta e assinou a papelada com um floreio, rabiscando um adendo nas margens. Entregou o documento a Leesha.

— Vou mandar o seu motorista vir buscá-la, então. Espero que tenhamos uma relação longa e próspera. Presumindo que você ou o Barber tragam Jason Haley e o Pacto, vamos nos ver mais vezes.

Depois que a garota saiu, Dev foi até a prateleira junto à lareira e pegou o livro que Haley havia deixado cair na neve. Era pesado; Dev teve de fazer força para erguê-lo. Sentou-se no degrau da lareira e começou a folhear as páginas. Os dois o haviam lido duas ou três vezes, debatendo a respeito de seu significado.

Dev começou a ler em voz alta, a cabeça loira ainda inclinada sobre o livro.

— Enterrarei a pedra do Coração do Dragão na montanha com todas as proteções que posso fornecer, na esperança de que o acaso a coloque sob a posse de alguém com o coração e o desejo de libertar todo o seu poder. Essa pessoa obterá controle sobre os dons ofertados. Essa pessoa reinará mais uma vez sobre as ordens. Ou as destruirá, como merecem.

Ele ergueu os olhos para D'Orsay.

— Então você acha que Haley levou o Coração do Dragão.

— Acho que sim, Dev.

D'Orsay sentia-se definitivamente traído. Se Haley encontrou aquela coisa chamada Coração do Dragão na ravina, onde a encontrou? E como a encontrou tão rápido? Aquelas eram as terras ancestrais de D'Orsay, afinal. Estavam na família desde...

bem... desde que a propriedade era chamada de Ravina do Dragão. Se havia artefatos mágicos no vale, eles pertenciam a ele e aos herdeiros dele.

Dev pôs o pesado livro de lado, levantou-se e andou de um lado para o outro, agitado.

— Eu devia ter prendido o invasor. Deixei ele escapar.

— Dev, ele é um perigoso bandido. Veja só o que ele fez com o seu rosto.

Era verdade. Jason Haley era pouco mais que um vagabundo de pouco poder com o talento da ilusão, mas ele, Hastings e McCauley já haviam derrotado uma conspiração que levava anos para ser planejada.

A cena em Second Sister passou novamente pela cabeça de D'Orsay, como o trailer em constante repetição de um filme ruim. Ele bloqueou as cenas, separou e avaliou os atores na tela.

Ele e Leicester haviam engendrado uma reunião de todas as ordens mágicas e do Conselho de Magos na ilha de Second Sister. Os magos escravos de Leicester haviam imobilizado a todos na sala. Eles haviam forçado as ordens e o Conselho a assinar o Pacto que nomeava Leicester e D'Orsay governantes das ordens. Até aí tudo transcorreria conforme o plano.

Haley e McCauley deviam estar escondidos na sala o tempo todo. O dragão falso de Haley aparecera de repente, um glamour de nove metros de altura que fascinara e distraíra todos os magos no salão enquanto McCauley abria fogo contra Leicester. Leicester atraíra McCauley para campo aberto. E então algo acontecera.

Uma garota aparecera do nada, uma garota com o nome peculiar de Madison Moss. Como ela fora parar em Second Sister, D'Orsay não fazia idéia. Quando Leicester atacara McCauley, a garota se colocara na frente dele e recebera o golpe. Leicester

caíra, e seus escravos magos haviam caído com ele. E Haley e McCauley o mataram.

Quem era aquela garota? Ela não era de nenhuma das grandes famílias, ou ele a teria reconhecido. Ele havia feito uma busca nas genealogias on-line, os agentes dele investigaram tudo. Até onde sabiam, ela não era ninguém.

Parando junto à lareira, D'Orsay apanhou o atizador com os emblemas das Rosas e enfiou-o entre as chamas. A lenha se desfez em cinzas, e faíscas esvoaçaram.

Devereaux falou, arrancando-o de seu devaneio.

— Não entendo por que está negociando com eles, pai.

Esse Barber parece um ladrão comum. E a gente não quer que ele pegue o Coração do Dragão.

— Há um ditado, Dev: é preciso um ladrão para capturar outro. Além disso, o que eu disse é verdade. Seria difícil para mim sair da ravina para ir atrás de Haley, e não quero envolver mais ninguém.

— Eu podia ir. Foi por minha culpa que o Haley escapou.

D'Orsay deu um tapinha afetuoso no ombro de Dev.

— Os meus inimigos ficariam igualmente felizes de capturar você. Daria a eles poder de barganha.

Dev fechou a cara e cerrou os punhos, uma postura que adotava com frequência desde a infância.

— Eu sei me proteger.

— Você é um prodígio, Devereaux, mas acho que é um pouco jovem demais para enfrentar as Rosas.

D'Orsay decidiu não mencionar Jason Haley, que já dera uma surra em Dev. Dev estava apenas começando a recuperar a autoconfiança.

— Essa garota, a tal Alicia Middleton, é bem bonita.

— Não vá se apaixonar por ela. Alicia Middleton é o tipo de garota capaz de devorar você vivo.

— Mas você está negociando com ela.

— Por enquanto, Dev. Por enquanto. Vamos torcer para que ela traia o Warren Barber e nos traga o Coração do Dragão. Suspeito que vai ser mais fácil lidar com ela do que com ele. D'Orsay sorriu e afagou o cabelo de Dev, que recuou, com a costumeira expressão carrancuda no rosto.

D'Orsay suspirou.

— Você precisa sair mais, Dev. Fazer amigos. Receio que isso seja minha culpa. Não quero que nada aconteça a você.

— Acha mesmo que o Haley é um ladrãozinho insignificante?

D'Orsay parou para pensar antes de responder.

— Não tenho certeza se o Haley é muito esperto ou muito sortudo. Ele se meteu no meu caminho vezes demais para ser medíocre. Se tivermos sorte, a jovem senhorita Middleton e o Barber vão dar um jeito nele. Ou ele vai se livrar deles, o que não seria de todo mau. Exceto que isso nos deixa sem o Pacto e sem uma pedra Weir que funcione.

— Você não sabe se tem mesmo algo de errado com ela. Quer dizer, só porque está escura, isso não...

— Você não sente?

D'Orsay crescera com a pedra, situada bem ali em suas terras ancestrais. Durante toda a sua vida, ela fora como um ímã que atraía os polos do seu coração. O chamado da pedra Weir representava o lar para ele e, naquele momento, o chamado era muito fraco.

Capítulo Cinco

Na Igreja

O som — um tamborilar leve e persistente, como se algo estivesse bicando o seu crânio — perturbou Madison. Em seguida veio a sensação de asfixia.

Ela abriu os olhos, estreitando-os para se proteger da forte luz da lâmpada. O volumoso livro Artes das civilizações orientais

estava aberto sobre seu peito, o que explicava por que não conseguia respirar. Adormecera estudando novamente.

Empurrou o livro pesado para o lado e se sentou. O relógio na mesa de cabeceira marcava duas horas e 48 minutos. A prova seria dali a menos de dez horas.

Escutou as batidas de novo. Afastando a colcha, deslizou para fora da cama vitoriana, os pés descalços ressoando no piso de madeira. Ela estremeceu de frio sob a camisola de algodão. A pensão Lendas era muito bonita, mas, como a maioria das construções vitorianas, não era bem protegida do frio, especialmente no segundo andar.

Ela foi até a porta, soltou a corrente e a abriu. E se viu numa emboscada.

Era Seph McCauley, a neve polvilhando-lhe a jaqueta e cintilando em seus cabelos, cheirando a ar fresco e magia. O coração dela disparou no peito, como se quisesse escapar.

— Oh.

— Oi, Maddie — disse ele suavemente, entrando e fechando a porta. — Me desculpe. Estava dormindo? — acrescentou, sorrindo e olhando-a de cima a baixo.

— Sabe que horas são? — resmungou ela, forçando os dedos pelos cabelos embaraçados. Fazia três dias que não o via (não que houvesse contado), e agora que ele aparecera, ela estava mal-humorada e com olheiras. — A Rachel vai esfolar você vivo se o encontrar aqui a esta hora.

— Ora, acho que ela não vai notar — disse ele, tocando o amuleto que lhe pendia do pescoço. — Você está tremendo.

Ele apanhou o xale dela do pé da cama e cobriu os ombros dela, puxando-a para si como se ela fosse um peixe numa rede. Quando estavam apenas a alguns centímetros um do outro, ela se libertou, embrulhando-se no xale para se proteger.

Ele desviou o olhar e enfiou as mãos nos bolsos, um leve suspiro revelando sua frustração. Não estava acostumado a ser

rejeitado. Ele não entendia — nunca entenderia, se ela pudesse evitar. A maioria dos garotos desistia após uma ou duas tentativas. Mas Seph era persistente, e ela não sabia por quanto tempo conseguiria mantê-lo à distância.

— O que está fazendo aqui? — indagou Madison, e sua própria frustração aliava sua língua. Não era tanto a hora da aparição dele que a surpreendia, mas o fato de que ele estava lá. Aquelas eram as horas preferidas de Seph. Ele era um garoto da cidade, que ficava mais animado à noite. — Quem está tomando conta da barreira?

— O Nick é o encarregado esta noite. Vá se vestir. Vamos sair.

— São três da manhã — protestou ela. — Tenho uma prova aman... hoje.

— Vai ser algo rápido. O Jason voltou.

Madison parou de mexer no cabelo e fitou Seph.

— Por que ele voltou? Pensei que tivesse se mandado de vez. Quer dizer, ele largou a escola e tudo...

— Ele trouxe algumas coisas da Grã-Bretanha para que sejam guardadas em segurança. Querem que nos encontremos com ele para darmos uma olhada. Por favor, venha.

Seph olhou-a nos olhos, como se procurasse sinais que lhe dessem esperança.

Madison hesitou. Sabia muito bem que ela não tinha utilidade alguma no que dizia respeito à magia. Mas aquilo parecia seguro o bastante, e era difícil dizer não a Seph, por motivos que não tinham nada a ver com magia. Além do mais, não podia deixar de se perguntar o que havia trazido Jason de volta.

— Está bem. Mas não posso ficar muito tempo.

Apanhando as roupas que estavam na cadeira ao lado da cama, ela as levou para o minúsculo banheiro e trancou a porta. Despindo a camisola, vestiu os jeans e em seguida uma blusa, meias grossas e as botas vermelhas. Era a armadura para a batalha pessoal que enfrentaria.

Quando saiu, o telefone tocou, alto e estridente na pensão silenciosa. Madison ignorou-o, vestindo o casaco e enrolando no pescoço um xale feito à mão.

— Não vai atender? — perguntou Seph, apontando para o telefone.

— Vai cair na secretária. É a mamãe. Ela é a única além de você que me telefona no meio da noite.

A secretária foi acionada.

— Você ligou para Maddie Moss. Deixe a sua mensagem.

Eles ouviram um bip e depois a voz da mãe, rouca devido aos cigarros.

— Filhinha, sei que você está aí. Preciso falar com você. É sobre a Grace e o John Robert. Atenda o telefone! — Houve uma longa pausa. — Muito bem. Vá para o inferno! — gritou ela, e bateu o telefone.

Madison enfiou o chapéu de abas na cabeça.

— Vamos.

— Por que não quer falar com ela? — indagou Seph, enquanto atravessavam o corredor escuro e desciam as escadas.

Madison pôs um dedo sobre os lábios.

— Psiu. Eu falo com ela. Só que não toda vez que ela liga.

Saíram pela porta da frente, atravessaram a varanda e foram na direção de Lakeside. Estava bem frio, apesar da proximidade do lago. A neve se esmigalhava sob os pés deles como cacos de vidro.

— O que ela quer? — perguntou Seph. — A sua mãe, quero dizer.

— Quer que eu volte pra casa e tome conta do meu irmão e da minha irmã. Ela precisa de uma babá e... adivinhe! Ela não consegue encontrar ninguém mais que trabalhe de graça e nas horas que ela quer, e que esteja disponível a qualquer hora.

Seph olhou para ela, incrédulo.

— Mas você está na escola. Ela sabe disso, certo?

Aquilo era tão distante da experiência de Seph que ele não poderia entender mesmo.

— Ela sabe disso, mas não se importa muito. Ela entenderia se eu estivesse estudando higiene dental ou computação. Mas eu poderia fazer isso na faculdade da minha cidade, onde eles dão cursos técnicos de dois anos. Na opinião dela, já sei pintar quadros bonitos. Eu sempre ganho o prêmio na feira do condado. — Madison deu de ombros. — Pode ser também que ela queira dinheiro.

— Mas você não ganha tanto assim — retrucou Seph, empregando o maior eufemismo do ano.

Segurando-a pelo cotovelo, ele a guiou para o sul, entrando na rua da igreja. Aos poucos, ela relaxou. Parecia que estava tudo bem. Ela não conseguia sentir o calor dele através das três camadas de lã.

— Mamãe sabe que estou morando com a Rachel de graça. O que ela não entende é que os meus livros custam 150 dólares cada um.

Madison queria mudar de assunto. Ela não era como Carlene, que estava sempre pronta a se mudar para Las Vegas ou Paris, ou entrar para um conjunto country, e que de algum modo acreditava em todas as histórias que contava. Madison não fingia ter um tipo diferente de família. Não podia fingir que as coisas algum dia dariam certo entre ela e Seph. Mas isso não significava que quisesse falar a respeito.

— Onde vamos nos encontrar com o Jason? — perguntou Madison, sabendo que nada estava aberto em Trinity, Ohio, às três da manhã numa terça-feira.

— Na Saint Catherine.

Madison tropeçou, e Seph a segurou habilmente pela cintura. Ela se soltou num instante, ao sentir o calor dos dedos de Seph através do casaco e a reação do poder maléfico que se instalara dentro dela.

— Vamos nos encontrar com ele numa igreja no meio da noite?
Quem escolheu esse lugar?

— O Jason. — Seph deu de ombros. — Não sei o motivo, mas acho que vamos descobrir.

Seph ia à missa na Igreja de St. Catherine regularmente. Ele usava uma cruz celta numa corrente ao redor do pescoço, junto com a dyrne sefa. A fé católica era a rocha sobre a qual ele se firmara ao longo de uma vida solitária.

"Eu gostaria de acreditar em alguma coisa", pensou Madison.
"Gostaria de me sentir em casa em algum lugar."

A igreja se erguia entre árvores altas num campus que incluía as escolas católicas, primária e secundária, além de um pequeno cemitério. Seph tinha as chaves da porta lateral da igreja.

O interior da igreja estava frio e escuro, iluminado apenas por candeeiros junto às paredes. A luz que normalmente entrava pelas grandes janelas não surgiria por horas ainda. Madison estremeceu quando algo se moveu nas sombras junto ao altar. Duas figuras altas se materializaram e vieram na direção deles. Jack e Ellen.

— O Jason já chegou? — indagou Seph.

Eles balançaram a cabeça.

— Espero que ele chegue logo — disse Ellen.

Ellen bocejou e se sentou em um dos bancos, levantando os joelhos e aninhando a cabeça nos braços. Diferentemente da maioria das garotas na idade dela, Ellen sempre parecia totalmente à vontade com o próprio corpo. Madison fitou as próprias mãos traidoras.

Uma réstia de luz se projetou na nave quando a porta lateral se abriu e fechou. Uma onda de poder passou por Madison antes que o intruso falasse.

— Amigo ou inimigo? — sussurrou alguém. — Weir ou Anaweir?

Era Jason.

Ele avançou para a luz, vestindo apenas uma jaqueta de couro para se proteger do frio intenso. Carregava uma bolsa de viagem, mais uma mochila pendurada num ombro e uma sacola de golfe no outro. Ele sorria, aquele sorriso que sempre tinha algo de cortante, como se ele não confiasse no mundo ou em si mesmo.

O poder jorrava dele como de uma fonte, com uma intensidade que Madison jamais vira em Jason, contrastando com a aparência exausta e desalinhada devido à viagem. Havia círculos negros sob os olhos azuis, e o rosto estava coberto por um início irregular de barba.

— Como estão as coisas na Inglaterra? — perguntou Jack. — Visitou alguns dos nossos amigos da Ravina do Corvo?

A cabeça de Jason se ergueu de súbito, mas ele se acalmou e abriu um meio sorriso.

— Que nada. Quem sabe da próxima vez.

— Como está o meu pai? — perguntou Seph.

— O seu velho está bem — respondeu Jason, mexendo na fivela da mochila. — Encontrei com ele em Londres dois dias atrás.

— O que tem na bolsa? — perguntou Jack, olhando com curiosidade para a sacola de golfe.

— Você deixou todos nós intrigados — disse Madison com voz arrastada.

— A mim mais do que a todos. — Nick Snowbeard apareceu detrás do altar, apoiando-se pesadamente na bengala. — O que deveria ser óbvio, pelo simples fato de que estou aqui. Os velhos não estão acostumados a perambular por aí no meio da noite.

Madison observou Nick, surpresa. Seph havia dito que era Snowbeard que estava mantendo a barreira, entretanto o velho mago era ainda capaz de funcionar. Seph ficava sempre visivelmente perturbado, quase sem forças, quando estava cumprindo aquela função.

Jason depositou a sacola de golfe no chão e ajoelhou-se junto dela.

— Primeiro, um presente para a Ellen.

Ele abriu o zíper da sacola e tirou uma espada numa bainha, apresentando-a a ela com ambas as mãos, reverentemente, como um cortesão à sua rainha.

Ellen pestanejou, sem fala, como se ninguém jamais lhe houvesse dado um presente. Então ela tomou a espada de Jason e sacou-a lentamente da bainha. A lâmina iluminou toda a nave da igreja com uma luz azul. A parte que mais resplandecia era a cruz no punho.

— Talvez não dê para saber o que ela pode fazer dentro de uma igreja, mas...

Jason silenciou ao ver Ellen se mover, assumindo posições de luta com uma expressão feroz e concentrada. A lâmina zumbia ao cortar o ar, e as velas no altar derretiam e ardiam mais altas do que antes. Jack ficou olhando, equilibrando-se de leve nas pontas dos pés, o corpo inclinado para a frente, os olhos seguindo o arco da espada como uma criança no playground, ansiosa para se juntar à brincadeira.

Enfim, Ellen completou a seqüência, as faces coradas, os olhos brilhantes. Ela sorriu, deixando que a ponta da espada se virasse para o chão. Depois olhou para o círculo de rostos em torno, fixando-se no de Jason.

— Cara, é sério? A espada é pra mim? — perguntou ela, como se não conseguisse acreditar. — Isto é tão... legal — completou ela, sem saber o que dizer.

— Posso ver a espada, minha querida?

Nick estendeu a mão enrugada. Com relutância, Ellen entregou-lhe a espada. Nick virou-a nas mãos, estudando a guarda, a lâmina de metal em camadas, a cruz que enfeitava o punho. O velho mago piscou lentamente, como uma coruja pega de surpresa.

— *Onde conseguiu isto?* — indagou ele a Jason, com um tom áspero na voz que não lhe era habitual.

— Na Ravina do Corvo. Numa caverna na Cabeça do Corvo, sob o Dente do Dragão. Você sabe, a pedra Weir.

Nick franziu o cenho.

— Numa caverna sob a pedra Weir? Conheço bem o lugar, e não existe nenhuma caverna lá hoje em dia.

— Ela se abriu durante um terremoto — explicou Jason. — Acho que o D'Orsay e os outros também não sabem que ela está lá.

— É bem provável. — Nick encarou-o por um momento, com um olhar penetrante. — A caverna está aberta, não está?

— Bem, talvez não. Ela meio que desmoronou quando eu saí.

Nick tomou fôlego, como se quisesse fazer mais perguntas, mas em vez disso se virou para Ellen.

— A sua arma disse a você o nome dela?

Ela assentiu com a cabeça.

— Abridora de Caminhos — sussurrou ela, olhando feio para os outros em volta, como se eles pudessem contestar.

— Ah. Como pensei — o velho assentiu. — Abridora de Caminhos, lavrada por feiticeiros na Ravina do Dragão sob o comando do dragão Aidan Ladhra. Uma das sete grandes lâminas. — Snowbeard fechou os olhos por um longo instante, então suspirou e abriu-os, passando a espada de volta para Ellen.

— E apropriado que a Abridora de Caminhos lute ao lado da Sombra Assassina nas mãos dos últimos herdeiros da ordem dos Guerreiros.

— Talvez não sejamos os últimos. — Jack parecia não gostar da idéia de ser o último de uma espécie em extinção. — Podem existir outros dos quais não sabemos.

— Se há — disse Ellen, amarrando a bainha e ajustando-a em torno da cintura —, eles que encontrem as suas próprias espadas.

— Esperem até ver o resto — disse Jason, depositando a mochila no banco da frente e abrindo o zíper. Ele derramou o conteúdo no assento de madeira desgastada e recuou, deixando que os outros se aproximassem. Apenas Ellen ficou de lado, acariciando o punho da Abridora de Caminhos, com uma expressão distante no rosto.

Madison passou as mãos pelas jóias. Sempre amara coisas brilhantes. Havia peças medievais de ouro e prata, com pedras preciosas e semipreciosas: broches, colares, braceletes e enfeites de cabelo. Estava louca para desenhar os modelos. Ajeitou os cabelos dentro de uma rede de ouro, pôs uma tiara incrustada de jóias na cabeça, enfiou três anéis em cada mão e admirou o resultado.

— Sempre quis ser uma rainha — disse ela, sonhadora. As rainhas nunca tinham de se preocupar em ter dinheiro para as mensalidades da escola e os livros.

Os olhos dela ficavam se desviando para a mochila que Jason deixara sobre um dos bancos. Algo cintilava no fundo da mente de Madison, uma luz na escuridão, como um quadro que ela ainda não houvesse pintado.

Seph reunira uma pilha de objetos à sua frente. Alguns eram pedras pretas opacas, absolutamente sem graça, outros eram trabalhados em metais preciosos, gravados com desenhos misteriosos. Alguns estavam presos a correntes ou engastados em jóias. Ele os separou com os longos dedos, virando-os sob a luz para ler as inscrições, murmurando palavras mágicas.

Jack experimentou um par de luvas de armadura em metal prateado muito leve, estendendo os braços para examinar o efeito.

— E tudo isso veio da mesma caverna, presumo? — disse Snowbeard.

Jason assentiu.

— Isso não é nem metade do que estava lá, mas tentei pegar o melhor, até onde pude escolher. Hastings me disse pra trazer essas coisas todas aqui e esconder, e não deixar ninguém saber que estão aqui. Foi por isso que voltei — disse ele, quase num murmúrio ao chegar à última parte, como se não quisesse dizê-la em voz alta.

Madison sentou-se no banco junto à mochila. Esta brilhava, pulsando com a magia, e Madison percebeu que o poder que parecera emanar de Jason na verdade vinha de dentro dela. Antes que soubesse o que estava fazendo, ela a colocou no colo, aninhando-a nos braços.

— Ei! — Jason arrancou a mochila das mãos dela. — Cuidado. Madison ficou envergonhada. Não era normalmente uma pessoa ambiciosa.

— De-desculpa. Mas, sabe o que é? Ainda tem alguma coisa aí dentro — disse ela. — Parece... sei lá... *importante*.

De repente, foi como se todos na igreja houvessem parado de falar e se voltado para eles.

— Tem mais alguma coisa ou não, Jason? — indagou Nick em meio ao silêncio.

O rosto de Jason endureceu e os olhos se estreitaram, como se fosse se recusar a responder. Ele olhou de Nick para Madison, depois suspirou e remexeu no bolso da frente da mochila. Tirou uma bolsa de veludo coberta de símbolos em fios mais escuros.

— É um tipo de *sefa* — disse ele, dando de ombros. — Eu... ah... escolhi esta para mim.

Ele a passou para Nick. O velho segurou a bolsa nas duas mãos, como se pudesse discernir-lhe a essência apenas pelo toque.

— Isto é muito antigo — disse ele, pensativo. — E, no entanto, de alguma maneira é também novo. Familiar, mas estranho. Tem um potencial de poder que é impressionante, mas que não se manifestou ainda completamente. Algo que nunca encontrei antes.

Ele abriu a bolsa e tirou uma grande pedra levemente ovóide. Todos se agruparam em torno, como planetas ao redor de um novo sol.

— *Mère de Dieu* — murmurou Seph. Ele sempre voltava a falar francês quando dominado pela emoção. — O que é isso?

— Acho que se chama Coração do Dragão — respondeu Jason, com os olhos na pedra, e então fechou a boca, como se houvesse falado demais.

Nick ergueu a cabeça.

— Coração do Dragão? Mesmo? Por que acha isso?

— Havia um livro na caverna. Eu li um pouco dele. Falava de uma pedra assim. Chamada Coração do Dragão.

— Você está com o livro? — perguntou Nick, os olhos negros brilhando de interesse.

Jason balançou a cabeça.

— Não, eu... ah... perdi quando estava saindo de lá.

— O que mais dizia sobre a pedra? — perguntou Nick, em tom bem mais enfático.

— Não me lembro exatamente — disse Jason, mal-humorado. — Algo sobre tomar o controle das ordens mágicas ou destruí-las. Como se fosse uma arma ou algo assim. Eu estava meio com pressa.

— É uma pena. — Nick esfregou a superfície da pedra com um dedo enrugado. — Mesmo aqui na igreja dá para sentir. — O brilho da pedra iluminava o rosto do mago, acentuando as linhas da idade de forma que ele se parecia com o mais velho dos profetas. — A Madison tem razão. Isto é importante.

— Não sei se é *importante* — disse Jason, evidentemente receando que seu achado lhe fosse confiscado. — Mas achei que parecia legal. — Mostrou a todos um suporte de metal de aparência perigosa, cheio de arestas afiadas e monstros sinuosos. — Isto veio junto.

Madison estava fascinada pela pedra nas mãos de Nick. Fortes lampejos de azul e verde emergiram quando ele a girou, como as escamas de um peixe de cores brilhantes vindo à tona num exótico mar tropical.

Não que ela houvesse algum dia visto um exótico mar tropical. Era mais do que a sua costumeira fascinação por objetos brilhantes. Ela estava sempre consciente da presença do poder — era atraída por ele, na verdade —, mas aquela pedra assaltava-lhe os sentidos e berrava-lhe nos ouvidos, sendo impossível ignorar.

Tomada por uma onda de desejo, Madison estendeu um dedo em direção à pedra. A pedra se acendeu, iluminando a igreja inteira, e uma pequena língua de chamas irrompeu do centro para lambe a superfície, como se procurasse uma conexão. Ela recolheu a mão sem fazer contato e recuou um passo, agarrando a lateral de um banco para se firmar.

Não. Chega. Ela não queria mais nada com aquilo. Tomou fôlego, trêmula, ergueu os olhos e viu Jason observando-a.

— Você está bem? — perguntou ele, pousando uma mão possessiva sobre a pedra.

Madison assentiu em silêncio.

— Eu gostaria de estudar esses objetos — disse Nick, franzindo a testa. — Ajudaria se Mercedes Foster pudesse dar uma olhada neles também, já que são, em sua maioria, trabalhos de feiticeiros. Se bem que, quanto mais pessoas souberem disso, mais difícil vai ser guardar o segredo.

Jason concordou com um gesto de cabeça.

— Hastings me disse pra esconder essas coisas em algum lugar seguro. Por isso eu pensei na igreja, porque, como vocês sabem, as igrejas anulam a magia. Talvez essas coisas não sejam tão óbvias para quem esteja procurando por elas. O Seph está sempre aqui e tem uma chave, então ele pode entrar e sair fácil, fácil.

— Por quê? Tem alguém atrás de você? — indagou Madison, tentando livrar-se da influência da pedra. — Alguém sabe sobre isso?

Jason desviou o olhar do dela.

— Até onde eu sei, escapei sem deixar pistas.

Alguma coisa dizia a Madison que ele estava mentindo.

— Mas aqui há pessoas o tempo todo — objetou Ellen. — E se a gente precisar pegar... pegar essas coisas e estiver no meio de uma missa? Além disso, onde a gente vai esconder tudo isso? Não dá pra simplesmente jogar embaixo de um banco.

— Tem a capela funerária — sugeriu Seph. — As pessoas não vão lá a não ser que haja um funeral, e mesmo assim não vão muitos, já que é minúscula. Fica lá embaixo, junto à cripta. E tem uma entrada secreta.

— Tem gente morta nesta igreja?

Madison estremeceu. Preferia que corpos fossem enterrados no cemitério da igreja, para que os espíritos pudessem andar livres, se quisessem.

Seph assentiu.

— A igreja foi construída pelos presbiterianos, mas foi tomada pelos católicos europeus há mais de 150 anos. Eles gostavam de ser enterrados protegidos dos elementos, acho. Venham. Tragam as coisas. Eu mostro a capela pra vocês.

Seph guiou-os por uma porta na frente da igreja e desceu um lance estreito e mal iluminado de escadas.

A cripta ficava em um dos lados da escada, a capela no outro. A capela era grande o bastante apenas para uma família se reunir com privacidade. Num dos lados, havia uma pedra fixada a uma parede, gravada com o nome e as datas de nascimento e morte de um certo JAMES MCALISTER 1795 A 1860.

— Parece um estranho lugar de descanso para um presbiteriano, mas McAlister era também um dos líderes abolicionistas da região — disse Seph. — Vejam.

Ele empurrou a pedra, e ela girou silenciosamente numa dobradiça invisível, revelando uma abertura irregular da largura dos ombros de uma pessoa. O ar sibilava por ela, trazendo com ele o cheiro de água e pedra.

— Isto era uma estação na ferrovia subterrânea, a rede de rotas clandestinas usadas para a fuga de escravos africanos no século XIX. Há um túnel que corre até o lago. Os escravos fugidos se escondiam no porão da igreja, depois encontravam barcos na costa e atravessavam até o Canadá. Nada divertido engatinhar por aqui, agora. Se é que já foi um dia.

A cripta abrigava várias salas com túmulos, a maioria deles ocupados havia mais de um século. Jack andou pela fileira, lendo os nomes nos túmulos metodicamente até encontrar aquele que estava procurando.

— É este aqui — murmurou ele, apontando para a inscrição. — Perfeito.

Madison aproximou-se e leu: Doutor J. THOMAS SWIFT. Não havia datas.

— Quem é esse? — perguntou ela.

— Esse é o meu pai — respondeu Jack. — Ou melhor, vai ser. Esta era a igreja que ele freqüentava. No Natal e na Páscoa, pelo menos. Ele comprou este lote quando morava em Trinity. Antes do divórcio.

Madison olhou para ele, incerta.

— Você está dizendo que está vazio?

— Sim. Quer dizer, ele ainda está vivo, certo? A menos que vocês achem que é óbvio demais porque somos parentes, a gente pode guardar as coisas aqui.

— E a gente pode pegar de volta quando bem entender, sem passar pela igreja principal — acrescentou Seph. — As pessoas nunca vêm aqui embaixo. A maioria dos que estão enterrados aqui morreu uns cem anos atrás.

— Vou guardar o Coração do Dragão comigo — sugeriu Jason.
— A casa do Seph está totalmente protegida, por isso deve ser seguro.

"Ele quer a pedra", pensou Madison com ciúmes, reconhecendo a mesma estranha cobiça nela mesma. Será que aquilo era como aqueles objetos mágicos das histórias, pelos quais as pessoas lutavam e morriam?

— *Todos* os itens vão ficar mais seguros aqui, na igreja, com as proteções adequadas — disse Nick, franzindo o cenho para Jason. — Mais difícil de achar e mais fácil para todos nós examinarmos. Quando soubermos mais, podemos tomar uma decisão sobre o seu destino final.

Jason não quis insistir, embora Madison notasse que os olhos dele se voltaram para o Coração do Dragão quando eles abriram o túmulo e esconderam as jóias e artefatos lá dentro. Jason, Seph e Snowbeard combinaram que se encontrariam com frequência para examinar os talismãs e amuletos no túmulo e fazer experiências com eles. Pareciam quase embriagados de otimismo, certos de que o tesouro de Jason lhes ofereceria uma vantagem na guerra que todos pareciam julgar inevitável.

Madison estava menos entusiasmada. O Coração do Dragão ainda cintilava tentadoramente num canto de sua mente — mais uma coisa que teria de tentar ignorar. A presença daquele tesouro em Trinity não fazia com que se sentisse mais segura. Na verdade, sentia que Trinity havia se tornado um alvo que seria notado, mais cedo ou mais tarde, por aqueles que destruiriam tudo o que ela amava.

Capítulo Seis

Passagens

“Certo”, pensou Jason. Jack é o centro das atenções na cidade. Estou feliz que não seja eu.

O pai de Jack, Thomas Swift, havia retornado a Trinity no final de janeiro e estava determinado a se exibir para o pessoal da cidade dando a festa do ano.

O que diziam nas ruas era que papai havia contratado um organizador de festas, que vinha trabalhando no evento havia meses. Era como uma festa de debutante para Jack, se houvesse esse tipo de festa para rapazes. Thomas havia trazido um pequeno grupo de sócios de negócios, socialites e estudantes de Boston, para que Jack pudesse "estabelecer contatos", dissera ele.

A lista de convidados locais no início também era bastante exclusiva, mas Jack liberou o acesso para todos ao distribuir convites na escola. Na verdade, ele havia implorado a todos os amigos para que fossem, para que ele não ficasse sozinho em meio a uma multidão de adultos e advogados da Costa Leste.

O Clube Lakeside era realmente chique — um enorme palácio vitoriano com um salão de festas junto ao lago. Minúsculas luzes enfeitavam a doca e o belvedere, cintilando na neve e piscando nas árvores desfolhadas pelo inverno. Havia grandes guirlandas sobre as lareiras e folhagens em todas as mesas.

Teria sido mais agradável no verão, quando a festa poderia se estender para o terraço junto ao lago e eles poderiam ser um pouco menos exigentes em relação aos trajes.

Até Hastings havia voltado da Grã-Bretanha para a festa. Diversas vezes, no transcorrer da noite, Jason avistou o mago passeando pela sala com a deslumbrante Linda Downey ao seu lado. Jason tivera esperanças de puxá-lo de lado para pedir-lhe notícias da Grã-Bretanha, mas o mago e a encantadora eram sempre o centro de uma multidão.

Jason ficou com pena de Jack. Thomas se movia pelo salão como um vendedor de seguro de vida num funeral, rebocando consigo o filho relutante. Jack era mais alto do que todos os executivos, e seu terno tivera de ser feito sob medida, já que

nada que viesse de uma loja de confecção servia nele. O cabelo estava amarrado atrás, comportado, pois ele se recusara a cortá-lo para a ocasião.

O lugar estava lotado, é claro — Jack era o garoto mais popular da cidade. E a comida era incrível — camarão e tortinhas de caranguejo, torres de frutas e bandejas de sobremesas.

Jason enfiou os dedos no colarinho, afrouxando a gravata que Linda o havia forçado a usar. Ele supunha que o espetáculo valia o esforço de pôr um paletó — temporariamente, pelo menos.

Perambulou até o bar, pensando que talvez este não estivesse sendo vigiado, e encontrou Becka Downey e Thomas Swift, os pais de Jack, frente a frente, discutindo.

Uma batalha de advogados. Jason se retirou para as sombras, mas ainda conseguia ouvir tudo.

— Devo dizer que estou preocupado com o Jack — disse Thomas.

— É mesmo? Você mal falou com ele desde o Natal.

— Bom, eu supus que você estivesse cuidando das coisas. Com as notas que tem, ele não deveria ter nenhum problema para entrar numa faculdade da Ivy League. Eu me ofereci para mexer alguns pauzinhos, se fosse necessário. E, no entanto, ele está seriamente pensando em ir para a faculdade de Trinity?

— A Trinity é uma das melhores faculdades de ciências humanas no país. E ele pode freqüentar de graça.

Thomas agitou a mão, descartando o *de graça*.

— Eu disse que financiaria a educação dele. Talvez a faculdade em que ele se forme não importe. Mas, francamente, ele parece não ter idéia do que quer fazer. Como você sabe, ele precisa pegar firme desde o início, senão ele nunca vai conseguir entrar numa boa escola de direito para obter a especialização após a faculdade.

Becka levantou o queixo.

— Ele disse a você que quer estudar direito?

Thomas ignorou a pergunta.

— Eu consegui um emprego de verão para ele em uma firma em Boston, mas ele diz que prefere ficar por aqui.

Trabalhar nas docas pode ser uma boa quando se está no colégio. Agora é hora de ele pensar no futuro. Ele parece até um fisiculturista, pelo amor de Deus!

"Pelo menos ninguém está brigando pelo *meu* futuro", pensou Jason. Ele voltou para o salão principal, que estava cheio de familiares e amigos de Jack, pessoas que Jason não conhecia. Ele não nascera e crescera em Trinity. Embora estivesse (relutantemente) de volta à escola, preferia a companhia de Seph, Jack, Ellen e Madison. Com outros ele se sentia um completo estranho.

Conhecera algumas garotas, no entanto. Talvez pudesse fazer planos para mais tarde. Ele passou pela mesa do bufê e encheu um pratinho com doces.

— Esse frio é simplesmente inacreditável — disse alguém atrás dele.

Ele se virou. Era uma garota, pequena e bonita, com lábios cheios e vermelhos e cachos escuros derramando-se pelas costas. Ela se comportava como uma garota rica. Ou como uma maga. Ou ambas. Ele não se lembrava de tê-la visto antes.

Ele a estudou com interesse.

— Costuma ser frio aqui no inverno. É o que ouvi dizer.

— Ora, é óbvio. Como eu poderia esquecer?

Ela tremia, apesar do suéter de gola alta que vestia. Jason não era especialista em moda, mas parecia uma estranha escolha para uma festa tão luxuosa.

— Eu fui aluna do Colégio de Trinity por uns tempos — disse a garota. — Mas não me lembro de você.

Jason se recostou contra a parede.

— Faz menos de um ano que estou aqui.

— Meu nome é Alicia Middleton — disse ela, estendendo a mão. — Leesha.

— Jason Haley.

Jason tomou-lhe a mão, sentindo o poder no aperto. Uma maga, e bastante poderosa, em comparação com ele. Como todos os outros.

Houve uma pausa embaraçosa enquanto Leesha sem dúvida fazia suas próprias comparações, e então Jason disse:

— Quer dizer que conhece o Jack da escola?

— Na verdade, fui namorada dele.

— É mesmo? — "Hum", pensou Jason. "Jack namorou uma maga? Deve ter sido antes da Ellen. Ninguém com um mínimo de bom-senso tentaria se meter entre aqueles dois." — Aí você se mudou ou o quê?

— A gente terminou — replicou ela, respondendo à pergunta não feita. — Aí eu me mudei.

— Certo — disse Jason. — Que legal que ainda sejam amigos. Quero dizer, que o Jack tenha convidado você e tudo.

— Oh, ele não me convidou, na verdade — disse Leesha. — Eu acabei de voltar para a cidade, e vi que a festa era aberta, por isso eu vim. Imaginei que ia encontrar um monte de gente que conheço. — Ela fez uma pausa, depois foi em frente. — Mas acho que as pessoas com quem eu costumava andar não estão aqui.

— Isso sempre acontece — disse Jason.

Ela abriu a boca para dizer mais, mas naquele momento seus olhos se fixaram em algo atrás dele. Ela ficou pálida como cera, os olhos arregalados, e deu um passo para trás, uma mão na garganta.

— Leesha! *Que diabos* você está fazendo aqui?

Jason se virou. Jack Swift aproximava-se deles como uma tempestade sobre o lago. Ellen, Will e Fitch vinham logo atrás.

— O-oi, Jack. — Leesha continuou a recuar até trombar com a parede. — Como vai? Quer dizer, tenha calma, está bem? Eu só queria dizer feliz aniversário.— A voz dela se elevou até um tipo de guincho assustado quando Jack chegou perto demais.

— Ora, por que será que eu não acredito em você? — disse Jack.

— Você tem muita coragem.

— A garota deve estar a fim de um outro banho de calda quente de chocolate — disse Ellen, também avançando sobre Leesha.

— Ei — disse Jason, colocando-se na frente de Leesha.

— Calma aí.

Jack olhou feio para Jason, como se este houvesse perdido a cabeça.

— Acho que vocês dois não foram devidamente apresentados — rosnou ele.

— Esta é Alicia Middleton, mercadora e maga traidora

— interveio Ellen. — Ela costumava freqüentar a escola aqui, até que ela e alguns mercadores seqüestraram o Jack, para vendê-lo pelo melhor preço. Para que os magos pudessem jogar com ele num torneio.

— Aí ela raptou a mim e ao Fitch numa estação de trem em Carlisle para que a doutora Longbranch pudesse nos usar como refêns para obrigar o Jack a lutar — acrescentou Will, a testa franzida sombreando-lhe o rosto normalmente amistoso.

— A única coisa legal que ela já fez foi terminar com o Jack — disse Fitch. — Aquilo foi genial mesmo.

Leesha olhou para as carrancas em torno, repuxando a gola do suéter como se estivesse sufocando.

— Todos nós já fizemos coisas que gostaríamos de esquecer. Por exemplo, a Ellen veio pra Trinity para *matar* o Jack.

— Só que eu não tinha nenhuma *escolha* — resmungou Ellen.

Leesha estava realmente encarando um público hostil.

— Olha, sei que tomei umas decisões ruins.

Ellen revirou os olhos e imitou Leesha, afofando o cabelo e murmurando: — *Eu sei que tomei umas decisões ruins.*

— Então por que está aqui?

Leesha hesitou, mordendo o lábio.

— Bem, as duas Casas de Magos estão furiosas comigo agora. Vir para o santuário me pareceu uma boa idéia.

— Bem, talvez você devesse ter pensado nisso antes de fazer tantos inimigos — disse Jack, não demonstrando nenhuma simpatia.

— Achei que a gente podia, sabe como é, ajudar um ao outro — insistiu Leesha. — Eu sei algumas coisas sobre as Rosas e o D'Orsay...

— Como se a gente pudesse confiar em você — resmungou Ellen. — Como é que a gente vai saber que não está aqui pra espionar? Que nem da outra vez?

"Céus", pensou Jason. "Dê uma folga pra garota."

— Venha — disse ele a Leesha. — Vamos buscar o seu casaco e eu acompanho você até lá fora.

Segurando-lhe o cotovelo, ele a guiou até a porta, sentindo o olhar irritado de Jack às suas costas.

Leesha entregou o bilhete de estacionamento para o manobrista e eles se abrigaram na entrada contra o brutal vento noroeste. Junto à costa, o lago estava coberto de gelo. Mais adiante, o vento criara uma grande onda. Jason usou uma boa parcela de poder para reduzir um pouco o frio.

— Eles não pareceram felizes em me ver — disse Leesha.

Jason deu uma risada sarcástica.

— O que você esperava?

— É só cometer alguns *errinhos*... — disse Leesha, fazendo beijo. — Esse é o problema de cidades pequenas: eles nunca esquecem *nada*.

Jason riu. A garota tinha atitude, ele precisava admitir.

— Você está morando com a sua família, ou o quê? — perguntou ele.

— Com a minha tia-avó — disse ela. — Ela é meio surda e três quartos cega. Foi assim que acabei aqui da outra vez. Os meus pais são magos, mas são do tipo que estão sempre se mudando, sabe? E muito ocupados. — A voz dela foi ficando cada vez mais fraca. — Então, sempre que eles estão ocupados, ou que me meto em encrenca, tenho de vir morar com a minha tia Millisandra. É tipo o pior castigo que conseguem imaginar: me mandar vir morar no Meio-Oeste.

— E é mesmo?

Ela estremeceu.

— Tem coisas piores. Eu não fui expulsa da escola desta vez. A Jessamine Longbranch... você conhece? A mestra de guerreiros da Rosa Branca? Foi ela quem planejou inscrever o Jack no jogo. Aquele lance com o Jack no colégio... a Longbranch tinha me recrutado pra espionar o Jack, mas eu meio que agi sozinha. Por isso ela guarda muito rancor pelo que fiz. Ela levou algum tempo, porque precisou tratar de outros assuntos, mas um dia, quando voltei para casa, encontrei dois assassinos me esperando no saguão.

Leesha fitou tristemente o lago congelado.

— E o que aconteceu? — perguntou Jason, tentando incentivá-la quando finalmente percebeu que ela não havia terminado a história.

— Bem, eles estão... você sabe... *mortos*, é claro — disse ela, dando de ombros.

"Ceeeerto", pensou Jason, estudando-a com novo respeito e considerável apreensão.

— Mas pode acontecer de novo, e eu não queria ter de ficar olhando para todos os lados o tempo todo. Por isso vim pra cá.

— Quanto tempo vai ficar?

— Enquanto eu agüentar, acho. A cidade mudou mesmo. E como uma fortaleza. Como é que o santuário funciona, afinal? Tem mesmo algum tipo de regra contra a magia de ataque?

— Mais do que uma *regra* — disse Jason, imaginando que Leesha não era do tipo que seguia regras. — E aplicada por meio de magia. Maldições, magia de ataque, pragas, *sejas* de magia negra... qualquer coisa mais forte do que persuasão não funciona aqui.

Leesha fitou-o com descrença.

— Sério?

— Sério.

Ela sorriu, pressionando os dedos dentro do colarinho.

— Legal. — Ela se aproximou e fitou-o com olhos arregalados.

— Quem controla tudo isso, afinal? Digo, deve ser alguém com bastante talento.

Ele recuou um passo, lembrando-se de com quem estava falando.

— Deve ser. Olha, acho que esse é o seu carro.

Era só um palpite. O manobrista chegara com um Audi TT. Jason fez menção de se virar.

Ela segurou-lhe o braço, enviando uma corrente de persuasão para cima até o ombro.

— Preciso mesmo ficar aqui. — Ela olhou bem dentro dos olhos dele, estudando-o. — Sei que fiz algumas coisas ruins no passado, mas as pessoas mudam.

— Não é a mim que você precisa convencer — disse Jason. — Talvez você deva começar com o Jack.

Ela franziu o nariz.

— O Jack está zangado comigo desde que rompi com ele. E depois de todo aquele lance com os mercadores, não acho que isso vá mudar.

— Então fale com Hastings.

Ela estremeceu.

— Ele é assustador demais, entende?

Ele entendia. Hastings dava a impressão de que conseguia enxergar através das pessoas. O que poderia ser bom, no que se referia a Leesha.

Jason supunha que ela não ficaria no santuário por muito tempo se Hastings não a quisesse ali. Mas será que ele faria mesmo com que ela sáísse? Especialmente agora que ela não podia usar magia de ataque?

Mesmo assim, a persuasão nas mãos dela poderia ser uma arma forte o bastante, pensou ele.

A mão de Leesha ainda estava no braço dele.

— Talvez você pudesse falar com ele em meu nome?

Ela ergueu os olhos para fitá-lo. Os olhos dela eram de um tom cinza e violeta, como fumaça no horizonte.

Jason tinha seus próprios pedidos a fazer. Desvencilhou- -se do braço dela.

— Sinto muito. Não posso ajudar. Na verdade, não tenho muita influência sobre ele.

Jason recuou como um cortesão diante de uma rainha, depois se virou e foi para dentro.

Ele se voltou para trás e viu Leesha ainda junto ao carro, os cabelos como uma nuvem ao redor da cabeça, parecendo pequena, vulnerável e bastante solitária.

Capítulo Sete

Mudança de Planos

Lá pelas dez da noite, o grupo de Boston havia partido ou se retirado para um bar. Um DJ havia se instalado no salão de festa, e a música pulsava sobre o lago. Jack e seus amigos se reuniram numa sala de estar com janelas, adjacente ao salão. Um fogo crepitava na grande lareira, e eles se serviam do

chocolate quente de grandes poncheiras de prata. Os paletós e gravatas foram descartados assim que os adultos foram embora. Os Weirs estavam bem representados: Jack Swift, Ellen Stephenson, Seph McCauley e Jason Haley. Mais Will Childers e Harmon Fitch, que eram como membros honorários das ordens. E Madison, que era algo completamente diferente.

Ela se lembrou do aviso de Min, tantos anos atrás. *Cuidado com as ordens mágicas. Prometa que vai ficar longe delas. Jure.*

Maddie havia jurado e, ainda assim, lá estava ela. "Não posso evitar, vovó", pensou ela. "Você entenderia se estivesse aqui." Ela estava comprimida contra Seph num elegante sofá para dois, o quadril dele pressionando o seu, o leve murmúrio do poder fluindo através do contato. Ela tentou ignorá-lo.

Ele parecia totalmente à vontade naquelas festas sociais — não formal demais, mas alinhado. Ele ainda parecia bem vestido, mesmo sem o paletó e com as mangas arregaçadas, as longas pernas estendidas e cruzadas nos tornozelos. A camisa era tão branca que fazia os olhos de Madison doerem, o colarinho engomado, o vinco nas calças ainda perfeito.

Madison encontrara na loja de consignação um vestido antigo de seda esmeralda, cortado em viés, com costuras na cintura e pregas que se projetavam a partir do joelho, e um xale preto de crochê com uma longa franja e minúsculas contas e lantejoulas. Custara, no total, 15 dólares, o que era demais para ela. O decote era um tanto baixo, o que a levava a ficar ajustando as alças e amarrar o xale apertado ao redor dos ombros. As sandálias de tiras eram uma idiotice na neve, mas ela não era conhecida por ser prática.

Alguns dos rapazes da Costa Leste a haviam convidado para dançar, e ela recusara. Não diria sim a eles quando tinha de dizer não a Seph. Seph era um ótimo dançarino, mas uma dança lenta com Madison poderia fazê-lo adoecer por dias.

Ela não conseguia, no entanto, deixar de bater o pé ao som da música e desejar que estivessem no piso de dança. Além disso, se estivesse dançando, não teria de ficar ouvindo falarem a respeito da maga traidora Leesha Middleton a noite inteira. Já estava cansada do assunto.

— A Leesha está tramando alguma coisa — disse Jack.

— Senão ela nunca teria voltado pra Trinity. Ela costumava reclamar de que não havia nenhum lugar em Ohio onde pudesse comprar sapatos bonitos.

— Eu tenho esse mesmo problema — resmungou Fitch, para a gargalhada de todos. — Não, sério, é difícil fazer um traje combinar...

A despeito das piadas, Madison não podia deixar de pensar que Fitch parecia um pouco nervoso. Com bom motivo: Leesha *havia* raptado ele e Will.

— É melhor ela não chegar perto de nenhum de nós

— disse Ellen. Ela se referia a Jack, sem dúvida. Ellen andava de um lado para o outro da elegante sala, agitada, pegando objetos e colocando-os de volta no lugar.

— Fiquei torcendo para que Hastings viesse e dissesse alguma coisa, mas ele e a Linda não ficaram muito tempo.

Seph sentou-se com as costas retas, como sempre rápido na defesa do pai.

— Olha, a Leesha simplesmente não é uma prioridade pra ele. Não há nada que ela possa fazer. Não com a barreira de pé. Ela não pode usar feitiços de ataque aqui.

— Você não conhece essa garota como a gente — disse Ellen, fechando a cara.

— Conheço bem o bastante — disse Seph, passando a mão pelo cabelo. — A gente se encontrou numa boate em Toronto. Ela batizou a minha bebida com Chama de Mago.

— O quê? — Madison fitou Seph, subitamente mais interessada no assunto Leesha. — Eu não sabia disso.

— Ela parece bem assustada — disse Jason.

Todos se voltaram para ele.

— O quê? Não vá me dizer que você *acredita* nela. — Jack pareceu irritado. — Está maluco?

— Ela diz que as duas Casas de Magos estão atrás dela - disse Jason, apoiando-se nos tijolos ao redor da lareira.

— E que ela vai ser morta se sair do santuário.

— Quando você teve essa conversinha com ela? — Jack revirou os olhos. — Ela acabou de chegar aqui e vocês já são amigos íntimos?

— Eu não disse isso — replicou Jason com um ar teimoso. — Eu trombei com ela perto da mesa de doces.

— Ninguém simplesmente *tromba* com a Leesha Middleton — disse Fitch. — Eu descobri isso.

— Pra mim, tanto fez como tanto faz. — Jason fez um gesto de mão, como que descartando o assunto, e se voltou para Seph. — Estou torcendo para que o seu pai me leve de volta pra Grã-Bretanha com ele. Você pode falar com ele?

Seph deu de ombros.

— Talvez. Mal tive chance de falar com ele. E provável que a gente se veja amanhã.

Jason se afastou da parede.

— Bom, gente, estou caindo fora. Vou me encontrar com umas pessoas.

— Espero que não seja a Leesha — disse Seph, sorrindo.

Jason replicou com um gesto rude e retirou-se.

— Acho que também vou indo — disse Madison.

Sentia-se à vontade com Will e Fitch, mas naqueles dias ela sempre ficava nervosa entre os amigos dotados de Seph. Receava que a maldição pudesse subitamente vir à tona e delatá-la.

"Vai ser melhor no outono", pensou ela. Ele vai estar a salvo, longe, na faculdade. Vai estar longe de todo esse clima de batalha e cerco mágico.

"Ele vai estar bem longe de mim", pensou ela, e sentiu como se algo estivesse preso na garganta e não conseguisse engolir.

— Eu acompanho você até em casa — disse Seph, erguendo-se e ajudando-a a se levantar, sem lhe dar a chance de recusar.

Quando chegaram à pensão, o estacionamento estava quase lotado. Não fora fácil conseguir a noite de folga para a festa de Jack, e Madison detestara ter de abrir mão das gorjetas.

Eles deram a volta até a entrada lateral, que costumava ficar menos lotada. Seph seguiu-a até a varanda.

— Você se importa se eu entrar um pouco? — indagou ele, baixando o olhar para ela.

Os olhos dele escureceram até um profundo verde azulado. Seph tinha um jeito de fitá-la com aqueles olhos bruxos que a fazia tropeçar nas palavras e bater contra as paredes. Ele era capaz de sugar todo o seu ar e fazer seu coração martelar sem nem mesmo tocá-la. Era perigoso ficar sozinha com Seph McCauley — não por causa do que ele pudesse fazer, mas de como ela poderia reagir.

— Bem... — Ela hesitou. — Só um pouquinho — sussurrou, a resistência se evaporando. Madison era fraca, essa é que era a questão. — A gente pode se sentar na sala de visitas do hotel — acrescentou, em tom formal. A sala de visitas era um lugar público, a salvo.

— A *sala de visitas do hotel*? — Seph levantou uma sobrancelha. — Achei que talvez a gente...

— Venha — disse ela. — Temos que fazer silêncio ou a Rachel nos chuta daqui.

Balançando a cabeça, Seph seguiu Madison pela cozinha, que era enorme e incluía uma despensa bem abastecida. Atravessaram o salão central e entraram na sala de visitas. O

apartamento era mobiliado com mesas vitorianas, daquelas que tinham tampo de mármore e cadeiras de encosto curvo, e revestido de estantes de livros. Um fogo alegre queimava na lareira, e garrafas de vinho, um jogo de chá e pratos de biscoitos estavam dispostos no aparador para os convidados da pensão. A presença de Rachel se fazia sentir.

Eles se ajeitaram em cadeiras, lado a lado, como dois namorados do século XIX na presença de um acompanhante. Seph cobriu-lhe a mão com a dele sobre o delicado braço da cadeira, roçando o polegar na pele dela, transmitindo-lhe uma sensação deliciosa. A maldição que se ocultava dentro dela se libertou, alerta para a presença dele, e se espalhou para suas extremidades. A pulsação de Madison disparou, e ela lançou-lhe um olhar furtivo. Como ele conseguia não notar?

— Caramba — disse ele, massageando as têmporas com a outra mão. — Eu estava bem antes, mas agora fiquei com a pior dor de cabeça que já tive.

— Talvez você fique menos ocupado neste verão — sugeriu ela, retirando a mão assim que pôde e ajeitando o xale. — Com... com a barreira e tudo, digo.

Ele fitou as chamas com um ar deprimido.

— Não sei. Não vejo as coisas mudando, a menos que seja para pior.

— Você devia tentar relaxar um pouco. Se divertir antes de ir embora pra faculdade.

Seph pigarreou.

— Eu queria falar com você sobre isso.

— Sobre o quê?

Ele respirou fundo, como que prevenido uma batalha.

— Eu decidi adiar a minha ida para a Northwestern por uns tempos.

— O quê? — Ela se remexeu no assento. — Por quê?

Como se ela tivesse de perguntar.

— Por tudo isso que está acontecendo. Só acho que seria melhor se eu ficasse aqui.

— Quem convenceu você disso? O Nick? O seu pai?

Ele deu de ombros, parecendo infeliz.

— Eu decidi sozinho.

— Aposto que sim — disse ela, as palavras jorrando com dureza e fúria.

— A gente vai poder se ver mais. Achei que você ia ficar feliz.

— Ele olhou para ela, depois para longe. — Parece que não ficou.

Madison não tivera a intenção de transformar aquilo numa briga. Por que não conseguia conversar com as pessoas sobre esses assuntos sem ficar terrivelmente zangada?

— Eu não vejo você agora, e você está bem aqui na cidade.

— Você pelo menos quer me ver?

Ele fez uma pausa. Como ela não respondeu, ele continuou:

— Desde que a gente voltou de Second Sister, você tem estado... diferente. — A voz dele falhou, em desapontamento. — É como se... você estivesse com medo de mim. Você treme quando toco em você. É muito difícil, sabe?

Típico. Seph McCauley escolheu enfrentar o elefante na sala de visitas enquanto ela teria preferido contorná-lo.

Seph foi em frente.

— Sei que não consegue esquecer o que aconteceu em Second Sister. Mas já faz seis meses. Se pelo menos você conversasse a respeito, acho que iria ajudar.

Ele oferecera aquela minúscula abertura, uma desculpa para o comportamento maluco dela, e ela a aproveitou.

— Estou tentando esquecer. Mas não consigo. Aquelas pessoas se queimando e se destruindo. E eu sei que o Leicester era... mau, mas quando você e o Jason...

— Eu não sou assim, Maddie. O Leicester me torturou por meses. — Ele ergueu a mão mutilada. — Ele fez isso comigo.

Ele matou o pai do Jason, e eu achava que ele tinha matado o meu.

— Não estou dizendo que você estava errado. Por matar o Leicester, digo. — Maddie baixou os olhos para o colo. — É problema meu, não seu.

Aquela parte pelo menos era verdade.

— Mas *é* problema meu. Às vezes, quando vejo o jeito como você olha pra mim, acho que vai ficar tudo bem.

E aí... nunca sei, de um dia pra o outro, como é que você se sente em relação a mim. Se andei distante de você, é porque é difícil demais. — Ele estendeu o braço e tocou-lhe a mão. — Eu sinto a sua falta.

— E que... é difícil para mim também. — Ela manteve o olhar voltado para baixo, com medo de enfrentar os olhos dele. — Preciso de um pouco de espaço, tudo bem? Será que você pode... me dar um tempo?

— Não sei quanto tempo a gente tem. Não sei o que vai acontecer.

Como ela não disse nada, Seph prosseguiu:

— Seria mais fácil para mim se eu fosse embora. Aí eu não teria de ver você o tempo todo. Mas tenho que ficar. Se perdermos essa guerra, perderemos tudo.

— Não vejo por que a vitória na guerra depende de você.

— Não depende só de mim. Mas eu preciso ajudar. — Ele recostou a cabeça, fechou os olhos, os cílios escuros contra o rosto pálido. — Sinto muito, Maddie — sussurrou ele. — Não sei o que há de errado comigo ultimamente. Não me sinto muito bem.

Ela soltou a mão. Estava acontecendo de novo. A plena presença dele estava tendo o efeito de costume. Ela sentia o poder crescendo dentro dela, concentrando-se no peito. Estava vazando magia, apesar de todos os esforços em contê-la. Como se ela tivesse alguma idéia de que forma fazê-lo.

Ela tentou listar cores em ordem alfabética, um truque de quando era pequena. Azul. Bege. Cinza. Dourado. Esmeralda. Fúcsia. Mas não funcionou. A pele ardia e as mãos e braços formigavam e queimavam. Ela sabia o que aquilo significava.

— Seph, escute, é melhor eu...

O telefone tocou em algum lugar próximo. Ela ouviu passos apressados e a voz formal de Rachel.

— Lendas. Rachel Booker.

Momentos mais tarde, Rachel apareceu à porta da sala de visitas, estendendo o telefone para Madison.

— É para você. É a sua mãe.

Madison não podia se recusar a falar com a mãe. Não com Rachel ali do lado. Pegou o telefone com relutância.

— Mamãe?

A voz de Carlene reverberou em seu ouvido em meio a uma nuvem de estática.

— Madison? Qual é o problema com esse telefone?

Madison lutou para controlar o poder que ameaçava extravasar. A estática sumiu.

— Oh, Madison, querida, graças a Deus. Faz dias que estou tentando falar com você. Não sei o que fazer.

A voz da mãe estava embargada de lágrimas e várias cervejas, se Madison era capaz de julgar. E ela era.

Madison suspirou.

— Estou meio ocupada, mamãe. O que está havendo?

— Eles levaram as crianças.

— Como assim? Quem?

— Grace e John Robert. O pessoal do condado.

— O pessoal do condado... levou Grace e J. R.? Por quê?

— Você se lembra da Sheila Ann White? Ela se casou com Tom Harper, mas estão separados agora. Ela trabalha no banco e às vezes dá uma ajuda no Charley's.

Madison lutou para manter a voz sob controle, conseguindo paciência de alguma fonte desconhecida.

— O que a Sheila Ann White Harper tem a ver com a Grace e o John Robert?

— Eu fiz turno duplo na sexta-feira. Ela prometeu cuidar das crianças quando saísse do banco. Mas pediram que ela fosse trabalhar no Charley's e ela esqueceu completamente.

— Por que não avisou que não ia trabalhar quando a Sheila Ann não apareceu?

— Bem, acontece que eu já estava no trabalho. Ela ia tomar conta deles durante o segundo turno.

— Você deixou os dois sozinhos o dia *inteiro* enquanto fazia um turno duplo? — perguntou Madison, erguendo a voz.

— A Gracie tem dez anos — disse Carlene, na defensiva. — Ela pode cuidar do John Robert durante o dia.

"Aposto que o condado não concorda", pensou Madison.

— A Grace não ligou para você quando a Sheila Ann não veio?

— Bem, a gente está sem telefone no momento. Atrasei o pagamento de novo.

Madison suspirou.

— Como é que o condado ficou sabendo?

Longa pausa.

— O galpão pegou fogo.

Não. Estava acontecendo de novo, e ela nem estava lá para levar a culpa.

— Como foi que o galpão pegou fogo? As coisas estão se incendiando de novo? Alguém... alguém ateou fogo?

— Não sei. O Brice Roper avistou a fumaça e foi de carro até lá.

— Brice Roper? — Ela sentiu as entranhas se revirarem e se embrulharem. De repente, ela estava de volta à escola, encarando Brice e os amigos zombeteiros dele com seus olhares maldosos. — Certo. Aposto que ele estava passando ali por

acaso e calhou de ver a fumaça. Provavelmente estava espionando por lá.

Outra pausa.

— Bem, ele e o pai dele levaram as crianças para Coal Grove e entregaram ao condado. Eu quase enlouqueci quando cheguei em casa e elas não estavam lá.

Madison ergueu os olhos e viu Seph observando-a. Ela fechou os olhos, desejando que ele não estivesse ali. Ele não precisava ouvir aquilo.

Ela baixou a voz ainda mais.

— Quando tudo isso aconteceu?

— Na semana passada.

— Na semana passada! — A estática explodiu em seu ouvido novamente, e ela segurou o telefone à distância. Inspirou fundo, expirou e aproximou-o de novo da orelha. — Mamãe, onde eles estão?

Madison imaginou Grace e John Robert trancados em algum tipo de lar para garotos delinqüentes. Grace devia estar furiosa. J. R. estaria chorando.

— Estão num abrigo para crianças abandonadas. Tem uma audiência marcada. O Ray McCartney está me representando. Mas o problema é que ele acha que não vão me devolver as crianças.

— Por que não?

— Não é a primeira vez que o condado intervém. — Carlene falou rápido, de forma que Madison não pudesse interromper.

— Você sabe que eles vêm brigando com a gente desde que a Min morreu. O Ray quer que você venha para a audiência. Ele diz que talvez devolvam as crianças se o condado souber que você vai estar aqui para tomar conta delas.

— Quando é a audiência?

— Na próxima quinta.

— Mamãe! Eu estou na escola! As aulas deste semestre acabaram de começar.

Carlene ignorou aquilo.

— Eu tenho tentado ligar para você, mas você nunca atende ao telefone. E eu tenho que ir de carro até a cidade para telefonar. Ou usar o telefone dos Ropers.

Madison sentiu uma onda de culpa, lembrando de quantas vezes havia ignorado o telefone. Ela nem escutara as mensagens gravadas.

— Escute. Eu vou até aí para a audiência, mas só consigo chegar na quarta.

— Obrigada, querida. Eu sei que as coisas vão ficar bem uma vez que você esteja aqui. — No espaço de poucos minutos, a voz de Carlene passara do pânico à confiança.

Madison desligou e continuou ali, segurando o telefone. Durante a conversa, um peso havia caído sobre ela. Um fardo de responsabilidade a que se habituara desde pequena. O fardo de garantir que tudo daria certo.

Seph ainda estava lá. Ele se levantou, um pouco trêmulo, usando as costas da cadeira como apoio.

— O que aconteceu? — indagou ele.

— Tenho que ir para casa. Crise de família.

— Posso ajudar?

— Não.

Ela realmente não queria conversar com ele sobre a sua família horrível.

Seph estendeu os braços para Madison. Ela recuou um passo, e ele deixou as mãos caírem.

— Olha, vou falar com o meu pai. Acho que ele está planejando ficar mais algumas semanas, de qualquer forma. Se ele puder ajudar com a barreira, vou com você.

O coração de Madison pulou de gratidão. Não seria nada mau ter um amigo. Fazia tanto tempo que não tinha ninguém ao lado

dela! Então pensou em Seph em Coal Grove, encontrando-se com Carlene e os outros. Seph, que nascera rico, fora criado em Toronto, estudara na Suíça e falava francês como se tivesse nascido na França.

Não. Seph era amigo dela — mais do que um amigo. Talvez eles não pudessem ficar juntos, mas ela não queria olhar nos olhos dele e encontrar embaraço ou pena.

Além disso, ele parecia estar encarregado de salvar todo o resto do mundo.

— Obrigada. É melhor eu lidar com isso sozinha.

Seph pigarreou.

— Pode não ser uma boa idéia você deixar o santuário sozinha.

A mente de Madison já ia à toda, catalogando tudo o que precisava fazer, quando tropeçou.

— O quê? Por que não?

— E um mau momento, só isso. Todos estão tentando ganhar uma vantagem... o D'Orsay, as Rosas. Alguém pode se lembrar do que aconteceu em Second Sister e estar procurando por você. Quer dizer que a preocupação com ela era por causa dos magos. Sempre os magos. Madison virou-se para encará-lo.

— Escute, eu *tenho* que ir. Não tenho escolha, entendeu?

Ele ergueu as mãos, capitulando.

— Quando você volta?

— Não neste semestre, pelo menos. Se for pra arriscar um palpite, eu diria que vou ter sorte se estiver de volta no outono.

Seph franziu a testa.

— Não está falando sério. Você se esforçou tanto para entrar na faculdade de arte. E agora quer largar o *colégio*?

Ela se virou, dando os ombros como para se defender das perguntas dele.

— Não se preocupe. Vou pensar em alguma coisa. Vou saber mais quando chegar lá.

— Queria que me deixasse ajudar.

Ela tremeu, sentindo faíscas voando em arco sobre o abismo entre eles. Sentia-se completamente sozinha. Talvez Seph não pudesse partir. Mas ela podia. Aquilo lhe daria tempo para resolver o problema. Ele não era o único a ter problemas.

— Maddie? Você está bem? — As sobranceiras escuras se franziram até se juntar. — Você está tremendo.

— Olha, é tarde — disse ela, recuando, pondo as mãos atrás das costas e inclinando a cabeça na direção da porta. — E melhor você ir. Preciso fazer as malas.

Ele hesitou, como se fosse dizer algo mais. Então balançou a cabeça, virou-se e foi embora. Ela nem ouviu a porta da frente abrir e fechar.

Assim que Seph saiu de seu campo de visão, Madison subiu correndo três lances de escada até o segundo andar, dois degraus de cada vez. Abriu a porta do quarto com o ombro e apertou o interruptor de luz. A lâmpada no lustre do teto sibilou, depois explodiu numa chuva de vidro.

Indo até a janela no escuro, ela afastou as cortinas, os dedos deixando buracos fumegantes no tecido. Ela abriu o armário e arrancou o lençol que cobria a pintura que estava lá dentro.

Jogando a cabeça para trás e fechando os olhos, estendeu as mãos e soltou o poder através dos dedos como uma respiração contida por muito tempo e depois liberada. Ele atravessou os ares e se enterrou na tela, exalando um cheiro de borra de café queimada. A tinta se cobriu de bolhas e correu em redemoinhos lamacentos.

Madison recuou até bater a parte de trás dos joelhos na cama. Deixou-se cair no colchão, descansando os pés na estrutura da cama, os cotovelos nos joelhos.

A pintura se reorganizou, gélida, mas reconhecível e horrivelmente animada. Era Second Sister mais uma vez, Seph empurrando-a para trás de si enquanto Leicester e os ex-alunos lançavam espirais de chamas de um lado a outro do salão de

conferências. Só que dessa vez elas atingiram Seph em cheio, jogando-o contra a parede como uma marionete quebrada.

O quadro mudou de novo — Seph caído na Igreja de Saint Catherine, pálido e imóvel, velas junto às mãos e aos pés, pessoas de luto passando em fila, apontando e sussurrando quando Madison entrou na igreja.

Enterrada na pintura estava a evidência de uma dúzia de ataques semelhantes, uma série impiedosa de cenas em que Seph morria de todas as maneiras imagináveis.

Seph mexia com a magia maléfica que se instalara sob a pele dela, despertava-a como algum monstro das profundezas. Quando ela deixava a magia escoar, Seph ficava pálido e cansado, com terríveis dores de cabeça, e perdia o apetite. Quando ela a refreava, Seph melhorava visivelmente. Mas a magia se acumulava mais e mais dentro dela até que precisava liberá-la ou explodir. Em vários momentos ela quase perdera o controle, até que descobriu que podia dissipá-la como arte — arte medonha, mas melhor do que qualquer das outras alternativas. Ela tentara pintar por cima, destruir a seqüência de imagens pavorosas, mas elas continuavam a afluir à superfície, como óleo em água poluída.

Era um segredo que precisava esconder de Seph e de todos. De forma alguma Hastings, Linda ou Nick Snowbeard a deixariam ficar se soubessem. Eles não saberiam como resolver o problema, e Seph era importante demais para ser posto em risco. Ela devia ter partido havia muito tempo.

Mas não partira. Não conseguia desistir dos sonhos de faculdade e de Seph McCauley. Ficava torcendo para que a magia de Second Sister se exaurisse após algum tempo.

Agora ela não tinha escolha. Com raiva, começou a separar seus pertences. Não havia muito o que pôr na mala. Trouxera pouco da vida dela em Coal Grove. E não tivera dinheiro para comprar muito desde que chegara a Trinity.

Após pensar um pouco, empurrou a pintura gerada pela maldição de volta para dentro do armário e a cobriu com um pano. Dois panos. Fechou o armário e trancou-o. Não iria levar aquela coisa para Coal Grove. Não precisaria dela quando estivesse em casa. Seph não estaria lá para despertar o monstro. Enquanto arrumava suas coisas, procurava organizar os pensamentos também.

Não tinha nenhuma vontade de voltar ao Colégio de Coal Grove para os últimos cinco meses do ano letivo. Aquilo estava acabado para ela. Havia cumprido os requisitos curriculares e fizera todas as matérias de artes oferecidas lá. Tivera a esperança de conseguir cursar um ano de faculdade antes de ter de começar a pagá-la por conta própria. Agora provavelmente perderia o semestre inteiro.

Sabia como seria quando chegasse em casa. A velha vida se enredaria em torno dela como uma colcha usada.

Os cochichos recomeçariam, desencadeados por sua presença. Pouco a pouco, eles destruiriam seus sonhos.

Madison olhou pela janela para as montanhas e vales ao redor do lago.

Verdade seja dita, ela sentia saudades das montanhas e vales de sua cidade, a textura das desgastadas terras de sua infância. Sentia falta das pessoas também — de algumas delas. Mas não dos limites que lhe impunham e das suposições que faziam com base em quem eram seus pais. Nem dos bilhetes deixados em seu armário na escola. Nem do modo como as pessoas lhe esfregavam crucifixos na cara como se ela fosse um tipo de vampiro — como se soubessem exatamente quem ela era e no que se transformaria.

Talvez ela só estivesse fugindo de uma encrenca para acabar em outra: da encrenca estranha e mágica em Trinity para um tipo mais familiar. Em casa, esperava-se muito pouco dela. E ali, esperavam demais.

Apaixonar-se por Seph McCauley era o tipo de erro que Carlene cometera a vida toda. A mãe passava de uma crise para outra, alimentando-se da própria desgraça. Ela agia como se o amor fosse algo que se contraísse, como cólera. Ou como um feitiço que pegava as pessoas de surpresa. Assim, ela jamais poderia ser culpada por estragar tudo.

Madison planejara ser diferente. Planejara tomar o controle da própria vida, conseguir o que queria e deixar o Condado de Coalton para trás definitivamente.

"Vai acontecer", prometeu ela a si mesma. Só que não ainda.

A cama de dossel com colcha de cetim cor-de-rosa e os unicórnios saltitantes nas colunas eram familiares e reconfortantes. A tia Millisandra havia mobiliado o quarto e batizado-o como "O Quarto da Leesha" quando a menina tinha apenas três anos. Até recentemente, Leesha havia ficado lá pelo menos uma ou duas vezes por ano. Havia sido sempre uma espécie de toca feita sob medida para ela se refugiar.

Só que agora ela não se sentia segura.

Ela se apoiou nos travesseiros amassados e puxou a cobertura até a cintura. Soltando um suspiro explosivo, digitou números no celular.

Barber atendeu ao terceiro toque.

— Alô?

— Então. Estou aqui.

Barber riu.

— É mesmo? Eu sempre sei onde você está, lembra?

Leesha passou um dedo na gargantilha de ouro que Barber havia fundido em torno do seu pescoço. Jason havia dito que a magia de ataque não funcionaria no santuário. Mas talvez Barber pudesse rastreá-la mesmo assim.

— Olha, não está dando certo. É como eu falei. Todos me odeiam.

Barber estalou a língua.

— O Haley não odeia você. Vocês nem se conhecem, não é?
— Bem... — Leesha hesitou. — Eu me encontrei com ele esta noite. Numa festa.

— Pois então. Já é um começo. — Barber parecia estar se divertindo bastante. — Tenho certeza de que você causou uma boa impressão.

— O lance é que... eu simplesmente não... não posso mais fazer isso. Você tem que pensar em outra coisa.

A voz de Barber era como veludo sobre pedra.

— É aí que você se engana. Isso é problema seu. Você fez o acordo com o D'Orsay. Prometeu que a gente entregaria o Haley e o Coração do Dragão. Esses documentos que me deu não significam nada se a gente não consagrar o Pacto. Você precisa atrair o Haley pra fora do santuário, até algum lugar onde ele possa ser apanhado. Como vai fazer isso é problema seu.

— Eu tenho dinheiro. Posso pagar você. Só tire esta coisa, está bem? — disse Leesha, lutando para controlar a voz. Implorar não lhe era nada fácil.

— Acha que preciso do seu dinheiro? — O veludo desaparecera.

— Estou cansado de vocês de sangue azul me tratando como um ninguém. Eu sei onde você está e sei onde a sua tia Milli mora. É melhor me mostrar resultados ou estrangulo as duas.

Ele desligou.

O telefone caiu dos dedos sem força de Leesha e tombou sobre a colcha de cetim. Envolvendo o travesseiro com os braços, Leesha enterrou o rosto nele e chorou.

Capítulo Oito

Transições

Na manhã seguinte, Seph saiu da cama tarde, o estômago revirado, a cabeça latejando. Os acontecimentos da noite anterior lhe voltaram. Parecia que sempre que ele e Madison passavam algum tempo juntos, acabavam brigando, o que fazia com que se sentisse derrotado.

Nunca conhecera uma garota como Maddie Moss. Ela era como uma daquelas plantas intocáveis que fechavam as folhas quando se roçava nelas. Foram seis meses totalmente frustrantes. Outras garotas deixavam claro que gostavam dele, mas Seph nunca retribuía. Madison era como uma flor inebriante que espetava até tirar sangue, mas da qual valia a pena se aproximar. Ela estava em guerra consigo mesma, em guerra com ele, e ainda assim havia momentos...

E agora ela estava indo embora.

Ele vestiu os jeans e uma camiseta e desceu a escada em espiral, vendo de relance, pelas janelas em seu caminho, o lago congelado.

O céu estava ficando azulado à medida que o sol se erguia, iluminando o gelo que pendia das calhas do Chalé de Pedra. Seria um lindo dia de inverno.

Os pais dele estavam na cozinha.

— Oi. — Seph se serviu de suco de laranja e pôs uma fatia de pão na torradeira. — Quem está tomando conta da barreira?

— Eu — respondeu Hastings. — Enquanto eu estiver aqui.

"Como é que ele faz isso? Ele nem está suando", pensou Seph.

— Você e eu precisamos conversar a respeito de algumas idéias que tive sobre como monitorar o tráfego de magia dentro do santuário — disse Hastings.

— Vamos conversar com a comissão do santuário hoje à tarde — acrescentou Linda. — Vamos discutir planos de emergência no caso de um ataque. A gente queria que você fosse também.

— Ela se concentrou nele e franziu a testa. — Você está bem, querido? Parece pálido e está com olheiras de novo.

— A gente ficou fora até bem tarde ontem — disse Seph.

— Mais tarde, vou me encontrar com a Mercedes e o Snowbeard na igreja para examinar os itens que Jason trouxe da ravina — disse Hastings. — A sua opinião seria valiosa.

Seph não pôde deixar de se sentir lisonjeado. O pai sempre o tratava como se ele fosse capaz de grandes feitos.

O que o fazia querer realizar grandes feitos. Mesmo que a pressão fosse difícil de agüentar de vez em quando.

Aquele era um tempo breve, mas valioso para passar com seu pai.

Tirando a fatia de pão da torradeira, Seph passou manteiga sobre ela. Levou o prato até a mesa, e Linda pôs um daqueles enormes milkshakes na frente dele.

Ele revirou os olhos.

— Milkshake no café da manhã? De novo?

— Beba. Você está que é pele e osso. Tem andado mais doente nos últimos seis meses do que em toda a sua vida.

Quando Seph hesitou, Hastings acrescentou:

— Obedeça sua mãe. Vai precisar de todas as suas forças hoje, garanto a você.

Seph detestava quando eles se uniam contra ele. Ele ergueu o copo simulando um brinde e tomou um longo gole. Pasta de amendoim e chocolate. Era quase como tomar um copo de pasta de amendoim.

Linda subiu as escadas para tomar um banho, deixando Seph a sós com o pai.

— Como vão as coisas no Reino Unido? — perguntou Seph.

Hastings deu de ombros.

— As Rosas sitiaram a Ravina do Corvo, na esperança de arrancar D'Orsay da toca. Há alguma discussão sobre o paradeiro do Pacto. Se o D'Orsay estivesse com ele, certamente já teria agido e imposto seu domínio sobre as ordens. Mas, se não está com ele, com quem está?

Ele fez uma pausa. Não recebendo nenhuma resposta de Seph, mudou de assunto.

— Ainda está saindo com a Madison Moss.

Não era bem uma pergunta.

— Estou. Bem, mais ou menos. A gente está meio num vai não vai.

Na verdade ele não queria falar com o pai sobre os seus problemas com garotas.

— O Snowbeard me disse que ela tem se mostrado ambivalente sobre a nossa missão aqui.

As defesas de Seph se ergueram de imediato.

— E verdade. Ela não é dotada. Essa luta não é dela.

— Ela não é dotada no sentido tradicional, é verdade. Mas tem um talento que poderia ser de grande utilidade para nós se...

— Ela não está a fim, está bem? Está estudando e trabalhando várias horas por dia pra pagar a escola no ano que vem.

— Então quer dizer que ela poderia ser receptiva a uma oferta bem formulada.

Seph empurrou a cadeira para trás, deixando longas marcas no piso de madeira polida.

— O que estou dizendo é que ela tem os problemas dela. Ela tem talento, mas o talento no qual ela quer trabalhar é a pintura.

— Pinturas não vão nos ajudar. — Hastings se recostou na cadeira. — Não sabemos muita coisa sobre os extratores, já que não fazem parte do sistema de ordens. A lenda diz que são descendentes da Guardiã do Dragão Aidan Ladhra. — Hastings deu um sorriso de desprezo. — Isso é improvável. Mas você sabe o que aconteceu em Second Sister.

Seph levou o prato e o copo para a pia e largou-os, fazendo barulho.

— Não estou ouvindo nada disso.

— Quero que trabalhe com ela, Seph. Ele girou para encarar o pai.

— Quer que eu *trabalhe com ela* ou que a convença a *trabalhar para nós*?

O mago fez um gesto com a mão.

— Eu vi como ela olha para você. Mesmo que ela não seja vulnerável à magia, você pode exercer alguma... influência. Quero que descubra tudo o que puder sobre a habilidade dela.

— E aí o quê?

— Convença-a a nos ajudar.

— Certo. Só mais outro sacrifício pela droga da causa.

Seph despejou café numa caneca, lembrando-se de Maia, que morrera em Toronto por causa dele.

— Você faz idéia do quão tênue é a nossa posição? A existência de Trinity é uma afronta para as Rosas. Quando acabarem com o Claude, eles virão atrás de nós. Ou, o que é pior, poderão unir forças com o D'Orsay.

— Não.

Hastings bateu a caneca de café na mesa e se levantou.

— Dados os poderes congregados contra nós, não podemos permitir que um conjunto de princípios sem fundamento, incompreensível e *extravagante* nos impeça de aproveitar todas as oportunidades que tivermos.

Seph se levantou também, e subitamente estavam de pé frente a frente, a energia crepitando no ar entre eles. Seph ficou surpreso ao descobrir que era tão alto quanto o pai. Quando isso acontecera?

— Sinto muito — disse Seph —, mas tem algumas coisas que eu simplesmente não estou disposto a fazer.

Hastings fitou-o como se ele houvesse se transformado em algo irreconhecível. Então seus lábios se retorceram num sorriso.

— Muito bem. — Hastings sentou-se de novo à mesa e indicou a outra cadeira. — Sente-se.

Seph não se sentou, mas se inclinou para a frente, apoiando as palmas das mãos na mesa.

— A Madison está de partida, de qualquer forma.

— Como assim?

— Emergência familiar. Ela está voltando para a cidade natal dela.

— Por quanto tempo?

Seph deu de ombros.

— Ela não sabe. Talvez até pelo verão inteiro.

— Isso é ruim para nós e perigoso para ela.

— Tentei convencê-la a não ir. Mas ela vai mesmo assim, a menos que a gente a tranque na cripta da Igreja de St. Catherine e passe comida por baixo da porta. Até que ponto estamos dispostos a ir?

Não tão longe assim, aparentemente, pois Hastings mudou de assunto.

— As Rosas estiveram em contato com você, não é? — Hastings olhou-o nos olhos.

Seph hesitou, então assentiu com a cabeça.

— E o D'Orsay — disse, sentindo-se culpado, mesmo não tendo respondido às tentativas de contato.

— Se não conseguirem atrair você de um jeito, eles podem tentar de outro. Podem usá-la para pegá-lo — Hastings estudou Seph, tamborilando as pontas dos dedos. — Bem, suponho que não haja como evitar isso agora. Mantenha a partida dela em segredo, se puder. Não conte a ninguém para onde ela está indo.

— Por quanto tempo vai ficar aqui? — indagou Seph.

— Não muito mais tempo, infelizmente. — As mãos do mago se moveram inquietas sobre a mesa, a pedra no anel cintilando sob a luz da manhã. — Receio que você vá ter de assumir uma responsabilidade ainda maior no futuro próximo.

Hastings não prosseguiu, então Seph encorajou-o.

— Por quê? O que está havendo?

— A sua mãe e eu estamos organizando um assalto à Ravina do Corvo.

Seph pestanejou.

— O quê? Pensei que você...

— Não acho que o Pacto esteja lá. Mas, como a guerra é cada vez mais uma certeza, o tesouro pode ter um papel essencial. Na verdade, já tem.

Seph havia ouvido falar do depósito lendário de armas na Ravina do Corvo.

— Alguém já viu isso realmente? Pensei que o tesouro fosse só um desses boatos que acabam não tendo nenhuma base real.

— É possível, mas improvável. Os D'Orsays têm tirado vantagem de seu papel como Mestres do Jogo para colecionarem armas mágicas por séculos. Até onde sei, elas estão em algum lugar da ravina. — Ele riu. — As Rosas estão convencidas disso, de qualquer forma. O tesouro é o que as impede de entrar na ravina. Se conseguíssemos o tesouro, o mesmo aconteceria com Trinity. Ou, pelo menos, se o tornarmos inacessível, as Rosas poderão fazer para nós o trabalho de eliminar D'Orsay. E a última coisa que a gente quer é que o tesouro caia nas mãos das Rosas.

Seph sentiu um arrepio gelado de apreensão.

— Como vão fazer isso? Digo, como vão invadir a ravina? — Ele tinha de perguntar, embora não tivesse certeza de que realmente queria saber. — Como vão passar pelas Rosas?

Hastings abriu um sorriso ferino.

— Há várias maneiras de entrar. O desafio vai ser sair.

Aquilo não era tranquilizador.

— O Jason quer ir com você.

— Eu sei que o Jason quer. Mas ele não sabe seguir ordens. Quero que ele fique aqui, sob a supervisão do Nick, para que possa ajudá-lo. Precisamos de reforços, principalmente de magos.

— Você bem que podia pegar mais leve com ele — disse Seph.

— Ele salvou a minha vida no Porto Seguro, você sabe.

— Sei disso. — Hastings esfregou a testa com a mão como se estivesse com dor de cabeça também. — O Jason vai se provar mais útil para nós se descobrirmos um jeito de canalizar essa paixão dele, em vez de explodir em chamas e levar todos nós junto.

Madison encontrou Sara Mignon em seu estúdio, no segundo andar do Saddlewood Hall. A professora de arte trajava um jeans e uma camisa de brim manchada de tinta e lançava respingos exuberantes de acrílico num quadro tosco do tamanho de um celeiro. Dois estudantes de pós-graduação ocupavam-se dos cantos inferiores, traçando linhas que Sara ignorava com alegria.

Quando viu Madison, Sara desceu da escadinha e largou as tintas no degrau mais baixo. Usando a manga, ela limpou o amarelo-vivo da ponta do nariz. Os cabelos cacheados serpenteavam para todos os lados, tingidos de um preto-azulado. Ela não se parecia com nenhuma professora que Madison já vira antes.

— Oi, Maddie. O que acha?

— Ah, é... é legal. Eu gosto.

Madison ainda ficava surpresa quando os professores lhe pediam a opinião. Não que não tivesse opiniões, só não estava acostumada com pessoas interessadas em ouvi-las. Ela freqüentara escolas em que os professores eram chamados de 'senhor' e 'senhora'. E todos os alunos diziam 'Sim, senhor' e 'Sim, senhora'.

Madison gostava de tudo o que Sara fazia, embora o trabalho da professora fosse bastante diferente do seu. A arte de Sara era tropical, cheia de calor. A pintura de Madison era fresca, esfumaçada e suave como o anoitecer nos vales.

Sara, como ela insistia em ser chamada, estudou a pintura com um olhar crítico, as mãos na cintura.

— Aquele amarelo chama a atenção, não é? Talvez seja um pouco assertivo demais. — Ela se voltou para Madison. — Veio para falar sobre o seu projeto?

— Bem, ah...

— Que tal se fôssemos dar uma olhada nele?

Os projetos estavam expostos em um estúdio iluminado pelo sol no segundo andar do prédio do Instituto de Arte. Óleos sombrios, aquarelas lânguidas, acrílicos ousados. A pintura de Madison estava isolada num canto, coberta por um pano.

Sara afastou o tecido, e elas ficaram lado a lado. Sara estudou a obra enquanto Madison fitava os dedos dos pés.

"Por que eu tive de inscrever justo *esta*?"

— Gosto das camadas que você usou, as chamadas sobre a pedra, o sangue respingado no chão, o arranjo dos corpos e o modo como a arquitetura da peça dirige o olhar. Tem um forte elemento de fantasia aqui. Até de horror.

Madison assentiu em silêncio.

— É bem diferente dos seus outros trabalhos — disse Sara. — Mais abstrato, emoções mais cruas, sombras mais intensas. Há uma violência aqui que eu não tinha visto vindo de você antes. Pode me falar a respeito?

Na verdade, não. Havia uma falta de censura em Sara que incentivava as confidências, mas Madison era prudente demais para compartilhar aquele segredo em particular.

— É... ahn... de um sonho que tive.

Mais como um pesadelo.

— Bem, é interessante ver você se afastando das paisagens e explorando novos temas e estilos. Na sua idade, acho que isso é importante. — Sara cobriu novamente a pintura. — E então, vai poder me ajudar na próxima sexta-feira?

Madison enfiou as mãos nos bolsos. Pôr em palavras fazia com que tudo passasse a ser real.

— Eu... ahn... queria dizer que não posso estar aqui para a sua abertura na semana que vem. Eu... eu tenho que sair da escola. Tenho que voltar para a minha cidade. Emergência familiar. Sinto muito.

As lágrimas se acumularam nos olhos, e ela se virou, envergonhada.

Sara pôs a mão no ombro dela.

— Nada sério, espero.

— Não — disse Madison automaticamente. — Bem, talvez. Acho que dá pra resolver. Mas provavelmente vou ter de ficar em casa por todo o verão.

— Vai voltar para aquelas montanhas encantadoras, hein? — Sara sorriu. — Eu chamaria isso de um presente para uma artista.

Sara tinha o dom de fazer as pessoas se sentirem bem consigo mesmas. Era tão radiante quanto as pinturas dela.

— Acho que é, sim — disse Madison, sentindo-se um pouco melhor. — Mas eu tinha esperança de conseguir mais oito créditos este semestre, com os dois cursos que estou fazendo com você e o projeto. No outono, eu mesma vou ter de pagar as mensalidades. E no outono você vai voltar pra Chicago.

Sara franziu a testa e inclinou a cabeça para o lado.

— Não sei por que não podemos trabalhar juntas apesar disso. Nossas aulas não são expositivas. Eu não teria de ficar vigiando você o tempo todo mesmo que você ficasse aqui. Você pode pintar tão bem em... onde é mesmo... Coalville?... quanto aqui. Talvez a gente possa se encontrar uma vez por mês e eu possa dar uma olhada no seu trabalho e dar uma nota no fim do semestre. Será que você poderia fazer isso?

— Puxa, parece ótimo. Mas... a gente ainda estaria trabalhando por intermédio do Colégio de Trinity, ou...

— Não se preocupe — disse Sara, lendo a mente dela. — Eu me viro com o Penworthy.

— Não sei o que dizer.

O calor em seu rosto lhe dizia que estava corada.

Sara estudou-a com um olhar avaliador.

— Sabe, a Trinity é uma boa escola, mas belas-artes não é a especialidade deles. Já pensou em ir pra Chicago?

— Pro Instituto de Arte de Chicago? Oh, não. Eu... ahn... não tenho como pagar.

Madison sufocou as esperanças. Não era bom se deixar dominar por elas.

Sara segurou-lhe os ombros e olhou-a nos olhos.

— Madison, as suas paisagens são inigualáveis, totalmente originais, e você nem está na faculdade ainda. Você demonstra mais habilidade do que outros na sua idade. A sua obra remonta aos Apalaches, mas não tem nada de arte popular. Você vê o sobrenatural em coisas comuns. Eu a chamaria de etérea.

— Olha, eu agradeço muito... por tudo. Mas não tenho dinheiro pra viver em Chicago, muito menos pra pagar as mensalidades do Instituto. O tempo em que eu podia estudar de graça acaba no fim deste ano. Não quero me formar com um milhão de dólares em dívidas quando nem sei como vou ganhar a vida.

Sara deixou as mãos caírem dos ombros dela.

— Deixe que eu me preocupe com isso. Apenas continue pintando. Quero ver mais desenhos figurativos e retratos também. Não apenas paisagens. Aí vamos montar um portfólio pra você e ver o que acontece. Combinado?

Madison não conseguiu fazer mais do que um gesto de cabeça, assentindo.

Sara sorriu.

— Agora vamos verificar se você tem tudo o que vai precisar. Podemos dizer que está incluído no preço do curso.

Madison deixou o estúdio de Sara com uma mochila cheia de livros, tintas e outros materiais. Ela perambulou pela praça de

Trinity, parando em lojas e galerias e usando o dinheiro das gorjetas para comprar presentinhos para J. R., Grace e Carlene. Quase sem se dar conta, viu-se entrando pelo portão da Igreja de St. Catherine. Atravessou o pátio coberto de neve até a porta lateral. "Só vou dar mais uma olhada", disse ela a si mesma. "Não sei quando vou poder voltar".

Era uma manhã de terça-feira. Seus passos ecoavam na igreja, vazia exceto por uma senhora idosa ajoelhada no banco da frente, a cabeça curvada sobre as mãos dobradas. Madison se esgueirou silenciosamente até as escadas na frente do altar, que levavam à capela funerária, passando reto pelos feitiços de proteção e confusão que Seph havia colocado para distrair qualquer um que se intrometesse por lá.

Ao pé das escadas, ela virou à esquerda, entrando na cripta em si. Eles haviam deixado o túmulo de Swift aberto, confiando nas barreiras de Seph para manter os curiosos à distância.

Era evidente que a feiticeira Mercedes Foster e um pequeno comitê tinham estado trabalhando ali. Artefatos mágicos estavam dispostos em fileiras, classificados por função provável. Aqueles que haviam sido identificados estavam rotulados com a letra elegante de Mercedes. Símbolos e diagramas haviam sido rabiscados nas paredes, em um tipo de sistema de registro.

A pedra que Jason chamava de Coração do Dragão estava isolada sobre o suporte de dragão, uma jóia em uma base requintada. As chamas ardendo em seu centro projetavam sombras como assombrações rondando as paredes.

"*O que você está fazendo aqui?*", perguntou Madison a si mesma, sem obter nenhuma resposta.

Ela sentia a atração da pedra do outro lado do aposento, puxando-a para si. Como antes, o Coração do Dragão parecia reagir à presença dela, iluminando-se, as cores sobrepondo-se umas às outras como tintas brilhantes agitando-se num cântaro.

Postou-se diante da pedra. Ao estender a mão, a luz da pedra tingiu-lhe a pele. A respiração dela desacelerou, as pálpebras caíram. Um jorro de imagens brilhantes fluiu por sua mente: um castelo feito de pedra, um vale como uma jóia cercado por montanhas rochosas, uma procissão de cortesãos trazendo presentes. Ela ouviu o murmúrio de uma canção semi-esquecida, versos de uma poesia que lhe partia o coração. Ouviu alguém chamando um nome ao qual ela queria responder.

Dentro dela, sentiu a maldição se desenrolar e avançar como uma serpente.

De repente, chamas irromperam entre ela e o Coração do Dragão, subindo-lhe pelos braços até a clavícula. As magias colidiram dentro dela. Madison tombou para trás, quebrando a conexão, caindo de costas no chão, batendo a cabeça com força no degrau de pedra. Ficou ali por um instante, atordoada, as cores explodindo dentro de sua cabeça como fogos de artifício no céu noturno.

Vozes sussurravam em sua cabeça, misturando-se e competindo entre si — belas promessas, palavras de afeto, seduções, pragas e avisos — como espíritos em batalha dentro de uma campânula, até finalmente desaparecerem.

Apoiando-se na beirada da cripta de Thomas Swift, Madison se ergueu, lembrando-se das palavras Min.

Não se meta com magia. Isso só nos trouxe problemas.

Mas parecia que a magia nunca se cansava de se meter com ela. O Coração do Dragão se acendeu, enviando longas línguas de chamas e sombras na direção dela como dedos tentando agarrá-la. Madison teve de lutar contra o ímpeto de se lançar naquele abraço.

Ela se afastou da pedra, passou cuidadosamente pela entrada, virou-se e correu escada acima.

Capítulo Nove

Terror na Cripta

Na manhã seguinte, Mercedes Foster estava sentada de pernas cruzadas estudando os pentagramas que rabiscara em giz no chão de pedra da cripta. Esfregando o nariz com as costas da mão, ela ergueu os olhos para Snowbeard.

— O que você acha, Nicodemus?

O velho concordou com a cabeça.

— Parece perfeito para mim, Mercedes.

A feiticeira plantou os punhos nos quadris ossudos e sorriu para Jason.

— Venha, então. Vamos tentar de novo.

— Espero que saiba o que está fazendo.

Jason entrou com relutância dentro do pentágono interno de um dos pentagramas. Os outros dois se refugiaram dentro de seus próprios diagramas. A surrada caixa de madeira da Ravina do Corvo jazia no chão sobre o quarto pentagrama.

Mercedes começou a falar, um cântico estridente e monótono. Nick acendeu uma chama quente e brilhante no ponto em que os quatro pentagramas se encontravam. Com cuidado para não se inclinar e sair fora do pentagrama, Jason segurou o estojo com um par de tenazes de ferro e lançou-o nas chamas.

Eles esperaram. E esperaram. As chamas lamberam a superfície da caixa sem nenhum efeito aparente. A madeira estava tão impregnada de feitiços que era invulnerável até à chama mágica.

Eles continuaram até que o braço de Jason começou a tremer com o peso da caixa, e ele teve de apoiar o cotovelo com a outra mão. As tenazes foram ficando cada vez mais quentes, de forma que ele precisava se concentrar para não ter os dedos queimados.

Finalmente, Mercedes parou de cantar.

— Certo — disse ela, o rosto comprido assumindo uma expressão de desapontamento. — Não está funcionando. Receio que nunca consigamos abrir isso. — Ela removeu um lenço de seda da cabeça, os cabelos crespos se soltaram, livres, e por fim enxugou o suor do rosto com o lenço. — Já basta por hoje.

Cuidadosamente, Jason pôs a caixa de volta no chão, largou as tenazes e limpou as mãos chamuscadas nos jeans.

Fileiras de artefatos estavam dispostas sobre uma das criptas, classificados por função e rotulados com seus nomes mágicos. Havia pedras do coração de todos os tipos: pingentes, pedras de clarividência, amuletos que fortaleciam quem os carregava, talismãs de proteção, pedras do amor que turvavam a mente. Espelhos encantados que mostravam imagens enfeitiçadas e confusas do passado, presente e futuro. Adagas incrustadas de jóias que abriam ferimentos que não se curavam. Cintos e colares para manter magos aprisionados. Relembrando sua fuga da ravina, Jason estava impressionado que tudo aquilo coubera na mochila.

— Já fizemos bastante —• disse ele, apontando para os itens catalogados.

Mercedes assentiu com relutância.

— Talvez, mas não consigo deixar de pensar que as *sefas* mais poderosas estão resistindo a nós.

As peças remanescentes estavam agrupadas num canto, abandonadas: o pequeno estojo de madeira que não podia ser aberto; um manto gasto cuidadosamente remendado com fios cintilantes; um martelo de prata com inscrições em runas; frascos lapidados cheios de poções desconhecidas, as rolhas cobertas com uma cera escurecida pelo tempo. E, é claro, o Coração do Dragão, em seu suporte de metal ornamentado.

Com a exceção da opala, Jason não conseguia se lembrar por que escolhera qualquer um deles.

— Vai ver é só porcaria — sugeriu ele. — Vai ver eu trombei com o lixão mágico da Ravina do Corvo.

Mercedes apertou os lábios, mas ele insistiu:

— Havia toneladas de pedras preciosas soltas na caverna. Eu peguei algumas, mas me concentrei mesmo nas peças mágicas. Talvez a opala seja só mais outra pedra preciosa na pilha.

Como que para contradizê-lo, o Coração do Dragão lançou uma luz em espiral por toda a cripta. Parecia diferente de antes, quase agitada. O poder passou por ele, aquecendo a pedra Weir no peito de Jason como um fogo abafado.

Os três ficaram paralisados, olhando para a opala.

Snowbeard pigarreou.

— Acho que a pedra é importante — disse ele. — Caso contrário, eu não gastaria tanto tempo com ela.

Jason deu de ombros, lutando para ocultar sua irritação.

— Que seja. De qualquer jeito, é perda de tempo ficarmos nos desgastando nisto. Acho que eu deveria juntar algumas das peças mais poderosas e levar de volta para Hastings na Grã-Bretanha. Ouvi dizer que ele está planejando um grande ataque à ravina. Elas poderiam ajudar.

— O Hastings pediu a você para levar qualquer um dos itens de volta para a Ravina do Corvo? — perguntou Nick.

— Não, mas...

— Ele não disse para mantê-los dentro da igreja?

— Eles não servem pra nada aqui! — Jason andou de um lado para o outro, fazendo curvas apertadas dentro dos limites da cripta. — Eu podia muito bem ter deixado tudo na caverna.

— Acho que o fato de que eles não estão nas mãos dos nossos inimigos é uma boa coisa — disse Nick, os olhos negros trespassando a espinha dorsal de Jason.

— Se pensar bem, essas coisas pertencem a mim — disse Jason.

— Eu é que encontrei. Eu é que carreguei tudo desde a ravina. Eu deveria poder fazer o que quisesse com elas.

— Jason Haley! — A voz do mago reverberou nas paredes de pedra da cripta, embora ele não houvesse falado muito alto. Snowbeard pareceu crescer até sua cabeça quase tocar o teto. Chamas tremeluziam ao redor de sua figura angulosa. — Você é mais esperto do que está demonstrando. Não é uma criança que exige os brinquedos de volta. O futuro das ordens mágicas talvez dependa de como usarmos o que cair em nossas mãos. Não vou permitir que você ponha todos nós em perigo com o uso imprudente desses objetos.

Jason sabia que deveria calar a boca, mas não conseguiu se conter.

— Então acha que a gente deve simplesmente se enfurnar aqui e esperar até sermos atacados?

— Acho que não sabemos o bastante ainda para discernir quais serão os nossos adversários mais perigosos. Se o D'Orsay tem o Pacto, o tesouro e a ravina, então por que ainda não agiu? Por que não consagrou o documento e nos colocou sob o seu jugo?

— Como é que vou saber? — Jason enfiou as mãos nos bolsos dos jeans. — Hastings parece pensar que vale a pena ir atrás dele, agora que estou preso aqui.

A voz de Nick se suavizou.

— Jason, o trabalho que estamos fazendo é importante, mesmo que você não ache. Creio que nos foi dado um presente raro, se conseguirmos descobrir como usá-lo.

Jason não engoliu aquilo.

— Você fala que nem o Hastings.

— É mesmo? — Nick ergueu uma sobrancelha. — Quem sabe haja um motivo para isso.

— Só vou levar a opala, então — disse Jason. — Pode ficar com o resto.

Impulsivamente, ele estendeu a mão para o Coração do Dragão.

E foi jogado para trás contra a parede com uma força estonteante. Ele pareceu ficar grudado por um momento, depois deslizou até que o traseiro atingiu o chão.

— Jason!

Mercedes e Nick se debruçaram sobre ele, ambos falando ao mesmo tempo, examinando-o em busca de partes perdidas. Após perceberem que ele estava bem, o interrogatório começou. Nick agarrou-lhe o braço com força.

— Jason! O que você fez?

— Eu não *fiz* nada. Caramba. Só tentei pegar a pedra.

— Você lançou um feitiço de algum tipo? — Mercedes segurou-lhe as mãos, virando as palmas para cima, como se as revistasse em busca de contrabando. — Aplicou alguma coisa na pedra? Usou uma *sefa*?

Jason balançou a cabeça, libertando as mãos.

— Eu só tentei pegar a pedra.

Ele se sentia humilhado e frustrado. Rejeitado por uma *pedra*. Sendo uma feiticeira curandeira, Mercedes era também empata. Por isso começou a tentar acalmá-lo, o que apenas o irritou mais.

— Não se preocupe. Provavelmente a desestabilizamos de tanto mexermos nela — sugeriu ela.

— Nunca tive nenhum problema com ela antes — disse Jason, lembrando-se de como segurara a pedra na ravina, acariciando a superfície cristalina, as chamas passando suavemente por entre os seus dedos.

Ele se levantou, esfregando os cotovelos no ponto em que haviam se chocado contra a parede.

— Nós estamos mexendo nessa pedra há semanas — disse Mercedes. — Talvez seja hora de dar um descanso pra ela. *Sefas* são temperamentais, você sabe. — Ela apanhou a bolsa de veludo. — Vou só colocá-la de volta na cripta.

Snowbeard principiou a dizer algo que soava como um aviso:

— Mercedes...

Mas a feiticeira estendeu a mão para o Coração do Dragão, e a pedra respondeu com uma explosão de chamas que a lançou para trás, fazendo-a tropeçar em suas próprias longas pernas. Ela teria caído se Snowbeard não lhe tivesse segurado o braço.

— Ora! — arquejou Mercedes. — Ora, ora.

— *Você quer tentar?* — disse Jason a Snowbeard, sentindo-se redimido.

Snowbeard olhou para a pedra. Não sendo tolo, apanhou a bengala que estava apoiada contra a parede e estendeu a ponta com a cabeça do urso na direção do Coração do Dragão até que os dois quase se tocaram.

A pedra pareceu explodir, arrancando a bengala das mãos de Snowbeard, partindo-a em três pedaços que caíram no chão de pedra com um grande estrondo.

Todos eles olharam da bengala quebrada para o Coração do Dragão e de volta para a bengala.

— A sua bengala! — Jason estava chocado. Snowbeard havia carregado aquela bengala por centenas de anos, provavelmente. Era uma *seja* extraordinariamente poderosa. Ou havia sido. Jason juntou os pedaços e depositou-os em cima da cripta. — Cara, eu sinto muito. Dá pra consertar?

— A cabeça está intacta — disse Mercedes, passando um dedo pelo cabo partido. — Talvez dê para remontar.

— Humm? Talvez, talvez. — Snowbeard parecia distraído. Ele cutucou a bengala quebrada, depois se virou e estudou o Coração do Dragão. Alisou a barba, revirando as pontas entre o polegar e o indicador. — Ela ergueu uma poderosa defesa contra nós. O que vocês imaginam que explicaria isso? O que mudou? — perguntou ele, parecendo mais intrigado com o Coração do Dragão do que preocupado com a sua bengala.

— Quem sabe? — disse Jason. — Mas agora a gente não pode nem tocar nela.

Lá se iam os planos de levá-la de volta para a Ravina do Corvo. Ele olhou para a pedra, perguntando-se se conseguiria apanhá-la de surpresa de algum jeito.

— Queria que tivéssemos o livro que você encontrou — disse Snowbeard. — Ele poderia nos dizer alguma coisa.

— Eu posso voltar e buscar — sugeriu Jason.

Em vista do silêncio diante da proposta, ele acrescentou:

— Preciso dizer uma coisa: não vou ficar aqui escondido pra sempre, respirando poeira no porão de uma igreja. — Ele se voltou para Mercedes. — Vejo você por aí, Mercedes. Por hoje chega.

Encurvando os ombros como que para se proteger da desaprovação que emanava às suas costas, Jason subiu a escada em passos pesados até a porta lateral da igreja. Sabia que deveria sair pelo túnel frio e deprimente, mas, naquele momento, não se importava.

Quando saiu da igreja, a luz brilhante do sol atingiu-o como uma clava. Era um lindo dia de inverno, e ele o desperdiçara enfurnado num porão com gente velha.

— Olá.

A nuca de Jason se arrepiou. Ele se voltou para ver Leesha Middleton sentada num banco de pedra no pátio contíguo à igreja. A neve se derretera num arco em torno dela.

Jason estava incrivelmente feliz em vê-la.

— Você esteve aí dentro metade do dia — observou Leesha, cruzando as pernas e balançando os pés protegidos por botas. — Ensaio do coral ou o quê?

Jason se sentou junto dela, beneficiando-se da zona de microclima quente que ela criara em volta do banco. Não conseguiu pensar em nenhuma explicação a oferecer à respeito de por que passara a manhã inteira na igreja.

— Por quê? Estava esperando por mim?

— Talvez. — Ela pôs a mão no braço dele. — É sábado. Estou entediada. Quer fazer alguma coisa?

— Tipo o quê?

Ela pareceu surpresa pela pergunta.

— A gente poderia ir tomar um café. Tem alguns lugares junto do campus.

— Não gosto de café.

— A gente pode ir comer alguma coisa.

— Não estou com muita fome.

Jason gostou de dizer não a alguém. Estava ainda ressentido pela surra verbal que levava na cripta.

— Está bem. — Ela fez uma pausa. — A gente poderia ir pra minha casa — sugeriu ela, olhando para a praça. — A casa é da minha tia Milli, mas ela provavelmente nem vai notar que a gente está lá.

Jason reclinou a cabeça e olhou para o céu azul-claro de inverno.

— O que você quer de mim? Não posso ajudar você com o Jack, você sabe.

Leesha se levantou e encarou-o, as faces rosadas de indignação, as mãos fechadas como se fossem socá-lo.

— Nunca encontrei um cara tão cheio de perguntas! Se não quer sair comigo, é só dizer não.

Jason ergueu uma mão para conter as acusações.

— Eu não disse que não queria ir.

— Não era o que parecia.

Para ser honesto, ele *estava* interessado. Fazia tanto tempo que não fazia nada por diversão! E a frustração que sentia lhe dava vontade de cuspir na cara de Hastings, Snowbeard e os outros. Sair com Leesha era uma forma de fazer isso.

Ele se levantou, segurando as mãos dela e pondo-a de pé.

— Vamos para o parque.

— *O parque?*

Se ele houvesse dito "o aterro sanitário", teria obtido a mesma reação.

— Está *congelando* aqui fora — protestou ela.

Ele sorriu e puxou-a pelo cotovelo, de forma que ela teve de se apressar para acompanhá-lo.

— O parque Perry é o lugar mais incrível de Trinity, e aposto que você nunca esteve lá.

O parque Perry era também um casamento perfeito entre o público e o privado. Ficava bem no meio do santuário. Ainda assim, era improvável que fossem vistos. Além disso, havia diversas rotas de fuga, caso isso se revelasse necessário.

Capítulo Dez **Coal Grove, Ato I**

A audiência foi como uma peça: todos fantasiados, lendo suas falas, alguns com mais habilidade do que outros.

Ray McCartney fazia o papel do advogado do interior, todo em suéter de lã e calças cáqui, camisa de colarinho e gravata. Representava Carlene de graça, é claro. Estivera apaixonado por ela desde que Madison podia se lembrar.

Carlene trajava um vestido cinza e casaco, pérolas e sapatos de salto baixo. Havia comprado o traje na Sears a crédito, já que ela não tinha nada assim no guarda-roupa. Madison havia arrumado os cachos loiros da mãe numa trança. Somado ao batom cor-de-rosa, esse penteado lhe dava um ar mais jovem.

Madison tinha a sua própria fantasia: uma saia longa e um suéter folgado, meias pretas e sapatos discretos, sem salto, os cabelos rebeldes presos com um grampo na nuca.

"Pareço com a babá de alguém", pensou ela, mal-humorada.

Estavam reunidos numa pequena sala de audiências no primeiro andar do tribunal de tijolos vermelhos. A neve rodopiava do outro lado das janelas. Madison não estava nem um pouco ansiosa por escorregar no caminho de volta montanha acima.

Além de Madison e Carlene, havia Ed Ragland, o primeiro juiz afro-americano do condado, que sempre parecia estar com sono, mas era conhecido por não perder nenhum detalhe. Bryson Roper, dono da empresa Carvão Roper e de todas as terras em torno da montanha Booker. E o filho dele, Brice, é claro.

O senhor Roper era um homem rude que se transformara em proprietário de uma empresa de carvão. O terno caro caía-lhe desconfortável dos ombros largos, e o pescoço estava espremido pelo colarinho. Os olhos eram da cor de folhas de carvalho após um longo inverno no chão. Nos arredores de Coal Grove, as pessoas diziam que ele era capaz de quase tudo, inclusive assassinato.

Brice se reclinava no assento dele, as pernas estendidas, o colarinho virado para cima. Ele possuía uma beleza artificial, como um modelo de anúncio de loja de departamentos. Como se isso não fosse o bastante, emitia o tênue brilho dos magos.

Ele era o tipo de rapaz em quem os pais confiavam. Mas não deveriam. Ele sorriu para Maddie, erguendo a mão esquerda para acenar para ela, e o estômago dela se revirou, como sempre. Ela estivera fora por quase um ano, mas nada mudara.

O juiz Ragland firmou as regras básicas.

— Esta é uma audiência informal, o que gosto de chamar de "uma conversa com todas as partes envolvidas", para que o tribunal possa descobrir os fatos do caso e decidir o que fazer

quanto a Grace e John Robert. — Ele se virou para Brice. — Jovem senhor Roper?

Brice sabia como contar uma história, Madison tinha de admitir. Ele explicou que estava a caminho de casa, vindo da escola, quando viu uma nuvem de fumaça subindo da velha casa dos Booker. Ele achou que a casa estivesse pegando fogo, por isso foi de carro até lá e encontrou o galpão em chamas.

— Onde estavam as crianças nesse momento? — indagou o juiz Ragland.

— Estavam trazendo água da bomba. Tentei apagar o fogo, mas o galpão já estava praticamente destruído. Eu não sabia onde a Carlene... a senhora Moss... estava. Por isso levei as crianças para a nossa casa.

Ray McCartney se inclinou para a frente.

— Quer dizer que, até onde o senhor sabia, a senhora Moss estava em algum lugar na propriedade.

— Bem, não — disse Brice, parecendo embaraçado por ter de delatar Carlene. — As crianças disseram que ela estava no trabalho.

— Então você levou essas crianças assustadas para a mãe delas? — perguntou Ray com suavidade.

O velho senhor Roper assumiu.

— Não, nós as entregamos para o Juizado da Infância e da Juventude. Essas crianças são largadas sozinhas lá em cima o tempo todo — acrescentou ele. — E hora de fazer alguma coisa a respeito. As pessoas daqui prestam mais atenção aos seus cães do que ela aos seus filhos.

O juiz Ragland olhou por cima dos óculos, estudando alguns papéis sobre sua mesa.

— Carlene, o relatório do Juizado da Infância e da Juventude diz que essas crianças já foram removidas de sua casa duas vezes anteriormente, por boas razões. Uma vez elas foram

encontradas perambulando no centro de Coal Grove às duas horas da manhã.

— Isso foi culpa da babá — disse Carlene. — Não pude evitar. Eu estava em Las Vegas.

Ray lançou um olhar severo a Carlene. Ele lhe havia dito para ficar quieta durante a audiência, a menos que lhe fizessem uma pergunta direta.

— Devo dizer que estou preocupado, Carlene — disse o juiz Ragland. — Você esteve no tribunal várias vezes por causa da Grace e do John Robert, mas nada parece mudar. Por que eu deveria esperar que as coisas sejam diferentes de agora em diante?

Ray respondeu rapidamente.

— Excelência, este episódio foi apenas um problema de comunicação. A babá contratada pela senhora Moss não apareceu. Ela não sabia...

— Eu perguntei à Carlene — interveio o juiz Ragland.

— O senhor sabe que eu tenho de trabalhar pra viver — respondeu Carlene. — É difícil encontrar uma babá que suba até lá em cima na montanha pelo que posso pagar.

— É por isso que você precisa desistir daquele lugar e se mudar para a cidade — resmungou o senhor Roper, olhando para o teto. — Essas crianças podiam ter morrido queimadas.

O juiz Ragland lançou um olhar de desaprovação a Bryson Roper e voltou-se para Carlene.

— Então o que vai fazer a respeito? Não posso devolver essas crianças a uma situação que não seja segura.

Carlene segurou a bolsinha cor-de-rosa e se inclinou para a frente.

— Elas ficam na escola nos dias de semana. E a Maddie vai tomar conta delas depois da escola e nos fins de semana. Isso vai me dar tempo para acertar as coisas.

— É isso mesmo, Madison?

Todos os olhos estavam sobre Madison Moss. Ela previra isso. Sabia que não tinha escolha.

— Isso mesmo, senhor.

— Tem certeza disso?

Madison assentiu com a cabeça.

— E quanto às suas aulas? Você está em que ano, terceiro?

— Está tudo acertado. Ainda posso me formar.

O juiz Ragland suspirou e empilhou os papéis sobre a mesa à frente dele.

— Esta é a minha decisão, então. O Juizado da Infância e da Juventude vai continuar supervisionando as crianças, mas elas serão deixadas sob a sua custódia, Carlene, com a condição de que Madison esteja disponível para cuidar delas enquanto você estiver no trabalho.

Madison sentiu a pressão do olhar do juiz, mas olhou para o próprio colo.

— Madison, se chegar um ponto em que você perceba que não será capaz de fazê-lo, você deve notificar o tribunal. Ou seja, notificar a mim. De uma forma ou de outra, eu os verei a todos aqui no fim de agosto. — Ele se voltou para o meirinho. — Pode trazer as crianças?

Grace entrou na sala andando com as costas retas e o queixo erguido, como uma rainha de dez anos de idade, segurando firme a mão de John Robert. Mas quando o menino de sete anos viu Maddie, ele se desgarrou e correu para os braços dela.

— Maddie!

Ele enfiou os dedos no cabelo dela, arrancando-o do clipe.

Madison abraçou-o com força, erguendo o corpinho sólido no colo. Alguém havia grudado os cachos loiros dele com gel, penteando-os para o lado. Ele vestia uma camisa de colarinho de listras vermelhas e brancas e calças vermelhas. Parecia um angelical vendedor de carros usados.

Grace devia ter recusado a arrumação, já que trajava as próprias roupas e o delicado cabelo castanho estava preso no rabo de cavalo de costume. Ela encarou Brice Roper com aquele olhar que era sua marca registrada, capaz de azedar o leite, e virou-se para o juiz Ragland.

— Eu quero acusar este homem de rapto — declarou, inclinando a cabeça para indicar Brice, que parecia que ia dizer algo, mas pensou melhor e calou a boca.

— Essa é uma acusação séria, minha jovem — replicou o juiz Ragland.

— Um galpão velho pegou fogo na nossa propriedade, e o meu irmão e eu estávamos apagando, quando *ele* apareceu. A gente podia ter salvado o galpão se não fosse por ele. E então ele nos arrastou montanha abaixo e nos colocou na cadeia.

— É verdade? — perguntou o juiz Ragland olhando para Brice, que revirou os olhos e deu de ombros.

— De qualquer forma, o senhor deveria fazer com que ele pagasse pelo galpão — concluiu Grace, olhando feio para Brice.

— Vou levar isso em consideração, Grace — disse o juiz Ragland. — O que significa que vou pensar a respeito. Enquanto isso, volte para casa com a sua mãe e tome conta dela, entendido?

Ele olhou para Carlene, balançando a cabeça.

— Carlene, você está criando advogados. Que Deus a ajude. Com isso, a audiência estava encerrada.

Ray McCartney deu um tapinha no ombro de Madison.

— Bom trabalho, Maddie. Fico feliz que esteja em casa.

Mas quando Madison tentou abraçar Grace, sentiu rigidez e relutância no seu corpo esguio.

"Ela está zangada comigo por eu ter ido embora", pensou Madison. "Acha que é por minha culpa que acabou na cadeia infantil."

Madison se virou e quase trombou com Brice Roper.

— Oi, Madison, como vão as coisas? — Correndo a mão pelos cabelos castanhos cuidadosamente desarrumados, ele abriu aquele sorriso que encantava qualquer garota no vale de Roaring Fork, mas que dava em Madison a sensação de lombrigas rastejando por suas costas. — A gente sentiu a sua falta. É o que todo mundo diz — acrescentou ele, aparentemente falando por todo o terceiro ano do Colégio do Condado de Coalton, do qual ele era presidente.

Madison cruzou os braços e bateu o pé no piso de madeira gasta.

— Aposto que sim.

Eles tiveram de encontrar outra pessoa de quem falar e a quem culpar pelas coisas.

Brice sorriu. Mesmo sem querer, ela recuou um passo. Ele sempre parecia estar assediando-a, tomando mais espaço do que o que lhe era reservado.

— Então — disse ele, perfeitamente consciente do efeito que causava. — Quando vai voltar pra escola?

Ela balançou a cabeça.

— Não vou voltar. Estou... hum... estudando em casa. É um curso à distância.

Para que eu possa me manter à distância de todos vocês.

Ele a fitou por um momento, a testa levemente franzida, como se não soubesse se acreditava nela ou não.

— Que pena. Bem, eu ligo pra você, então. Podemos sair. Vou apresentar você pras pessoas — acrescentou ele.

I-na-cre-di-tá-vel. Depois de tudo o que havia acontecido, Brice Roper estava lhe passando uma cantada. De novo. Por um minuto ela ficou sem fala, as palavras parecendo travar em sua boca.

— Ora, muito obrigada, mas eu *sou* daqui, não preciso que me apresente.

Na verdade, havia pessoas às quais ela gostaria de ser desapresentada. Adivinhe quem estava no topo da lista?

— Além do mais, vou estar muito ocupada e, de qualquer jeito, a gente não tem telefone no momento.

— É verdade. A Carlene tem usado bastante o nosso telefone. Passe por lá pra telefonar sempre que quiser. Geralmente estou em casa à tarde, a não ser que haja alguma coisa na escola.

Ele ergueu a mão e alisou de leve os cabelos dela.

Ela estapeou-lhe a mão, e ele agarrou o pulso de Madison. O rosto dele ficou vermelho como tijolos.

Bryson, seu pai, falou da porta.

— Brice, que *diabos* você está fazendo? Venha. Já estamos atrasados — acrescentou, apontando para o relógio, virando-se e saindo do recinto.

Madison olhou de novo para Brice a tempo de ver o ódio cruzar-lhe o rosto antes que ele varresse a emoção de suas feições. Ele soltou-lhe o pulso.

— Vejo você por aí — disse ele, e foi embora.

"Não se eu vir você primeiro", pensou Madison.

— O que o jovem Brice queria? — perguntou Carlene, enquanto desciam os degraus largos e baixos do tribunal, com Ray seguindo-as, esperançoso.

— Queria que eu soubesse que todos sentem a minha falta.

— Creio que ele tem uma queda por você, Madison — disse Carlene, reaplicando o batom sem perder o passo. — Aquele rapaz tem uma expressão... faminta.

— Mamãe, não me venha com essa.

— Dizem que os Ropers têm pilhas de dinheiro.

— *Dizem* um bocado de coisas. — Coisas demais e com demasiada freqüência. — A vovó Min me disse pra ficar longe dele.

Carlene deu de ombros.

— Ela também jamais gostou de nenhum dos meus namorados.

Ray as seguiu até o carro, zumbindo em torno delas como uma cigarra no verão. Carlene passou a Ray a escova e ele limpou a neve de cima do carro enquanto ela dava partida no motor.

— Vou obter os termos da sentença de custódia por escrito e aí eu dou um retorno a você — dizia Ray. — Quando é o seu aniversário, Maddie?

— Só em agosto.

— Enquanto estiver aqui, podemos arranjar a papelada para que estejamos prontos para transferir a escritura da casa e tudo assim que você completar dezoito anos.

Ray era o executor dos bens de Min.

— Ainda não entendo por que a Min deixou a montanha pra você — resmungou Carlene. — Sou a filha dela.

— Porque, se ela tivesse deixado pra você, a gente já teria perdido a montanha — disse Madison.

Carlene se calou, remexendo na bolsa à procura de um cigarro, o lábio inferior tremendo.

"Lá vai a sua língua ferina de novo", pensou Madison. Min sempre dizia que Maddie era incapaz de tolerar os imbecis.

Carlene trabalhou naquela noite, por isso, após o jantar, Madison ajudou John Robert no banho, lavando o gel que lhe haviam aplicado no cabelo e deixando que esse secasse e voltasse à sua aparência cacheada natural.

Vestindo o casaco, ela saiu para a varanda. Pousou as mãos no corrimão rachado e respirou o ar frio como se fosse um tônico. As luzes cintilavam no vale lá embaixo. À esquerda, o riacho Booker corria sobre as pedras e murmurava segredos em seu caminho montanha abaixo.

Ela explorou o vácuo deixado pela ausência de Seph, como o faria com o espaço outrora ocupado por um dente quebrado. Ele era uma presença constante na visão periférica de Madison, alto, calado e acusador, o rosto pálido emoldurado por um

emaranhado de cachos. Mas ele desaparecia toda vez que ela virava a cabeça.

Só que agora havia algo mais. Desde o encontro no porão da igreja, o Coração do Dragão parecia ocupar a todo instante os espaços vazios de sua mente, como imagens de fogos de artifício gravadas nas retinas.

Descendo com cuidado os degraus de pedra que se esfarelavam, Madison atravessou o pátio lateral até o local onde os restos carbonizados do galpão se amontoavam junto à estufa. Carlene havia deixado o esqueleto de madeira apodrecer.

O trisavô de Madison havia cortado as tábuas com uma machadinha. Havia disposto as pedras da fundação mais altas num dos lados para compensar a inclinação do relevo.

Madison se ajoelhou e cutucou as cinzas com um galho, torcendo para não encontrar nenhum sinal de bruxaria.

Um leve som por trás de Madison alertou-a para o fato de que não estava sozinha. Ela se levantou e se virou. Era Grace, que ainda não decidira se estava de bem com Madison ou não.

"Não seja como eu", pensou Madison. "Rancorosa a vida toda." Ficaram de pé lado a lado, fitando as ruínas, batendo os pés para se manter aquecidas. A respiração delas formava baforadas no ar cristalino.

— Afinal, o que foi que aconteceu com o galpão? — perguntou Madison após um instante.

— Um as pessoas atearam fogo nele — respondeu Grace.

Madison se voltou e a encarou.

— Quem?

Grace sacudiu os ombros estreitos.

— Eram quatro ou cinco. Estava escuro. Eles pareciam estar carregando tochas ou algo assim.

Ninguém era melhor do que Grace em guardar segredos. O que fazia Madison pensar que ela tivera de praticar muito.

— E você e o J. R. estavam sozinhos?

Grace deu de ombros de novo. Pegou um galho e enfiou a ponta sob uma viga carbonizada, pescando um trapo de pano que se dissolveu em cinzas.

— Alguma idéia de quem foi? — indagou Madison.

— Não. Estavam usando capuzes. — Ela hesitou. — A gente tentou apagar o fogo, eu e o J. R. Jogamos água. Mas não apagava.

Madison estremeceu.

— Vocês... vocês encontraram alguma marca, um sinal ou algo assim?

Grace balançou a cabeça.

— Contou a alguém?

Ela franziu o nariz.

— Pra quem eu ia contar? Você não estava aqui, e a mamãe, bem...

— Podia ter dito à polícia.

— Provavelmente iam dizer que a gente inventou. Ou nos culpar.

Madison concordou com a cabeça.

— É possível.

Apesar da idade, Grace já era calejada. Ela provavelmente se lembrava de quão pouco a polícia ajudara no ano anterior, quando Madison fora a acusada.

— Devem ter sido crianças — sugeriu Madison.

Era possível. Algumas pessoas simplesmente gostavam de ver as coisas pegarem fogo. E os garotos do colégio gostavam de subir a estrada da montanha Booker quando queriam fugir de todos os olhares curiosos da cidadezinha.

Aquilo não queria dizer, necessariamente, que os incêndios recomeçariam.

Num impulso, Madison passou um braço ao redor dos ombros de Grace e puxou-a para perto. Grace resistiu a princípio, depois cedeu, pousando a cabeça no ombro de Madison. Grace tomara

uma ducha assim que chegara em casa, e seus cabelos cheiravam ao tipo de xampu que se podia comprar por 99 centavos o litro.

O cheiro do lar.

— Vai ficar conosco por todo o verão? — perguntou Grace, as palavras saindo num só fôlego, como se estivesse morrendo de vontade de fazer aquela pergunta a noite toda.

— Não sei se o verão todo. Até terminarem as aulas, pelo menos.

— A picape também vai ficar aqui? Você vai poder levar a gente pra passear?

— Bem, vou ficar estudando em casa. Pintando para a escola.

— Ótimo.

Grace raspou os destroços congelados com a ponta do tênis.

Madison pensou em Grace, confinada à montanha, sem telefone, sem computador e apenas com John Robert para lhe fazer companhia. Até a recepção dos canais de TV era ruim.

— Não se preocupe. Vamos passear. Vamos descer até a cidade pelo menos umas duas vezes por semana.

Grace revirou os olhos.

— Como se isso fosse uma aventura.

Mas Madison percebeu que ela estava contente.

Capítulo Onze **Pintura Venenosa**

Seph se deitou entre as almofadas no balanço de vime. O solário no Chalé de Pedra era um de seus recantos favoritos, em qualquer estação. O livro escolar estava apoiado sobre os joelhos dele — *Problemas da democracia: uma visão mundial* —, mas fazia um bom tempo que ele não virava uma página. O texto podia muito bem ter sido escrito em inglês antigo.

Com outra parte da mente, ele monitorava o santuário. A energia deste vibrava ao redor de Seph, como um mapa com pontos esparsos de cor indicando os movimentos dos magos e dos outros dotados. Não era mais tão exaustivo como antes. Era como transitar por uma rede de um videogame complexo, exercendo controle sutil sobre os eventos. O pai lhe ensinara a técnica.

Aqui e ali uma erupção indicava que havia magia em ação — os verdes e marrons da magia da terra no jardim de Mercedes, os prateados e dourados dos feitiços dos magos, os vermelhos e roxos que significavam encantadores. Em nenhum lugar o laranja furioso que significava magia de ataque. Ele se *tornara* a cidade de Trinity — sua maquete mágica, pelo menos. O dia e seus prazeres se tornaram distantes.

Algo cutucou-lhe as margens da consciência. Uma voz.

— Seph.

De repente, o diagrama mágico desapareceu de seu campo de visão, e o poder fluiu de volta para seu corpo, aquecendo-o até as pontas dos dedos das mãos e dos pés. Ele abriu os olhos e viu Nick Snowbeard fitando-o com uma expressão severa.

— Seph. Você se estende demais. Já o avisei sobre isso. Desse jeito você fica vulnerável.

Nick assumira plenamente seu disfarce de velho desleixado, vestindo calças de lona, uma camisa de flanela e botas de trabalho.

Seph lambeu os lábios e virou um pouco a cabeça para olhar na direção do lago congelado. Este havia desaparecido na escuridão. Era tarde — mais tarde do que pensara. Aonde o tempo havia ido?

Ele conseguiu se sentar na segunda tentativa. Os músculos estavam rígidos devido à longa imobilidade.

— Qual é o problema?

— O seu telefone estava tocando quando entrei. — Nick deixou um celular cair no colo de Seph. — Era a Rachel Booker. Quer que você se encontre com ela na pensão.

Seph apanhou o telefone e estreitou os olhos para Nick.

— A Rachel?

Rachel Booker era a dona da Pensão Lendas, prima mais velha de Madison. Ele não a via desde que Madison partira para o Condado de Coalton. Como defensora auto-proclamada da virtude de Madison, sempre tratara Seph com uma fria e cética desconfiança.

Não que ele representasse qualquer ameaça ultimamente.

O coração dele acelerou.

— Por quê? Ela teve notícias da Madison?

— Sugiro que a gente vá até a Lendas e descubra.

Seph se ergueu, agarrando o balanço como apoio, ainda trêmulo devido aos efeitos da sondagem mental.

— Você está bem? — perguntou Nick em tom ríspido.

— Estou ótimo.

De fato, ele parecia estar lidando melhor com as tarefas mágicas ultimamente. As violentas dores de cabeça haviam passado. Sentia-se menos cansado, mais concentrado, e ganhara algum peso. "Os milkshakes da Linda devem estar funcionando", pensou.

Ele e o velho mago saíram do Chalé de Pedra e seguiram para oeste pela estrada do Lago, uma avenida flanqueada por uma mistura eclética de velhos chalés de verão e mansões modernas. Postes de luz raiavam sob os esqueletos das árvores e o vento vindo do lago estava terrivelmente frio.

Nick andava sobre as pedras irregulares do calçamento sem o auxílio da bengala, já que Mercedes a declarara irreparável. Ele parecia incompleto sem ela. Seph segurou o braço do velho mago algumas vezes para ampará-lo na rua gelada.

— Você quase não tem saído para falar com outras pessoas — disse Nick. — A ausência de Madison não está fazendo bem a você.

Seph esfregou a testa com irritação.

— Sinto como se estivesse entre as pessoas o dia inteiro.

— Não falo no sentido virtual. — Nick fez uma pausa. — Acho que você deveria conversar com o Jason.

Seph revirou os olhos.

— Por quê? Ele se sente solitário ou algo assim?

— Estou preocupado com ele. Hastings tinha esperanças de que eu conseguisse envolvê-lo nos testes das *sefas* que ele trouxe da ravina. Jason tem um bom conhecimento sobre objetos mágicos, mas receio que o trabalho de arquivo não combine muito com ele. Ele anda tenso como um arco esticado.

— Jason está bem — disse Seph, sentindo-se culpado. Não era culpa dele se as coisas haviam acabado daquele jeito. Na verdade, abriria mão da barreira de bom grado, se pudesse. Mesmo quando ele se sentia bem, era difícil controlá-la. A pressão era intensa. Todos estavam contando com ele, e era exatamente isso o que Jason desejava. — É só que... eu queria que ele pudesse ajudar com... algo mais importante.

Nick emitiu um som de desprezo.

— Ele *está* fazendo algo importante, só que não vê as coisas desse modo. Tenho medo de que ele cometa algo imprudente.

— Como o quê?

— Como voltar para a Grã-Bretanha sozinho. Ele sabe que Hastings está planejando algo e está determinado a fazer parte disso. E ele quer levar alguns dos objetos da igreja de volta com ele.

— Não vejo como a gente possa impedir.

— Eu posso detê-lo, se quiser — disse Snowbeard, com franqueza. — Porém preferiria não fazer isso. Tinha esperanças de que, como amigo dele, você fosse capaz de... reorientá-lo.

— Posso tentar — disse Seph, de novo se sentindo culpado por falar pelas costas de Jason. — Não me sinto à vontade pra dizer a ele o que fazer.

— Ele pode não ser forte o bastante para lidar com a barreira, mas há muito mais trabalho a ser feito. Você precisa delegar mais — disse Snowbeard.

"Certo", pensou Seph. "Delegar mais. Ótimo." Ele tinha planos que exigiriam mais magia do que nunca.

— Que notícias você tem da Madison? — perguntou Nick, mudando de assunto abruptamente outra vez. O velho mago estava numa missão também, e Seph era, de certa forma, o veículo.

— Não muitas. O telefone deles está desligado, e a recepção do celular não é boa por lá. Ela me manda e-mails da biblioteca de vez em quando. Não vai voltar tão cedo. Os irmãos dela foram liberados do Juizado da Infância, já que ela está lá pra tomar conta deles.

Aqueles e-mails eram extremamente insatisfatórios: *Tenho pintado. Estou bem. As crianças dão trabalho. Tem estado frio e chuvoso. Quente e ensolarado. Ontem vi um peru selvagem e uma águia careca.* Ela mandava fotos da montanha Booker e das pinturas que fazia, paisagens vistas através de um filtro azul esfumado.

Seph curvou os ombros frustrado. Ele *não* queria que ela se desse bem no Condado de Coalton; queria que ela voltasse para Trinity. "É melhor assim", disse ele a si mesmo. "Se voltarmos a nos ver algum dia, a gente vai acabar brigando."

Mas seria bom se pelo menos ele pudesse vê-la de novo.

Eles viraram a esquina, passando pelos jardins ressecados pelo inverno que cercavam a pensão e subiram os degraus até a varanda. A recepcionista no balcão do saguão foi chamar Rachel. Seph passou a mão pelo pilar de apoio da requintada

escadaria de carvalho. Ali ele e Madison haviam planejado o primeiro encontro deles — o malfadado piquenique no rio.

Rachel surgiu no corredor que vinha da cozinha, limpando as mãos no avental. O cabelo era completamente liso e preto, diferente dos cachos dourados de Madison, mas ela possuía a mesma compleição pálida, a mesma pele clara, as mesmas sardas e o mesmo nariz levemente curvo de Madison.

— Obrigada por virem — disse ela, inclinando a cabeça polidamente para Seph e Nick. — Quero mostrar uma coisa a vocês.

Ela se virou e subiu a escadaria em curva, obviamente com a intenção de que eles a seguissem. Eles subiram um lance e depois outro, cruzando o pavimento no primeiro andar e continuando por uma escada mais estreita até o segundo, onde ficava o quarto de Madison.

— A gente estava falando sobre a Madison — disse Seph, acompanhando com facilidade o ritmo dela pelos íngremes degraus enquanto Nick ficava para trás. — Teve notícias dela?

— Não — respondeu Rachel, olhando-o com uma expressão peculiar. — Não tive nenhuma notícia.

Ao entrarem no familiar corredor que levava ao minúsculo quarto de Madison enfiado sob a escada dos fundos, Seph sentiu cheiro de madeira queimada. Rachel postou-se ao lado da entrada dos aposentos de Madison.

A porta havia sumido, pelo menos a maior parte dela, deixando um buraco irregular. A madeira do batente da porta estava chamuscada, e os tacos do piso cobertos com cinzas finas, agora manchadas com pegadas.

Seph encarou Rachel, que o fuzilava com os olhos como se, de alguma forma, ele fosse culpado. E provavelmente era.

— O quê... Quando isso aconteceu?

— Ontem. Foi quando eu notei, pelo menos. Entre — disse ela.

Seph hesitou, sem saber se deveria abrir a porta arruinada ou passar pelo buraco. No fim, escolheu a segunda opção, passando com cuidado por entre a madeira rachada.

O quarto estava totalmente destruído, o conteúdo das gavetas jogado no chão, armários com as portas abertas, o colchão arrancado da cama e cortado em pedaços, baús revirados, cestos de lixo de cabeça para baixo. As portas do armário haviam sido arrombadas e pendiam tortas nas dobradiças. Até o pequeno refrigerador havia sido esvaziado no piso.

Embora fizesse tempo que ele não era convidado a entrar no quarto de Madison, era um contraste gritante com o que Seph se lembrava. Madison era uma pessoa naturalmente ordeira.

Ele se voltou para Rachel, que entrara atrás dele.

— Quem fez isso? O que estavam procurando?

Ela cruzou os braços, batendo o pé de um jeito familiar.

— Eu esperava que você pudesse me dizer.

— Como é que eu vou saber? — disse Seph, sabendo que a porta destruída era obra de um mago.

Nick estava postado à entrada, emoldurado pelos destroços da porta.

— Minha nossa — disse ele. — Que tipo de ato diabólico é este?

— Não consigo entender — disse Rachel. — Quer dizer, o quarto dela é aqui em cima no segundo andar, então não parece ser um arrombamento comum. É mais provável que um hóspede tenha bens valiosos do que uma garçonete.

— Depende do que se considera valioso — resmungou Seph. — Alguma coisa foi levada?

— Não que eu tenha notado. Mas pode ser. Ela não tinha muito, para início de conversa. Ela levou os apetrechos de arte e o computador pra casa com ela. Mas deixou as roupas de inverno, a mobília e outras coisas de escola.

Dando de ombros, Seph examinou o quarto — as estampas impressionistas que cobriam as paredes, a coleção de chapéus

sobre a cama, a cabeceira manchada de tinta. A escrivadinha fora esvaziada, mas não havia como saber se algo estava faltando.

Ele não havia notado nenhuma atividade mágica atípica nos últimos dois dias. Mas não seria preciso muito para explodir uma porta.

O que um mago estaria procurando? Objetos mágicos? Um endereço? Registros telefônicos?

A apreensão fez o coração de Seph se contrair, mas ele conseguiu manter a voz firme.

— Ela sabe?

Rachel balançou a cabeça.

— Eu mandei um e-mail pra ela, mas ela não respondeu.

— Você chamou a polícia? — indagou Seph.

— Talvez eu tenha agido errado, mas não chamei. Não parece um assalto normal. Como eu falei, por que ir atrás de uma garota que não tem nada? — Ela fitou Seph com desconfiança.

— Tem certeza de que não sabe nada sobre isso?

Ele retribuiu-lhe o olhar.

— Por que eu saberia de algo a esse respeito?

— Tudo o que sei é que há alguma coisa errada entre você e ela. Vocês eram que nem pombinhos apaixonados até uns seis meses atrás, e desde então, bem, você é quem deveria me dizer.

Tomado de surpresa, Seph gaguejou:

— A gente está bem. Digo, estamos ótimos.

— Mesmo? Ora, ocorreu-me que talvez você tivesse vindo e revirado o lugar todo, sabe como é, por vingança. Por ela ter ido embora.

Seph ficou ofendido com a acusação.

— Eu não faria isso.

Eles ficaram se encarando. Então Seph perguntou:

— Ela deixou alguma das pinturas dela aqui? Se alguém queria destruir algo que significasse muito pra ela, começaria por aí.

— Bom, tem só essa. — Rachel pôs a mão atrás do sofá e tirou uma tela. — Parece que alguém tirou isso do armário.

Ela a virou para Seph para que ele pudesse ver.

A tinta parecia nadar na tela, em redemoinhos nauseantes de marrom e verde. Não. Eram as figuras na pintura em si. Estavam se movendo. Ele reconheceu a cena com um sobressalto: era a sala de conferências em Second Sister. O pai dele, Hastings, jazia junto ao altar de Gregoiy Leicester, nos braços da mãe que chorava. Leicester olhava diretamente para Seph, os olhos brilhando, o braço estendido. Atrás dele estavam os ex-alunos, unindo seus poderes aos dele. Chamas irromperam das mãos de Leicester, chocando-se contra o corpo de Seph. Ele gritou e recuou aos tropeços, erguendo as mãos para se defender.

Ele acordou e se viu deitado na cama de Madison com Nick sentado a seu lado, suas mãos pressionando o peito de Seph, murmurando um feitiço de cura. Quando Seph abriu os olhos, Snowbeard soltou um suspiro de alívio e sussurrou, numa voz estranha e contida:

— Deixe as explicações comigo.

Seph tentou se sentar e vomitou algo negro e nojento numa bacia que Nick estava segurando ali, de prontidão. Nick limpou-lhe o rosto com um pano.

— Nick — sussurrou Seph. — O que a Rachel...

— Fique deitado — ordenou Nick, e foi esvaziar a bacia.

Rachel apareceu à porta com um copo de água.

— Como ele está?

A costumeira desconfiança em relação a Seph havia sido substituída por preocupação solícita.

— Sinto muito pelo transtorno — falou Nick do banheiro. — Ele tem estado gripado nestes últimos dias. Quando dei a sua mensagem para ele, ele insistiu em sair da cama para vir aqui.

— Eu não sabia que ele estava doente — disse Rachel, retorcendo o cabelo entre os dedos. — O senhor devia ter dito. Snowbeard retornou com a bacia vazia. Seph lavou a boca e cuspiu a água na bacia. Sentia-se péssimo, como da vez em que contraíra mononucleose na escola secundária na Escócia e acabara no hospital. Todo o seu corpo coçava e ardia como se estivesse com urticária. Alucinações flutuavam em sua mente.

— O que você fez com a pintura, Rachel? — indagou o velho com calma.

— Guardei no porão — disse ela, dando de ombros. — Mas ainda não vejo por que...

— Melhor prevenir do que remediar — disse Snowbeard. — Provavelmente é só a gripe, mas talvez algo na pintura tenha desencadeado um choque sináptico no cérebro, do mesmo jeito que luzes estroboscópicas causam convulsões em pessoas suscetíveis.

Mesmo tonto como estava, Seph não pôde deixar de pensar que Snowbeard era um excelente mentiroso para alguém que era um dos mocinhos da história.

— Quer alguma coisa para comer, meu bem? — perguntou Rachel. — Eu posso preparar uma omelete ou uma sopa — ofereceu ela. — Tem bolo de chocolate e pudim com calda de açúcar queimado.

Seph estremeceu ante o pensamento de se ver diante de comida. A cadeira de Snowbeard rangeu quando ele se ergueu para segurar o cotovelo de Rachel.

— Não se preocupe, minha querida. Sei como está ocupada. Vou ficar aqui com o Seph e vamos deixá-lo descansar por uns minutos, depois vou levá-lo para casa. Tem certeza de que não tem mais nenhuma pintura da Maddie na pensão?

— Aquela foi a única que encontrei. Ou ela levou todas, ou o ladrão roubou.

— Vamos torcer para que nada tenha sido roubado.

Sem esforço, Snowbeard conduziu Rachel para fora do quarto. Momentos mais tarde, Seph ouviu-a descer as escadas. Snowbeard fechou o que restou da porta e puxou uma cadeira para se sentar ao lado de Seph.

Linhas duras e zangadas marcavam o rosto do velho.

— Como está se sentindo? — perguntou ele.

— Péssimo. — E confuso e embaraçado. — Não sei o que eu...

— O que você viu na pintura? — indagou Snowbeard, segurando-lhe o braço.

Ele está usando a persuasão, percebeu Seph, sentindo o fluxo quente de poder. Ele resistiu instintivamente, revertendo aos hábitos adquiridos ao longo de toda a sua vida.

— A pintura? Não consegui ver muita coisa. Eu estava meio tonto no caminho até aqui, por causa da sondagem mental, acho, e eu só... por que pergunta?

Snowbeard estudou-o, desconfiado.

— Você bateu o olho na pintura da Madison e desmaiou. Quero saber o porquê.

— Nem me lembro. — Seph fechou os olhos como se vasculhasse o cérebro, mas principalmente a fim de evitar o olhar penetrante de Snowbeard. Qual era a do velho, afinal? — Com o que parecia?

— Era uma pintura do Porto de Trinity.

"Não é a pintura que eu vi", pensou Seph. Ele abriu os olhos.

— Ah, certo. Agora me lembro.

Snowbeard apertou com mais força. Mais persuasão.

— Não minta para mim. Isto é importante para a sua própria segurança.

— Seja como for, como é que uma pintura poderia me fazer desmaiar?

— Há várias possibilidades, meu rapaz. Feiticeiros podem implantar feitiços em objetos. Certamente uma praga poderia ser embutida numa pintura.

— Então você acha que quem quer que tenha invadido este quarto pôs uma praga na pintura da Madison? — indagou Seph, com cautela.

— Pragas geralmente são embutidas no momento em que o objeto é confeccionado. Nesse caso, no momento em que a tela foi pintada.

— Bem, foi a Madison quem pintou. Então isso é impossível. Seph olhou Snowbeard nos olhos, desafiando o Velho Urso a contradizê-lo.

— E não é só isso — continuou Snowbeard, como se não tivesse escutado. — A praga, se é isso o que era, foi direcionada especificamente contra você. Não afetou a Rachel nem a mim, embora eu tenha retirado a pintura do quarto e ela a tenha carregado até o porão. O que quer que fosse, tinha a intenção de matar. Se você estivesse sozinho, poderia ter tido sucesso.

— Pragas e magia de ataque não funcionam no Santuário. A gente sabe disso.

— Existem muitas coisas que estão além do nosso conhecimento — disse Snowbeard com gravidade. — Era você quem estava mantendo a barreira. Você pode ser vulnerável à uma praga poderosa dirigida contra você ou embalada de uma forma diferente.

Seph sabia onde aquilo ia chegar. Ele comprimiu os lábios e esperou pelo fim do discurso.

— Quem sabe do que um extrator é capaz? Ninguém. A Madison se recusou a se juntar à guerra do nosso lado. É possível que ela tenha se juntado ao outro lado?

— Não — respondeu Seph, mais alto do que pretendia.

"Mas por que ela iria pintar aquela cena em particular?"

Ela pareceu completamente traumatizada na época, e com certeza não era algo de que ele quisesse se lembrar".

— Ela deixa a cidade repentinamente no meio do ano letivo...

— Ela precisou.

— Parece que vocês não têm se dado tão bem quanto antes...

— Ei, espere aí. — Seph se apoiou nos cotovelos, lutando contra outra onda de náusea. — Como eu fico dizendo a você, e ao meu pai, à minha mãe e a todo mundo, a Madison não quer ter nada a ver com essa guerra. Nada. Ela não está metida nisso. Talvez ela não nos ajude, mas ela não nos prejudicaria.

— A íris mencionou que a Madison parece estar... em dificuldades financeiras.

Seph pestanejou.

— Sei que ela nunca teve muito dinheiro, mas... eu podia ter ajudado. Tudo o que ela precisava fazer era pedir.

— Talvez tenha preferido não fazer isso. Ela é orgulhosa. As Rosas têm bolsos generosos. Qualquer um dos nossos inimigos poderia deixá-la rica.

— Não. Não acredito nisso. — Seph esfregou a testa com as costas da mão. Madison não lhe faria mal. Ele sabia disso. — Eu desmaiei. Só isso. Vai ver estou mesmo gripado. Tente a explicação mais simples pra variar. Estou cheio dessas teorias conspiratórias.

Nick balançou a cabeça, sem querer prolongar a discussão.

— Independentemente da origem do ataque, temo que você esteja ferido mais gravemente do que percebe. Você perdeu o controle da barreira quando caiu. Tente erguê-la de novo.

— Certo. — Seph respirou fundo e tentou se estender pelo santuário. Pontos pretos nadavam diante de seus olhos, agrupando-se em uma escuridão sufocante que ameaçava engoli-lo. Começou a suar frio e desistiu. Ficou

completamente imóvel até que a tontura passasse. Já era difícil antes. Agora era impossível. — Sinto muito — disse ele, quase em pânico. "E se eu não melhorar?" — Só preciso descansar um pouco.

— Talvez — disse Snowbeard, não soando muito convencido.

— Vou assumir por enquanto. Mas precisamos determinar

exatamente onde está a Madison e o que ela está tramando. Talvez isso seja algo que o Jason possa fazer.

Capítulo Doze

Uma Donzela Indefesa

A neve caía, infiltrando-se pelas copas das árvores e cintilando na fria luz de inverno, quando Leesha tropeçou na trilha congelada. Ela segurou com firmeza a mão de um imperceptível Jason, tanto para não cair quanto porque era ele quem estava com a *sefa*.

— Aonde vamos? — sussurrou ela. — E quem a gente está espionando?

Diversas possibilidades passavam na mente dela. Assassinos. Espiões. Algum tipo de arma mágica sendo construída no Santuário.

— Você vai ver — sussurrou ele, misterioso.

— É bom que valha a pena — resmungou ela. No que dizia respeito a Leesha, o inverno era o modo de a natureza dizer para as pessoas ficarem em casa. Em todos os lados, a neve estava rabiscada com pegadas de animais. Quem poderia saber que tipo de animal andava por ali? — Tem ursos por aqui?

— Só pequenos.

Será que os ursos perceberiam uma pessoa imperceptível?

Eles desceram até o leito de um regato parcialmente congelado, subiram do outro lado, circularam uma ravina e forçaram caminho por uma grossa barreira de pinheiros cobertos de neve. Àquela altura, ela estava sem fôlego.

— Quer ir mais devagar, por favor? As minhas pernas não são tão longas quanto as suas.

— Chegamos. Espere só até você ver. É muito legal.

Eles pararam sob um pinheiro cujos galhos curvavam-se até junto ao chão. O ar estava impregnado de um aroma límpido e

penetrante, como purificador de ar. Postando-se atrás dela, Jason segurou Leesha pela cintura e ergueu-a.

Bem diante do rosto dela estava a menor coruja que ela já vira, menor que um pintarroxo. Tinha uma cor amarronzada, com listras brancas partindo dos olhos e manchas brancas. Os pezinhos curvavam-se com firmeza em torno de um galho. Parecia estar em sono profundo, mas enquanto Leesha observava, a coruja abriu os olhos amarelos e piscou preguiçosamente para ela, depois os fechou de novo.

Com cautela, Leesha estendeu o dedo e roçou o tufo de penas ao redor dos pés da coruja, prendendo o fôlego. O pássaro abriu os olhos, girou a cabeça, agitou as penas e se aquietou de novo.

Jason baixou Leesha cuidadosamente até o chão, depois se inclinou para olhar também. Eles se revezaram observando a coruja por cerca de dez minutos. Então Jason segurou a mão de Leesha e guiou-a para fora do bosque de pinheiros.

Quando estavam a uma distância segura, Jason desativou o feitiço de imperceptibilidade e reapareceu, sorrindo para ela.

— O que... o que *era* aquilo? — perguntou Leesha. — Nunca tinha visto uma coruja tão pequena!

— É chamada de "coruja afia-serra" — disse Jason, parecendo feliz com a reação dela. — Acho que elas passam o inverno por aqui. Vi aquela ali um dia desses e fiz uma busca *on-line*. Parece que o canto dela soa como alguém afiando uma serra.

— A gente não pode levar pra casa? É *tão* fofinha. Quero ficar com ela! — disse Leesha.

— Bem, se quiser... Mas elas dormem durante o dia e comem ratos, e aí você teria de caçar.

Leesha estremeceu.

— Oh. Quer dizer que agora você é o grande caçador?

— Com certeza. — Ele se ajoelhou, formando uma bola de neve.

— Acho que a temporada de caça com arco acabou. Mas a temporada de bolas de neve está só começando.

Ele se levantou e se aproximou dela, jogando a bola para o ar e apanhando-a, lançando a Leesha um olhar sugestivo.

— Oh, não. Fique longe de mim!

Jason lançou a bola. Leesha se abaixou atrás de uma árvore e o míssil explodiu contra o tronco. Ela se ajoelhou e formou uma bola também, mas quando se levantou, Jason havia desaparecido.

— Não é justo! *Você não pode* ficar imperceptível.

— Nada de regras — disse Jason de trás dela, enfiando um punhado de neve pelas costas dela.

Ela se virou e ele roubou-lhe um beijo, então deu um pulo para trás, saindo de seu alcance.

— Nada de regras, você diz? Vai se arrepender.

Então a luta começou de verdade. Embora Leesha tivesse péssima pontaria, ela descobriu que era capaz de explodir os mísseis de Jason com magia antes que eles atingissem o alvo, o que equilibrou um pouco a disputa.

Quando decretaram uma trégua, haviam corrido pela floresta por uma hora. Leesha estava até suando, e estava escurecendo. Eles caminharam de volta ao pavilhão do parque de mãos dadas. Leesha acendeu a lareira para secar as roupas molhadas, e Jason aqueceu um pouco de sidra. Sentaram-se lado a lado junto ao fogo, as costas torrando, a frente congelando.

Leesha estava espantada por ter gostado tanto de brincar na neve. Imagens de quando era pequena lhe voltaram. Ela e a tia Milli fazendo bonecos de neve no pátio. Cardeais e chapins circulando o alimentador de pássaros, pousando para comer da mão dela. Consultas ao guia de campo da tia Milli para identificar pássaros raros.

— Quando chegar o verão, a gente pode se mudar para cá — sugeriu Jason, interrompendo-lhe o devaneio. — Você sabe, dormir em redes nas árvores, viver da terra.

— Você é totalmente louco, sabia disso? — disse ela, pensando que ela mesma devia ser um pouco louca.

— Podemos ser guerrilheiros urbanos. Seqüestrar pessoas em troca de resgate. Fazer armadilhas para esquilos e pombos e roubar cestas de piquenique.

— Escute, precisa bem mais do que isso pra me manter confortável — disse Leesha. — Tipo, chuveiros de água quente e manicures.

As conversas entre os dois costumavam ser assim. Eles flertavam, desviando-se das questões difíceis que surgiam entre ambos. Mas naquele momento Jason ficou sério. Ele segurou-lhe a mão e examinou-a, como se pudesse ler a sorte nela.

— Seria bom... se a gente pudesse apenas... ficar juntos — disse ele. — Você sabe, sem termos de nos preocupar com toda essa... besteira política.

— A gente pode — disse Leesha, forçando uma leveza que não sentia. — Quem se importa com política? Vamos fugir. Pra onde você quer ir?

Mas a magia do momento se dissipara. Jason largou o copo de sidra e se levantou.

— É melhor eu ir. Está ficando tarde.

Ela segurou-lhe a mão.

— Fique mais um pouco...

Ele balançou a cabeça.

— Os caçadores precisam dormir bem. — Ele se inclinou e beijou-a. — A gente se vê.

Leesha seguiu Jason até a varanda e ficou olhando-o até que a forma esguia se dissolveu entre as árvores do parque Perry. Indecisa, confusa, ela voltou para dentro do pavilhão, sentou-se junto ao fogo na lareira de pedra e se enrolou em uma manta que cheirava a fumaça.

Esperaria mais dez minutos antes de começar ela mesma a caminhada de volta à cidade.

Quem diria que havia tantos lugares onde se esconder numa cidade pequena — como o barzinho no ringue de boliche, as salas de estudo na biblioteca pública e a praia no meio do inverno. Quem diria que ela estaria disposta a passar o tempo em qualquer um deles? A princípio, concentrara-se em ganhar a confiança de Jason. Naquele tempo, quando era só entre eles, podiam ser eles mesmos. Agora...

Parecia que todos que ela conhecia eram ou heróis como Jack Swift (não muitos) ou cobras como Warren Barber (muitos). Jack era tão virtuoso que fazia com que ela se sentisse... contaminada. Jason estava num ponto intermediário: travesso o suficiente para ser interessante, e ainda assim... ele tinha suas crenças. Vivia por um código pessoal de honra. Não que ela fosse algum dia entender esse código. Além disso, Jason tinha um jeito tortuoso, auto-depreciativo e sarcástico de ver o mundo que a fazia rir.

Ela bem que precisava de algumas risadas naqueles dias.

Cutucando o fogo com um graveto, ela pensou: "Você não está se apaixonando por esse cara, está?".

Leesha ergueu o rosto, assustada, quando ouviu um barulho lá fora. Torceu para que não fosse algum animal. Eles haviam posto alguns feitiços de proteção para manter os bisbilhoteiros à distância, mas ela não sabia se funcionariam em animais.

A porta se escancarou e alguém disse:

— Ora, ora. Não acredito. Uma donzela indefesa na floresta.

Era Warren Barber.

Ela se moveu antes mesmo de ele ter acabado de falar, e ele também. Ela tentou golpeá-lo com um feitiço de imobilização, que, é claro, não funcionou, e ele lançou alguns feitiços de ataque. Estes não foram a lugar algum. Enquanto ele registrava esse fato, ela tentou contorná-lo e sair pela porta, mas ele bloqueou-lhe o caminho e derrubou-a ao chão. Ele a prensou contra os ladrilhos com o antebraço, o rosto a centímetros do

dela. Ela foi obrigada a fitar aqueles gélidos olhos azuis, emoldurados por bizarras pestanas brancas.

— Então, o que é que há, Leesha? — perguntou ele. — Você nunca liga, nunca atende ao telefone... Estou me sentindo um pouquinho... abandonado, sabe o que quero dizer?

— Saia de cima de mim, seu pervertido... perverso!

Ela tentou em vão empurrar as mãos dele.

Ele afastou-lhe os cabelos do rosto e tocou na faixa em torno do pescoço.

— E quando eu tentei aplicar um pouco de *disciplina*, nada aconteceu.

— Eu desativei o torque — mentiu Leesha, sem fôlego. — Você pode muito bem tirar.

— É mesmo? E você também desativou a minha pedra Weir? Porque notei que alguns dos meus feitiços favoritos não funcionam.

— Não posso fazer nada se você está tendo *problemas em sua performance* — replicou ela. — Não pode arranjar algo contra isso na internet?

Opa. Aquilo havia sido um erro.

Os olhos pálidos se estreitaram. Ele se sentou e bateu no rosto dela com o punho fechado, com força. Lágrimas vieram aos olhos dela, e sangue jorrou-lhe do nariz. Ela sentiu como se todos os ossos do rosto tivessem sido quebrados.

"Vai pagar por isso", pensou ela. "Só que ainda não sei como."

Barber examinou o punho dele.

— Veja só, isso ainda funciona. — Ele baixou o olhar para ela, o rosto emoldurado pelos cabelos translúcidos que lhe iam até os ombros. — Ouvi dizer que feitiços de ataque não eram permitidos aqui em Trinity, mas nunca acreditei de verdade que pudessem fazer essa regra valer. Agora acho que talvez a coleira também não funcione muito bem no santuário, sabe como é? E

tenho a sensação de que você está perdendo um pouco o interesse no nosso acordo. É verdade?

Acordo? Certo. Leesha estava se afogando em sangue. Ela assoou o nariz, espalhando respingos por toda a camisa de Barber.

— Eu falei pra você. Não é fácil. Todos estão sempre me observando e, depois do que aconteceu da outra vez, eles não confiam mais em mim.

— A minha paciência está se esgotando. Tenho a sensação de que você não se esforça o suficiente. Você precisa fazer com que o Jason Haley deixe o santuário e vá para algum lugar em que possa ser interrogado. Precisa conseguir o Coração do Dragão para mim. Quão difícil isso pode ser?

Leesha se conteve para não responder. Já havia danos suficientes a reparar do jeito que as coisas estavam.

— Se não fizer a sua parte, vou contar aos seus amigos da Casa do Dragão pra quem você tem trabalhado esse tempo todo. Vão chutar você pra fora e então...

Barber rodeou-lhe o pescoço com as mãos e aplicou pressão até que ela estivesse sufocando, lutando contra as mãos dele, debatendo-se indefesa.

Finalmente ele a soltou, e ela aspirou o ar em desespero, o coração martelando.

Barber sorriu.

— Vou estar por aí, mesmo que eles não chutem você. — Ele tocou na coleira. — Sei onde você está, a cada minuto. Não vai ser difícil apanhá-la num beco escuro. — O sorriso dele se ampliou. — Vou enfiá-la no porta-malas do meu carro e, de repente, você vai estar *bem* longe da cidade.

— O-onde vai estar hospedado, no caso de eu precisar encontrar você? — perguntou ela, pensando em como ele conseguia andar pela cidade sem ser notado.

— Não importa onde estou hospedado. — Ele se levantou, limpando as mãos ensangüentadas nos jeans. — Alguém colocou uma armadilha mágica nojenta na minha outra casa. Me pergunto como descobriram onde eu morava. É melhor que isso não aconteça de novo.

"Droga", pensou ela. "D'Orsay errou o alvo. Ele parecera tão competente quando o conhecera na Ravina do Corvo."

Barber se sentou no banco da mesa de piquenique, observando-a como se ela fosse a cobaia de algum tipo de experimento violento.

— A propósito, aonde foi a Madison Moss?

A pergunta pegou-a completamente de surpresa.

— M-Madison Moss? Como é que eu vou saber?

— Você devia ser a espiã, certo?

— Você disse pra ficar de olhos nos dotados. Ela não é um deles. — Leesha fez uma pausa. — Por que está preocupado com ela?

— Você não estava em Second Sister. Quando o Leicester atacou o McCauley, Madison Moss levou o golpe por ele. O Leicester caiu, e todos os ex-alunos caíram com ele. Esse é o tipo de namorada conveniente para se ter. — Ele olhou para Leesha e ergueu uma pálida sobranceira como se ela devesse estar tomando notas. — De qualquer forma, eu fiz uma visita a ela, e o quarto dela estava vazio.

— Você fez uma visita? — Leesha estremeceu ao pensar em Barber espreitando a cidade. — Bem, ouvi dizer que ela foi embora, que saiu da cidade.

— Alguma idéia de onde ela foi?

— Nenhuma. Vai ver ela e o McCauley romperam. Tudo o que posso dizer a você é que as meninas aqui de Pequenópolis estão felizes da vida. Acham que agora vão ter uma chance.

Warren se levantou de novo.

— Como espã, Leesha, você tem sido totalmente inútil. O seu trabalho é me fazer feliz. Você tem o meu número. Tem três dias pra me entregar o Haley e o Coração do Dragão. Quero ter notícias suas.

E então ele se foi, e Leesha não ouviu nada além de sua própria respiração pesada e do bater desenfreado do coração.

Capítulo Treze

Na Montanha

Era aquela hora do dia em que o mundo contém a respiração, esperando o retorno da luz. Ao leste, além das montanhas, já era de manhã. A silhueta gelada das escarpas brilhava à medida que o sol se preparava para irromper sobre o topo. A névoa pairava no vale, como lã de carneiro presa entre os picos. Cada moita de grama, as samambaias e os arbustos, tudo estava coberto de gelo, e Madison ficou molhada até os joelhos antes de conseguir atravessar o pátio.

As mãos tremiam com o frio de antes da alvorada quando ela espremeu a tinta sobre a forma de alumínio que usava como paleta. Tinha sorte de não ter quebrado o pescoço no caminho montanha acima no escuro gelado. Qualquer pessoa sã tiraria uma fotografia e pintaria na sala de visitas, onde era quente e seco.

"Por outro lado, todos sabem que sou maluca."

O momento chegou. O sol elevou-se sobre a montanha Booker e derramou-se sobre as encostas, incendiando cada galho e graveto cintilantes de gelo. Madison mergulhou o pincel na tinta e lançou-a sobre a tela que começara no dia anterior. Apenas mais dois dias, acreditava ela, e a posição do sol mudaria a

ponto de arruinar o efeito. Por isso ela pintava como se estivesse possuída.

Por volta das dez horas, ela tomou o caminho de volta montanha abaixo, seguindo o corte da ravina junto ao riacho Booker, o regato mais limpo do Condado de Coalton. Meia hora mais tarde, a casa estava à vista.

Tinha dois andares, com cinco grandes pilares na frente e largas varandas que cercavam quase toda a casa nos dois andares. Havia chaminés de tijolos vermelhos em cada ponta, pois fora construída num tempo em que o aquecimento era obtido com a lenha queimada nas lareiras. Fora sempre pintada de branco, se bem que, após cinco anos sob os cuidados de Carlene, estava pedindo uma nova pintura. Apesar de a casa ter boa estrutura, tinha o tipo de beleza que precisava de cuidado constante, ou começava a parecer arruinada.

Não havia dúvida de que parecia arruinada agora.

A casa fora construída pelo trisavô de Madison, Dredmont Booker, quando ele cortejava a trisavô dela, Felicity Taylor. Ele era um próspero fazendeiro. Ela era indomável, uma lendária beleza loira que não tinha nenhuma intenção de ficar no Condado de Coalton e se casar com um fazendeiro, próspero ou não.

Ele jurou que morreria se não pudesse tê-la. Construiu para ela a casa, um jardim de rosas com um muro de tijolos, um belvedere e uma trilha para lugar nenhum. Comprou-lhe uma égua negra com patas brancas e uma estrela na testa. Deu-lhe um pingente de opala que havia pertencido à avó dele — azul, turquesa e verde, com fortes lampejos de fogo. Foi o assunto do condado, pois não era um presente apropriado para um homem dar a uma mulher que não fosse a esposa dele. Felicity Taylor ignorou os rumores e usou-o sempre que quis.

Sabendo o que sabia agora sobre poderes herdados, Madison perguntava-se se Felicity havia sido uma encantadora.

A lenda era que a vista finalmente conquistara o coração de Felicity. Dava para se sentar na varanda do primeiro andar e, olhando além da propriedade dos Ropers, ver tudo até o rio.

O pingente e a montanha Booker foram legados a Min, que por sua vez deixou-os a Madison, saltando por cima de Carlene. Para Carlene, Min deixara algum dinheiro, que se fora havia muito tempo; para Grace e John Robert, fundos fiduciários destinados a pagar a faculdade.

A casa e as terras iriam para Madison naquele mesmo ano, dali a alguns meses. Ray McCartney havia acertado tudo. Ele podia estar apaixonado por Carlene, mas também era leal a Min.

Uma vez que assumisse o controle sobre a montanha Booker, Madison seria rica em terras e pobre em dinheiro. A menos que a vendesse, o que todos pareciam pensar que ela deveria fazer assim que possível. Caso vendesse, poderia frequentar o Instituto de Arte de Chicago e remover a terra rochosa do Condado de Coalton de seus sapatos.

Ela enfiou a mão sob a blusa e tocou a opala, reconfortada por sua sólida presença. Talvez fosse bonita demais para ficar usando em casa, mas Madison a usava mesmo assim. Era um laço com o passado e representava um futuro possível. Sentia também que era uma ligação com a pedra que deixara em Trinity.

O Coração do Dragão. Ela tentara tirá-la da cabeça, mas sempre que tentava não pensar em algo, parecia que pensava mais naquilo. A única coisa que era capaz de distraí-la de Seph McCauley era o Coração do Dragão. Havia dias em que seus pensamentos passavam de um para o outro, deixando-a tonta. Pensara que estar longe de ambos ajudaria, mas não ajudara muito.

Uma ou duas vezes por semana, ela ia à cidade. Passava na biblioteca e encontrava um monte de e-mails do Seph. Eram um tanto formais, polidos, contidos, como cartas antiquadas de

amor em forma eletrônica, obrigando-a a ler nas entrelinhas. Era como se ele tivesse medo de assustá-la se extravasasse seus sentimentos.

Às vezes, ela respondia aos e-mails, mas naqueles dias ela preferia escrever cartas. Sabia que era estranho e arcaico, mas não queria apenas dizer qualquer coisa que lhe viesse à mente. Sentava-se na cama e prestava atenção em cada palavra, como se pudesse instilar nelas o poder de desfazer os nós que estorvavam o relacionamento entre eles.

Quanto a conversar por telefone, estava totalmente fora de questão. Ela não confiava em si mesma, achando que acabaria dizendo algo que o faria pegar a estrada e vir voando até ela.

Tudo estava quieto no pátio, a não ser Hamlet e Ofélia, os perdigueiros, que se levantaram e sacudiram os rabos ao ver Madison.

Erguendo a tela para que não pudesse ser danificada, Madison passou por entre os cães e foi para o celeiro. Era uma construção sólida, em madeira e pedra, outrora o lar dos cavalos de Dredmont Booker. Em tempos prósperos no passado, alguém havia instalado tubulação de água e aposentos para os criados. Agora o celeiro era usado como uma garagem ocasional para o carro de Carlene. Madison havia reivindicado o primeiro andar como um estúdio e povoara-o de sonhos.

Ela nunca deveria ter voltado para casa. A montanha Booker tinha um jeito de se apossar das pessoas, perturbando-lhes as mentes e fazê-las esquecer de suas intenções. Assim como acontecera com Felicity Taylor, mais de cem anos antes.

Desde que se afastara de Seph, a obra de Madison havia perdido aquele clima sombrio e perigoso e recuperado aquilo que Sara chamava de "exuberância etérea". Talvez isso significasse que a maldição havia se dissipado. Ela escrevera a Seph, perguntando-lhe se estava se sentindo melhor, mas ele nunca respondera.

Um conjunto de três telas brilhava num canto — cada uma com uma visão da mutável pedra do Coração do Dragão contra um fundo preto. A Série do Coração do Dragão.

Ela limpou os pincéis na pia e tomou o caminho de volta para casa, desviando-se de poças congeladas e trechos de lama, seguida pelos cães, que abanavam as caudas esperançosamente. Parou ao pé dos degraus da varanda para observar os canteiros de flores. Novos ramos despontavam dos caules espinhosos das rosas híbridas, e a trepadeira na treliça junto à varanda exibia novas folhas com bravura.

Era sábado. Carlene havia trabalhado até tarde da noite anterior, e a porta de seu quarto estava fechada. Devia estar na cama ainda. Havia restos de café da manhã na mesa, o que indicava que Grace e John Robert estavam à solta na montanha. Reuniões era como arrebanhar gatos ou borboletas. Mas eles apareceriam famintos a qualquer momento.

Ela os levaria à cidade para almoçar, decidiu. Eles poderiam perambular pela rua Principal e ela compraria um pouco de fertilizante para o jardim.

Madison levou a picape até o estacionamento em frente ao tribunal. As crianças pularam para fora do carro quase que antes de este parar.

Ela pôs duas notas de 20 dólares na mão de Grace, tiradas do monte cada vez menor do dinheiro que ganhara como garçoneite.

— Tem uma liquidação na Robertson — disse ela. — Por que não vão procurar roupas lá? Depois leve o J. R. na loja de 1,99. Encontro vocês no Pássaro Azul em uma hora, para a gente almoçar.

Grace ficou observando o dinheiro como se pudesse ser algum tipo de truque, depois dobrou as notas e colocou-as na bolsinha.

— Fiquem juntos e não saiam da rua Principal, para que eu possa encontrar vocês quando eu tiver acabado — disse Madison, e virou-se para seguir seu caminho.

— Onde você vai estar? — perguntou Grace, segurando a mão de John Robert com firmeza, enquanto ele puxava como um cachorrinho numa coleira.

— Na Hazelton. Vou comprar fertilizante para os canteiros de flores.

Madison entrou na Loja de Ferragens e Acessórios Hazelton. Josh Hazelton estava ao balcão, como ela sabia que estaria. Ele fora seu colega de classe na escola. Haviam sido amigos e trocado confidências outrora. Ele até a beijara sob a arquibancada em um jogo de futebol americano. Seus lábios haviam se chocado, sem jeito, como dois peixinhos dourados se encontrando.

Aquilo fora antes de ele se envolver com Brice e os outros. Engraçado. Normalmente, Brice não daria a mínima atenção a Josh. Por isso Josh ficara lisonjeado ao ser convidado para fazer parte da turma de Brice.

Madison não tinha uma turma. Só Josh. E depois nem mesmo ele.

Quando Josh ergueu os olhos e a viu, um rubor culpado se espalhou pelo seu pescoço até as orelhas.

— Oi, Maddie! — disse ele, dando as costas para três outros fregueses, todos conhecidos de Madison. — Ouvi dizer que estava de volta à cidade.

— Por uns tempos — disse Madison, correndo a mão por um mostruário de caixas de correio pintadas com flores em cores inexistentes na natureza. — Preciso de fertilizante.

— Aqui, eu mostro a você — disse ele, empurrando ansiosamente o portão em uma das extremidades do balcão.

Ela ergueu a mão para detê-lo.

— Você está com fregueses. É só me dizer onde está, tudo bem?

Josh apontou para o canto direito nos fundos da loja.

— Lá atrás. Comum e orgânico. Sacos de dois e de quatro quilos.

Ela escolheu um saco de fertilizante orgânico e um par de luvas de jardinagem, e levou-os até o balcão. Àquela altura os outros clientes já haviam partido. Josh registrou a compra no caixa para ela.

— E aí, está gostando lá do norte? — perguntou ele.

— Estou.

— Tanto quanto daqui?

— Mais — respondeu ela, virando-se para ir embora.

— Ahn, Maddie... — Josh hesitou, e então as palavras saíram todas de uma só vez, como gatos pulando para fora de um saco.

— Eu pensei que, sabe como é, talvez você tivesse partido porque... por causa de toda aquela besteira do ano passado.

Ele aguardou, e como ela não dissesse nada, acrescentou:

— Olha, me desculpe se... Alguns de nós... A gente estava só se divertindo, entende?

— Não percebi que estávamos nos divertindo.

Ela olhou-o nos olhos até que ele desviasse o olhar, as orelhas flamejando.

— Eu nunca acreditei. No que eles diziam de você — murmurou ele.

— É mesmo? Nunca ouvi você dizer nada contra.

— Bem. Enfim. Estou feliz que esteja de volta.

— Não por muito tempo — disse ela, fingindo olhar para as casas de passarinhos.

Josh ainda a observava.

— Você viu o Brice desde que voltou? — perguntou ele.

— Vi. — Ela tentou não fazer uma careta. — Você ainda anda com ele?

Ele meneou a cabeça, corando de novo.

— Que nada. Acho que ele anda muito ocupado.

— Claro — disse ela.

— Ouvi dizer que ele tem uns amigos novos que não são da nossa escola. — Fez uma pausa. — Você nunca gostou dele — acrescentou, sem jeito.

— É. — Ela não via nenhum sentido em mentir. — Continuo não gostando.

— Ele nunca conseguiu entender isso. Por que você não queria sair com ele.

Madison pestanejou.

— Ele disse isso pra você?

— Não exatamente. Mas eu sabia. Ele achou que você... achou que você diria sim.

Madison emitiu um som de desprezo.

— Ah, qual é. Duvido que me ter como... como amiga... fosse um dos primeiros itens na lista dele.

Josh umedeceu os lábios com a língua.

— Está enganada. Acho que ele se incomodava mesmo com isso. A gente sempre quer o que não pode ter. E as pessoas... as pessoas *escutam* o que ele diz, entende?

Primeiro ela pensou: "Por que estamos conversando sobre o Brice Roper?". Mas aí ela teve uma revelação.

— O que você está tentando me dizer? Que ele estava por trás das... das pessoas que me chamavam de bruxa?

— Bem... não precisou muito para convencer as pessoas. Quer dizer, você é *diferente*. Você se veste como uma cigana e sempre anda por aí com a testa franzida como se estivesse zangada com o mundo. — Ele levantou a mão. — Desculpe, mas é verdade. E você estava sempre pintando aqueles quadros, e morava na montanha naquela casa velha assustadora.

— Não é assustadora — retrucou ela, depois se calou. Quem ligava para o que todos pensavam?

Josh deu de ombros.

— A sua avó lia a sorte e amaldiçoava pessoas, e a sua mãe... faz o que lhe dá na telha.

— Cale a boca, Josh — disse Madison, sentindo o sangue subir-lhe às faces.

Ela se virou, olhando pela janela para a fachada coberta por tábuas de madeira do outro lado da rua.

Mas Josh não queria se calar.

— Uma noite um bando de nós estava conversando, e alguns de nós tínhamos convidado você pra sair e você tinha recusado. Aí o Brice falou, e se a gente...? E a gente achou muito engraçado, não dava pra evitar, ele tem um jeito de dizer as coisas. Então acho que a gente... Acho que todos nós meio que começamos a coisa. Espalhamos avisos e começamos a mandar mensagens eletrônicas pras pessoas. Depois aquilo meio que ganhou vida própria, sabe?

Madison se virou e deu um passo em frente. Josh se encolheu, como se pensasse que ela poderia bater nele, enfeitiçá-lo ou algo assim.

— Por que você acha que recusei os convites de todos eles para sair? Porque alguns caras gostam de se gabar de coisas que *nunca aconteceram*. Todos menos você. Eu sabia que você nunca... Pensei que você...

Ela parou, não confiando em si mesma para ir em frente. Era realmente irônico que Brice Roper, com suas mãos cheias de persuasão e seus sórdidos feitiços de mago, a acusasse de ser uma bruxa, quando não havia nenhum traço de magia nela.

Não de magia própria, pelo menos.

Josh pigarreou, parecendo alguém que está com a mão presa num torno e que mal consegue esperar para ser solto.

— Enfim. Sinto muito mesmo. Nunca acreditei que você tivesse posto fogo em nada. Eu queria dizer-lhe isso.

Ela pigarreou.

— Tudo bem. Obrigada. Acho.

— Quer que eu carregue isso para você? — perguntou ele, passando-lhe a nota fiscal.

— Eu me viro.

Ela apoiou o saco de fertilizante contra o corpo e se voltou para a porta.

— Hum. Maddie? Sabe, o baile do colégio está logo aí.

Ela ficou tensa.

— Josh, eu...

Ele foi em frente.

— Desde que soube que você tinha voltado, venho pensando em ligar pra você, mas, sabe como é, você não tem telefone. Eu estava pensando se você gostaria de ir comigo. Como amigos, quero dizer. Você poderia ver todo mundo.

Ele achava que estava lhe oferecendo um presente, uma oportunidade de manter a cabeça erguida e mostrar a todos que não haviam se livrado dela. Mas ela se deu conta de que não se importava com o que pensavam. Não mais.

Madison balançou a cabeça.

— Não acho que seja uma boa idéia.

Ela o deixou em pé atrás do balcão, as mãos pendendo ao lado do corpo.

Grace e John Robert estavam dez minutos atrasados para o encontro no Pássaro Azul. Quando apareceram, Brice Roper estava com eles.

— Olá, Madison — disse ele, sentando-se à mesa dela. Ele vestia jeans, um suéter de algodão e uma jaqueta de couro com forro de lã que definitivamente não vinha da Robertson. — Topei com a Grace e o John Robert na loja de 1,99.

Madison segurou os braços da cadeira, o coração batendo forte. As revelações de Josh Hazelton estavam frescas em sua mente. No entanto Josh não lhe dissera nada sobre Brice que ela já não soubesse.

— Estou surpresa que não tenha arrastado os dois para o Juizado da Infância e da Juventude — disse ela. — Considerando que deixei as crianças sozinhas pela cidade.

Brice fez um gesto para o garçom.

— Olha, eu pedi desculpas.

— Na verdade, acho que não pediu, não.

Ele deu de ombros.

— Bem, essa era a minha intenção, de qualquer forma. Então, para compensar por isso, eu convidei Grace e John Robert a me visitar na semana que vem e andar a cavalo.

— Deixe a gente ir, Maddie, por favor? — implorou John Robert, praticamente pulando na cadeira, segurando a mão dela. O menino não aprendera a guardar rancor.

Grace era diferente. Não perdoaria Brice Roper por tê-la colocado num abrigo para crianças abandonadas. Mas ela adorava cavalos com a paixão que só uma menina de dez anos era capaz de sentir. Limpava os estábulos no verão anterior em troca de lições de montaria. E os Ropers tinham os cavalos mais lindos do condado. Se havia uma forma de conquistar Grace, era essa. A indecisão reverberava dentro dela, fazendo-a vibrar como a corda de um violino.

Madison não queria dever nada aos Ropers. E tinha motivos próprios para não querer que Grace se envolvesse com o mago Brice Roper.

— De jeito nenhum — disse Madison, olhando feio para Brice.

— Não acredito que você possa ter feito essa sugestão. Os seus cavalos são para cavaleiros experientes. Não estão acostumados com crianças.

— Mas você sabe que eu sei montar, Maddie — protestou Grace. Como de hábito, se Maddie dizia não, Grace dizia sim.

— Tive lições durante todo o último verão com o senhor Ragland. Ele disse que eu sou uma amazona nata.

— Não tem professor melhor por aqui do que o George Ragland — disse Brice. — E o J. R. vai ficar bem. Lá a gente sempre tem cavalos para crianças, para os primos.

— Por favoooooor — suplicou John Robert, segurando o braço de Madison.

— Eu disse não e falei sério — disse Madison, soltando-se de John Robert. Ela ergueu os olhos para Brice. — Você entrega as crianças para o condado porque a mamãe não conseguiu encontrar uma babá e depois quer que eu deixe que eles arrisquem a vida...

— Não tem problema — interrompeu Brice, justo quando ela estava engrenando. — Eu peço à Carlene.

Aquilo fez com que Madison se calasse, como ele sabia que faria. Carlene não guardaria rancor por causa das audiências no tribunal e do Juizado da Infância e da Juventude. Carlene não tivera de largar a escola e voltar para casa para que as crianças fossem liberadas. Se Brice pedisse a Carlene, ela os deixaria ir para Nova York em um minuto. Ela gostava de se engraçar com os Ropers e o dinheiro deles.

Madison ficou paralisada, as faces ardendo. Até Grace e J. R. sabiam que ela havia sido manipulada. Grace olhou de Brice para Madison, o cenho franzido.

— Não se preocupe, Maddie — disse ela baixinho. — Vamos ter bastante cuidado.

— Sei que vão, querida — disse Madison, com os lábios rígidos.

— Ótimo — disse Brice. O garçom estava por ali, e Brice examinou o cardápio. — Vamos começar com uma bandeja de asas de frango e anéis de cebola. Refrigerantes para todos. E o que mais eles quiserem. — Ele olhou para Madison quando ela abriu a boca para objetar. — Por minha conta.

"Não", pensou ela. "Isto era para ser por *minha* conta."

O garçom se afastou apressado.

— Temos cavalos que você poderia cavalgar, Maddie — disse Brice, pondo a mão quente sobre a dela na mesa. — Por que não vem?

Ela soltou a mão.

— Estou ocupada a semana toda.

— E na semana que vem?

— Estou ocupada todas as semanas. — Ela se levantou. — Na verdade, esqueci algo na loja de ferragens. — Ela inclinou a cabeça para as crianças. — Vão em frente e almocem, se quiserem. Encontro vocês lá.

Mas Brice limitou-se a sorrir para Grace e John Robert como se fossem seus cúmplices.

— Ainda vamos conquistar a sua irmã mais velha.

Para Brice, era um jogo que ele estava destinado a vencer. Mas ele não fazia idéia do perigo que corria. Se Maddie tivesse uma arma, teria atirado nele.

Capítulo Quatorze

Indo para o Sul

- Alicia! O seu rapaz... como é o nome dele mesmo? — perguntou a tia Millisandra, apontando com a mão cheia de jóias para Jason, que fez um esforço para não se abaixar.

— Jason — disse Leesha, empoleirada na borda da cadeira como se estivesse prestes a pular. — O nome dele é Jason, tia Milli.

Estavam sentados na abafada sala de visitas decorada com guirlandas de pinheiro altamente inflamáveis e uma árvore seca de Natal. A única luz vinha dos restos de velas aninhadas perigosamente entre os verdes.

— Tem certeza de que não é Jasper? Eu conheci um Jasper certa vez. Jasper DeVilliers. Era francês, não muito poderoso, se entende o que quero dizer, mas do tipo galanteador.

A tia Milli fitou Jason com seus olhos de sombras roxas, como se esperasse extrair-lhe uma confissão.

Jason balançou a cabeça.

— Jason — disse ele.

— Um nome peculiar, Jason. Quer mais um biscoito, meu jovem?

Millisandra estendeu-lhe uma bandeja de biscoitos amanteigados queimados e encharcados. Havia começado bem, mas depois ela ateou fogo neles ao tentar aquecer o chá, e tivera de apagá-los com limonada.

— Humm, não, obrigado. Já comi bastante.

A tia de Leesha, Millisandra, lembrava a Jason uma daquelas carcaças secas de inseto que se encontra de vez em quando — frágil, como se fosse rachar com apenas um toque. Tinha cerca de um milhão de anos de idade, era a mulher mais rica da cidade — e uma maga que perdera algumas cartas fundamentais do baralho mental. Passar tempo com ela era quase tão arriscado quanto se sentar no meio de uma fogueira com uma caixa de rojões no colo.

— Mais chá, então?

— Não, obrigado. — Ele olhou para o relógio. Nove da noite. — Nossa, olha só a hora! Eu não fazia idéia. — Ele se levantou.

— Obrigado pelo chá e por tudo.

— Eu acompanho você até a porta — disse Leesha, erguendo-se num instante.

Na varanda, ela segurou a mão de Jason.

— Desculpe. Achei que ela estaria dormindo a esta hora — sussurrou ela.

— Parece que não.

— Acho que ela gosta de você.

— Se pelo menos o meu nome fosse Jasper!

— Olha, sei que ela é meio... perigosa... agora, mas é minha tia favorita. Ela costumava me levar a todos os tipos de lugares.

Sempre que os meus pais não me queriam por perto, ela me abrigava.

— Eu bem que queria ter um parente assim — disse Jason, esquecendo a costumeira autocensura.

Leesha se pôs na ponta dos pés e roçou os lábios no rosto dele, quase errando o alvo.

— Tchau, Jason.

— Você não pode sair? Deve ter algum lugar onde a gente possa ir.

Leesha virou-se para olhar para trás.

— Melhor não.

Leesha parecia estranhamente nervosa a noite toda, como se houvesse tomado cafeína demais ou algo parecido. Era quase como se estivesse feliz de ter a velha tia Milli servindo de vela. Quando ela se virou, ele percebeu que o rosto dela parecia estranhamente desfigurado.

Jason segurou o queixo de Leesha e virou-lhe o rosto em direção à luz da varanda. Ela recuou e se libertou.

— O que aconteceu com o seu rosto?

Um lado estava inchado, e ele podia ver arranhões sob a maquiagem. Ele não havia notado na sala de visitas iluminada por velas.

Leesha voltou-se para longe da luz.

— Foi a tia Milli. Ela derrubou uma parede na estufa. Receio que ela precise ser colocada num asilo.

Existiam asilos para magos dementes?

— Acho que você deveria pôr um pouco de Antiweir no chá dela. Seria mais fácil lidar com ela se ela não estivesse pondo fogo nas coisas o tempo todo.

— Eu tentei. Ela sempre percebe. — Ela fez uma pausa. — Quem sabe amanhã a gente possa ir até Cleveland ou algo assim. Algum lugar longe daqui.

Jason deu de ombros.

— Talvez.

Não havia nada mais a fazer além de ir embora, e foi o que ele fez. Foi para casa pelas ruas escuras. Já haviam estado no parque duas vezes naquela semana. Em dias muito frios, iam a matinês, onde era improvável que os notassem, ou voltavam para a casa, ou melhor, a mansão de Leesha. Normalmente a tia Millisandra ia para a cama cedo, mas ultimamente vinha tendo insônia ou algo semelhante.

Ele não agia furtivamente daquela forma desde o tempo em que morara com o pai e a madrastra. Aquilo parecia ter sido séculos atrás. Era difícil guardar um segredo numa cidade pequena. Ele não tinha que prestar contas a Nick nem a Linda nem a ninguém mais, exceto talvez a Hastings. Ele apenas preferia evitar o sermão, se pudesse. Jack, Will, Fitch, Seph, Ellen... todos eles odiavam Leesha Middleton e desconfiavam dela.

Então por que ele não sentia o mesmo? Não que ele confiasse nela totalmente, mas havia uma intensidade impulsiva no relacionamento entre eles que o atraía. Ela era a única luz em sua sombria existência. Fora isso, ele simplesmente fazia o que tinha de fazer, marcando passo, não contribuindo com nada.

Leesha havia tido uma vida dura, de certa forma — ela havia sido um incômodo para os pais, um aristocrático casal de magos, até que as aventuras dela no Mercado a transformaram num embaraço. Ela era uma sobrevivente, mas ainda vulnerável de alguma forma, e nunca fazia nada pela metade.

Ele riu. "Ela é muita areia para o seu caminhãozinho", pensou ele. Era a história da vida dele.

Quando chegou em casa, Linda Downey estava na cozinha, pondo sorvete no liquidificador.

— Jason! Chegou bem na hora. Estou fazendo milk-shake.

Linda segurou-lhe ambas as mãos, aquecendo-o até os dedos dos pés.

— Milk-shake — repetiu ele, como um bobo. — Que bom que eu voltei.

— Seu rosto está sujo de batom — disse ela, erguendo a mão e esfregando a mancha com o indicador.

Ele gostava disso em Linda. Ela não fazia perguntas espinhosas. Então ele notou a mala junto à porta.

— Vai a algum lugar?

Ela hesitou.

— Vou me encontrar com o Leander no Reino Unido.

— Certo. Ótimo. — O rosto dele corou, e as palavras pareceram ficar presas na garganta. — Boa viagem, então.

Ele começou a se virar, e ela segurou-lhe o braço.

— O Seph está no solário — disse ela, fitando-o com uma expressão ansiosa. — Está esperando por você. Ele precisa da sua ajuda numa coisa — acrescentou, apontando com a cabeça para os fundos da casa.

"Certo. Provavelmente quer que eu engraxe os sapatos dele." Sentindo-se irritado e pouco cooperativo, Jason foi à procura de Seph.

Seph estava sentado junto às janelas lendo num círculo de luz projetado por um único abajur de mesa. Além do pátio, havia uma faixa de gramado coberto de neve, e depois um muro que marcava a descida para o lago. Ao fundo, as ondas se chocavam sob o vento noroeste, avançando sobre a praia e depois retrocedendo.

Seph ergueu a cabeça e marcou a página com um dedo.

— Jase! Por onde andou?

Jason deu de ombros.

— Por aí. O que é que há?

Nenhuma resposta. Seph ficou imóvel, fitando o espaço, como se houvesse apagado completamente. Era como conversar com alguém com fones de ouvido, ou lendo e-mails ao mesmo tempo. Jason sabia que Seph estava monitorando a barreira.

— O que está lendo? — perguntou Jason, tentando estabelecer contato.

Seph fitou-o, um pouco surpreso.

— Física. Vamos ter outra prova na semana que vem.

Jason deixou-se cair numa cadeira de ferro.

— Pode mesmo fazer as duas coisas ao mesmo tempo?

"Eu não conseguiria fazer *nenhuma* delas", pensou

Jason consigo mesmo.

Na verdade, Seph parecia mal, meio nervoso, com as faces um pouco afundadas, os olhos brilhantes e flamejantes.

— Você fala que nem a Lin... a minha mãe.

Como se aproveitasse a deixa, Linda apareceu, trazendo dois milkshakes gigantes numa bandeja. E uma grande tigela de castanhas, cereais e diversas frutas secas.

Ela pôs um Milk-shake na frente de Seph.

— Aqui. Veja se bebe até o fim. E pode largar a barreira daqui a alguns minutos. A íris disse que assumiria às dez.

— Eu estou bem. — Seph se sentou um pouco mais reto. — Posso manter a barreira por mais algum tempo. Até eu ir pra cama, pelo menos.

— A gente já conversou sobre você se esforçar demais, Seph. Não discuta.

Era uma das poucas vezes em que Jason via a mãe de Seph exercer a autoridade materna.

Quando ela voltou para dentro de casa, Jason disse:

— Ela age como se você fosse um inválido ou coisa assim.

Seph deu de ombros e desviou o olhar.

— É.

Seph obviamente não ia contar a ele o que estava acontecendo. Jason tentou de novo.

— Ela parece meio tensa.

Seph tomou um pouco do Milk-shake e pôs o copo na mesa.

— É esse lance todo de me deixar como responsável enquanto o meu pai está fora. Ela gostaria de ter mais alguns magos que pudessem vigiar a fronteira, para nos dar uma folga, mas o Snowbeard tem receio de confiar em qualquer pessoa nova.

"Vocês podiam me pedir", pensou Jason. Ele não se deu ao trabalho de dizer isso em voz alta.

— O Nick está mesmo obcecado com as coisas que você trouxe do Reino Unido — continuou Seph. — A Linda é boa em lidar com as outras ordens, mas os magos sempre acham que eles deveriam estar no comando de tudo. Alguns deles não estão acostumados a receber incumbências de uma encantadora.

Seph parecia estar evitando mencionar os planos de viagem de Linda, por isso Jason disse:

— E agora ela vai para o Reino Unido.

Seph assentiu com a cabeça ao mesmo tempo que observava Jason, como se receasse a reação dele.

— Ela está de partida e está preocupada em me deixar sozinho.

Seph recostou a cabeça. A mente dele pareceu divagar por um momento, então ele perguntou:

— Você ainda usa a *dyrne sefa*?

Em resposta, Jason sacou o pingente de dentro da camisa.

Seph sorriu.

— Lembra de quando a gente saía para a floresta e praticava magia no Porto Seguro?

Jason não tinha muita vontade de se lembrar dos tempos do Porto Seguro — especialmente do que havia acontecido com o pai dele. Além do mais, aquilo só enfatizava a crescente diferença nas habilidades mágicas entre ele e Seph. Jason achava aquele contraste cada vez mais opressor.

— Ensinei a você tudo o que eu sabia. O que não era muito. E agora você foi muito além de mim. Mas a Linda disse que você queria me pedir algo.

— Preciso pedir um favor.

— O que é?

— Alguém invadiu o quarto da Maddie uma noite dessas. Jason aguardou, e como Seph não continuou, perguntou:

— Levaram algo?

— A gente não sabe. Dei uma olhada, mas não soube dizer se estava faltando alguma coisa.

— O que ela falou?

— Não consegui falar com ela. O telefone da família está desligado e o celular dela não funciona lã. Mandeí um e-mail, mas não sei quando ela vai receber.

"Onde é que aquilo ia chegar?"

— Talvez tenha sido alguém que sabia que ela estava fora e resolveu tirar proveito.

— Usaram magia pra abrir um buraco na porta. — Seph fez uma pausa longa o suficiente para que o que dissera fosse absorvido.

— O quarto dela foi o único a ser remexido. E ela não tem nada de valor para ser roubado. — Ele voltou os olhos para o lago. — Eu não queria que ela fosse embora, para início de conversa. Já é ruim se forem atrás dela por minha causa. Mas se souberem do que ela é capaz de fazer...

— O que você quer que eu faça?

— Vá até lá e a traga de volta. Eu iria pessoalmente, se pudesse, mas o Snowbeard me quer aqui. Além disso, eles devem estar esperando que eu vá. A probabilidade de que sigam você até ela é menor. — Seph fez uma pausa e pigarreou. — Tem mais uma coisa. Tem algo que eles

deixaram lá no quarto, uma pintura com uma maldição, e eu era o alvo. Me atingiu em cheio.

— Nossa! — Jason fitou-o. Aquilo explicava o ar abatido de Seph. Mas se ele estava mantendo a barreira, não podia estar tão mal. — Você está bem? Por acaso...

— Eu estou *ótimo* — retrucou Seph com rispidez. — Mas era uma pintura da Madison. Por isso o Snowbeard acha que a

Madison pode ter... pode ter passado para o lado deles. — Ele sussurrou a última parte, como se não quisesse dar importância àquelas palavras ao dizê-las em voz alta.

Jason pensou a respeito daquilo. Sabia que havia algo de errado entre Seph e Madison, mas ainda achava que eles eram loucos um pelo outro.

Por outro lado, era preciso considerar contra o que Seph estava competindo. Um Claude D'Orsay ou uma Jessamine Longbranch poderiam tornar Madison rica além dos sonhos mais delirantes. Rica o bastante para freqüentar qualquer escola de arte no país.

Por isso ele escolheu a resposta mais segura.

— O que você acha?

— Como assim, o que eu acho? — Seph se inclinou para a frente, praticamente soltando faíscas. — É impossível. Ela não faria isso.

— Está bem, está bem. — Jason ergueu as mãos para se proteger. — Não estou discordando. Mas, mesmo assim, talvez não seja boa idéia trazê-la de volta pra cá, se existe a possibilidade de ela...

— Por que ela teria voltado para casa se estivesse tramando algo? Isso não faz nenhum sentido.

— Bom... Se ela deixou uma bomba-feitiço pra você, não acha que ia querer estar o mais longe possível quando explodisse?

Seph se levantou, olhando Jason de cima. O poder irrompeu-lhe da pele e correu até o chão, onde queimou um círculo nos ladrilhos. Ele parecia exausto, mas transbordando de energia ao mesmo tempo.

— Ei, cara, fica frio, está bem? — disse Jason. — Não estou discordando de você, só estou fazendo perguntas. Ou isso não é permitido?

Seph olhou feio para ele por um instante, depois afundou de novo na cadeira, tremendo.

"Tenho que ir devagar", pensou Jason. Tentou pensar em algo inofensivo para dizer.

— Enfim. Ahn... o Snowbeard sabe que você está me pedindo pra fazer isso?

Seph massageou a testa, como que para extrair uma verdade relutante.

— Foi meio que idéia do Nick. Ele quer que você vá para o Condado de Coalton, espione a Madison e descubra qual é a história. Ela está em perigo, ou está trabalhando para as Rosas, ou o quê? Tem mais alguém por lá que pode estar por trás do ataque contra mim? — Ele olhou para Jason. — Assim você pode fazer as duas coisas. Ver o que está acontecendo e trazer a Madison de volta. — Ele desviou o olhar. — Seja como for, se ela estiver trabalhando contra nós, não podemos... não podemos correr o risco de que isso continue. Se não estiver, não podemos correr o risco de que ela fique lá sozinha.

"E o que *você* vai fazer se acontecer de ela ter passado para o lado negro?", perguntou-se Jason.

— Não sou exatamente a pessoa mais indicada em questões de magia. — Jason balançou a cabeça quando Seph fez menção de discordar. — Não... diga nada. Por que eu?

Seph deu de ombros, rendendo-se.

— Eu não posso partir, e o Nick também não. Com a Madison, não faz diferença o quão poderoso se é. — Ele sorriu com tristeza. — É quase uma desvantagem ter muitos poderes.

— Por que mandar um mago, então?

— Bem, no... no caso de ela... no caso de haver magos lá. De ela estar trabalhando com eles.

Aquilo estava matando o Seph, Jason sabia disso. E se Jason trouxesse notícias de que Madison havia passado para o outro lado, ele poderia muito bem matar o mensageiro. Jason tentou uma piada.

— E se ela não vier? O meu charme fatal não vai funcionar com ela, você sabe.

Seph não pareceu achar aquilo engraçado.

— Convença-a. — Ele passou a mão pelo cabelo. — Sei que você voltou para a escola, mas não deve levar mais do que uns dois dias para ir e voltar com ela. Acho que em três ou quatro dias você consegue explorar o lugar e fazer perguntas.

Ele pôs a mão ardente no braço de Jason e fitou-o nos olhos.

— O que quer que aconteça, Jase, precisamos de você aqui quando tiver acabado. Temos planos em andamento que necessitam de magos, e eles estão em falta.

Jason refletiu sobre aquilo, sem pressa. Seph não mandaria Jason até Madison se não achasse preciso. Caso contrário, o risco superaria o benefício. Além disso, era óbvio que Jason era mais descartável do que Seph ou Nick.

Deveria ir? Aquilo o tiraria de Trinity, embora achasse que Coal Grove não seria uma melhora. Mas aquilo poderia ser a abertura de que precisava para escapar, sair da supervisão de Nick e da obrigação que sentia em relação a Seph. Ele poderia fazer-lhe aquele último favor, e então...

— Como é que se chega lá?

— Pedi a Madison para deixar orientações sobre como se chega lá por escrito antes de ela partir. A minha mãe ofereceu o carro dela. Como você sabe, ela está de partida. — Seph sorriu, parecendo mais com ele mesmo. — Mas veja se devolve inteiro. Beleza. Linda dirigia um BMW Z4 conversível. Se bem que provavelmente Madison teria de voltar em sua picape, se quisesse trazer mais do que uma escova de dentes.

O nó de tensão dentro de Jason afrouxou um pouco. Era um plano. Ele tinha algum dinheiro guardado, que ganhara trabalhando nas docas no ano anterior. Recuperaria alguns dos objetos mágicos da Igreja de St. Catherine que poderiam ajudá-lo no Reino Unido. Acompanharia Madison de volta até

Columbus, então a mandaria continuar o resto do caminho. Quando percebessem que ele havia partido, já estaria de volta na Ravina do Corvo. Ele *faria* com que Hastings o aceitasse. Caso contrário, havia outros lugares no mundo para ir, outras batalhas para lutar.

Certo.

É claro que aquilo só daria certo se Madison estivesse do lado deles.

— Está bem. Eu vou. Desenhe o mapa enquanto faço as malas.



Estava começando a amanhecer quando Jason chegou com o BMW no estacionamento da igreja.

O pequeno porta-malas já estava carregado com as suas roupas e seus CDs de música. Uma vez a caminho, ele não tinha planos de parar. Tinha esperanças de deixar a cidade sem ter que lidar com Nick ou Mercedes. Com alguma sorte, eles acordariam tarde.

Ele se sentia mal por causa de Leesha, mas quando estivesse na estrada mandaria uma mensagem eletrônica avisando que havia partido. Sentia que não poderia arriscar uma despedida cara a cara. Quando tudo estivesse mais calmo, entraria em contato com ela de novo.

Usando a cópia que mandara fazer da chave de Seph, ele desceu até a escuridão gelada da cripta e desativou os feitiços que haviam sido colocados sobre o túmulo vazio de Thomas Swift. As peças mágicas estavam classificadas, rotuladas e, em sua maioria, guardadas.

O Coração do Dragão, sobre seu suporte decorado, no canto, zombava dele, despertando um desejo sem esperanças quando a sua pedra Weir respondeu. Ele, Nick e Mercedes haviam tentado tudo o que sabiam, porém ninguém fora capaz de tocar

na pedra desde aquele dia em que ele saíra pela primeira vez com Leesha, logo após Madison ter partido. Ele tentou relacionar aqueles dois eventos diferentes, mas não conseguiu. Se o diário da caverna estivesse correto, eles tinham em mãos uma arma de poder incomparável, só que não conseguiam nem se aproximar dela.

Talvez fosse mais fácil aceitar se ele estivesse bem longe. Talvez não se sentisse tão inútil e vazio.

Levaria apenas algumas coisas que Nick e Mercedes talvez não notassem. Pensou nas possibilidades. Não tinha nenhuma necessidade de pedras de amor; aquilo nunca havia sido um problema para ele. Nem coleiras para cativos; não estava planejando fazer prisioneiros. Não iria carregar por aí espelhos mágicos que nem eram muito confiáveis. Mas pedras de adivinhação eram pequenas e poderiam levá-lo ao que estava procurando. Amuletos e talismãs eram sempre úteis.

Pegou uma das adagas mágicas e sentiu-lhe o peso na mão. Aquilo lhe daria uma vantagem contra um adversário mais poderoso — D'Orsay ou qualquer outro.

No final, escolheu uma adaga, uma pedra de adivinhação, um talismã de proteção e um amuleto que supostamente fortalecia quem o carregava. Ele já tinha a *dyrne sefa* que sua mãe lhe dera — um talismã de utilidades múltiplas. Enfiou os itens escolhidos na mochila e deixou o resto onde estava.

Quando saiu da igreja, estancou. Leesha estava recostada no carro dele. Ele devia ter saído pelo portão que dava para o lago, menos acessível e mais discreto.

Normalmente, ele ficaria feliz em vê-la, mas naquela manhã ele simplesmente não tinha condições de responder a perguntas.

Ela arqueou uma sobrancelha e tentou um sorriso que não deu muito certo.

— De volta à igreja?

Ele deu de ombros, o tempo todo pensando nas peças mágicas que levava em sua mochila. Como ela o havia encontrado tão rápido? Era cedo para ela estar na rua. Será que o havia seguido?

— Carro legal — disse ela, apoiando a mão no BMW, com uma outra pergunta evidente em seu rosto. Enquanto na noite anterior ela parecera nervosa e distraída, hoje parecia sarcástica e determinada. Como se soubesse que ele tinha a intenção de ir embora.

"Droga. Devia ter deixado o carro em casa até estar pronto para partir."

Ele a fitou, sem fala por um momento, então disse:

— Um amigo me emprestou.

— Me leva pra dar uma volta?

— Tenho que devolver, e já estou atrasado. Vou mandar uma mensagem para você mais tarde, está bem?

Jason jogou a mochila no banco do passageiro e deu a volta para entrar pelo lado do motorista.

Leesha estendeu a mão e apanhou a mochila pelas tiras.

— O que tem aqui dentro?

— Ei, solta isso!

Jason deu a volta no carro e arrancou a mochila das mãos dela.

— O que tem aí dentro, Jason? Um presente pra mim?

Ela tentou apanhar a mochila, e ele a segurou pelos pulsos para impedi-la de tentar de novo. Por um momento, eles ficaram ali, cara a cara, olhando feio um para o outro. Para toda a cidade ver, se estivessem interessados.

Jason soltou as mãos dela e recuou um passo.

— Por favor, Leesha. É só que... como eu disse, estou meio com pressa. Sinto muito. Falo com você mais tarde, está bem? Prometo.

Entrou no carro, pondo a mochila no chão a seus pés.

— Certo.

Ela ficou ali, mordendo o lábio, vendo-o ir embora.

Ele se perguntou o que fora aquilo tudo enquanto passava pelas ruas flanqueadas por árvores ao redor da praça. Ela parecera quase zangada com ele.

Quando alcançou a interestadual, ele já se entregara ao prazer de dirigir o BMW. A Interestadual 71 cortava o sudoeste, passando entre campos cultivados de terreno plano. Ele aumentou o volume do rádio. Não havia muito tráfego, por isso aumentou a velocidade também, raciocinando que sempre poderia se safar de uma multa na conversa.

Sabia que estava assumindo riscos idiotas, com a invasão da Ravina do Corvo e com Leesha, e dirigindo rápido demais, mas por algum motivo não conseguia se conter.

Ao chegar a Columbus, contornou a rótula, saiu pela Rota 23, depois pegou outra estrada estadual, rumo ao sudeste até as montanhas. Olhava de vez em quando para os espelhos, mas não viu nenhum sinal de que estivesse sendo seguido. Passou por cidades minúsculas: Glen Furnace, Floradale, Salt Creek. Planejava ir direto até a casa de Maddie. Seria mais fácil transitar por aquelas estradas rurais à luz do dia.

O celular tocou várias vezes. Era Leesha chamando. Nenhuma mensagem. Ele desligou o aparelho.

Quando chegou a Coal Grove, estava nublado e começou a chover e nevar, uma chuva inclemente e fina como agulhas, que esfriava os ossos e se congelava ao cair. O teto de nuvens desceu até quase se encontrar com o chão.

Ele ia para leste, afastando-se da cidade, as instruções de Seph a seu lado no banco, a mochila no chão do lado do passageiro. A paisagem parecia ter levado uma surra e nunca ter se recuperado por completo.

Ele não fazia idéia de como as coisas se passariam na casa de Maddie. Sabia por experiência própria que não havia como intimidar Madison Moss. Mas talvez ela ficasse feliz em vê-lo,

querendo notícias de Seph. E ele examinaria as reações dela quando ela tivesse alguma.

A estrada se deteriorou rapidamente, passando de cimento para cascalho. Dava voltas e curvas, mas sobretudo subia. Uma densa floresta replantada cobria ambos os lados, verdejando com a aproximação da primavera, pontuada aqui e ali por uma caixa de correio em frente a um trailer residencial ou uma fazenda em ruínas. Ele passou por uma placa que dizia CARVÃO ROPER e apontava para uma estrada secundária em melhores condições. E, mais à frente, uma fazenda de cavalos, de aparência próspera, com um portão com pilares de tijolos e uma placa em letras imitando cordas: ÁRABES DE BRYSON. Em algum lugar por ali havia um desvio para a montanha Booker.

"Não muito bem sinalizado", diziam as instruções de Seph. Àquela altura, estava chovendo mais forte.

Depois de avançar por mais um quilômetro e meio, ele começou a se dar conta de que devia ter passado reto pelo desvio. Fez um rápido retorno e seguiu na direção contrária à que viera. Jason se inclinou para a frente, tentando enxergar pelo pára-brisa manchado pela chuva.

Contornou uma curva e encontrou o caminho bloqueado por uma enorme árvore que caíra atravessada sobre a estrada. Ele pisou nos freios, derrapando de lado no cascalho molhado. O BMW parou com a porta do passageiro a poucos centímetros da árvore.

Jason descansou a cabeça no volante, o coração martelando no peito. Uma árvore da encosta devia ter se soltado da terra encharcada. Devia ter acontecido havia pouco, já que o caminho estivera livre momentos antes.

Abrindo a porta do motorista, ele saiu para a chuva com as pernas trêmulas. Se quisesse avançar, precisaria tirar a árvore da estrada. Magia era bom para obrigar as pessoas a fazerem o que

você quisesse ou para mover substâncias mais fluidas, como água, ar e chamas. Ele não estava certo de conhecer um feitiço para mover árvores gigantes.

Jason puxou a mochila de debaixo do assento. Talvez houvesse algo lá que pudesse ajudar. Ajoelhando-se no chão encharcado, ele remexeu nas peças mágicas que retirara da igreja. Havia uma adaga capaz de infligir um ferimento mortal (num homem, não numa árvore), talismãs de proteção que ele não sabia bem como usar, um amuleto que dava força a quem o carregava (talvez ele conseguisse erguer a árvore e tirá-la da estrada) e uma pedra de adivinhação que se iluminou de forma estranha nas mãos dele. Como um aviso.

Havia algo mais, algo que não era familiar, um objeto pequeno e chato de metal. Ele o segurou sob a luz. Havia uma leve inscrição nele, como um desenho estilizado de uma aranha. Como é que aquilo fora parar ali?

Ele levantou a cabeça bem na hora em que o carro explodiu em chamas.

Jason rolou para trás para não ser engolfado pelas chamas. Apoiando-se nos cotovelos, ele fitou o carro sem conseguir acreditar. O BMW se tornara um inferno de chamas, silvando e cuspidando na chuva que caía.

"Meu Deus, a Linda vai me matar." Pensou ele, "tenho que sair daqui".

Enquanto lutava para se levantar, algo o atingiu em cheio no peito, logo abaixo da clavícula, com força suficiente para fazê-lo dar meia-volta. Ele agarrou a frente da camisa, mas não encontrou nenhum ferimento ou projétil, apenas um frio e um entorpecimento terríveis que se espalhavam.

— Droga! — disse alguém atrás dele. — Espero que não tenha chegado perto demais do coração. A idéia é imobilizar você, não matar.

Jason virou-se para encarar a pessoa que lhe falava. Não podia ser. Os cabelos loiros, quase translúcidos, os olhos azuis pálidos e os lábios descoloridos. O meio sorriso arrogante que Jason não via desde a fatídica conferência em Second Sister.

— Barber!

O sorriso alargou-se.

— Por um minuto, achei que você não se lembrava de mim. Mas, ei, as amizades que a gente faz na escola são as que duram.

— O que está fazendo aqui?

— Segui você. É claro que eu não sabia que você ia me trazer pra latrina do universo — disse Barber, fazendo um gesto de mão para indicar os arredores.

— Com o que você me acertou?

— Com um *graffe*. Uma adaga virtual com efeito muito parecido ao veneno de aranha. Deixa a vítima imóvel, mas com a mente lúcida e capaz de sentir dor. Ótimo para interrogatórios.

— O que você quer?

— Fazer algumas perguntas. Mas primeiro vamos para algum lugar calmo, onde não sejamos interrompidos.

A paralisia estava se espalhando. Os membros de Jason ficavam cada vez mais pesados. Tornava-se difícil puxar o ar para dentro dos pulmões.

— Perguntas sobre o quê? — murmurou ele. Nem os lábios e a língua obedeciam ao seu comando.

— Perguntas sobre o que você está fazendo aqui. Sobre o que você roubou da Ravina do Corvo e escondeu na igreja. Sobre o Coração do Dragão. Podemos começar com o que você tem na mochila. — Barber estendeu a mão. — Passe pra cá.

A mochila. O corpo de Jason podia estar dormente, mas a mente estava lúcida. Barber sabia que Jason saíra da cidade. Sabia sobre a igreja. Sabia que havia algo na mochila.

Leesha.

Uma raiva gélida tomou conta de Jason.

— Você quer isso? — gritou ele, em voz rouca.

Levantando a mochila, ele enfiou a mão lá dentro, cerrando os dedos em torno do amuleto. *Dá força a quem o carrega.* Ele murmurou um feitiço invocando o poder do amuleto e sentiu uma força bem-vinda fluir para dentro do corpo. Pendurando a mochila sobre o ombro, ergueu a outra mão e agarrou a *dyrne sefa* que lhe pendia do pescoço. Pronunciando o familiar feitiço de imperceptibilidade que aprendera com a mãe, ele se jogou para o lado.

Aterrisou rolando nas folhas molhadas. Levantou-se de imediato e correu, escorregando e deslizando montanha abaixo, a mochila batendo-lhe no ombro. Barber era um mago poderoso, superior a Jason até nos melhores momentos de Jason. Imperceptível ou não, não seria prudente ficar por ali.

Barber estava espumando de raiva. Lançou chamas montanha abaixo atrás de Jason, depois desceu atrás dele, berrando e praguejando.

— Idiota! Aonde diabos você pensa que vai? É melhor se render, ou vai ficar deitado na lama até ser feito em pedaços e devorado vivo por animais.

(Era difícil de entender, com todos os palavrões intercalados, mas era mais ou menos isso o que ele dizia.)

Jason avançou cambaleando. Não tinha nenhuma intenção de se submeter a um interrogatório elaborado por Warren Barber. Ser dilacerado por animais parecia uma perspectiva atraente em comparação. Além disso, haviam-no feito de tolo, e ele não deixaria, não podia deixá-los vencer.

Entretanto, cerca de 32 quilômetros o separavam da cidade, e ele não fazia idéia de por quanto tempo os efeitos do amuleto durariam. Sabia que a casa de Madison devia ser em algum lugar por ali, mas não queria levar Barber até ela.

Realisticamente, estava morto.

Ao pé da montanha, Jason virou à esquerda e acompanhou um largo riacho por uma ravina. Depois começou a subir de novo. Subiu por um longo tempo, seguindo o curso das águas, tropeçando nas pedras, entrando e saindo das águas. Finalmente se afastou do riacho e passou para o outro lado da montanha. Àquela altura, estava cambaleando, perdendo força apesar de apertar o amuleto com firmeza. Tentou pronunciar o feitiço de novo, mas dessa vez não houve nenhum efeito aparente.

Estava completamente desorientado. Não fazia idéia de para que lado ficava a cidade, ou para que lado poderia estar a casa de Madison. O seu único objetivo era se manter longe de Barber.

Era mais fácil falar do que fazer. Barber parecia ser incrivelmente hábil em segui-lo. Quando Jason alcançou um terreno mais alto e olhou para trás, Barber ainda estava em sua cola. Não exatamente seguindo a trilha de Jason, mas se movendo na direção correta, às vezes cortando caminho por ravinas e cursos de água. Era quase como se Jason estivesse enviando algum tipo de sinal localizador.

Imbecil.

Ele tirou a mochila dos ombros e meio se sentou, meio caiu no chão. Enfiando a mão no bolso, retirou a misteriosa pedra de aranha.

Devia ser um ímã, colocado ali de propósito, provavelmente por Leesha diante da igreja. Tudo o que Barber tivera de fazer fora seguir a pedra para rastrear Jason até o Condado de Coalton e pela floresta na chuva.

Tremendo, os dentes batendo, resistindo ao impulso de se deitar ali mesmo onde estava e deixar que sua mente se apagasse, Jason agarrou os galhos baixos de uma árvore, lutou para se levantar e olhou em volta.

Estivera seguindo uma alta cadeia montanhosa. De um lado da cadeia, havia um declive até uma floresta profunda que cobria uma série de montanhas menores. Do outro lado, ele enxergou o

traçado de uma estrada que acompanhava o leito do riacho. Atrás dele, Jason podia ouvir Barber derrubando violentamente os arbustos por onde passava.

Recuando o braço, Jason atirou a pedra o mais longe que pôde no vale da floresta. Depois desceu a cadeia montanhosa no lado oposto, dirigindo-se para a estrada. Com alguma sorte, Barber seguiria a pedra.

Restava o problema do *graffe*. Jason não conseguiria ir muito mais longe.

Ele podia tentar atrair a atenção de alguém num carro que passasse. Provavelmente passava um carro a cada um ou dois dias por ali.

Como se aquilo fosse resolver alguma coisa. Eles não teriam a menor idéia de qual era o problema com ele. Só o que poderiam fazer era vê-lo morrer.

Ele abriu caminho montanha abaixo aos tropeções. As pernas já não funcionavam direito. A chuva havia diminuído e se transformara num chuvisco, mas rios de água lamacenta ainda fluíam encosta abaixo, tornando o caminho traiçoeiro.

A respiração dele estava ficando pesada de novo. Sentia um frio que se alastrava, uma incapacidade de controlar os próprios movimentos. Piscou para afastar uma imagem dupla da encosta. Finalmente, deu um passo em falso ao encontrar uma protuberância, tropeçou por seis metros e acabou com os pés no canal e a cabeça e os ombros na margem da estrada.

Sentia dor. Barber tinha razão — a capacidade de sentir dor funcionava perfeitamente. Batera o cotovelo ao cair e se perguntava se havia quebrado o braço. Mas não tinha forças para virar a cabeça para verificar.

Ficou caído ali sem saber por quanto tempo até que ouviu um ronco e sentiu uma leve vibração no solo. "Trovão", pensou ele. Depois se deu conta de que devia ser um carro se aproximando.

Imbecil. Ele estava imperceptível. Ninguém o veria caído ao lado da estrada, nem mesmo quando os seus ossos imperceptíveis, alvejados pelo sol, se misturassem com os restos espalhados de esqueletos de animais atropelados. Ele segurou a *sefa* e desativou o feitiço de imperceptibilidade com a sua última gota de força. Então ficou deitado de costas, fitando o céu, incapaz até de piscar para conseguir enxergar através do chuvisco inclemente. Precisava se concentrar muito para se lembrar de respirar.

Ele ouviu o barulho de pneus molhados à medida que o carro se aproximava. Será que ele estava longe o bastante da estrada? Será que o carro o atropelaria? Será que estava próximo o suficiente para ser visto?

Sentiu o ar se mover quando o carro se aproximou, sentiu o jato gelado de água quando ele passou. Amarga decepção. Ouviu o guincho agudo dos freios e sentiu o cheiro de borracha quente. Enorme euforia. Uma porta de carro bateu, passos esmagaram o cascalho, e uma voz se fez ouvir.

— Ei, você está bem? O que aconteceu? Alguém atropelou você e se mandou?

Alguns instantes depois:

— *Jason?*

Era Madison Moss.

Segundos mais tarde, o rosto preocupado dela apareceu em seu campo de visão. Ela estava levemente bronzeada — estivera ao sol — e o cabelo volumoso estava puxado para trás num rabo de cavalo. Vestia jeans e uma camiseta branca lisa — diferente do estilo boêmio dela em Trinity.

"Não", pensou ele, perplexo. "Essa menina não está do lado dos bandidos. Não acredito."

— É você mesmo! O que está fazendo aqui? O que aconteceu? O Seph está com você?

Era uma cascata de perguntas, jorrando rápido demais para que a mente enfraquecida dele pudesse acompanhar.

— Madison — ele tentou dizer, mas os lábios não formavam as sílabas.

Estava lutando para respirar, sufocando. Pontos nadavam-lhe diante dos olhos. Barber não tencionara matá-lo, ou pelo menos não antes de tê-lo torturado para que contasse a verdade. Ele devia ter feito alguma bobagem.

Ajoelhando-se junto dele, Madison tocou-lhe de leve o peito, no local onde o *graffe* entrara.

— O quê...? Parece... parece que o seu peito está em chamas. — Ela tapou a boca, os olhos arregalados, parecendo compreender que ele poderia não achar aquilo tranquilizador. Madison tinha a habilidade de ver a magia nos outros. Até mesmo o *graffe* mortal de Barber, pelo jeito. — Não se preocupe. Vou só dar uma olhada.

Ela afastou a jaqueta dele para o lado e levantou a blusa para examinar o ferimento.

— Giqui — ele conseguiu dizer. — Giqui! — repetiu, mais alto, querendo dizer "*A gente tem que cair fora daqui!*".

Ela correu as mãos frias pelo peito dele até encontrar o ferimento e enfiar os dedos lá dentro. Ele quase gritou de dor, mas então sentiu um tipo de sucção, uma pressão ao contrário, e imediatamente a ardência sobre o coração dele diminuiu. Novamente ela pressionou as mãos sobre a pele dele, franzindo o rosto como se fosse tão doloroso para ela quanto era para ele. O corpo de Jason perdeu um pouco da rigidez fria, e ele conseguiu engolir saliva de novo. Ela estava sugando o veneno mágico.

Madison afastou as mãos, esfregando-as vigorosamente na grama ao lado da estrada, estremecendo.

— Argh. Isso é nojento, seja lá o que for. Vai levar um bom tempo para eu me livrar disso. Pelo menos não é... Quem fez isso? De onde você veio?

Ela não parecia mesmo esperar uma resposta.

Madison se levantou, as mãos na cintura, e olhou para o alto da encosta. Ela parecia muito alta e esguia de onde Jason estava, no chão.

— Pensei que talvez você tivesse caído do céu, mas parece que rolou lá de cima.

Ele conseguiu grunhir:

— Madison. O Warren Barber está aqui. Temos que ir antes que ele nos veja.

Àquela altura, Barber poderia ter descoberto o estratagema dele e estar chegando ao topo da cadeia de montanhas a tempo de ver o que estava acontecendo ao lado da estrada.

— Warren Barber!

Madison havia se encontrado com Warren Barber antes, em Second Sister, quando ela o pusera a nocaute no jardim da pensão.

Pelo menos ela não fez um milhão de perguntas.

— Agüente aí, vou pôr você na picape. Você não quebrou nada, não é?

Tonto, ele balançou a cabeça. O braço o estava matando, mas ossos quebrados eram café pequeno perto do que Barber faria se chegasse ao topo da montanha.

Madison desapareceu de seu campo de visão. A porta da picape bateu, e ela voltou com uma lona manchada de tinta. Enfiando as mãos sob os braços dele, ela o deitou sobre a lona. Segurando a borda desta, o arrastou pelo

acostamento até a velha picape vermelha. A tampa traseira estava abaixada, mas o assoalho da caçamba parecia estar a um quilômetro de altura. Jason não conseguia imaginar como ela conseguiria erguê-lo até lá em cima. Ela o apoiou contra a

picape. Então subiu na caçamba, inclinou-se, passou os braços em torno do peito dele e puxou-o para cima. Ele aterrissou sobre ela, mas ela conseguiu sair de debaixo do corpo dele.

— Desculpe — murmurou ela. Ela se apressou a arrumar os braços e pernas de Jason da forma que achou melhor, depois puxou a lona da cobertura por sobre ele. — Desculpe — disse ela outra vez.

A picape chacoalhou sobre as molas desgastadas quando ela saltou da caçamba para entrar na cabine. A porta bateu, e o motor deu sinal de vida. A chuva batia na lona sobre a cabeça de Jason. Ele não sabia onde estava indo, não sabia onde estava Warren Barber, nem se sobreviveria àquele dia.

Capítulo Quinze

E a Aranha Veio Junto

Jason não se lembrava muito dos dias que se seguiram. Sentia-se seco e quente num minuto, frio e suado no outro. Lutava contra sonhos que não tivera mais desde aqueles que Gregory Leicester lhe infligira no Porto Seguro.

Sonhava que estava de volta à floresta e Warren Barber tecia fios a partir dos pulsos, como o Homem-Aranha, embrulhando-o num casulo gigante. Ele lhe injetava veneno com presas gigantes e deixava-o pendurado na teia dele, indefeso, dizendo: — Eu vou voltar, e aí vamos conversar. Sonhava com Leesha e Barber, rindo juntos da estupidez dele e da astúcia com que o haviam enganado. Jason nunca fora um mago poderoso, mas sempre se considerara, pelo menos, esperto. Triste engano. Todos o haviam avisado sobre Leesha, e ele os havia ignorado. A única esperança dele era que ninguém descobrisse o quão idiota havia sido.

Ele ardia em febre, embaraço e fúria.

Acordara assustado com o som da própria voz reverberando nos ouvidos, e se perguntara o que havia dito, o quanto havia revelado.

Madison estava lá durante boa parte do tempo. Ela não extraiu mais nada do veneno. Em vez disso, forçava-lhe líquidos e xícaras de sopa goela abaixo.

Ele lhe segurou as mãos, num raro momento de lucidez.

— Maddie, não conte a ninguém sobre isso. Nem ao Seph. A ninguém. Por favor.

— Você é doido, sabia? — Ela pressionou as costas da mão sobre a testa dele, verificando se estava com febre. — Ele precisa saber o que aconteceu. Vou até a cidade ligar para ele assim que eu puder deixar você sozinho.

Ele tentou se sentar, debatendo-se embaixo da colcha.

— Se ligar pra ele, eu caio fora. Agora mesmo.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Vai pegar carona ou o quê? Agora deite antes que eu dê uma surra em você por ser um idiota. Você precisa de alguém que entenda de magia pra tratar de você.

— Estou bem melhor. De verdade.

Madison bufou, incrédula.

Jason tentou encontrar um argumento.

— Olha, Maddie, se ligar para ele, ele vai me culpar por ter estragado tudo e ter colocado você em perigo. Ele me pediu pra fazer algo muito simples, e eu fracassei. Ele nunca mais vai confiar em mim para nada. Prefiro que você me dê um tiro na cabeça de uma vez. — Ele dispôs os dedos em forma de pistola e apontou para a testa com o indicador, para enfatizar o que dizia.

Ela franziu a testa. Ele percebeu que ela hesitava.

— Além disso, se ligar para ele, ele vai querer vir pra cá e ninguém vai conseguir impedir. Enquanto isso, tudo vai pelos ares por lá.

— Bem — resmungou ela, parecendo hesitar —, veremos. Se você piorar...

Ele a convencera. Jason sorriu, fechou os olhos e rendeu-se ao sono.

Na vez seguinte que acordou, encontrou dois enormes cães amarelos aninhados na cama com ele, um de cada lado.

— Ei — disse ele com voz fraca, empurrando o que estava com a cabeça no travesseiro, lançando bafo canino em seu rosto.

O cão abriu os olhos e lambeu o rosto de Jason com uma língua preta e rosada, incrivelmente longa. Depois voltou a dormir.

Algum tempo mais tarde, uma menina de rosto solene com cabelos castanhos lisos colocou uma bandeja no chão junto a ele e se sentou abruptamente.

— Cadê a Madison? — indagou ele, puxando o lençol para cobrir o peito nu e enfaixado, apertando os olhos contra a luz que penetrava por entre as vigas desgastadas do teto.

— Teve de ir se encontrar com a professora de arte dela — respondeu a menina.

Aquilo não fazia muito sentido. Que professora de arte?

— Quem é você?

— Eu me chamo Grace Minerva Moss. Sou irmã da Maddie. Fiz o almoço pra você. Queijo quente e sopa de tomate — acrescentou ela, bastante orgulhosa.

Na bandeja, havia um prato de papel com um sanduíche de queijo quente levemente queimado cortado em dois triângulos, algumas bolachas salgadas, uma caneca de sopa, uma folha de papel-toalha e uma lata de refrigerante.

Ele estava deitado num colchão sobre o piso, cercado por pinturas em tripés, algumas inacabadas. Reconheceu o estilo de Madison. Empurrando uma pilha de colchas para o lado, tentou se apoiar nos cotovelos, mas descobriu que o braço esquerdo estava numa tipóia. Por isso rolou para o lado bom e se sentou, passando a mão livre pelo cabelo.

— Onde estou? — perguntou ele, quando a cabeça parou de girar.

— No celeiro. No sótão. O estúdio da Maddie. Eu tive de ajudar a Maddie a carregar você até aqui em cima. Você é bem pesado, sabia? — disse ela em tom acusatório.

Ele passou a mão em torno do pescoço, fechando-a em torno da *dyrne sefa*, ainda em sua corrente.

— Onde estão as minhas coisas? As minhas roupas, quero dizer, e... eu estava com uma mochila...

Grace Minerva Moss apontou algo com o dedo. Ele se virou. A mochila estava pendurada em um prego na parede. As roupas estavam dobradas em uma pequena pilha embaixo dela. "Era um lugar limpo e arrumado para um celeiro", pensou ele. Os olhos dele percorreram fileiras de pinturas.

— A Madison pinta aqui?

— Às vezes. E em outros lugares, também.

Grace pegou o papel-toalha e colocou-o no colo dele, como se sugerisse que ele deveria comer. Ele pegou o sanduíche de queijo quente e o mordeu. Um pedaço da crosta estava queimado, mas tinha aquele sabor delicioso de queijo derretido. De repente, Jason se sentiu faminto.

— Isto está ótimo — murmurou ele, a boca cheia de pão e queijo derretido. — Tem mais alguém em casa?

— Só o meu irmão, J. R. e a minha mãe. Ela ainda está dormindo. — Grace inclinou-se mais para perto. — Ela não sabe que você está aqui — sussurrou ela de forma conspiratória.

Jason tomou um pouco de sopa, o caldo alaranjado enlatado e reconfortante que lhe era familiar dos tempos de criança. Grace olhou para ele com atenção, depois estendeu a mão na direção dele, parando a alguns centímetros de distância.

— Você é todo brilhante — disse ela, parecendo perplexa. — Que nem o Brice Roper.

Antes que ele pudesse responder, escutou um ruído vindo de baixo, depois o som de madeira estalando. Jason ficou tenso e, mais uma vez, bateu em busca da *dyrne sefa*. Uma cabeça loira despontou, como que brotando do piso.

Grace tentou se colocar entre Jason e o intruso.

— John Robert Moss! Eu falei pra você ficar na caixa de areia.

Era um menininho — Jason não era bom em adivinhar a idade de crianças. Provavelmente o irmão, J. R. O menino subiu até o assoalho, virou-se e sentou-se com as pernas balançando dentro do buraco. O rosto dele estava manchado e sujo, e ele vestia jeans com as bainhas enroladas para que lhe servissem.

— O que você está fazendo aqui em cima? Quem é esse homem? — perguntou ele, apontando para Jason.

— Ninguém — disse ela, zangada. — Você não devia estar no celeiro. Sabe muito bem que você tem alergia ao feno. Vá embora!

Por um instante, Jason achou que ela iria empurrá-lo de volta buraco abaixo como um esquilo num desenho animado.

— Quero um sanduíche de queijo quente — choramingou J. R., vendo o último pedaço do de Jason desaparecer.

O rosto de J. R. parecia mesmo estar se cobrindo de manchas vermelhas, Jason não saberia dizer se devido ao feno ou à raiva.

— Você já almoçou, e eu... — começou Grace, mas parou, franzindo a testa, a cabeça inclinada.

Então Jason ouviu também o barulho de cascalho esmagado de um carro entrando no pátio.

— Talvez a Maddie tenha voltado — disse ela, em tom de dúvida. — Mas ela disse que não chegaria até muito tarde. — Ela se levantou e deu a volta cuidadosamente no alçapão até a janela no lado oposto. Olhou para fora, depois se voltou para Jason. — É um homem loiro, todo brilhante, que nem você.

Jason não precisava olhar para saber que era Warren Barber. E não precisava pensar a respeito para saber

que não seria páreo para Barber num duelo mágico, considerando o estado em que Jason estava. Desejou ter o Coração do Dragão. Ou uma metralhadora. Qualquer coisa.

Bam! Bam! Bam!

Grace ainda estava olhando pela janela.

— Ele está na varanda, batendo na porta. Parece furioso.

Jason se levantou com dificuldade. Quase caiu. Buscou apoio na parede e perguntou-se como faria para descer as escadas.

— Tem uma porta dos fundos? Podemos sair daqui sem sermos vistos da casa?

Grace balançou a cabeça.

— Tem uma ravina. Ela desce até o riacho Booker aqui atrás. A porta do celeiro fica de frente pra varanda. — Ela espiou pelo vidro. — A mamãe saiu na varanda. Ela não vai ficar feliz de ter sido acordada.

Grace ficou olhando por mais um minuto, depois disse:

— Eles entraram na casa, ele e a mamãe.

"Faça com que ele só dê uma olhada em volta e vá embora", rezou Jason. "Faça com que a mãe fique de boca fechada e não mencione a Madison. Será que eu não posso ter sorte, pra variar?"

— Vocês dois, saiam daqui — disse Jason às crianças.

— Corram o mais que puderem pra dentro da floresta e fiquem lá até que alguém vá buscar vocês.

— Aquele homem está atrás de você? — indagou Grace.

— Foi ele quem machucou você?

— Foi. Agora vão. — Jason deixou-se cair de novo no colchão e pôs a cabeça entre os joelhos, lutando para não vomitar o queijo quente e a sopa. Não conseguiria ir a lugar algum. — Vou me esconder aqui em cima. Vai ser mais fácil se for só eu.

Grace cruzou os braços e bateu o pé de um jeito familiar e teimoso. Igualzinha a Maddie.

— Ele vai procurar aqui na certa.

— Vão de uma vez. Se ficarem aqui, ele vai saber que estou aqui — disse Jason.

— Eu prometi a Madison que tomaria conta de você — disse Grace. Ela olhou pela janela de novo. — Ele está vindo.

Jason praguejou baixinho. Mesmo que se fizesse imperceptível, havia sinais de uma pessoa convalescente espalhados por todo o lugar. Era óbvio que aquele era o quarto de um doente, exatamente o que Warren Barber estava procurando. Barber estaria esperando um feitiço de imperceptibilidade depois do que aconteceu na floresta. Talvez até tivesse trazido pó cintilante para desmascarar Jason.

Jason recuou até um canto, agarrando a *sefa*.

— Venham aqui — disse ele a Grace e J. R. — Fiquem bem perto de mim. Posso esconder todos nós com magia.

Ele tentou parecer confiante, mas como saber se aquilo iria funcionar, doente como estava?

— Magia? — Grace revirou os olhos. — Isso não existe. Não sou *idiota*. — Ela olhou de Jason para J. R., a testa franzida em reflexão. — Já sei! — Ela abriu um sorriso, o primeiro que Jason vira nela. Voltou-se para o irmão. — J. R.! Deite na cama. Finja que está dormindo.

Com duas irmãs mais velhas, parecia que J. R. estava acostumado a receber ordens. Ele deslizou obedientemente para debaixo das cobertas. Àquela altura os olhos dele estavam inchados, e ele se coçava vigorosamente.

— Se esconda — disse Grace a Jason.

"Oh, Deus. Ela acha que estamos brincando de esconde-esconde."

— Me passe a mochila — sussurrou ele. — Depois fique parada e talvez ele não suba.

Ela passou-lhe a mochila e sentou-se no colchão junto a J. R., esperando. Jason abriu o zíper da mochila e remexeu lá dentro até encontrar a adaga que trouxera de Trinity. Aquilo parecia ter

acontecido um século atrás. Sacando a lâmina da bainha, Jason segurou a adaga com a mão boa, agachou-se no canto e murmurou o feitiço de imperceptibilidade. Talvez ele tivesse sorte, nem que fosse só daquela vez.

— Ei — disse J. R., num sussurro muito alto, lá de baixo do cobertor. — Aonde ele foi?

Grace tapou-lhe a boca.

— Quietos!

As dobradiças rangeram quando a porta do celeiro se abriu embaixo deles. Jason ouviu Barber andando de um lado para o outro no andar de baixo, praguejando violentamente, chutando para o lado tudo o que estivesse em seu caminho. Jason conteve a respiração. Então ouviu as escadas rangerem com o peso de Barber.

Não. Ele não ia ter sorte, nem mesmo uma vez. Ele dobrou as pernas sob o corpo. Talvez as crianças distraíssem Barber por tempo suficiente para lhe dar uma chance. Era uma adaga mágica, afinal. Talvez um arranhão fosse o bastante.

Grace gesticulou freneticamente para Jason.

— Você tem que se esconder melhor! Ele vai *ver* você.

O cérebro sobrecarregado de Jason tentou entender o que estava acontecendo. Ele estava imperceptível, tinha certeza disso. A menos que, no estado debilitado em que se achava...

A cabeça e os ombros de Barber apareceram na abertura no chão. Estava tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo, obviamente prevendo um ataque.

— Oi — disse Grace de imediato. — Você é o Howie? Achei que você não vinha.

Surpreso, Barber ergueu as mãos para lançar um feitiço, quase perdendo o equilíbrio e caindo para trás nas escadas. O que teria sido ótimo. Mas ele se equilibrou a tempo e disse:

— O que... quem diabos é Howie?

— O moço que toma conta de nós. Ele devia vir hoje. Eu *falei* para a mamãe que eu posso cuidar sozinha do meu irmão. — Ela apontou para J. R. — Ele está doente. A gente está brincando de hospital. Quer brincar?

— Não, eu não quero brincar — grunhiu Barber. As roupas dele estavam sujas e rasgadas, e ele estava arranhado e esfolado, como se houvesse vasculhado a floresta por vários dias. — Vou dar uma olhada por aí. — Ele se pôs de pé. — Viu algum estranho por aqui?

— Quer dizer, além de você?

"Caramba", pensou Jason, "não provoque o cara."

Barber olhou feio para ela por um minuto, depois meio que relaxou, como se raciocinasse que ela era jovem demais para estar bancando a espertinha.

— É, além de mim. Estou procurando por um cara mais ou menos da minha idade, mais ou menos da minha altura também, só que mais magro. Cabelo escuro com listras loiras. Ele usa um brinco — disse Barber, tocando o lóbulo da orelha para o caso de ela não entender.

— Por que está procurando por ele? — perguntou Grace.

— Acho que ele pode estar machucado. É por isso que estou procurando por ele. Para ajudar.

Barber arreganhou os dentes naquele seu típico sorriso horripilante, os olhos pálidos brilhando de malícia. Aparentemente tomava Grace Minerva por uma idiota. Não pareceu notar Jason no canto.

— Não vi ninguém. Não temos permissão para ir a lugar nenhum desde que o meu irmão ficou doente, porque é contagioso.

Grace fingiu dar uma colherada de sopa a John Robert, que fingia dormir. A mão dela tremia um pouco.

Barber andou pesadamente pelo aposento, espiando por entre as vigas, empurrando as ferramentas para o lado e inspecionando

espaços que eram pequenos demais para que Jason coubesse neles. Ele enfiou a mão no bolso, tirou um saquinho e derramou algo na palma da mão. Pó cintilante.

De repente, Barber lançou o pó no canto errado, e este flutuou, descendo até o chão, brilhando sob os raios do sol. Revelando ninguém.

— Ei — disse Grace, hesitante, olhando de relance para o canto onde Jason estava escondido. — O que é esse negócio?

Barber ignorou-a, continuando a examinar o aposento, lançando pó. "Só um pouco mais perto", pensou Jason, "e eu pego você antes que você me pegue. Quem sabe."

Barber parou diante de uma das pinturas, estudando-a, esfregando o queixo, pensativo. "Essa não", pensou Jason. Era a pensão em Second Sister, destacando-se contra o sol poente, empoleirada nas rochas que davam para o lago Erie. Local da fatídica conferência. Barber franziu o cenho, como se tentasse se lembrar onde vira aquilo antes.

— Quem é o pintor? — perguntou ele.

— Eu. Tome cuidado para que essa coisa brilhante não caia na tinta molhada — disse Grace. — Agora sente, Johnny, pra eu poder dar o remédio a você.

John Robert se sentou obedientemente, e Barber deu uma boa olhada nos olhos inchados e nas manchas vermelhas na pele do menino.

— Qual é o problema com ele? — indagou Barber, recuando três passos.

— É bem contagioso — disse Grace, fingindo secar o suor de John Robert com um trapo.

Barber pareceu horrorizado.

— Por quê? O que é que ele tem?

— Catapora. — Grace deu de ombros. — Ele foi vacinado e tudo. Acho que coça pra danar. A mamãe disse que eu provavelmente vou pegar também.

Como que aproveitando a deixa, J. R. espirrou.

Barber recuou rapidamente para a escada, depois deu uma última olhada no estúdio com os olhos apertados.

— Tem certeza de que não viu ninguém?

— A mamãe não deixa ninguém entrar, já que é contagioso — disse Grace, em tom solene. — Estou surpresa de ela ter deixado você entrar.

"Ah", pensou Jason. "Ele ficaria feliz de lançar uma catapora ou qualquer outra praga sobre Barber depois do que este fizera com ele. Talvez Leesha pegasse dele."

A visita não ficou nem mais um segundo. Jason ouviu-o descer as escadas, bater a porta do celeiro e dar a partida no carro. Jason esperou até que o som do motor não fosse mais audível para se deixar cair contra a parede, tentando juntar forças suficientes para voltar para a cama improvisada.

— Foi sorte ele não ter visto você — disse Grace, olhando feio para Jason. — Por que não se escondeu?

— Bom, eu...

— Com quem você está falando, Grace? — John Robert emergiu das cobertas. — Aonde foi aquele homem?

Jason olhou de Grace para John Robert, e de volta para Grace. Ele desativou o feitiço de imperceptibilidade. John Robert recuou, mas Grace não reagiu.

"Ah", pensou Jason. "Extratores podem ser raros, mas vêm em série."

Capítulo Dezesseis

Chegadas e Partidas

Após o susto da hora do almoço, Jason dormiu durante quase toda a tarde. Acordou duas vezes com o som de motores de carro — a mãe de Madison saindo para o trabalho e Madison

chegando em casa. E acordou uma terceira vez quando ela acendeu a luz.

— Oi — disse ela baixinho, sentando-se na beirada do colchão.

— Como é que você está?

— Já estive melhor. — Ele conseguiu se sentar. Um dos cães amarelos estava estirado aos pés dele. O ferimento no peito de Jason escorrera, e a camiseta grudara nele. Jason puxou a camiseta para longe da pele, cerrando os dentes diante da dor.

— E você?

— Estou bem. — Madison se pôs a ajeitar e alisar as roupas de cama. Estava vestindo jeans desbotados e uma camisa bordada de algodão branco, além de vários colares que lhe davam voltas no pescoço. O cabelo estava puxado para trás numa trança solta, expondo longos brincos pendentes. — Quer dizer que o Barber esteve aqui? — disse ela, com aquele seu jeito de ir direto ao ponto.

Ele fez que sim com a cabeça.

— A Grace salvou o dia. Ela é incrível. Não tem medo de nada.

Madison concordou.

— Ela é corajosa mesmo. É assustador, às vezes.

— Você não tinha me contado que ela é uma extratora também.

Madison parou imediatamente de ajeitar as cobertas, os olhos fixos na colcha.

— O que é que você disse? Ela não é.

— Madison. Qual é? Sou eu.

— Ela *não* é — repetiu ela, mais alto.

— Você falou para ela? — Quando Madison não disse nada, ele deu de ombros. — Imagino que não. Ela não parece saber nada sobre magia.

Ela finalmente ergueu a cabeça, os olhos escurecendo até um azul de águas profundas.

— Ela não está envolvida nisso.

— Ainda.

— Nunca. — Madison era como uma pessoa que pressiona o dedão no buraco da represa enquanto a água jorra por todos os lados em torno dela. — Você não pode contar a ninguém.

— Maddie, foi por pura sorte que o Barber não percebeu quando esteve aqui.

— É por isso que tenho de ficar longe disso tudo. Para a proteção dela.

De repente, ela estava chorando. Lágrimas caíam-lhe pelo rosto, e Jason tentou pensar em alguma coisa, qualquer uma, para dizer.

— Ei, escute, Madison, eu...

— Tem sido um inferno aqui, sabia? — A voz dela ficou mais alta, e o cão se mexeu e abriu os olhos. — No ano passado, alguém estava ateando fogo por todo o condado, e todos culpavam a gente, dizendo que somos bruxas. As crianças atormentavam a Grace na escola. A mãe da melhor amiga dela proibiu a amizade delas. A coisa ficou feia. Quando fui embora, aquilo finalmente parou.

Ela fungou um pouco e secou os olhos.

— Eu estava feliz em Trinity. Aí Second Sister aconteceu. Não posso me envolver nisso. Se descobrirem sobre a Grace... A minha família, eles são tudo o que eu tenho.

— E agora eu trouxe o Barber até aqui — disse Jason, pensando em Leesha. — Sinto muito.

— Você acha que ele vai voltar?

Jason deu de ombros.

— Ele provavelmente só está examinando todos os lugares próximos. Duvido que volte, a menos que descubra que você mora aqui. Isso seria uma pista grande demais.

— Ainda está escrito "Booker" na caixa do correio — disse Madison. — Mas todos sabem quem mora aqui. — Ela fez uma pausa. — E aí? O que o Barber quer? O que você está fazendo aqui?

"Vim descobrir se você está trabalhando para as Rosas", Jason pensou em dizer. Ou: "Vim espionar você". Ou ainda: "Vim arrastar você de volta para Trinity, queira ou não". Não que ele tivesse qualquer condição de fazê-lo.

Por isso é claro que ele não disse nenhuma dessas coisas.

— O Barber está procurando pelo Coração do Dragão. Acho que ele pensa que eu estou com ele.

— Mas não está. — Ela olhou-o de esguelha, tentando soar natural. — Ainda... ainda está na igreja?

— Está.

"Ela ainda o quer", pensou ele.

— Vocês conseguiram quebrar a proteção? Descobriram como funciona?

Ele balançou a cabeça. Pensou em dizer: "Não, a coisa me morde toda vez que tento pôr a mão nela". Mas não disse isso também. Ainda tinha esperança.

— Conseguimos classificar quase todos os outros objetos.

Ambos ficaram em silêncio, estudando um ao outro, como candidatos ao mesmo emprego.

— E aí? — disse ele afinal. — Falou com a sua professora de arte?

Ela assentiu, distraída.

— A minha professora da Faculdade de Trinity. Encontrei com ela em Columbus para que ela desse uma olhada no que fiz até agora. Ela foi lá para uma inauguração.

— E o que foi que ela disse?

Ela o fitou por um momento, depois estendeu a mão, agarrou a frente da camiseta dele e puxou-lhe o rosto perigosamente para perto do dela.

— Jason Haley! — Ela lhe deu uma sacudidela. — Você não veio até aqui para me perguntar sobre a minha lição de casa!

— Calma! Sou um inválido, lembra? — disse ele, e ela o soltou.
— Eu vim porque alguém arrombou o seu quarto na Lendas e revirou tudo.

Ele observou a reação dela com atenção, e viu simples espanto.

— Por que alguém faria isso? Não tem nada lá pra roubar.

— Foi um mago — continuou Jason. — O Seph acha que pode ter sido alguém das Rosas.

— As Rosas! Por que eles arrombariam o meu quarto?

— Talvez estejam tentando encontrar você — sugeriu Jason. — Tem certeza de que não havia nada lá que valesse a pena roubar? Você deixou alguma das suas pinturas lá? — perguntou, num impulso.

Madison adquiriu uma cor de leite desnatado, revelando sardas que Jason nunca vira antes.

— *Pinturas?* Bem, eu não... Quero dizer, eu...

Jason fitou-a.

— Não é uma pergunta difícil.

— Não, mas... — Ela engoliu em seco. — Não acho que eu tenha deixado... nada. Por que pergunta?

— Bem, o Seph deu uma olhada por lá, mas não soube dizer se estava faltando alguma coisa.

Agora Madison pareceu verdadeiramente em pânico.

— O Seph esteve no meu *quarto*?

— É, esteve. Ele e o Nick...

— O Seph e o Nick? O que eles estavam fazendo? — Madison se inclinou para a frente. — Como *entraram* lá?

— Ahn... Acho que a Rachel pediu ao Seph que fosse lá. Na verdade, ela achou que vocês dois haviam brigado e que ele tinha revirado o seu quarto por vingança.

Madison entrelaçou os longos dedos.

— Eles... eles mencionaram terem visto alguma pintura?

"Droga", pensou Jason. "Não acredito. Ela é realmente culpada. Ela *sabe* que aquela pintura era um problema."

Mas se ela tivera a intenção de que Seph a descobrisse, por que parecia tão assustada? Será que ela ia dar o quadro para alguém... algum cúmplice? Será que havia planejado fazer algo com o quadro e agora o plano estava arruinado? Se estava arruinado, será que eu quero que ela *saiba* que foi arruinado?

— Jason?

Madison o fitava, mordendo o lábio, esperando por algum tipo de resposta.

Agindo por instinto, ele balançou a cabeça.

— Não, ele não disse nada sobre uma pintura. Por quê? Está faltando alguma?

— Ahn, não — disse Madison. — Só estava me perguntando.

Ela realmente não sabia mentir. Havia algo de errado naquela teoria de que Madison era uma agente secreta ou uma assassina. Como se ele houvesse montado o quebra-cabeça forçando peças que não se encaixavam a se encaixarem.

Eles evitaram se encarar.

Finalmente, Madison falou:

— E aí? Você veio até aqui só pra me falar sobre... sobre um arrombamento?

— Bem, ah... basicamente. — Jason pigarreou. — O Seph quer que você volte para Trinity. Ele... gostaria de ficar de olho em você.

Aquilo era verdade, até certo ponto.

— O quê? — Ela se sentou no chão junto ao colchão, passando os braços em torno dos joelhos. — Alguém pensou em perguntar a minha opinião a respeito?

— Ele não acha que é seguro pra você ficar aqui sozinha.

— Sinto muito, Jason, mas não acho, sinceramente, que haja alguém atrás de mim.

"Bem, não, não se eles forem cúmplices. Outra peça forçada no lugar."

— Estou mais segura aqui do que lá, de qualquer forma — prosseguiu Madison. — Se alguém pode arrombar o meu quarto com a Rachel de guarda, pode fazer qualquer outra coisa que queira também. Se um estranho aparecer em Coal Grove, vai ser notado num segundo. Os únicos magos que conheço em todo o condado são você, o Warren Barber e o Brice Roper. E o Barber seguiu *você* até aqui.

Jason pestanejou. Grace havia mencionado aquele nome.

— Quem é Brice Roper?

— Um canalha e um mentiroso. Mora no pé da montanha. Ele tem cavalos.

Ela parecia pensar que aquilo era informação suficiente a respeito de Brice Roper, pois não disse mais nada. Jason sentiu pena de Brice Roper, quem quer que fosse.

Jason se virou e enfiou a mão na mochila. Tirou um maço de cigarros e um isqueiro. Ergueu os olhos e viu Madison olhando para ele com cara de poucos amigos.

— O que foi?

— Você acha que vou deixar você acender isso num *celeiro*?

— Oh, desculpe.

Ela arrancou os cigarros dele.

— Na verdade, é proibido fumar nesta montanha inteira, no seu caso.

— Ahn? — Jason viu aquela expressão de teimosia no rosto de Madison outra vez. — Escute, eu vou fumar no pátio. Vou fumar na floresta. Vou fumar na droga da casinha. Onde você quiser.

Ele estendeu a mão.

Ela enfiou os cigarros no bolso do jeans.

— Se acha que vou deixar você se envenenar depois de toda a gosma que tive de encarar pra salvar a sua vida, está louco.

Ela fez uma careta e limpou a mão na camisa.

— Está bem. Vou fumar duas vezes mais quando for embora daqui. — Ele fez uma pausa. — E aí? Você vem comigo?

Madison se levantou e começou a andar de um lado para o outro, gesticulando enquanto falava.

— Não posso simplesmente fazer as malas e partir. O juiz Ragland liberou a Grace e o J. R. sob a condição de que eu ficasse aqui pra cuidar deles. Se eu for embora, o condado vai retomar a custódia.

Jason suspirou. Sabia que não ia ser fácil. E se Madison estava conspirando com alguém, era difícil decidir se seria melhor levá-la de volta ao santuário, onde poderiam vigiá-la, ou mantê-la à distância. O banimento da magia de ataque não parecia funcionar no caso dela. Mas ele ainda não entendia como ela conseguira implantar uma maldição numa pintura, se não era dotada.

Se ela estava trabalhando para as Rosas, porém, não devia estar ansiosa para voltar para Trinity de forma a poder pôr as mãos no Coração do Dragão?

Percebendo que ela aguardava uma resposta, ele perguntou:

— Então, o que é que você vai fazer?

Era inútil tentar forçar Madison a fazer qualquer coisa. A magia não funcionava com ela e, em suas atuais condições, Jason não conseguiria carregar uma Madison esperneando e berrando até o carro. Se ele tivesse um carro.

— Olhe, se eu não terminar esse portfólio, vou perder todo o semestre — disse ela. — E as crianças dependem de mim. Não posso voar para Trinity por causa de um arrombamento. Parece que eu estaria indo ao encontro da encrenca em vez de fugir dela.

Madison esperou, retorcendo uma mecha de cabelo entre o polegar e indicador. Como Jason não respondesse, ela perguntou:

— Como vai o Seph?

— Mal-humorado como o diabo. Com saudades de você.

— Achei que ele se sentiria melhor... longe de mim.

Jason encarou-a. Ele descobrira havia muito tempo que as garotas tinham uma visão de mundo completamente deturpada. Aquilo só confirmava sua impressão.

— Ele é louco por você, Madison. Por que ele se sentiria melhor?

— Eu disse para ele sair de Trinity. Avisei. Falei que as coisas iam acabar mal.

Àquela altura a paranóia de Jason estava em marcha acelerada. Será que ela sabia que as coisas iam acabar mal porque tinha informações sigilosas?

— Ele não vai partir, Maddie. Eles não *têm* ninguém mais.

Ela fitou as próprias mãos.

— Eu vou voltar. Quando eu acertar as coisas aqui. Enquanto isso, vou tentar não chamar a atenção.

"Certo. Como se ela pudesse se perder nas multidões apinhadas de Coal Grove", pensou Jason.

— O Seph não vai gostar disso.

A discussão o estava cansando. A dor fria no peito havia retornado. Será que algum dia ele voltaria ao normal?

— Quando você voltar, diga ao Seph para parar de se preocupar comigo e tomar mais cuidado com ele mesmo — disse Madison.

— Eu não vou voltar para Trinity — disse Jason sem pensar.

Droga! Ele era um idiota, tentando jogar aquele jogo complicado com a cabeça ainda nas nuvens, devido aos efeitos do veneno.

— Para onde você vai?

— Voltar para a Inglaterra. — Ele fez uma pausa, depois brandiu a única arma que tinha. Aquela que nunca utilizaria. — Enfim. Ninguém precisa saber sobre a Grace. E ninguém precisa saber que estou aqui.

Ele olhou diretamente nos olhos azuis de Madison. Precisava de tempo para se recuperar e não queria que mandassem alguém para interrogá-lo antes disso.

Os olhos dela se estreitaram e os lábios se contraíram numa expressão zangada.

— Muito bem! O funeral é seu.

— Exatamente — disse ele, sorrindo um pouco, tentando diminuir a tensão.

— O que devo dizer ao Seph? Ele está esperando notícias suas.

— Se ele perguntar, diga que eu nunca vim aqui.

Os olhos de Madison se arregalaram de espanto.

— *Se* ele perguntar? Jason! Ele vai pensar que você fugiu ou que algo aconteceu com você.

Jason conteve uma onda de culpa, sabendo que Seph merecia ao menos saber a respeito de Barber. Mas Jason ficaria por ali algum tempo, para o caso de Barber voltar.

"Certo. Da última vez, uma menina de dez anos salvou a sua pele."

— Trinity seria o lugar mais seguro pra você, você sabe — disse Madison, como se lesse a mente dele.

— Mais seguro pra mim, mas não para você?

Ele fez uma pausa. Como ela não respondesse, acrescentou:

— De qualquer forma, não estou procurando um esconderijo.

Ela se levantou.

— Mesmo assim. É melhor você ficar escondido. No caso de o Barber estar procurando por você.

— É melhor que ele se preocupe por eu estar à procura dele! — disse ele, enquanto ela se afastava.

Quando a porta se fechou atrás dela, ele se recostou confortavelmente nos travesseiros. Não tinha medo de Warren Barber. Só precisava descansar um pouco e recuperar a forma.

Se Madison estivesse envolvida em algum tipo de conspiração, ele não podia simplesmente deixar Seph à mercê dela. Mas Seph

nunca acreditaria em nada ruim a respeito de Madison sem provas. Já que ele tinha de ficar em Coal Grove por uns tempos, talvez conseguisse descobrir com certeza de que lado Madison Moss estava, com quem ela andava e quem era o tal Brice Roper.

Quem sabe se ele apenas fechasse os olhos...

Madison passou com a picape por entre os pilares gêmeos de tijolos que assinalavam a entrada para a Fazenda Bryson. Um cercado branquíssimo se prolongava em ambas as direções, demarcando os limites da propriedade dos Ropers. Ela percorreu o longo caminho, passando pela mansão de estilo neoclássico, e deu a volta nas estrebarias.

Ninguém jamais diria que aquilo tudo fora construído à custa de mineradores de carvão.

O prédio fora pintado de vermelho recentemente. Quatro cavalos árabes cinzentos malhados, com focinhos negros aveludados, enfiaram as cabeças sobre o portão do cercado. No pasto adiante, açafrões, fura-neves e campânulas brancas despontavam entre os retalhos de neve.

"Esta é uma fazenda tirada de um romance", pensou ela. "Aposto que os cavalos nem defecam nos estábulos."

Ao se virar na direção da casa, viu três cavaleiros emergirem da floresta no lado oposto do pasto. Grace cavalgava uma delicada égua baia de passadas altas. Brice vinha atrás, num cavalo castrado, corpulento e de pelos negros, e John Robert montava um pequeno cavalo cinzento malhado. Quando Grace viu Madison, bateu os calcanhares nas laterais do cavalo e veio voando pelo pasto, o cabelo tremulando como uma bandeira, puxando as rédeas para executar uma parada brusca bem na frente de Madison.

— Grace! — disse Madison, abanando a poeira erguida pelos pés do cavalo. — Não seja exibida.

As faces de Grace estavam coradas de excitação.

— Maddie! Esta é a Abby. Quer dizer, é assim que ela é chamada na estrebaria. O nome de registro é Abby Ann. Ela é de raça bérbere. Ela é um doce. Brice disse que nunca viu ela se afeiçoar a alguém do jeito que...

— Onde vocês estiveram?

Grace pestanejou.

— Bom, a gente cavalgou até a velha fornalha.

— Aquilo fica na nossa propriedade. Você não tinha nada que levá-lo até lá em cima na montanha — disse ela, indicando Brice com a cabeça.

Brice parou junto a Grace. Ele estivera acertando o passo com o de John Robert.

— A culpa é minha. Eu pedi a ela para me mostrar a queda-d'água.

— Como se você não tivesse andado por lá sozinho antes.

— Por que você sempre tem que ser tão malvada? — sussurrou Grace audivelmente para Madison.

Brice apenas revirou os olhos e apeou com elegância.

Grace desmontou também, depois ficou parada, hesitante, segurando as rédeas.

— Vamos subir lá para a casa — disse Brice. — O Mike vai cuidar dos cavalos.

Grace não se moveu.

— O senhor Ragland sempre diz que cada um deve cuidar do seu próprio cavalo.

— Não vou contar a ninguém — disse Brice, erguendo John Robert da sela e colocando-o no chão.

— Eu podia ter descido sozinho! — protestou John Robert.

Brice deu-lhe um tapinha no ombro.

— Vã com a Grace pedir um pouco de bolo e limonada a Sylvia. Madison e eu vamos pra lá num instante.

— Não — disse Madison rapidamente. — Não podemos ficar. Tenho muita coisa pra fazer e já *desperdicei* a maior parte do dia.

— Ah, qual é? — disse Brice com impaciência, segurando-lhe o braço. — Não vá sair correndo. A Sylvia fez um bolo de chocolate de sete camadas. Ela vai ficar de coração partido se só eu for comer. Além disso, quero mostrar uma coisa a você.

— Me solta! — Madison soltou o braço. — Quando vai aprender a manter as mãos longe de mim?

Brice balançou a cabeça, incrédulo.

— O que é que você tem, afinal? — indagou ele, como se ela estivesse sendo completamente irracional.

Enquanto isso, Grace e J. R. ficavam ali em pé, sem jeito.

— Bolo de chocolate, Maddie? — disse J. R., esperançoso.

— Não vai demorar — disse Brice. — Prometo, está bem?

— Está bem — disse Madison. — Vamos acabar logo com isso.

Por que ela não podia deixar Brice doente, em vez de Seph? Seria bem justo. Afinal, Brice deixava *Madison* doente.

Brice conduziu-a, acompanhando a cerca do outro lado do pasto. Alguém havia construído uma trilha de pedras e plantado tomilho entre elas. A trilha fazia uma curva perpendicular para dentro da floresta, para o frio das sombras. Eles seguiram um pequeno córrego, um afluente menor do riacho Booker.

Finalmente saíram da floresta e entraram numa clareira que dava para o rio lá embaixo. No centro havia um pequeno chalé de pedra e cedro. Embora ele parecesse recém-construído, tinha aspecto de abandonado. A campina ao redor estava coberta de cardos queimados pelo inverno, amoreiras e mudas de plantas que chegavam à altura das coxas.

A vista era de tirar o fôlego. Bem abaixo, o rio corria entre margens íngremes. As montanhas se estendiam ao sul e a leste — azul esfumado, verde e cinza onde a neve havia derretido.

— Que lugar é esse? — sussurrou Madison, sabendo que deveria haver uma história por trás.

— Esse era o estúdio da minha mãe.

Brice guiou-a até a construção. A frente era toda de vidro, abraçando a terra enrugada que se estendia adiante.

Brice abriu a porta da frente com uma chave. A sala da frente era imensa, com grossas vigas sustentando o alto telhado e claraboias entre elas. Havia uma cozinha e uma sala de jantar nos fundos da casa, e uma escada em espiral para o que deveriam ser os quartos de dormir no andar de cima.

Como a campina, a casa tinha um ar abandonado. A mobília estava coberta com panos de lona e o pó cintilava sob a luz do sol que penetrava pelas clarabóias.

— Você sabe que a minha mãe também é artista — disse Brice.

— Depois que os meus pais se divorciaram, ela se mudou para Nova York.

Naturalmente, ele supunha que Madison conhecia a história do desagradável divórcio e da jovem segunda esposa. Naturalmente, ela conhecia mesmo. Afinal, os Ropers eram como a realeza do Condado de Coalton.

— A minha madrasta não vem aqui.

Ele parecia calmo, pragmático, sem nenhum traço de julgamento na voz ou na expressão.

Ao contrário de Madison. Ela passara a vida toda julgando as pessoas em relação ao seu sistema pessoal de valores. Ela era ótima em guardar rancor. Devia ganhar um prêmio por isso.

Ela se postou junto à janela, olhando para o vale.

— Muito bonito — admitiu ela. — Mas por que você me trouxe aqui?

— Achei que talvez você quisesse usar o lugar.

Ela se virou.

— Para quê?

— Para pintar. A Grace disse que você tem pintado como louca.

— Por que eu iria querer vir até aqui? Posso pintar em casa.

Por que Grace contava coisas a Brice Roper?

Ele deu de ombros.

— É um bom espaço e está sendo desperdiçado.

— Só porque você tem alguma coisa, não significa que eu queira.

Ele veio mais para perto e olhou para ela. Ela tentou recuar, mas acabou prensada contra a janela.

— A gente podia transferir a propriedade pra você.

— Eu tenho uma casa. Para que eu ia precisar de duas?

— Você não *precisa* de uma ruína caindo aos pedaços no topo da montanha Booker — disse Brice. — O senhor McCartney disse que você vai ser dona da montanha em alguns meses. Você sabe que o meu pai quer comprar. Ele vai pagar um bom preço. Um ótimo preço, na verdade. Você vai ficar rica.

— Uau. Parece um sonho que se transforma em realidade — disse ela.

Encorajado, Brice foi em frente.

— Você pode ficar. Ou você pode sair deste lixo de cidade para sempre. Pode ir pra uma escola de artes. O que quiser. E, depois que se formar, a gente podia ajudar a promover a sua carreira. A minha mãe conhece pessoas. Tem contatos em galerias em Nova York e Chicago.

— E aí? Como vocês tirariam o carvão da montanha Booker?

Ele pestanejou, surpreso com a mudança de assunto.

— A Carlene deixou o meu pai fazer algumas perfurações de prospecção. As jazidas estão perto da superfície, por isso ele provavelmente removeria o topo da montanha.

— E lançariam tudo no riacho Booker?

Ele fez que sim com a cabeça.

— É o mais provável. Depois continuariam fazendo uma escavação a trado para chegar até as jazidas mais profundas. Só vão saber de verdade quando chegarem lá.

— Você até parece um especialista.

— É, sei — disse ele, com uma surpreendente amargura.

— E o seu pai e a Carlene combinaram tudo isso?

— Bem, acho que eles conversaram a respeito. — Ele pareceu um tanto inseguro. — Só as preliminares, sabe como é.

— E depois deram a você o trabalho de me convencer?

Brice pigarreou.

— Bem, parece uma situação em que todos saem ganhando.

— Todos saem ganhando. — Madison enfiou as mãos nos bolsos dos jeans e balançou-se para trás nos calcanhares. — Me diga uma coisa. A Carlene sabia que vocês iam atear fogo no galpão?

Ela o surpreendera. Ele a subestimara. E assim, por um instante, a verdade transpareceu no rosto dele.

— Não acredito — sussurrou ela, balançando a cabeça como se pudesse de alguma forma negar a traição.

Brice recuperou-se e sorriu de novo.

— Não sei do que está falando.

— O seu pai quer comprar a montanha Booker, e a Carlene quer vender. O único problema é que ela não é a dona. Por isso eles acharam que, se parecesse que as crianças estavam em perigo, o condado assumiria a custódia. E se o condado assumisse a custódia, eu teria de voltar para casa. E se eu voltasse para casa, você poderia me manipular e me persuadir a vender. Aposto que você sabe ser bastante persuasivo. Aposto que ninguém nunca diz não.

— Maddie.

— O seu pai ofereceu a Carlene uma parte do negócio. E você ateou fogo no galpão. Ficou por lá até que a Grace e o John Robert tentassem apagar, e então levou os dois pra cidade.

Agora me diga. O que você teria feito se alguma das crianças tivesse se machucado?

— Maddie, escute...

— Não me chame de Maddie. Os meus amigos me chamam de Maddie. O seu problema é que você pensa que todas as outras pessoas são idiotas. Acha que eu não tinha planos para este verão? Você fica aqui com a sua fazenda de mentirinha e a sua "Sylvia vai ficar de coração partido" quando a Sylvia provavelmente não daria a mínima se você pegasse o bolo de sete camadas e o pregasse na porta da estrebaria.

Brice parecia ter levado uma violenta pancada na cabeça.

— O quê? O que a Sylvia tem a ver...

— Porque a Sylvia tem vida própria, além de ser a sua governanta. E eu tenho uma vida que não envolve bajular você. Por isso, se pensa que vai pôr as mãos na montanha Booker, está muito enganado.

Aquilo fez com que ele prestasse atenção ao que ela dizia.

— Você não é *ninguém*. — Ele a olhou como se ela fosse uma sujeira que ele raspava do sapato. — Quinta geração da mais pura ralé. Mas quando eu a convidei para sair, você teve a audácia de dizer não. — Ele bufou. — Como se fosse boa demais para *mim*, quando estive com todos os outros caras no colégio.

Correção: ela havia sido *convidada* para sair por praticamente todos os outros caras no colégio. E havia recusado. Mas isso não os impedia de falar.

— O único motivo pelo qual você ainda tem a montanha é porque ninguém se interessou por ela antes — prosseguiu ele.

— A Carlene é patética, mas pelo menos entende como as coisas funcionam.

— Deixe a minha mãe fora disso — disse Madison, embora aquilo fosse, na verdade, bastante estúpido. — Prefiro ser quem sou a ser quem você é, arrancando os topos das montanhas,

envenenando rios, emporcalhando toda a terra e nunca limpando a própria sujeira, se curvando e se ajoelhando diante do seu pai, que atropelaria um gatinho em seu trajeto até o banco.

— Acho bom você lavar a boca. Estou avisando.

Brice inflou com o poder, como um tipo de sapo mágico disfarçado de homem.

Madison havia mesmo soltado a língua de novo. Não que Brice não merecesse, mas a última coisa que ela precisava era que ele tentasse usar magia nela e provocasse mais perguntas. Ela olhou pela janela, tentando manter o controle.

— Já acabamos aqui? — Ela se virou em direção à porta. — É melhor voltarmos e irmos para a sua casa.

Em três rápidas passadas, Brice caiu sobre ela. Ele agarrou-lhe os ombros com seus dedos de ferrão, machucando-a.

— Nós *não* acabamos aqui. Vamos resolver isso.

Ele lançou poder sobre ela desajeitadamente. Era para causar dor — para ser um golpe rápido e convincente, mas longe do estilo elegante com o qual ela estava acostumada. Então o sorriso dele sumiu, os olhos se arregalaram, e ele recuou, lutando para se libertar. Por fim, completamente drenado, ele tombou ao chão e ficou caído com o rosto para cima, os braços estirados à frente como se tentasse agarrar algo que não conseguia alcançar.

Madison inclinou-se sobre ele.

— Tem outra coisa que você não sabe a meu respeito. Não tenho medo de magos.

Ela se virou e saiu do estúdio, deixando-o caído ao chão.

"Lá se vai a idéia de me esconder", pensou ela ao voltar pela trilha. "Lá se vai a idéia de não chamar a atenção. Seria bom se, ao menos uma vez, você conseguisse pensar algo e não dizer em voz alta. A quem mais o Brice conhecia e com quem mais ele poderia conversar?"

Quando ela chegou na casa, Grace e John Robert estavam sentados à mesa da sala de jantar, devorando grandes fatias de bolo de chocolate em camadas e sorvendo copos altos de limonada enfeitados com raminhos de menta e fatias de limão, e com açúcar e limão nas bordas. Como gente pobre convidada à casa-grande.

O rosto de John Robert estava coberto de creme e entusiasmo.

— Prove esse bolo, Maddie. Está fantástico!

— Tenho certeza de que está. — Madison evitou olhar para Sylvia, que estava rondando por ali. — Mas, sabe, não consigo comer bolo de chocolate e limonada juntos. Deixa a limonada com gosto azedo e o bolo doce demais. Termine de comer, J. R. Temos que ir.

— Cadê o senhor Roper? — perguntou Grace.

— Lá no velho estúdio da mãe dele — disse Madison. — Ele decidiu ficar lá por um tempo.

— O senhor Roper disse que eu posso voltar e cavalgar a Abby sempre que eu quiser — anunciou Grace, limpando elegantemente os lábios com um guardanapo.

— Acho que o senhor Roper mudou de idéia — disse Madison.

Grace deixou o garfo cair no prato ruidosamente, nuvens de tempestade acumulando-se no rosto.

— Por quê? O que você falou pra ele?

Madison hesitou; então decidiu ficar com a verdade.

— O pai do senhor Roper quer a montanha Booker. Eu disse não. Ele está meio zangado por causa disso.

— Onde a gente ia morar, se ele ficasse com a montanha? — perguntou J. R., no finalzinho do seu bolo.

— Esse é um dos problemas — disse Madison. — É por isso que eu disse não.

— A gente podia se mudar pra outro lugar — sugeriu Grace.

— Acho que isso não vai acontecer — disse Madison. No caminho montanha acima, Grace comentou que

Brice Roper era um idiota, mas tinha cavalos bonitos. Madison lhe disse que coisas como andar em belos cavalos sempre custavam um alto preço.

Capítulo Dezessete

Intimidação

Leesha se sentia como um policial encarregado da vigilância externa numa cena de crime. Ficava sentada no carro no canto mais afastado do estacionamento da Igreja de St. Catherine durante toda a manhã, observando os zeladores taparem um buraco no asfalto. O asfalto novo soltava fumaça e mau cheiro sob o sol do meio-dia. Havia poucas pessoas entrando e saindo da igreja àquela hora numa segunda-feira.

Ela mesma já estivera na igreja uma meia dúzia de vezes. Havia falado com a mulher de roupas antiquadas no escritório da igreja, com o padre e com o coroinha pedante depois da missa. Ela os tinha induzido a ir até o jardim, onde ela podia utilizar a persuasão. Eles haviam compartilhado todos os seus segredos patéticos, mas havia ficado claro que não sabiam nada sobre os artefatos mágicos. Se o Coração do Dragão estava lá, estava escondido sob feitiços de proteção.

Igrejas eram como saunas. Faziam-na suar e inundavam todos os poros mágicos. Era um alívio estar do lado de fora.

Leesha sabia que seu novo plano ainda era muito vago. Esperaria até que um dos Weirs aparecesse, então o seguiria até dentro da igreja e veria onde isso a levava. Se a vigilância sobre a igreja não desse em nada, teria de pensar numa ação mais direta para descobrir a localização do Coração do Dragão.

Talvez estivesse perdendo tempo. Talvez Jason tivesse levado o Coração do Dragão consigo ao partir. Talvez Jason estivesse morto e Barber já tivesse o que queria.

Jason.

"Eu não tive escolha", dizia a si mesma. Barber não estava brincando. A surra que ele lhe dera havia sido apenas um aperitivo. D'Orsay havia tentado matar Barber e falhado. Ela não podia fugir, porque Barber usaria o torque para matá-la se ela deixasse o santuário. Enquanto ela usasse o torque, Barber saberia exatamente onde encontrá-la. E somente ele poderia removê-lo.

Nenhuma escolha. Ela estaria morta àquela altura, se não houvesse delatado Jason. Ela fitava com tristeza um mundo que parecia cinzento e descolorido sem ele. Queria que Barber a contatasse, para que ela ao menos soubesse o que acontecera.

Um velho jipe usado parou no estacionamento e uma figura familiar saltou para fora, sem se importar com a porta. Era aquela horrorosa Ellen Stephenson, que ficara com Jack depois que Leesha rompera com ele. Que a sujara com calda quente de chocolate no Corcoran's certa vez. Que se revelara a guerreira da Rosa Vermelha e conspirara com Jack para destruir o Pacto na Ravina do Corvo.

Definitivamente uma pessoa que valia a pena observar. Mas Ellen não entrou na igreja. Em vez disso, atravessou o estacionamento e rumou para as árvores entre o pátio da igreja e o lago. Estranho.

Leesha saiu do carro e atravessou o estacionamento, seguindo Ellen.

Ellen tomou uma trilha de aparas de madeira que serpenteava rumo ao norte, em direção ao lago. A guerreira de pernas longas se movia rápido, forçando Leesha a dar passos apressados a fim de acompanhá-la. A trilha era estreita, e espinhos se prendiam às suas roupas e puxavam-lhe o cabelo enquanto Ellen se distanciava cada vez mais. Leesha lançou-se atrás dela, desistindo de tentar se mover silenciosamente pela floresta. Se tivesse planejado uma caminhada na floresta, teria calçado

sapatos sem salto. Daquele jeito, provavelmente acabaria enredada numa hera venenosa.

Após algum tempo, a trilha se abriu em uma pequena clareira, salpicada de plantas espinhosas e pequenos arbustos. Nenhum sinal de Ellen. Leesha girou para examinar a campina, mas se deteve quando algo frio tocou-lhe a nuca.

— Procurando por mim?

Leesha virou-se e viu Ellen atrás de uma espada muito longa que pressionava a base da clavícula de Leesha.

— Oi! — disse ela, recuando um passo. — Cuidado. Sabe como é difícil tirar manchas de sangue da seda?

— Não vai ser um problema, se estiver morta — respondeu Ellen.

Ellen ergueu os olhos, mirando-os acima da cabeça de Leesha, e sorriu. Nada tranquilizador. Leesha se virou com cuidado, e lá estava Jack, segurando a própria espada imensa e com uma expressão horrível.

— Oh! — disse Leesha. — Pois é. Desculpem, eu não pretendia interromper o seu encontro na floresta.

— Você não está interrompendo — disse Jack. — Na verdade, é a convidada de honra.

Leesha sentiu os primeiros arrepios de pânico, mas tentou manter o rosto impassível.

— Eu estava pensando em caçar magos traidores. — Ellen deu de ombros. — Está a fim, Jack?

— Estou nessa.

Leesha não pôde deixar de notar que o sorriso dele era surpreendentemente malévolo. E ele costumava ser tão bonzinho!

— A gente quer saber o que aconteceu com o Jason — disse Ellen. — E qual foi o seu papel nessa história.

— Não faço idéia do que vocês estão falando. Não vejo o Jason há dias.

— O Jason sumiu — disse Jack.

— Puxa, que pena. Mas por que perguntam para mim?

Jack fuzilou-a com os olhos.

— Vocês dois estavam saindo juntos.

— Não é verdade.

Ellen pressionou-lhe a espada contra a garganta de novo.

— Está bem! Eu saio com um monte de pessoas. — Ela se esforçou para exibir uma expressão mais condescendente possível. — Quero dizer, é muito amável da parte de vocês, guerreiros, se preocuparem com o Jason e tudo mais, mas acho que ele pode tomar conta de si mesmo.

— O Jason é nosso amigo — disse Ellen. — E a gente quer saber para quem você trabalha.

— O que faz você pensar que eu trabalho pra alguém?

— Você é mercadora. Mercadores só se interessam por dinheiro.

— Ellen fitou Leesha de cima a baixo. — Mesmo assim, é difícil acreditar que alguém da nossa idade possa ser tão *mercenária*.

Era isso o que ela era. Uma mercenária. Havia vendido Jason. Não importava quantas vezes dissesse a si mesma que não tivera escolha. Apesar disso, não serviria de nada a Jason se ela fosse expulsa do santuário e Barber desse um fim à sua patética existência.

Leesha empertigou-se, esticando-se toda — só que, na verdade, a altura dela não era nada impressionante. Os guerreiros ainda eram bem mais altos.

— Não devo explicações a vocês. Agora, por que não vão embora e afiam as armas ou batem espadas ou fazem o que quer que os guerreiros costumam fazer em seu tempo livre?

— Nossa! Que bom que estamos aqui no santuário, onde a magia de ataque não funciona. Senão eu estaria me borrando de medo — disse Ellen, em tom de zombaria.

Deslizando a espada gigantesca para dentro da bainha, Ellen estendeu as mãos na direção de Leesha. Por força do hábito, Leesha disse um feitiço de imobilização, mesmo sabendo que seria inútil. E foi. *Droga.*

Ellen agarrou-lhe os pulsos, torcendo-lhe os braços dolorosamente às costas. Jack ergueu a ponta da espada e pousou-a na base da garganta de Leesha.

Jack sorriu.

— Uma coisa se pode dizer de espadas mágicas. Mesmo na ausência de magia, elas preservam certa *funcionalidade*.

Não havia como negar, realmente.

— Então o que é que há, Leesha? — disse Jack. — Por que ainda está aqui?

— Você não iria me machucar — disse Leesha.

Normalmente, o que Leesha dissera seria verdade. Jack fazia o tipo heróico. A não ser quando estava zangado. Guerreiros zangados podiam perder o controle. Como é que ela ia saber que Jack e Jason eram tão próximos?

E havia Ellen, que lhe torcia os braços, quase arrancando-os dos ombros. Ellen não hesitaria em machucá-la. Ela ainda guardava rancor por causa do envolvimento entre Leesha e Jack.

Sem magia de ataque. Não era justo.

Ela não podia ajudar Jason. Onde quer que ele estivesse, estava além do alcance dela. E se Jack e Ellen soubessem que ela tivera parte na traição dele... Mas ela podia entregar Warren Barber. Ela odiava Barber; não podia nem ver a cara dele. A cara e todas as outras partes.

Além disso, os mercadores não eram conhecidos por darem a vida por seus patrões.

— Tudo bem — disse ela. — Vamos com calma aí. O que querem saber?

Em resposta, Ellen forçou Leesha a ficar de joelhos na grama alta, ainda segurando-lhe os pulsos.

— Fale pra gente sobre o Jason.

— Não sei bem o que aconteceu com ele, mas posso dizer que o Warren Barber está envolvido.

Aquilo era pura verdade.

— Warren Barber? — Jack pareceu ter sido pego completamente de surpresa. — Pensei que ele estivesse morto ou algo assim.

Leesha balançou a cabeça.

— Não. Infelizmente.

— Por que ele iria atrás do Jason? — perguntou Ellen atrás dela.

Leesha sabia que devia escolher as palavras com cuidado, mas era difícil pensar.

— O Barber sabe que o Jason roubou algumas coisas da Ravina do Corvo. Ele quer se apoderar dessas coisas.

— Como ele... O que deu essa idéia a ele? — indagou Ellen, soltando Leesha e postando-se diante dela.

Porque Leesha contara para ele, é claro.

— O D'Orsay deve ter contado pra ele — disse Leesha, esfregando os braços e girando os ombros.

Jack agachou-se na frente de Leesha.

— Por que o D'Orsay acha que o Jason entrou na ravina?

— Acho que o Jason topou com o filho do D'Orsay na saída — disse Leesha.

Jack e Ellen se entreolharam, depois se voltaram para Leesha.

— O que foi que o Jason supostamente roubou? — perguntou Ellen.

— Coisas mágicas.

— Então o Barber está trabalhando para o D'Orsay?

— Ele trabalha sozinho. — Ela tomou fôlego. — Ele está com o Pacto, sabe. Aquele que torna o D'Orsay rei vitalício.

— O quê? — Jack praguejou baixinho. — O *Barber* está com ele?

Ellen se sentou com as pernas cruzadas.

— Como ele conseguiu o Pacto?

— Ele pegou o documento no meio daquela confusão em Second Sister.

Jack estreitou os olhos, com um ar desconfiado.

— Que vantagem isso dá para ele? Ele quer mesmo ser comandado pelo Claude D'Orsay?

— Acho que ele se vê mais como um sócio.

— E por que eles não consagraram o acordo, então? — perguntou Ellen.

Leesha deu de ombros.

— Não sei. Mas o Barber queria encontrar o Jason.

— Como você sabe de tudo isso? — indagou Jack.

— Ele queria que eu ajudasse, mas eu recusei, é claro.

— Sei... — disse Ellen, afastando os cabelos da testa.

— Ele pode ter descoberto que o Jason ia sair do santuário e ido atrás dele. Então, se o Jason estava carregando as coisas, o Barber está com elas. Se não, provavelmente sabe onde estão a esta altura. — Leesha resistiu à tentação de tocar na coleira. — Ele pode ser bastante persuasivo.

— Alguma idéia de onde o Barber está? — perguntou Ellen.

— Nenhuma. — Leesha se levantou, alisando as roupas. — Não precisam agradecer, tudo bem.

Jack agarrou-a por um braço e Ellen pelo outro.

— Onde está hospedada, Leesha? — indagou Jack.

— Você sabe onde. Com a minha tia Milli, em Shrewsbury. Por quê?

— Vamos buscar as suas coisas.

— Por quê? Como assim? — Jack e Ellen não disseram nada, mas começaram a empurrá-la na direção do estacionamento. — Oh, não. Eu não vou sair do santuário. Não posso, não depois do que eu já contei pra vocês. O Barber vai me matar.

— Só tenha certeza de estar bem longe daqui quando ele fizer isso — sugeriu Jack.

— Olhe, você não pode me expulsar do santuário. Está aberto pra todo mundo.

— A gente está mudando as regras — disse Ellen. — É ralé demais que vem pra cá e estraga o ambiente de cidade pequena.

Leesha tentou fincar os calcanhares no chão, mas os dois guerreiros simplesmente a levantaram e carregaram. Era humilhante. Leesha esperneou, contorceu-se e xingou.

— Não vou me esquecer disto. Vão se arrepender.

Ela tentou lançar persuasão sobre eles, mas eles a largaram no chão, depois a levantaram de novo.

Em pouco tempo estavam de volta ao estacionamento, empurrando-a para o jipe.

— Muito bem, está *certo!* Vocês *venceram!* — disse Leesha, numa voz que fez muitas cabeças se voltarem na rua.

Leesha se desvencilhou deles e caiu sobre a lateral do jipe, sem fôlego e com muito medo. Se ela traísse Barber, estaria morta numa fração de segundo. Mas ela não tinha escolha. Outra vez.

— *Está bem* — disse ela. — Vocês me deixam ficar no santuário e eu prometo entregar o Barber pra vocês.

Capítulo Dezoito

Queima-Mente

Dystrophe virou o colarinho para cima para se proteger do sopro úmido do lago, sabendo que devia estar chegando perto. Não precisava consultar o pedaço de papel que trazia no bolso — havia memorizado o endereço e a descrição da casa.

O Chalé de Pedra, como era chamado. Haviam dito a ele que era provável que o rapaz estivesse sozinho. A cautela natural de Dystrophe fora aguçada pelo fato de que Longbranch estava oferecendo um pagamento espantosamente generoso por um alvo supostamente fácil.

O serviço tinha seus desafios, é claro. Diziam que a magia de ataque era proibida dentro do santuário. Mas, até aí, assassinatos provavelmente também eram.

Ele passou o dedo pelas lâminas que trazia nas mangas e sorriu. Um arranhão de qualquer uma delas seria o suficiente para cortar o fio da vida que geralmente era tão forte nos jovens.

Ele entrou na estrada do Lago. Era uma avenida pavimentada com tijolos; as lâmpadas a gás em ferro trabalhado projetavam poças de luz na escuridão. Como assassino, gostava de bairros históricos e sombrios.

As casas à direita davam de frente para o lago, e algumas delas tinham pequenas placas com inscrições como Ponta do Sol, Recanto do Poente, Descanso do Marinheiro, Quebra-Mar e Porto do Sossego. Aquilo era muito sentimental. Dystrophe não gostava.

Devia ser aquela, logo em frente. Um verdadeiro *chalé de pedra* em meio a um jardim quase selvagem, de frente para o lago. A luz da varanda estava acesa.

Dystrophe deu a volta na casa, protegendo o perímetro com barreiras mágicas para impedir uma fuga. Depois subiu o caminho de entrada, tomando cuidado com o pavimento irregular. Talvez o rapaz até o deixasse entrar.

Mas não houve resposta quando ele bateu na porta. Ah, bem. Não havia necessidade de postergar o encontro. Era uma porta grossa de carvalho, mas um feitiço mirado com precisão a arrancou das dobradiças.

Será que o rapaz estava dormindo? Achava que não. Garotos daquela idade gostavam de ficar acordados até tarde, não? Jogando videogames e coisas assim? Ele devolveu a porta ao seu lugar e a trancou atrás de si, depois começou a busca nos aposentos do térreo. O rapaz não estava na cozinha, nem na sala de visitas, na sala de jantar, na despensa ou no escritório.

Naquele momento, ele ouviu movimento nos fundos da casa, e um som de batida, como alguém tentando forçar uma janela a se abrir.

"Ah", pensou Dystrophe, e seguiu o som.

Nos fundos da casa havia um solário, provavelmente um lugar adorável à luz do dia. A parede que dava para o lago era inteiramente de vidro. Lá embaixo, as ondas se chocavam contra as rochas. E ali, no escuro, uma silhueta contra a lua nascente, estava o rapaz.

Ele se virou quando Dystrophe entrou no aposento e o ficou encarando, em pé. Dystrophe concentrou luz em suas mãos e lançou-a no chão entre eles, iluminando as feições angulosas do rapaz, os olhos sombrios e o cabelo negro despenteado. Ele vestia jeans e camiseta, e ainda tinha a aparência vigorosa e desajeitada da adolescência.

Era ele, Dystrophe tinha certeza.

— Joseph McCauley? — indagou.

— Quem é você?

— Calma, Joseph — disse Dystrophe, num tom tranquilizador.

— Não estou aqui para machucar você.

"Estou aqui para matá-lo". Era uma distinção importante, mas a maioria das pessoas não parecia achá-la reconfortante. Às vezes, àquela altura, elas tentavam fugir, mas McCauley não o fez, pelo que Dystrophe ficou grato. Perseguir a presa não era do estilo dele.

— Quem mandou você? As Rosas? — A voz de McCauley se elevou um pouco. Era um garoto, afinal.

— Isso importa?

— Pra mim, sim.

— Pois foi isso mesmo. A Rosa Branca. A doutora Longbranch.

O rapaz assentiu com a cabeça, arquivando a informação como se ele tivesse um futuro. Era pouco comum para alguém tão

jovem ter tantos inimigos. Mas aqueles eram tempos turbulentos.

Empunhando uma das facas, Dystrophe adiantou-se, considerando os alvos possíveis: a pálida coluna do pescoço do garoto, os braços que despontavam da camiseta de mangas curtas.

— Garanto a você, não vai sentir nada. Sou muito bom no que faço.

— Não faça isso — disse McCauley, as mãos ainda caídas ao lado do corpo. — Estou avisando.

Não implorava. Avisava. Ah, a arrogância dos jovens.

— Ora, vamos. Não me impressiono com ameaças e dramas. São apenas negócios, você sabe. Nada pessoal.

O rapaz ajustou a postura, preparando-se. Os olhos verdes escureceram até ficar da cor de águas profundas. Chamas juntaram-se em torno de sua figura magra e respingaram no piso de ladrilhos.

Dystrophe afastou uma sombra de dúvida, então avançou. Quando apenas poucos centímetros os separavam, o assassino atacou como uma cobra, agarrando o pulso esquerdo do rapaz, com a intenção de passar a lâmina envenenada pelo antebraço exposto de McCauley.

Dystrophe arfou e quase o soltou quando o calor da pele do rapaz queimou-lhe os dedos.

O garoto agarrou-lhe o outro pulso, a mão da faca. Dystrophe era mais forte, mas McCauley não fez nenhuma tentativa de fazê-lo soltar a faca ou de voltá-la contra o agressor. Em vez disso, derramou persuasão sobre ele, um rio quente de magia que preencheu os afluentes da mente de Dystrophe, empurrando-lhe a memória e a vontade.

"Que estranho", pensou Dystrophe, e então não havia mais nada além da voz do rapaz, e ele não pensou em mais nada.

Jack e Ellen encontraram Seph no jardim, num banco de frente para o lago. Sentava-se ereto, as mãos nos joelhos, fitando as águas. Parecia abatido e perigoso, como um fio elétrico corroído, lançando faíscas. Ultimamente, encontravam-no com frequência no jardim, apesar do frio, como se ele utilizasse aquele cenário para clarear a mente para as atividades mágicas. Além disso, Seph provavelmente estava quente o bastante para aquecer toda a margem do lago.

Ele virou a cabeça e observou-os descer o caminho até ele. O rosto estava anormalmente pálido, e parecia que dormira naquelas roupas.

— Oi, primo — disse Jack, levantando a mão num tipo de saudação. Tinha a sensação de que Seph não estava nada surpreso em vê-los. Era um pouco perturbador.

Algo se esmigalhou sob o pé de Jack.

— Ei — disse ele, examinando o chão. — Tem vidro quebrado por todo lado.

— É — disse Seph. — Acho que tenho que limpar isso.

Jack olhou em torno.

— De onde tudo... Nossa, o que aconteceu?

Jack apontou para a janela do solário no topo do desfiladeiro. O vidro havia sido estilhaçado como se um punho gigantesco o tivesse atravessado, deixando o aposento exposto aos elementos. Seph olhou de relance para o buraco irregular no alto e de novo para Jack.

— Alguém pulou — disse ele, tremendo um pouco, os olhos arregalados e com um ar assombrado.

— Quem pulou? Do que você está falando? — Ellen sentou-se junto a Seph e pôs a mão no ombro dele, depois a sacudiu e chupou os dedos. — Ai! Você está pegando fogo, sabia?

— As Rosas mandaram outro assassino ontem à noite. — Seph esfregou os olhos com o polegar e o indicador. — Ele tinha

facas. Eu disse pra ele ir embora e ele... pulou pela janela. Caiu no lago.

Jack deixou-se cair no banco de pedra, sem saber o que dizer.

— Quantos foram até agora?

Seph deu de ombros.

— Três. Não. Quatro.

— Isso precisa parar — resmungou Ellen. — Um dia desses eles vão dar sorte.

— Talvez você precise de um guarda-costas — disse Jack.

Seph ergueu a cabeça.

— E quem é que vai desempenhar essa função? Já estamos desfalcados do jeito que as coisas estão.

O vento do lago agitou as copas das árvores e a luz brincou sobre o rosto dele. Havia algo naqueles olhos...

— Teve notícias da sua mãe? — perguntou Jack. — Ela e Hastings precisam saber sobre isso.

— Não. Não tive notícias dela ou do Hastings. Não sei como entrar em contato com eles. — Seph fez uma pausa.

— O Nick sabe o que aconteceu. Ele veio aqui ontem à noite, depois que... — A voz dele sumiu.

"Isso é loucura", pensou Jack. Que santuário, que nada. Se alguém quiser realmente matar uma pessoa, vai acabar conseguindo.

— Como foi com a Leesha? — indagou Seph de súbito, obviamente querendo mudar de assunto.

— Foi ótimo — disse Ellen tirando as luvas com um sorriso malicioso no rosto. — A gente brincou de policial malvado e... policial malvado.

— A gente pressionou bastante, e ela cedeu. É o que a gente acha — acrescentou Jack. Nunca dava para ter certeza com Leesha.

— Ela sabe onde o Jason está?

— Ela disse que não. Mas parece que todo mundo que está envolvido na coisa sabe que o Jason esteve na Ravina do Corvo. O D'Orsay. O Warren Barber. Sabe Deus quem mais. Ela disse que se o Jason está desaparecido, o Warren Barber está por trás disso. O Barber disse que ia pegar as coisas do Jason.

— Warren Barber? — Seph estreitou os olhos para Jack.

— O que ele tem a ver com tudo isso? Não vejo o Barber desde Second Sister. E como é que ele sabe que o Jason esteve na Ravina do Corvo?

— O Jason foi visto. E o Barber e o D'Orsay são sócios agora — disse Jack.

— *Sócios?* — Seph perdeu o ar distraído. — Que maluquice é essa?

— Espere — resmungou Ellen. — Tem mais.

— O Barber está com o Pacto — disse Jack. — A Leesha acha que ele pegou em Second Sister.

Seph olhou de Jack para Ellen.

— Se ele está trabalhando com o D'Orsay e está com o Pacto, por que o Pacto ainda não foi consagrado?

Ellen deu de ombros.

— A Leesha não sabe. Mas todos estão tentando recuperar o que o Jason levou da ravina.

Eles se entreolharam sem dizer nada.

— Por que acham que isso está acontecendo? — disse Jack afinal.

— Bem, o Jason disse que o Coração do Dragão é uma arma que pode controlar ou destruir as ordens — lembrou Ellen. — Essa seria uma boa razão.

— Como eles sabem disso? — insistiu Jack. — O Jason disse que ele deixou o livro cair na ravina, mas...

— Então — interrompeu Seph. — A Leesha *está* trabalhando para o Barber?

Ellen deu de ombros.

— Estava. Mas agora diz que o Barber vai acabar com ela se ela sair do santuário.

— A Leesha tem rondado a igreja — disse Seph. — Acharam que ela suspeita que as coisas estejam lá?

— Se suspeita, você sabe que ela já andou por lá — disse Ellen.

— Espero que os seus feitiços de proteção tenham funcionado.

Seph fitou-a por um momento, depois se levantou e atravessou o terraço, apanhando um cálice de metal de uma bandeja sobre o muro do jardim. Levando-o aos lábios, bebeu até o fim e soltou-o. Fechou os olhos e se concentrou, o corpo rígido, os lábios se movendo silenciosamente.

Após uma longa pausa, Seph abriu os olhos.

— Tem quinze magos dentro dos limites da fronteira, incluindo a Leesha. O Barber não está aqui. A cripta de Saint Catherine está segura. — Os olhos cintilaram em verde e dourado, as pupilas brilhando como pontinhos de luz. — A não ser por algumas coisas que Jason levou uma semana atrás, antes de ele partir para o Condado de Coalton. Isso me faz pensar que ele estava planejando algo.

Jack pestanejou.

— É você que está monitorando a barreira agora? Consegue saber isso tudo daqui?

Antes, sempre que Seph era o encarregado de monitorar a barreira mágica, ele mal conseguia se manter acordado.

— Não estou só mantendo a barreira. Estou vigiando todo o santuário. Hastings me ensinou como fazer isso.

E então, como se Jack houvesse feito a pergunta não formulada, Seph acrescentou:

— Descobri um jeito de lidar com isso.

Ellen pegou o cálice e levou-o até o nariz, cheirando-o. Depois fuzilou Seph com os olhos.

— Isto — disse ela, balançando o copo — é uma má idéia.

— O que é isso?

Jack tomou o copo de Ellen e aproximou-o do nariz. Um calor formigante subiu-lhe pelo pescoço e explodiu no topo da cabeça. Era como enfiar o dedo numa tomada elétrica. Ou beber conhaque.

— O que é isso? — repetiu ele, meio sem fôlego.

Seph manteve-se em silêncio, por isso Ellen respondeu por ele.

— *Aelf-aeling*. Traduzido porcamente do anglo-saxônico, significa queimar a cabeça. O nome usual é Chama de Mago, também conhecido como Queima-Mente. Onde você conseguiu?

— A Mercedes tinha um pouco — disse Seph, arregaçando as mangas como se estivesse com calor.

— Ela *deu* isso pra você? — indagou Ellen, erguendo uma sobrancelha.

— Não exatamente. Eu costumava ajudar com os extratos. Eu sei onde ela guarda as coisas.

— Você não vai continuar tomando isso.

Seph remexeu-se, irritado, as mãos abrindo e fechando ao lado do corpo.

— Não uso o tempo todo. Só quando estou encarregado do controle. Isso permite que eu observe uma centena de coisas ao mesmo tempo. Posso ver uma folha cair no parque, ficar de olho na Leesha Middleton e rastrear um assassino me seguindo. Eu estaria morto agora, se não fosse por isso. Além disso, vou saber se alguém mexer nas coisas na igreja.

— Qual é o problema de ele tomar isso? — perguntou Jack a Ellen.

— O nome é bem literal — replicou Ellen. — Queima-Mente. Os magos ficam viciados nele a ponto de não conseguirem mais funcionar sem ele. Se usar por tempo demais, enlouquece.

— Como sabe tanto a respeito disso? — perguntou Jack.

— O Paige e o Wylie gostavam de drogas para melhorar o desempenho. Eles costumavam me drogar um bocado enquanto eu estava em treinamento.

Simon Paige era o Mestre de Guerreiros da Rosa Vermelha e ex-treinador de Ellen.

— É só até a guerra acabar — disse Seph, apoiando-se no muro.

— Quando vai ser isso, exatamente? — indagou Ellen. — Ela já dura séculos.

— Hastings sabe sobre isso? Ou a Linda? — perguntou Jack.

— Não. E é melhor que não saibam de nada disso por vocês. Eles estão contando comigo para cuidar disso, e é o que eu vou fazer. Custe o que custar.

Seph não ergueu a voz, mas era claro, pela posição dos ombros dele, que aquilo não estava em negociação.

Em geral o poder de um mago, quando perceptível, era uma coisa sutil. Seph, no entanto, estava extremamente quente. O ar em torno dele tremeluzia, e os braços deixavam rastros de chamas, como asas iridescentes.

Ellen balançou a cabeça.

— A droga vai arruinar o seu corpo, sabia disso? Esse é um dos motivos pelos quais os Weirlinds morreram.

— Olha, eu não sou bobo. Não vou usar a não ser que seja absolutamente necessário — disse Seph. — É só que... eu não tenho sido inteiramente... eu mesmo... desde aquele lance da pintura.

— Pintura? Do que você está falando? — perguntou Jack.

Seph pareceu desejar nunca ter aberto a boca.

— Eu trombei com uma maldição. Numa pintura. Só isso. Como se ele achasse que aquilo fosse conter as perguntas.

— Que pintura? Onde? — perguntou Jack.

— Que tipo de maldição? — Ellen quis saber.

Seph suspirou.

— Achei que o Nick ia contar para vocês. Foi uma das pinturas da Madison. Ela quase me derrubou. Me deixou bem doente. Mas estou melhorando. Só preciso... de um pouco de ajuda no momento.

— Como é que uma maldição foi parar numa das pinturas da Madison? — Ellen se sentou no balanço, impulsionando-se com os pés. — Nunca ouvi falar disso.

— Como é que eu vou saber? — disse Seph.

— Como é que uma maldição pode funcionar aqui no santuário? — perguntou Jack.

Seph deu de ombros.

— Nick acha que pode ser um lance de extrator.

Ellen plantou ambos os pés no chão, parando o balanço de súbito.

— Espere um pouco. Ele acha que a Madison fez isso?

— Ele só está levantando possibilidades. A gente não sabe.

— A Madison não machucaria você — disse Ellen com convicção.

"Espero que ela tenha razão", pensou Jack. Em política de magos, é sempre preciso ficar atento.

Seph se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Eu ainda não entendo. A Madison disse que o Jason nunca apareceu por lá. Algo deve ter acontecido com ele no caminho. Mas nós somos os únicos que sabiam para onde ele ia.

— Bem — disse Jack com relutância. — Ele estava no carro da Linda. É possível que ele tenha simplesmente... ido embora?

Seph se virou.

— O quê?

— Não é segredo nenhum que ele queria voltar pra Inglaterra, você sabe, e...

— O Jason não faria isso — disse Seph, afastando aquela possibilidade.

"Ceeerto", pensou Jack. "Se Madison tivesse amaldiçoado Seph, era possível que ela tivesse algo a ver com o desaparecimento de Jason?"

Jack era esperto demais para sugerir aquela teoria em voz alta.

— E quanto à Maddie? — indagou Ellen. — Ela vai voltar?

Seph balançou a cabeça.

— Ela disse que não pode. Não agora, pelo menos.

Jack achou que era melhor mudar de assunto.

— Então o que você acha que a gente deve fazer? Quanto aos assassinos?

— Todo mundo parece saber sobre o Coração do Dragão — disse Seph. — Posso vigiar as atividades mágicas e fazer alguma coisa a respeito, mas qualquer um pode entrar na minha casa e tentar me matar. Ou entrar na Igreja de Saint Catherine e sair com o Coração do Dragão. Sempre existe a chance de eles se safarem.

— Seria uma façanha e tanto — disse Jack. — Nenhum de nós consegue chegar perto da pedra sem ser jogado para longe. Além disso, a cripta não está totalmente protegida?

— Muitas coisas que eu pensei que não *podiam* acontecer *estão* acontecendo — disse Seph. — Como a maldição.

— Não que ele tenha nos feito algum bem até agora — comentou Jack. — O Coração do Dragão, quero dizer.

— E o santuário está aberto pra qualquer um, tecnicamente falando — disse Ellen.

— Isso vai ter de mudar.

Ambos se voltaram para Seph.

— Temos que mudar o jeito como lidamos com a segurança do santuário.

— Como assim? — perguntou Jack.

Seph soltou um longo suspiro.

— Os magos estão se juntando como abutres. A Rosa Branca, a Rosa Vermelha, os não afiliados. O Coração do Dragão deve estar atraindo todos para cá. É como se ele tivesse sido despertado por algo... e agora ele está mandando um sinal. Os magos entram e saem constantemente da cidade, como se estivessem procurando por algo. Estou usando magia mental para que eles fiquem longe da igreja. Como quando a Leesha

estava xeretando lá hoje. Mas é delicado. Se eu exagerar na dose, vou atrair a atenção deles. Se eu perder a concentração, vão chegar à igreja num instante. Enquanto isso, preciso cuidar de mim mesmo. Ninguém quer fechar a fronteira, mas não acho que a gente tenha escolha. — Ele passou a língua pelos lábios rachados. — Eu... eu não vou conseguir fazer tudo isso por muito mais tempo, e tem outras coisas que precisam de atenção. Enquanto havia a esperança de que ninguém soubesse sobre o saque da Ravina do Corvo, fortalecer a barreira só teria levantado suspeitas. Acho que já passamos desse ponto.

— Mas como a gente pode fazer isso? — perguntou Jack. — É uma *cidade*. Não uma fortaleza. Quero dizer, as pessoas vão a Cleveland para trabalhar e tudo mais.

— A gente vai continuar permitindo que os Anaweirs entrem e saiam. É arriscado, mas não dá para evitar. A gente constrói uma muralha Weir que mantenha os dotados do lado de fora. Vamos envolver os feiticeiros nisso. A Mercedes pode ficar no comando, ela é boa com materiais. A gente coloca um portão. — Ele ergueu os olhos para Jack e Ellen. — Os porteiros provavelmente vão ser guerreiros, vivos e mortos.

— A Mercedes não está muito ocupada com os artefatos na igreja? — perguntou Ellen.

— Nós catalogamos tudo que podíamos classificar. Ainda sobraram alguns mistérios, mas a gente chegou num beco sem saída.

Jack encarou Seph.

— Ainda não vejo como isso vai funcionar.

— Sou o responsável pela segurança dentro do santuário — disse Seph secamente. — E vou fazer o que tiver de fazer.

Jack falou em meio ao silêncio mortal.

— *Você* é o responsável pela segurança? Quem disse?

— Hastings. Ele passou a responsabilidade para mim, e vou dar tudo de mim pra cuidar disso.

— Por que você? — Jack ergueu as mãos, numa rendição antecipada. — Não que eu esteja questionando a escolha dele, nem nada do gênero.

— Ele vem trabalhando comigo durante todo o inverno — disse Seph. — Pelo menos quando ele está aqui. Ele e o Nick. Eles me ensinaram a monitorar atividades mágicas dentro do santuário. E agora que a Linda se foi...

— Sem querer ofender, mas por que não o Nick? — indagou Jack.

— Ele e o Hastings conversaram a respeito e decidiram que deveria ser eu. O Nick tem outras coisas com que se preocupar, acho. Ele é o presidente em exercício da Comissão do Santuário desde que a minha mãe partiu, e ainda está trabalhando nas coisas na igreja. — Seph olhou rápido para Jack e depois para as próprias mãos. — Eu... eu, na verdade, não quero isso — sussurrou ele. — Eu... sinto como se fosse um trabalho impossível, mas se eu fracassar... — estremeceu.

Jack se remexeu na cadeira, lembrando-se de como tia Linda havia lhe contado sobre seu destino como guerreiro e deixado que ele tomasse suas próprias decisões.

— O que diz o Nick?

— A gente conversou sobre a muralha, se é isso o que você quer saber, e ele concorda com a idéia. Especialmente depois da noite passada. — Ele hesitou. — Sabe, o Nick não parece muito bem. Fico me perguntando se ele está sentindo o peso da idade, finalmente. Ou se a quebra da bengala teve algum tipo de efeito nele.

— O Nick está bem — Jack se apressou em dizer. — Ele só anda trabalhando demais ultimamente.

— Vai ficar bem mais fácil quando a gente tiver erguido a muralha. Não vou ter de fazer muitas sondagens. E a gente vai poder chutar os invasores para fora e impedir que eles voltem. — Seph flexionou as mãos. — Eu só queria que a gente tivesse

mais magos para ajudar. Seria muito bom se o Jason voltasse. Se...

Seph se calou subitamente, como se ele não quisesse fazer com que as preocupações deles se realizassem ao dizê-las em voz alta.

"Não é de admirar que o Seph esteja tão estressado", pensou Jack.

— Eu sei que a Madison tem escrito a você e tudo mais. Mas talvez a gente deva mandar alguém mais para o Condado de Coalton. Sabe como é, pra ver o que está acontecendo — disse ele. — Só que isso até parece um daqueles filmes de horror, em que eles ficam mandando pessoas para ver o que aconteceu com o cara que sumiu, e elas continuam desaparecendo.

— A gente não pode segurar o lance da muralha até o Hastings voltar? — sugeriu Ellen. — Até lá a gente vai estar livre da escola.

Jack se perguntou por que eles estavam falando de escola. Àquela altura, a escola estava lá embaixo na lista de prioridades.

— Não podemos esperar mais — disse Seph. — É como eu falei. Tem quinze magos em Trinity no momento. Qualquer um deles pode ser um espião ou um assassino. E apenas três estão do nosso lado.

Capítulo Dezenove

Fronteiras

As portas e janelas da Capela McAlister na Faculdade de Trinity cintilavam com feitiços de proteção projetados para excluir os não convidados. Os retratos de James e Mallory McAlister olhavam sombriamente das paredes, como se desaprovassem os acontecimentos.

Havia provavelmente 300 pessoas espalhadas pelos bancos — "decepcionantemente poucos", pensou Seph. E a maioria era

Weirs Anamagos: feiticeiros, adivinhos, encantadores e guerreiros. O comitê eleito se sentava à frente — a maga Íris Bolingame, o adivinho Blaise Highbourne e a feiticeira Mercedes Foster, é claro. Além da encantadora Akana Moon, que estivera com eles em Second Sister. Após a experiência que tivera lá, Seph estava impressionado com a disposição dela em servir de novo como representante.

Nick havia insistido em trazer Leesha Middleton, que estava sentada isolada numa das laterais. Um pequeno grupo de magos desconhecidos se sentou junto nos fundos.

Conversas em uma dúzia de línguas reverberavam pelo aposento. Guerreiros fantasmas brilhantes em roupas de época perambulavam pelas laterais e observavam das galerias.

"Bem, temos os votos desse grupo", pensou Seph. O que precisamos é que os feiticeiros embarquem neste projeto. Ele olhou de relance para as notas no pedaço de papel que levava na mão.

— Vamos começar — murmurou Nick, tocando o ombro de Seph. O velho mago arrastou os pés até o palanque e segurou a bancada com ambas as mãos. — Amigos das ordens!

As conversas morreram.

— Obrigado por virem — continuou Nick. — A maioria de vocês me conhece. Meu nome é Nicodemus Snowbeard, presidente em exercício da Comissão Diretora do Santuário, na ausência de Linda Downey. Temos nos reunido na comissão para discutir questões como a criação de abrigos de emergência e programas de linguagem, intermediar disputas e assim por diante. Mas esta noite estamos aqui com um propósito diferente: discutir uma mudança nos procedimentos de segurança do santuário.

Ele fez uma pausa, sondando o aposento à espera de perguntas. Então prosseguiu.

— Recentemente, temos visto um influxo pouco usual de magos para Trinity. Podem ser turistas inocentes, podem ser espiões, ou podem ter a intenção de sair daqui com o nosso arsenal de armas mágicas. Nós não sabemos. Mas é preciso uma vigilância constante sobre eles.

— Que armas mágicas? — indagou um mago de aparência nervosa nos fundos. — Onde elas estão? Por que não contam pra gente?

— Magos? Turistas inocentes? Bah! — disse um jovem adivinho francês na fileira da frente. Um rumor de aprovação se seguiu.

— A gente deveria expulsar todos eles antes que nos esfaqueiem pelas costas.

Ellen se levantou.

— Tenho mais motivos pra odiar os magos do que a maioria das pessoas, Mas a gente precisa de magos para lutar contra magos, e eles têm um plano. Acho que devíamos ouvir — disse ela, fuzilando a multidão com os olhos e só se sentando quando os resmungos cessaram.

— Muito bem — disse Nick, aproveitando a calmaria. — Seph McCauley concordou em coordenar as questões de segurança do santuário. Ele vai responder às perguntas de vocês.

Seph subiu os degraus do palanque e sentou-se numa cadeira de armar. As conversas se intensificaram por todos os lados, castigando-lhe os ouvidos hipersensíveis devido à Chama de Mago.

— Ele é só um menino — disse um dos magos nos fundos, olhando para Seph por sobre seu longo nariz. — Por que ele está encarregado da segurança? Estamos tão desesperados assim?

— É o filho do Hastings — murmurou o mago nervoso. — Deve ser bem poderoso.

— Poder é uma coisa. — O primeiro mago bufou. — Experiência e bom-senso é outra.

Um terceiro mago, uma mulher jovem com feições asiáticas, pediu silêncio aos dois.

— Vocês não ouviram falar do que ele fez em Second Sister? — sussurrou ela. — Duelou com doze magos de uma vez e matou todos.

— Como eu falei, Felicia, nenhum bom-senso — disse o primeiro mago.

Seph ouviu um feiticeiro dizer para outro:

— Ele é mago, e vai proteger os Anaweirs?

"Fantástico", pensou Seph, com ironia. "Todos já têm uma opinião." Ele olhou para a multidão, fazendo contato visual com várias pessoas que conhecia. Mercedes piscou para ele, e ele relaxou um pouco.

— Então — disse Seph —, como a maioria de vocês sabe, alguns de nós têm... montado guarda desde os acontecimentos de Second Sister, para garantir que as regras escritas na Ravina do Corvo sejam mantidas aqui no santuário. Mas tem sido mais difícil ultimamente, por causa de todas as intrusões.

— Não são intrusões — disse o mago de nariz comprido. — O santuário está aberto para todos.

— Temos que mudar isso — disse Seph de sua cadeira no palanque. — Ultimamente os magos têm vindo para cá aos montes. Se deixarmos o santuário aberto, há uma probabilidade de o equilíbrio de poder pender em favor das Rosas. Com as coisas instáveis como estão, podemos ser subjugados antes de conseguirmos armar uma defesa.

— O que *você* tem em mente? — indagou a maga asiática.

Seph se aprumou e enfrentou o olhar da maga.

— Vamos construir uma muralha Weir.

Houve um tumulto imediato. Ele esperara por isso. As muralhas Weirs eram polêmicas. Havia sido usadas pela primeira vez durante a Guerra das Rosas, para aprisionar magos. Em geral eram obra de feiticeiros, mas alguns magos, como Barber,

tinham a habilidade de criá-las também. Muitos magos as consideravam jogo sujo.

— Que tipo de muralha Weir? — perguntou finalmente um dos feiticeiros, gritando acima do clamor. — E quem vai projetar e construir?

— Boa pergunta — disse Seph, aliviado por ser uma pergunta que ele podia passar a outra pessoa. — Mercedes?

Mercedes Foster subiu ao palanque e encarou os Weirs com uma expressão zangada.

— Deem uma chance ao rapaz! — berrou ela. — Ele não pediu esse trabalho. Ele merece o nosso agradecimento, não a nossa crítica. Está tentando salvar a nossa pele.

O barulho diminuiu um pouco.

— Cadê o Hastings? — indagou Nariz Comprido. — E a Linda Downey? Parece que foram eles que criaram essa confusão. Deveriam estar aqui pra lidar com ela.

— Com saudades dos bons e velhos tempos, hein, Randolph? — replicou Mercedes, em tom ácido. — Quando os magos governavam as ordens?

— Com certeza era... bem mais eficiente — retrucou Randolph.

— Se não gosta daqui, saia. — Mercedes deu-lhe as costas, balançando um calhamaço de papéis no ar. — Eu concordei em coordenar o projeto de construção, mas ficaria feliz em ouvir sugestões de qualquer um que tenha experiência nesse tipo de empreendimento. Fiz um mapa e alguns esboços preliminares. É uma muralha tradicional, que bloqueia seletivamente os Weirs. Ninguém vai ficar preso nela, se é com isso que estão preocupados. Vocês podem entrar e sair pelo portão. Os Anaweirs podem passar livremente.

— Quer dizer que os Anaweirs podem passar, mas nós não? — perguntou Randolph, procurando por aliados em torno, em vão.

— Quem vai vigiar o portão?

Jack se levantou.

— A corporação dos Guerreiros concordou em guardar o portão. A não ser que você tenha uma idéia melhor.

Randolph se aquietou, ainda furioso. Não tinha nenhuma.

— Só pra você saber, Jack — disse Íris. — Alguns dos camelôs na praça têm reclamado de guerreiros fantasmas que acampam no gramado. Isto é, na verdade os Anaweirs acham que é um tipo de grupo de encenação histórica. Os guerreiros têm ficado nos bares do *campus*, jogando cartas, flertando com a clientela e se metendo em brigas.

— Bom, eles são soldados — disse Jack, dando de ombros. — Vou ver o que posso fazer. Acho que posso fazer com que eles troquem o gramado por um dos parques mais afastados.

— A construção da muralha vai exigir um trabalho mágico considerável — disse Mercedes, voltando com firmeza para o assunto em questão. — A Comissão já aprovou o projeto. Mas precisamos de voluntários para ajudar. Feiticeiros e magos, principalmente.

— Quando estão planejando começar? — perguntou um dos feiticeiros.

— Amanhã de manhã — respondeu Mercedes. — Tenho uma lista de inscrições aqui. Qualquer um disposto a ajudar deve me procurar. — Ela olhou rapidamente para Nick, e ele assentiu com a cabeça. — Isso é tudo. A reunião está encerrada.

Magos e feiticeiros fizeram fila para se oferecer como voluntários para o trabalho na muralha. Seph ficou surpreso de ver Leesha entre eles. Quando acabou, ela se dirigiu até onde Jack, Seph e Ellen esperavam por Nick. Ela parecia quase contente.

— Isto é bem legal — disse ela. — Gostei da idéia da muralha. A gente não quer qualquer um entrando aqui.

— Se está falando do Barber, você prometeu nos ajudar a encontrar o desgraçado — lembrou Jack. — Senão *você* pode acabar do lado de fora.

Leesha pareceu ficar menos alegre.

— Eu sei. É que ainda estou pensando em como conseguir que ele venha até o santuário.

— Ele não vai vir pra cá — disse Seph. — Especialmente com a muralha erguida. O que quer que se pense dele, bobo ele não é. Vamos ter de ir atrás dele lá fora.

— Certo — disse Leesha, remexendo no cabelo. — Hum... que tal isso? Eu posso marcar um encontro com ele, e vocês podem esperar por ele com uma dúzia de magos.

— A gente não *tem* uma dúzia de magos — disse Seph. — Se eu for atrás do Barber, o Nick teria de ficar aqui.

— Além disso, acho que a gente quer você lá junto conosco — disse Ellen. — Sabe como é. Só no caso de haver uma traição ou coisa assim.

Leesha juntou as mãos, parecendo um pouco em pânico.

— Mas, eu realmente... eu realmente preferia não deixar o santuário — disse ela, com a voz fraca.

— Se tentar voltar atrás, vai sair do santuário num instante — disse Jack. — Você disse que o Barber sabe algo sobre o Jason, e a gente quer saber o que ele sabe.

— *Certo* — retrucou Leesha. — Eu *disse* que ia fazer. Vou pensar em alguma coisa.

Capítulo Vinte

A Mercadora

Da janela do primeiro andar do depósito, Barber espiou a rua vazia. Olhou para o relógio pela quarta vez. Ela já devia ter aprendido a lição.

"Bem, ela vai pagar, de uma forma ou de outra, pelo atraso."

Apoiando-se na janela, ele acendeu outro cigarro, tomando cuidado com onde lançava as cinzas. O lugar era um verdadeiro barril de pólvora. Muitas das velhas construções no Warehouse

District em Cleveland haviam sido transformadas em escritórios, restaurantes e bares. Não aquela. Era decrepita, ainda cheia de lixo, equipamento industrial abandonado e barris de só Deus sabe o quê. Ele podia ouvir os ratos correndo por todos os lados quando se deitava à noite, e fazia questão de usar feitiços de proteção para mantê-los à distância.

Não havia nenhum santuário para Warren Barber. Sentia-se nervoso, irrequieto. O cheiro da traição estava por toda parte, ferindo-lhe as narinas e subindo-lhe pela pele. Assassinos tinham ido atrás dele, duas vezes. Escapara em ambas, mas a sorte dele não duraria para sempre. Havia sido enviados por Claude D'Orsay ou pelas ordens servis em Trinity. Qualquer que fosse a opção verdadeira, Leesha o havia denunciado.

Por isso Barber deixara o apartamento dele e se mudara para aquele lugar três noites atrás. Após se encontrar com Leesha, se mudaria de novo. Se bem que, se Leesha viesse como prometido, talvez ele não precisasse fazê-lo.

No dia anterior, Leesha havia telefonado para dizer que finalmente descobrira onde estava escondido o Coração do Dragão, junto com o resto das coisas roubadas da ravina. Ela quisera encontrá-lo no santuário, mas ele não era tolo o bastante para cair nessa. Ela tentara fazer um acordo por telefone, mas Barber exigira que ela o encontrasse ali para discutir os termos. Daquela posição privilegiada, conseguiria ver se Leesha trouxesse alguém com ela.

Mercadores. Ele bufou. Sempre acham que estão em posição de negociar.

Se ela estava dizendo a verdade, as coisas poderiam dar certo, afinal. Havia sido por mero azar que Jason escapara antes de Barber conseguir interrogá-lo. Barber estivera preocupado com a possibilidade de nunca conseguir a informação de que precisava. Mas agora as coisas estavam de novo no caminho certo. Assim que tivesse o Coração do Dragão, não precisaria

mais de D'Orsay. Com o Pacto e o Coração do Dragão, os magos viriam correndo para o lado dele. Ele ditaria as regras. Não teria mais de espreitar becos escuros, ficar olhando para trás o tempo todo esperando a morte atacar.

Se Leesha aparecesse, traria o tesouro consigo. Caso contrário, não se atreveria a deixar o santuário. Ela queria que ele lhe removesse a coleira. Como se isso fosse acontecer. Caçado como estava sendo, Barber precisava de alguém para seguir suas ordens. Não estava pronto para abrir mão dela.

Algo se moveu na rua lá embaixo. Barber se concentrou, sentindo a proximidade da coleira. Ele se inclinou para fora da janela, tomando cuidado com o vidro quebrado de ambos os lados.

Era Leesha. Ela passou sob a lâmpada de mercúrio na lateral do prédio, a sombra se estendendo à sua frente, uma mochila pendurada no ombro. Ele olhou para os dois lados da rua. Ela parecia estar sozinha.

Era engraçado quando se pensava a respeito: uma menina adolescente andando sozinha naquela vizinhança às duas da manhã. Qualquer assaltante que achasse estar vendo um alvo fácil se surpreenderia.

Ela chegou ao depósito e virou para o lado, passando sob Barber para chegar à entrada. Ele saiu pela janela e desceu pela escada de emergência até um beco. Mais uma vez, olhou para os dois lados da rua, alerta para uma traição. Não havia ninguém.

Quando ele entrou pela porta lateral, Leesha estava dando voltas, espalhando chamas em todas as direções. Ele se jogou para trás, ergueu escudos, e então percebeu que não era o alvo. Leesha, de sangue azul, estava pulverizando ratos.

— Ei! Cuidado com isso. Vai pôr fogo no lugar.

Ela se voltou na direção dele.

— Como se isso pudesse ser alguma perda. Não acredito que me pediu pra encontrar você aqui nesse lixão.

Ele relaxou um pouco. Era a Leesha mesmo.

— Gozado — disse ele. — As pessoas estão tentando me matar. Este lugar parece mais seguro do que o meu apartamento.

— Mesmo? Que droga. Bem, não quero ficar aqui mais do que o necessário, no caso de alguém tentar de novo. — Ela tirou a mochila, colocando-a sobre um barril como se fosse feita de vidro. — Certo. Eu trouxe tudo: o Coração do Dragão e algumas outras coisas. Só... tenha cuidado. É bem poderoso e difícil de manejar. Eles estavam tendo dificuldades em controlar a coisa, pelo que eu soube.

— Onde encontrou?

— Eles tinham escondido embaixo da varanda da casa do McCauley.

— Como descobriu que estava lá?

— Subornei alguém.

— Bom trabalho, Leesha. Estou orgulhoso de você.

Ela deslocou o peso de um pé para o outro.

— Eu estava me perguntando. O que aconteceu com o J... com o Haley? Você... você se encontrou com ele?

"Ótimo", pensou Barber, riscando um problema de sua lista. Haley era passado. Nunca ligou. Nunca escreveu. Nunca voltou para acabar com Leesha Middleton por delatá-lo. Ele devia estar morto.

— É, eu me encontrei com ele, na verdade — disse Barber, sorrindo. — Por que pergunta?

Leesha mordeu o lábio.

— Só... curiosidade, só isso — sussurrou ela.

"Não me diga que está brotando uma consciência em Leesha Middleton", pensou ele. "Isso seria inconveniente."

Mas ela se recompôs e olhou para o relógio.

— Olha — disse ela com frieza. — Você pediu o Coração do Dragão e eu entreguei. Agora tire essa coisa de mim e eu me mando daqui.

Ela passou o indicador pela linha do pescoço e ergueu o queixo, expondo o torque cintilante.

Barber pousou a mão na mochila.

— Você espera que eu confie na sua palavra?

— Veja por si mesmo. O Coração do Dragão está na bolsa de veludo, em cima do resto. Eu preferiria que você não mexesse nele antes de eu sair. Vai saber o que vai acontecer quando você o ativar.

— Nananinanão. — Ele jogou a mochila na direção dela. — Me mostre.

Chiando de irritação, Leesha abriu o zíper da mochila e tirou a bolsa de veludo atada por uma corda. Ela desatou os nós.

Então ela jogou a bolsa sobre ele.

Ele pulou para o lado e rolou pelo chão. Quando a bolsa caiu, explodiu numa chuva de pó negro. Como pó de carvão.

Gemynd bana. Assassino da Mente. Para derrubá-lo num instante.

Leesha era mais ágil do que ele julgara. Ela deu um salto mortal para trás, para fora do alcance da explosão de pó, e correu em disparada na direção da porta. Ele poderia ter usado a coleira; poderia ter utilizado um feitiço de imobilização, mas algumas coisas eram melhores feitas diretamente. Ele correu atrás dela, três longos passos, e agarrou-a, derrubando-a ao chão. A cabeça dela bateu com força no velho assoalho de madeira.

Ele ergueu um escudo a tempo de repelir um feitiço de imobilização e um jorro de chamas. Prendeu as mãos dela para impedi-la de arranhar-lhe os olhos, depois lançou chamas através da coleira, como castigo. Ela gritou e se debateu, tentando soltar as mãos.

— Sua mercadorazinha traidora e calculista — resmungou Barber. — O que esperava conseguir? — E então veio a compreensão. — Pra quem está trabalhando agora? D'Orsay? Longbranch? McCauley?

Ele podia ter continuado com uma longa lista, mas naquele momento a porta da frente se estilhaçou, cobrindo a ambos com lascas de madeira e pedaços de metal.

Duas figuras altas estavam postadas na abertura onde devia estar a porta. Uma tinha uma espada sinistra na mão. A outra não precisava de armas. Um guerreiro e um mago, lado a lado.

Era Jack Swift, parecendo um robusto herói de histórias de ação. Exceto pela camiseta do time de futebol de Trinity e os jeans.

E Seph McCauley. Leesha tinha razão quando dissera que ele era assustador. Mal dava para reconhecer o ingênuo de sangue azul que chegara ao Porto Seguro. Estava mais alto do que Barber se lembrava, magro, esguio e enérgico, como se houvesse crescido demais para o seu peso. Vestia uma blusa preta com capuz e jeans, e o rosto pálido e os olhos verdes eram emoldurados por um emaranhado de cachos. Dava para ver o sangue de Hastings nele — destilado e concentrado. Leicester havia sido um idiota por não perceber isso no Porto Seguro.

Barber rolou e se pôs de pé. Estendeu a mão, agarrou Leesha pelo braço e puxou-a para a sua frente, pressionando os dedos contra a carótida da jovem, onde uma parcela ínfima de poder poderia deter o fluxo de sangue.

— Eles me *obrigaram!* — disse Leesha, estremeecendo ante a ferroada dos dedos dele.

— Claro que sim — resmungou ele.

Perguntando-se se eles se importariam, Barber soltou o clássico:

— Para trás ou a garota morre!

Swift sondou o aposento em busca de mais inimigos, depois se concentrou em Barber.

— Achei que a gente ia se encontrar de novo mais cedo ou mais tarde. Eu devia ter matado você da última vez que o vi.

Certo. Devia. Mas Jack Swift havia sido nobre demais para cortar a garganta de um inimigo indefeso. E era por isso que Barber iria vencer.

McCauley estendeu a mão e murmurou um feitiço; Leesha ficou inerte nos braços de Barber. Imobilizada.

Esperto. Barber ainda poderia decidir matá-la, mas teria de arrastar o corpo inanimado com ele se quisesse continuar usando-a como escudo e refém.

Ele tentou o contra-feitiço, mas não deu em nada. A magia de McCauley era sinistramente poderosa. Barber estava cansado daquilo. Quantas vezes teria de enfrentá-lo?

— Solte a Leesha, Barber, e vamos conversar — disse McCauley. — Nós queremos o Pacto, e queremos saber o que aconteceu com o Jason.

O Pacto. Jason Haley. Não dava para confiar qualquer tipo de segredo a uma mercadora. Alguém sempre podia fazer uma oferta melhor.

— Não sei do que estão falando. A Leesha me chamou para um encontro aqui. Disse que tinha uma proposta. Aí ela me atacou.

— Sei...

Swift fintou com a espada, e Barber se virou, mantendo Leesha entre si e a lâmina do guerreiro. Mas era algo bastante cansativo, e Barber não tinha pés muito rápidos.

— Não seja idiota — disse Barber. — Ela é mercadora, lembra? Ela diria qualquer coisa se pensasse que poderia lucrar com isso.

— Que sorte que você está aqui pra nos alertar a respeito — disse McCauley.

McCauley lançou um feitiço de imobilização, e Barber se jogou para o lado para se desviar dele. Swift lançou bolas de fogo da ponta de sua espada, que passaram rente às orelhas de Barber. Leesha não era grande o bastante para lhe dar uma boa cobertura. Barber rebateu com um *graffe* que por pouco não atingiu McCauley, mas o menino prodígio soltou três feitiços em resposta, e Barber soube que aquela era uma batalha que não conseguiria vencer.

Sua única vantagem era que eles provavelmente o queriam saudável o bastante para ser interrogado.

Erguendo o corpo inerte de Leesha, Barber jogou-a sobre Swift e McCauley. Teceu uma rede de arame farpado, lançando-a em espiral sobre eles. A inerte Leesha, Swift e McCauley acabaram embolados juntos no chão, numa espécie de casulo gigante ensangüentado, o arame cortando-lhes a carne. Swift lutou para manobrar a enorme espada até uma posição em que pudesse cortar a rede sem decapitar ninguém. Barber lançou cascatas de chamas sobre eles até que McCauley ergueu um escudo improvisado.

Barber não esperou para ver o resultado. Num rodopio, ele borrifou toda a volta com chamas. O aposento se incendiou com um som sibilante.

"Vejam só", pensou ele. "Este depósito é um barril de pólvora." Fogo mágico era famoso por ser difícil de apagar. Aquele lugar estava acabado, e três dos maiores problemas dele se acabariam junto.

Se bem que, no caso de Leesha, não havia necessidade de confiar na sorte. Com pesar, ele afastou os pensamentos sobre a escrava Leesha e pronunciou um feitiço que ativava o torque. Será que ela morreria queimada ou seria estrangulada primeiro? Ele correu em direção à porta dos fundos, parando no corredor pelo tempo necessário para tecer uma teia sobre a porta. Mesmo que eles se libertassem da rede, a teia os retardaria por tempo suficiente para permitir que as chamas e a fumaça cumprissem sua missão.

Ao se virar para sair, ouviu um som atrás de si e desviou- -se instintivamente para o lado. Algo se chocou contra a cabeça dele. Se Barber não tivesse se mexido antes de ser atingido, estaria acabado na certa.

Ele tropeçou, quase caiu. Sangue correu-lhe pelos olhos.

Cambaleou para trás, cuspidando chamas em todas as direções. Seguiu-se um forte golpe em seu ombro. Ele berrou de dor, o braço esquerdo quase inutilizado.

Ele se virou, enxugando o sangue dos olhos para clarear a visão. Uma garota, com uma senhora espada. Familiar, de certa forma. A garota, não a espada. Então ele se lembrou: Ellen Stephenson, a guerreira que encontrara na primeira vez em que fora a Trinity em busca de Seph McCauley.

Se ela quisesse matá-lo, poderia ter-lhe cortado a cabeça com aquela lâmina. Ela o atingira com o lado cego, portanto estava tentando capturá-lo vivo. Era bom saber disso.

Ele preparou um feitiço, mas, antes que pudesse lançá-lo, teve de se jogar para trás: a lâmina cortou-o junto ao tórax, rasgando-lhe a camisa e a camada exterior da pele. Droga, ela era boa. Ele nem notou o corte até ver o sangue correr.

A fumaça invadiu o corredor, fazendo com que os olhos dele ardessem. Respirou fundo, tossindo, lançando chamas em espirais, como um foguete fora de controle, para manter Stephenson à distância. Ela repeliu facilmente com a espada esse ataque disperso e avançou na direção dele.

— Os seus amigos vão morrer queimados lá dentro! — gritou Barber, arquejante, indicando com a cabeça o depósito principal.
— Escolha!

Ele se virou e seguiu em ziguezague pelo corredor. Atravessou a porta da saída e parou por tempo suficiente para criar uma barricada com outra teia.

Barber correu pelo beco, pegou um atalho por entre várias fileiras de depósitos e desceu até a área residencial junto ao rio. Tentou proteger o braço ferido; cerrou os dentes de dor ao roçar nele. Passou por entre as enormes bases de concreto de uma ponte suspensa, depois diminuiu o ritmo para uma caminhada rápida, seguindo o rio, tentando se misturar aos transeuntes noturnos que rumavam para os bares. Aqueles que ainda

estavam sóbrios se desviavam dele. Examinando-lhe furtivamente o cabelo e a roupa empastados de sangue. O máximo que ele podia fazer era resistir ao impulso de jogá-los no rio. Estava a vários quarteirões do depósito quando começou a ouvir as sirenes.

“Boa sorte”, pensou ele.

Barber estava furioso. O braço doía como o diabo. Aparentemente, todos em Trinity sabiam que ele estava com o Pacto. Mais umas mil pessoas para entrar na caçada.

Pior ainda: Leesha havia sido a sua mensageira. Matá-la talvez lhe trouxesse um pouco de satisfação, mas agora ele precisava de mais alguém para lhe servir como intermediário. Mas quem? O único pensamento que o animava era o de que deixara Jack Swift, Joseph McCauley e Leesha Middleton no prédio em chamas. Com alguma sorte, Stepherson morreria também.

No fim, não foi uma escolha difícil, apenas frustrante. Ellen desistiu de Barber e tateou pelo caminho por entre a fumaça. A porta para o outro aposento estava terrivelmente quente. Ela se posicionou num dos lados, estendeu a Abridora de Caminhos e abriu um corte na porta, liberando um jorro de calor e fumaça.

A entrada estava coberta por uma malha formada por um labirinto de fios translúcidos. Obra de Barber. O interior do aposento estava um inferno. Toda a frente de Ellen recebeu um calor abrasante. Ela sentiu a pele se contrair no rosto e nas mãos. "Não", pensou ela. "Oh, não."

— Seph! Jack!

Uma fraca resposta veio de algum lugar além da teia.

Ellen golpeou com a espada e cortou os fios. Precisou de quatro golpes fortes para criar uma abertura pela qual pudesse passar. Atirou-se para a frente, forçando o caminho por uma parede de fumaça e chamas.

— Onde vocês estão? — berrou ela.

Estremeceu quando a resposta veio de baixo, quase aos pés dela. Por pouco não tropeçou numa pilha de corpos ensangüentados. A teia de arame farpado havia cumprido a sua missão. Jack, Seph e Leesha se cortaram em dezenas de lugares, e tossiam e engasgavam ao inalarem a fumaça. Leesha se debatia, lutando para se libertar, o que apenas aumentava o dano feito pela teia aos três prisioneiros.

— Fique parada, Leesha, ou vou deixar você queimando aqui — disse Ellen.

Leesha pestanejou para ela, surpresa. Depois, para espanto de Ellen, obedeceu.

Ellen tentou ignorar o calor e as chamas que se aproximavam deles rapidamente. Segurou o punho da Abridora de Caminhos com ambas as mãos e correu a ponta pela teia de arame, rompendo delicadamente os fios sem puxar a rede. Concentrou-se em libertar Jack, que vibrava de impaciência.

Finalmente, Jack se soltou das últimas gavinhas de arame e se pôs de pé. Manejando a Sombra Assassina, ajudou Ellen a libertar Seph e Leesha. Seph se endireitou e estendeu as mãos ensangüentadas, empurrando a parede de chamas que ameaçava engolfá-los. Estava ficando cada vez mais difícil respirar. Leesha, em especial, continuava tossindo, engasgando e pigarreando.

Quando Seph e Leesha estavam livres, Jack os ajudou a se erguerem. Leesha caiu de novo quando ele a soltou, por isso ele passou o braço por baixo dela e colocou-a por sobre o ombro.

"Essa garota faz qualquer coisa para ficar perto do Jack", pensou Ellen, irritada.

Com as mãos dadas para não se perderem uns dos outros na fumaça escura, eles seguiram Tateando até os fundos do aposento e atravessaram a porta, saindo para o ar fresco.

Seph virou-se para trás para olhar para o depósito em chamas. Àquela altura, o fogo havia atravessado o teto e lançava-se nos

ares. Normalmente calmo numa crise, ele parecia nervoso e agitado.

— Vão embora — disse Seph, puxando o capuz por sobre a cabeça. — Para o mais longe que puderem. Vou logo atrás de vocês.

— Seph! Espere! — gritou Ellen, tentando segurá-lo, mas ele se desviou e desapareceu no prédio em chamas.

Balançando a cabeça, Ellen inspirou o ar fresco, mas Leesha ainda engasgava. Jack carregou-a para o lado oposto do estacionamento e deitou-a no asfalto.

— Calma, está bem? — disse ele. — Relaxe. Já saímos.

Leesha resmungou algo como "Barber!" e "Tire isso de mim!" Ela rasgou o decote e expôs uma coleira de ouro que lhe feria a carne. A pele ao redor estava manchada de roxo e vermelho, coberta de bolhas horríveis.

— Mas o quê...? — Jack tentou segurar a coleira com as mãos, porém logo as recolheu, praguejando. — Está queimando!

— Barber fez isso? — perguntou Ellen.

Leesha assentiu com a cabeça. Lágrimas rolavam-lhe pela face e todo o corpo dela sacudia com soluços. Ellen e Jack agarraram-lhe os braços e endireitaram-na, tentando achar um fecho, uma abertura, alguma coisa, mas não tiveram sorte. Era sólida e sem emendas.

Ellen tirou a adaga do cinto e tentou deslizar a ponta por baixo da coleira, mas esta já estava apertada demais.

Jack tentou alguns dos contra-feitiços de seu repertório, porém estes não tiveram nenhum efeito aparente.

— Lembra quando o Leicester usou um torque no Leander Hastings? — murmurou Ellen. — A coleira só podia ser removida pelo mago que a colocou.

E esse era Warren Barber.

Àquela altura, o rosto de Leesha estava azul, e os esforços dela se tornavam mais fracos, menos organizados. "Ela vai morrer", pensou Ellen, sentindo-se totalmente impotente.

— Ei! O que pensam que estão fazendo aqui, garotada? - indagou um bombeiro corpulento, trajando o uniforme completo, o rosto franzido de desconfiança. — Não é para ninguém ficar aqui atrás.

Atrás dele, meia dúzia de bombeiros surgiram vindos do beco, trazendo para o estacionamento mangueiras gigantescas e outros equipamentos.

Ellen enfiou a Abridora de Caminhos de volta no boldrié, abafando as chamas que corriam pela lâmina. A Sombra Assassina estava pendurada nas costas de Jack, mas o punho se sobressaía por cima do ombro. Seria difícil de explicar se o bombeiro notasse. Ele chegou mais perto de Jack. Ele sabia um pouco de magia. Talvez ele conseguisse...

— Vocês não podem ficar aqui — grunhiu o bombeiro.

— Com a brisa vinda da costa e todos esses depósitos velhos, a possibilidade de que o fogo se espalhe por todo o quarteirão é grande. — Ele apontou para o outro lado da rua. — Voltem pra trás da faixa de segurança.

Então ele estreitou os olhos para eles, cheio de desconfiança.

— O que aconteceu com vocês? Estão todos arranhados e cobertos de fuligem. Vocês estavam no prédio?

— A gente viu a fumaça — disse Ellen. — E, ahn, viemos ver o fogo.

Ela era péssima em contar mentiras. Mas o bombeiro foi distraído por Leesha.

— O que há de errado com ela?

Jack se ajoelhou junto dela, rasgando vigorosamente pedaços da camisa dele. Ele envolveu as mãos com o tecido e tentou de novo segurar a coleira. Leesha parecia não estar mais respirando.

— A nossa amiga se machucou — disse Ellen, não sabendo o que mais dizer. — Ela não está respirando.

Jack tirou a adaga do cinto e debruçou-se sobre Leesha, os olhos franzidos, a boca cerrada em determinação. "Oh, Deus", pensou Ellen. Ele vai tentar fazer uma traqueostomia. Como na televisão. Dois anos atrás esse garoto não era capaz de pôr uma tala numa perna quebrada no campo de batalha e agora está fazendo uma cirurgia.

— Ei! — disse o bombeiro quando viu a lâmina. — O que você está fazendo?

Seph se materializou em meio à fumaça como um espectro, sangue e suor abrindo listras pela fuligem no rosto.

— O que está acontecendo?

Jack ergueu os olhos arregalados.

— O Barber pôs um torque na Leesha. Ela está sendo estrangulada.

"Foi estrangulada, na verdade", pensou Ellen. Tempo pretérito. Era estranho que ela tivesse tempo para pensar em tudo aquilo. Era como se tudo estivesse se movendo em câmera lenta. O bombeiro estava gritando algo ao fundo, talvez pedindo reforço policial.

Seph caiu de joelhos junto a Leesha, envolveu o torque com as mãos como se não sentisse o calor, e fechou os olhos. Jack se colocou entre Seph e Leesha e o bombeiro, para impedir que este interferisse.

"Não adianta, Seph", pensou Ellen. "Só o mago que colocou isso pode remover."

Ondas de poder cercaram Seph. Ele inclinou a cabeça para trás, concentrando-se, murmurando feitiços. O suor rolava-lhe pelo rosto, embora a noite ficasse cada vez mais fria. Ele engoliu uma vez, duas, a longa coluna da garganta se projetando. Então o metal se dissolveu sob as mãos dele, e Leesha estava livre.

Um segundo se passou. Leesha respirou com um ruído gutural.

— Mas que diabos? — disse o bombeiro, inclinando-se para olhar atrás de Jack.

Seph se manteve de joelhos, as mãos pousadas nas coxas, tremendo como se houvesse pegado um resfriado. Então olhou para o bombeiro.

— Ela está respirando de novo, mas talvez devesse receber oxigênio.

Os bombeiros rodearam Leesha num instante, desempacotando equipamentos.

O líder do batalhão deu a volta em Jack e agarrou a blusa de Seph, içando-o até que ficasse de pé.

— Quero saber o que aconteceu com ela e o que você acabou de fazer.

Seph pôs a mão no ombro do bombeiro, e o comandante estremeceu.

— Nada aconteceu, comandante — disse Seph com suavidade, olhando-o nos olhos. — O colar derreteu com o calor e queimou o pescoço dela. Só isso.

O comandante pestanejou e assentiu com a cabeça, devagar.

— Certo. Bom. Queremos os nomes de vocês. Como testemunhas.

— Não vai precisar disso — disse Seph, a mão ainda no braço do homem. — Vai ficar tudo bem.

— Está bem — disse o comandante.

— Comandante! — Outro bombeiro chegou correndo. — Acho que a gente pode cancelar o terceiro caminhão. — Ele hesitou.

— Eu... não sei como, mas parece que o fogo apagou.

— O quê?

O outro homem deu de ombros.

— Ainda tem muita fumaça e alguns focos, mas o fogo simplesmente... se apagou.

O fogo estava contido dentro das paredes do prédio, por isso eles não conseguiam ver, mas o calor parecia estar diminuindo em vez de aumentando.

— Venha — disse o líder do batalhão. — Vamos olhar mais de perto. — Ele se voltou para Ellen e os outros. — Vocês três, saiam daqui. Vamos transportar a menina para a unidade de queimados do Hospital Metropolitano.

Mas Leesha já estava recusando o oxigênio e lutava para se sentar.

— Eu estou *ótima* — rosnou ela. — Por que estão fazendo essa tempestade num copo d'água? — Ela fez vários bombeiros caírem sentados e se levantou com esforço. — Me deixem em paz, está bem?

Ellen teve de admitir que os magos eram resistentes. E teimosos. O paramédico tentou ponderar com a paciente que não colaborava:

— Moça, você está com queimaduras de segundo e terceiro grau que precisam de tratamento.

— Elas vão sarar. Só vou precisar um pouco de maquiagem por uns tempos. — Ela também recusou os analgésicos e sedativos.

— Vou embora com os meus amigos, entenderam? Assino qualquer documento que quiserem. — Ela ergueu os olhos para Ellen e os outros. — Vamos.

Apesar do tom desafiador, Ellen podia notar que Leesha estava abalada. Ela cambaleou ao lado deles até que Jack e Ellen ignoraram-lhe os protestos e cada um tomou-lhe um braço, apoiando-a. Leesha tocou o pescoço como que para se convencer de que o torque se fora, então fitou Seph como se ele fosse alguma maravilha do mundo recém-descoberta.

— Por que não contou pra gente sobre o torque? — indagou Ellen, amparando Leesha quando esta tropeçou mais ou menos pela décima quarta vez.

A voz de Leesha soou baixa e áspera, como se falar lhe fosse penoso.

— Eu sabia... que não havia nada que vocês pudessem fazer... para tirar o torque. — Ela respirou fundo, como se ainda estivesse sem fôlego. — Enquanto eu estivesse no santuário, ele não podia usar o torque contra mim. Mas eu sabia que, assim que vocês soubessem a respeito, eu seria um risco grande demais. Vocês me expulsariam.

— Como ele colocou o torque em você, afinal? — perguntou Ellen.

Leesha revirou os olhos.

— Nem pergunte.

— O que você pensou que ia acontecer esta noite? — indagou Jack. — Por que concordou em se encontrar com ele fora do santuário? Ele quase a matou.

— Eu só estava torcendo para que ele fosse morto por alguém — disse Leesha, roçando as pontas dos dedos sobre o anel de carne coberta de bolhas onde o torque estivera. — Por mim ou por vocês, não importava. Eu não agüentava mais.

— Bem, você está sem o torque, mas ele ainda está à solta — disse Jack. — Infelizmente, não sabemos mais do que sabíamos antes sobre o que aconteceu com o Jason ou onde está o Pacto.

Leesha deu de ombros e fitou o chão, o lábio inferior tremendo. Ellen percebeu que estava com pena dela.

Seph falou pela primeira vez.

— Acho que você não deve voltar pra casa da sua tia.

Ele não disse mais nada, mas todos sabiam o que ele queria dizer. Barber estava à solta, e a muralha não fora construída ainda.

Leesha engoliu em seco, estremeando.

— Mas, se não posso ficar na casa da tia Milli...

— Vamos perguntar pro Nick — disse Jack. — Ele vai encontrar um lugar. Além disso, é bom que alguém dê uma olhada no seu pescoço, também.

Seph não falou mais. Só caminhava com eles, a cabeça baixa, as mãos enfiadas nos bolsos da frente da blusa de moletom, perdido em pensamentos. Mas Ellen tinha suas próprias perguntas que precisavam de respostas.

— O que foi que você fez? — perguntou ela a Seph quando passaram entre os carros de bombeiro no caminho de volta para o carro.

— Como assim?

— Com o fogo. Fogo mágico é impossível de apagar. Ele deu de ombros de leve, ainda olhando direto em frente.

— Como você tirou o torque? — insistiu ela.

Ele continuou a não dizer nada. Recusava-se a olhar para ela.

— Seph.

Quando ele finalmente falou, tinha a voz baixa e rouca.

— Eu não queria que a vizinhança toda pegasse fogo por nossa causa, está bem? Não queria que ninguém mais... que ninguém ficasse preso nas chamas.

A voz dele falhou, e ele enxugou os olhos com as costas da mão. Ellen pôs a mão no braço dele e quase teve de retirá-la. Ele ainda estava bastante quente devido ao poder.

— Seph. Olhe pra mim.

Seph finalmente ergueu os olhos e enfrentou-a.

— O que é? — perguntou ele.

Como ela não dissesse nada, Seph acrescentou:

— Olha, houve um incêndio... em Toronto. Uma amiga minha morreu.

Os olhos verdes estavam estranhamente brilhantes, as pupilas eram pontos minúsculos, o rosto mortalmente pálido. Ele desviou o olhar.

"Ele está usando o Queima-Mente de novo", pensou Ellen, "mesmo depois de ter prometido não usar, a não ser em circunstâncias extraordinárias." Ela não podia culpá-lo; ele apagara o fogo e salvara a vida de Leesha.

Mas parecia que aquelas circunstâncias extraordinárias estavam se tornando cada vez mais freqüentes.

Capítulo Vinte e Um

A Vida Como Arte

Duas semanas se passaram, e Grace e J. R. não foram cavalgar na propriedade dos Ropers de novo. Madison encontrou Brice uma ou duas vezes na cidade, e ele fingiu não a ver. Ela tentou ver o lado bom daquilo: pelo menos ele não estava mais tentando cortejá-la.

A princípio, Grace tinha esperanças de ser convidada de novo; depois ficou zangada, e aos poucos se transformou em desapontamento — o seu estado costumeiro. Madison levou Grace e J. R. para pescar no reservatório. Ela os ajudou a assar biscoitos para cães para Hamlet e Ofélia e jogou longas partidas de Banco Imobiliário, que levavam dois dias. Mas era difícil competir com cavalos árabes e quilômetros de trilhas. E Madison hesitava em levá-los à cidade com medo de se encontrar com Warren Barber. Será que ele ainda andava pelas vizinhanças, procurando por Jason, ou havia voltado para o buraco do qual havia saído?

Jason era surpreendentemente paciente com Grace e J. R. Ele os ensinou a jogar vinte e um e pôquer. Quando começou a se sentir melhor, foi até o riacho Booker com eles para verem as salamandras e girinos. Encontrou um velho aquário no porão, armou-o e pôs a bomba para funcionar. Eles o povoaram com carpas, percas e outros peixes que Madison não conhecia e para

os quais Jason inventou nomes, como "cascavel de queixo frouxo" e "papa-terra dentuço".

John Robert achava tudo o que Jason dizia hilário e esperto, e mesmo Grace encontrava pretextos para ir até o celeiro mostrar-lhe coisas e ver se ele queria algo para comer ou um livro para ler.

Jason também não se arriscava a ir à cidade, mas caminhava por toda a montanha com Maddie, carregando telas, molduras e apetrechos, e tirando fotografias com a câmera que ela tomara emprestada de Sara.

Madison sabia que era errado esconder a presença dele de Carlene, mas estava tão habituada a fazer as coisas sem que a mãe soubesse que lhe era natural guardar segredos. Não conseguia entender direito por que Jason ainda estava ali — se esperava convencê-la a voltar para o norte com o tempo, ou se estava lá como guarda-costas ou espião.

Ela esperara que Jason fosse ficar inquieto, preso na montanha sem ter o que fazer, mas ele na verdade parecia contente, mais relaxado do que jamais o vira. Era como se houvesse conseguido largar o fardo de dor que carregava consigo o tempo todo — por enquanto, pelo menos.

A montanha Booker estava exercendo seus efeitos, com certeza. Jason era uma lembrança constante de tudo e todos que Madison havia deixado para trás em Trinity. Ela pensava em ir à cidade e ligar para Seph, só para ter notícias e ouvir a voz dele. Mas aí ele perguntaria sobre Jason, e ela não achava que conseguiria mentir para ele. Além disso, ela já ultrapassara a fina linha que separava o sofrimento do luto de longa duração, e temia que qualquer conversa entre eles reabrisse aquelas feridas. Por isso escrevia longas cartas, mandava e-mails e guardava o segredo de Jason.

Certa tarde, Madison estava voltando do celeiro quando encontrou Carlene sentada à mesa da cozinha, fumando um

cigarro e batendo as cinzas numa lata vazia de Pepsi. A mãe trajava o uniforme de garçonne, um vestido com botões na frente e CARLENE bordado no bolso. Parecia estilo retrô, mas na verdade não era.

Madison não havia dito uma palavra sobre Brice Roper ou sobre o galpão. De que adiantaria? Discutir sobre aquele assunto não transformaria nenhuma das duas numa pessoa diferente, em pessoas que concordassem em alguma coisa. Madison seria a dona da montanha Booker em três meses. Outra pessoa teria de dar o próximo passo.

Brice havia contado a Carlene alguma coisa sobre o que acontecera na propriedade dos Ropers; Madison tinha certeza disso. Carlene lançava-lhe olhares com o canto do olho como se esperasse algum tipo de confronto. Não que elas se vissem muito, considerando o trabalho e os horários de sono de Carlene e o hábito de Madison de passar as tardes fechada no celeiro. Isso limitava os encontros entre elas ao mínimo.

Madison abriu a geladeira e examinou as escassas possibilidades, perguntando-se o que fazer para o jantar.

Então Carlene perguntou:

— Quem é aquele rapaz que você está mantendo no celeiro?

Madison tirou a cabeça da geladeira e se virou, batendo o cotovelo.

— O quê?

— Ele é seu namorado?

— Ah... bem, não — gaguejou Madison. — É só um amigo que precisava de um lugar pra ficar.

— Bem, diga ao seu amigo que ele pode ficar na casa, se quiser. Tem espaço suficiente. Não é educado deixar o rapaz lá fora. — Carlene apontou para a outra cadeira com o cigarro. — Sente-se um minuto, querida.

Madison fechou a geladeira e sentou-se à mesa.

— Está bem. Eu digo a ele, mas acho que ele vai embora logo.

— Ela hesitou. — Por favor, mamãe, não conte a ninguém que ele está aqui.

Naturalmente, Carlene não assumiu nenhum compromisso.

— Você não tem nenhuma quedinha por ele?

Madison rasgou o papel-toalha que servia de guardanapo em tiras regulares.

— Não, não tenho. Por que pergunta?

— Estou tentando entender por que você não gosta do Brice.

— Mamãe, tenho uma centena de motivos pra não gostar do Brice, a começar pelo fato de ele ser egoísta, arrogante... um canalha.

— Mas ele é bonito. E rico.

Carlene descartou *egoísta* e *arrogante* como se as outras magníficas qualidades fossem suficientes para anular as primeiras.

— Quem sabe *você* deva se casar com ele, então.

Carlene pensou a respeito, depois balançou a cabeça.

— Ele gosta de você.

— Ele *gosta* da montanha Booker. Se você fosse a proprietária, ele gostaria de *você*.

"Cuidado, Madison", pensou ela. "Tenha calma."

— Se eu fosse a proprietária, com certeza pensaria em vender para ele.

— Onde você moraria, então?

Carlene olhou para a cozinha ao redor, com o piso de linóleo gasto e o papel de parede florido desbotado, tudo recoberto por anos de resíduo de propano.

— Em qualquer lugar. Qualquer lugar menos aqui. — Ela fez uma pausa. — Pense no que significaria para Grace e John Robert se eles pudessem se mudar para outro lugar com boas escolas, onde tivessem amigos com quem brincar.

Ela apagou o cigarro.

— Eles estão oferecendo muito dinheiro, Maddie, o bastante pra pagar pela faculdade, por uma nova casa, por... por tudo. Seríamos milionários. A gente poderia se mudar pra onde quisesse e começar do zero, onde as pessoas não sejam... hostis. A montanha Booker é minha, quis dizer Madison, embora sentisse que ela pertencia a Grace e a John Robert também. Mas não pertenceria a nenhum deles se a vendessem. Se Min não tivesse sido tão teimosa, a montanha já teria sido destruída. Madison imaginou os tratores chegando, as escavadeiras raspando o topo da montanha, todo o Condado de Coalton coberto pelo pó negro das explosões.

— Mamãe, você sabe o que eles estão planejando fazer com a montanha — disse Madison. — O Brice contou a você a respeito. Como pode deixar uma coisa dessas acontecer?

— Que é isso, meu amor — disse Carlene, em tom melífluo. — Não exagere. Eles vão consertar depois. Além disso, existem outras montanhas. A gente poderia se mudar para algum lugar no oeste, como Las Vegas. Tem montanhas por todo lado lá.

Madison pensou na pequena encosta do cemitério no vale, as lápides inclinadas como dentes tortos nos locais em que o gelo as havia empurrado para fora do solo. E na caverna junto à cascata onde ela encontrara gravuras rupestres de índios americanos e jamais contara a ninguém, pois receara que alguém entrasse lá e as destruísse, como as pessoas sempre faziam. E também na velha fornalha de ferro junto ao riacho, construída por seu bisavô, um de seus loucos planos para ganhar dinheiro.

Ela se sentia cercada, com Brice Roper, Carlene, o Juizado da Infância e da Juventude, Seph, a iminente guerra entre os magos e o Coração do Dragão puxando-a de todos os lados, estivesse ela dormindo ou acordada.

— A gente tem que falar sobre isso agora? — perguntou ela, cansada.

— Madison. — Carlene olhou-a nos olhos. — Você quer esperar até que a Grace e o John Robert estejam crescidos? Não somos o tipo de pessoas que podem se dar ao luxo de ser românticas sobre as coisas. Temos de ser práticas.

Práticas. Vindo de Carlene.

— O senhor Roper pediu a você que falasse comigo? — indagou Madison.

Carlene fez que sim com a cabeça. Ela abriu e fechou o maço de cigarros.

— Eu disse a ele que falaria. Não faz sentido, o jeito como você vem tratando a ele e ao Brice.

— Bem, se eu tiver que decidir agora, a resposta é não.

— Não decida agora, então. — Carlene se levantou, pegou a carteira e tirou de dentro uma nota de 20 dólares. — Tenho que ir trabalhar. Tome. Leve as crianças ao cinema na cidade esta noite. E não seja teimosa. Às vezes você precisa pensar em alguém além de si mesma.



Chamas bruxuleavam nos castiçais junto às paredes, colorindo a grande câmara de pedra em vermelhos e amarelos. Os prisioneiros seguiram pela passagem entre os bancos até o altar na frente, as correntes tilintando, vestidos em túnicas com capuzes em tecido tosco que traziam a insígnia das casas de cada um. A Rosa Vermelha. A Rosa Branca. O Urso Prateado. O Dragão. Numa fila sem fim.

O carrasco estava de pé ao lado do altar, segurando um grande cajado com o Coração do Dragão na ponta. Um escrivão estava junto, lendo um pergaminho, chamando nomes, confirmando sentenças. Muitos dos nomes eram familiares. Leander Hastings. Linda Downey. Claude D'Orsay. Jessamine Longbranch. Jackson Swtft. Jason Haley. Joseph McCauley. A

acusação: anarquia. Rebelião. Assassinato. Cada um dos condenados se ajoelhava no altar e deitava a cabeça sobre a pedra em silêncio. O carrasco erguia o grande cajado, apontava para o prisioneiro. Chamas irrompiam do Coração do Dragão, incinerando o condenado num instante. O odor de carne queimada enchia a câmara.

O capuz do carrasco caiu para trás, revelando o rosto dela mesma.

— Maddie, acorde! Maddie, você está sonhando.

Alguém lhe puxou o braço, como se quisesse arrancá-lo do ombro. Maddie abriu os olhos. O rosto preocupado de Grace encheu-lhe o campo de visão: solenes olhos cinzentos e um punhado de sardas, os cabelos castanhos lisos puxados para trás num rabo de cavalo.

— Você está me assustando, gritando desse jeito.

— Oh. — Maddie se apoiou nos cotovelos e tentou engolir o gosto amargo que tinha na boca. Dormia pensando em Seph. Acordava pensando no Coração do Dragão. Agora eles lhe invadem os sonhos. — Desculpe. Que horas são, afinal?

— Não sei, é tarde — disse Grace, acendendo a lâmpada. — Você deve ter caído no sono no sofá depois do jantar. Chegou a levar alguma coisa pro Jason comer?

Madison balançou a cabeça.

— Não, eu... droga! — Ela olhou para o relógio da cozinha. — Já passa das oito. Eu ia levar você e o J. R. ao cinema hoje.

— A gente ainda pode ir? — implorou Grace.

— Está tarde demais esta noite, só tem uma sessão às oito. Vamos amanhã, numa matinê, e aí vamos ter dinheiro suficiente para pipoca também. Está bem?

— Está bem. Acho. — Grace se sentou à beira do sofá.

— Com o que você sonhou, afinal?

O Coração do Dragão, Madison quase falou. Ela massageou a testa. Mesmo quando não pensava na pedra, ela ainda brilhava

no fundo de sua mente, despertando o mesmo tipo de desejo que ela associava à arte. E a Seph McCauley.

Como Madison não lhe respondeu, Grace disse:

— Você nunca foi de ter pesadelos.

— Vai ver eu simplesmente fazia menos barulho. — Madison balançou a cabeça, tentando afugentar as imagens remanescentes. — Obrigada por me acordar, Gracie

— disse ela, esquecendo que Grace agora detestava oficialmente ser chamada de Gracie. — É melhor eu levar alguma coisa para o Jason comer.

Madison encheu com chá gelado uma garrafa térmica de metal, aquela que o pai dela costumava levar para a mina. Passou camadas generosas de manteiga e mel em biscoitos velhos e os enrolou num guardanapo, além de embrulhar sobras de frango frito em papel-manteiga. Pensou que devia convidar Jason para vir comer na casa, mas aquilo não importava agora, afinal. Ele teria de partir.

Carlene não era capaz de guardar um segredo tão bem quanto Grace e J. R. Toda a cidade saberia a respeito de Jason em menos de uma semana.

Com certeza Warren Barber devia ter voltado para o lugar de onde viera. Ninguém na cidade havia mencionado tê-lo visto. Ele chamaria a atenção onde quer que estivesse, mas especialmente em Coal Grove.

A luz da lâmpada no alto do poste criava um pequeno oásis na floresta escura. Os galpões projetavam longas sombras sobre o gramado quando ela atravessou o pátio, passando pelos canteiros de flores onde as peônias e as Íris de Min forçavam passagem para fora da terra. Morcegos agitavam-se como lenços negros entre as árvores à beira da clareira.

Hamlet levantou-se e esticou-se em saudação, cutucando a tigela de comida com o focinho.

— Isto não é pra você — disse Madison, coçando-o atrás das orelhas com a mão livre. — Você já jantou, lembra?

Hamlet se empertigou e apontou com o focinho cinzento na direção da floresta, os pelos em torno do pescoço se eriçando. Ele rosou e arreganhou os dentes, o que era uma surpresa, pois era totalmente surdo e parcialmente cego.

— Ei, Hamlet — disse Maddie, com um leve estremelecimento, tentando enxergar por entre as árvores. — O que você descobriu? Um fantasma? Um guaxinim?

Ela viu várias formas se movendo entre as árvores, e por um momento pensou que realmente *poderiam* ser fantasmas, já que havia um brilho assustador em torno deles. Então compreendeu o que deviam ser e largou o jantar de Jason no chão.

Quatro magos pararam no limiar da proteção das árvores e ficaram ali, olhando na direção da casa. Não haviam visto Madison ainda, escondida como estava na sombra do celeiro.

Que eles estavam ali para aprontar alguma, ela não tinha dúvida. O fato de estarem todos usando capuzes pretos com buracos cortados para os olhos confirmava isso. Deviam ter deixado o carro mais para baixo na estrada.

A picape dela estava estacionada dentro do celeiro, mas Grace e J. R. estavam assistindo à televisão na casa e não havia jeito de buscá-los, voltar para o celeiro e sair de lá sem serem notados. Ela poderia brandir a espingarda na direção dos intrusos, mas esta também estava dentro da casa.

Ela ficou paralisada, os pensamentos em turbilhão. Talvez fossem as Rosas vindo à sua procura. Seph a havia avisado de que isso poderia acontecer. Ou talvez fossem as Rosas, ou Barber, ou qualquer um, vindo atrás de Jason.

Os magos saíram do arvoredo e avançaram silenciosamente na direção da casa, caminhando com determinação. Estavam todos vestidos de preto, emoldurados em luz.

— Pensei que você tinha dito que não haveria ninguém em casa — disse um dos magos. — A casa está toda iluminada.

Para a surpresa dela, o jeito como ele falava indicava que era alguém da região.

Madison não percebeu que estivera contendo a respiração até que a soltou. "Certo", pensou ela. "Pelo menos este problema é doméstico."

— Não se preocupe — disse o mago mais alto. — Eles provavelmente só deixaram as luzes acesas.

A voz parecia familiar, mas era difícil dizer, abafada como estava pelo capuz.

— Tem certeza de que não tem nenhuma criança lá dentro? — insistiu o primeiro mago.

— Quer calar a *boca!* — rosnou o mago mais alto. Madison achou que ele devia ser o líder. — A gente veio até aqui em cima, vamos acabar logo com isso e ir embora.

Eles continuaram a se mover em direção à casa.

Então Madison se lembrou da história de Grace sobre o incêndio no galpão. *Eram quatro ou cinco, aqui no escuro. Eles tinham tochas...*

"Não. Não vou deixar isso acontecer", pensou ela. "Não na minha montanha."

— Que *diabos* vocês pensam que estão fazendo na minha propriedade? — gritou ela bem alto, esperando alertar Grace e J. R. na casa e Jason no celeiro.

Os magos se assustaram ao som da voz dela e correram confusos de um lado para o outro, tentando enxergar na escuridão e descobrir onde ela estava.

Com alguma sorte, Grace seria sensata o bastante para agarrar J. R. e sair pela porta dos fundos. Era esperta demais para sair pela porta da frente e se meter naquilo.

— Eu *sabia*. *Sabia* que havia alguém em casa — disse o primeiro mago.

— Olha, ela não tem como deter a gente. O que ela vai fazer? — disse o mago alto, continuando a andar na direção da casa, seguido pelos cúmplices, que continuavam a olhar para trás.

— O que estão fazendo? — gritou Madison. Ninguém respondeu. — Tem crianças na casa! — berrou ela.

— Bem, então é melhor tirá-las de dentro agora — disse o mago com frieza. — Porque a gente vai pôr fogo nesse lixão.

Ele estendeu as mãos, e o fogo brotou-lhe das pontas dos dedos. Foi quando ela teve certeza.

— Brice Roper! Se você se aproximar eu chamo o xerife!

Aquilo fez com que ele estancasse. Ele ficou parado por um momento, depois deu de ombros e se virou, arrancando o capuz e passando a mão pelo cabelo desgrenhado.

— Olá, Madison.

— Brice — queixou-se um dos outros magos. — Não foi isso o que a gente...

— *Cale a boca*, eu falei — resmungou Brice. — Eu devia ter lidado com isso sozinho. Não faça com que me arrependa de ter trazido vocês comigo.

— Estou avisando — disse Madison. — Nunca vai se safar dessa.

Brice deu risada.

— Quem é que vai acreditar em *ocê*? Este lugar é um barril de pólvora. Vai ser a sua palavra contra a minha, e eu com certeza vou ter um álibi e dez testemunhas pra jurar que me viram em outro lugar. Se qualquer um acreditar em você, vou *persuadir* a não acreditar.

— As pessoas me conhecem por aqui — disse Madison, tentando parecer mais confiante do que se sentia. — Não acreditar em mim.

"Certo. Quando é que eles alguma vez acreditaram em você a respeito de qualquer coisa?"

— SÉRIO? Acha mesmo? Se eu disser uma palavra, você é uma bruxa. Se eu disser uma palavra, você mesma ateou fogo na casa. As pessoas nesta cidade são ovelhas, Madison, e irão para onde eu quiser.

— Foram vocês que provocaram todos aqueles incêndios no ano passado — sussurrou Madison.

Brice fez uma reverência zombeteira.

— Isso prova o meu argumento, não concorda? Lá estávamos nós, incendiando todo o vale, e aqueles idiotas culpando você. Se toda a cidade se voltasse contra mim, eu venderia minhas terras e me mudaria. Mas você não fez isso. Oh, não. Em vez disso, sacou uma espingarda contra eles. Você é teimosa como uma pedra. E tão esperta quanto uma pedra, também.

Naquele momento, a tensão em seu íntimo se desfez e ela ficou muito, muito zangada. Ela andou na direção deles, para a luz.

— As pessoas sabem o que você é. Algumas delas, pelo menos.

— Vou dizer a você uma coisa que elas sabem — disse Brice. — O meu pai dá emprego para metade do condado... Para qualquer um que esteja ganhando um salário decente. O que vai acontecer quando a gente fechar a mina? Este lugar só vai murchar e desaparecer. A montanha Booker vai manter a Carvão Roper funcionando por outros dez anos ou mais.

— E depois, o que vai acontecer?

— Bem, aí eles vão ter um lugar bem plano pra colocar alguma coisa, não é? Vai ser o único trecho plano de terra em todo o condado.

— Não vou vender — disse Madison. — Não para você. Não vou.

— Onde a Carlene e as crianças vão morar, então, depois que eu incendiar este lugar? — Brice bufou. — Você nem tem como pagar a conta do telefone. Aposto que não consegue arcar nem com o primeiro mês de aluguel. Vai morar numa barraca ou o quê?

Madison cerrou os punhos e deu um passo em frente.

— Como você consegue viver consigo mesmo?

— A culpa é sua. Você devia ter concordado em vender. É assim que o mundo funciona. Todos sabem disso. Mas você não. Você anda por aí como se fosse a realeza em trapos ou algo assim. Como se fosse melhor do que eu. *Eu!* — repetiu ele, a voz aumentando de volume.

— Brice — disse um dos outros magos. Uma garota, pela voz.

— Vamos fazer o que viemos fazer logo ou ir embora.

Brice se recompôs.

— Muito bem, Madison. Você tem cinco minutos pra tirar aquelas crianças da casa e algo que queira guardar. Não pode ter muita coisa que valha a pena salvar. — Ele sorriu. — Não se preocupe. A gente ainda vai pagar um bom preço. A casa não acrescenta nenhum valor, se entende o que quero dizer. A gente ia derrubar tudo, de qualquer jeito.

Ele fez uma pausa. Como Madison não dissesse nada, acrescentou:

— Em um ano, você vai me agradecer.

Madison percebeu um rápido movimento com o canto do olho, e alguém gritou de dor. Um dos magos — aquele que ficava reclamando — caiu ao chão, segurando a cabeça. Ficou deitado ali, grunhindo, pressionando as mãos na cabeça ensangüentada.

Então Madison viu Jason, a mochila pendurada no ombro, o bastão de beisebol de J. R. na mão, afastando-se do mago caído. Um bastão de beisebol contra magia? Ela abriu a boca, com a intenção de gritar, dizer alguma coisa. Jason balançou a cabeça, erguendo a mão para silenciá-la.

E então ela compreendeu: ele estava imperceptível para os outros magos no pátio. Perceptível apenas para ela, a extratora.

— Ei! Carl? O que foi? — perguntou Brice. — Tropeçou nos próprios pés ou algo assim?

Carl apenas gemeu ainda mais.

Jason tirou uma faca da mochila e partiu diretamente para cima de outro dos magos, um rapaz corpulento, com calças de camuflagem de cintura baixa e um daqueles tênis gigantescos de cano alto. Jason se aproximou, enfiando a faca para cima e para baixo, quatro golpes rápidos, e o mago berrou e segurou o tórax. Ele rasgou a camisa, revelando um tosco M rabiscado no peito e na barriga.

— O q-q-que está acontecendo? — gemeu ele. — Estou sangrando! Alguém me atingiu. Parece... parece com um... — Ele olhou para Madison, arregalando os olhos. — Foi... foi *ocê* quem fez isso?

Pensando rápido, Madison se empertigou, jogou o cabelo para trás e sorriu para ele.

— O que *você* acha?

Os três magos ainda de pé se juntaram, encarando Madison. Ela avançou, as mãos estendidas, e eles recuaram. Toda a raiva, medo e humilhação do ano passado ferviam dentro dela. Ela desejou ter *realmente* poderes mágicos, ser capaz de incinerá-los com um gesto.

Jason continuou agindo. Ele tirou uma lata de metal da mochila, uma que Madison reconheceu como vinda do celeiro.

"O que ele está fazendo?"

Ele abriu a tampa e virou a lata sobre a garota maga. Ela berrou e cobriu a cabeça com os braços, lutando contra o oponente invisível.

— O que *é* isso? — Ela cheirou, então gritou e arrancou o capuz, lançando-o longe, revelando um rosto pálido e horrorizado. — É querosene! — Ela se afastou de Madison, balançando a cabeça lentamente de um lado para o outro. — Se acha que vou atear fogo numa casa quando estou ensopada em querosene, está maluco.

Ela se virou e fugiu para a floresta.

Madison andou na direção de Brice, abrindo um sorriso forçado. Tinha medo de que o coração dela saltasse do peito, de tão forte que batia.

— Então, Brice — disse ela. — Ouvi dizer que você gosta de brincar com magia.

— Que d-diabo? — O normalmente articulado Brice parecia estar no meio de um pesadelo e torcendo para acordar logo. — Como é que está fazendo isso? Você não é maga. Eu... não senti nada... quando toquei em você.

— Você diz uma palavra e eu sou uma bruxa — disse Madison, em voz gutural. — Não é isso?

Brice recuava à medida que Madison avançava, erguendo as mãos para se defender dela.

— Fique longe de mim.

Enquanto isso, Jason aproximou-se dele pela lateral.

— Me enfeitice, por que não? — provocou ela. — Veja se consegue. Eu desafio você.

A sombra de Madison se estendia à frente dela, alta e esguia.

Ele esticou as mãos, depois as recolheu, sem dúvida lembrando-se do que acontecera no estúdio.

— Madison, qual é! Vamos conversar.

Ela estendeu a mão em direção a Brice, imitando um sinal de maldição que Min utilizara. O imperceptível Jason brandiu o bastão, atingindo Brice no rosto. Brice foi jogado para trás, gritando, pressionando a manga contra o rosto para estancar o fluxo de sangue de um nariz perfeito que agora estava esmagado e torto.

— Oh, que horror — disse Madison, balançando a cabeça. — Você não é muito bom nisso, é? Acho que precisa de um pouco mais de prática. Quer brincar de novo?

Brice cuspiu sangue e um dente quebrado.

— Não entendo — murmurou ele com sua boca machucada.

— Não. Você não entende. Mas vou explicar. Vou lhe propor o mesmo acordo que você me ofereceu. Dou cinco minutos pra você juntar qualquer coisa que queira guardar. — Ela olhou em volta: para Carl que havia se sentado e estava limpando o sangue do rosto com a camisa; para o outro mago que ainda contemplava o ferimento em seu tórax, parecendo prestes a desmaiar. — Não pode ter muita coisa que valha a pena salvar. Brice passou as mãos sob os braços de Carl e colocou-o de pé, ambos abatidos e ensangüentados.

— Mais uma coisa — disse Madison. — É melhor você torcer para que a minha vida corra tranqüilamente de agora em diante. Qualquer coisa que acontecer com este lugar... incêndios, explosões, terremotos, se o poço secar, se a ponte cair, se a macieira pegar alguma praga... vou saber a quem culpar. E aí vou atrás de você. Se pisar na minha propriedade de novo, vou *incinerar* você.

Pela primeira vez na vida, Brice não achou o que dizer. Ele e Carl correram para dentro da floresta, na direção da estrada.

Madison esperou até cinco minutos depois que os magos saíram de seu campo de visão. Então se agachou junto ao velho galinheiro e vomitou, até não lhe sobrar nada no estômago. Jason se agachou ao lado dela, segurando-lhe os cabelos para trás, longe do rosto. Depois Jason foi buscar um jarro de água da torneira para que ela pudesse lavar a boca. Ele a ajudou a voltar para dentro da casa, e os dois se sentaram nos degraus da varanda. Madison tremia, os dentes batendo. Jason passou um braço em torno dela e a puxou para perto, dando-lhe tapinhas nas costas.

— Uau, você é ótima — disse ele, balançando a cabeça. Ele parecia atordoado com a habilidade dela. — Não dava pra acreditar. Você é tão corajosa! Eles ficaram apavorados.

— Eu? — Madison, estremeceu. — Você. — Lágrimas se acumularam nos olhos de Madison, escaparam e correram-lhe

pelas faces. — Fui... tão estúpida. Eu devia saber que isso ia acontecer. Eu *conheço* o Brice. Sei o que ele é. O que teria acontecido se você não estivesse aqui?

— Você podia ter acabado com eles — disse Jason, tomando-lhe a mão e apertando-a. — Sem problemas. Você é como uma... uma leoa defendendo a sua toca. Quero dizer, o poder não é algo assim tão especial, comparado com isso.

Ele revirou os olhos e ela riu, mas havia algo na expressão dele, como se tivesse tido uma revelação.

— É melhor eu ir buscar as crianças — disse ela, enxugando as lágrimas. — Elas devem estar morrendo de medo.

Ela se levantou e se virou na direção da casa, mas ouviu a voz de Grace vindo da floresta atrás do celeiro.

— Madison? O que está acontecendo? A gente pode sair?

— Venham — disse Madison, e Grace e J. R. emergiram de dentro do arvoredo, Grace segurando a mão do menino com firmeza.

Madison rezou uma prece silenciosa em agradecimento. Grace havia feito o que devia fazer. Havia levado J. R. e se escondido na floresta. A irmãzinha de Madison estava crescendo.

— Aonde foram aqueles homens? — perguntou Grace, olhando para o pátio em torno. — Eram os mesmos que atearam fogo no galpão.

— O quanto vocês viram? — perguntou Madison, trocando olhares com Jason.

— A gente não conseguiu ver *nada!* — reclamou J. R. — A Grace me fez ir até a floresta.

— Não se preocupem. O Jason e eu pusemos os caras pra correr — disse Madison. — Acho que eles não vão voltar.

Após as crianças terem ido para a cama, Madison convidou Jason para jantar. Sentaram-se à mesa da cozinha, com os cães praticamente deitados a seus pés.

As coisas haviam mudado, embora Jason não conseguisse dizer exatamente por quê. Para início de conversa, ele apostaria a vida — e a de Seph também — no fato de que Madison Moss não estava mancomunada com Warren Barber. Ou com as Rosas. Jason não sabia como explicar a pintura e sabia que a assustaria se perguntasse a respeito. Mas, de alguma forma, isso não era mais necessário.

— E aí? O que você vai fazer? — Madison perguntou a Jason. Pelo jeito ela também sentia que haviam chegado a um ponto decisivo.

— Talvez seja melhor eu ficar por aqui, para o caso de o Brice e os amigos dele voltarem — sugeriu Jason.

— Não precisa — disse ela. — Imagino que o Brice não vai querer se meter comigo tão cedo.

"Certo", pensou Jason, "voltei a ser descartável." Mas daquela vez ele sentia que dispunha de mais opções.

— Bem, eu queria voltar pra Inglaterra. Hastings está planejando um ataque à ravina, e eu queria entrar nessa. — Ele deu de ombros. — Provavelmente já aconteceu, a esta altura.

— Quer dizer que mudou de idéia?

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu poderia voltar a Trinity, acho. Mas nunca me senti muito útil quando estava lá. Eu me sentia como se, junto do Seph, eu fosse... — A voz dele sumiu. Não conseguia acreditar que estava confessando tudo aquilo a alguém. — Não consegui agüentar aquilo, não fazer nada. Quando parti pra vir pra cá, o Seph me disse que precisava que eu voltasse, que a minha ajuda seria útil. Mas achei que ele só estava dizendo isso por dizer, porque somos amigos.

Madison pôs a mão no braço dele.

— Já que são amigos, acho que você deveria acreditar nele. — Ela hesitou, depois foi em frente. — Eu... estou tão confusa. Sinto tanta saudade do Seph. Quero ficar com ele, mas não

posso. E o Coração do Dragão... é como uma sarna que não consigo coçar. Parece que não consigo tirar da minha cabeça.

Jason fitou-a. Ela dissera tudo. Ambos ansiavam pela pedra, mas não podia ser pela mesma razão. Jason a via como uma espécie de tônico. Podia sentir o fluxo do poder do Coração de Dragão para a sua pedra Weir, a cada minuto do dia. Mas Madison não tinha uma pedra Weir.

Naquele momento, Ofélia ergueu a cabeça e olhou na direção da porta. Um carro entrou ruidosamente no pátio e parou.

Jason se perguntou o que seria. Aquilo já estava ficando cansativo. Ele fez um gesto de mão para Madison, sinalizando para que ela ficasse onde estava, foi até a porta e espiou pela tela.

Duas pessoas estavam saindo de um jipe velho que ele reconheceu de imediato. Soltando um longo suspiro de alívio, ele saiu para a varanda.

— Jason! — berrou Harmon Fitch, um sorriso se espalhando pelo rosto. Ele se voltou para Will Childers e um bateu a palma da mão contra a do outro. — O cara está vivo! É a primeira boa notícia que temos há muito tempo.

Eles se sentaram à mesa da cozinha. Jason parecia nervoso e distraído, como se tentasse pensar em respostas para as perguntas que sabia que viriam. Madison adiou o interrogatório o mais que pôde, conversando sobre assuntos gerais, procurando bebidas na geladeira, batendo as bandejas de gelo no balcão e servindo batatas fritas numa cesta.

Finalmente, o nervoso Fitch não conseguiu se agüentar mais.

— No caso de vocês estarem se perguntando o que a gente está fazendo aqui, todos estão preocupados por não terem notícias suas.

— O que vocês têm feito? — indagou Will. — Por que não telefonaram?

"Bem", pensou Madison, "porque Jason me implorou para não contar e ameaçou revelar que a Grace é extratora se eu contasse." Ela lançou um olhar para Jason, esperando que ele falasse, enquanto ele parecia esperar que ela lidasse com aquilo.

— Eu *mandei* um e-mail para o Seph — disse ela afinal. — E escrevi um monte de cartas.

— Mas *você* disse que o Jason nunca apareceu — disse Will.

— Bem... É, foi isso mesmo — gaguejou Madison. — Mas...

— A culpa foi minha — interrompeu Jason. — Eu fui um idiota. Não deixei que ela ligasse. Não queria que ninguém soubesse que eu estava aqui.

Will ergueu uma sobrancelha.

— Não *deixou*? Você amarrou os pés e as mãos dela ou o quê?

Um rubor tingiu as faces de Jason.

— Algo parecido.

"Ele realmente está *corando*", pensou Madison. "Há uma primeira vez para tudo."

— Que confusão! Qual é o problema com você? Todo mundo ficou alucinado. Algumas pessoas disseram que você tinha caído fora. — Fitch tirou os óculos e os poliu na manga da camisa. — Mas o Seph não acreditou. Estava convencido de que algo tinha acontecido com você.

— Bem. — Jason olhou para Madison, depois de volta para Fitch. — Algo aconteceu.

Eles contaram a Will e Fitch sobre Barber, o ferimento de Jason e Brice Roper.

— Você *devia* ter nos contado — disse Will, uma expressão magoada no rosto. — O Nick, a Mercedes ou mais alguém poderiam ter ajudado você.

— Eu *ia* cair fora, *está bem*? — Jason ergueu a voz. — Eu teria ido, se não tivesse sido ferido. Queria sair de Trinity e de tudo

aquilo. E depois eu... ahn... estava fora de mim. — Ele fitou a mesa. — Estou melhor agora.

Fitch observou-o, depois assentiu com relutância.

— Parece que as coisas estão quase tão perigosas aqui quanto lá em casa.

A boca de Madison ficou seca como algodão.

— Por quê? O que está acontecendo em Trinity?

— Bem, pra começar, o Barber foi visto lá pelas nossas bandas — disse Will. — O Jack, a Ellen e o Seph travaram uma grande batalha com ele num depósito em Cleveland e praticamente puseram o lugar abaixo num incêndio.

— O quê? — Madison olhou de Will para Fitch. — Como isso aconteceu? Eles estão bem?

— Eles estão ótimos — disse Will, recuando ante a enxurrada de perguntas. — Só alguns arranhões e queimaduras. Rotina, pra eles.

— E o que mais? — indagou Jason. — O que aconteceu com o Barber?

— Ele escapou. — Will hesitou. — A Leesha Middleton nos contou que ele estava atrás de você.

O rosto de Jason pareceu perder a animação costumeira, e os olhos azuis se estreitaram e se fixaram.

— É mesmo? — disse ele, numa voz fria e desinteressada.

— Foi ela que os levou até o Barber — acrescentou Fitch, franzindo o cenho para Jason.

— Esse foi o erro do Barber — disse Jason, com indiferença. — Confiar na Leesha.

Hamlet cutucou-o, choramingando, e Jason coçou o cão atrás das orelhas.

Madison se perguntou o que estaria acontecendo. Será que Jason pensava que Leesha tinha algo a ver com...

— De qualquer forma — insistiu Fitch —, a Leesha ajudou bastante, e eu queria que você soubesse disso. Eu sei que alguns

de nós não fomos exatamente... amistosos quando ela voltou, mas...

— O que mais está acontecendo, então? — interrompeu Jason, sua atenção ainda voltada para o cachorro.

Will deu de ombros.

— A Mercedes está construindo uma muralha mágica em torno de Trinity. Com a ajuda de muita gente, acho. Não que a gente tenha realmente *visto* a muralha.

— Estão construindo uma *muralha*? — Jason olhou de Will para Fitch. — Estão falando da barreira?

Will deu de ombros como se dissesse: *Como é que eu vou saber?*

— Acho que é diferente. Tipo uma muralha de verdade. De verdade para os Weirs, pelo menos.

— Entenda, Jason, o lance é que eles realmente precisam da sua ajuda — disse Fitch. — Não sei muito a respeito, mas parece que estão faltando magos. O senhor Hastings ainda está fora, e é só o Seph, o Nick, a íris e alguns outros poucos magos que estão fazendo tudo. O Jack está ajudando um pouco, mas quando os guerreiros começarem a se ocupar do portão, ele não vai estar muito por lá. Precisa de muita magia, acho, pra escorar a muralha.

— Você precisa voltar conosco. — Fitch deu um sorriso torto.

— Vou dizer uma coisa pra você: não quero ser a pessoa que vai contar à tia Linda sobre o carro dela.

Jason hesitou. Madison segurou-lhe a mão e abriu um sorriso encorajador.

— Parece que o Barber foi embora, de qualquer forma. A decisão é sua, mas acho que você devia voltar.

Ele assentiu.

— É. Eu também acho.

Ele parecia mesmo aliviado, como se tivesse suportado um grande peso por longo tempo e agora o soltasse.

— O Seph quer que você volte também, Madison — disse Fitch. Madison balançou a cabeça, sentindo-se ainda mais sozinha do que quando Jason chegara. Ela teria de acertar as coisas de uma vez por todas com Brice Roper. E com a mãe. De alguma forma. — Não posso partir. Se o Brice descobrir que estou fora, ele pode atacar a casa de novo. Mas digam ao Seph... que sinto muitas saudades dele.

Aquilo era tão patético. Tão inadequado. Mas era só o que ela podia dizer.

Capítulo Vinte e Dois

Estranhos Aliados

A primavera normalmente era um tempo dourado na Ravina do Corvo. Os ventos sombrios de inverno que uivavam da Escócia partiam para dar lugar às suaves brisas primaveris impregnadas com o aroma de flores das terras altas. O melhor de tudo era que os turistas que atormentavam o resto do Lake District no verão não chegavam nem perto dali.

Mas aquela era uma estação estéril. A grama alta que ondulava pela ravina mirrara e ganhara tons marrons, assolada pelo frio e pelas chuvas inclementes. Os botões murcharam nas árvores, frustrando a promessa de flores. Os pássaros e a vida selvagem desapareceram. Na maioria das noites, a fornalha no porão era ligada, e os servos acendiam o fogo na lareira num vão esforço de aquecer a sala de estar. D'Orsay foi forçado a enfeitiçar os servos para impedi-los de fugir para climas mais amigáveis. Seria arriscado trazer novos, que poderiam ser assassinos trabalhando para as Rosas. As luzes mágicas cintilavam nas montanhas em volta, evidência de que as Rosas não haviam abandonado o cerco.

Não tinham recebido notícias de Alicia Middleton e, portanto, perderam a pista de Warren Barber. O que podia significar que

eles estavam mortos e que outros haviam se apropriado do novo Pacto, ou que ele havia sido perdido. Quanto ao Coração do Dragão, D'Orsay supunha ainda estar no santuário. A menos que as Rosas tivessem se apoderado dele também.

Ele e Dev perambulavam pelo Castelo da Ravina do Corvo, brigando um com o outro — eles que sempre haviam sido famosos por se darem tão bem.

Então, finalmente, receberam uma mensagem das Rosas. Não um ultimato para que se rendessem, como D'Orsay esperara, mas um pedido de reunião.

Levaram dias para negociar os termos. Seria mais seguro realizá-la na Ravina do Corvo, ou isso possibilitaria uma invasão? Poderia D'Orsay se sentir seguro em um encontro fora da ravina? Seria necessário realizar o encontro com todos nus para impedir que alguém viesse com *sefas* escondidas?

Enfim, os termos foram decididos, principalmente porque ambos os lados estavam ansiosos por se encontrar e resolver o impasse. Encontraram-se numa campina no planalto que dava para a ravina, um lugar revistado pelos dois lados antes do evento.

Aquele costumava ser um belo local na primavera, florido com campainhas azuis e botões-de-ouro. Mas agora estava seco e silencioso, como o palco de algum horrível acidente industrial.

Era uma reunião íntima — D'Orsay e Devereaux, Jessamine Longbranch da Rosa Branca, e George Wylie da Rosa Vermelha. A última vez em que todos haviam estado juntos havia sido em Second Sister — quando o golpe de D'Orsay e Leicester contra as Rosas quase fora bem-sucedido.

Foi uma reunião frugal, sem cerimônia ou hospitalidade, já que nenhum dos lados confiava no outro o bastante para partilhar uma refeição. Encontraram-se num pavilhão semelhante a uma tenda com um piso de tacos de madeira coberto por tapetes de lã.

— Jessamine. Que prazer. — D'Orsay segurou-lhe as mãos enluvadas e beijou-lhe o rosto. Ele inclinou a cabeça bruscamente para Wylie. — Geoffrey. Este é meu filho, Devereaux.

O pobre Dev encurvou os ombros e enfiou as mãos nos bolsos. Como de costume, era tímido e calado na frente de visitas.

Eles se acomodaram num círculo de cadeiras. Uma lareira no centro espalhava algum calor em meio ao frio.

— Não me lembro de já ter visto este lugar tão horrível assim no mês de abril — disse Jessamine, tremendo a despeito das camadas de couro e peles. — Não pode fazer alguma coisa a respeito?

Como se o clima fosse uma falha na hospitalidade dele.

— O tempo está anormalmente frio — admitiu D'Orsay. — Por outro lado, como diz o poeta T. S. Eliot, *'abril é o mês mais cruel'*. Presumo que não tenham vindo aqui para discutir o clima. Embora ele esteja relacionado a outros acontecimentos.

Jess agitou-se como uma truta pulando sobre uma mosca.

— O que você quer dizer com isso?

— Primeiro você, minha querida — disse D'Orsay, cortês.

— Sabemos que você tem o Pacto — disse Jessamine, indo direto ao ponto. — Mas é incapaz de consagrá-lo.

D'Orsay inclinou a cabeça.

— O que a faz pensar assim?

— Porque você já o teria consagrado se pudesse.

— Muito bem — disse D'Orsay, com o ar de um anfitrião fazendo a vontade de convidados difíceis. — Então por que estão aqui? Por que não nos deixam definhar na obscuridade?

— Porque você mantém a ravina. A ravina abriga a pedra Weir. E alguma coisa deu errado.

D'Orsay se sentia ridículo, como o capitão de um navio que afundava, ainda manejando o leme enquanto o convés chacoalhava sob as ondas.

— Errado?

Wylie ergueu ambas as mãos, indicando os arredores.

— Ora, vamos e venhamos! Você está presidindo uma terra devastada, Claude. Quando penso em como costumava ser...

— Não seja melodramático, Geoffrey — disse D'Orsay. — Isto não passa de uma conseqüência do tempo anormalmente ruim e de jardineiros incompetentes.

Longbranch pressionou a mão sobre o peito.

— A pedra Weir está escura. Geralmente consigo sentir a presença dela de qualquer lugar na Cúmbria. E agora?

Nada. — Ela estremeceu. — É como se a fonte do nosso poder tivesse se movido, como se estivesse a uma grande distância.

Na verdade, D'Orsay já havia tomado uma decisão. A política criava estranhos aliados, e as opções dele estavam definitivamente se esgotando. Precisava sair da ravina, ou ele e Dev acabariam simplesmente cortando a garganta um do outro.

— Também notei — admitiu D'Orsay. — A sensação que dá é como se o pólo magnético tivesse se alterado, não é?

Wylie se reclinou na cadeira.

— A pergunta é: por quê?

— Talvez seja efeito do cerco — sugeriu D'Orsay. — Já faz o quê, seis meses?

— Você poderia se render — sugeriu Longbranch. — Só uma idéia.

D'Orsay olhou para as montanhas ao redor, para as chamas mágicas queimando por lá.

— Vocês poderiam retirar as suas forças.

— Não é por causa do cerco — disse Wylie, impaciente.

— A alteração no poder foi bem súbita. No meio do inverno, creio.

— Vocês querem mesmo saber quem é o responsável?

— indagou D'Orsay, emitindo um pouco de poder para aquecer os pés.

Longbranch se inclinou para a frente.

— Quem?

— Jason Haley.

— Jason Haley? — Wylie franziu a testa. — Aquele de Second Sister?

— O próprio.

— O que tem ele? — indagou Longbranch.

— Ele roubou o Coração do Dragão.

Longbranch e Wylie se entreolharam.

— O que é isso? — perguntou Wylie. — Nunca ouvi falar disso.

— O coração mágico da ravina. Uma arma de capacidade infinita. A fonte do poder de todas as ordens.

— Nunca ouvi falar disso — repetiu Wylie. — Não me diga que acredita nessas velhas histórias sobre bestas mágicas cuspidas chamadas. E, mesmo que acredite, isso foi há muito tempo.

— Se acredito ou não em dragões é irrelevante. A questão é que o Coração do Dragão é uma *sefa* poderosa que ficou sob a pedra Weir nas minhas terras ancestrais por séculos. De alguma forma, ela alimentava a pedra Weir. A pedra Weir ainda está lá, mas escureceu.

— Quer dizer que você sabia que essa pedra estava lá esse tempo todo? — indagou Longbranch.

Era mais fácil simplesmente mentir.

— Sim — disse D'Orsay. — Mas apenas recentemente compreendi o alcance de seu poder.

— Por que está contando isso a *eles*, pai? — indagou Devereaux.

— Está tudo bem, Dev — disse D'Orsay, dando um tapinha no ombro de Dev.

Dev recuou.

— Por que está nos contando isso? — perguntou Wylie, desconfiado.

— Porque chegou a hora de trabalharmos juntos — disse D'Orsay. — Estou preso, como sabem, na ravina. Preciso da cooperação de vocês a fim de ir atrás da pedra.

— Tem alguma idéia de onde ela está? — perguntou Wylie.

— No santuário, presumo — disse D'Orsay. — A menos que a tenham levado embora. Por algum tempo, tive um agente em Trinity. Sei que o Haley voltou para lá depois de saquear a ravina, e recebi relatórios de que os objetos mágicos estavam escondidos lá.

— Muito bem — disse Longbranch. — Agora que nos contou, por que precisamos do seu envolvimento? Podemos ir atrás da peça nós mesmos.

D'Orsay também havia previsto isso.

— Por dois motivos — disse ele. — Eu tenho o diário escrito pela pessoa que escondeu a pedra na ravina, que fornece detalhes sobre o uso dela. Poderosa como é, ninguém iria querer cometer um erro, não é?

Talvez ele estivesse exagerando um pouco o valor do diário, mas assim era a natureza das negociações.

— E o segundo motivo?

— O Coração do Dragão é apenas uma peça. Talvez vocês tenham ouvido falar do tesouro da Ravina do Corvo?

Wylie enfiou as mãos nos bolsos, encolhendo os ombros contra o frio.

— Outra lenda?

— De forma alguma. O tesouro inclui uma coleção de artefatos mágicos e *sejas* acumulados desde a fundação das ordens.

— E por que iríamos precisar disso? — Longbranch fingiu indiferença, mas os olhos brilhavam de ambição.

— Diz-se que o Coração do Dragão é a mais poderosa *sefa* conhecida, capaz de destruir a todos nós. Não sabemos se as ordens servis compreendem quão poderoso ele é, ou como usá-

lo. Mesmo assim, seria prudente irmos armados a qualquer confronto com eles.

— Se Hastings está envolvido, podemos supor que ele descobriu — disse Wylie, a boca se retorcendo em repugnância.

— Os meus agentes em Trinity me informaram que ele não está lá — disse Jessamine. — E nem a Linda Downey.

— Pergunto-me quem está no comando — murmurou D'Orsay.

— O Snowbeard está lá — disse Jessamine. — Além dele... —

Ela hesitou, depois começou a contar com os dedos enluvados.

— É o garoto, McCauley, basicamente. E a Íris Bolingame.

Jason Haley parece ter desaparecido. Talvez haja outros magos.

— Ela revirou os olhos. — Jack Swift e Ellen Stephenson organizaram um exército de fantasmas.

— Elimine o McCauley e a coisa toda vem abaixo — disse Wylie. — Ele parece ser o elo mais forte da corrente.

D'Orsay se perguntou como podia ser tão difícil.

— Vocês não têm ninguém dentro do santuário? — indagou ele, delicadamente. — Um ataque generalizado pode não ser a melhor alternativa.

— Nós enviamos assassinos — disse Wylie com franqueza. — Eles nunca voltaram, nunca entraram em contato de novo. Devem ter sido identificados e eliminados imediatamente.

— O McCauley parece estar bem protegido — ponderou Longbranch. — Afinal, ele não passa de um garoto.

— Tem *certeza* de que não é o Hastings? — indagou D'Orsay, contendo um tremor.

Wylie balançou a cabeça.

— Até onde sabemos, o Hastings e a Downey estão em algum lugar na Europa.

Eles todos olharam rapidamente em torno, como se o casal pudesse cair em cima deles a qualquer momento.

— Nesse caso — disse Jessamine, sorrindo —, talvez possamos simplesmente entrar e pegar a pedra.

Os sorrisos se espalharam por toda a volta.

O vento uivava sobre a Cabeça do Corvo, e o pavilhão estremeceu sob sua força. Grossas gotas de chuva respingaram na lona. D'Orsay gesticulou, e as chamas na lareira ficaram mais quentes.

Devereaux falou de novo:

— Pai, por que deveríamos dar qualquer coisa a eles? Eles não têm nada para dar em troca.

"Rapaz esperto", pensou D'Orsay, com carinho.

— Nós oferecemos a liberdade de ir e vir — disse Jessamine. — Como o seu pai com certeza compreende. Se conseguirmos sozinhos o Coração do Dragão, o Pacto dele é inútil. Junte-se a nós e podemos negociar emendas ao Pacto para distribuir o poder entre nós. Parece que a pedra é que tem sido a fonte de poder o tempo todo, e nós éramos escravos de velhos mitos e lendas sobre dragões. Não haverá nenhuma necessidade de aderir às velhas restrições, de compartilhar o poder fora do nosso círculo. — Ela passou um dedo na esmeralda que lhe pendia do pescoço. — As possibilidades são ilimitadas.

Claude D'Orsay sorriu. Era um campo de jogo familiar, pelo menos. Mais um acordo proposto entre magos envolvendo termos a serem negociados mais tarde. Com assassinatos e derramamento de sangue, sem dúvida. E, dado o fato de que ele não tinha nenhuma carta na mão, nem mesmo o Pacto, era uma proposta atraente.

— Certamente podemos chegar a um acordo — disse D'Orsay, olhando para cada um dos jogadores.

— *Pai* — protestou Devereaux —, a gente não pode simplesmente...

— Mais tarde, Dev — disse D'Orsay, levantando a mão.

Dev cedeu, as mãos se retorcendo em irritação.

D'Orsay se voltou para os outros.

— O meu filho e eu faremos o inventário do tesouro e providenciaremos uma inspeção pessoal.

Após uma discussão sobre mais algumas questões logísticas, a reunião foi encerrada. Os D'Orsays se despediram das Rosas e ordenaram aos servos que desmontassem o pavilhão. D'Orsay e Dev desceram para a ravina, ansiosos para irem para junto da lareira dentro do castelo.

— Então — disse D'Orsay, quando haviam alcançado a base do vale —, você não gosta da idéia de partilhar do tesouro com as Rosas.

— Por que a gente deveria fazer isso? Ele pertence a nós. À *nossa* família.

— Temos que sair desta maldita ravina, Dev. O que quer que seja o Coração do Dragão, o que quer que ele faça, precisamos recuperá-lo. Aí estaremos de novo no jogo. Não tivemos notícias da Alicia há semanas. Por isso não é provável que tenhamos sucesso sem as Rosas.

— O que acha que aconteceu com aquela garota? A Alicia?

— É difícil dizer. É arriscado lá fora, Dev. É por isso que tenho mantido você por perto.

— *Ela* vai aonde quiser. *Ela* faz o que bem entender — disse Devereaux com inveja.

— E *ela* pode muito bem estar morta — retrucou D'Orsay, impaciente.

Por que Dev andava tão rebelde ultimamente?

Dev parou junto aos jardins que levavam para o castelo.

— Que estranho — disse ele. — A ponte levadiça está erguida e o portão está fechado.

D'Orsay piscou para conseguir ver em meio à chuva e olhou para o castelo. A ponte levadiça havia sido pouco mais do que uma peça decorativa desde a assinatura do Pacto séculos atrás.

Na verdade, ele erguera a ponte pela última vez na noite em que Jason Haley invadira a ravina. Afinal, ele tinha feitiços de proteção e sentinelas para avisá-lo de qualquer perigo.

A ponte estava erguida agora.

— Que diabos? — resmungou D'Orsay. — Vai ver o Stephen está sendo super protetor esta noite, por causa dos nossos convidados.

— Bem, ele devia estar à nossa espera — disse Dev. — Devia ter notado que estávamos chegando e aberto o portão.

Dev não tolerava falhas por parte da criadagem. Começou a caminhar a passos rápidos estrada acima, provavelmente com a intenção de repreender Stephen.

— Devereaux! Espere! — sussurrou D'Orsay, mas o garoto já estava bem longe.

D'Orsay estava ofegante quando alcançou o galpão junto à parte mais elevada do jardim. Ele se apoiou na parede do galpão, olhando de relance para dentro, e notou, enfiado embaixo de um dos bancos, um corpo, vestido apenas com as roupas de baixo. E, mais para dentro, outro corpo.

D'Orsay espiou o interior escuro, sem acreditar no que via.

— Stephen? — murmurou ele. Então se virou e correu atrás do filho, que àquela altura estava fora do seu campo de visão. Quando chegou ao topo da montanha, viu Dev na margem mais próxima do fosso, berrando na direção da guarita.

— Stephen! Abra, seu imbecil patético, ou vou...

— Devereaux! — gritou D'Orsay. — Saia daí!

Ele empurrou o filho para o lado bem no momento em que uma explosão de fogo mágico irrompeu da guarita e queimou o solo onde Dev estivera.

D'Orsay ergueu um escudo a tempo de desviar mais três ataques vindos de sua própria fortaleza. Seria possível que as Rosas tivessem se aproveitado da ausência deles do forte para se

infiltrar na ravina sem ser notadas? Teria a guarda do castelo se voltado contra ele?

Feitiços de proteção estavam sendo erguidos em todas as fortificações, barreiras poderosas contra qualquer magia que pudesse ser usada para derrubar as muralhas. Não que D'Orsay tivesse intenção de derrubar sua própria casa, se pudesse evitar. Eles recuaram até uma distância segura. Dev estava abalado, mas ileso. Rápido, ele acrescentou a sua força ao escudo de D'Orsay.

— O que aconteceu, pai? Aquele idiota do Stephen enlouqueceu?

— O Stephen está morto, Dev. O corpo dele está no galpão do jardim.

— O Stephen? Morto? — Os olhos de Dev se arregalaram. — Que horror! Não acredito.

Naquele momento, uma dúzia de homens da guarda com o uniforme de D'Orsay chegaram correndo.

— O que está acontecendo, senhor? — perguntou o comandante, arfando. — Vimos chamadas lá de baixo.

— Eu esperava que *vocês* me dissessem, o que poderiam fazer se estivessem em seus postos, onde deveriam estar — disse D'Orsay com sarcasmo. — Onde estavam?

— Nós... ahn...

Eles se entreolharam e esfregaram os pés no chão. Obviamente ninguém queria ser o primeiro a confessar. Finalmente o capitão falou.

— Meu senhor, nós ouvimos uma mulher cantando e fomos investigar.

— Vocês ouviram uma mulher cantando. — D'Orsay fez uma pausa, para o caso de haver entendido mal, e o capitão assentiu com a cabeça. — E vocês... vocês todos... foram investigar.

— Bem. — O capitão remexeu na manga. — Sim. Era... Bem, o senhor mesmo precisava ter ouvido.

— Ficaram enfeitiçados, não foi? E encontraram essa mulher?

Ele balançou a cabeça.

— Encontramos isto.

Ele estendeu a mão, e um pequeno pássaro de cristal cintilou no centro da palma cheia de calos.

D'Orsay derrubou o objeto da mão do capitão com um tapa.

— Um truque de encantador. E vocês caíram nele. E agora *alguém* me trancou fora da minha própria casa.

Foi quando lhe veio a suspeita de quem poderia ser esse alguém.

D'Orsay se voltou para o castelo, pôs as mãos em concha e gritou:

— Hastings! — Ele aguardou, depois repetiu: — Hastings! Sei que é você, por isso pode muito bem se mostrar!

Um instante mais tarde, ele ouviu, vinda do parapeito, uma voz risonha de mulher.

— Leander, por que você sempre leva o crédito por tudo?

Eles saíram para o caminho de ronda, lado a lado, envoltos em magia — o mago alto e a pequena encantadora, parecendo Romeu e Julieta trajando equipamentos de alpinismo.

Ou como os novos senhor e senhora da mansão.

Linda Downey e Leander Hastings. Claude D'Orsay tinha os dois aprisionados na ravina.

Era uma maneira de ver as coisas.

D'Orsay voltou-se para a guarda.

— Cerquem o forte — ordenou ele. — Não deixem que escapem.

— Oh, não temos nenhuma intenção de escapar — disse Hastings. — Gostamos daqui.

— Vocês dois não têm como defender o forte contra um exército — disse D'Orsay, tentando soar convincente.

— Quem disse que somos só nós dois? — replicou Downey. — E o forte parece incrivelmente bem construído. Alguma fraqueza da qual a gente deva saber?

Por muito pouco, D'Orsay não contou tudo a ela. A voz dela era como uma canção que se insinuava na mente até a pessoa se ver cantarolando junto.

Maldita! O Mestre de Jogos geralmente preferia manter distância da violência, delegando-a a outros. Mas, naquele momento, ele adoraria ter a oportunidade de fazer aqueles dois em picadinho. Pessoalmente. Com as próprias mãos.

O pior de tudo era que, com exceção de algumas peças selecionadas que D'Orsay escondera em outros lugares da ravina, a maior parte do tesouro de armas mágicas estava no cofre interno no Castelo da Ravina do Corvo — agora na posse de Downey e Hastings, e não mais acessível a D'Orsay e seus aliados. Havia o risco de que as Rosas ficassem pouco impressionadas com o pouco que ele seria capaz de oferecer — a contribuição dele à causa.

— Vamos deixar vocês sem comida até saírem! — ameaçou ele, embora não fosse do tipo de fazer ameaças vazias.

— Parece que isso vai levar algum tempo — disse Hastings. — Meus cumprimentos pela sua adega, Claude.

— Ele fez uma pausa. — Na verdade, estou achando a sua adega bastante... intrigante.

Ele havia encontrado o tesouro, então. Este era bem protegido com feitiços, mas... aquele *era* Leander Hastings. Muito em breve, ele usaria as *sefas* contra eles.

— Onde você vai estar nesse meio-tempo? — perguntou Downey docemente. — No caso de alguém telefonar?

Dev avançou na direção deles, e D'Orsay segurou-o pelo braço, puxando-o para trás.

— Não, Dev, eles estão tentando provocar você para que faça alguma tolice.

— Faça com que eles saiam! — O rosto de Dev estava vermelho de fúria. — Esta é a *nossa casa!*

— Deixe estar, Dev. — Ele se voltou para o capitão.

— Quero uma guarda 24 horas por dia neste castelo. Ninguém entra ou sai sem minha permissão. Qualquer um que tenha sobrado vivo lá dentro, fica lá. — Ele fez uma pausa. — E, com mil demônios, da próxima vez que ouvirem alguém cantando, tampem os ouvidos.

— Onde vamos morar, pai? — indagou Dev, desanimado. — Todas as minhas coisas estão lá dentro.

D'Orsay deu um tapinha nas costas do filho.

— Você queria sair daqui, de qualquer forma. Vamos juntar as armas que conseguirmos recuperar e ir para Trinity. Acho melhor estarmos lá para ficar de olho nos nossos novos aliados. Sabe, acho que o Hastings e a Downey cometeram um erro tático ao virem para cá. A posse do tesouro não tem importância, em comparação com a posse do Coração do Dragão. Com o Hastings e a Downey no forte, os rebeldes perderam dois dos agentes mais eficientes que possuíam. Vejamos como as crianças se viram sozinhas, hein?

Capítulo Vinte e Três

Um Ultimato

-Jack.

Jack Swift parou com a mão na tranca da porta dos fundos e olhou para trás na direção das escadas. A mãe estava em pé no patamar, olhando para ele.

— Aonde você vai? — perguntou ela.

Era uma pergunta difícil de responder, já que ele estava indo cumprir o serviço de guarda do portão Weir, onde o trabalho dele era impedir as idas e vindas irrestritas de espíões, assassinos e possíveis ladrões mágicos. Ele celebrou o fato de que a Sombra Assassina estava escondida na bolsa pendurada às suas costas.

— Eu... vou dar uma caminhada. No parque Peny.

O portão Weir ficava dentro do parque Perry, a maior área de floresta contínua no santuário.

Becka desceu os degraus até chegar a uma altura em que pudesse olhá-lo nos olhos.

— Tudo bem se eu for junto? Faz muito tempo que não fazemos uma caminhada juntos.

— Bem. Isso seria... — *"Um desastre"*. — Seria ótimo, só que a gente vai escalar. No desfiladeiro. É uma escalada técnica. Você não iria gostar.

Ela cruzou os braços.

— Certo. Vou ser mais direta. O que está acontecendo?

— Acontecendo?

Becka hesitou. Cobrança não era algo que lhe vinha naturalmente.

— O Harold vem reclamando que você não tem aparecido por lá para preparar os barcos para a temporada. Ele teve de contratar outro capitão em tempo integral pra manter os dois barcos em operação. O Seph parou de trabalhar nas docas de vez. O Jason também. — Ela soltou um suspiro exasperado. — Você vai se formar em algumas semanas. Achei que ia querer ganhar algum dinheiro este verão. Ou tratar de se inscrever em alguns cursos para fazer no próximo semestre. Ou quem sabe você quer ir para Boston e trabalhar com o seu pai?

— Não — disse Jack rapidamente. — Quero ficar aqui.

— E fazer o quê?

Ela fez uma pausa. Como Jack não respondeu, falou:

— Eu me sinto responsável por vocês três com a Linda fora da cidade. — Uma nota de reprovação ficou evidente. — Embora *ela* pareça achar que o Seph e o Jason estão bem sozinhos. Não tenho visto o Jason há semanas. E ele não tem ido à escola também, pelo que sei.

Mensagens de aparência oficial enviadas pela seção de frequência da secretaria do colégio vinham chegando regularmente à casa de tia Linda, endereçadas aos *Pais de Jason Haley ou responsáveis por ele*.

Ali estava uma boa notícia que ele podia dar a Becka.

— O Jason está de volta, mãe. Voltou faz dois dias. Ele tinha ido... ahn... visitar a Madison no Condado de Coalton.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— No meio do semestre?

— É que depois ele ficou doente.

— Você sabe como a frequência às aulas é importante. O senhor Penworthy vai cair em cima dele.

— Caiu mesmo. Em cima dele, digo. O Jason passou a manhã toda na secretaria.

Jack não pôde deixar de pensar que havia um motivo pelo qual os heróis clássicos não tinham advogadas como mães.

— Não posso reclamar que você passe o tempo todo em casa jogando videogames. Na verdade, você nunca está em casa. —

Ela estendeu os braços e pôs as mãos nos ombros dele. — Pelo lado bom, é óbvio que você tem se exercitado. E não tenho ouvido falar de noitadas na praia.

Ironicamente, seria mais difícil conseguir esconder uma noitada na praia numa cidade pequena do que construir uma fortaleza mágica. Linda e Hastings não eram os únicos a ter uma rede de inteligência em Trinity. As informações voavam até Becka Downey de todos os lados da cidade.

Como se tivesse lido seus pensamentos, Becka se apoiou no corrimão e disse:

— O Bill Childers me disse que receia que você e o Will tenham brigado.

O pai de Will, o recém-eleito prefeito de Trinity, era um dos contatos regulares e melhores amigos de Becka.

— O quê? Não, está tudo bem entre a gente — disse Jack. — É só que as coisas têm estado meio complicadas com o horário de trabalho do Will. Além disso, ele está no time de futebol e tem os treinos e... tudo mais.

— Isso é outra coisa estranha. Você nem tentou entrar no time este ano.

Ela fez uma pausa e, como ele não falou nada, continuou:

— Por que não? Você adora futebol, ou costumava adorar.

— Eu só... só achei que não tinha tempo, por causa das aulas.

— O Bill perguntou se a Ellen tem vindo muito aqui. Acho que ela também está entre os desaparecidos.

Ellen morava com a família de Will.

— É. A gente tem... ahn... passado bastante tempo junto. Em caminhadas.

Jack deu uma olhada no relógio. Ele e Ellen fariam o próximo turno juntos na muralha, e ela lhe daria um pontapé se ele se atrasasse. Ela seguia bem a linha "disciplina militar" no que se referia à segurança do santuário.

— A Ellen já decidiu o que vai fazer no próximo outono?

— O quê? Ah. Ela ainda está pensando a respeito.

— Estou preocupada com ela. É tão inteligente e tem tanto *potencial*. Mas não parece estar nem pensando no futuro. —

Becka espanou a poeira do pilar do corrimão com a bainha da camiseta. — Se o problema é dinheiro, eu posso dar uns telefonemas. Dou um jeito de angariar a quantia que ela precisa para ir para a faculdade.

E ela faria isso mesmo. Becka sempre oferecera ajuda a quem precisasse.

Ela era também pacifista. Por isso ele não sabia como contar a ela que, se não fosse a crise iminente em Trinity, a saída vocacional óbvia para Ellen seria um posto num exército mercenário mágico.

— Você sabe que o dia de visita à Faculdade de Trinity é amanhã.

"Xiii."

— Eu preciso mesmo ir? Sinto como se eu tivesse passado a vida inteira naquele campus. Acho até que poderia liderar a excursão e contar os segredinhos sujos de quase todos os professores.

Becka riu.

— Tenho certeza de que sim. Mas desta vez você vai estar lá num papel diferente. — Ela fez uma pausa. — Odeio admitir isso, mas talvez o seu pai tenha razão. Sobre você ir à escola numa outra cidade, seja da Ivy League ou não.

— Mãe, eu...

Becka foi em frente.

— Você viveu aqui por toda a vida. Nunca conheceu outro ambiente. Pra ser sincera, estou surpresa que você queira ir para a Faculdade de Trinity. Sei que morar numa cidade pequena dá nos seus nervos. Às vezes a gente precisa ir pra outro lugar pra apreciar o que se tem aqui.

— Eu aprecio o que tenho aqui — disse Jack, em desespero. — Não quero ir para uma escola em outra cidade. Trinity está bom para mim.

— Escute só o que você está dizendo: "Trinity está bom para mim". Quando eu tinha a sua idade, mal podia esperar pra ir para a faculdade. Queria ficar o mais longe possível dos meus pais. Queria viver num dormitório estudantil horroroso, mergulhar nos poetas ingleses e ficar fora a noite toda. — Ela franziu a testa e mordeu o lábio. — Certo. Esqueça essa última parte.

Ele fez o melhor que pôde para evitar uma mentira explícita.

— Sinto como se este ano fosse como... sabe como é... o momento da virada. Como se nada fosse ser igual depois dele. O Fitch vai pra Stanford. O Will vai para a universidade estadual de Ohio. Sei que eles vão voltar nas férias e tudo, mas mesmo

assim. — Ele fitou o chão, evitando os olhos dela. — O Seph, a Ellen, o Jason e eu... a gente só está tentando encontrar o nosso caminho. Quero viver este verão antes de fazer planos para o resto da minha vida. Espero que você possa... confiar em mim. — Ele a encarou. — Acredite em mim. Não acho que o meu futuro vai depender de se vou entrar na Escola de Direito de Harvard ou não.

Ela estudou-lhe o rosto, depois assentiu com a cabeça.

— Muito bem. Vou deixar você sossegado. Mas quero que vá até a seção de alunos amanhã e se matricule em alguns cursos. Você sempre pode desistir depois, mas se decidir em setembro que quer cursar, não vai conseguir vaga.

— Certo. — Ele transferiu o apoio de um pé para o outro, sentindo o peso da Sombra Assassina às suas costas. — Obrigado, mãe. Até mais tarde.

Em passos rápidos, tentando recuperar o tempo perdido, Jack atravessou o campus a caminho do parque Perry. Construções cobertas de hera se agrupavam pelos canteiros. Árvores altas sombreavam as calçadas de pedra que se entremeavam aos gramados. Era um lugar para se isolar do mundo exterior. Mas o mundo exterior tinha a mania de invadir a vida de Jack.

Apesar das passadas velozes, foi interceptado antes de chegar à orla do arvoredo. Will Childers apareceu de um lado e Harmon Fitch do outro. Vestiam calções esportivos e camisetas de futebol e carregavam bolsas, o que indicava que acabavam de vir do treino de futebol. Jack sentiu uma pontada de inveja.

— Ei, Jack — disse Fitch, acompanhando o passo, apesar da passada mais longa de Jack. — O que é que há?

— Faz tempo que a gente não se vê — acrescentou Will.

— Não é verdade — disse Jack.

"Devia ser o dia de ir ver o que é que há com o Jack", pensou ele.

— Fitch, você acha que ele sabe que a gente vai embora daqui a uns três meses?

— Não é possível, Will. Se soubesse, ele seria mais atencioso com os velhos amigos. Ia se sentir nostálgico em relação aos velhos tempos. Estaria pensando na grande despedida que se aproxima.

— Então aonde você vai, Jack? — indagou Will, puxando a bolsa de Jack. — Jogos de guerra na floresta?

— Como a gente pode ajudar? — perguntou Fitch. — A gente foi buscar o Jason. O que mais a gente pode fazer?

— Esta guerra não...

— Eu sei — disse Will, erguendo a mão para deter o discurso.

— Esta guerra não é nossa. Só está acontecendo na nossa cidade e envolve todos os nossos amigos. Vamos fingir que discutimos sobre isso e finalmente concordamos que esta guerra *é* nossa.

— Tudo bem — disse Jack, cedendo. — Venham. Vou mostrar o que a Ellen e eu temos aprontado.

Não que houvesse muito para eles verem. O parque Perry se estendia além dos limites da cidade de Trinity. Mercedes havia colocado o portão Weir bem no meio da floresta, na esperança de que o tráfego fosse menos perceptível pelos cidadãos não mágicos. Nick Snowbeard havia construído uma barreira em torno do portão para afastar os Anaweirs que fizessem suas caminhadas por lá. Era um feitiço de confusão um pouco mais elaborado. Jack teve de criar uma abertura para Will e Fitch. Ainda assim, a passagem pela barreira não foi muito agradável para nenhum deles.

— Isso me lembra a Ravina do Corvo — disse Will, estremeando.

Fitch ficou tão pálido que as sardas se salientaram no rosto dele.

— Por que tem que ser tão horrível?

— Fica ali logo em frente — disse Jack, indicando a Will e Fitch a direção correta.

— O quê? — Fitch espiou em volta, entre as árvores. — Onde?
— Está bem ali — disse Jack, gesticulando. — Está terminada, finalmente. Tem... ahn... cerca de doze metros de altura e quatro e meio de largura. A gente está indo para o portão.

Jack abriu o zíper da bolsa e tirou de dentro a Sombra Assassina.

Will olhou para ele, desconfiado, como se alguém estivesse tentando lhe passar um trote.

— Você quer que a gente acredite que tem uma muralha ali.

Jack assentiu com a cabeça, testando a espada nos ares, sentindo a excitação costumeira da conexão com a Sombra Assassina. A lâmina cintilava sob a luz que era filtrada pelas árvores.

— Eu vi aquele outro lance de muralha-barreira. Na Ravina do Corvo — disse Fitch. — Mas não enxergo esta aqui.

— Isso é porque esta é só para os dotados. São os únicos que conseguem enxergar. Vocês podem passar direto através dela.

— Ele atou o boldrié e deslizou a espada para dentro da bainha.

— Lembram quando o Seph veio para Trinity pela primeira vez, e aqueles magos puseram uma barreira pra manter ele do lado de fora? Mesmo tipo de coisa.

Mas não era o mesmo tipo de coisa, de forma alguma. Warren Barber havia construído uma monstruosa teia de aranha em torno de Trinity com a intenção de capturar Seph McCauley. Era bastante eficaz — tecida com gavinhas que pareciam cobras, que agarravam quem tentasse atravessar.

Mas Mercedes não tolerava a idéia de construir algo que não acrescentasse beleza ao mundo. Por isso aquela muralha era uma estrutura elegante, como o baluarte cristalino de algum castelo de fadas, coberto com ameias, florões, torres grandes e pequenas. Flâmulas do Dragão Prateado tremulavam nas torres.

O portão era um barbacã impressionante que se projetava da muralha.

Jack escutou Ellen antes de a avistar.

— Venham e tentem passar por mim — gritou ela. — Quem quer ser o primeiro?

Jack ouviu a música da espada sendo brandida.

A isso seguiu-se o sibilar distorcido de vozes.

Jack libertou a Sombra Assassina, atravessou a arcada correndo e encontrou Ellen, com a Abridora de Caminhos na mão, enfrentando quatro magos irritados.

Ellen estava pálida, determinada e mais do que um pouco abalada. Por um bom motivo. Alinhados contra ela estavam o velho inimigo de Ellen, Geoffrey Wylie da Rosa Vermelha, e aquela que fora a cirurgiã de Jack e quisera ser sua mestra guerreira, Jessamine Longbranch da Rosa Branca. Os dedos de Jack tocaram o lugar no peito onde ela fizera a incisão, salvando-lhe a vida e mudando-a para sempre.

Inacreditavelmente, ali estava também Claude D'Orsay, o cúmplice de Gregory Leicester que havia dado o golpe em Second Sister a fim de roubar das Rosas o controle sobre as ordens. O que ele estava fazendo na companhia daqueles dois agora?

Junto com D'Orsay estava um menino loiro, de cerca de 14 anos, que observava tudo com ávido interesse. De vez em quando D'Orsay se inclinava e dizia algo ao garoto, como se estivesse explicando.

"Algum tipo de aprendiz de monstro?", perguntou-se Jack.

Era como uma daquelas cenas em que se confronta os demônios do passado. Ele jamais pensou que veria os líderes de ambas as Casas de Magos trabalhando juntos. Muito menos chegando à reconciliação com Claude D'Orsay. Aquilo dava calafrios em Jack.

— Que bom que pôde vir — resmungou Ellen entre dentes cerrados quando Jack tomou o lugar dele junto a ela.

Os magos se movimentaram também, todos tentando recuar. Ninguém parecia ansioso para enfrentar a Sombra Assassina.

— Onde você estava? — indagou Ellen.

— Fiquei preso em casa. A minha mãe queria saber onde temos passado todo o nosso tempo, e se você vai pra faculdade.

— Oh. O que você disse pra ela?

Os magos avançaram. Jack fez chammas explodirem da ponta da espada, forçando-os a recuar.

— Falei que a gente está tentando encontrar o nosso caminho.

Ellen assentiu, com relutância.

— Foi uma boa.

Na verdade, Jack achou que, como um grupo, os magos pareciam meio doentes e abatidos. Mas também pareciam animados, como se tivessem acabado de ver a cura chegando ao horizonte. Eles ficavam olhando em direção ao centro da cidade, como limalhas de ferro alinhadas diante de um poderoso ímã, embora Claude D'Orsay se mantivesse um pouco distante.

Jessamine Longbranch finalmente se adiantou, empurrando os outros com os ombros.

— Jackson, estou feliz que esteja aqui — disse ela, jogando para trás a juba de cabelos negros. — Essa guerreira se recusa a nos deixar entrar no santuário. Diga a ela que saia da frente antes que eu faça algo irreversível.

— Você perdeu a cabeça — retrucou Ellen. — *Isso é irreversível.*

A Abridora de Caminhos cantou num amplo arco, lançando faíscas sobre o grupo de magos. Longbranch pulou para trás, quase caindo.

— Novas regras, doutora Longbranch — disse Jack. — O santuário está fechado até segunda ordem.

— Por ordem de quem? — indagou Wylie. A voz do mago tinha um toque sibilante e seco, como ar escapando de um pneu, e o rosto dele, marcado por uma cicatriz, estava contorcido numa carranca.

— Da Comissão do Santuário — respondeu Jack.

— Bobagem — disse Wylie. — Os magos estão se matando uns aos outros por todo o mundo. Não temos tempo para lidar com as ordens servis.

Ele avançou como se tivesse a intenção de passar. Jack jogou o mago para trás com um golpe de ar, fazendo-o cair de costas.

Jack estendeu a Sombra Assassina, pressionando a ponta contra o pescoço de Wylie até que começou a escorrer sangue. Os outros magos se remexeram em desaprovação, resmungando entre eles. Wylie fitou a lâmina, os olhos arregalados e meio vesgos.

— Da próxima vez vou mais fundo — disse Jack, afastando a Sombra Assassina de Wylie e dando um passo para trás. Ele estremeceu. O que estava acontecendo com ele? Ele se lembrou do tempo em que a idéia de fazer alguém sangrar parecia impensável.

Longbranch olhou de relance para Wylie como se não se importasse de vê-lo com o traseiro no chão, depois se voltou para Jack.

— Você sempre foi tão deliciosamente físico, Jack — disse ela, como se ele fosse algum tipo de curiosidade bárbara e explosiva.

— Agora escute aqui. Exigimos falar com o *mago* no comando dessa nova política.

Uma nova voz falou:

— Esse sou eu.

Cabeças se voltaram.

Seph McCauley não havia se vestido para o papel (trajava uma camiseta preta e jeans), mas Jack precisava admitir que ele tinha certa presença que fazia com que as pessoas o levassem a sério. Cada vez mais, ele fazia Jack se lembrar de Hastings. Era algo além da aparência: era a aura de poder que emanava de Seph, ou talvez a intensidade que parecia mal contida dentro dele.

Longbranch estreitou os olhos para observar Seph.

— *Você* está no comando?

— Bem... — Seph deu de ombros com modéstia. — Da segurança, pelo menos.

— Então é verdade. Este lugar está realmente sendo administrado por novatos adolescentes.

Seph deu um meio sorriso.

— Se fosse uma questão de idade, eles teriam escolhido a pessoa mais velha.

Wylie lutou para se levantar, limpando as roupas com as mãos, lançando a Jack um olhar venenoso que dizia que ele se arrependeria algum dia.

Mas não hoje. Jack havia recebido tantos daqueles olhares vindos de magos que apenas acrescentou mais um à conta.

De repente, Nick Snowbeard estava lá. Ele sempre tivera a incrível habilidade de aparecer do nada. Não era que se movesse mais rápido do que a luz. Era como se as pessoas simplesmente não o houvessem notado até aquele momento.

— Jessamine, Geoffrey. Por favor — disse o velho mago. — Parem de desperdiçar o nosso tempo e digam o que diabo vocês querem.

Longbranch olhou para o centro da cidade, onde a torre do sino da Igreja de St. Catherine despontava acima das árvores. Então se voltou para Nick.

— Esses jovens guerreiros estão nos negando entrada.

Nick fez um gesto de aprovação com a cabeça.

— Esse é o trabalho deles. Por ordem da Comissão e do Seph, como responsável pela segurança.

— Vocês não podem fazer isso — rosou Wylie. — Temos tanto direito de entrar quanto qualquer um.

— O que está havendo?

Cabeças giraram novamente. Jason Haley saiu de dentro do arvoredo.

— Então você está aqui — disse D'Orsay baixinho, mas alto o bastante para Jack ouvir.

O menino loiro junto a ele bateu no braço de D'Orsay e apontou para Jason, sussurrando algo ao Mestre de Jogos.

— Ora, ora, Jason Haley. — Wylie olhou para Jason como alguém olharia para uma ex-namorada com quem talvez não devesse ter rompido. — Não o vejo desde Second Sister.

— Ah, sim, é verdade: quando o Seph e eu salvamos a pele de vocês. — Jason se virou e cambaleou para trás, fingindo perceber D'Orsay pela primeira vez. — D'Orsay! D'Orsayzinho! Tão longe de casa? Que se passa? — perguntou, abrindo um sorriso de crocodilo.

D'Orsay inclinou a cabeça.

— Senhor Haley — disse ele, os olhos cintilando, parecendo igualmente predatórios.

Jason olhou de Longbranch e Wylie para D'Orsay, e de novo para os dois primeiros.

— Epa, isso não é possível. Você está com eles? — Jason pressionou as costas da mão contra a testa, como para verificar se estava com febre. — Espere aí, isto é um sonho?

— Se não nos deixar entrar, exigimos uma reunião — disse Longbranch, esforçando-se ao máximo para ignorar Jason.

— Perdoar e esquecer, é isso? — Jason deu um sorriso irônico.

— Beleza.

— ... com *quem quer* que esteja em posição de negociar

— continuou Longbranch com teimosia.

— Ei, D'Orsays, eu ficaria esperto, se fosse vocês — prosseguiu Jason. — Trancaria as minhas portas, mudaria a minha senha, contrataria um provador de comida e sabe lá o que mais. Esse é o grande lance com os magos: nunca se sabe de um dia pro outro quem está com você ou contra você.

— Tudo bem, Jess — disse Nick, parecendo lutar para conter o riso. — Vamos deixar você entrar em uma reunião.

— Ele olhou para Seph. — O que você sugere?

— Não mais do que três magos — disse Seph, observando os candidatos. — Nada de *sefas*.

— Certamente Devereaux pode vir junto — disse D'Orsay. — Ele é só um menino, afinal, e detesto deixá-lo sozinho.

Seph hesitou, depois assentiu.

— Muito bem. Jack, Ellen, talvez a gente deva trazer mais alguns guerreiros para reforçar o portão.



Jason notou que Longbranch e Wylie ficavam lançando olhares para ele durante todo o trajeto até o pavilhão. Dava quase para ver as engrenagens girando, o que era estranho, pois a maioria dos magos não tinha dificuldade em sorrir para alguém enquanto lhe passava o braço por trás e lhe esfaqueava as costas.

D'Orsay mantinha Devereaux perto de si, como se Jason pudesse atacá-lo assim que tivesse uma oportunidade. Jason sorriu para os dois do jeito menos tranqüilizador possível.

Eles se acomodaram ao redor de uma mesa de piquenique de madeira vermelha.

— Então — disse Nick, juntando os dedos nodosos em forma de torre sobre o tampo da mesa —, qual é o problema?

Longbranch tirou uma farpa de madeira da palma da mão.

— O mundo dos magos está um caos. Assassínatos, roubos, batalhas campais. Alguns dos tesouros foram saqueados e as armas roubadas. É cada mago por si. As leis estão sendo esquecidas. No entanto, quando viemos ao santuário, o encontramos fechado para nós.

Seph pigarreou, os cantos da boca se revirando.

— Ahn... Estão dizendo que estão aqui como... refugiados?

— Estamos dizendo que precisamos trabalhar juntos para restaurar a ordem entre as ordens — disse Wylie com calma.

— A necessidade de restaurar a paz já uniu antigos inimigos — disse D'Orsay em tom solene, gesticulando em direção a Wylie e Longbranch. — Torcemos para que concordem em se juntar a nós também.

"Daqui a pouco eles vão começar a cantar o Kumbaya", pensou Jason, tamborilando os dedos na mesa.

— E aí o que acontece? — indagou Jason.

Wylie endireitou as mangas para ganhar tempo.

— O que quer dizer?

— Quem está no comando?

— Tenho certeza de que podemos chegar a um... acordo satisfatório em relação a um governo compartilhado — disse Longbranch, arqueando as sobrancelhas negras.

— Vocês tinham algo específico em mente quando disseram que deveríamos trabalhar juntos? — indagou Nick.

Os três magos se entreolharam. É claro que tinham.

D'Orsay falou pela primeira vez.

— Sabemos que o Haley invadiu a Ravina do Corvo e roubou alguns artefatos mágicos importantes... *Sefas* que estão na minha família há gerações. — D'Orsay olhou para Jason como ele fosse desmoronar e confessar.

— Artefatos que, por direito, pertencem a todos nós — observou Wylie. — Temos motivos para acreditar que eles estão aqui no santuário.

— E aonde vocês querem chegar? — perguntou Nick, sua lendária paciência se esgotando. — O que vocês querem?

— Queremos o que foi levado da ravina — disse Longbranch. — Queremos o Coração do Dragão.

Era como se ela houvesse soltado uma bomba no meio da mesa. Todos ficaram congelados, fitando uns aos outros.

— O Coração do Dragão — disse Seph, devagar e deliberadamente. — Que, na verdade, é...

— É a arma do século — retrucou Wylie. — Incrivelmente poderosa.

— Mesmo? — Jason se inclinou para a frente. — Quem disse isso pra você?

— Temos o livro que você deixou cair na ravina quando atacou o meu filho — disse D'Orsay, dando um tapinha no ombro de Devereaux.

— Na verdade, foi ele que pulou em cima de mim — retrucou Jason.

— Quando você estava *invadindo*. — Devereaux levantou-se parcialmente do assento. — Você é um *ladrão*, é isso o que você é.

— Devereaux, agora não é o momento — murmurou D'Orsay, puxando o filho de volta para a cadeira.

Devereaux libertou o braço com um puxão, fazendo uma careta. D'Orsay fingiu não notar.

— O diário diz muito claramente que qualquer um que controle o Coração do Dragão vai governar as ordens. Ou destruí-las.

— Vamos usá-lo para restaurar a ordem — disse Longbranch. — E assegurar uma paz duradoura.

— Restaurar a ordem — disse Nick, pensativo. — Um negócio complicado, com certeza.

— Não tente negar que ele está aqui — avisou Longbranch, as faces coradas, como se estivesse sentindo muito calor. — Podemos sentir a presença dele. Certamente você compreende que as coisas não podem continuar como estão. Uma vez que a situação seja estabilizada, todos nesta mesa terão um papel a cumprir — declarou, varrendo a todos com os olhos.

"É", pensou Jason. "Eu vou fazer o papel de cadáver. Um entre muitos."

— Se tivéssemos uma arma — disse Seph —, por que a gente compartilharia com vocês?

Wylie sorriu.

— *Sefas* poderosas devem ser manuseadas com delicadeza e habilidade. Senão é mais arriscado usá-las do que deixá-las em paz. Estamos dispostos a correr esse risco por vocês.

— Que generoso — resmungou Nick, — Vocês têm alguma idéia de como utilizar o Coração do Dragão? Ou vai ser um chute no escuro?

— Não se preocupe — disse D'Orsay, com alegre confiança. — O texto dava instruções detalhadas e explícitas.

— Não me lembro de ter visto isso — replicou Jason.

Ele dera apenas uma olhada rápida, mas o Coração do Dragão só havia sido mencionado na última página, quando o dragão estava morto e a serva morrendo.

— Você deve ter deixado passar essa menção — disse D'Orsay, enquanto Longbranch e Wylie fitavam-no com suspeita.

— Enfim — disse Wylie. — Acho que podem ver que é do interesse de vocês cooperar. Caso contrário, podemos tornar a vida de vocês bastante desconfortável.

— Se lhes entregássemos uma arma incrivelmente poderosa, parece-me que vocês poderiam ir muito além do desconfortável — comentou Nick.

Os olhos de Longbranch cintilaram de irritação.

— Deixe-me ser clara. Entreguem o Coração do Dragão e vocês governarão as ordens ao nosso lado. Recusem-se e vamos destruir esta cidade com tudo e todos dentro. Até a criança mais jovem e seu bichinho de estimação.

"E lá se vai o Kumbaya", pensou Jason.

Nick levantou-se abruptamente, um sinal de que a reunião havia terminado.

— Deixamos vocês entrarem e dizerem o que queriam. Agora falo eu. — Ele fez uma pausa, olhando para todos ao redor da mesa. — Tenham cuidado e vejam bem a quem vocês ameaçam, ou poderão acabar como vítimas de um poder que nem conseguem imaginar.

— O que estão dizendo? — rosnou Wylie. — Vocês nem...
Seph se esticou em toda a sua altura, uma cobra letal se desenrolando.

— O que estamos dizendo é: se atacarem o santuário, *nós vamos usar o Coração do Dragão*. Será o último erro que cometerão.

Longbranch levantou-se e fez um gesto para Wylie.

— Se entrarmos em guerra, ninguém dentro destes muros vai sobreviver. — Ela lançou um olhar venenoso para Will e Fitch, que estavam nos arredores. — E isso inclui a sua família e os seus amigos Anaweirs.

Nick ergueu a mão com impaciência para conter a torrente de ultimatos.

— Jason, você poderia acompanhar os nossos visitantes até o portão.

Jason se levantou.

— Com prazer.

Eles caminharam na direção do portão, Jason e Longbranch lado a lado, e Wylie, D'Orsay e Devereaux à frente. Longbranch diminuiu o passo para que os que estavam à frente se distanciassem mais.

Mal estavam fora do alcance dos ouvidos dos outros, Longbranch se voltou para Jason.

— Você parece ser um jovem bastante esperto. Apesar disso, foi enviado para fazer o serviço arriscado na Ravina do Corvo, enquanto o McCauley, o Snowbeard e o Hastings davam as ordens.

Jason olhou direto em frente.

— Eu... ahn... me ofereci como voluntário.

— Por quê?

— Tenho meus motivos.

Ela pôs a mão no braço dele, e ele sentiu a fisgada do poder. Ele se virou, e eles ficaram frente a frente, envoltos num círculo de árvores.

— A pedra pertence a você, por direito — disse Longbranch. — *Você* a trouxe da ravina. *Você* é que deveria se beneficiar dela.

Jason não disse nada. A pedra nunca saía de seus pensamentos e era ainda mais inebriante agora que estava ao seu alcance.

Encorajada pelo silêncio dele, Longbranch foi em frente.

— O que você quer? Você poderia subir na hierarquia, se isso lhe agrada. Ou você poderia se esquivar da política e viver como um rei com um séquito de encantadores, feiticeiros e Anaweirs para servi-lo. Podemos dar a você acesso ilimitado a qualquer coisa que o faça feliz.

— Qualquer coisa que me faça feliz?

— Sim — sussurrou Longbranch, inclinando-se para perto. — O que é que você quer?

— D'Orsay.

Longbranch pestanejou, momentaneamente sem fala.

— O quê?

— Quero a cabeça de D'Orsay. Foi por isso que me ofereci pra ir até a ravina. — Jason deu um sorriso torto. — Mas, por outro lado, você vem tentando pegar o cara há meses sem sucesso. Eu cheguei mais perto do que você jamais chegou e saí vivo. Por isso não tenho nenhum motivo pra achar que você pode fazer esse serviço pra mim.

Longbranch olhou de relance para Wylie e D'Orsay, depois de novo para Jason e sorriu. Dessa vez com sinceridade.

— Não se preocupe com isso. Você me entrega o Coração do Dragão, e eu lhe entrego o D'Orsay.

Capítulo Vinte e Quatro

Idiota

Leesha conhecia de cor a planta do apartamento. Andara de um lado para o outro milhares de vezes, da porta que levava para fora e para a liberdade, passando pela cozinha bem equipada e

pela sala de estar até o minúsculo quarto. Todos os aposentos forrados de estantes de livros. Todas as estantes cheias de livros. Ela dormia num colchão japonês no segundo andar, no escritório com prateleiras de pergaminhos, latas de meleca misteriosa e garrafas de poções fedorentas. As escrivatinhas estavam entulhadas de manuscritos, plantas arquitetônicas, objetos mágicos não identificados e máquinas esquisitas.

O velho lhe dissera em quais objetos ela não deveria mexer e, depois de duas semanas, ela viu que era melhor mesmo não tocar em nada daquilo. Leesha chupava os dedos cobertos de bolhas, distraída, apanhava objetos que não lhe eram proibidos e os colocava de novo no lugar.

O ponto alto do dia foi quando a mãe de Jack, Becka, saiu de casa, entrou no carro e deu partida.

Leesha até sentia saudades de tia Milli. Embora viver com ela fosse, de certo modo, aterrorizante, a tia sempre dera a Leesha o tempo e a atenção que ela não recebera de ninguém mais.

Mesmo assim, ela sabia, no fundo do coração, que havia coisas bem piores do que ficar escondida no apartamento de Nick Snowbeard, sobre a garagem, cercado de feitiços de proteção.

Barber estava lá fora em algum lugar. Pelo menos agora, com a muralha erguida, ele não podia entrar e sair livremente da cidade. Com sorte, ele pensaria que ela estava morta. Até ali, no coração do santuário, ela estremecia ante pequenos ruídos e acordava no meio da noite suando frio.

Toda vez que pensava em Jason ficava com o estômago embrulhado, o que significava que se sentia nauseada todo o tempo. Uma lembrança lhe voltou: o sol reluzindo por entre os pinheiros nevados, a minúscula coruja de penas eriçadas, os brilhantes olhos azuis de Jason e a ânsia dele de lhe mostrar algo novo.

"Seria bom se a gente pudesse apenas ficar juntos", dissera ele, sem tentar extrair nada dela além de sua companhia.

Como ela pudera entregá-lo a Barber? Por que não era possível voltar e consertar os erros da vida?

Ela não estava acostumada à culpa. Estava acostumada a ser uma jogadora. Estava acostumada a ter opções, a sempre planejar o próximo passo. Ela poderia procurar outros aliados — Longbranch e Wylie, por exemplo. Poderia voltar a procurar D'Orsay. O Coração do Dragão poderia ser o caminho para chegar à boa vontade deles.

Ela sentia a atração constante do Coração do Dragão, noite e dia. Era como uma corda ligada à sua pedra Weir. Era como se a pedra houvesse despertado, e seu poder fluorescente pulsasse por todo o santuário.

Encontrá-lo não era o problema, embora ele estivesse, com certeza, fortemente protegido por feitiços. O problema *dela* era que estava imobilizada, deprimida pela perda. Não queria mais ser uma jogadora.

Como se seus pensamentos houvessem invocado o demônio, Leesha ouviu um barulho na garagem. Depois o lento som ritmado de passos nas escadas. Uma chave girou na fechadura, e a porta se abriu.

Era Snowbeard. O velho ficou postado à entrada, pacotes nas mãos, o sorriso se transformando em perplexidade.

— Você está bem, Alicia?

Ela engoliu o medo que sentia.

— Como acha que estou? — murmurou ela.

— Ah. — Ele avançou arrastando os pés, largou as chaves num prato junto à porta e depositou um saco da padaria e uma lata de chá na mesa. — Não conseguiu se divertir?

A pergunta a fez se sentir culpada, como se pudesse evitar o tédio.

— Me divertir? Como?

Snowbeard pôs a chaleira no fogo, apanhou um prato do armário sob a pia e dispôs sobre ele uns brownies de aparência pecaminosamente deliciosa.

— Tentou ler algum dos livros que separei pra você?

Ela balançou a cabeça, de olho nos brownies.

— Não conseguia me concentrar.

— Que pena! São alguns dos meus favoritos. Tinha esperança de que pudéssemos discuti-los esta noite. — Ele fez um gesto em direção à mesa. — Por favor, sente-se. Vamos jantar daqui a pouco, mas creio que devemos comer primeiro a sobremesa. Gostaria de um chá, café, refrigerante?

Ela escolheu chá, depois foi para a mesa e se sentou.

Ela mordeu um brownie. Ficou feliz de ter o metabolismo de uma maga. O velho trazia doces fantásticos todos os dias.

Quando a chaleira apitou, ele a trouxe para a mesa e serviu o chá. Depois se sentou também.

Leesha soprou o chá e pegou outro brownie.

— Não agüento isso — disse ela. — Não saber o que está acontecendo, quero dizer.

— Bem, vejamos. A gente se encontrou com o Wylie, a Longbranch e o D'Orsay hoje — disse Snowbeard.

Leesha engasgou com o chá, cuspidando sobre a mesa.

Snowbeard fingiu não notar.

Leesha limpou a toalha com o guardanapo.

— Todos eles juntos?

O velho assentiu com a cabeça.

— Parece que eles descobriram um denominador comum.

Todos eles odiavam Alicia Middleton, para citar um.

— O que... o que eles disseram?

— Pediram permissão para entrar no santuário.

Leesha apertou a xícara de chá.

— E vocês disseram...?

— Nós recusamos.

— Eles disseram por que queriam entrar?

— Eles querem o Coração do Dragão.

— O Cora... o que é isso?

Snowbeard balançou a cabeça, parecendo desapontado.

— Ora, faça-me o favor.

Ela se irritou.

— Não ligo para o que qualquer um pense, eu nunca... — Parou de falar quando os olhos do velho a pregaram à cadeira. Ela engoliu em seco. — E agora?

Ele deu de ombros e apoiou as mãos enrugadas na mesa.

— Eles ameaçaram destruir a todos nós.

— O que vocês disseram? — indagou Leesha, sem conseguir conter o interesse.

— Para resumir, dissemos que eles podiam vir e tentar.

Snowbeard sorriu e até ganhou certo ar juvenil.

— Uau, você está... hum... confiante.

Snowbeard esfregou a lateral do nariz.

— Temos armas com as quais eles nem sonham.

— O que vocês vão fazer comigo?

Leesha observou o velho, torcendo para que ele traísse suas intenções. Eles iriam matá-la. Sabia disso. Não fazia idéia de por que estava viva até agora, a menos que estivessem esperando por Hastings. Ela havia ajudado na muralha, mas isso não importaria, no fim das contas. Ela seqüestrara Will e Fitch, traíra Jason e não conseguira entregar-lhes Barber.

É claro que eles não sabiam exatamente o que ela fizera com Jason.

— A existência do Coração do Dragão e a presença dele no santuário é do conhecimento de todos, ao que parece. Portanto, você não tem nenhuma informação que possa nos prejudicar. Assim, você tem uma escolha, minha querida. Você pode deixar o santuário e ir aonde quiser.

— Vocês me deixariam ir? — perguntou Leesha, espantada.

Snowbeard abriu um sorriso afável.

— Com a condição de que nunca mais volte.

Leesha analisou essa idéia como faria com uma pedra preciosa, procurando por falhas.

— Os meus inimigos vão me assassinar. O Barber e a doutora Longbranch.

— Acho que vai descobrir que eles estão... ocupados com outras coisas. A curto prazo, pelo menos. Pode ser um bom momento para desaparecer.

Leesha concordou com um gesto de cabeça.

— Certo. Você disse que tenho uma escolha. Qual é a minha outra opção?

— Você pode ficar aqui, como tem ficado.

Ela indicou o apartamento minúsculo com um gesto de mão.

— Vou morrer de tédio se ficar aqui por mais tempo.

Morrer de culpa era o mais provável. Ela precisava de algo para fazer, algo para parar de pensar em Jason.

A boca de Snowbeard se retorceu.

— Não se preocupe. Se ficar, nós *vamos* achar alguma coisa pra você fazer.

— Por que vocês me deixariam ficar? — Leesha estava realmente curiosa.

— Bem, dado o seu histórico, talvez seja melhor ter você ao alcance de nossos olhos. E estamos precisando especialmente de magos. — Snowbeard fez uma pausa. — Antes de tomar uma decisão, há algo que você precisa saber. O Jason voltou duas noites atrás.

Por um momento, Leesha pensou que fosse desmaiar de verdade (ela havia fingido desmaiar dúzias de vezes). Todo o sangue deixou-lhe a cabeça e correu para onde quer que o sangue vá quando se leva um choque.

Se não estivesse sentada, ela teria caído.

— O J-J-Jason *voltou*? Ele está *vivo*? Ele está *bem*? — Ela praticamente gritou.

— A resposta a todas essas três perguntas é "sim".

— Não acredito! — Impulsivamente, Leesha abraçou o velho (não era o tipo de coisa que fizesse normalmente), depois recuou e olhou-o com desconfiança. — Você não mentiria para mim, não é?

— Não. Eu não mentiria. — Snowbeard estudou-a com um ar sagaz. — Embora o Jason tenha tido um encontro bem horrível com o Warren Barber.

Houve uma longa pausa. "Ele *sabe*", pensou Leesha. O velhote sabe. Mas ela estava feliz demais para se importar.

— Certo. O Jason... falou alguma coisa sobre mim?

— Acho que vocês dois precisam conversar um com o outro — disse Snowbeard.

Nem mesmo aquela idéia era capaz de fazer com que sua animação diminuísse. No fim, talvez não fosse nada bom para ela que Jason estivesse vivo, mas aquilo a deixava radiante.

No fundo de sua mente, uma voz gritou: "*Voltar e consertar os erros*".

Talvez.

— Se você decidir ficar, devo avisar que não vai poder mudar de idéia mais tarde — declarou Snowbeard. — Uma vez que eles tenham sitiado a cidade, vai ser difícil sair.

Era ridícula a idéia de que eles logo estariam sob sítio. Ela sentia a presença cumulativa de centenas de magos como um laço se apertando ao redor da cidade. No entanto, sentia uma estranha relutância em partir, como aqueles idiotas que resolvem resistir a um furacão num acampamento de trailers.

Havia um poder naquela cidade, como um enorme coração pulsando que atraía as pessoas para seu ritmo até que marchassem ao som dele, batida por batida. Dar-lhe as costas era como se afastar da lareira e mergulhar no frio do inverno.

Era o Coração do Dragão. Tinha que ser. Mas talvez houvesse mais do que isso. E, se ela ficasse, talvez pudesse achar um jeito de reconquistar Jason.

— O que vocês vão fazer com os Anaweirs? — ela se viu perguntando.

— Sabe Deus! — Snowbeard revirou os olhos. — Tem alguma sugestão?

"Bem", pensou ela, "pelo menos os Anaweirs são maleáveis. Talvez pudessem ser todos mandados para Cedar Point para algumas semanas de férias. Ou postos em barcos e levados para o outro lado do lago. Que bom que a faculdade não estava..."

Ela ergueu os olhos abruptamente.

— O que está fazendo comigo? — indagou ela.

— Fazendo com você? Como assim?

Ela e Snowbeard tentaram pegar o último brownie ao mesmo tempo. O velho partiu-o em dois e deu-lhe metade.

— Você está me enfeitiçando ou algo parecido. Usando persuasão. Está fazendo com que eu me preocupe com a droga dos Anaweirs, quando eu devia estar pensando em salvar a minha própria pele.

— Minha querida, eu lhe asseguro, se está se preocupando com os Anaweirs, está fazendo isso por conta própria. — Ele se levantou e levou o prato para a pia, depois se virou e se recostou no corredor de louça. — Sou um homem muito velho, Alicia, e cometi muitos erros na minha longa vida, alguns dos quais imperdoáveis. Tenho que acreditar que as pessoas podem mudar. Que as pessoas merecem uma segunda chance.

— Eu posso mesmo ficar aqui? — perguntou Leesha com humildade.

— Foi o que eu disse. Gostaria disso?

Havia toda a sabedoria, mas nenhum traço de julgamento, no rosto do velho.

— Eu gostaria de ficar — disse ela, simplesmente.

Depois disse a si mesma:

— Idiota.

Capítulo Vinte e Cinco

À Espreita

Warren Barber estava ansioso por notícias, preso do lado de fora e ficando sem opções. Depois de ficar na moita por uns tempos, retornara a Trinity, torcendo para descobrir quais haviam sido os resultados do incêndio no depósito. Para a surpresa dele, a cidade estava cercada por uma muralha Weir com 12 metros de altura, muito mais elaborada do que qualquer coisa que ele já construía. E quem estava guardando o portão? Jack Swift e Ellen Stephenson, que haviam, de algum modo, escapado da armadilha em que os deixara.

Leesha com certeza estava morta. Ninguém além dele poderia ter tirado aquela coleira. Mas Leesha morta não era necessariamente uma boa coisa. Pois não havia nenhum jeito de ele passar pelos guardas por conta própria.

Ele se sentia como um menino trancado fora do circo, certo de que tudo estava acontecendo do lado de dentro. Voltou para junto da fronteira várias vezes. Ondulações de poder emanavam da cidade — como se alguém houvesse atirado uma pedra no centro de uma poça mágica.

A cidade inteira estava carregada de poder, e ele só queria mergulhar nele.

Warren não era o único matando tempo no lado errado da muralha. Havia um verdadeiro acampamento de magos nos terrenos e balneários à beira do lago, em torno da cidade. Ele tivera de se esconder quando avistara seu antigo aliado Claude D'Orsay junto a Geoffrey Wylie da Rosa Vermelha. Eles estavam inspecionando a muralha, testando-a com doses

cautelosas de magia. Procurando pontos vulneráveis, sem dúvida.

Qual era a deles? Desde quando eram tão amiguinhos? D'Orsay deveria estar trabalhando com Warren, *contra* as Rosas. É claro que não tinha havido nenhuma comunicação entre eles a não ser por meio de Leesha, e D'Orsay supostamente não deveria saber quem era o sócio dela. Como se Leesha não o tivesse traído de imediato.

Warren começava a se sentir dispensável. Haviam se passado semanas desde a última vez em que alguém tentara matá-lo. Enquanto alguém estivesse tentando matá-lo, sabia que era importante.

Ele estava com o Pacto, mas este parecia cada vez mais um pedaço de papel inútil, já que não tinha os meios de consagrá-lo. Não atraía ninguém útil para ele.

Era uma questão de classe. Warren podia ser um mago, governante dos Anaweirs e das ordens, mas os aristocratas que lideravam as Casas nunca lhe dariam um assento à mesa.

Após alguns dias, ele se cansou de ficar ali apenas observando os outros. O que ele precisava era de um novo sócio. Ou, de preferência, um servo. Ele podia escolher quem quisesse entre os Anaweirs, mas queria alguém que pudesse contribuir mais.

Alguém como Madison Moss.

Até onde ele sabia, Madison havia deixado Trinity. Ele não havia encontrado nenhuma pista de para onde ela fora ao revistar o quarto dela. Mas, se ela não estava em Trinity, estava em algum lugar.

Foi pateticamente fácil. Ele pegou um carro num estacionamento próximo e seguiu até Cleveland. Foi até a biblioteca pública e entrou na internet. A busca por Madison Moss levou a vários sites de exposições de arte no Condado de Coalton em Ohio.

Condado de Coalton. Ele havia seguido Jason Haley até o sul do Condado de Coalton. Warren nunca conseguira descobrir por que ele estava por lá.

Agora sabia. E agora que tinha um nome e um lugar, não seria difícil encontrá-la.

Brice Roper começava a pensar que ser mago não era assim tão maravilhoso. Sim, ele podia ter *quase* qualquer garota, conseguir *quase* qualquer coisa, incendiar *quase* tudo o que queria.

Mas havia sido assim durante toda a sua vida. Era rico, mimado e, desde os tempos mais remotos da infância, concentrava sua atenção naquilo que não tinha. E o que não tinha era a habilidade de conseguir o que queria de Madison Moss. Isso estava ligado a muitas outras coisas, como impressionar o pai — o que era importante, porque não conseguia se lembrar de nenhuma vez em que isso houvesse acontecido. Aqueles eram os objetivos dele: impressionar o velho e depois sair do Condado de Coalton para sempre.

Isso o consumia, mesmo sabendo que deveria simplesmente partir e se esquecer da Carvão Roper, do pai e de ser humilhado na montanha Booker.

Aquilo estava em seus pensamentos quando acordava, estava em seus pensamentos quando ia para a cama e contaminava-lhe os sonhos. Ele ficava mal-humorado na sala de aula e era grosso com os que eram corajosos o bastante para se sentar com ele à mesa do almoço. Todo o charme de ser o rei de uma corte de alunos do último ano do colégio estava se esgotando.

O fato de seu pai se tornar cada vez mais insuportável à medida que desciam a ladeira da ruína financeira não ajudava em nada. Bryson Roper Pai havia abordado Madison Moss formalmente sobre a venda da montanha Booker, e ela recusara formalmente. A única coisa boa era que Bryson Pai passava bastante tempo

fora da cidade, tentando arrumar financiamentos, fazer acordos, encontrar um sócio, qualquer coisa.

Carlene não era de nenhuma ajuda. Ela alegava ter insistido com Madison até perder a voz, sem que isso fizesse qualquer diferença.

Brice ainda não compreendia onde Madison se encaixava no esquema mágico das coisas. Ele andara perguntando a todos, e ninguém ouvira falar de uma ordem de Bruxos. Ninguém além dos magos exibia aquele tipo de poder.

O que ele não queria admitir era que sentia um frio no estômago diante da idéia de enfrentá-la de novo.

Por isso ele passava os dias como um sonâmbulo durante as aulas, evitando o pai e sonhando com vingança.

Certo sábado, ele acabara de voltar de uma longa cavalgada e passara o cavalo para Mike. Estava caminhando na direção da casa para tomar um banho bastante necessário, quando alguém chegou num jipe e estacionou na frente do estábulo.

Eles não recebiam muitos visitantes não anunciados, por isso Brice esperou, apoiando-se nas estacas do cercado.

Era um rapaz desconhecido, de altura mediana, talvez um pouco mais velho do que Brice, com cabelos louros esbranquiçados e despenteados e pálidos olhos azuis que eram um tanto assustadores. Caminhava com passos suaves, flutuando sobre o solo como um predador. Brice sentiu ao mesmo tempo um forte interesse e um desconforto irritante. Ele olhou rapidamente para trás, tentando ver se Mike ainda estava à vista, mas este havia ido levar Annie para o estábulo.

— Posso ajudá-lo? — perguntou Brice, fingindo indiferença.

— Talvez — disse o rapaz, sorrindo. — Acho que estou perdido. Estou procurando por Madison Moss. — A voz dele era suave, mas, assim como seus passos, chamavam a atenção. — Ouvi dizer que mora nesta estrada. É aqui?

Não, quis dizer Brice. Não é. Agora dê o fora daqui.

Mas não o fez. Aquele cara estava procurando por Madison. Seria também um bruxo? Era por isso que era tão ameaçador?

— Você está perdido *mesmo* — disse Brice, forçando um sorriso. — O que você quer com a Madison?

— A gente se conheceu no último verão, e venho procurando por ela desde então — disse o desconhecido. — Queria fazer-lhe uma surpresa.

Era uma coisa estranha de se dizer, como se o cara a estivesse espreitando, mas Brice teve a sensação de que o outro não se importava com o que Brice achava daquilo. Como se o que ele pensasse não tivesse importância.

— Talvez ela tenha mencionado você. — Brice olhou de novo para trás procurando por Mike, que não havia reaparecido. — Qual é o seu nome?

— Isso não é importante — disse o rapaz de cabelos claros. — Como chego à casa dela?

— Bem — disse Brice, tentando parecer desinteressado. — Não vou lhe dar as indicações sem saber quem você é.

O estranho atacou, rápido como uma cobra, atirando Brice contra a cerca. Ele agarrou Brice pelos ombros e lançou um fluxo de persuasão para dentro dele. As defesas mágicas de reflexo de Brice eram fracas em comparação, mas chamaram a atenção do rapaz.

— Você é mago! — exclamou ele, soltando Brice.

Ele parecera surpreso e um tanto cauteloso, mas não particularmente impressionado.

— V-você também? — gaguejou Brice.

O mago manteve as mãos erguidas à altura da cintura, como que pronto para se defender.

— Ora, ora. Quem diria? — O rapaz fitou Brice, depois olhou em volta, como se outros magos mais poderosos pudessem sair inesperadamente de algum lugar. — Em qual Casa você está?

— Hum — disse Brice, sentindo uma inferioridade social com a qual não estava acostumado. — Eu não estou... afiliado no momento.

— Quer saber de uma coisa? Eu também não. Qual é o seu nome?

— Brice Roper.

— É amigo da Madison ou o quê?

— Não exatamente — disse Brice, imaginando que aquela era a resposta mais segura. O outro mago ainda não lhe dissera o próprio nome. Era mais um interrogatório do que uma conversa.

— Ela é uma conhecida, só isso. Foi minha colega na escola.

— Vocês não estão namorando, então, nem nada? — O tom do rapaz era ligeiramente zombeteiro.

— De jeito nenhum! — Brice não conseguiu afastar a amargura da voz.

O rapaz sorriu.

— Então não se importa se eu fizer uma visita a ela, não é?

Brice se sentiu lisonjeado. Era um tipo de lance entre magos, como se o rapaz pedisse permissão para entrar no território dele.

— Bem, acho que gostaria de saber o que você quer com ela.

Não que Brice estivesse preocupado com Madison, mas àquela altura sua curiosidade fora despertada.

— Não se preocupe. Não desejo nenhum mal a ela. — O rapaz sorriu, os olhos cintilantes. — Não se ela cooperar.

Brice fitou o outro mago. A esperança venceu a surpresa. Talvez houvesse encontrado a solução para o problema dele. Um modo de se vingar de Madison.

Mas aí ele se lembrou do episódio na montanha Booker. Será que aquele mago arrogante sabia o que ela era capaz de fazer?

— Bem — disse Brice. — Ela... hum... não foi cooperativa no passado. Eu teria cuidado, se fosse você.

— É mesmo? — disse o rapaz, avaliando-o com uma intensidade súbita. — Me conte mais.

— Por que não vamos até a casa? — sugeriu Brice. — Aí contarei tudo o que sei sobre ela. — Ele se virou na direção da casa, então parou, recobrando um pouco de confiança. — Você disse que o seu nome era qual mesmo?

A irritação cruzou o rosto do rapaz, e Brice achou que havia cometido um erro. Então o mago sorriu e estendeu a mão.

— Na verdade, eu não disse. Eu me chamo Warren Barber.

Capítulo Vinte e Seis

Terra de Ninguém

Jason pronunciou o feitiço de imperceptibilidade e passou pelo portão Weir, ouvindo o sussurro das trancas mágicas quando um dos guerreiros fantasmas, Mick, fechou-o atrás dele. Passava da meia-noite, mas a lua não havia nascido. Além da muralha, a escuridão era opressiva, e uma chuva constante engolia a luz. Mas Jason fazia aquele trajeto quase todas as noites no papel de espião. Jason adquirira bastante prática de espionagem em seus tempos do Porto Seguro. Agora ele passava por entre duas árvores como se fosse etéreo.

Estava bem equipado para o papel de espião, pois este exigia pouco em relação a poderes mágicos. Apesar disso, era difícil percorrer a fronteira naqueles dias. Mal dava para se mexer sem tropeçar em algum mago. Para qualquer lado que olhasse, chamas mágicas faiscavam nas trevas como estrelas caídas na terra. Vozes de magos em múltiplas línguas colidiam sob o dossel das árvores.

Eles vinham de todos os lugares, cada vez mais, todos os dias. A Rosa Vermelha. A Rosa Branca. Mercadores. Os não afiliados. Atraídos para Trinity pelo pulsar do poder dentro das muralhas. Magos *acampando*, quem diria! Vivendo sem luxo na floresta. Como um Woodstock de Magos. Era quase engraçado. Mas nem tanto.

E, todo o tempo, os Anaweirs iam e vinham, sem notar a multidão se aglomerando, sem perceber a tensão crescente em qualquer um dos lados da muralha de Mercedes.

Desviando-se de vários acampamentos protegidos por feitiços, Jason atravessou um leito pedregoso de rio e escalou o barranco do outro lado. De lá podia monitorar as idas e vindas dos acampamentos dos magos e ter uma estimativa dos Weirs na região da fronteira. Porém dessa vez, ao chegar ao topo da elevação, notou que a vista havia se alterado dramaticamente. A paisagem estava obscurecida por uma sombra sinistra que se estendia até onde ele conseguia enxergar, em ambas as direções. Ele levou alguns instantes para entender o que era. Quando entendeu, praguejou e deu um soco na palma da mão.

As Rosas estavam construindo sua própria muralha, a poucas centenas de metros da fortificação de Mercedes. Era alta, lisa e ameaçadora, com arame farpado em seu topo, sem a graça e o estilo da barreira de Mercedes. Uma luz verde venenosa refletia nela, como uma mancha de óleo em água negra.

Era o tipo de muralha que se via em pesadelos; o tipo de muralha que a bruxa constrói para manter o príncipe do lado de fora. Ou do lado de dentro. O tipo de muralha que cerca o castelo do senhor das trevas. Era uma muralha que podia capturar tanto Weirs quanto Anaweirs. E, pelo jeito, estava quase terminada.

Eles deviam ter utilizado glamoures para esconder o progresso. Mesmo que tivessem precisado esperar escurecer para começar a construir, eles tinham mais magos para dividir o trabalho do que Mercedes e suas equipes. Sem mencionar a potência mágica ilimitada. Era uma evidência do poder das forças alinhadas contra eles.

Jason desceu o barranco no lado oposto, deslizando e escorregando na terra solta. Sabia a quem creditar aquela jogada mais recente.

Os pavilhões elaborados e fortemente protegidos de Wylie, Longbranch e D'Orsay ficavam junto à muralha parcialmente construída. Lá eles traçavam seus planos e brigavam entre si, pelo que Jason havia observado nos dias anteriores.

Ao se aproximar dos pavilhões, Jason moveu-se com cautela, alerta para armadilhas e alarmes. Ele estaria muito melhor morto do que se fosse apanhado ali sozinho. Em frente, avistou as paredes de seda reluzente das tendas, encantadas para afastar a chuva. Nos picos acima tremulavam as flâmulas das Rosas Vermelha e Branca, e um corvo negro sobre branco que era a nova insígnia de D'Orsay.

Geoffrey Wylie estava em pé diante das tendas, dando ordens à enorme multidão de jovens magos em roupas molhadas de camuflagem. Entre eles estava Bruce Hays, um ex-aluno do Porto Seguro, segurando o cajado mágico de metal e vidro de Gregoiy Leicester e parecendo bem orgulhoso disso.

Com Wylie estava Jessamine Longbranch, vestida em camuflagem de alta-costura. E Claude D'Orsay.

As feições aristocráticas de D'Orsay eram nítidas sob a luz que vazava do pavilhão. O mago alto postava-se em meio a seus inimigos, aparentemente confortável, gastando pequenas doses de poder para manter a chuva afastada. Usava anéis em ambas as mãos — *sefas* poderosas, se Jason era capaz de julgar. O que queria dizer que D'Orsay viera bem armado para aquela reunião. Devereaux estava junto ao pai, os olhos arregalados, observando tudo.

— Vamos começar imediatamente — disse Wylie. — Os Anaweirs não percebem a muralha Weir dos rebeldes, já que podem passar livremente por ela. No entanto, qualquer um que deixe o santuário vai ficar preso na *nossa* muralha. Vocês vão capturar tanto os Weirs quanto os Anaweirs e trazê-los para a área de detenção, para serem fichados e identificados. Quando as notícias correrem, o povo da cidade, em pânico, com certeza

sairá em massa pela muralha interna. Teremos centenas de refêns, alguns deles com fortes laços com os rebeldes.

— O que vamos fazer com eles? — indagou Hays.

— Quando formos romper a muralha interna, colocaremos os refêns imobilizados na área intermediária. Desse modo, os rebeldes não vão poder usar o arsenal deles contra nós.

Esse era, pelo visto, o plano de Wylie, pois Longbranch revirou os olhos.

— Acha mesmo que magos vão negociar em troca de refêns Anaweirs?

Wylie deu de ombros.

— Quem sabe? Eles têm demonstrado uma inexplicável dedicação a eles.

— Que estranho! — Longbranch se virou para os soldados. — Vocês devem imobilizar os prisioneiros o mais rápido possível, para que não haja gritaria. Especialmente os Weirs. — Ela distribuiu bolsas de couro entre os soldados. — Isto é *Gemynd bana*. Assassino da Mente. Vai derrubá-los sem ser detectado pelos que estão dentro da muralha. Só tenham cuidado com isso, ou vão acabar vocês mesmos desacordados no chão.

Jason ficou paralisado. O pânico obstruía-lhe a garganta, dificultando-lhe a respiração.

"Droga", pensou ele. "Está começando. Está acontecendo. Quando se está com medo, por que a boca fica seca, enquanto as mãos ficam suadas?"

— Se houver alguma dúvida — continuou Longbranch —, usem um feitiço de imobilização. Não façam nenhuma bobagem! Podem ir.

Os soldados magos se dispersaram, deixando os três magos e o menino sozinhos.

— Ajudaria se soubéssemos mais sobre as armas que você nos forneceu, Claude — disse Longbranch.

— Hein? — D'Orsay parecia distraído, olhando com tristeza além de Longbranch e Wylie para as muralhas do santuário.

"Pode esquecer", pensou Jason. "Você nunca vai pôr as mãos no Coração do Dragão"

D'Orsay forçou-se a desviar os olhos do santuário e voltou-se para Longbranch.

— Você sabe tanto quanto eu, Jessamine. Vamos ter de nos arriscar um pouco.

— Parece-me que *nós* vamos nos arriscar, já que são os *nossos* magos que se envolverão no ataque.

— Eu ficaria mais do que feliz em contribuir — replicou D'Orsay —, mas temo não ter muitos exércitos à disposição no momento. Tive de deixar a minha guarda para trás para proteger a ravina.

— Eu posso lutar, pai — disse Devereaux, ansioso. — Sou só um, mas...

— Não, Dev — disse D'Orsay, franzindo o cenho. — Não desta vez. — Ele se voltou para as Rosas. — Como vocês pretendem encontrar o Coração do Dragão quando estivermos lá dentro?

Longbranch e Wylie se entreolharam, depois fitaram o santuário.

— Acha mesmo que vai ser difícil de encontrar? — disse Wylie. Jason analisou as suas possibilidades, considerou e descartou várias opções. Ele poderia ouvir mais se ficasse, mas os magos já estavam esperando por qualquer um que atravessasse a barreira. Não havia tempo a perder.

De costas, ele se afastou dos pavilhões dos magos, pisando com cuidado para não trair a própria presença, embora o coração parecesse estar batendo alto o bastante para ser ouvido.

Assim que se distanciou, Jason se virou e correu na direção de onde viera.

Ao se aproximar da muralha interna, diminuiu o passo. A lua havia nascido, e raios de luz penetravam pelo dossel das árvores

e banhavam a trilha com luz prateada. O caminho parecia livre adiante.

Jason deixou a trilha, cortou caminho por entre as árvores e aproximou-se do portão pelo leste. Ele sondou a borda nebulosa da floresta do outro lado da clareira e viu movimento nas sombras por lá. Então, surpreendentemente perto, alguém estapeou um mosquito. Jason mal conseguiu se conter para não pular para trás, entre os arbustos.

A armadilha já estava montada para os residentes de Trinity. Jason estava determinado a não cair nela. Imperceptível ou não, Mick ainda precisaria abrir o portão para deixá-lo entrar.

Contendo o fôlego, Jason atravessou a clareira aberta na direção do portão. Os pelos da nuca se arrepiaram. A qualquer momento, esperava ser atingido por um feitiço de imobilização.

Quando chegou à muralha, pressionou a palma contra o portão.

— Mick — sussurrou ele. — Abra.

Não houve resposta.

— Mick — repetiu Jason, um pouco mais alto. — É o Jase. Me deixe entrar. Ande logo.

Ele olhou para trás de relance e viu três magos saindo de dentro do arvoredo, olhando para o portão. Jason reconheceu Bruce Hays, com o vistoso cajado.

Jason bateu no portão com o punho.

— Vamos lá, Mick. Abra a droga do portão!

Por fim, ele escutou ruídos vindos de dentro, a voz de Mick infelizmente reboando alto, vomitando palavrões irlandeses de uma outra era.

— Será que um sujeito não pode tirar água do joelho no meio da noite sem que lhe venham encher as pelotas?

Jason olhou para os magos atrás. Hays ergueu o cajado e apontou-o diretamente para Jason.

— *Aetywan!* — gritou Hays.

Uma névoa se projetou da ponta do cajado e envolveu Jason numa nuvem de vapor.

Incapaz de responder em seu estado imperceptível, Jason prendeu a respiração para evitar inspirar o gás, agachou-se a fim de se fazer um alvo menor e lutou para se lembrar do pouco anglo-saxão que conhecia.

Aetywan. Devia significar... *revelar?*

— É o Haley!

Berros reverberaram pela clareira.

Jason baixou os olhos para ver a si mesmo. O anteriormente imperceptível Jason fora de fato revelado. Era como ser despido no meio da rua principal durante uma festa no quarteirão organizada pelos piores inimigos.

— Peguem! — gritou Hays. — Agarrem! Peguem ele vivo!

Eles correram na direção de Jason como cães de caça seguindo um cheiro e ladrando. Mais magos surgiram da floresta.

— Mick! — Jason ergueu um escudo patético, firmou os pés no chão, agarrou a borda do portão e puxou. — Abra agora ou pode me esquecer!

Ele estava cercado por magos, num caleidoscópio de rostos excitados. Muitos jogavam Assassinos da Mente sobre ele. Apesar de fraco, o escudo repeliu o pó. Um mago cambaleou e tombou, vítima de fogo amigo.

Enfim o portão se moveu, terrivelmente devagar, com a litania de pragas de Mick continuando do outro lado, só que agora com certo tom de urgência. Jason ouviu pés correndo dentro do barbacã de portão duplo. Um baque surdo de corpos contra o portão e este se escancarou, jogando Jason e um punhado de guerreiros para a terra de ninguém entre as barreiras.

Jason se levantou com dificuldade enquanto Mick passava por ele voando, balançando o machado em júbilo, soltando um grito de batalha em gaélico. Jack, Ellen e Jeremiah vieram atrás,

armas reluzindo, forçando os magos a recuar em direção à muralha externa. Fogo mágico se espalhava nos ares, incendiando as copas das árvores.

Quanto tempo até que as chamas e os sons de batalha atraíssem os Anaweirs para além da barreira interna e para as mãos das Rosas?

Sem armas, Jason correu atrás dos guerreiros quando dois magos se aproximaram por trás. Jason derrubou um dos magos e incapacitou-o com um toque mágico, aplicado no ponto vulnerável sob o queixo. Ellen derrubou o outro com o lado cego da espada.

— O que está acontecendo? — indagou Jack, rebatendo um raio vindo do elegante cajado de Hays. — Parece que todos os demônios estão a solta.

— Grande encrenca — disse Jason, arquejando. — Tem um exército esperando lá fora. Eles construíram uma muralha própria. Estão planejando capturar as pessoas para manter como reféns. Temos que voltar.

Com relutância, os guerreiros pararam de perseguir os magos e recuaram, lançando chamas para trás para desencorajar a perseguição. Uma vez passado o portão, Jason ajudou a colocar as trancas no lugar enquanto os muros estremeciam sob o ataque dos magos.

— Cadê o Seph? — perguntou Jason, sem fôlego. — Não podemos esperar mais. Temos que fazer alguma coisa a respeito dos Anaweirs. Já.

Capítulo Vinte e Sete

Um Pacto com o Demônio

O rádio na velha picape de Min só captava três estações. Dava para escutar o que se quisesse, desde que fosse *country, western*

ou *rock* clássico. Madison aumentou o volume e cantou junto, inventando as palavras que não sabia.

Ela baixou as janelas, e os cabelos chicotearam-lhe os ombros. Os gorjeios de primavera e o grave rugir dos trovões competiam com o rádio. O sabor do ar indicava que choveria antes de amanhecer.

À medida que as montanhas se erguiam em ambos os lados, até o sinal das estações mais potentes começou a falhar. Por isso ela desligou o rádio e ensaiou suas falas.

— Sou Madison Moss. Estudo no Instituto de Arte de Chicago.

Aí o estômago se revirou de novo — em parte por medo, em parte por alegria.

Sara havia conseguido o dinheiro através de um programa de bolsas de estudo para alunos carentes. Quem diria que viver de nada além de sonhos por toda a vida daria em alguma coisa? Mas Sara dissera que ela não ganhara a bolsa apenas pelo fator necessidade.

— A comissão de bolsas de estudo adorou o seu trabalho, Maddie —, Sara lhe falara. — Eles disseram que você tem uma perspectiva única, que atrai tanto aqueles que gostam de arte primitiva quanto aqueles que preferem a arte conceitual. Estão loucos para conhecer você.

Aquela parte a deixava nervosa. E se eles vissem seus cabelos selvagens e as roupas de loja barata, ouvissem o seu jeito de falar e achassem que haviam cometido um erro? E se a tratassem como uma mendiga, desajeitada e caipira, que necessitava da caridade deles?

Não importava. A obra era o que importava. Ela acharia um jeito de sobreviver ao encontro com a comissão. E de freqüentar o Instituto de Arte de Chicago no outono com a bolsa de estudos.

O portfólio ia junto dela no banco do carona. Sara havia se espantado com algumas das imagens mais exóticas, mas achava que elas fariam sucesso em Chicago.

Chicago. Madison nunca estivera lá. Haveria bibliotecas, museus e teatros. Ela poderia se sentar em cafés e conversar sobre livros, arte e música. Assuntos dos quais ninguém falava em Coal Grove. Todos os dias ela veria milhares de pessoas que não sabiam nada sobre ela. Que não haviam ainda formado uma opinião sobre Madison Moss.

Ela mal podia esperar.

Estava morrendo de medo.

Um sonho levava a outro. Talvez ela ainda conseguisse convencer Seph a estudar na Northwestern. Se fosse tarde demais para ele começar no outono, ele poderia se transferir na primavera. Poderia dar certo. Ele se sentia à vontade em qualquer lugar. Além do mais, ele se dava bem em cidades grandes. Tinha um jeito de organizar o mundo em torno dele, como se lhe servisse como pele. Saber que ela teria um amigo faria toda a diferença. Saber que esse amigo seria Seph...

Ela ficou presa na imagem do rosto dele: os olhos verde-acinzentados, como uma camada de fumaça sobre águas paradas, escondendo segredos. O porte esbelto preenchendo o espaço de uma porta aberta. O sorriso tão sábio, mas sem arrogância. O jeito como ele passava para o francês quando o inglês não lhe era adequado.

Os beijos.

Ela teve de pisar no freio e girar o volante de súbito para pegar a saída para a montanha Booker.

Você não tem jeito. Igualzinha a Carlene. Seph nunca irá para Chicago. Não por sua causa. Não enquanto o destino do mundo estiver em jogo. E quem poderia dizer o que aconteceria se ele fosse? Ela soltou o volante e examinou as mãos. Desde o dia em que tocara o Coração do Dragão, não vira mais sinal da

maldição que ela absorvera em Second Sister. Será que havia realmente sumido, ou era só porque estivera longe de Seph? Apaixonar-se era como cair de um precipício. Parecia-se muito com a sensação de estar voando, até o momento em que se atingia o chão.

A estrada mergulhou de novo na densa floresta e serpenteou por várias curvas fechadas, atravessando o riacho Booker pelas pontes de pedra que o bisavô dela construiu.

As primeiras grandes gotas de chuva atingiram o teto da picape quando ela estacionou no pátio. Estava escuro como breu àquela altura, e Carlene não havia nem acendido a luz da varanda.

Madison abriu a porta do motorista e saiu do carro. Apanhou a sacola de compras, pendurou a mochila no ombro e enfiou o portfólio embaixo do braço, com a intenção de fazer uma única viagem até a casa antes do dilúvio.

Quando chegou aos degraus, chovia forte. Ela hesitou sob o abrigo imperfeito do teto da varanda, pensando que Hamlet e Ofélia pudessem vir saudá-la. Mas nenhum cão veio até a varanda respingando água para saudá-la com entusiasmo. Nem Grace ou John Robert apareceram também.

Aparentemente eles eram espertos o bastante para ficar fora da chuva.

Assim que ela abriu a porta da frente com o ombro, escutou a televisão ligada na sala. Largou o portfólio e a mochila junto à porta.

— Mamãe? Grace? J. R.? Tenho notícias ótimas. Esperem só pra ouvir.

— Oi, querida — disse Carlene da outra sala. — Estou assistindo à televisão.

Madison pôs os ovos, o leite, o suco, os frios e o queijo na geladeira junto com o pote de maionese, o bacon embolorado, quatro garrafas de cerveja e a jarra de refresco artificial que já se encontravam lá dentro.

Ela jogou o bacon fora.

Estava escuro na sala de estar também. Carlene estava reclinada num canto do sofá, o rosto iluminado pelas imagens cambiantes da tela da televisão.

Madison acendeu a lâmpada do abajur de mesa.

— Está sentada aqui no escuro, mamãe?

— Ahn? — Carlene pestanejou. — Acho que sim.

Ela parecia meio sonolenta e distraída.

— Onde estão as crianças?

Carlene deu de ombros e olhou em volta, como se não houvesse dado pela falta delas.

— Ah, sim. Eles foram até a casa dos Ropers.

— Dos Ropers! — Os sonhos de Chicago se dissiparam na mente de Madison. Ela fitou Carlene. — Para quê?

— Acho que foram cavalgar.

Madison olhou pelas janelas molhadas.

— Bem, eles não estão cavalgando agora. Está chovendo a cântaros. Quando eles foram?

— Hoje de manhã. — Uma ruga surgiu entre as sobrancelhas delineadas a lápis de Carlene. — Acho.

Madison ficou tentada a agarrar a mãe pelos ombros e sacudi-la. Mas algo a deteve. Carlene parecia quase... enfeitiçada.

— Mamãe. — Ela se sentou junto a Carlene e tomou-lhe as mãos. — Como foi que eles foram cavalgar com os Ropers?

— O Brice Roper apareceu. Com um outro rapaz. — A mente dela pareceu divagar. — Que nunca vi antes.

— Como era esse outro rapaz?

— Tinha cabelo comprido, mais claro que o do John Robert.

As palavras de Min de muito tempo atrás lhe voltaram.

Vejo quatro belos meninos bruxos se aproximando. Dois vão reclamar o seu coração de maneiras diferentes. Dois são impostores que virão à sua porta: um moreno, outro loiro. Todos eles têm magia...

Mas eles só vão ter o poder que você entregar a eles.

Madison se levantou, empertigou-se e respirou fundo. Foi até a lareira, tirou a arma do pai do estojo de madeira e enfiou-a na mochila. Apanhou as chaves e voltou para a sala de estar.

— Fique aqui, mamãe — disse ela, embora Carlene não estivesse fazendo nenhum movimento que indicasse que quisesse ir a algum lugar.

Carlene assentiu com a cabeça, distraída, já perdida na tela piscante.

A picape de Maddie, com os pneus quase carecas, deslizava e derrapava na estrada escorregadia devido à chuva. Pareceu levar uma eternidade para chegar até o retorno. Ela virou na entrada da propriedade dos Ropers entre os dois requintados pilares de tijolos e avistou a casa e as estrebarias pelo pára-brisa sujo. O elegante carro esporte de Brice estava estacionado no passeio da frente da casa. Ela estacionou ao lado dele, abriu ruidosamente a porta da picape e saltou para o chão. Virando-se, enfiou a mão na mochila e segurou a pistola de Jordan Moss.

Ela subiu os largos degraus até a varanda e derrubaria a enorme porta de nogueira mas esta já estava destrancada.

A casa se escancarou, vazia, diante dela, ecoando com os passos de Madison. Ela caminhou sobre a madeira lustrosa, atravessou o hall, entrou no corredor, viu aposentos ricamente mobiliados em ambos os lados. Nos fundos da casa, na grande sala de dois andares, um fogo ardia na lareira, a única fonte de luz. À direita, uma porta levava para o que provavelmente era a sala de jantar.

Um corpo jazia à entrada, os pés calçados com botas se estendendo até a cozinha. As botas eram familiares: couro preto e caro.

Abafando um grito, Madison cambaleou na direção do corpo de Brice Roper.

— Eu não chegaria muito perto — disse uma voz atrás dela. — Não está muito bonito. Não foi um dos meus melhores trabalhos.

Ela se virou. Suas chaves tilintaram ao cair sobre o piso de ladrilhos.

Ele estava postado entre ela e o corredor, como uma vela no escuro, reluzente de poder, exalando vapor ao expulsar a chuva das roupas. Estava vestido inteiramente de preto, mas o cabelo era tão claro que parecia translúcido.

Warren Barber.

Ele sorriu.

— Você não é fácil de se encontrar.

Embora o coração dela martelasse, ela conseguiu falar com a voz clara e firme.

— Onde eles estão?

— O quê? Nenhuma lágrima pelo pobre Brice?

— Quero saber o que você fez com os meus irmãos.

— Sabe, Madison, você realmente fez o cara de bobo. O que você disse para ele, que é uma bruxa?

Madison não disse nada.

— Mas você não é uma bruxa, é? Você é algo bem diferente. — Ele fez uma pausa, convidando-a a falar, mas ela continuou sem dizer nada. — De qualquer forma, ele estava completamente iludido. O pobre Brice estava tão feliz de ter encontrado um aliado poderoso! Ele odiava você, sabia? Você deveria me agradecer.

Vários pensamentos cruzaram-lhe a mente. Como ele a havia encontrado? O quanto sabia? Será que ela conseguiria fazê-lo tentar enfeitiçá-la?

— O que você quer? — indagou ela.

— Preciso da sua ajuda, Madison. — Ele parecia gostar de dizer o nome dela, como se o possuísse. — Preciso que faça algo pra mim.

— Você está louco.

Barber riu.

— Veremos. Acho que você vai fazer tudo o que eu pedir.

Talvez ele soubesse menos do que ela pensava. Ele parecia quase confiante demais. Talvez se ela o atacasse, ele lançasse poder sobre ela.

Os olhos pálidos dele cintilaram com malícia.

— Não me esqueci do que você fez em Second Sister. — Ele deu um passo na direção dela. — Grande erro. Ninguém vem atrás de mim com uma faca. Eu deveria ensinar uma lição a você. — Ele ergueu as mãos, aumentando as esperanças de Madison, depois as deixou cair de novo, sorrindo. — Mas estou disposto a perdoar e esquecer.

Ele sabe. Está só brincando comigo.

Ela sacou a arma, segurou-a com as duas mãos como o pai lhe ensinara e apontou-a para Warren Barber.

Barber parou de sorrir quando viu a arma.

— Eu *falei* pra você me dizer onde estão os meus irmãos.

Barber ficou totalmente imóvel por um longo instante, depois disse:

— Estou perdendo a paciência, Madison. Agora abaixe isso antes que alguém se machuque.

Ele deu um passo em frente.

— Estou avisando — disse Madison. — Tenho ótima mira.

Era verdade. O pai a havia ensinado a atirar. Mas ela era um fracasso como caçadora, porque jamais fora capaz de atirar em algo vivo. Barber poderia ser o primeiro.

Os olhos de Barber, com os núcleos pálidos e franjas de cílios brancos, eram frios e não piscavam, como olhos de cobra.

— Muito bem. Só quer saber de negócios, não é? Tenho algo pra mostrar pra você. — Ele bateu no bolso do casaco. — Posso?

Com relutância, Madison assentiu.

Ele enfiou os dedos no bolso e tirou de dentro algo brilhante, que estendeu a Madison.

Ela gesticulou com a arma.

— Jogue na mesa.

Barber fez um gesto com a mão, e os dois objetos caíram sobre a fórmica desgastada. Madison postou-se de modo a deixar a mesa entre ela e o mago, e olhou para baixo.

Foi como se alguém houvesse enfiado a mão em seu peito, agarrado o coração e apertado.

Um dos objetos era um velho canivete suíço, com as iniciais *JR* gravadas toscamente no exterior. O outro era um medalhão de ouro gravado com rosas numa levíssima corrente de ouro.

O canivete havia pertencido ao pai deles. John Robert o carregava consigo para onde quer que fosse e dormia com ele sob o travesseiro. Min havia deixado o medalhão para Grace. Madison havia prendido o fecho milhares de vezes quando Grace não conseguira fazê-lo, havia removido-o cuidadosamente e colocado sobre a cômoda quando Grace adormecia em meio à leitura. Ela o usava todos os dias.

Madison ergueu os olhos para Barber. Precisou de algumas tentativas para fazer a voz funcionar.

— Onde eles estão? — Dessa vez, ela não conseguiu afastar o tremor da voz.

— Ninguém jamais saberá onde eles estão se você atirar em mim.

Ela se recompôs e mirou mais baixo.

— Não preciso atirar na cabeça.

— E se eu sangrar até morrer? — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Qual é, Madison, você não é assassina. Além do mais, é provável que eu consiga bloquear o tiro. Baixe a arma e vamos conversar.

— Se eles estiverem feridos, eu vou...

— Você é a única que pode impedir isso. Coopere, e eles serão soltos. Senão... — Ele deu de ombros. — Seria uma pena.

— Como vou ter certeza de que eles ainda estão vivos?

Barber descartou a pergunta dela com impaciência.

— Eles são a minha garantia. Eu seria estúpido se acabasse com eles. A menos que você me desaponte. Quando nossos negócios estiverem terminados, eles serão soltos. Entende? Ninguém se machuca. Agora baixe a arma antes que eu perca a paciência.

Grace e John Robert. A rebelde e voluntariosa Grace e o inocente John Robert nas mãos daquele monstro. O que ele queria dela, para ter ido atrás deles?

Com cuidado, ela depositou a arma na mesa, recuou um passo e postou-se com os braços ao lado do corpo, fitando Warren Barber com raiva.

— Ótimo — disse Barber. Ele indicou a mesa da cozinha com a cabeça — Por favor. Sente-se.

Madison andou rígida até a mesa e se sentou. Tentou olhar para todos os lados menos para o corpo de Brice e o sangue derramado no chão. Barber tinha razão. Ela não era assassina.

Barber foi até a geladeira e remexeu lá dentro.

— Está com fome?

— Não.

O estômago de Madison se revirou, ameaçando rejeitar o pouco que havia em seu interior.

Barber tirou duas garrafas de refrigerante e um prato de pizza fria e os levou para a mesa.

— Conflitos sempre me deixam faminto, sabe como é?

Ele pôs uma garrafa de refrigerante na frente dela.

— O... J. R. e a Grace têm o que comer? — sussurrou ela.

— Você se preocupa demais. Não faz nenhum bem, reduz o seu tempo de vida.

Ele se sentou diante dela, girando a outra garrafa entre as mãos. Tatuagens de teias de aranha espalhavam-se pelos seus antebraços.

Ela empurrou o refrigerante de volta na direção dele.

— Eu não...

— Beba — disse ele.

Ela olhou nos olhos gelados, apanhou a garrafa e tomou um longo gole, forçando o líquido, garganta abaixo.

— Assim está melhor — disse ele, sorrindo. — Se acostume a fazer o que eu digo e vamos nos dar bem. Agora vou lhe dizer o que você precisa fazer. Vá buscar o Coração do Dragão. Então a gente faz uma troca: o Coração do Dragão pela Grace e pelo J. R. Justo?

— O qu-que você quer com aquilo? — indagou ela, não vendo nenhuma utilidade em negar que ouvira falar da pedra. — O que está planejando fazer?

— Apenas se concentre em ir lá e pegar a pedra — disse Warren, dando uma mordida na pizza. — Deixe que eu me preocupe com o resto.

Pensamentos e imagens rolaram pela mente dela como rochas montanha abaixo, chocando-se uns com os outros. O Coração do Dragão ainda pulsava dentro dela como um segundo coração. Se fosse tão poderoso quanto diziam, poderia ela colocar esse tipo de poder nas mãos de alguém como Barber?

Seph, Jason, Jack, Ellen e Nick... todos estavam lutando por algo em que acreditavam, por menores que fossem suas probabilidades de sucesso. Já era bastante ruim não tê-los ajudado. Agora Warren Barber queria que ela fosse até o santuário e traísse as pessoas que significavam tudo para ela.

Só que Grace e J. R. estavam naquela confusão por causa dela. Seph a avisara de que ela não conseguiria se livrar fugindo, e ela não lhe dera ouvidos. E se Barber descobrisse que Grace também era extratora...

"Toda a minha vida eu venho pagando pelos erros de Carlene", pensou ela. "Grace e J. R. não vão pagar pelos meus"
— Pode não ser fácil — disse ela. — Pode levar algum tempo.
Barber enfiou o último pedaço de pizza na boca e limpou os dedos na toalha.
— Só não se esqueça de que, quanto mais tempo levar, mais tempo a Grace e o J. R. vão ficar presos.

Capítulo Vinte e Oito

Rumo às Minas de Sal

Uma qualidade que Jack sempre apreciara na mãe, Becka, era a habilidade de fazer com que as coisas acontecessem, mesmo quando era acordada de um sono profundo no meio da noite. Em retrospecto, ele nem conseguia se lembrar do que havia dito a ela. Ou talvez fosse a aparência dele — todo enlameado e ensangüentado por causa da luta na fronteira. De qualquer forma, fora o bastante para arrancá-la da cama e fazê-la ir até o telefone. Como este estava mudo, ela enviara mensageiros, e o resultado era aquela reunião em torno da mesa da cozinha no Chalé de Pedra menos de uma hora mais tarde.

O vento castigava a casa e o granizo se chocava contra as janelas. Trovões ribombavam sobre o lago. Parecia sempre haver uma tempestade naqueles dias.

Era um grupo díspar. Ellen andava pelo aposento, corada e inquieta, ainda agitada pelos negócios inacabados na fronteira. O suor reluzia em seus braços vigorosos. Ela enxugou o rosto com a camisa, apesar da brisa fria que entrava pelas portas do terraço. Os olhos cinzentos estavam tão turbulentos quanto a superfície do lago.

Jack compreendia — o sangue ainda pulsava nas veias dele, o corpo rebelde em interminável preparação para a batalha.

Nicodemus Snowbeard parecia ter envelhecido muitas centenas de anos, mas os olhos negros ainda brilhavam com a mesma intensidade. Nick havia insistido em que Leesha Middleton fosse incluída, embora quase todos os outros se opusessem. Mas o velho era uma maioria de um.

Dessa vez Leesha tinha pouco a dizer. Ela se sentou de um dos lados da lareira, os braços cerrados em torno dos joelhos. Ficava olhando para Jason, como se tentasse atrair a atenção dele, que olhava para todos os lados, *menos* para ela.

Jason mostrava sua costumeira personalidade agitada, remexendo-se o tempo todo, olhando as horas no celular. Nada acontecia rápido o bastante para ele.

Seph, taciturno e perigoso, exalava poder.

Mercedes Foster parecia um pedreiro de mangá, trajando macacão, quimono de *kasurí* e chinelos japoneses, Íris Bolingame estava recostada num canto, exausta. Havia chegado recentemente da muralha.

Will e Fitch estavam junto a Jack e Ellen, como que determinados a não serem deixados de fora do que quer que estivesse para acontecer.

O pai de Will, Bill Childers, prefeito de Trinity, e o tio, Ross Childers, agora delegado de polícia, pareciam tão incomodados como dois protestantes num templo hindu.

— Acho que estamos todos aqui — disse Becka a Jack. — Agora acredito que você vá nos contar o que está acontecendo.

— E que seja uma boa história — acrescentou Ross, irritado, bocejando atrás do antebraço e olhando feio para Will. — *Muito* boa.

Nick se levantou.

— Ross, Bill, Becka. Estes jovens vão contar a vocês agora uma história extraordinária. Mas posso garantir que é tudo absolutamente verdade. Espero que escutem o que eles têm a

dizer com a mente aberta — concluiu ele, inclinando a cabeça para Jack.

— Bom — disse Jack, pigarreando. — Quer dizer, a gente... ahn...

Ele vinha guardando segredos há tanto tempo que era difícil abrir mão deles. Em desespero, levou a mão ao ombro e sacou a Sombra Assassina do boldrié, deitando a grande espada sobre a mesa da cozinha. Ellen imitou-o, puxando a Abridora de Caminhos da bainha e colocando-a ao lado da Sombra Assassina.

Todos fitaram as duas espadas brilhantes sobre a mesa, como se as armas pudessem falar.

Becka encontrou a própria voz.

— Jack, de onde vieram essas espadas? Parecem peças de museu.

Ellen pousou a mão sobre o punho de sua espada e falou, em tom bastante formal:

— A Abridora de Caminhos foi tirada de um tesouro de armas na Ravina do Corvo, na região da Cúmbria, no Reino Unido. Perto da casa do senhor Hastings, onde vocês ficaram aquela vez. É uma das sete grandes espadas, feita por feiticeiros sob o domínio do dragão Aidan Ladhra. O Jason... a encontrou e... hum...

Ellen se calou. Becka, Ross e Bill Childers fitaram-na como se lhe houvesse crescido uma segunda cabeça. Ela olhou para o chão, com as faces vermelhas. Ellen odiava falar em público, mesmo nas melhores circunstâncias.

Jack pousou a mão direita nas costas de Ellen e o punho de sua própria espada com a outra mão.

— Mãe, esta é a Sombra Assassina. É outra das sete. Pertenceu à minha trisavô Susannah. A gente, Will, Fitch e eu... nós a desenterramos do túmulo da Susannah, lá no Condado de Coalton.

— A Susannah possuía uma espada? — Becka franziu a testa para Jack, desconfiada, então se voltou para Will e Fitch, à espera do fim da piada.

— A Susannah era uma guerreira mágica — disse Fitch, em meio ao silêncio cético. — Como a Ellen e o Jack.

— Eles estão combatendo um exército de magos, senhora Downey — disse Will. — A senhora se lembra de quando fomos a Coal Grove com a tia Linda para pesquisar genealogia? Encontramos a espada, mas aí uns magos nos atacaram. Eles tentaram roubar a espada, e a gente teve de se esconder numa igreja. A tia Linda parou no estacionamento, o Jack lançou chamuscas...

— A Linda? O que tem a Linda? — interrompeu Becka. — Está dizendo que ela é uma guerreira também?

— Bem... — Will pigarreou. — Não. Ela é uma encantadora.

— Uma encantadora — disse Ross Childers, pressionando a mão contra a testa. — Certo. — Ele havia convidado Linda para sair diversas vezes, antes de o relacionamento dela com Hastings se tornar de conhecimento público.

— A gente voltou pra Trinity, mas aí os magos vieram atrás do Jack — disse Fitch. — Lembra daqueles caras que tentaram raptar o Jack no colégio e que o senhor Hastings afugentou?

Becka levantou a cabeça, assumindo aquela expressão familiar de advogada que indicava que estava prestes a interrogar uma testemunha nada confiável. Embora não houvesse engolido completamente a história que lhe contaram na época, também não estava engolindo essa.

— Eram mercadores — explicou Will. — Havia um preço enorme pela cabeça do Jack, que eles iam vender num leilão. É que os magos jogam com os guerreiros em grandes torneios mágicos, que eles chamam de "o Jogo".

— Vocês estão me dizendo que aqueles homens eram *magos*. E Leander Hastings afugentou-os? — Becka ergueu uma sobrancelha.

— Na verdade, eles estão... enterrados no estacionamento da escola — admitiu Jack. — Ele tinha de fazer alguma coisa com os corpos antes que a polícia chegasse.

Ele lançou um olhar de desculpas a Ross, que fora o policial no comando naquele incidente.

— O senhor Hastings é mago também — disse Will. — E o Nick também.

Todos se voltaram para Nick, que inclinou levemente a cabeça.

— Sim. Receio que seja verdade.

Bill Childers olhou de Nick para Will e elaborou uma explicação própria.

— Vocês tiraram todos nós da cama para conversar sobre um jogo? Sobre um RPG?

— Não — disse Jason do seu canto junto à parede. — É real. E vai haver um massacre se a gente não... se a gente não fizer alguma coisa.

— Agora espere aí. — Bill olhou feio para Jason, que jamais lhe parecera muito confiável. — Um *massacre*?

— Os magos cercaram esta cidade — disse Mercedes, de seu jeito sucinto. — Nós construímos uma muralha Weir, uma barricada mágica. É a única coisa que os mantêm do lado de fora no momento. Agora os magos ergueram uma muralha própria... uma barreira mágica. A intenção deles é capturar ou matar todos os que tentarem sair.

— Escutem — disse Ross, tirando o casaco e jogando-o sobre uma cadeira. A camisa tinha grandes manchas de suor sob os braços. — Já saí e entrei dúzias de vezes da cidade nas últimas duas semanas. Não vi nenhuma muralha, quanto mais duas.

— Vocês não conseguem ver a muralha Weir — disse Mercedes.
— Ela é invisível para os Anaweirs. Os não dotados. Aqueles sem as pedras Weirs. Como vocês.

— A outra muralha foi construída esta noite — disse Jason. — Essa vocês vão conseguir ver. Eu posso mostrar pra vocês, mas a gente tem que ter cuidado. Eles já estão lá fora esperando. Ross arregaçou as mangas, expondo os braços musculosos.

— Vocês esperam que a gente acredite que alguém construiu uma muralha em volta de toda a cidade desde o pôr do sol.

Mercedes torceu o nariz.

— Bem. *É* uma coisa feia. Desleixada. Mas temos de supor que seja eficaz.

— Vocês viram essa muralha? — perguntou Bill.

— Eu vi — disse Jason. — Quando eles começarem a capturar os moradores da cidade, vai haver pânico em massa. Temos de encontrar um lugar pra manter os Ana... os não dotados... até que a guerra tenha acabado. De um jeito ou de outro.

— Estamos perdendo tempo — disse Seph, falando pela primeira vez. — As pessoas começam a ir para o trabalho daqui a duas horas. Temos sentinelas postadas para fazer as pessoas voltarem, mas qualquer um que passar vai ficar preso dentro da muralha externa e ser capturado. Não vou deixar isso acontecer. Vou imobilizar todos eles, se precisar.

Becka pestanejou.

— Seph?

— Escutem, garotos — grunhiu Ross, exasperado. — Conheço a maioria de vocês desde que eram bebês, mas preciso dizer que vocês estão me assustando. Acho que devíamos todos ir pra cama e ver se esses magos desapareceram quando acordarmos.

— Escutem com a mente aberta — repetiu Nick baixinho.

— Ei. — Jason olhou pelas portas do terraço em direção ao lago.

— Venham ver isto.

Eles se aglomeraram no terraço, alinhando-se junto à mureta, curvando os ombros para se proteger das pedrinhas de gelo que o vento atirava neles. Jason estendeu as mãos. A luz jorrou-lhe dos dedos, dourando as cristas das ondas por um trecho cinzento de água até atingir uma grossa barreira negra, a uns 90 metros da costa, que se estendia de horizonte a horizonte. Lembrava nuvens de tempestade junto à terra, ou uma camada de fumaça densa e turva com raios esverdeados brincando junto às bordas.

— Mas que diabos... — Ross olhou para o lago, esfregando a palma da mão na barba por fazer. — Isso é algum tipo de tromba-d'água, uma frente de tempestade ou...

— É parte da muralha dos magos — disse Jason, sem rodeios. — E não seria uma boa idéia tentar atravessar com um barco. Ou seja, não dá pra escapar pela água.

— Como você fez isso? — indagou Bill. — Aquela coisa com as mãos?

— Magia — disse Jason, como se fosse algo muito natural. — É melhor se acostumar, pois vai ver muita magia por aqui, quer queira, quer não.

Jack lembrou sua própria experiência, dois anos antes, quando tia Linda lhe dissera que era uma encantadora, que Jack era guerreiro e que magos o estavam caçando. Simplesmente não havia jeito de dizer essas coisas de forma menos traumática.

Jack voltou à cozinha, pegou a Sombra Assassina de cima da mesa e voltou para o terraço.

— Pra trás — disse ele.

Segurando o punho com ambas as mãos, ele brandiu a longa espada num amplo arco, lançando raios de chamas sibilantes por sobre as águas escuras para se chocarem contra a muralha, sentindo um alívio familiar e estimulante ao fazê-lo. Fumaça e chamas subiram como uma fonte no céu noturno, e explosões menores reverberaram ao longo da costa rochosa. A seguir, repetiu o gesto. Chamas rasgaram a noite, explodiram contra a

barreira, colorindo as ondas em tons berrantes de vermelho e laranja. Quando a fumaça se dissipou, a muralha ainda estava lá, mas um pouco mais irregular do que antes.

— Santo Deus — disse Bill, após um momento de silêncio atônito.

Um cheiro ácido de queimado lhes chegou, carregado pela brisa da praia. Cães latiam furiosamente por toda a costa.

Becka se deixou cair sobre a mureta, apoiando-se nas mãos. Várias emoções cruzavam-lhe o rosto. Espanto. Medo. Arrependimento. Culpa.

— Isto tem que ser um sonho — disse ela.

— Está tudo bem, mãe — disse Jack, embaraçado, postando-se a seu lado e apoiando a Sombra Assassina na mureta.

Ellen olhou para os dois, então guiou o resto do grupo para dentro.

— Dez minutos, Jack. A gente vai passar os informes para o pessoal da cidade.

Ela fechou as portas.

— Não temos muito tempo — disse Jack. — Sinto muito que a gente tenha precisado contar dessa maneira.

— Eu devia estar cega — disse Becka. Ela ergueu os olhos para Jack. — Quando você soube?

— Só no primeiro ano no colégio. Os poderes dos guerreiros não se manifestam até eles serem velhos o bastante para... ah... lutar.

— Mas e depois disso? Por que não me contou? — Ela segurou-lhe o queixo com a mão e forçou-o a virar o rosto para poder olhá-lo nos olhos. — Eu devia ter feito mais perguntas. Você teve de lidar com tudo isso sozinho!

— Mãe, você perguntou — disse Jack, em desespero. — Você me perguntou uma centena de vezes o que estava acontecendo. Eu simplesmente não podia contar. Eu não sabia como. — Ele

baixou o olhar para o próprio corpo esbelto e musculoso, projetado para um único propósito.

— Como é que eu ia contar a você que sou guerreiro? Um matador nato? Isso é totalmente contrário a tudo em que você acredita, e em que eu acreditei, por toda a minha vida.

— Ele apoiou os braços na mureta do terraço, o queixo sobre os braços, fitando o lago. — Além disso, eu não estava completamente sozinho. A Linda sabia, o tempo todo. E o Nick estava aqui pra ficar de olho em mim, acho. Ele me ensinou um pouco de magia. E Hastings me ensinou a lutar.

— Hastings. — Ela soltou um longo suspiro. — E quanto à Ellen?

— A Ellen levou a vida que eu poderia ter tido se... as coisas tivessem sido diferentes. — Ele fez uma pausa, organizando os pensamentos. — Ela foi mandada para cá para me matar. Ela teria conseguido. Mas não me matou.

A cabeça de Seph surgiu entre as portas.

— Jack.

Jack se levantou, olhando para a mãe.

— Nesses últimos meses, você e o pai ficaram tentando me convencer a me concentrar no meu futuro. Não sei se tenho um futuro, nem se vou sobreviver a este ano. Sei que a gente precisa conversar. E a gente vai fazer isso. Mas agora quero dizer que amo você. E que sinto muito.

Becka se levantou, estendeu as mãos, puxou-lhe o rosto para baixo e beijou-o na testa.

— Eu amo *você*, Jack. E acredito em você. Mago, guerreiro, o que for — disse ela com firmeza, conduzindo-o para dentro da casa.

Os outros estavam agrupados em torno da mesa da cozinha, bebendo café para não dormir. Algo havia acontecido naquele ínterim. Persuasão mágica, talvez. O prefeito e o delegado haviam passado do ceticismo teimoso para a crença absoluta.

— Ainda não entendo — dizia Ross. — Por que eles iriam atacar uma cidadezinha universitária em Ohio? O que eles querem?

Nick e Seph trocaram olhares.

— Temos algo que eles querem — disse Nick com suavidade. — Um objeto mágico que dizem ser extraordinariamente poderoso. Um pequeno grupo de magos têm esperanças de utilizá-lo para ganhar o controle sobre as ordens mágicas. Na prática, para governar o mundo.

— Não podemos usar esse objeto contra eles? — indagou Bill. Seph balançou a cabeça.

— A gente não sabe como.

— Nós... nós não podemos dar o objeto pra eles? — perguntou Ross. — Quero dizer, se não serve para nada, afinal...

— Isso não é uma opção — disse Nick. — Vai ter de confiar em mim nesse ponto.

"O que ele sabe que não está nos dizendo?", perguntou-se Jack.

— Somos apenas a força policial de uma cidade pequena — disse Ross. — Não temos homens suficientes nem equipamento para lidar com grandes problemas. Precisamos de ajuda. Eu poderia ligar para o gabinete do governador. Mandar vir a guarda nacional.

— Não adiantaria nada — disse Seph. — Eles poderiam matar alguns magos com armas convencionais, se chegassem de surpresa. Aí seriam imobilizados e trucidados pelas Rosas. Só haveria ainda mais corpos pelo chão.

Ross assentiu com a cabeça, parecendo quase aliviado, como se não quisesse nem imaginar aquela conversa com o governador.

— Certo. E se as... ahn... sub-ordens partissem? Os... magos não deixariam Trinity em paz assim? — O delegado estava fazendo o máximo para dominar o jargão, para combater os monstros que haviam saído de debaixo da cama.

— É tarde demais pra isso agora — objetou Jason. — Tem centenas de magos lá fora. Não tem jeito de sairmos sem sermos capturados ou mortos.

— Não se esqueça de que estes aqui são crianças também. — Becka apoiou os quadris no balcão da cozinha. — Não importa que poderes tenham, não podemos esperar que elas... tombem sobre as próprias espadas.

— Não importa, mãe — interveio Jack. — Tentaríamos fugir se achássemos que serviria de alguma coisa, e nos renderíamos se pensássemos que isso salvaria a cidade. Mas... eles sabem que estamos envolvidos com as pessoas daqui. E os magos são vingativos. Os Anaweirs são descartáveis para eles. Os que eles acharem que podem usar como reféns, vão ser mantidos prisioneiros. O resto, bem... — Jack se viu incapaz de dizer o que sabia que aconteceria.

Mas Jason era capaz.

— Eles vão matar todo mundo: homens, mulheres, crianças, até os cães e gatos. Não vai sobrar um prédio de pé. Vão queimar tudo até virar cinza. Então vão envenenar o solo pra que nada cresça aqui de novo. Será como se alguém jogasse uma bomba nuclear na praça.

— Não tem ninguém que possa ajudar? — indagou Becka. — Cadê a Linda e o Hastings?

— Não sabemos, Becka — disse Nick baixinho. — Eles foram pra Inglaterra, proteger um tesouro de armas mágicas, para mantê-las fora das mãos dos nossos inimigos. Por isso vamos ter de fazer o melhor que pudermos sozinhos. — Ele lhe deu um tapinha no ombro. — Nem tudo está perdido. Temos alguns magos de princípios do nosso lado. O Seph pode ser jovem, mas é bem poderoso. E tem o Jason. A Íris. E eu — acrescentou ele, como se fosse uma lembrança tardia.

— E eu — disse Leesha. Ela ainda estava sentada na lareira, mas o queixo se ergueu com teimosia, como se estivesse pronta para encarar uma briga.

— Certo: o Seph, o Jason, a Íris, eu e a Leesha — disse Nick. — E alguns outros.

O terror atingiu o estômago de Jack. Cinco contra centenas. Se é que podiam confiar em Leesha.

— Temos guerreiros — continuou Nick. — Tem o Jack e a Ellen, é claro, e temos também um exército formidável de guerreiros fantasmas. Temos centenas de feiticeiros, encantadores e adivinhos. Temos uma grande coleção de armas mágicas e sabemos como usar a maioria delas.

Nick sorriu, e Jack se sentiu um pouco melhor.

— Muito bem, então — disse Becka, retesando-se e recuperando sua costumeira capacidade de concentração. — Pensem. O que podemos fazer em relação às... pessoas? A gente poderia colocá-las no Centro de Convenções, mas isso só as tornaria um alvo mais fácil.

— A gente precisa esconder essas pessoas em algum lugar — sugeriu Ellen. — Contar alguma história pra elas para que permaneçam lá. Quantos porões são necessários pra esconder dez mil pessoas?

— Sabe, não consigo imaginar como contar aos cidadãos de Trinity que estamos sob o ataque de magos — disse Bill. — Perder meu cargo de prefeito é o que menos importa. Gostaria de achar um jeito de levá-los pra fora daqui.

Jack se perguntava como eles poderiam fazer isso. Cavar um túnel sob a muralha? E quanto tempo *isso* levaria?

Aquilo lhe deu uma idéia.

— A gente tem que achar um lugar onde eles fiquem até que tudo esteja acabado — disse Seph. — Como... como um abrigo anti-bombas ou algo assim.

— Bem — disse Jack, pensativo. — Tem as minas de sal.

— Qual é, Jack — retrucou Jason. — A gente não tem tempo pra...

— Estou falando *sério* — disse Jack. — Tem bastante espaço, e elas são bem ventiladas e...

A expressão sombria de Jason se transformou em interesse.

— Do que você está falando?

— Eles mineram sal sob o lago — explicou Ross Childers, fitando Jack com um olhar pensativo. — Há anos. As minas são como enormes cavernas feitas pelo homem que vão até o meio do caminho até o Canadá.

Jack sorriu.

— Meio caminho até o Canadá, mas todo o caminho até as Sisters.

Bill Childers inclinou a cabeça para Jack com relutância.

— Certo. É uma idéia.

— Nunca ouvi falar de nenhuma mina de sal — disse Jason. — Onde elas ficam?

— A entrada é no parque industrial, às margens do lago — explicou Ross. — Na fronteira da cidade. Alguns alunos e professores da faculdade foram presos por fazer piquete lá, na primavera. — Ross esfregou a ponte do nariz com o dedo indicador, lançando um olhar para Becka. — Parece que havia uma proposta de fechar as minas e usá-las como um depósito de lixo nuclear.

Jack revirou os olhos. Naturalmente, a mãe havia sido a líder do protesto.

Becka fez um gesto de mão para indicar que sua prisão não era importante, não demonstrando nenhum arrependimento.

— Depois que pusemos um fim àquela idéia do depósito, os proprietários nos levaram a uma excursão privada pelas obras. É como um palácio subterrâneo, o que eles chamam de mineração de "câmara e pilares". As minas seguem em direção ao norte até

as Sisters, e há dutos de ventilação que sobem até algumas das ilhas menores.

— Quer dizer que podemos levar as pessoas pelas minas até as Sisters — concluiu Ross.

— Vai ser como as Minas de Moria — disse Fitch. — Com sorte, sem os ores.

Jack assentiu.

— Não é perfeito. A gente ainda precisa resolver a questão da comida, e vai haver longas filas nos banheiros portáteis.

— Temos toneladas de água mineral e rações militares no porão da prefeitura — disse Ross. — Para o caso de um ataque terrorista.

— Bem, eu diria que isso se aplica ao nosso caso — resmungou Ellen.

— O banco de alimentos está cheio — disse Becka. — Há pouco acabamos a arrecadação anual. Mas como vamos fazer as pessoas entrarem na mina?

— Um acidente nuclear iminente — propôs Fitch. — Na usina de Ohio. Todo o noroeste de Ohio pode ser contaminado. É melhor que um vazamento químico, já que não dá pra detectar a radiação. Assim a gente vai de porta em porta e diz para as pessoas que elas têm uma hora pra juntar as coisas delas...

— Meia hora — interveio Seph.

— Meia hora, e aí elas têm de ir pras minas para a sua própria segurança até que esteja tudo bem.

Seph se apoiou no console da lareira.

— Ninguém tem permissão de partir. Não podemos deixar vazar a informação sobre o que estamos fazendo. Os Anaweirs vão ficar vulneráveis depois de saírem do santuário.

Jack estremeceu. Era idéia dele, e se tudo desse errado...

Os grossos dedos de Ross se agitaram, tamborilando sobre a mesa.

— Quando chegarem às Sisters, poderemos tirar as pessoas de lá de avião, ou enviar barcos a partir do continente, e...

Seph balançou a cabeça.

— Não. De jeito nenhum. Se as Rosas descobrirem, as pessoas vão ficar ainda mais vulneráveis na água. Cuidarei do serviço telefônico nas ilhas também. Não podemos deixar que ninguém saiba que elas vão estar lá. O que significa que temos de terminar tudo antes que a comida se esgote — acrescentou Seph, meio que para si mesmo.

— Não se preocupe — disse Jason, com um sorriso torto. — Uma vez que comece, vai acabar num instante.

— O Will e eu vamos de porta em porta — disse Fitch.

Fitch estava vestindo seus trajes de pirata urbano, roupas cáqui de camuflagem e botas militares, pesadas correntes em torno do pescoço, uma bandana amarrada de qualquer jeito na cabeça. Junto dele, Will parecia um membro da Câmara de Comércio Juvenil dos Estados Unidos.

— Vocês vão precisar de ajuda — disse Seph, observando-o com ceticismo. Jack sabia o que ele estava pensando. Algumas pessoas na cidade provavelmente bateriam a porta na cara de Fitch se ele aparecesse na varanda no meio da noite. — Temos de contatar todo mundo antes que as pessoas comecem a sair para o trabalho.

— Fitch, por que você e o Will não se encarregam do alojamento estudantil na faculdade? — sugeriu Becka. — Quando acabarem de passar nos dormitórios, comecem com as ruas no sul do campus. Eu cuido do lado norte.

— Eu ajudo também — anunciou Leesha.

Todos se viraram para olhar para ela. Jack havia se esquecido de que ela estava ali.

— Você? — perguntou Jack, sem conseguir se conter.

— Vocês *precisam* de ajuda, afinal — disse ela, na defensiva. — Posso ser bastante persuasiva.

— Qualquer um disposto a ajudar pode ser útil — disse Nick.

— De acordo. Você vem com a gente. Vamos. — Fitch jogou para Leesha uma bandana como aquela que estava usando. — Amarre isso na cabeça, no braço ou em qualquer outro lugar.

Leesha olhou de relance para Jason, que fitava a lareira, fingindo não ouvir, depois seguiu Fitch pela porta.

"Oh, bem", pensou Jack. "Se Fitch é capaz de perdoar ser raptado e arrastado até a ravina como refém, eu posso fazer o mesmo."

— A Ellen e eu vamos cuidar da barreira, garantir que ninguém escape — disse Jack a Ross.

— Vou voltar pra delegacia e informar o pessoal do primeiro turno — disse Ross. — Vou mandar algumas viaturas para ajudar a esvaziar as casas, escoltar as pessoas até a mina e impedi-las de fugirem. Vamos todos nos ater à história de que houve um acidente nuclear.

Ele saiu pela porta, batendo-a.

Os outros partiram em grupos de dois e três até que restaram apenas Seph, Jack, Ellen e Jason.

— Bem — disse Ellen, enfiando a Abridora de Caminhos dentro do boldrié. — É melhor a gente ir também. — Ellen olhou de Seph para Jason. — O que a gente faz quando os Anaweirs forem embora? A gente vai com eles ou o quê?

Jason balançou a cabeça.

— Se a gente for, os magos vão saber que escapamos. Não vão levar muito tempo pra encontrar a entrada da mina. E se levarmos o Coração do Dragão conosco, eles com certeza vão nos rastrear. Acho que a gente não vai querer estar numa rocha no meio do lago quando isso acontecer. Temos que armar a resistência, e aqui é um lugar tão bom quanto qualquer outro.

"Mas eles vão destruir a cidade", pensou Jack. Ele sentiu a infância lhe fugindo, como uma corda se desenrolando de um carretel.

— Parece estranho o fato de que agora todos sabem — disse ele.
— Mesmo que a gente sobreviva, as coisas nunca mais vão ser as mesmas.

— Não acho que isso vai ser problema — disse Jason. — Vamos estar todos mortos.

Quando Seph abriu a boca para falar, Jason levantou a mão para detê-lo.

— Sei que temos armas. Sei que temos talento e inteligência e estamos do lado do bem e tudo isso. Mas eu vi o que tem lá fora. Com ou sem muralha, eles vão entrar. Se esta fosse uma luta limpa, a gente venceria. Do jeito que as coisas são, vamos perder. Não importa quantas Chamas de Mago você tome.

Seph se empertigou.

— Eu não...

— Qual é — resmungou Jason. — Acha que a gente é idiota? Como se você não fosse poderoso o bastante sem isso.

— Seph. — Ellen se levantou e ficou cara a cara com Seph, erguendo-se nas pontas dos pés, as mãos cerradas ao lado do corpo. — Você prometeu.

— Eu prometi não usar sem necessidade. E não estou fazendo isso.

— Seria legal se ele compartilhasse um pouco com o resto de nós — disse Jason.

— Venha, Ellen — disse Jack, subitamente ansioso para deixar para trás aquele aposento sufocante e infligir lesões corporais em alguém. — Vamos ajudar a arrebanhar os extraviados.

— E aí? — disse Jason, quando Jack e Ellen haviam partido. — Teve notícias dos seus pais?

Seph olhou para ele com cautela, como se achasse que ainda estavam falando da Chama de Mago. Depois balançou a cabeça.

— Tive vontade de perguntar ao D'Orsay se sabia alguma coisa deles, mas tive receio de deixar escapar alguma pista. Nem sei se eles chegaram até a ravina.

— Se estão no Castelo da Ravina do Corvo, isso explicaria por que eles não têm ligado — disse Jason.

— Pois é.

Seph esfregou os nós dos dedos na testa, como se lhe doesse. Ele parecia mal, pensou Jason. Havia sombras negras sob seus olhos, os ossos no rosto estavam mais salientes do que de costume e as mãos tremiam um pouco. Quando notou que Jason o observava, ele as enfiou nos bolsos e fuzilou-o com os olhos, os lábios apertados, como se o desafiasse a mencionar o assunto. "Vamos deixar isso pra lá", pensou Jason. Nick, Linda e Hastings tinham largado um fardo enorme sobre Seph, não havia dúvida. E ninguém queria falar sobre a possibilidade de que Linda e Hastings estivessem mortos.

"Coração mole. Você está virando um grande coração mole."

— Quer dizer que é tão ruim assim? — perguntou Seph.

Jason ergueu os olhos, assustado, pensando que

Seph talvez houvesse lido a sua mente, de algum jeito. Mas então Jason percebeu que ele estava falando da situação no santuário.

Jason se lembrou das séries de tendas que cercavam as muralhas, o bruxulear das luzes de mago em meio às árvores.

— É. Pior ainda. — Ele fez uma pausa, pensando em como articular o que precisava dizer. — Andei pensando. Tem algum tipo de conexão entre a Madison e o Coração do Dragão. A gente devia trazer ela de volta.

— Não. — Seph respondeu tão rápido que Jason soube que ele andara pensando na mesma possibilidade.

— Mas ela pode ajudar — insistiu Jason. — O Coração do Dragão é a chave, e a gente precisa dar a ela uma chance com ele. Não somos apenas nós. São todos os outros também. Vai haver um massacre. Pode ser o fim das subordens.

— Ela não é uma de nós. Ela tem que pensar na família dela. Além disso, mesmo não sendo vulnerável à magia, ela pode ser morta do mesmo jeito. Não quero ser responsável por isso.

Jason teve a impressão de que Seph estava tentando convencer a si mesmo.

— Ela vai fazer, se você pedir.

— Você fala que nem o meu pai. — Seph passou a mão pelos cabelos com impaciência. — É claro que ela diria sim se eu fosse até ela e dissesse que todos nós vamos morrer se ela não fizer isso.

Jason deu de ombros.

— Eu também não gosto da idéia, mas...

— Você não *entende*? Não fiz nada além de pôr a vida dela em perigo desde que a gente se conheceu. Se a gente tivesse certeza a respeito de alguma coisa, aí sim. Mas é tudo palpite e especulação. A gente não tem nenhuma prova de que a Madison possa mesmo ajudar. Se a situação é tão ruim quanto você diz e a gente a trazer para cá, ela vai morrer com o resto de nós. Pelo menos assim *alguém* permanece vivo.

"Parece que não existe uma saída fácil", pensou Jason. "Talvez nem mesmo uma saída difícil. E se eles perdessem, bem..." Ele estremeceu. Os magos eram especialistas em tortura e tinham algo a provar. Ele não havia esquecido as experiências por que passara nas mãos de Leicester.

"Nota para si mesmo: não seja capturado vivo."

Ele conversaria com Mercedes. Talvez ela não lhe desse Chama de Mago, mas quem sabe tivesse alguma coisa... algum tipo de pílula de veneno que o pusesse fora de alcance se fosse necessário.

Capítulo Vinte e Nove

Êxodo

Jason nunca vira tanta atividade nas ruas de Trinity, Ohio, às cinco da manhã. Policiais encapotados iam de casa em casa, batendo nas portas e acordando os ocupantes — quebrando janelas e desocupando casas à força quando necessário. As famílias saíam dos lares, rebocando malas e crianças adormecidas, carregando bolsas de viagem e bichos de estimação em gaiolas protegidas do vento. Carros da polícia e ambulâncias levavam os idosos e enfermos.

Jack e Ellen haviam vestido luvas de armadura em couro e leves cotas de malha. As grandes espadas despontavam por sobre seus ombros, mas, naquelas circunstâncias, ninguém prestou muita atenção nisso. Passar despercebido nessas situações depende muito da atitude que se assume, pensou Jason.

Os retirantes tentavam se proteger com o que tivessem ao seu dispor. Todos os membros de uma família, até o bebê de colo, vestiam capacetes feitos de papel-alumínio para se proteger da radiação. A Loja Cósmica junto ao *campus* havia aberto as portas e vendia rapidamente seus cristais curativos.

Will, Fitch e Leesha haviam cumprido sua missão nos dormitórios e repúblicas de estudantes. Alunos passavam de skate, bicicletas e patins, levando mochilas e fones de ouvido, envoltos em cobertores de lã, carregando animais de pelúcia e laptops. Muitos ainda vestiam roupas de dormir sob os casacos: camisetas e mole tons, chinelos ou tamancos. Pareciam refugiados de um país em que predominavam a tecnologia de áudio, calçados pouco práticos e transportes individuais não poluentes.

Nas esquinas, policiais em capas de chuva em amarelo vivo com os dizeres POLÍCIA DE TRINITY orientavam o fluxo de pessoas rumo ao lago.

— Ei, cara! — Um aluno empurrou o rádio dele em direção a Fitch e bateu com o dedo nos fones. — Por que é que não consigo captar nenhuma estação?

— Deve ser a radiação — respondeu Fitch.

Apesar das multidões, e talvez por ser tão cedo, o êxodo era relativamente calmo. As pessoas seguiam em silêncio, agarrando-se a seus pertences, o medo e a apreensão nos rostos.

"Bom", pensou Jason. "Quem sabe a gente consegue mesmo fazer isso sem atrair a atenção dos magos lá fora?".

Jason deixou o fluxo do tráfego em direção à mina de sal e rumou para oeste ao longo da costa. Relâmpagos piscavam quase que continuamente, e trovões chacoalhavam as janelas dos chalés junto à praia. As ondas batiam contra o quebra-mar, banhando-o em respingos gelados. O vento uivava, soprando do lago, e o granizo chicoteava-lhe a pele exposta.

Magos querendo provar que estavam certos.

Jason percorreu a fila de chalés, aperfeiçoando o seu sistema de retirada dos habitantes. Se não havia resposta quando ele batia, explodia um buraco na porta, enfiava o braço e a destrancava. Ele acordava a família, aplicava um pouco de persuasão sobre o chefe da família para obter cooperação imediata (de outra forma, ninguém concordaria em sair naquele clima) e empurrava-os para fora. Após algumas casas, ele reduzira o tempo da operação para 15 minutos por casa.

Junto à muralha Weir, estava a mansão de Shrewsbury, parecendo um pedaço de chiclete cor-de-rosa de estuque grudado às margens do lago. Ele visitara o lugar nos tempos em que Leesha morava com a tia Millisandra. Antes de ele ir até o Condado de Coalton. Agora Leesha estava hospedada no apartamento de Snowbeard. Mas onde estaria a tia Milli?

Ele examinou a área, que era cercada por uma requintada cerca de ferro trabalhado. Leesha já devia ter vindo e resgatado a tia. Com certeza.

Mas Leesha estava cuidando do lado sul, no campus.

Ninguém atendeu quando ele bateu à porta, por isso ele entrou em seu estilo habitual.

As pessoas costumavam acordar quando ele explodia a porta, mas ninguém respondeu, e ele torceu para que isso significasse que tia Milli já havia ido embora.

Acabou surpreendendo a velha na cama. Tia Millisandra gritou quando abriu os olhos e o viu inclinado sobre ela. Ela jogou um abajur nele, e a seguir uma rajada de fogo. Jason se atirou de bruços no tapete persa, o fogo chamuscando-lhe a parte de trás da cabeça.

Ela pulou da cama com uma agilidade incrível para alguém tão idosa e se trancou no banheiro. Jason conseguia ouvi-la do outro lado da porta, gemendo e falando consigo mesma.

Ele tinha receio de explodir a porta com ela tão perto.

— Ei, não vou machucar a senhora. É o Jason, lembra? Todo mundo tem que partir. Eu vim buscar a senhora. Fique longe da porta.

Ela não respondeu, só ficou resmungando para si mesma. Ele ouviu vidros quebrando, louças explodindo. Água jorrava por debaixo da porta. Tia Milli estava criando sua área de desastre mágico de costume.

Droga. Ele não tinha tempo para aquilo.

— Vamos lá, tia Milli. Fique calma e se afaste da porta.

Nada. Ele teria de explodir a porta, gostasse ou não.

Ele ouviu um ruído na frente da casa: uma porta batendo.

Era Leesha. As faces estavam coradas do frio e a bandana de Fitch amarrada em torno de seus cachos. Ela o pegara de surpresa, e ele se deu conta do quanto sentira a falta dela.

— Ela está ali dentro — disse ele, engolindo em seco, indicando o banheiro com a cabeça.

— Tia Milli? — Leesha bateu na porta. — É a Alicia. Abra. — Não houve resposta, e ela repetiu, mais alto. — Ela é meio surda, lembra? — sussurrou ela a Jason.

Uma voz trêmula veio do outro lado da porta.

— Não acredito em você. Vá embora.

— Tia Milli, sinto muito se o Jason a assustou. Lembra-se do Jason? Ele veio para o chá.

— Não me lembro de nenhum Jason.

"Quem sabe Jasper", pensou Jason. "Lembra-se dele?"

Leesha baixou os olhos para a água que lhe chegava até os tornozelos.

— Precisa nos deixar entrar, tia Milli. Parece que há uma inundação.

— Estamos no meio da noite — disse Millisandra com a voz trêmula.

— Não, ainda é cedo. — Leesha fez uma pausa. — Tem um baile no pavilhão junto ao lago, e achei que talvez você quisesse vir.

Houve uma pausa, e então tia Milli falou:

— Mesmo? Não está muito frio?

— Está uma noite linda — respondeu Leesha. — A lua está no céu, brilhando sobre a água, e aposto que dá para ouvir o conjunto até no Canadá.

— Oh, Deus, bem, faz tanto tempo! Quem sabe eu *possa* ir por um tempinho.

Jason ouviu um remexer no trinco, e então a porta se abriu, revelando Millisandra com um sorriso tímido.

Leesha ergueu a mão e lançou um punhado de pó no rosto da tia. *Gemynd bana*. Assassino da Mente. Tia Milli desmaiou, e Jason apanhou-a antes que ela tombasse sobre os ladrilhos. Ele a ergueu nos braços. Ela não pesava nada.

Eles se juntaram aos rios de seres humanos fluindo pela costa em direção às minas.

— Obrigada por buscar a tia Milli — disse Leesha, tocando o braço dele. — Acho que eu não agüentaria o peso dela.

Jason não disse nada.

Eles deram mais uma meia dúzia de passos, e Leesha disse:

— Escute, Jason, me desculpe. Pelo Barber.

Jason continuou olhando para frente.

— O Seph e o Jack me contaram a respeito da coleira.

Leesha parecia determinada a dizer o que tinha a dizer, como se pensasse que não teria outra oportunidade.

— O Barber bateu em mim. Disse que contaria sobre mim pra todos vocês se eu não fizesse o que ele mandava. Vocês me expulsariam do santuário, e aí ele me mataria.

Jason lembrou-se do chá com tia Milli, uma noite antes de ele partir para o Condado de Coalton. Lembrou-se de que o rosto de Leesha estava arranhado e inchado.

— Você não teve escolha. Dá pra entender.

— Depois que coloquei o ímã na sua mochila, percebi que tinha cometido um erro. Tentei ligar pra você, mas você não atendeu.

Jason se lembrou das chamadas não atendidas no celular.

— Quer dizer então que a culpa foi minha — disse ele, em tom amargo. Toda vez que abria a boca, saíam palavras frias e duras.

— Jason. — Ela pôs a mão no braço dele de novo, e ele a repeliu. — Eu... eu não quis dizer isso, só queria que você soubesse que... eu não queria...

Ele estava com medo de olhar para ela, medo de acabar cedendo.

— Certo — disse Jason, chutando galhos caídos para fora do caminho. Estavam chegando ao posto de controle da polícia na entrada das minas. — Acredito que esteja arrependida por ter me entregado ao Barber.

Ela sacudiu o gelo dos cabelos e piscou para removê-lo dos cílios.

— Ele... ele machucou você?

"Não tanto quanto você me machucou", pensou Jason. Era culpa dele mesmo. Não podia alegar que havia entrado naquilo sem saber onde estava entrando.

— Estou bem.

Dois homens do Serviço Médico de Emergência trouxeram uma maca, e ele deitou tia Millisandra cuidadosamente sobre ela.

— É melhor você ficar com ela, garantir que ela fique inconsciente — disse ele a Leesha, imaginando o caos que a tia Milli criaria nas minas. — Vou fazer outra ronda.

Mas Leesha não iria desistir. Ela barrou-lhe o caminho.

— Se acredita que não tive escolha, qual é o problema, então?

Ele não respondeu, e ela insistiu.

— O que é?

— Achei que você gostasse mesmo de mim. Não percebi que era tudo armação.

Patético.

Ela pegou-lhe a mão, segurou-a com firmeza entre as dela, como se nunca quisesse soltar.

— Eu *gosto* de você. Jason. Por favor, você tem que acreditar em mim. Eu...

— Eu não tenho que fazer nada. E não acredito em você. Nunca mais.

Gentilmente, ele soltou a mão das mãos dela. E foi embora.

Capítulo Trinta

Concordando em Discordar

Jessamine Longbranch estava cansada das privações da guerra. Sentia falta do seu palácio às margens do Tâmis: os jardins repletos de rosas brancas, os servos que atendiam a todos os seus desejos, as intrigas mais civilizadas que se desenvolviam sob o disfarce de política de magos.

Tremendo de frio, ela apertou o casaco em torno dos ombros e afastou o prato de camarões. Estava sozinha em seu pavilhão, às três da manhã.

O problema em cercar uma fortaleza era que os sitiados ficavam tão aprisionados quanto os sitiados. Era divertido

brincar de exército por um ou dois dias, mas aquilo já era demais.

Ela não conseguia se livrar da sensação irritante de que estavam sendo passados para trás. Onde estavam os cidadãos Anaweirs de Trinity? Por que não estavam saindo pela muralha Weir para serem arrebatados pelos magos à espera? Onde estava o pânico nas ruas? Justamente o que aquele sítio precisava para dar fim ao impasse. Embora tivesse sido idéia de Wylie, ela achara que iria funcionar.

Inclinando-se para a frente na cadeira, ela se serviu de outro cálice de vinho. Quase o derramou quando alguém falou:

— Oi.

Ela se virou de súbito, sabendo que já era tarde demais para se defender.

— Calma — disse Jason Haley, levantando as mãos para mostrar que estava tão desarmado quanto um mago podia estar. — Se eu tivesse vindo matar você, já estaria morta.

— Então por que está aqui? — indagou Jess, ainda abalada. — E como chegou até aqui?

Ele ignorou a pergunta e deixou-se cair na cadeira à frente dela.

— Preciso de uma passagem segura pra sair do santuário.

Jess pestanejou, surpresa.

— O quê? Por quê?

— O McCauley está louco — disse Haley, sem rodeios. — Ele vai matar a todos nós.

— Ah. — Jess se recostou mais na cadeira. Intriga e discórdia. Talvez ela não chamasse os guardas ainda. — Quer dizer que essa arma da qual ele fala não é tão poderosa, afinal?

Haley balançou a cabeça com impaciência.

— Errado. É incrivelmente poderosa. Esse é o problema.

— Como assim? — indagou Jess, impaciente com o andar vagaroso da história.

O rapaz parecia nervoso. Estremecia com qualquer ruído e tamborilava os dedos na coxa em um ritmo errático.

— Estão todos mortos — disse ele finalmente, olhando para ela, depois desviando os olhos. — Os Anaweirs.

— O quê? — Jess encarou-o, pensando que devia ter entendido mal. Pela expressão no rosto dele, não era o caso. — Como isso aconteceu?

— Foi um acidente. — Haley fitou o vazio, um músculo latejando no maxilar. — Ele estava fazendo experiências com o Coração do Dragão.

— Está dizendo que o McCauley matou toda a população Anaweir da cidade?

Haley assentiu com a cabeça, respirando fundo.

— Tem alguns nas mãos dos curandeiros, mas, mesmo que eles sobrevivam, não acho que... — Ele passou a mão pelo cabelo repicado. — Enfim, foi um desastre.

Jessamine examinou-lhe o rosto. Ou o rapaz era um ótimo mentiroso ou estava dizendo a verdade.

— A Becka Swift? Aqueles meninos que foram até a Ravina do Corvo?

Ele assentiu, olhando para o chão.

Jess não pôde deixar de admirar a estratégia, embora tornasse a tarefa dela mais difícil.

— Que conveniente. Agora o McCauley não tem que lidar com eles.

Dada a falta de resposta de Haley, Jess supôs que ele estivera pensando a mesma coisa, ainda que não fosse capaz de dizê-lo.

— Bem — disse ela. — O coitado do Jackson deve se sentir um pouco traído.

— Não sei o que ele acha. As pessoas estão com medo de falar muito. O McCauley sabe mais ou menos como usar a pedra, mas isso não é o suficiente, considerando que ela pode destruir todo o norte de Ohio e Indiana. Mas ele não se importa. Desde que...

que isso aconteceu, ele está determinado a fazer com que ela funcione. Sabe como é, fazer o sacrifício valer a pena.

McCauley *havia* parecido arrogante e pretensioso na última vez que ela o vira.

— E você não quer ser um mártir?

É claro que ele não queria. O que quer que ela pensasse de Jason Haley, ele não era idiota.

— Não quero jogar a minha vida fora por nada. Vou tentar pôr um fim nisso.

Jess ergueu uma sobrancelha.

— Você vai lutar contra o McCauley? Isso não seria um confronto um pouco... desequilibrado?

Haley levantou a cabeça de súbito, e Jess ocultou um sorriso atrás do cálice de vinho. O rapaz tinha inveja, naturalmente. McCauley recebia toda a atenção. Era a estrela do espetáculo dos rebeldes.

— Veremos — disse Haley. — Não me atrevo a tocar no Coração do Dragão. É muito instável. Mas vou trazer alguém que pode lidar com ele sem ser morto.

Longbranch esfregou o queixo.

— Alguém mais poderoso do que o McCauley?

— De certa forma.

— Quem?

— Madison Moss.

Longbranch se inclinou mais para perto.

— A garota de Second Sister? Ela é realmente dotada, então?

— Não exatamente. Ela não pode usar a pedra como um mago pode. Mas, com ela, a pedra não provocará um desastre.

Ela estudou-o.

— Tem certeza disso?

Haley assentiu com a cabeça.

— Onde está a garota? — perguntou Longbranch.

Haley emitiu um som de desprezo.

— Certo. Como se eu fosse idiota.

Jess suspirou.

— O que você está propondo?

— Acho que podemos, sabe como é, fazer uma troca. Se eu trazer o Coração do Dragão para você, o McCauley vai se render. Não vai ter escolha.

— Por que você faria isso? — indagou Jess. — Por que nos entregaria a única arma que vocês têm?

Ela queria acreditar.

Haley apontou para a cidade com a cabeça.

— Tem pessoas lá dentro que eu gostaria de salvar. Além disso, você me entrega o D'Orsay. Como prometeu.

Humm. Ela não se importaria de perder D'Orsay, agora que a utilidade dele havia acabado. Eles tinham as *sefas* do tesouro, por mais desapontadoras que estas houvessem se revelado.

— Como vamos ter certeza de que você não vai buscar o Hastings?

— Vocês controlam a muralha externa — retrucou Haley. — Como é que ele ia entrar sem que vocês soubessem? Aposto que adorariam pegar o Hastings sozinho aqui fora.

Ah, sim. Sem dúvida.

— Por que a Madeline... Madison Moss ajudaria *você*? — perguntou ela com delicadeza. — Ela não está namorando o McCauley?

— *Estava*. Eles romperam. Digamos apenas que ela está aberta a novas... possibilidades — sugeriu Haley, encarando-a com firmeza e, para a alegria de Jess, sem mostrar nenhuma vergonha.

Haley possuía um tipo perigoso de carisma. Meninas adolescentes sempre se apaixonavam pelos meninos malvados. Aquilo estava parecendo cada vez melhor. Mas Jess ficava

desconfiada quando as coisas pareciam boas demais para ser verdade.

Haley sorriu, como se lesse os pensamentos dela.

— acredite em mim ou não, você não arrisca muita coisa. A minha presença ou ausência não vai fazer muita diferença no resultado final. Se eu estiver dizendo a verdade e fizermos um acordo, vai salvar a pele de todos vocês. Confie em mim. Todos vão morrer se o McCauley usar o Coração do Dragão.

— Você trairia os seus amigos? — perguntou ela, pensando, "por que não?". Afinal, era o que os magos sempre faziam.

— Melhor traídos do que mortos. Podemos negociar anistias quando isso houver acabado.

— É claro — disse Jess diplomaticamente. — Quando planeja ir?

— Hoje à noite. Vou sair pelo portão externo, logo após a meia-noite. Esteja com a minha carta de "saída livre da prisão" na mão.

O Chalé de Pedra estava deserto, como era habitual naqueles dias. Jason levou menos de uma hora para juntar seus pertences e enfiá-los numa bolsa de viagem. Não precisaria de muito.

Foi uma caminhada longa e assustadora pelas ruas quase desertas até o parque. Jason se manteve nas sombras, torcendo para não encontrar algum conhecido. As forças de segurança de Trinity haviam entrado nas minas junto com os cidadãos, mantendo a ficção de que a desocupação era por causa da "contaminação radiativa".

Alguns guerreiros fantasmas patrulhavam as ruas para impedir saques. Parecia um desperdício de esforço para Jason. A cidade estaria perdida em pouco tempo, dada a proclamada política de terra arrasada das Rosas.

Os ponteiros do relógio da torre se juntaram enquanto ele cortava caminho pela praça vazia. Os sinos ressoaram 12 vezes.

O costumeiro grupo de guerreiros estava de guarda junto ao portão Weir. Jason acenou rapidamente com a cabeça ao passar, na esperança de desencorajar conversas, mas Jeremiah Brooks saiu do meio deles.

— Seu Haley, né?

Jason ergueu a mão num tipo de saudação.

— Olá, Brooks.

Ele continuou andando, torcendo para que isso os fizesse perceber que ele estava numa missão urgente. Mas o guerreiro deixou os camaradas e o acompanhou.

A brisa noturna carregava o cheiro do guerreiro até Jason: uma mescla de suor, couro, sangue velho e tabaco. Ele pintara o rosto e enfiara algumas penas no cabelo, o que lhe dava um ar cruel e primitivo.

— E então, para onde está indo? — perguntou Brooks, com um sotaque cantado na voz que traía sua origem britânica do século XVIII.

— Pensei em dar uma olhada lá fora — disse Jason vagamente.

— Ver se tem algum movimento na fronteira.

— Certo — disse Brooks. — Muito bem, então. — Ele esfregou um dedo no nariz. — Tome cuidado lá fora. As Rosas... eles são cheios de truques.

— Certo — disse Jason. — Até mais.

Ele passou pelo portão e entrou na terra de ninguém. Sentiu a nuca se eriçar. Não pôde deixar de se perguntar se Longbranch ia mesmo cumprir o acordo, e se o plano havia sido comunicado aos magos de guarda. Caso contrário, aquela seria uma jornada bem curta. Ele resistiu à tentação de reexaminar a localização de todas as *sefas* que trazia escondidas.

Ao se aproximar da muralha externa, viu meia dúzia de magos da Rosa Branca agrupados em torno de um portão da muralha dos magos. Da casa de Longbranch. Nenhum sinal da Rosa Vermelha.

As sentinelas barraram-lhe o caminho.

— Nome?

— Haley.

Em silêncio, eles se afastaram para deixá-lo passar.

O portão se abriu diante dele. Jason deu um passo à frente, depois outro, esperando a qualquer momento ser incinerado por alguma armadilha que eles tivessem se esquecido de desarmar. Mais cinco passos e ele havia passado. Olhou para trás. Os magos da Rosa Branca o observavam. Ele se virou e continuou andando pelo labirinto de tendas dos magos, passando os acampamentos das Rosas. Mais cinqüenta passos e ele estava bem oculto na floresta. Parou por um momento para se livrar de todas as correias e equipamentos de espionagem mágicos que haviam sido postos nele no portão.

Ele avançou a passos rápidos. Incrível quanta resistência ele tinha, agora que parara de fumar. Teria de encontrar uma casa, apropriar-se de um carro. Não tinha muito tempo.

Olhou para trás mais uma vez ao chegar ao topo de uma pequena elevação. Trinity nadava, inquieta, num mar de névoa mágica, como um castelo de fadas, as pequenas torres da muralha de Mercedes despontando no céu. Nuvens negras se aproximavam vindas do lago, projetando uma sombra profunda sobre a cidade e adensando a noite.

Ele se virou e saiu correndo.

Capítulo Trinta e Um Armagedom no Lago

“Talvez a gente devesse ter se reunido na casa do Jack”, pensou Seph. Naquele momento, parecia perigoso estar empoleirado numa saliência de rocha na beira do lago.

O vento uivava, impelindo ondas espumantes contra o quebramar, arrancando telhas de ardósia do telhado e lançando-as em

espiral para dentro da escuridão. As árvores no jardim se dobravam sob as superfícies cintilantes de gelo. Chuva e neve batiam contra as janelas de caixilhos de chumbo do Chalé de Pedra; o vento encantado assobiava na chaminé e trovões ribombavam sobre o lago. Eles tinham de falar alto para serem ouvidos.

Era pior para Seph do que para qualquer outro. O *aelf-aeling* o deixava hipersensível: à tempestade conjurada, à nuvem baixa que pairava sobre eles, às legiões de magos que se aglomeravam em torno das muralhas, como as trevas ao redor de um abajur. Era como se os nervos dele houvessem sido lixados até se reduzirem à sensibilidade extrema. A atividade mágica na fronteira era um tremeluzir constante, apenas um pouco além do seu campo de visão. Ele conseguia ver todas as possibilidades, e todas pareciam ruins.

Ele pensou nos refugiados nas Sisters e perguntou-se como estariam. Deviam achar que o mundo estava realmente chegando ao fim.

— Imagino o que os meteorologistas estão dizendo sobre esta tempestade — resmungou ele.

— Só podemos imaginar — observou Nick, sarcástico, de seu lugar junto ao fogo. — Dado o hábito deles de fazer uma tempestade ordinária parecer com o Juízo Final.

O velho mago havia puxado um cobertor de lã por sobre os ombros. Ele e Leesha estavam sentados com um tabuleiro de xadrez entre eles. Ou ela era muito boa ou Nick a estava deixando vencer. Ele parecia estar se esforçando bastante para animá-la, por algum motivo.

Jack e Ellen chegaram batendo portas, sacudindo-se como cães para se livrar da chuva e da neve. E depois deles vieram Will e Fitch.

Seph olhou de Will e Fitch para Jack e ergueu uma sobrancelha.

— Esses dois não deviam estar nas Sisters?

— Eles estavam escondidos — explicou Jack. — Mas eles têm trabalhado bastante.

— Eles estão plantando minas na terra de ninguém entre as muralhas — disse Ellen, sorrindo, batendo nas costas de Will, espalhando gelo em todas as direções. — A gente tem dado cobertura.

Will e Fitch pareciam membros da Resistência Francesa, trajando jeans pretos e casacos com capuz e gorros de lã preta, os rostos manchados de preto para não brilhar no escuro.

— As Rosas estão procurando por reféns — disse Seph. — Não é uma boa idéia ir lá fora.

— Já fomos reféns, a gente conhece o protocolo — disse Fitch, remexendo na geladeira e pegando uma garrafa de suco.

Seph se voltou para Jack em busca de apoio.

— Não está com medo de explodir os nossos próprios guerreiros? Quero dizer, a gente está patrulhando aquela área.

— Os sensores de movimento vão nos dizer quando tiver alguém lá. — Fitch exibiu um dispositivo eletrônico, tão pequeno quanto um tocador de MP3, sacudindo-o diante de Seph. — Mas nada explode até que eu mande.

— Enfim. A gente não vai para as minas de sal — disse Will, erguendo o queixo em desafio, como que ansioso para encerrar a questão. — Por isso, pode esquecer.

— Vocês não têm nenhuma chance contra a magia — disse Seph.

A resposta de Will foi algo como:

— Humpf.

— Está certo — disse Seph. — Obrigado. Mas não morram, está bem?

Seph tomou nota mentalmente de tentar colocá-los fora de perigo quando acontecesse a catástrofe. Mais uma coisa em que pensar.

Mercedes havia entrado enquanto eles conversavam. Assim, estavam todos lá com a exceção de...

— Alguém viu o Jason? — perguntou Jack, olhando ao redor de forma exagerada.

— O Jason? — Seph deu de ombros. — Ele vai chegar. Provavelmente se atrasou. Por quê?

— Era para ele ter nos encontrado duas horas atrás — disse Ellen. — Para a gente vistoriar o acampamento junto das muralhas. Ele não apareceu.

Houve uma pausa longa e tensa, cheia de pigarros e olhares significativos.

— O que vocês estão sugerindo? — indagou Seph, irritado.

— Só acho que é estranho, só isso. — Jack enfiou a ponta do atizador nas chamas na lareira. Faíscas subiram em espiral. — Tipo, ele anda meio desgarrado desde o início. Louco para ir embora.

Seph esperou que alguém discordasse. Ninguém o fez.

— O Jason andava se sentindo frustrado, sim, mas isso era porque ele achava que podia fazer mais no Reino Unido do que aqui. Ele não pode acreditar nisso ainda.

— Então cadê ele? — indagou Jack.

— Ei. — Ellen franziu a testa para Jack. — Pega leve.

O silêncio pesou entre os dois.

— Brooks viu o Jason do outro lado da fronteira, logo antes da meia-noite — disse Jack, apoiando o atizador na lareira. — Estava indo para o portão dos Magos. Ninguém mais viu o Jason depois disso.

— O que você está dizendo? — perguntou Seph. — Que ele nos abandonou?

Jack deu de ombros.

— Ele não iria embora sem mais nem menos — declarou Seph, revivendo em parte a antiga animosidade entre ele e Jack.

Sem querer, Seph buscou em sua mente a fagulha raivosa que era Jason. Não o encontrou em lugar algum dentro dos limites do santuário. Teria ele ido para as Sisters? Estaria de algum modo incapacitado, para não poder ser detectado?

Senão como ele teria atravessado a barricada externa e passado pelas fileiras de magos lá fora?

— Ele não abandonaria vocês — disse Leesha de súbito. Todos eles se voltaram para ela. — Ele *não faria* isso — insistiu ela, empurrando o tabuleiro de xadrez para longe, de forma que as peças tombaram no chão.

Jack revirou os olhos, como se dissesse: *Olha só quem fala.*

— Ninguém insinuou isso — disse Seph, olhando para os outros ao redor, desafiando-os a discordar.

Jack fitou-o com seus olhos azuis, mas não disse nada. Seph lembrou-se do que Ellen lhe dissera, mais de um ano atrás: *O Jack está mais cauteloso do que costumava ser antes da Ravina do Corvo.*

— Talvez a gente deva discutir o que vai acontecer amanhã — sugeriu Nick baixinho.

Jack sentia uma sede avassaladora. A fadiga pesava-lhe nas pernas e braços como bigornas. Ou talvez fosse a armadura que vestia. Sempre que fechava os olhos, via as imagens dos homens que matara, como se estivessem pintadas nas pálpebras. Por isso ele lutou para manter os olhos abertos, piscando para se livrar da poeira, do suor e do sangue que lhe sujava o rosto.

Procurava pelos companheiros. Havia se perdido deles durante o último duelo com um mago que se recusava a cair. Quando enfim acabou com ele e arrancou a espada de seu corpo, viu-se sozinho entre as árvores, numa floresta cheia de cadáveres e regada a sangue.

Ele andou silenciosamente pela floresta, buscando o som característico do choque de metal e magia que o levaria até a luta em andamento. Mas nada. Até os pássaros haviam deixado

aquele local desolado horas atrás, entendendo que aquele não era lugar para seres vivos. É uma peculiaridade do homem — perfilar-se e marchar para a morte. As únicas outras criaturas que não fogem de um campo de extermínio são as que se alimentam de carniça e aparecem depois do fato consumado.

Por todos os lados jaziam os despojos de mortes terríveis. Ou mortes heróicas. Os resultados pareciam ser os mesmos.

Finalmente, ele saiu da floresta e passou para um campo pontilhado de árvores anciãs, muitas delas queimadas, estilhaçadas ou quebradas, como se ainda não tivessem notado que estavam condenadas, apontando punhados de folhas para um brilhante céu azul. Construções de pedra cercavam o gramado por todos os lados.

A praça. E, para onde quer que olhasse, cadáveres.

— Jack! — Ellen cutucou gentilmente o braço de Jack. Ele respondeu tentando acertá-la com o punho, que ela segurou entre as duas mãos e forçou para baixo, contra o travesseiro. — Jack, você está sonhando, pare com isso!

O corpo dele arqueou e contorceu-se enquanto ele tentava se libertar. Os cabelos loiro-avermelhados se espalhavam sobre o travesseiro, molhados de suor, e Jack resmungava algo ininteligível.

— Qual é, Jack, você vai acordar a casa toda!

"Cara, ele é forte", pensou ela, incapaz de conter certa inveja profissional.

Mais uma vez aquele grande punho quase atingiu o alvo, e ela apanhou um copo da mesa de cabeceira e esvaziou o conteúdo no rosto dele.

Ele se sentou de repente, cuspiendo, a mão buscando a adaga do cinto. Ainda bem que ele não estava com ela, ou Ellen teria ido para o espeto antes que ele acordasse. Ela se desviou das mãos dele, firmou os pés no chão e recuou alguns metros, observando-o.

Finalmente, os turvos olhos azuis clarearam e se fixaram nela.

— O quê...?

— Você estava sonhando — repetiu Ellen. — Esteve gritando e berrando durante metade da noite. Ninguém consegue dormir.

Ele a fitou como se ela fosse um fantasma. Era assustador.

— Eu fui escolhida para entrar e dar um fim nisso. Não há dúvida de que você acorda de mau humor. Não leve uma arma pra cama, é o meu conselho.

— Ellen — sussurrou ele em voz rouca —, eu matei. Matei todos eles.

Ele olhou para as mãos, virando as palmas para cima, como se elas estivessem cobertas de sangue.

— Matou quem? — perguntou Ellen, mas Jack não parecia tê-la escutado. Ela se aproximou e sentou na beirada da cama. — Escute, foi só um sonho.

Em resposta, ele atirou as cobertas para o lado e saiu da cama, sem ligar para como estava vestido. Tirando a bolsa de viagem do armário, ele a esvaziou no chão. Remexeu na pilha de roupas e encontrou um pacote embrulhado em camurça.

Ele se sentou junto a Ellen na cama e arrancou a camurça com dedos trêmulos. Era um espelho, a moldura prateada gravada com dragões e outras imagens fantásticas. Ele olhou no espelho com um ar de desespero.

— Uau, que legal! — disse Ellen, ajeitando com os dedos os cabelos de Jack, que estavam espetados em todas as direções. — O que ele faz? — Ela chegou mais perto para poder enxergar. — É mágico?

O que ela viu não foi o rosto de Jack, mas uma imagem que parecia um campo de batalha. Só que familiar.

— Isso é a terra de ninguém? — perguntou ela.

Um guerreiro solitário estava de pé no centro do campo, a luz do sol atingindo-lhe os cabelos loiro-avermelhados, a cabeça baixa, trazendo nos braços um companheiro de armas. Em toda a volta

dele havia corpos tombados: guerreiros de cinco séculos, cercados pelos equipamentos e armas de seu tempo.

— É você — disse Ellen. — O que isso significa?

Jack apanhou o espelho e jogou-o no outro lado do quarto. Ele se espatifou na parede e caiu atrás da cômoda.

Capítulo Trinta e Dois

Não Olhe Para Trás

Já havia muito tempo, Madison Moss tinha aprendido a olhar para a frente — a se concentrar estritamente em seus objetivos. Não que não isso não tivesse um preço. Às vezes ela se perguntava se não estava condenada a repetir os erros do passado, já que se treinara a não olhar para trás.

Mas Maddie era, antes e acima de tudo, uma sobrevivente. Além disso, sempre havia protegido aqueles a quem amava. Não importava o que custasse. Isso, pelo menos, lhe dava um rumo.

Assim, por enquanto, podia deixar de lado as perguntas sobre o que acontecera na Fazenda Bryson. Deixar de lado o Instituto de Arte de Chicago e Seph McCauley.

Deixar de lado as ameaças de Warren Barber.

Ela não levou muito tempo para fazer as malas. Enfiou duas mudas de roupa numa bolsa de viagem. Após pensar um pouco, devolveu a arma do pai ao estojo de madeira, fez dois sanduíches com o que comprara no armazém e empilhou-os numa sacola térmica pequena com duas latas de refrigerante. Não tinha intenção de fazer paradas.

Finalmente, vestiu as calças jeans, uma blusa e botas sobre meias grossas. Roupas que sinalizavam que ela não estava para brincadeira. Ela pôs a bolsa no chão e largou a jaqueta de brim com botões prateados por cima, depois amarrou o cabelo para trás com uma bandana.

O plano dela era simples: iria de carro para Trinity, direto até a Igreja de St. Catherine. As barreiras e feitiços de proteção de Seph não lhe causariam nenhum problema. Com alguma sorte, ela pegaria o Coração do Dragão e iria embora antes que qualquer um soubesse que ela estava lá.

Era isso. O que faria se encontrasse com Seph? Inventaria alguma coisa.

Tentou pensar no que viria depois disso, mas nada lhe veio à mente. Não confiava em Barber, mas não tinha idéia de como se livrar dele.

Ouviu o ruído de cascalho contra metal de um carro estacionando no pátio, depois o som de uma porta batendo.

Será que Barber havia voltado por alguma razão? Seria a polícia? O Juizado da Infância e da Juventude do condado? Nenhuma daquelas possibilidades era boa. Ela pensou em fugir pelos fundos, mas ainda assim teria de passar por quem quer que fosse para descer a montanha. Por isso ela se ajoelhou no chão ao lado do estojo de madeira como um animal acuado, uma mão segurando a pistola carregada.

Ouviu passos atravessarem a varanda que rangia. Mesmo assim, deu um pulo quando alguém bateu à porta.

— Entre! — disse ela, mirando a porta da frente com a pistola, atrás do estojo de madeira.

A silhueta do visitante projetou-se sobre um retângulo de luz do sol. Ele apertou os olhos para enxergar no aposento escuro, depois deu alguns passos hesitantes para a frente.

— Madison?

— Jason? — Ela soltou a pistola e se agachou, soltando a respiração com alívio.

A luz bateu no rosto de Jason quando ele se afastou da porta. Ele parecia melhor do que da última vez em que o vira, quando partira para Trinity. As cores tinham voltado, embora parecesse

que ele não dormia havia dias. O cabelo tinha crescido de um jeito desordenado.

Ela gostaria de poder agarrá-lo e dividir com ele a carga de problemas que enfrentava. Mas talvez ele não fosse um aliado. Ela tinha um único objetivo; não podia ter mais do que um objetivo. O dele poderia ser diferente.

Ela se levantou, um pouco trêmula, com os pensamentos agitados.

— E aí? Sem querer ser rude, mas por que você voltou? — indagou ela.

A pergunta pareceu surpreendê-lo, como se ele não houvesse planejado nada além de chegar à montanha Booker.

— Bem, a gente... ahn... Quer dizer, eu estava me perguntando se você ouviu falar sobre o que está acontecendo em Trinity.

Barber lhe havia dito que havia problemas, mas ela não tinha certeza de que tipo. Além disso, não seria bom dizer que andara batendo papo com Warren Barber. Por isso ela balançou a cabeça.

— O que está acontecendo em Trinity?

Os olhos de Jason se iluminaram ao ver a bolsa de viagem junto à porta.

— Estava indo a algum lugar?

— Bem... — Ela pensou por um momento, decidiu-se e respondeu com pressa. — Na verdade, eu estava me aprontando para sair. Para voltar para o norte. Os meus... — Ela engoliu em seco, perdida por um instante, antes de prosseguir. — Uma outra pessoa vai tomar conta das crianças por uns tempos. Por isso pensei...

— Ótimo — disse Jason. — Isso é ótimo.

Eles ficaram num silêncio incômodo por algum tempo, então ele lançou um olhar rápido em direção à cozinha.

— Eu vim de lá até aqui sem parar. Será que eu poderia beber alguma coisa?

— Sim, claro.

Ela guiou-o até a mesa da cozinha e foi pegar um refrigerante na geladeira. O tempo todo louca para ir embora de uma vez por todas.

Madison depositou a bebida na mesa diante de Jason e recostou-se no balcão da cozinha.

— Você parece melhor — disse ela.

Ele fez uma careta.

— É, estou perto dos cem por cento. Mas cem por cento não é grande coisa. — Ele não disse isso como se estivesse em busca de um elogio. — Maldito Warren Barber, onde quer que esteja.

"É", pensou ela. "Maldito Warren Barber."

Ela não conseguiu se conter:

— Como está o Seph?

As palavras de Jason vieram num jorro, como se um dique interno houvesse se rompido.

— Mal. Escute, Maddie, a gente precisa da sua ajuda, mas ele não vai pedir. Trinity está sob sítio. O lugar está cercado, e eles dizem que vão atacar amanhã se a gente não se render.

Ela piscou, momentaneamente distraída da ânsia de partir.

— Como assim, a cidade está cercada? Por quem?

— As Rosas. E o D'Orsay. Eles ergueram uma muralha de mago colossal em volta de toda a cidade, e essa muralha mantém todo mundo lá dentro, Weirs e Anaweirs. Bem, primeiro, a Mercedes construiu uma muralha. Lembra? O Will e o Fitch nos contaram a respeito disso quando vieram aqui. Mas a muralha da Mercedes só funciona para os Weirs.

Segundos se passaram enquanto ela absorvia aquela informação.

— Certo. Está me dizendo que existem duas muralhas, uma dentro da outra. E a do lado de fora apanha os Anaweirs. Por isso ninguém pode sair de Trinity? Como é que isso é possível? Com certeza as pessoas iriam notar. E quanto à... à polícia?

Jason fez um gesto de desprezo.

— Por que as Rosas se importariam? As autoridades Anaweirs não podem fazer nada. Trinity é meio isolada, para início de conversa. Eles cobriram a muralha com feitiços de confusão, por isso ninguém consegue nos encontrar. Os telefones, a televisão e o rádio não funcionam dentro da muralha. É como se a gente estivesse na Idade Média.

Uma imagem ocorreu a Madison: Trinity como uma cidade-universidade do século XV, sob sítio, num perpétuo crepúsculo, à sombra de muralhas negras ameaçadoras.

— Mas... não está todo mundo enlouquecendo lá dentro? E quanto aos alunos do colégio? E as pessoas... as pessoas têm empregos...

Jason hesitou, como que se perguntando se seria sensato compartilhar um segredo.

— Os Anaweirs foram embora. O Seph fez com que eles fossem para fora da cidade às escondidas.

— E o Seph está...

— Ele está usando Chama de Mago — disse Jason bruscamente.

— Ele fica incrivelmente poderoso, mas acho que é arriscado.

Ele vai salvar a cidade e todos dentro dela ou morrer tentando.

Não. Foco à frente. Não olhe para trás. Não há nada lá atrás a não ser monstros.

— Mas... Por que eles estão fazendo isso? O que eles querem?

— Querem o Coração do Dragão.

Madison se virou e olhou pela janela da cozinha, para a silhueta sensual das montanhas lá longe. Ela esperava que a vista a acalmasse e a impedisse de vomitar na pia.

— O que eles querem com ele?

Ela sentiu a pressão quente do olhar de Jason sobre a nuca.

— Eles acham que é uma arma... Tipo, a maior de todas as armas.

— Uma arma? — Então era por isso que Barber o queria. Madison nunca pensara no Coração do Dragão como algo

perigoso. Mas o que é que ela sabia? — Se é uma arma, não pode ser usada contra eles?

— A gente não sabe como. A gente nem sabe ao certo o que ele faz. — Ele respirou fundo. — E... a gente não consegue chegar perto dele.

Ela girou para encará-lo.

— O quê? Desde quando?

— Desde que você foi embora. É como se houvesse algum tipo de campo de força em volta dele. Se gente tenta tocar, ele explode em chamas ou faz com que a pessoa que o tocou seja lançada para longe.

— Está dizendo que quatro magos não conseguem segurar uma pedra?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Por que não me contou? — perguntou ela.

Ele deu de ombros com tristeza.

— Eu achava que a pedra ia se acalmar. Eu... queria tentar ir lá eu mesmo, pegar e usar a pedra.

Será que as coisas podiam ficar ainda piores?

— Mas você o manejou antes, não foi? O Coração do Dragão. Teve algum problema naquela época?

— Não. — Jason esfregou o queixo com a barba por fazer. — O Nick, a Mercedes e eu mexemos nele durante semanas, tentando descobrir o que ele fazia. Mas é como se algo tivesse despertado o seu poder. Ele só fica lá, emitindo poder. É como uma grande antena que atrai os magos e os Weirs de todos os cantos. — Ele ergueu os olhos para ela, fitando-a com os olhos azuis. — Parecia responder a você antes. Imaginei que talvez... a sua partida... tenha acionado alguma coisa, de algum modo.

Ela tocara no Coração do Dragão pela última vez no dia em que partira para o Condado de Coalton. Ele havia se iluminado, um brilho tão forte que lhe doera nos olhos. A magia havia fluído para dentro dela até que ela afastara as mãos.

Talvez ela tivesse algo a ver com a mudança na pedra. Talvez tivesse sido ela quem a afetara. Ou isso ou a maldição que talvez a pedra houvesse extraído de Madison.

Jason ainda a observava, esperando por uma resposta.

— O que você acha que posso fazer? — indagou ela.

Ele a estudou, como se avaliasse as suas probabilidades de sucesso.

— Duas coisas. Quero ver se você pode fazer alguma coisa com o Coração do Dragão. Você não é vulnerável à magia, por isso deve ser capaz de, pelo menos, manusear a pedra.

— Mas... não sou dotada — protestou Madison. Ela estava dividida de tantas maneiras diferentes que nem sabia como traçar uma estratégia. — Não sei fazer magia.

Jason tomou-lhe as mãos e jogou a melhor cartada que possuía.

— Escute, o Seph e o Nick viram a pintura que você fez. A pintura amaldiçoada. Ela deixou o Seph derrubado por dias. Ele ainda não se recuperou totalmente. É por isso que ele está usando Queima-Mente. Eles acharam que talvez você tivesse... talvez você tivesse traído a gente. Foi por isso que vim aqui antes. Para investigar.

Madison debateu-se à procura do que responder.

— Eu... eu nunca machucaria o Seph — gaguejou ela, sentindo-se como o pior tipo de mentirosa. — Ele deveria saber disso.

— Ele sabe. Ele nunca engoliu a idéia de que você tivesse nos traído. Mas ele precisa da sua ajuda agora. Deixando o Coração do Dragão de lado, você pode nos ajudar quando as Rosas atacarem. Quem sabe você possa sugar o poder deles como fez em Second Sister, se a gente planejar direito.

Não posso.

Mas, talvez, depois de dar o Coração do Dragão para Barber, ela pudesse ajudá-los de alguma forma. Ela poderia compensá-los por sua traição. Se não estivessem todos mortos. Se ainda aceitassem a sua ajuda.

O plano de Madison estava em ruínas agora. Não havia jeito de entrar sem a ajuda de Jason.

Ela engoliu em seco.

— A cidade está cercada, você disse. Consegue me colocar lá dentro?

Ele hesitou por uma fração de segundo, depois disse:

— Sim.

— Acho melhor a gente ir, então. Estamos perdendo tempo.

Um sorriso aliviado surgiu no rosto de Jason.

— Ótimo. Perfeito. Hum, a gente pode ir na sua picape? É que eu peguei um carro emprestado sem pedir. Acho melhor não andar com ele por aí.

Madison havia planejado propor segui-lo na picape, para que ela pudesse partir quando houvesse terminado o que precisava fazer em Trinity. Mas havia uma estranha intensidade nos movimentos de Jason que lhe disse que aquilo não era negociável.

— Oh, está certo.

Ela apanhou as chaves de cima da mesa e pendurou a bolsa de viagem sobre o ombro.

Mas ele segurou o pulso dela e tomou-lhe as chaves da mão.

— Eu dirijo — disse ele.

Capítulo Trinta e Três Tempestade Weir

Antes do amanhecer, as Rosas acordaram os habitantes remanescentes de Trinity com uma fuzilaria de projéteis mágicos — cilindros de *ligfyf* — lançados de cima da barreira dos magos. Eles explodiram contra a elaborada muralha interna dos rebeldes com uma força de chacoalhar os ossos, banhando a terra de ninguém com fogo mágico. Uma fumaça tóxica subia das labaredas entre as muralhas, manchando a parte inferior das

nuvens baixas. Os defensores tombaram da muralha interna como frutos podres, com as mãos nas gargantas.

Os rebeldes responderam com fogo intenso, varrendo o topo da muralha externa, limpando-o de magos e armas. Jessamine se inclinou para a frente, estreitando os olhos na escuridão, segurando-se no parapeito. Uma figura alta e magra andou até a abertura sobre o portão rebelde, ignorando as bombas que explodiam ao seu redor. "McCauley de novo", pensou Jess. Ele ergueu ambos os braços, e a fumaça rolou para trás, para longe dos rebeldes, envolvendo as fortificações das Rosas numa nuvem de veneno.

Jess saiu correndo do baluarte e tentou rebater a fumaça para o lugar de onde viera, depois se abaixou em busca de cobertura quando uma explosão de chamas chocou-se contra a muralha logo abaixo dela.

Espiando por cima da beirada, ela avaliou os danos: um enorme pedaço havia sido arrancado da lisa superfície da muralha dos magos, e grandes blocos de pedra jaziam espalhados no chão abaixo. Outros golpes como aquele e a muralha teria mais furos do que uma peneira.

Como ele fazia aquilo? A barreira fora construída para agüentar ataques mágicos — aquele era todo o seu propósito. Jess correu em torno da muralha, passando pelos magos que lançavam pedras chamejantes de *liqfyr* contra os rebeldes sob pesada proteção.

— Mande uma patrulha lá embaixo para reparar a muralha imediatamente — ordenou ela. — E matar o McCauley — acrescentou.

Do lado de fora do portão, o exército das Rosas se espalhava pelos campos de fazendas e enchia os bosques. Magos, em sua maioria, com alguns feiticeiros mal-humorados mexendo em caldeirões de *liqfyr* magicamente aprimorado. Outros lançavam

estrelas-projéteis de metal brilhante, impregnado com encantamentos mortais.

O famoso tesouro de D'Orsay havia sido uma decepção, para dizer o mínimo. Jess não podia deixar de se perguntar se ele estava escondendo o jogo, se tinha um estoque secreto em algum lugar. Eles haviam sido forçados a economizar no uso das armas, mais para inspirar pânico entre os defensores do que qualquer outra coisa. Algumas eram deliciosamente horríveis, como as esferas de vidro que se abriam com o impacto, soltando centenas de letais víboras *naedercynn* dentro do santuário. Ou as gaitas *gliwdream*, cuja música estridente deixava os defensores insanos.

Jessamine parou para interrogar seus agentes no portão. Ainda nenhum sinal de Haley.

Lá fora, no campo de treinamento, Geoffrey Wylie lutava para organizar à força hordas de magos. Os magos não eram muito bons em trabalho de equipe. Essa habilidade jamais havia sido considerada uma virtude. Até agora. Quando viu Jess, ele interrompeu as vociferações e passou o comando a um mago jovem e belo em uniforme da Rosa Vermelha. Hays era o nome dele, se ela se lembrava corretamente.

— Não gosto desse sistema de muralha dupla — disse Wylie, escovando o gelo dos ombros com as mãos (a última tempestade Weir havia passado um pouco além do alvo). — Podemos ficar presos entre elas e ser aniquilados. É melhor derrubarmos a muralha externa quando chegar a hora do ataque.

Jessamine descartou a sugestão.

— Para que eles se espalhem como codornas e se reagrupem em algum outro lugar? Nada disso. Precisamos dar-lhes uma lição. Além disso, não podemos nos arriscar a perder o Coração do Dragão.

— Não é você que tem de liderar o ataque pelo portão contra uma arma desconhecida.

Jessamine se remexeu com irritação. Wylie havia sido escolhido como comandante porque freqüentara a Academia Militar de West Point um século atrás. E com certeza ele tinha a aparência adequada ao papel, já que era alto e controlador.

Mas Wylie pertencia à casa errada. A segunda pior desgraça depois de perder o Coração do Dragão para os rebeldes seria vê-lo cair nas mãos da Rosa Vermelha.

— Eles estão tão preparados quanto podem estar — insistiu Wylie. — Se vamos atravessar as muralhas, devíamos fazer isso logo. — Wylie inclinou a cabeça em direção ao exército mágico. — Se mantivermos tantos magos assim juntos por muito tempo, eles vão se matar uns aos outros.

— Por que não põe os encenqueiros para reparar a muralha? O McCauley está abrindo buracos nela, sabe lá Deus como.

Jess preferia esperar por Haley, por várias razões. Qualquer coisa poderia acontecer em um combate dentro das muralhas da fortaleza. Qualquer um poderia encontrar o Coração do Dragão. Wylie, por exemplo. Isso seria um desastre.

Mas ela sabia que não poderia protelar por muito mais tempo.

Ellen não conseguiu evitar ficar tensa e fechar os olhos com força ao ouvir o assobio familiar de uma carga se aproximando, seguido pelo ressoar do impacto. Mais uma que havia passado por ela.

Ela se virou, olhando através do parque para a rua da Biblioteca. Uma coluna de chamas vermelhas e fumaça subia do centro da cidade. Aquela devia ter caído em algum lugar na praça. Não havia sobrado muito do gramado para se destruir, exceto uma fonte horrivelmente feia que sem dúvida sobreviveria à guerra inteira.

As Rosas lançavam cilindros de chama mágica que explodiam em incêndios incontrolláveis. Esquadrões de feiticeiros eram mantidos ocupados dia e noite, apagando as chamas, caso contrário a cidade já teria sido destruída há muito tempo.

Mas alguns dos mísseis eram armadilhas, cuspidos *gemynd bana* e coisas piores quando as equipes de incêndio se aproximavam. Aqueles que não eram mortos ficavam incapacitados por dias. E eles não podiam se dar ao luxo de perder uma única mão.

Ellen preferia encarar os inimigos espada contra espada, no solo. Aquele ataque aéreo sem rosto era assustador. Ela respirou fundo e forçou-se a olhar para o outro lado do abismo negro da terra de ninguém, para onde pontos de luz se moviam como vaga-lumes no topo da muralha dos magos. Magos preparando o próximo ataque. Era a terceira noite seguida que ela passava na barreira, e estava exausta o bastante para cometer erros. Mas o trabalho que ela e Jack faziam na muralha mantinha o bombardeio até certo ponto sob controle.

Do outro lado da barreira, um dos vaga-lumes se iluminou: um mago acumulando poder, preparando-se para atacar. Ellen sacou uma estrela-projétil da bolsa e lançou-a assobiando escuridão adentro, depois rolou para o lado, batendo o cotovelo na muralha quando uma explosão de chamas veio em sua direção.

Do outro lado da barreira, alguém gritou. O vaga-lume se lançou da muralha, caindo em espiral na escuridão e se extinguindo junto à base da barreira.

— Pegue uma estrela cadente — resmungou Ellen, limpando o sangue do cotovelo e procurando por outro alvo.

À sua esquerda, um enorme jorro de chamas e fumaça indicava que Seph estava em ação. Várias vezes durante a noite ele passara por ela, que o identificara pelo rastro de calor mágico. Ele estava constantemente em movimento, varrendo a muralha dos magos de artilheiros, dando cobertura para as patrulhas de guerreiros entre as muralhas. Abrindo buracos devastadores na muralha dos magos do outro lado.

Ellen, Jack, Íris Bolingame e alguns dos outros magos ajudavam, mas Ellen tinha de admitir que até então era Seph

quem mantinha as Rosas à distância. Eles logo seriam forçados a realizar reparos na muralha, que estava começando a parecer um sinistro queijo suíço preto.

"Eles que tentem", pensou Ellen, espiando pela fresta o solo lá embaixo, medindo a distância de tiro até a base da muralha. Eles seriam alvos fáceis.

"Por que eles não tentam atravessar as muralhas? Estamos em total desvantagem numérica", pensou Ellen. O que eles estão esperando? Quanto tempo esse bombardeio vai durar? Até quando os Anaweirs conseguirão ficar nas Sisters antes que as Rosas os descubram? Quanto tempo até que eles fiquem sem comida?

Um leve som atrás dela a fez se virar, agarrando o cabo da faca.

— Ei, calma aí! Não esfaqueie o mensageiro. — Era Fitch, ainda com o uniforme da Resistência. Ele depositou um pacote nas mãos dela. — Mais estrelas-projéteis. — E mais outro. — Lanche da meia-noite.

Os Weirs haviam armado um andaime na muralha do lado do santuário, para permitir que os Anaweirs andassem por ela. A muralha em si ainda era invisível para eles.

Ellen rasgou o embrulho das estrelas-projéteis e guardou-as na bolsa.

— Diga obrigada a Mercedes.

Ellen voltou ao trabalho. Não deixaria outra carga passar por ela. Não se pudesse evitar.

Fitch pôs a mão no braço dela.

— O Jack disse que está cuidando da muralha. Pode tirar uns dez minutos pra comer.

Ellen olhou para o local na muralha onde Jack devia estar. Ela sentia falta da presença dele ao seu lado. Seria ótimo tê-lo a seu lado, mas, daquela forma, se aquela posição fosse atingida, apenas um deles tombaria.

Lutar sempre a deixava faminta. Ela se sentou e desembrulhou o jantar, apoiando-o nos joelhos.

Fitch passou-lhe uma garrafa de água cheia de um líquido verde.

— O que é isso? — perguntou ela, desconfiada, virando a garrafa na mão.

— Algum tipo de poção revigorante que a Mercedes fez.

— Nada de drogas — disse Ellen, tentando devolver-lhe a garrafa.

— Não acho que seja exatamente uma droga. — Fitch deu de ombros, como se dissesse: "como é que eu vou saber?" — Só um tipo de... sabe como é... bebida energética.

— Humpf.

Ela deu um gole experimental. E mais outro. Tinha o sabor do ar fresco de alguma parte imaculada do mundo.

Ela bebeu metade da garrafa, colocou-a no chão e deu uma mordida no sanduíche.

Fitch ficou pendurado no andaime e sacou uma câmera digital. Tirou várias fotografias de Ellen.

— Você está me fotografando enquanto como o meu *jantar*? —

Ela sacudiu uma coxa de frango na direção dele. — Que emocionante. Pra quê?

— Alguém tem que fazer isso — disse ele, fitando as chamas além das muralhas, o rosto solene e corado sob a luz avermelhada. — Que nem aquele fotógrafo da Guerra Civil, Mathew Brady. O governo dos Estados Unidos o enviou para documentar a guerra.

— Fitch, você é um tremendo *nerd*.

Ele não disse nada.

Ela terminou o sanduíche e limpou a boca com as costas da mão.

— Você acha que a gente vai perder, não é?

— Por que diz isso?

Ellen percebeu que ele não havia negado.

— Porque os vencedores sempre escrevem a história. Você quer ter certeza de que algo vai sobreviver. De nós.
Ele sorriu, parecendo um pouco embaraçado.
— Mesmo que seja só algo digital.

Capítulo Trinta e Quatro

Pelas Linhas Inimigas

Era aquela hora inquietante que precede o amanhecer. No topo da montanha Booker, Maddie estaria esperando o romper da luz ao leste, as fiéis montanhas surgindo da escuridão.

Mas Maddie não estava na montanha Booker. Estava andando sorrateiramente pela vegetação baixa do parque Perry, seguindo Jason Haley, perguntando-se em que tipo de missão insensata ela se metera.

Para um garoto da cidade, ele sabia andar bem na floresta. Maddie só tinha que seguir a forma iluminada dele, como uma nuvem passando à frente do sol.

Finalmente ela viu luzes se infiltrando através das árvores adiante. Jason parou, esperando que ela o alcançasse.

— Os acampamentos dos exércitos das Rosas — sussurrou ao ouvido dela.

Ao entrarem num bosque dizimado de uma floresta antiga, os arbustos ficaram mais escassos. Carvalhos muito antigos e antes fortificados estavam caídos: os magos haviam derrubado as árvores, criando clareiras espalhadas onde podiam erguer suas tendas, aplicar feitiços de proteção e posicionar guarda contra outros magos.

Uma grande massa imponente erguia-se acima das árvores além dos acampamentos, obscurecendo as estrelas agonizantes.

— O que é aquilo? — sussurrou Madison, percebendo a presença dos magos ao redor.

— É a muralha dos magos — sussurrou Jason.

— Não entendo. Por que eu consigo enxergar?

Ela conhecia as teias Weirs, que capturavam os Weirs, mas eram invisíveis para todos os outros, fossem Anaweirs ou extratores.

Jason balançou a cabeça.

— Eu tinha esperança de que você pudesse passar através dela. Não é uma teia Weir, é uma muralha de magos. É construída com magia, mas feita de pedra, como qualquer outra fortaleza. Isso complica as coisas. Vamos ter de passar pelo portão — disse ele, olhando de relance para ela, depois desviando o olhar. Ele estivera lançando muitos daqueles olhares de esguelha sobre ela ultimamente. Ela não disse nada, esperando que ele continuasse.

— Há uma chance de a gente ser capturado. Se isso acontecer, você pode confiar em mim?

— Como é que é? — A voz dela se intensificou, e Jason estremeceu, pondo um dedo sobre os lábios para silenciá-la. Ela continuou, num sussurro rouco. — Que tipo de pergunta é essa?

— Eu faço você passar, prometo, mas... vai no embalo, está bem? Será que você consegue não fazer perguntas?

Ele parecia embaraçado.

— Ahn, acho que sim. Tudo bem — respondeu ela.

E assim eles foram em frente, com Madison remoendo a respeito do que ele dissera e perguntando-se com o que ela se comprometera.

Quanto mais perto chegavam da barreira, mais difícil ficava se manterem ocultos. Tiveram de parar a menos de cem metros do portão. Não havia mais cobertura: as árvores junto à muralha haviam sido derrubadas. Os magos se aglomeravam junto ao portão, em preparação para a batalha iminente.

Os peritos em munição distribuíam mochilas, armaduras e suprimentos entre as tropas reunidas. Mísseis reluzentes traçavam arcos no céu, desaparecendo atrás da muralha do

santuário. O chão tremia quando os alvos eram atingidos. Fumaça e chamas rolavam em direção ao céu. Trinity fora transformada numa fortaleza durante a ausência de Madison.

Ela sentia a atração sedutora do Coração do Dragão do outro lado das muralhas. O coração bateu mais rápido: medo e terror em luta contra a excitação.

Jason dançava inquieto no mesmo lugar.

— O nosso tempo está se esgotando. Acho que temos que usar a abordagem direta.

Ele agarrou a mão de Madison e avançou como um trator pela multidão de soldados magos e sua equipe de apoio.

Em meio a todo aquele caos e confusão, ninguém pareceu notá-los até estarem a poucos passos do portão. Então uma meia dúzia de magos em uniformes da Rosa Vermelha destacou-se da multidão e cercou-os, de escudos erguidos. Madison se aproximou de Jason, lembrando-se do que ele havia dito.

— Haley? É *mesmo* você. O famoso ladrão do Coração do Dragão.

A pessoa que falava, um mago alto com uma cicatriz, parecia vagamente familiar.

Jason estudou-o por um momento, como se considerasse a possibilidade de negar a acusação, depois assentiu com relutância.

— Wylie.

Wylie sorriu.

— Isto é uma surpresa. Perambulando pelas linhas inimigas, hein? Sabia que era ousado, mas parece que você tem um instinto suicida. — Ele olhou rapidamente para Madison e pareceu espantado. — Eu conheço você! É a garota de Second Sister. A garota que estava com o McCauley.

Madison pestanejou e abriu a boca para responder, mas estremeceu, surpresa, quando Jason passou um braço em torno dela e puxou-a para perto. Ele segurou-lhe o queixo e virou-lhe

o rosto, beijando-a convincentemente nos lábios. Ainda segurando-a firme, ele disse:

— Ela está comigo agora.

Os magos da Rosa Vermelha riram, dando cotoveladas uns nos outros como garotos do colégio zoando embaixo da arquibancada.

Maddie queria pisar no pé de Jason, desvencilhar-se do abraço dele e perguntar-lhe o que ele achava que estava fazendo, mas a tensão no corpo dele era um aviso.

— Como assim? Pensei que ela e o McCauley estivessem namorando — disse Wylie.

— *Estavam* — disse Jason, sorrindo.

Madison se enfureceu. Estavam falando sobre ela na sua frente, como se ela fosse surda ou imbecil.

As emoções deviam ter transparecido em seu rosto, pois Jason olhou para Madison e balançou a cabeça quase que imperceptivelmente, depois se voltou mais uma vez para Wylie.

— Enfim. Valeu o papo, mas a gente precisa ir.

Dois dos companheiros de Wylie seguraram os braços de Jason.

— Oh, não. — Wylie postou-se diante de Jason. — Vocês dois vão voltar comigo. Não me contar tudo sobre o Coração do Dragão e sobre o que está acontecendo no santuário. — Wylie sorriu com ferocidade e bateu de leve no rosto de Jason. — Mal posso esperar por essa nossa conversa.

Jason afastou a cabeça.

— A doutora Longbranch não contou pra você?

O sorriso de Wylie se desfez rapidamente.

— Como assim?

— Pergunte pra ela. Está tudo arranjado. Ela vai explicar.

Madison olhou de Jason para Wylie. Se era um blefe, era bom.

Wylie ficou branco de raiva.

— Nem a pau. Vocês são meus prisioneiros e...

Subitamente eles estavam cercados por uma dúzia de magos da Rosa Branca.

— Senhor Wylie, a doutora Longbranch está aguardando esses dois — disse um deles.

Não havia nada a fazer a não ser deixar que os empurrassem em direção a uma tenda requintada com teto cônico onde tremulava a bandeira da Rosa Branca. Wylie e seus magos seguiram atrás, descontentes. Jason fitava direto em frente, mas segurava com firmeza o cotovelo de Madison. Madison virou-se para olhar para o portão lá atrás. O que Jason estava pensando? Achava mesmo que teria mais sorte com Longbranch?

A tenda da doutora Longbranch era protegida por mais uma dúzia de magos em trajes da Rosa Branca. Um dos guardas desapareceu lá dentro. Depois voltou e fez um gesto de cabeça para Jason e Madison.

— Vocês dois entram. O resto de vocês espera aqui fora.

Wylie observou, mal-humorado, enquanto os guardas conduziam os prisioneiros para dentro.

O interior era o mais próximo de um palácio que uma tenda poderia ser. Tapetes vistosos estavam espalhados pelo chão. Cortinas de veludo e de cetim cobriam as paredes e separavam uma área de dormir num dos lados. Do outro lado, cadeiras estavam dispostas em torno de uma mesa de conferências. Luzes mágicas projetavam longas sombras. Música suave flutuava nos ares, superando os ruídos de batalha que vinham das muralhas, e queimadores de incenso eclipsavam o mau cheiro da guerra.

Madison mal teve tempo para reparar em tudo isso antes que uma bruxa alta viesse na direção deles, a bainha do vestido de veludo deslizando sobre os tapetes. Tinha olhos verdes e uma longa cascata de cabelos negros como piche. Ignorando Jason, ela segurou ambas as mãos de Madison e olhou-a nos olhos. Ao contrário da maioria dos magos, não parecia ter medo do toque

de Madison, mas teve o cuidado de não deixar nem um pouco de persuasão lhe escapar.

— Madison, estou feliz que tenha vindo. Sou Jessamine Longbranch.

— Oi... olá — gaguejou Madison, enquanto a mente corria em alta velocidade.

"Ela sabe quem eu sou. Estava me esperando." Ela olhou de relance para Jason, que tinha o rosto completamente impassível, a não ser pelos olhos, que cintilavam sob a luz mágica.

— Ouvi dizer que é artista — continuou Longbranch.

— Sim, senhora — disse Madison, livrando as mãos.

— Sou uma espécie de mecenas das artes. Talvez eu possa apresentar você a algumas pessoas.

— Oh, claro. Isso seria ótimo.

De repente, todos estavam interessados na arte dela. Porque tinham outros planos.

— Primeiro, contudo, temos que dar fim a essa guerra. — prosseguiu Longbranch. — Tanto derramamento de sangue. Tão desnecessário!

— Vocês estão se preparando pra atacar? — indagou Jason.

A doutora Longbranch assentiu.

— Estávamos apenas esperando por vocês.

— Certo — disse Jason, apertando o braço de Madison, como num aviso. — Então é melhor irmos.

A doutora Longbranch ergueu a mão para conter qualquer idéia de uma partida imediata e voltou-se para Madison.

— Os rebeldes não vão se render enquanto tiverem o Coração do Dragão. É aí que você entra. — Ela fez uma pausa. — O Jason disse que você pode entrar no santuário e trazê-lo para nós.

Foi como um soco no estômago. Madison olhou de Jason para a doutora Longbranch.

— O quê?

— Ei, Maddie, você sabe. Aquela pedra da qual a gente falou, lembra? — Jason apressou-se em dizer, pondo as mãos sobre os ombros de Madison e olhando bem dentro dos olhos dela. — Tudo o que temos de fazer é trazer a pedra para a doutora Longbranch, e a guerra acaba. Vamos ter todo o dinheiro que precisamos para toda a vida e muito mais. Poderemos ir aonde você quiser: Paris, Londres, Bali... Você vai poder pintar em tempo integral. Poderemos ficar juntos.

E então ele a beijou de novo, provavelmente para calar-lhe a boca.

A doutora Longbranch riu.

— Você é uma figura, Haley. O McCauley sabe que você roubou a namorada dele?

"Estão todos loucos", pensou Madison, quando Jason a soltou.

"Mas não importa. Tenho que entrar no santuário.

E, se esse é o jeito de conseguir, bem..." Ela teria de improvisar à medida que avançava.

— O Seph nunca teve tempo pra mim — disse ela, desejando pela centésima vez ter herdado o gene da mentira. — É culpa dele mesmo se apareceu alguém que sabe como tratar uma garota.

"Estou falando que nem a mamãe", pensou Madison. Sempre trocando o diabo que conhecia por aquele que lhe era estranho.

— Certo — disse a doutora Longbranch, sorrindo. — É *mesmo* culpa dele.

— Podemos ir, então? — perguntou Jason, nervoso como sempre que precisava esperar.

— Sim e não — disse a doutora Longbranch. — A Madison vai buscar o Coração do Dragão. Haley, você vai ficar aqui para garantir que ela volte.

— O quê? — Madison girou e olhou feio para a maga. — De jeito nenhum. Não vou sem o Jason.

Ela se agarrou ao braço dele como se os dois estivessem unidos com solda.

A um gesto de cabeça de Longbranch, dois guardas da Rosa Branca saíram das sombras e seguraram os braços de Jason, arrebatando-o de Madison.

— Levem-no até a nossa área de detenção e mantenham-no lá — ordenou ela.

Longbranch se virou para Madison.

— Minha querida, seja razoável. Vá buscar o Coração do Dragão e traga-o para mim. O seu jovem namorado vai estar livre num instante, e vocês vão sair disso com uma fortuna em dinheiro vivo. Recuse, e eu o mato agora.

— Vá, Madison — disse Jason, dirigindo-lhe um olhar que dizia "*Cale a boca*". — Vou ficar bem. Quanto mais cedo você for, mais cedo vai voltar.

— Apenas tenha certeza de dar a pedra diretamente a mim — disse Longbranch. — Não queremos que ela caia em mãos erradas.

Madison olhou para Jason, que gesticulou com a cabeça em direção ao portão, indicando que ela devia ir, e depois para Longbranch, cujo olhar frio e direto dizia que Jason pagaria em sangue por qualquer traição.

Uma coisa estava clara: Jason Haley estivera mentindo para ela desde o momento em que pusera os pés na varanda da sua casa. Estaria mesmo conspirando com as Rosas? Ou tinha decidido se sacrificar para colocá-la dentro do santuário?

Madison lançou os braços em volta do pescoço de Jason como se não pudesse encarar a idéia de ser separada dele e sussurrou-lhe ao ouvido, com fúria:

— Seu mentiroso, seu lunático desgraçado. Eles vão *matar* você.

— Também amo você — murmurou ele. — Vá encontrar o Seph. Dê uma força pra ele.

Ela o soltou, virou-se e caminhou na direção do portão, escoltada por um grupo de soldados da Rosa Branca, sem prestar atenção no caos a seu redor.

Era uma confusão. Uma confusão total e absoluta, já que, não importava o que fizesse, ela acabaria com sangue nas mãos.

Porque ela jamais poderia levar o Coração do Dragão para Jessamine Longbranch.

Geoffrey Wylie observou os soldados da Rosa Branca escoltarem a extratora Madison Moss na direção do portão, retorcendo as mãos ao conter o impulso de incinerá-los. Momentos mais tarde, mais magos de Longbranch empurraram Jason Haley na direção contrária, para o meio do acampamento da Rosa Branca.

O fedor da traição pairava no ar. E concentrava-se em Haley, na garota e no Coração do Dragão. Wylie sentia o poder se acumulando atrás das muralhas, como um cataclismo em formação. O que aconteceria se rompessem a muralha? Seriam vaporizados, aniquilados em um instante?

Longbranch estava tramando algo, e Wylie não tinha a intenção de ser o cordeiro do sacrifício.

Ele se voltou para o capitão da Rosa Vermelha, Bruce Hays, que estava ali aguardando ordens.

— Quantos magos temos?

— Pela Rosa Vermelha? — O oficial pensou a respeito. — Cerca de trezentos, tirando e acrescentando alguns infiltrados e espiões dos outros lados.

Wylie sorriu. Trezentos magos eram um exército maior do que qualquer um já visto desde a Guerra das Rosas.

— Eis o que nós vamos fazer: reúna os magos da Rosa Vermelha e leve-os até o portão. Não vamos esperar pelo sinal da Longbranch. A Rosa Branca pode lutar contra os rebeldes enquanto nós vamos atrás da garota e do Coração do Dragão.

Os carcereiros de Longbranch não pareciam considerar Jason uma grande ameaça. Embora houvessem prendido os pulsos dele com algemas de *sefa*, não se deram ao trabalho de imobilizá-lo ou revistá-lo em busca de pedras do coração antes de empurrá-lo por entre as tendas.

Por isso ele imaginou que, se fosse agir, era melhor fazê-lo antes que o atirassem em fosse qual fosse a masmorra que Longbranch havia criado. Ele tinha a sensação de que seria um lugar do qual seria difícil escapar. Mas não queria alertar Longbranch antes que Madison estivesse bem longe.

O acampamento havia se esvaziado, tendo a maioria dos soldados sido posicionada junto à muralha em preparação para o ataque que se aproximava. Assim que Jason e os guardas chegaram a um ponto isolado onde parecia que a fuga dele poderia passar despercebida, os magos da Rosa Branca em ambos os lados dele caíram silenciosamente ao chão, e um bando de magos em uniformes da Rosa Vermelha viraram-no e arrastaram-no de volta pelo caminho por onde haviam vindo.

Jason se sentiu como a estúpida princesa de um video-game.

— O que está acontecendo? — indagou ele.

— O Wylie quer fazer algumas perguntas a você. Agora cale a boca.

Ao se aproximarem da orla do acampamento, gritos irromperam atrás deles. A Rosa Branca descobrira que o prisioneiro lhes fora roubado.

Os magos da Rosa Vermelha soltaram Jason e se voltaram a fim de se defenderem. Enquanto os escudos se erguiam e feitiços começavam a voar, Jason deixou seus seqüestradores para trás e correu na direção do portão.

Capítulo Trinta e Cinco

Uma Casa Dividida

Fitch olhou através da fumaça e das chamas do caldeirão de bruxa que era a terra de ninguém, esfregou os olhos e olhou de novo. Sim. Havia um movimento furtivo no portão externo, as formas de muitas dezenas de figuras atravessando o campo aberto.

Ele secou as mãos suadas nas calças jeans. Era isso? O ataque pelo qual estavam esperando? Não era exatamente um exército. Mas mesmo alguns poucos magos eram capazes de causar muitos danos. Espiou pelo binóculo, reconhecendo o emblema da Rosa Branca em vários dos invasores.

Ele se virou, procurando por Will, e viu que o amigo havia caído no sono, apoiado no andaime junto à muralha. Fitch não conseguia se lembrar da última vez em que eles haviam dormido sem que fosse por acidente.

— Ei, Will. Acorde.

Will despertou de imediato, afastando-se apressadamente da muralha.

— O quê? Eu só estava descansando os olhos.

— Vá avisar o Jack. — Fitch apontou com o queixo para a muralha. — Alguma coisa está acontecendo.

Will avançou engatinhando e espiou por cima da abertura, depois se arrastou para trás, como um caranguejo gigante. Fazendo um gesto de positivo com o polegar para cima a Fitch, Will seguiu pelo andaime e desapareceu nas trevas. Conseguia ser incrivelmente silencioso para um atleta.

Fitch retomou a vigília, sentindo-se como um patrulheiro da fronteira. Tirou o controle remoto do bolso e segurou-o numa das mãos. Havia colocado explosivos por toda a muralha externa, numa versão moderna do método que sapadores medievais usavam para minar uma fortificação.

O primeiro grupo estava a meio caminho do campo quando outro, mais numeroso, irrompeu pelo portão dos vilões, seguindo a primeira onda de magos da Rosa Branca. Pelo que

pôde ver pelo binóculo, esse segundo grupo parecia ser de magos da Rosa Vermelha.

O grupo avançado da Rosa Branca não pareceu notá-los a princípio. Quando notaram, não pareceram felizes com os reforços. Após um momento de encontrões e confusão, metade do grupo prosseguiu, acelerando o passo, enquanto a outra metade deu meia-volta para enfrentar o exército que se aproximava.

Quando os dois grupos se chocaram, chamadas de magos irromperam por toda a linha. As Rosas estavam lutando entre si! Fitch esfregou um dedo no controle remoto, nervoso. Se aquele era o ataque esperado, chegara a hora do espetáculo. Mas não sabia o que pensar dos acontecimentos a que estava assistindo.

Seph havia encontrado um lugar calmo do qual monitorava a fronteira do santuário em uma das muitas torres redondas que Mercedes havia construído na complexa muralha. Era bom estar cercado por pedra, já que ele tendia a atear fogo nas coisas.

Ele ficou ali, em silêncio, como um morcego numa caverna, seu sonar mágico sondando de leve as muralhas concêntricas da fortaleza interna e da muralha externa dos magos, vasculhando o espaço disputado entre elas. Estivera na muralha por três dias seguidos, apagando incêndios e criando suas próprias conflagrações.

Con-fla-gra-ção. Uma palavra perfeita para um perfeito ataque letal. Os inimigos dele eram vaporizados como mosquitos que cometiam o erro de pousar numa linha de transmissão de força.

Que horas eram? Ele se levantou, esticando os músculos fadigados, massageando a base da espinha. Esfregou os olhos cheios de areia e tentou cuspir o gosto horrível em sua boca. Não conseguindo, tirou um frasco do bolso e eliminou o amargor da boca com um longo gole de Queima-Mente.

Não sabia se estava realmente viciado na poção ou se era a dor e a exaustão que a tornavam temporariamente necessária. Outrora

aquela distinção lhe teria parecido importante. Se Mercedes não a preparasse para ele, havia vários magos que o fariam. Eles tinham visto o que ele fazia na muralha. Sabiam que Seph estava entre eles e centenas de magos, e sabiam o que aconteceria se ele falhasse.

O Queima-Mente fluiu por suas veias, e Seph estava bem de novo. Completamente. Na verdade, sentia-se quase bêbado. Invulnerável. Outra palavra perfeita.

O mundo o invadiu e ele lhe deu boas-vindas, a cada minúscula folha de grama e folha de árvore e mago sedento de poder. Mais uma vez, sentiu-se em casa. Conectado a tudo e todos.

Em algum lugar atrás dele, o Coração do Dragão pulsava como uma dor de dente. O coração de Seph parecia bater no mesmo ritmo. Ele era a energia que conectava e destruía.

Sentiu a presença dos intrusos antes de vê-los, sentiu o poder vivo de centenas de magos irrompendo pela muralha dos magos e fluindo em direção ao santuário.

Deixando a torre redonda, Seph seguiu em silêncio até conseguir olhar por sobre a muralha de Mercedes. O sol ainda não havia surgido no horizonte, e nenhum sinal do amanhecer tinha penetrado por entre as muralhas.

"Sei que estão aí embaixo", pensou Seph, arregaçando as mangas. "Acharam que eu não ia notar?" Ele estava repleto, vibrando de poder. Eles estariam acabados antes de chegar à muralha.

Vieram em duas ondas. Uma logo alcançou a outra.

Chamas surgiram entre as muralhas quando as duas ondas se encontraram, uma linha tortuosa expelindo um vapor de fumaça vermelha como lava atingindo o mar gelado. Os magos lutavam entre si lá embaixo. Mas um punhado de invasores se aproximou, rumo ao portão Weir. Perto demais.

Seph ergueu as mãos, com a intenção de lançar chamas sobre o grupo que atacava o portão. E parou, captando um rasgo no tecido da magia que lhe era familiar. Uma lembrança.

Em vez de chamas, ele lançou um arco ondulante de luz pelo céu. Este iluminou uma cena apocalíptica.

Centenas de magos batalhavam uns contra os outros entre as muralhas. A maioria trazia emblemas das Rosas, Branca ou Vermelha. Junto ao portão, um pequeno grupo de magos da Rosa Branca havia parado, detido pela barricada. E, entre eles, Seph viu alguém que fez com que seu coração parasse.

Madison.

Ela estava no centro, levada pelo fluxo de corpos como uma tora de madeira numa inundação, empurrada e pressionada pelos magos em torno. Os cabelos cintilavam sob a luz mágica, serpenteando nos ventos quentes gerados pelas chamas. Era prisioneira? Refém?

Seph pulou por sobre a abertura, aterrissando no meio de uma escadaria interna que descia até o pátio lá embaixo. Depois correu escada abaixo, os pés tocando cada três ou quatro degraus.

— Comandante! Senhor! Acorde!

Jack emergiu do sonho, perguntando-se quem era o comandante e desejando que este respondesse para que ele pudesse voltar a dormir... até se lembrar de que *ele* era o comandante. Ele se sentou, batendo a cabeça no leito de cima. Era a primeira vez que se deitava numa cama em uma semana, e agora...

— O Will está aqui — disse Mick, o alto guerreiro irlandês que havia sido escolhido para ser o guarda-costas de Jack.

Will Childers empurrou Mick para poder passar.

— Jack, eles estão vindo. Estão atacando, ou algo assim. Centenas deles. Indo em direção ao portão.

Jack calçou as botas e estava de pé antes de Will ter terminado de falar.

— Eles estão esperando o senhor, comandante — disse Mick.

— Cadê a Stephenson?

— Lá fora no meio daquilo.

— O que ela está fazendo?

Jack apanhou o boldrié e atou-o no lugar. Abriu caminho para fora da tenda e correu na direção do portão, deixando Mick e Will com a tarefa de alcançá-lo se pudessem.

O *plano* era evitar saídas heróicas da muralha, pois fora do santuário o seu número reduzido os colocaria em desvantagem. Em vez disso, eles se alinhariam no topo da muralha Weir e lançariam a destruição sobre qualquer inimigo valente o bastante para se aproximar dela.

Ellen era a estrategista. Por que mudara de idéia?

Estavam esperando por ele, os seus guerreiros fantasmas. Haviam treinado por meses para aquele momento. Em algum lugar lá fora na escuridão estava Ellen e sua centena de guerreiros. Contra hordas de magos que se precipitavam sobre a terra de ninguém. Por que ela deixaria a segurança relativa do santuário e se envolveria numa batalha que não podia vencer?

— A peleja está feia, senhor — disse Brooks, puxando o cabelo num rabo que parecia um ninho de ratos e amarrando-o com uma tira de couro. — É um arranca-rabos.

Fora da muralha Weir, Jack pôde escutar o som seco de corpos colidindo e os gritos dos feridos. Era barulho demais, mesmo considerando o fato de Ellen estar envolvida.

— Por que ela saiu lá fora? — indagou Jack. — Por que não impediu que ela fosse?

Brooks cuspiu no chão.

— Já tentou impedir a capitã Stephenson quando ela encasqueta de fazer alguma coisa? Ela estava olhando por cima da muralha, viu algo lá fora e foi atrás. Os outros foram atrás dela. — Ele fez uma pausa. — Penso que é melhor irmos atrás dela também. Ela não iria lá fora sem um bom motivo.

Era o que Jack queria ouvir. Tentou não pensar na possibilidade de estar pondo os guerreiros em perigo a fim de salvar a vida de Ellen.

— Muito bem, vou atrás da capitã Stephenson. Se alguém quiser vir comigo, é bem-vindo, mas aquilo lá fora está parecendo um banho de sangue.

Os guerreiros avançaram. Todos eles.

— Bem. — Jack tentou engolir algo preso na garganta. — Ahn, pelo menos metade de vocês precisam ficar aqui e proteger a muralha.

No final, ele teve de forçá-los a assumir suas funções. Brooks foi escolhido para ficar para trás, mas cobrou uma dívida de jogo e juntou-se a Jack no barbacã.

— Vamos.

Jack e seus 50 guerreiros passaram pelo longo túnel do portão, sob os "buracos assassinos", orifícios que Mercedes havia incluído para que os defensores pudessem arremessar coisas sobre os atacantes, e penetraram no caos.

Visualmente, era um mar de corpos — alguns tão espremidos uns contra os outros que era impossível manejar uma espada, quanto mais diferenciar amigos de inimigos. Alguns pares dançavam e duelavam, como que esquecidos da furiosa batalha ao seu redor, como se estivessem sozinhos no campo de treinos. Mago contra mago, guerreiro contra mago... mas nenhum guerreiro contra guerreiro, já que não havia nenhum lutando pelo outro lado. As chamas subiam ao céu em espirais e se espalhavam pelo solo como um espetáculo de fogos de artifício que dera terrivelmente errado. Alguns dos lutadores exibiam os emblemas da Rosa Vermelha ou Branca, no entanto pareciam estar fazendo o máximo para se matar uns aos outros.

O que era uma bênção, pois de outra forma tudo já teria acabado.

Por toda a volta, Jack ouvia os golpes de metal contra carne, a explosão de ar quando os golpes atingiam seus alvos, os berros polifônicos dos companheiros guerreiros. Engolfado pela luta, ele se entregou a ela por um tempo, usando a Sombra Assassina para abrir caminho à sua frente. Ainda estava procurando por Ellen.

Ao ouvir um inconfundível grito de guerra, virou-se e deu com Brooks sozinho no topo de uma pequena elevação, sangrando por vários ferimentos, armado com um escudo e o machado que eram suas marcas registradas, sob ataque de quatro magos. Corpos estavam espalhados em torno dos pés dele, e Jack se perguntou quantos seriam do grupo deles.

Brooks estava perdendo as forças. Aparava desajeitadamente os ataques dos magos, cambaleando de uma posição a outra enquanto os magos se fechavam sobre ele, farejando sangue. Sem dúvida já teria sido abatido se não o quisessem vivo.

Jack estava ainda a menos de cem metros de distância quando um raio de chamas mágicas atingiu Brooks no peito e o forçou a se ajoelhar. Os magos atacaram, e Brooks ergueu o machado com ambas as mãos, proferindo pragas e insultos do século XVIII, provavelmente na esperança de incitá-los a matá-lo de uma vez.

Jack pegou a bolsa que levava pendurada transversalmente ao peito e sacou uma estrela-projétil, um dos objetos da Ravina do Corvo. Não fazia idéia do que esta era capaz de fazer. Em desespero, atirou-a sobre os magos que atacavam Brooks.

Ela ziguezagueou por entre eles, e dois deles tombaram, berrando.

Jack aparou vários golpes de chamas e lançou-se sobre eles, brandindo a espada de lado a lado, forçando os magos a recuarem. Sangue quente respingou-lhe no rosto e nas mãos. Alguém lhe pisou com força no pé e chegou mesmo a resmungar:

— Desculpe.

Brooks se contorcia no chão, ainda tentando golpear o mago que se inclinava sobre ele. Jack ouviu um feitiço de imobilização se formando, como em câmera lenta, e se jogou sobre a fonte, golpeando às cegas com a faca do cinto. O mago caiu.

Jack se ajoelhou junto a Brooks em uma daquelas minúsculas bolhas de tempo que provavelmente durou meio segundo, mas pareceu se estender para sempre.

— Vamos, Brooks. De pé. Vamos levar você até a Mercedes.

O sangue escorreu da boca do guerreiro.

— Estou acabado, Jack. Mas levei dez dos malditos comigo, e isso é alguma coisa. — Ele agarrou a mão de Jack, como que buscando confirmação. Jack pôde apenas assentir com a cabeça.

— Todos os torneios que venci, todos os pobres guerreiros que matei... nada disso foi nem de perto tão... gratificante.

Jack mal podia falar.

— Levante — sussurrou ele, enxugando as lágrimas com a luva da armadura. — Pare de se fingir de doente.

— Diga à menina, quando a encontrar, que... ela tem talento — murmurou Brooks, arquejando. — É uma grande guerreira. Sempre foi.

E o guerreiro fechou os olhos.

Jack lembrou-se de uma manhã ensolarada na Cúmbria, Brooks atacando-o no gramado, o cabelo trançado esvoaçando, os mocassins molhados pelo orvalho, um machado em cada mão. Mais vivo do que qualquer fantasma tinha o direito de estar.

Jack se levantou, olhando ao redor. O centro da batalha havia se movido para uns cem metros além. Ellen. Ele tinha de encontrá-la. Abriu caminho em meio à confusão, brandindo a espada com eficiência mortal.

Finalmente, ele se afastou o bastante para perceber um aglomerado de magos da Rosa Branca junto ao portão, aparentemente em um duelo furioso contra alguns magos da

Rosa Vermelha. E, no meio de tudo, avistou Ellen e o que restava da patrulha dela: cerca de 20 guerreiros ensangüentados lutando por suas vidas.

Ellen era um exército de um só, como sempre, atacando com a Abridora de Caminhos, golpeando lateralmente com o escudo, encorajando a tropa exaurida, tornando miserável a vida de qualquer um que lhe chegasse ao alcance.

Jack forçou caminho na direção deles, perguntando-se por que os guerreiros se intrometeriam numa batalha entre magos inimigos. Então viu alguém familiar junto à muralha, entre os magos da Rosa Branca. A jaqueta de brim de botões metálicos estava coberta de sangue, os olhos azuis arregalados de medo. Ela estava presa atrás de uma falange de magos e guerreiros.

"Madison?"

Os atacantes da Rosa Vermelha estavam tão concentrados no que faziam que Jack abateu meia dúzia deles antes que notassem sua presença. Até quando não era mais possível ignorá-lo, apenas alguns magos se voltaram para lidar com ele, enquanto a maioria continuava o assalto impiedoso contra a Rosa Branca. Eles abateram um dos magos defensores e passaram pelo espaço antes ocupado por ele, mas foram forçados a recuar diante do contra-ataque feroz de Ellen.

"Estão atrás de Madison", pensou Jack, a mente processando aos poucos as evidências diante dele. "E a Rosa Branca a estava defendendo?"

Talvez a Rosa Vermelha estivesse instruída a capturá-la viva, ou talvez estivessem todos cientes das conseqüências de atacar Madison com magia. Fosse qual fosse o motivo, estavam fazendo o máximo para matar todos em torno dela ao mesmo tempo que a deixavam intocada.

Os magos afluíam ao campo numa quantidade que parecia interminável. Havia magos atrás deles. Magos por todos os lados. Magos da Rosa Vermelha e Branca. Magos sem

emblemas. Era como se toda a fúria reprimida nos últimos séculos houvesse sido liberada naquela única batalha. Se não fosse por tanta confusão no campo, Jack teria sido morto muito antes de conseguir se aproximar de Ellen.

Um por um, o pequeno grupo de magos da Rosa Branca foi eliminado, até que só restava Ellen de pé entre a Rosa Vermelha e Madison Moss. Ela já sangrava por causa dos vários ferimentos, mas continuava com a costumeira expressão obstinada de "Venha me pegar!" enquanto enfrentava meia dúzia de magos. Ela estendeu a mão para trás e passou uma adaga para Madison, o punho voltado para a última.

A estrela-projétil de Jack pegou um dos magos atrás da orelha esquerda, e ele tombou. A espada de Ellen abateu outro. Agora eram quatro contra um, um páreo equilibrado no que dizia respeito a Ellen.

Ela olhou para Jack, fazendo uma carranca sob o sangue e a sujeira no rosto.

— Quer dizer para eles abrirem o maldito portão por tempo suficiente para empurrá-la pra dentro?

Jack compreendeu que ela estivera manobrando para ficar cada vez mais perto do portão Weir, que agora estava logo atrás deles. Mas os defensores nunca o abririam, com centenas de magos do lado de fora. Eles não faziam idéia de quem era Madison.

— Mick! Vá dizer para eles abrirem o portão. — Ele fez um gesto de cabeça, indicando ao guerreiro aonde ir. Então, passando aos empurrões por vários magos, Jack tomou seu lugar à esquerda de Ellen, onde o seu jogo canhoto de espada cobriria o lado não dominante dela. Ele percebeu que ela estava ferida pela maneira como se movia e pelas manchas escuras em sua túnica, que ele não sabia se eram de suor ou sangue.

— Leve a Madison pra dentro — sugeriu ele. — Você está ferida.

Ela balançou a cabeça e se empertigou. Jack captou um movimento pelo canto do olho e se virou. Um mago havia se esgueirado por trás deles e se aproximava de Madison, que tentava mantê-lo à distância com a adaga de Ellen. Era o jovem Devereaux D'Orsay.

Um mago alto correu na direção deles, tentando se colocar entre os dois guerreiros e o menino. Claude D'Orsay.

— Devereaux! Afaste-se daí!

Madison foi distraída por D'Orsay por um instante, e Devereaux tentou agarrá-la.

Jack deu dois passos, mas Ellen estava lá antes dele.

— Ei!

Ela empurrou o jovem mago para fora do caminho. O menino se virou, sorriu, ergueu as mãos. Perto demais para errar.

— Não!

Foi como um desses sonhos em que se está paralisado, incapaz de se mover. Apenas alguns metros os separavam, mas Jack não conseguiu cruzar a distância a tempo. Ondas de chamas partiram das mãos de Devereaux e atingiram Ellen, erguendo-a no ar antes que ela tombasse de costas no chão.

— Um já foi! — bradou o menino. Depois estendeu as mãos na direção de Jack, um sorriso ambicioso no rosto de bebê, os olhos claros brilhando de prazer por trás dos óculos redondos. — Quem diria que guerreiros morrem tão facilmen..

A Sombra Assassina deu fim àquilo. O menino morreu com um sorriso no rosto.

Alguém gritou:

— Devereaux!

Jack se virou. Era Claude D'Orsay, o rosto contorcido pela tristeza e pela raiva. Era o gélido Mestre dos Jogos como Jack jamais o vira.

— Você o matou! Seu bárbaro mestiço, você matou o meu filho!

D'Orsay avançou implacavelmente, lançando uma vasta parede de chamas pelo campo de batalha em direção a Jack, sem se preocupar com quem mais incinerava desde que Jack estivesse entre eles.

Jack se postou diante do corpo caído de Ellen, sabendo que não havia como deter o que se aproximava. Ele ergueu a Sombra Assassina e disse uma prece.

D'Orsay estava tão concentrado na vítima escolhida que não viu a pessoa que se materializou atrás dele. Jack pestanejou, incrédulo. Era Jason Haley, com uma adaga nas mãos algemadas.

Jason avançou sobre D'Orsay, derrubando-o. Eles rolaram pelo chão, deixando um rastro de chamas. Jason conseguiu ficar por cima. Agarrou o punho da adaga com ambas as mãos e conduziu-a até seu alvo. D'Orsay gritou, uma nota aguda e lamentosa, depois lançou chamas dilacerantes sobre Jason, quase o cortando em dois. D'Orsay empurrou o corpo de Jason para o lado, tentou se levantar, depois caiu duro com a cara no chão e ficou imóvel.

As chamas que se aproximavam hesitaram, amontoaram-se cada vez mais alto, como um vagalhão gigante batendo num recife, depois desmoronaram e se dissiparam. D'Orsay estava morto.

— Jason! — gritou Madison, tentando passar por Jack para ir até onde Jason estava caído junto a D'Orsay.

Jack estendeu um braço enluvado, bloqueando-lhe o caminho, e empurrou-a para trás.

— Não! Por favor, Madison.

Ellen jazia onde havia caído, mas Jack não conseguia chegar até ela. Os magos continuavam a vir atrás de Madison e a morrer sob a espada de Jack tão rápido quanto vinham. Mick gritou para eles do portão da muralha Weir, gesticulando para que se aproximassem. Mas havia um mar de magos entre eles. Madison

estava paralisada, os olhos fechados, os punhos cerrados, como se quisesse bloquear o horror que a cercava.

Jack viu movimento no campo de batalha, um tipo de ondulação, como uma cobra serpenteando pela grama alta de humanos.

Era Seph, os olhos esfumaçados e escorrendo poder, abrindo uma passagem até o portão. Ignorando os magos inimigos que faziam de tudo para matá-lo, ele segurou as mãos de Madison, inclinou-se para ela e falou-lhe ao ouvido. Passou o braço em torno dos ombros dela e se virou em direção ao portão. Olhou para trás, para Jack.

— Venha, Jack. Vamos embora. Traga a Ellen.

A garganta de Jack estava dolorida por causa da tristeza e da fumaça.

— Seph, pegaram o Jason — disse ele, apontando.

— O Jason? — A cabeça de Seph se ergueu e ele ficou imóvel.

— Mas ele nem está... — Ele se virou e passou Madison para Mick. — Leve Madison para dentro. Agora.

Madison gritou e tentou se libertar e voltar para onde Jason estava caído, mas Mick ergueu-a e carregou-a rumo ao portão. Seph foi se postar junto a Jason, a cabeça inclinada, como um grande pássaro negro de asas caídas. Fazendo o sinal da cruz, ele removeu o casaco e envolveu o amigo nele. Agachou-se, tomou Jason em seus braços e se levantou. Virou-se de novo para Jack, os olhos como grandes feridas no rosto pálido.

— Vamos.

Seph andou na direção do portão, as costas retas, desviando uma centena de ataques chamejantes das Rosas.

Os magos lançaram-se atrás dele pela fresta como um enxame. Jack sabia que não havia como carregar Ellen e manter a Sombra Assassina em ação. Seria derrubado antes que avançasse dez metros. Mas ele tinha de tentar.

Mick acabara de alcançar o portão com Madison. Jack viu alguém se esgueirar pela abertura estreita e correr na direção dele, desviando-se agilmente dos corpos e dos destroços. Uma pequena maga, mas poderosamente iluminada, vestindo suéter cor-de-rosa e calças jeans. Chamas irrompiam-lhe das pontas dos dedos, atravessando resolutamente o campo até a falange das Rosas que ameaçava engolfar Jack. Os atacantes hesitaram, recuaram.

Ela surgiu ao lado dele. Era Alicia Anne Middleton.

Ela desferiu um golpe de ar sobre os magos que se aproximavam, derrubando-os como pinos de boliche, e ergueu uma barreira para rechaçar o fogo deles.

— Jackson. Vai levar Ellen pra dentro ou o quê?

A voz dela falhou, e ela pestanejou para conter as lágrimas.

Jack enfiou a Sombra Assassina no boldrié. Inclinou a cabeça para Leesha. Então se ajoelhou e passou os braços por baixo de Ellen. Levantou-se, aninhando-a contra si, inspirando-lhe o perfume. As roupas dela ainda fumegavam por causa do ataque do mago. Mas, para ele, Ellen sempre cheirava a flores.

Caminhou em direção ao portão, com Leesha dando-lhe cobertura. Aquela era a cena que ele vira no espelho, todas aquelas vezes. Ele era o último guerreiro de pé, carregando a companheira caída.

Capítulo Trinta e Seis

O Coração do Dragão

Eles passaram sob o teto abobadado de pedra do portão, e Madison perguntou-se por que ela conseguia enxergá-lo. Era uma teia Weir e, nesse caso... não fazia sentido.

O mundo girava como um caleidoscópio à medida que Mick a carregava por entre as árvores. Uma névoa gelada pairava até a cintura, redemoinhando quando passavam por ela. O sol começava a clarear o horizonte. Era como uma seqüência de sonho numa peça que Madison assistira certa vez.

Um pesadelo. Jason estava morto, por causa dela.

As mãos de aço de Mick relaxaram um pouco quando ela finalmente parou de lutar. Todo o corpo dela formigava, reverberava com o poder. A fonte deste estava em algum lugar à frente, dentro do santuário. O Coração do Dragão, muito mais poderoso do que ela se lembrava.

Seph surgiu atrás dela e um pouco à direita, queimando de poder, impossivelmente brilhante atrás dos olhos manchados de lágrimas. Estranhamente intensificado. Ela se lembrou do que Jason havia dito: *Ele está usando Chama de Mago*.

Os curandeiros armaram um centro de triagem em um dos pavilhões no parque para atender os feridos. Mercedes encontrou-os à porta, já pressentindo a tragédia. Houve uma conferência apressada, e então Jack e Seph seguiram-na para dentro do pavilhão, carregando Jason e Ellen. Eles os deitaram em camas portáteis no centro do aposento.

Mick finalmente pôs Madison no chão junto à porta, mantendo um braço ao redor dela. Madison não sabia se era para impedir que ela fugisse ou que desmaiasse no piso de pedra. Ela estremeceu, e seu corpo se sacudia em grandes soluços silenciosos enquanto Mick dava-lhe tapinhas desajeitados nas costas e a acalmava em gaélico.

Leesha estava postada a alguma distância, pálida como papel, os olhos fixos no corpo de Jason.

— Onde estão os outros? — sussurrou Madison, tentando se recompor, indicando com um gesto o hospital improvisado. Apesar de todo o derramamento de sangue lá fora, não havia muitos pacientes.

Mick balançou a cabeça.

— Ou estão mortos, ou foram curados e voltaram para lutar.

— Se... se guerreiros fantasmas são mortos, eles podem voltar?

Ele balançou a cabeça de novo.

— Não se forem mortos por magos.

Enquanto observavam, Mercedes se curvou sobre Jason, pousando as mãos no corpo dele. Ela fechou os olhos e ficou daquele jeito por um longo instante, as lágrimas caindo no manto de Seph.

— Fique em paz agora, menino — disse ela.

Então Mercedes se endireitou e se voltou para Ellen.

Assim que Mercedes se afastou, Leesha foi para o lado de Jason e libertou-lhe as mãos das algemas. Ainda segurando-lhe as mãos, inclinou-se e beijou-o nos lábios enquanto lágrimas lhe escorriam pelas faces.

Jack e Seph se aproximaram de Madison e Mick.

— É melhor eu voltar — disse Jack em voz rouca. — Eles vão precisar de mim na muralha. Acho que perdemos metade dos nossos guerreiros naquela... naquela... — A voz dele sumiu.

— Eu devo ir também — disse Seph. — Mas...

Ele olhou para Madison, como se não tivesse nenhuma idéia sobre o que fazer com ela.

— Vocês todos fiquem. Eu vou para a muralha.

Todos voltaram os olhos para Leesha, que parecia voltar à realidade de repente, o rosto manchado com listras de rímel.

— Quero dizer, a gente vai perder *mesmo*, de qualquer modo. Vocês dois podem ficar aqui por tempo o bastante para... para ter alguma notícia.

Ela tomou o braço de Mick.

— Vamos lá, Mick. Vamos lutar contra alguém por uma causa perdida. Estou cansada de estar do lado vencedor.

Mick e Leesha partiram para a muralha, de volta ao trabalho que não podia esperar. Os que ficaram se reuniram em torno da mesa de piquenique fora do pavilhão.

Jack não conseguia ficar parado. Andava de um lado para o outro, mais pálido e sombrio do que Madison jamais o vira.

Seph fitava direto em frente, o corpo esbelto e musculoso retesado, as longas mãos unidas à sua frente. Os cabelos despenteados suavizavam os traços rígidos do rosto e sombreavam-lhe os olhos. Os dedos de Madison se contorceram. Ela ansiava por pintá-lo daquele jeito... por preservar de algum modo o que logo ela perderia para sempre.

"Ele nunca vai me perdoar pelo que estou prestes a fazer."

E então, sem olhar para ela, Seph fez as perguntas que Madison vinha temendo.

— O que aconteceu, Madison? O que você está fazendo aqui? Como atravessou o Portão dos Magos? — A voz dele tremeu de leve, lembrando-a de que ele só tinha dezessete anos.

Ela planejava antes o que dizer, mas ainda assim se atrapalhou.

— Eu... o Jason veio me ver na montanha Booker. Ele... ele disse que vocês não tinham conseguido chegar perto do Coração do Dragão, e que ele achava que eu poderia ajudar. Por isso ele me trouxe de volta pra cá.

— Eu falei para ele não envolver você — disse Seph, passando a mão pelo rosto como se assim pudesse afastar a dor.

— Fomos apanhados tentando passar pela fronteira. Ele disse para eles que, se me soltassem, eu poderia levar o Coração do Dragão pra eles. Aí, eles me escoltaram até o portão e ficaram com ele como... como refém. Ele deve ter escapado.

— As Rosas estavam lutando entre si.

Seph ergueu os olhos para ela de relance, depois olhou para longe.

— Aquela mulher-bruxa... a doutora Longbranch... disse que eu devia levar o Coração do Dragão para ela. Alguns dos outros

magos vieram atrás da gente. Acho que queriam a pedra para eles mesmos.

Seph assentiu com a cabeça e engoliu em seco.

— Jack, como... O que aconteceu com a Ellen e o Jason?

Em poucas palavras, Jack explicou o que acontecera a Ellen e Devereaux D'Orsay.

— Aí o D'Orsay ficou furioso. Ele teria me matado, mas de repente o Jason estava lá. Ele esfaqueou o D'Orsay e salvou a minha vida. Mas o D'Orsay... — A voz dele sumiu.

— Então o D'Orsay está morto também — murmurou Seph. Os sons da batalha chegavam até eles, carregados pelo ar parado da manhã. As chamas moviam-se em arco por sobre as árvores. — Não que isso nos faça algum bem.

Ele parecia cansado, exaurido, subitamente trêmulo. Enfiou a mão dentro da camisa e tirou uma garrafa, sem fazer nenhum esforço para escondê-la. Tirou a rolha com os dentes, tomou um gole, estremeceu.

Madison respirou fundo.

— Quem sabe... se eu vir o Coração do Dragão... talvez eu possa descobrir se há algum jeito de ele nos ajudar — disse ela, mantendo propositalmente os olhos voltados para longe.

— Muito bem — disse Seph, cansado. — Acho que vale a pena tentar. Mas é melhor a gente se apressar. Eu tenho que voltar.

— Se ainda está na igreja, eu posso ir sozinha — sugeriu ela, torcendo para que ele aceitasse.

Will Childers invadiu a clareira, sem fôlego por causa da corrida.

— Cadê a Ellen? — indagou. — Ouvi dizer que ela estava ferida.

Jack olhou para ele, depois de novo para as botas, comprimindo os lábios. Will se sentou ao lado dele e pôs a mão em seu ombro.

— As Rosas começaram um ataque maciço à muralha — anunciou Will. — O Fitch está a caminho. Ele virá depois que explodir alguns magos.

Aquilo fez Jack abrir um leve sorriso.

Naquele momento, Mercedes emergiu do pavilhão, a expressão sombria. Todos se viraram na direção dela. Jack permaneceu imóvel, como se pensasse que deveria ouvir a mensagem dela sentado.

— A Ellen está viva — disse ela, e se ouviu um tipo de suspiro, como se todos estivessem contendo a respiração. — Mas não está nada bem. Suspeito que seja um *graffe*, como o que Barber usou no Jason. Mas está coberto por feitiços, por isso é difícil de diagnosticar ou tratar. Eu nem consigo achar o ponto de entrada; é como se ficasse mudando. Diabólico. Ela precisa ser levada a uma igreja.

Madison pestanejou.

— O quê?

— Vamos levá-la para a igreja de Saint Catherine's. Os feitiços de cobertura são superficiais. Com sorte vão desaparecer numa igreja consagrada, e vamos poder ver o que é o quê. — Ela se virou para Jack. — Você e o Will podem levá-la?

— Todos nós vamos — disse Seph, olhando de relance para Madison. — O Coração do Dragão está lá.

— Mas... e quanto à muralha? — gaguejou Madison. Ela preferia que o mínimo de pessoas possível fosse para a igreja. — Você não precisa...?

A mão de Seph no ombro dela guiou-a para fora do pavilhão. Os olhos verdes dele estavam turvos.

— Se não pudermos usar o Coração do Dragão, vamos perder de qualquer jeito. Não importa o que eu faça. O Jason entendeu tudo. Ele sabia que o Coração do Dragão era a nossa única chance. Foi por isso que ele trouxe você aqui.

E agora Madison iria trair Jason, junto com todos os outros.

A procissão até a igreja de St. Catherine tinha a cadência e a atitude de uma marcha fúnebre, cada participante preso em seus próprios pensamentos. Jack e Will carregavam Ellen numa maca. Fitch juntou-se a eles em algum lugar no meio do caminho, aparecendo de uma rua lateral como se fosse um fantasma.

Muito havia mudado desde o início do ano.

Trinity era como uma pintura familiar em que as características principais haviam sido terrivelmente borradas. As áreas mais próximas à muralha Weir eram as mais preservadas — o ângulo de mira tornava mais difícil para as Rosas atingi-las de fora das muralhas. Lá as ruas estavam assustadoramente iguais — exceto que não havia crianças brincando nos quintais e playgrounds; não havia lojistas varrendo folhas de suas calçadas; não havia alunos do colégio flertando nas esquinas ou esperando por caronas na frente do Corcoran's. Nenhum caminhão de incêndio passava tocando a sirene para cuidar das labaredas que se espalhavam em vários lugares da cidade. Madison imaginou as pessoas de Trinity sendo levadas para o fundo do lago.

O centro da cidade se parecia com fotografias que ela vira das capitais européias bombardeadas na Segunda Guerra Mundial. Embora os prédios de pedra da faculdade resistissem ao incêndio, haviam sido tremendamente danificados pela fumaça e pelos explosivos. A praça pitoresca estava queimada e cheia de crateras, os carvalhos anciãos despedaçados, carbonizados e desfolhados. Equipes de limpeza formadas por feiticeiros usavam pás para remover detritos da rua e aplicavam remendos mágicos nos dutos de água rompidos.

Seph também se transformara na ausência de Madison. As pessoas abriam caminho para ele nas ruas e juntavam as cabeças, cochichando, após a sua passagem, como se fosse uma celebridade ou um santo.

Seph não parecia notá-los, como se os assuntos realmente importantes estivessem acontecendo dentro da cabeça dele. Às vezes ele estremecia e inspirava fundo, os olhos se arregalando como se reagissem a alguma dor particular.

— Você está bem? — indagou ela.

Nem bem havia dito aquilo, pensou: "*Idiota. Muito idiota*".

Ele hesitou, como se ponderasse o quanto podia compartilhar.

— Eu sinto toda vez que alguém morre — disse ele, enfim.

Ela estremeceu.

— Você não pode se proteger de alguma forma?

— Não se eu quiser saber o que está acontecendo.

Ela estava feliz por ele não poder entrar na mente dela. Feliz que os pensamentos dela fossem privados. Ela precisava se concentrar no caminho adiante, ou perderia a coragem.

Eles entraram na rua Maple, indo na direção do lago. Ela podia sentir o Coração do Dragão, bem à frente, aquecendo-a, como se ela houvesse se virado na direção do sol em alguma região tropical. Seph falou pouco, mas sua mão quente no cotovelo dela indicava-lhe o caminho a seguir.

Pelo menos a maldição dentro de Madison parecia ter desaparecido totalmente. Não que isso importasse mais.

Eles chegaram à igreja de St. Catherine. Os guerreiros fantasmas que guardavam a porta já haviam ouvido as notícias sobre Ellen. Eles removeram os protetores de cabeça de várias épocas e ficaram de pé em silêncio enquanto o grupo solene entrava. Jack e Will carregaram-na pela nave até o interior de uma capela lateral, onde a deitaram no altar como um corpo num esquife.

Ellen jazia imóvel e fria, ostentando os sinais mudos da batalha: arranhões e manchas no rosto e nos braços.

Mercedes correu as mãos hábeis pelo corpo da guerreira. Elas pararam logo acima da cintura.

— Ah. Aqui está. Foi por aqui que o *graffe* entrou.

Jack ficou de pé na cabeceira do altar, segurando a mão de Ellen e falando-lhe em voz baixa. Will e Fitch permaneceram na entrada da capela para não ficarem no caminho enquanto Mercedes se curvava sobre Ellen.

— Mercedes — disse Madison, envergonhada, tocando-lhe o braço. — Talvez eu possa fazer alguma coisa.

A curandeira ergueu os olhos, surpresa, hesitou, depois deu um passo para trás.

— À vontade, menina.

"Aqui está", pensou Madison. "Um minúsculo gesto para compensar uma enorme traição."

Ela deslizou as mãos sob a jaqueta de Ellen, pressionou as pontas dos dedos na pele dela e sentiu o calor da maldição. Madison extraiu-o, sugando a magia negra para o vácuo que sempre existia dentro dela. Era uma maldição pequena perto da de Leicester, mas igualmente mortal.

O corpo de Ellen ficou rígido e se arqueou sob as mãos de Madison. Ela gritou e as pálpebras tremeram. Quando não conseguiu mais sentir o calor entre os dedos, Madison retirou as mãos.

O rosto de Ellen estava lustroso pelo suor, contorcido pela dor. Estava inquieta agora, gemendo, respirando rápido e curto. Os cabelos brilhava à luz das velas dos altos castiçais em ambos os lados.

— Ela está reagindo — disse a feiticeira, parecendo mais esperançosa do que antes. — Isso é bom.

— Madison. Vamos descer — disse Seph, virando-se abruptamente.

Pararam no topo da estreita escadaria para que Seph pudesse desativar as armadilhas mágicas que instalara. Depois desceram os degraus irregulares até a cripta.

Seph acendeu uma fileira de velas altas de cera que haviam substituído as luzes elétricas. A eletricidade agora dependia de

um gerador intermitente e se tornara um bem precioso. As chamas bruxuleavam com o vento da escadaria, ora escondendo, ora revelando os nomes nas criptas ocupadas.

Em contraste com o corredor escuro, o nicho ao fim da fileira estava brilhantemente iluminado. Uma figura encurvada estava sentada no chão junto a ele, embrulhada num xale, parecendo adormecida.

— Nick? — sussurrou Seph.

O velho levantou a cabeça ante a aproximação deles. Madison estava espantada com o quanto Nick havia envelhecido no tempo em que ela estivera fora. Ele se transformara de um velho cheio de energia e de idade indeterminada em alguém que parecia ter sobrevivido ao mais antigo dos patriarcas.

Mesmo assim, por que ele estava ali, e não no campo de batalha?

— Ah. — Nick assentiu com a cabeça, como se eles fossem esperados. — Você veio.

Seph também parecia um pouco confuso.

— Hum. A Ellen, o Jack e os outros estão lá em cima. Ellen está ferida. Madison veio ver se consegue fazer alguma coisa com o Coração do Dragão.

— Sim. É claro. — Nick sorriu, como se Madison fosse a resposta a uma prece. — Minha querida, estou tão feliz que esteja aqui!

Mas Seph ainda hesitava.

— Nick? Você está bem?

Snowbeard fechou os olhos, como se estivesse cansado demais para mantê-los abertos.

— Sim. Creio que tudo vai ficar bem, agora que você veio.

Talvez o velho estivesse enlouquecendo. Madison olhou de relance para Seph e de novo para Nick, sem receber nenhuma orientação de nenhum deles.

— Muito bem, então. Acho que vou ver o que acontece.

Com cautela, ela se aproximou do nicho. Como saber quais eram as regras ali? Estreitando os olhos contra a luz, ela entrou. A pedra estava mais brilhante, mais viva do que quando Madison a vira pela última vez. Chamas e cores redemoinhavam sob a superfície cristalina, projetando sombras que se moviam nas paredes, dando a Madison a sensação de estar flutuando embaixo d'água. Era como ficar diante de um forno quente de carvão. Só que havia algo mais, algo além do calor, um outro desafio a ser encarado. Algo que lhe roçava a consciência como uma pluma, um certo... ceticismo. Ela estendeu a mão, mas logo a puxou de volta quando alguém falou.

— Cuidado — disse Seph da porta. — A pedra queimou a minha mão quando tentei tocar nela.

Madison engoliu em seco. Ela envolveu a mão na jaqueta e estendeu-a de novo, cerrando os dentes, meio que esperando ser incinerada viva. Uma arma, diziam eles a respeito da pedra, mais poderosa do que qualquer outra já vista antes. Madison deixou a jaqueta cair sobre a pedra, enfiou as mãos por baixo, embrulhou-a no tecido e ergueu-a do suporte como se fosse um ovo que pudesse quebrar.

Nada aconteceu, exceto que ela se sentiu tonta e cheia de calor, confusa e em dúvida. Uma voz murmurava na sua cabeça, mas era fraca demais para que pudesse distinguir as palavras. Pelo menos a pedra não explodira.

Ela se voltou para Seph, que a observava com o rosto franzido.

— E aí? — perguntou ele. — Alguma coisa?

— Talvez — disse ela, oscilando um pouco. Precisava tirar a pedra da igreja de algum jeito. — Só que... estou um pouco tonta. Preciso tomar ar.

Madison forçou caminho para passar por ele, protegendo a pedra com o corpo. Ao emergir do nicho, Nick ergueu os olhos de onde estava, sentado no chão.

— Desembrulhe a pedra, Madison — disse ele bruscamente. — Segure-a nas mãos.

— Vocês todos esperem aqui. Volto num minuto — disse ela, cambaleando na direção das escadas e enfiando a jaqueta com o Coração do Dragão dentro da mochila.

Ela estava quase no topo da escada quando ouviu as passadas rápidas de Seph atrás dela.

— Madison!

Ela acelerou o passo, chegando ao patamar da escada, passando pela porta e entrando no interior da igreja. Ao atravessar a capela lateral, viu que Will e Fitch permaneciam à entrada. Os rostos pálidos e surpresos se voltaram na direção dela. Madison ouviu Seph atrás dela e saiu em disparada pelo corredor entre os bancos. Jamais conseguiria correr mais rápido do que as longas pernas de Seph em uma corrida justa, mas a confusão dele dera a ela uma vantagem inicial.

Ela segurou a mochila junto ao corpo, com medo de sacudi-la, e alcançou as portas duplas de entrada uns nove metros adiante de Seph. Então colidiu com Jack Swift, o que era como bater contra uma parede de tijolos.

— Ei! — Ele a segurou pelos ombros para impedi-la de cair para trás. — Madison? O que aconteceu? Aonde você vai com tanta pressa?

Ela tentou se libertar e passar por ele, mas Seph gritou:

— Segure ela, Jack!

Parecia ter chegado a hora de Madison abandonar todas as esperanças, mas ela deu uma joelhada em Jack, como Carlene a ensinara, e ele ficou tão surpreso que a soltou. Mas ele ainda bloqueava a porta.

Ela correu pela passagem lateral, que terminava numa pequena capela, um beco sem saída. Mas havia escadas para cima, e ela as subiu, sabendo que provavelmente se dirigia para outro beco sem saída. A escada levava a um balcão, que ela atravessou

correndo, na esperança de descer pelo outro lado. Deu com Seph subindo, e Jack estava logo atrás dela, por isso Madison correu até o

corrimão e balançou a mochila por sobre o piso de pedra da igreja lá embaixo.

Seph veio pela direita, Jack pela esquerda.

— Para trás ou eu joga a pedra — avisou ela, dando uma sacudidela na mochila.

— Madison? — Seph parou a poucos metros de distância, franzindo as sobrancelhas escuras. — O que está acontecendo? O que você está fazendo?

— Preciso do Coração do Dragão. Vão embora e me deixem em paz.

— Não deixe cair — disse Seph em tom apaziguador. — Ele pode quebrar. Ou explodir.

Ele voltou a se aproximar com cuidado.

Madison agarrou o corrimão e passou para o outro lado, segurando-se pelo lado de fora.

— Se chegar perto de mim, eu pulo. Estou falando sério. Não me importo com o que acontecer comigo.

Tanto Jack como Seph pararam de novo.

— Isso tem a ver com as Rosas? — perguntou Seph, buscando alguma explicação para aquele comportamento bizarro. — Você acha que pode obter alguma coisa deles com o Coração do Dragão?

— Você não pode dar a pedra pra eles — interveio Jack. — Não pode confiar neles. Eles vão nos matar.

— O problema não são as Rosas.

Ela parecia não conseguir controlar a própria respiração, que saía em grandes arfadas trêmulas.

— Então o que é? — perguntou Seph, claramente sem pistas.

— É... é a Grace e o John Robert. O Warren Barber está com eles. Ele vai matar os dois se eu não levar o Coração do Dragão para ele.

A compreensão raiou no rosto de Seph.

— Maddie. Sinto muito.

— Bem, sentir muito não me ajuda em nada. Não vou perder meus irmãos, estão me ouvindo?

— Você não pode dar o Coração do Dragão ao Barber. Você deve saber disso.

— Vou fazer o que for preciso para salvar as crianças.

— Não vai conseguir desse jeito. Por favor, Maddie. Deixe a gente tentar ajudar.

— Vocês têm uma cidade inteira pra salvar. E as sub-ordens. A Grace e o J. R. não podem ser prioridades pra vocês. Mas são para mim.

De algum modo, Jack atravessou o espaço entre eles num salto e tentou arrebatá-la a mochila. Ela se soltou do corrimão segurando a mochila contra o corpo e se deixou cair. Então as mãos quentes de Seph agarraram-lhe os pulsos e puxaram-na por sobre o corrimão com força desumana, e todos os três rolaram no chão, lutando pela mochila. Jack ou Seph ou alguém quase a tomou dela, mas ela conseguiu abrir metade do zíper da mochila e enfiou a mão dentro, tateando pela pedra, sabendo que era agora ou nunca.

Afastando a jaqueta, ela sentiu a superfície lisa sob os dedos. Madison a tirou para fora, segurou-a contra o peito e recuou, vagamente ciente da escadaria atrás dela.

— Estou avisando. Fiquem longe.

Eles avançaram sobre ela de duas direções, o som da respiração deles competindo com o bater do coração dela. Algo explodiu do lado de fora. O prédio estremeceu, o gesso começou a rachar e a cair do teto, os grandes candelabros balançaram nervosamente.

Ela se virou e desceu as escadas aos pulos, chocou-se com a parede na curva e escorregou nos últimos degraus. Caiu estatelada no piso da igreja, enroscando-se em torno da pedra para protegê-la. Ficou deitada de costas, incapaz de se mover. A pedra entre suas mãos flamejou e pulsou, a luz penetrando a pele e a carne, revelando os ossos por baixo como a Mulher Visível no laboratório de ciências de sua antiga escola.

Ela pestanejou e estreitou os olhos para se proteger do brilho que inundou a nave, expulsando as sombras das abóbadas superiores. De muito longe, alguém estava gritando:

— *Madison!*

Um nome que parecia familiar. A pedra se tornou mais maleável sob seus dedos, a superfície dura se dissolvendo como algodão-doce. O poder invadiu-a de chofre, como o conhaque medicinal de maçã de Min, deixando-a bêbada e indefesa, o aposento girando até que ela achou que fosse ficar enjoada. Uma chama insaciável queimava em seu âmago e ondulava sob sua pele, ameaçando parti-la ao meio. Alguém estava gritando, e ela percebeu que era ela.

A pedra era uma chama entre suas mãos. E então se dissolveu no corpo de Madison até que ela estivesse iluminada por dentro. Ela se lembrou de algo que Hastings havia dito.

"Os extratores sugam a magia de todos os tipos."

De algum lugar próximo vinham sons de batalha. As Rosas deviam estar dentro das muralhas. Não havia mais escapatória.

Ela havia destruído a única chance de salvar Grace e J.R. Desejou que a chama dentro dela simplesmente a queimasse para que nada restasse além de cinzas.

Pressionando as palmas quentes contra o chão frio, Madison se sentou, recuando rapidamente até se apoiar contra o banco de madeira. Ela iluminava o santuário inteiro, expulsando as sombras como o sol nascente.

— Sumiu — disse ela, desalentada.

Lágrimas sibilavam em suas faces, evaporando assim que emergiam.

— Não sumiu — disse alguém.

Madison levantou a cabeça. Snowbeard veio pelo corredor arrastando os pés, segurando-se nos bancos de cada lado, menor do que ela se lembrava, o rosto enrugado revelado claramente na nave iluminada. O calor dentro dela fragmentou-se e dividiu-se. Ela recuou sem lutar, empurrada para o lado por uma outra presença no interior da sua pele.

— Madison — sussurrou Seph.

Jack surgiu atrás dele, e eles andaram na direção dela, como se estivessem se aproximando de um explosivo ou de um demônio. Will e Fitch seguiram a uma distância discreta, sem dúvida atraídos pelo barulho da perseguição. Mercedes estava paralisada junto à porta da capela lateral, não querendo abandonar a paciente.

A estranha presença dentro de Madison agitou-se, tomando controle do corpo dela. Madison se ergueu com elegância, parecendo esticar-se até estar mais alta do que todos eles. Os braços dela deixavam rastros de luz, lembrando asas. A pele refletia a luz como escamas cintilantes, e seus olhos mudaram, as pupilas tornando-se fendas verticais. Ela era bela e aterradora e, de certa forma, não era mais Madison Moss.

— Não. — Seph olhou para ela, os olhos arregalados e horrorizados. — Por favor, Maddie...

Uma inteligência poderosa se impôs a ela. Um jorro de lembranças e emoções, tristeza e dor a dominaram, golpeando-lhe a mente como uma espada atravessando uma folha de papel. Ela estava com a senhora, ela *era* a senhora. Alternava entre uma identidade e outra.

Ela era um dragão, numa armadura de placas resplandecentes de rubi, esmeralda e ouro, a cabeça longa e estreita examinando Seph e os outros, as asas reluzentes apertadas contra o corpo

para não colidir com as paredes da igreja. Depois uma outra mudança, e ela era Madison outra vez. Mais ou menos.

As lembranças da senhora a dominaram, e ela olhou pelos olhos do dragão. A igreja se afastou, substituída por uma paisagem verde e pedregosa pontuada pelo afloramento de rochas. Nicodemus Snowbeard havia mudado, transformado em um belo jovem, sem barba, com olhos negros de ave de rapina e cabelos dourado-avermelhados como os de Jack. Seph e os outros formavam um círculo, paralisados como megálitos, silenciados e estupefatos pela vontade da senhora.

Madison olhou para eles de uma grande altura. Estendeu o longo pescoço na direção deles, e eles recuaram, com medo.

— Demus! — chamou a senhora através de Madison. — Nicodemus Hawk. — A voz dela soava entre os picos, tão surpreendentemente alta que os pássaros revoaram das árvores.

O jovem Nick caiu sobre um joelho, curvando a cabeça. Estava vestido em trajes caros, de fino couro e seda, o corte das roupas revelando o porte de um soldado.

— Minha senhora Aidan Ladhra.

— Nick — disse Jack, a mão no punho da espada.

Mas Nicodemus Hawk Snowbeard ergueu a mão e balançou a cabeça. Havia algo no rosto de Demus que parecia ser esperança.

As lembranças da senhora rolaram pela mente de Madison como pedregulhos brilhantes num riacho enquanto Madison se encolhia num canto.

— Você me traiu — disse a senhora Aidan.

A testa de Demus tocou o solo.

— Sim, minha senhora.

Ele se transformou novamente, voltando a ser o familiar velho de barbas brancas. Mas os olhos... esses eram os mesmos.

— Eu dormi todos esses anos — disse ela, soando levemente espantada. — Enquanto você envelheceu.

Ele não recuou.

— Sim, minha senhora. Já faz mais de mil anos. Eu me chamo Snowbeard agora.

— É bem apropriado, velho — disse ela com sarcasmo. — Tornou-se mais sábio tanto quanto se tornou mais velho?

Demus estremeceu.

— É o que se espera, minha senhora.

— Por que me arrancou da montanha?

— A senhora prometeu intervir se quebrássemos o Pacto.

— Não prometi nada. O Pacto foi criação sua, não minha. Suas mentiras, não minhas.

Nick ergueu as mãos, as palmas para cima, uma súplica.

— O Pacto deteve as guerras entre os magos. Por algum tempo.

A senhora Aidan/Madison bocejou, expelindo chamas até o fim do vale.

— Matem-se uns aos outros, não me importo. O mundo ficará melhor assim.

— Precisamos da sua ajuda — insistiu Nick.

— Então seja criativo. Use o meu nome, se quiser. Você o tem feito por anos. Vou voltar a dormir. Tive os sonhos mais maravilhosos.

Ela fechou os olhos, como se pretendesse retirar-se para aquele lugar de sonhos e deixar Madison para trás.

— Eu cometi erros.

Os olhos se abriram. Ela o estudou imparcialmente.

— Talvez você *esteja* mais sábio. Antes você era arrogante. Mas, realmente, acha justo usar uma extratora para me atrair para fora?

— É uma boa combinação, minha senhora. Ela é pintora, amante da arte. E de coisas brilhantes. Como a senhora.

— Ninguém é uma boa combinação para um dragão. Nós somos, aparentemente, feitos para a solidão. — Ela fez uma pausa, fechou os olhos, e Madison sentiu a intensidade de seu exame.

— Madison Moss. Que nome peculiar. Ela é sedenta à maneira dos dragões, cheia de desejo. Ela tem mais imagens na mente do que poderia pintar em três vidas mortais. — Ela abriu os olhos. — Ela ama o rapaz — disse a senhora Aidan abruptamente, olhando feio para Seph.

Nick assentiu.

— Sim.

— Ele a trairá — disse a senhora, incendiando-se perigosamente, estendendo a mão cheia de garras na direção de Seph.

Ele ficou imóvel e fechou os olhos.

"Não! Deixe-o em paz!"

Madison lutou desajeitadamente contra a senhora dentro dela, tentando arrebatá-la o controle.

— Não! — disse Nick rapidamente, transformando-se mais uma vez no jovem Demus. — Ele a ama também. Ele é, acredito, mais sábio do que eu era. — Ele fez uma pausa. — Sei que a senhora está cansada da vida. Mas há esperança nos jovens. Acho que eles vão achar o caminho para a paz.

A senhora Aidan estudou-os, o olhar se transferindo de Jack para Seph, que ainda tremia diante de seu exame cintilante.

— O rapaz está em más condições — disse ela, curvando o lábio para trás para revelar dentes afiados. — Ele está usando Chama de Mago.

— Ele está desesperado para salvar aqueles a quem ama. Ele trocaria a própria vida pelas deles.

— Humm.

Voltando à forma de Madison, ela estendeu a mão e tocou Seph no centro da testa. Todo o corpo dele relaxou, as mãos se abriram, e a dor, a exaustão e a ansiedade desapareceram-lhe do rosto. Seph caiu de joelhos na grama, a cabeça inclinada.

— M... minha senhora — sussurrou ele, a voz arranhando a garganta. — A Madison... ela está... bem? Por favor? Ela nunca

quis que nada disso acontecesse. Não a leve. Em vez dela, leve a mim.

Ela o fitou por um momento, inclinou-se e beijou-o no topo da cabeça. Ela se voltou para Demus.

— O que é que você quer que eu faça?

— Ponha um fim neste conflito. Ponha ordem nas Rosas.

A senhora se inflamou.

— Eu nunca quis governar vocês. Você, mais do que todos, devia saber disso. Eu queria uma academia. Colaboração entre colegas. Encontros de mentes e comunhão de corações. Filosofia e conversas sob as árvores. E, mesmo assim, você liderou uma conspiração contra mim.

Demus não respondeu por um longo tempo e, quando falou, sua voz soou embargada.

— Estou... tão cansado... de tentar consertar as coisas. Se eu pudesse desfazer tudo, eu o faria. — Ele se transformou de novo no velho Nick. — Se a senhora não mediar esta disputa, então retome os dons que nos deu. As pedras Weirs.

Ela gesticulou na direção de Seph e dos outros.

— Você viveu uma longa vida, mas eles são jovens. As pedras Weirs seriam um preço muito alto para eles pagarem a fim de purgar a sua culpa. — Ela sorriu com tristeza e estendeu a mão.

— Nicodemus, a era dos dragões já passou. Vou voltar a dormir na montanha. Venha comigo e descanse.

— As Rosas vão aniquilar ou escravizar as outras ordens. — Nick enfrentou os olhos de Madison, depois desviou o olhar. — Depois vão assassinar umas às outras. Vão destruir o mundo.

A senhora deu de ombros, como se quisesse dizer: "*Quem se importa?*". Depois pareceu sentir pena de Nick.

— É tarde demais, de qualquer forma. Eu abdiquei em favor da menina — disse a senhora Aidan.

Nick ergueu a cabeça.

— O quê?

— A menina é uma descendente de sangue da Guardiã do Dragão. Ela traz a pedra dessa linhagem. Eu a nomeio herdeira do Coração do Dragão, a que dá e toma o poder. Se quiser alguém para governar vocês, ela pode fazê-lo.

"Ei, espere aí um minuto", pensou Madison, debatendo-se contra seu confinamento como uma bolinha de gude num pote de vidro. "Quem é essa menina de quem você está falando?"

Nick pigarreou.

— Mas... tanto poder nas mãos de uma única pessoa!

A senhora Aidan deu de ombros, indiferente.

— Ela também não quer o poder. E isso é um sinal auspicioso. Vamos confiar que ela fará bom uso dele, não é?

— Mas, minha senhora...

A senhora se empertigou.

— Adeus, Demus. Você sabe onde me encontrar.

Madison sentiu o toque da mente da senhora quando ela partiu e, de repente, se sentiu terrivelmente sozinha.

A paisagem verde desapareceu, e as paredes de pedra da igreja se fecharam novamente. Os outros estremeceram, como se um encantamento houvesse sido quebrado.

Madison baixou o olhar para si mesma. Sua visão estava borrada, e ela sabia que devia estar tendo uma alucinação. A pele ainda brilhava, e ela parecia se transformar sutilmente de um aspecto para o outro — de uma garota de jeans para a senhora com pele coberta de jóias para algo mais parecido com um dragão. A pele cintilava quando a luz a atingia de certo ângulo, e pareciam surgir chamas no rastro dos seus gestos.

Seph segurou a extremidade de um banco e levantou.

— Madison? É você mesma, não é? Mas você está... se transformando.

Ele estendeu as mãos, e quando Snowbeard gritou-lhe para ter cuidado, ele o ignorou.

Foi como segurar um fio eletrificado — os poderes se misturaram e colidiram nas pontas dos dedos deles. O toque de Seph pareceu ancorá-la, e ela segurou firme, fitando ansiosamente o rosto dele. Os olhos verdes de Seph estavam límpidos agora, não mais turvos pela dor. Ele se curvou e beijou-a, uma outra troca intensa de poderes, deixando Madison dominada pela culpa e pela gratidão.

"Ele sabe o que fez, sabe o que sou, e não me odeia."

— Nick. Então foi você — disse Jack, em tom gelado.

Madison se virou. Havia se esquecido de que havia mais gente ali.

Jack puxou a adaga e apontou-a para Nick, os olhos azuis brilhantes no rosto pálido de fúria.

— Você era Demus... o mago que fundou as ordens, que... que escreveu o Pacto.

Nick ficou em silêncio por tanto tempo que Seph achou que o velho não responderia. Quando falou, quase não dava para escutá-lo.

— Sim. Eu liderei a conspiração original contra a senhora Aidan. Foi há muito tempo, Jack. Eu era... muito ambicioso. Muito convencido. Não vi nenhum motivo pelo qual deveríamos obedecer a um dragão, por mais sábia e virtuosa que ela fosse. O preço de viver por tanto tempo é que se vêem os erros que se cometeu.

— E os torneios? — A voz de Jack tremeu. — Foram idéia sua também?

Nick curvou a cabeça.

— Eu não previ o nível de destruição que resultaria de se pôr um poder tão devastador nas mãos de seres humanos imperfeitos. Não eram apenas os Weirs que estavam morrendo, mas milhares de Anaweirs, em batalhas que ardiam por todo o globo. Estávamos destruindo a

Terra também... envenenando a atmosfera, poluindo os cursos de água, encharcando o solo com sangue. Assim, com a ajuda de alguns confederados, escrevi o Pacto, convenci os representantes das ordens a assiná-lo e persuadi o conjunto dos magos de que um desastre mágico se abateria se não aderíssemos a ele. Criei uma lenda e a impus com magia. Aqueles que a violaram pagaram o preço. Foi uma grande proeza, mas eu estava no meu auge naquela época. — Ele ergueu os olhos para Jack. — Sei que isto é difícil de acreditar, mas o Jogo salvou milhares de vidas.

— Mas não as vidas dos guerreiros — disse Jack com amargura. — Somos descartáveis.

Snowbeard desmoronou no banco mais próximo, os olhos ainda fixos em Madison.

— Em certa época, isso me pareceu... uma troca razoável.

— Uma troca razoável? — A voz de Jack se intensificou. — E agora a Ellen está lá deitada com um ferimento mortal...

Como que para pontuar aquela afirmação, um míssil flamejante estilhaçou o vitral acima do altar, lançando cacos de vidro sobre eles. Seph ergueu uma mão, e o projétil caiu no chão como se houvesse atingido uma barreira invisível.

— Estão se aproximando — disse ele. — É melhor irmos.

Mas Madison pôs a mão no ombro de Nick. Ele estremeceu violentamente quando ela o tocou, e ela retirou a mão.

— O que fez com que você mudasse? — indagou ela.

Ele sorriu, o rosto enrugando-se em traços familiares.

— Ora, minha querida, eu me apaixonei. Ela era bem mais jovem do que eu, a minha... décima quinta esposa. Eu estava totalmente enamorado. Eu não fazia idéia de que ela possuía sangue guerreiro. Quando o nosso filho nasceu um guerreiro, tentei escondê-lo. Quando as Rosas o levaram para o Jogo, eu... ah... o libertei e fugi para os Estados Unidos. Isso foi em 1802.

— Ele esfregou a mão no rosto. — Jack, a sua trisavô Susannah era minha tatatatataraneta.

Jack parou de andar de um lado para o outro e girou, parecendo horrorizado.

— Quer dizer que você é meu... avô?

— Por assim dizer. Com muitos "tatara" antes. Eu me parecia muito com você quando jovem. Embora não tão... musculoso.

— Nick afastou a lembrança. — Em anos recentes, tentei refazer a hierarquia das ordens, mas descobri que tinha perdido o poder sobre elas. O meu poder havia enfraquecido, ao passo que o sistema tinha ganhado vida própria. Quando o Jason trouxe o Coração do Dragão, eu tive esperança de que pudesse ser uma ligação com a senhora perdida. Uma última chance.

— O que... era, exatamente? — perguntou Seph. — O Coração do Dragão, digo.

Nick deu de ombros.

— O Coração do Dragão é a memória codificada da senhora. Tanto a essência dela quanto a fonte do poder dado pela senhora às ordens Weirs.

Do lado de fora, o combate movia-se na direção deles, o avanço marcado pelo ritmo percussivo das explosões. Chamas tremulavam, projetando sombras bizarras nas paredes e no piso, e uma densa fumaça penetrava pelas janelas.

— Bem, nada disso vai importar para qualquer um de nós em pouco tempo — disse Seph. — Eles entraram. É óbvio.

— Então acho que é o fim — disse Fitch, pressionando o punho sobre o coração. — Tenho de admitir, foi realmente... — Ele engoliu em seco. — Não teria perdido isso por nada — acrescentou ele, a voz fraca no interior cavernoso da igreja.

Seph enfiou a mão dentro do casaco e tirou o frasco de Chama de Mago. Fitou-o por um momento, depois abriu a mão para que caísse, despedaçando-se no piso de pedra.

— Escutem — disse Seph. — O resto de vocês, peguem a Ellen, desçam para a cripta e vão pelo túnel até o lago. Eles não vão saber quantos somos. Eles derrubaram as muralhas, por isso deve ter uma saída.

— E o que você vai fazer? — perguntou Will, desconfiado.

— Vou segurá-los aqui o mais que puder. Para dar a vocês o tempo de tirarem a Ellen daqui. Depois vou me encontrar com vocês — disse Seph sem convicção.

— Certo — disse Will, não engolindo aquela história. — Sem chance. Vamos todos, ou ninguém vai.

— É minha culpa — disse Madison. — Sinto muito. Eu só estava... só estava tentando salvar a Grace e o J. R. Vocês tinham uma única chancezinha, e eu arruinei tudo.

Agora o Jason está morto, a Ellen está ferida, o Coração do Dragão desapareceu e eles vêm nos pegar.

— Madison... — começou Seph, mas ela sabia que não devia olhar para ele.

— Enfim, vocês todos vão. Eu vou lá fora ver se consigo sugar o poder de alguns deles. Vale a pena tentar.

— Madison... — Desta vez era Nick. — Isso não vai funcionar agora. Não da maneira como pensa. Você não suga mais o poder. Mas...

— Não discuta comigo; já me decidi.

Ela se sentia quase em paz, agora que tomara uma decisão.

— Não — disse Seph. — Você não queria se envolver nisso. A gente arrastou você, e agora...

— Escutem-me! — A voz de Nick Snowbeard retumbou com algo da antiga força, e todos pararam de falar. — Madison... — continuou ele num tom mais suave. — Você realmente tem os meios para salvar a todos nós, mas deve agir rápido e com inteligência. Posso ensinar algumas coisas a você, mas não há muito tempo.

— Como? Com o quê?

Ela olhou para os outros em torno, mas eles pareciam tão perplexos quanto ela.

— Com o Coração do Dragão.

Ela o olhou como se ele tivesse perdido a cabeça.

— O Coração do Dragão se foi.

— Está enganada. — Nick se levantou e pressionou os dedos sobre o coração de Madison. — O Coração do Dragão está aqui.

Madison parecia totalmente aturdida.

— O quê?

Nick sorriu tristemente.

— Madison, goste ou não, você é, digamos assim, a herdeira dragão.

Capítulo Trinta e Sete

A Herdeira Dragão

Quando chegou o momento do ataque final, Jessamine Longbranch ficou surpresa com a falta de resistência na muralha. Depois de dias e semanas de combate de sítio, parecia que a força dos rebeldes era bem menor do que se acreditava. Na verdade, as Rosas sofreram maiores perdas do lado de fora da barreira — com as batalhas entre as Casas e uma série diabólica de minas e explosivos não mágicos que infestavam o solo entre as muralhas.

Era uma grande falta de polidez da parte de magos usar tais táticas contra colegas dotados.

No final, eles romperam a muralha Weir em três lugares. Quando os exércitos entraram na cidade, os rebeldes se dissiparam como fumaça. As Rosas lançaram chamas pelas ruas e becos de Trinity, mas era como caçar poeira cósmica.

Ainda assim, Jess sentia-se perturbada pelo fato de que Joseph McCauley, Jack Swift e Ellen Stephenson estivessem claramente ausentes. O seu maior medo era que eles tivessem

encontrado um modo de fugir com o Coração do Dragão e pudessem estar, naquele mesmo instante, a caminho de encontrar Hastings e Downey.

Nenhum sinal de Madison Moss também. Mas não havia nenhuma dúvida de que o Coração do Dragão ainda estava por perto, em algum lugar junto ao centro da cidade. Agora o objetivo de Jess era chegar lá antes de Geoffrey Wylie e da Rosa Vermelha.

Por isso, quando atravessou a muralha, ela não ficou lá para aniquilar os últimos defensores. Deixando a limpeza para os outros, ela liderou 20 de seus tenentes mais confiáveis em direção à fonte do poder que fluía do centro da cidade.

A cidade estava em ruínas. A praça outrora pitoresca soltava fumaça negra ao amanhecer, cercada por vitrines de lojas bombardeadas e coberta de vidro quebrado. As casas vitorianas estavam em chamas. As ruas estavam desertas, os residentes Anaweirs em lugar algum.

Jess viu movimento à esquerda e à direita, um vislumbre de uniformes vermelhos. Não eram rebeldes, mas alguns dos supostos aliados. Ela lançou chamas em espirais em ambas as direções e ouviu berros quando estas atingiram o alvo. Era melhor que ela tivesse um pouco menos de competição.

Disparou em um deselegante passo apressado. Se ela pudesse encontrar o Coração do Dragão, qualquer outro poderia também. Virou em uma esquina e teve de frear, praguejando com fúria. Diante dela havia uma enorme igreja de pedra, como um grande navio a singrar num mar de magos — Rosa Vermelha, Rosa Branca e alguns tolos valentes que haviam adotado sinceramente o novo ecumenismo.

Ela estava atrasada. Contou o número de pessoas por alto e balançou a cabeça.

Geoffrey Wylie saudou-a nos degraus da igreja, um amplo sorriso no rosto feio, os escudos firmes no lugar contra um ataque de surpresa ao santuário. Ou aos aliados dele.

— Jess! Que bom que você veio. Nós exigimos a entrega do Coração do Dragão e estamos aguardando a resposta dos rebeldes.

Jess jogou o cabelo para trás e lançou-lhe um olhar de escárnio abrasador.

— Francamente, Geoffrey. Para que negociar com eles?

O sorriso não diminuiu.

— Uma vez que tenhamos o Coração do Dragão nas nossas mãos, vamos renegociar, é claro. Observe e aprenda.

Como que atraído pela conversa deles, o menino-mago Joseph McCauley surgiu em uma galeria no primeiro andar, vestido todo de preto, cintilando com feitiços de proteção. Alguns magos excessivamente entusiasmados (a maioria da Rosa Vermelha) lançaram contra ele um ridículo ataque de fogo, que ele repeliu com desdém. O rapaz examinou o grupo como alguém estudando uma infestação de formigas-de-fogo — desagradável, mas, de modo geral, controlável.

Jess tinha de admitir que ele era bonito, embora ele já houvesse adquirido o hábito do pai de olhar de cima para os que eram melhores do que ele. Uma pena que ele tivesse tanto sangue ruim.

"Eu devia ter segurado a garota", pensou ela. "Talvez McCauley ainda pudesse ser convertido."

A voz do rapaz soou por todo o pátio da igreja.

— Nós discutimos a sua proposta. E temos uma contra-oferta. — Ele fez uma pausa, como se quisesse se assegurar de que tinha a atenção de todos. — Propomos um novo pacto de paz e perdão. Se vocês todos voltarem para o lugar de onde vieram e jurarem abster-se de violência, coerção e ataques mágicos, vamos permitir que vocês vivam.

Por um momento, Wylie não conseguiu articular uma resposta.

— Você perdeu a cabeça? — esbravejou ele. — Que raio de proposta é essa?

— Se recusarem — continuou McCauley, imperturbável —, nós vamos retirar a magia de vocês e deixá-los como Anaweirs.

Um rumor de ultraje irrompeu dos magos reunidos.

Jess não pôde deixar de admirar a arrogância do rapaz.

Aparentemente McCauley também havia herdado a inabilidade do pai em reconhecer quando estava derrotado.

Wylie ficou menos impressionado.

— Ora, seu jovem arrogante...

— Uma oferta *generosa* — a voz de McCauley retumbou de novo, abafando os comentários de Wylie e do resto da multidão —, considerando os outros crimes cometidos por alguns de vocês. Inclusive os assassinatos de Jason Haley e Madison Moss.

A voz dele tremeu um pouco no final, Jess não soube dizer se de raiva ou pesar.

Jess finalmente se sentiu motivada a falar.

— A garota está morta?

— Foi morta pelos destroços que caíram durante o ataque.

Jess deu um bufo de desdém.

— O Haley levou o que merecia, por não entregar o que foi prometido. E se a garota está morta, a culpa é de vocês mesmos, por resistirem.

McCauley ficou imóvel.

— Bem, ela continua morta, não é? — disse ele baixinho. — E se não fosse por vocês, ela estaria viva.

— Chega de fazer pose — disse Wylie. — Passe o Coração do Dragão pra nós.

McCauley curvou a cabeça e sorriu. Um sorriso horrível.

— Cuidado com o que deseja — disse ele.

McCauley se virou e olhou para dentro da igreja. As janelas se acenderam, iluminadas por uma luz tão brilhante que Jess teve de cobrir os olhos.

Houve um movimento na entrada: um pescoço longo e sinuoso se desenrolando, envolvendo a torre da igreja, um corpo refulgente seguindo atrás, uma cauda em armadura batendo ruidosamente nas paredes de pedra, um vislumbre de asas que permaneceu gravado na visão de Jess quando ela fechou os olhos. Telhas de ardósia caíram do telhado, seguidas por uma calha em forma de gárgula, à medida que a besta se acomodava na estrutura do prédio, a cabeça de serpente curvando-se, inquisitiva, em direção aos magos no solo, as patas da frente, cheias de garras, arranhando os entalhes de pedra sobre a porta. Alguns magos caíram, aterrissando duramente no chão do estacionamento, empurrados por um poder bruto e irresistível.

— *Dragão!* — A palavra percorreu a multidão como uma onda. Jess conseguiu permanecer de pé, com muita dificuldade. A aparição era tão brilhante que era difícil olhar para ela por muito tempo. A imagem piscou e, por um momento, formou uma figura humana, alta e terrível, com reluzentes olhos azuis e uma nuvem de cabelos cintilantes. Tinha uma expressão bastante espantada no rosto. Jessamine franziu a testa, achando que a reconhecia de algum lugar.

Wylie havia caído e agora estava se levantando e tentando se recompor.

— Já vimos isto antes — disse ele, arquejante, o rosto tão branco quanto barriga de peixe. — Em Second Sister. É só uma projeção. Um... um glamour. N-nada do que se ter medo.

Ele próprio não parecia muito convencido.

Jessamine foi tomada por um terror frio e avassalador. Aquilo era diferente de Second Sister. Horrivelmente diferente. Poder bruto pulsava da besta, martelando contra a consciência de Jess como uma onda impulsionada por uma tempestade.

Uma dúzia de magos disparou numa correria pela praça pavimentada. Chamas irromperam da linha irregular, arqueando em direção à besta enrolada em torno do campanário da igreja. Os golpes de fogo atingiram seu alvo, mas foram os magos que tombaram gritando.

Uma nova onda de 20 magos avançou, atacou e foi derrubada. Após um momento de hesitação, os magos remanescentes na praça se viraram e correram para fora da cidade. Jess, entretanto, teve o mau pressentimento de que ela ainda teria um papel importante a cumprir.

— Geoffrey Wylie — disse o monstro.

Era uma voz feminina, de cadência suave, estranhamente familiar. Wylie estremeceu e cobriu a cabeça com os braços, como se pudesse se esconder. O outrora procurador de guerreiros da Rosa Vermelha recuou rapidamente até que o dragão o encarou com seus olhos de serpente. Então ficou paralisado, como um rato apanhado pelo olhar da cobra.

O dragão tremeluziu, assumiu mais uma vez a forma da senhora, vestida com o que parecia uma túnica tosca de monge. O brilho tornava impossível discernir-lhe as feições. Lentamente ela desceu os degraus da igreja, tecido roçando sobre pedra, e parou três degraus acima do último.

— Aproxime-se — disse ela, em voz terrível.

Wylie arrastou os pés em frente, os olhos baixos.

— Você perverteu e ultrajou o dom que lhe dei — disse a senhora, quase que gentilmente. Ela estendeu a mão até tocar o peito de Wylie. — E por isso eu o tomo de volta.

Wylie ficou rígido, os olhos se arregalando até o branco aparecer em toda a volta, agarrou o braço da senhora com ambas as mãos e tentou afastá-lo. Então gritou, um som alto, lamurioso e desesperado, e caiu ao chão, chorando.

— Você agora é Anaweir. A sua conexão com o Coração do Dragão está quebrada. Viva com o conhecimento do que perdeu.

Jess havia quase chegado ao abrigo do beco antes que a senhora lhe chamasse o nome.

— Jessamine Longbranch!

Jess se virou para correr, mas algo a derrubou no asfalto.

— Deixe-me em paz! Não fiz nada de errado.

Ela tentou engatinhar para longe, mas a voz da senhora a paralisou.

— Venha.

A conexão entre elas a atraiu para a frente. Incapaz de resistir, Jess se virou e atravessou a praça aos tropeções até onde estava a senhora.

— Você assassinou e escravizou pessoas, arruinou vidas. O Jason e... e a Maddie estão mortos, e a Ellen está ferida, e acredite, já estou *por aqui* com você. — A senhora fez uma pausa, como que para se recompor. — Você profanou o dom do poder. E por isso eu o tomo de volta.

A senhora mergulhou nas entranhas de Jessamine, agarrou-lhe a pedra Weir e puxou-a para fora, como se removesse o caroço de uma cereja. Jess sentiu como se a tivessem estripado, embora a pele permanecesse intacta. Ela rolou e deitou de costas, berrando em agonia.

— Você é Anaweir — disse a senhora.

Jess ergueu o olhar para um mundo que havia sido drenado de toda cor. Envolveu o corpo com os braços, respirando em pesadas arfadas como se pudesse, de alguma forma, preencher o vácuo dentro de si. Ela era um eunuco em magia, com aguda percepção do que perdera.

Jess sentiu o toque da mente do monstro, e uma outra onda de terror jorrou sobre ela. Acima da fúria e da dor, Jessamine ouviu a senhora dizer:

— Agora é melhor que o resto de vocês vá para casa, mude de atitude, conte aos amigos e reze para que eu não chame o seu nome.

Os magos fugiram do pátio da igreja. Nem pararam para ajudar os companheiros caídos.

Madison estava tão cheia de ansiedade que receava que, caso abrisse a boca, a preocupação extravasaria e transformaria todos os seus receios em realidade. Por isso ela mantinha a boca bem fechada e olhava pela janela, a paisagem familiar borrada pela velocidade e por lágrimas não derramadas.

Seph também estava calado. De vez em quando fazia uma pergunta sobre a estrada em que estavam ou sobre o quanto faltava até a montanha Booker. Ela podia sentir a tensão dele. Pela rigidez de sua expressão e pelo modo como ele segurava o volante, ela via que ele se sentia inteiramente responsável pelo que ela se tornara e pelo que ela poderia perder.

Tudo havia mudado. Ela perdera a profunda ânsia que se instalara em seu âmago e que ela só reconhecera depois que passara. Talvez um extrator fosse apenas um recipiente vazio, sempre faminto de poder. Era algo insanamente dilacerante. Não pôde deixar de se perguntar se fora o dom de Seph que a atraía para ele em primeiro lugar.

Ela e Seph ainda davam voltas um ao redor do outro, cautelosos como cães que não se conheciam. Ela sentia uma conexão com ele que não existira antes. O poder dele estava ligado, entrelaçado ao dela. Ninguém que não houvesse experimentado o fluxo de poder vindo de dentro poderia entender o quão inebriante era. Mas ela era como uma criança com uma arma poderosa e destravada: toda cheia de poder e sem nenhuma idéia de como usá-lo, o que Seph logo lhe apontou.

— Tente se acalmar — disse ele, pousando a mão no joelho dela, forçando um sorriso. — Você está faiscando. Vamos ter de ir o resto do caminho a pé se você causar um curto no sistema elétrico.

— Olha só quem fala.

— É só um conselho.

— Então me ensine.

Ela não conseguia se conter. Madison sentia uma ânsia de aprender como jamais sentira por nada, exceto a pintura.

Seph removeu a mão do joelho dela.

— Eu já falei que vou lhe ensinar. Mas você não vai aprender de um dia para o outro. Eu era um desastre antes de ser treinado. Você é bem mais poderosa do que eu, por isso há mais riscos de que algo possa dar errado.

Vendo o rosto pálido e cansado de Seph, ela sentiu uma onda de culpa.

— Você devia estar procurando pelos seus pais.

— Eu vou procurar. Quando isto estiver acabado. — Ele fez uma pausa, procurando as palavras certas. — Pelo menos eles são adultos. Podem se defender.

Verdade seja dita, ela estava feliz por ele ter insistido em acompanhá-la. Ela teria aceitado até um exército em sua retaguarda. Faria qualquer coisa para trazer as crianças para casa a salvo.

Se ela fosse realmente algum tipo de dragão, voaria por sobre as montanhas arredondadas de sua terra e mergulharia sobre Warren Barber. Ela o ergueria no ar e o deixaria cair do desfiladeiro mais próximo após arrancar dele o paradeiro de Grace e J. R.

Mas ela não conseguia controlar a metamorfose, assim como não conseguia controlar nada mais. O seu lado dragão era como as lembranças de uma outra pessoa que emergiam sem serem chamadas ou anunciadas.

De repente ela viu a fita amarela tremulando nos galhos de um pinheiro retorcido.

— Aqui! Vire aqui!

Seph fez uma curva fechada para a direita, derrapando um pouco, lutando para manter o carro no asfalto.

— Precisa me avisar um pouco antes.

— Esta é a estrada da montanha Booker — disse Madison, perguntando-se se Barber planejava encontrá-la nas terras dela. — Onde será que ele está mantendo as crianças? Só tem a minha casa. E a dos Ropers.

Ela não admitia, não podia admitir, a possibilidade de eles já estarem mortos.

— O que ele disse quando você ligou pra ele?

— Disse pra seguir as fitas amarelas. Ele faria contato.

Estava quase escuro. A luz do painel iluminava as feições de Seph e fazia cintilar os amuletos que ele trazia ao redor do pescoço. O ar da janela aberta repartia os cabelos dele em mechas negras que esvoaçavam contra a pele pálida.

Em outros tempos ela pensara que morreria de embaraço se Seph visse de onde ela viera — a casa dos Booker, toda dilapidada, majestosa e definhando; a mãe, Carlene, mais ou menos na mesma situação. O irmão e a irmã vivendo como pequenos selvagens na montanha — resistentes à noção de civilização da irmã mais velha. Agora ela queria respirá-los como o perfume das flores silvestres que crescem num campo ensolarado.

Seph sentiu a intensidade do olhar de Madison e olhou para ela de forma inquisitiva, depois olhou de novo para a estrada, que não estava mais lá: havia apenas um espaço aberto onde a ponte costumava estar. Seph pisou no freio e girou o volante. O carro se inclinou para um lado, capotando uma vez antes de cair pesadamente sobre as rodas no riacho Booker. Por um instante, Madison lutou com o *airbag* lateral, mas logo este sumiu e ela viu que o braço direito que erguera à sua frente para não bater contra o painel tinha cortes profundos e pingava sangue.

Ela olhou para Seph, que estava inconsciente, curvado sobre o volante, um inchaço roxo surgindo ao redor do olho direito. Ela pressionou os dedos sobre a lateral do pescoço dele. Sentiu a

pulsação de Seph com a ponta do dedos e soube que para mantê-lo vivo precisava sair d carro.

Ela se contorceu para se livrar do cinto de segurança, forçou a porta com o braço bom para que abrisse deslizou para o riacho, cujas águas felizmente chegavam só até seus joelhos naquele ponto.

— Esse é o problema dos magos — disse Warren Barbe da margem. — Não estão acostumados a terem de se espertos. Tudo o que se precisa é de um truque.

E tudo o que Madison tinha era um truque, aquele que Nick lhe ensinara na igreja. Teria de ser o bastante.

— *Idiota* — disse ela, mais para si mesma do que para ele. — Você podia ter me matado. Aí nunca iria pôr a mãos no Coração do Dragão.

As sobranceiras pálidas se juntaram.

— Eu falei pra vir sozinha.

— Eu precisava de uma carona.

— Por isso pediu ao *McCauley*.

Madison respirou fundo, lutando para se controlar. Não era boa idéia mostrar suas fracas cartas cedo demais.

— Quem mais você acha que ia estar disposto a fazer toda a viagem para me trazer até aqui?

— Achou que ele ia deixar você me entregar o Coração do Dragão?

— Ele não sabe que eu peguei a pedra. Eu ia me separar dele antes de a gente se encontrar.

— Então onde está?

— Eu mostro, depois de ver a Grace e o J. R.

Ele cobriu os olhos como se ela fosse brilhante demais para olhar para ela.

— Me mostre a pedra primeiro.

— Não posso fazer isso agora.

Barber recuou. Ela percebeu que ele não estava acostumado a receber um não.

— É melhor que não esteja mentindo pra mim.

Ele deslizou da margem para o riacho, aterrissando de pé com agilidade, e andou na direção do carro.

— Deixe o Seph em paz — falou Madison em tom incisivo. — Ele está inconsciente.

Quando Barber se inclinou pela janela, ela acrescentou:

— Se você encostar num fio de cabelo dele, o acordo está desfeito.

Barber se endireitou e a fitou, hesitante.

— O que está havendo? Você parece diferente.

— Só quero acabar logo com isso. Venha. Vamos.

O jipe de Barber estava estacionado junto a uma estrada de cascalho que serpenteava pela montanha na propriedade dos Ropers. Eles fizeram um retorno subindo por uma estrada que era mais adequada à marcha arrastada de bois levando entulho e ferro-gusa. Madison percebeu então para onde iam.

A Fornalha Coalton fora um empreendimento de seu bisavô que não durara muito. Ele construíra a chaminé de arenito forrada com tijolo refratário, extraíra minério de ferro da montanha e produzira carvão a partir dos bosques de árvores de madeira de lei. A fornalha produzia lingotes de ferro que eram levados pelo riacho Booker até os rios Scioto e Ohio.

A chaminé da fornalha permanecia na encosta da montanha, embora a loja da companhia, a igreja e a escola houvessem desmoronado havia muito tempo, vítimas da erosão e do corte das árvores. Brice Roper sabia da fornalha. Ele podia tê-la sugerido a Barber como lugar onde manter os jovens cativos.

Eles tiveram de caminhar as últimas centenas de metros sobre escombros e pedras, já que a trilha para carretas era traiçoeira e instável demais para irem adiante.

O muro de contenção da montanha havia desmoronado, por isso a chaminé estava parcialmente soterrada em três lados. Brotos de plantas germinavam na chaminé nos locais onde haviam encontrado um pouco de terra entre as pedras. Alguém instalara uma porta de ferro para impedir que os vândalos entrassem e destruíssem as ruínas históricas. A porta ainda estava firme no lugar, trancada e meio enterrada em escória.

Madison se virou para Barber.

— Onde eles estão?

Ele deu de ombros e apontou para o topo da chaminé.

— Eu joguei os dois lá de cima.

— Você o *quê*?

Madison escalou com dificuldade a elevação instável junto à chaminé. As pedras se soltavam sob seus pés; ela se segurou na chaminé com uma mão para não escorregar. No topo da colina, pôde olhar para o negro interior.

— Grace? John Robert?

Por um instante, nada. Então ela ouviu movimento lá embaixo. Sentiu uma baforada de ar fedorento, o que era esperado quando duas crianças haviam sido confinadas juntas por dias.

— M-Madison? — Era Grace, a voz anormalmente arquejante e fina.

— Gracie? O John Robert está com você?

E então estavam os dois gritando e chorando e chamando o nome dela, como se achassem que ela se esqueceria deles e iria embora se parassem.

— Agüentem aí, vou tirar vocês daí.

Ela olhou para Warren Barber lá de cima, pensando que gostaria de jogar a montanha sobre ele e perguntando-se se conseguiria. Mas primeiro precisava dele para fazer algo que ela não era capaz de fazer.

— Você precisa abrir a porta — disse ela, a fúria superando quaisquer temores que sentisse. — Abra agora.

— Primeiro o Coração do Dragão.

— Eu não vi as crianças ainda. Não sei se estão bem.

Ela apanhou um pedaço grande de escória e jogou na direção dele, atingindo-o no ombro. Um gesto idiota, mas gratificante.

Ele esfregou o ombro, arreganhando os dentes.

— Você vai pagar por isso.

Ela sabia que isso podia acontecer, mas não se importava.

Madison deslizou pela colina abaixo, aterrissando junto dele numa chuva de pedras.

— Quero ver por mim mesma se eles não estão feridos.

Ela desejou saber como concentrar a mente do jeito que os magos faziam para obrigá-lo a fazer o que ela queria.

Em vez disso, a força de vontade dela chocou-se contra ele de forma descontrolada.

Barber estreitou os olhos para ela, cerrando os punhos ao lado do corpo, remexendo-se em frustração. Era quase como se ela pudesse ler a essência dos pensamentos dele. Ela estava se mostrando inesperadamente teimosa, e naquele momento nenhum deles tinha acesso às crianças, assim ele não podia usá-las para conseguir que ela fizesse o que queria. Enfim.

— Muito bem — disse ele, com um sorriso que paralisou o sangue nas veias de Madison. — Como quiser.

Ele esticou a mão para a frente, a palma para fora, e um forte sopro de ar atingiu a porta de ferro, curvando-a para dentro.

Rochas saltaram da elevação instável e caíram aos pés deles.

— Quer ter cuidado? — rosnou Madison.

Barber fitou-a.

— O que há com os seus olhos?

Ela percebeu que estava faiscando de novo, como Seph observara. Acalme-se, Maddie, disse ela a si mesma.

— Vai logo! — disse ela em voz alta.

Dessa vez, Barber fez uma linha de chamas contornar o lado externo da porta como um maçarico. Cutucou a porta com um sopro de ar, e ela caiu para dentro com um estrondo.

De novo, uma onda de ar fedorento. Seguida por Grace, pestanejando sob a luz da lua, o rosto listrado de fuligem e lágrimas. Grace se abaixou à entrada e passou por cima do metal denteado, içando John Robert atrás dela.

— Venha cá — disse Barber, tentando alcançar Gracie. — Terminou a hora do recreio.

— Corram! — gritou Madison, atingindo o tórax de Barber com o ombro.

Madison e Barber rolaram colina abaixo, Madison Tateando em busca da pedra Weir dele como Nick a ensinara. Entretanto, sua cabeça bateu contra uma rocha e ela viu estrelas por um momento. Quando recuperou a consciência, Barber havia sumido, correndo pela lateral da montanha atrás de Grace e John Robert. Se os apanhasse, ele teria controle sobre Madison, e sabia disso.

Madison se levantou e quase caiu de novo, a cabeça girando, depois cambaleou atrás deles.

Os pés de John Robert escorregaram no xisto, e ele caiu. Barber o agarrou, suspendendo-o nos ares, os braços e pernas do menino movendo-se como um cata-vento no esforço de se libertar. Grace ia voltar quando Madison, avançando, gritou:

— Não, Grace! Corra!

E Grace se virou e correu.

Barber estendeu o braço, e Madison sabia que ele não erraria quando as chamas partiram-lhe da mão esticada. Madison gritou quando o fogo atingiu Grace e continuou fluindo sem parar, um rio impiedoso de chamas sendo sugado do corpo dele.

A compreensão e em seguida o horror se estamparam no rosto de Barber.

— Não! — gritou ele, deixando John Robert cair e tentando se livrar de Grace.

J. R. engatinhou até Grace, que estava de pé como uma deusa vingadora, os cabelos escuros esvoaçando ao vento, até que Barber desfaleceu e caiu da montanha para o espaço.

Foi quase tão bom quanto jogá-lo de um desfiladeiro.

Provavelmente nunca ocorreu a Barber que, se os dons mágicos eram hereditários, então a habilidade de sugar a magia de pedras Weirs também devia ser.



Nicodemus Snowbeard faleceu um dia após o término do sítio a Trinity, com idade estimada entre seiscentos e mil anos. Ele foi enterrado na Ravina do Dragão (que havia voltado ao seu antigo nome), diante da caverna e sob o Dente de Dragão, onde estaria perto da senhora a quem havia amado e traído.

Com o fim da linhagem dos D'Orsays, Leander Hastings e Linda Downey se mudaram para o Castelo da Ravina do Dragão. Ninguém parecia interessado em contestar-lhes a posse.

Jason nunca retornou ao Reino Unido. Ele foi enterrado no pátio da igreja de St. Catherine, o amuleto da mãe entre as mãos. Ergueram-lhe uma lápide, e nela estava gravado *Draca Heorte*, Coração do Dragão. Mercedes e Leesha plantaram rosmaninho em sua memória, e vinhas subiram pela pedra e flores desabrochavam no verão e no inverno sobre o túmulo.

Trinity passou por tempos de confusão e investigações, invasões de agentes do governo e rumores sobre planos terroristas. Mas é difícil se obter a verdade quando toda uma gama de possibilidades está fora de questão e os poucos que sabem de alguma coisa não dizem nada.

Ellen foi uma paciente terrível, mas se recuperou por completo, exceto pelo novo conjunto de cicatrizes, como tatuagens de um

soldado. Jack e Ellen e até Leesha Middleton se lançaram à tarefa de reconstruir a cidade, um esforço liderado pela mãe de Jack, Becka, que sabia como fazer as coisas acontecerem e do jeito certo. A tia de Leesha, Millisandra, foi uma das principais doadoras.

Quando finalmente chegou o verão, Madison Moss foi para casa tomar posse de sua herança.

Ela podia se sentar na varanda da frente, ouvir o riacho Booker e olhar para os longos declives até o rio, cintilando sob a luz oblíqua do sol. Naquelas montanhas ela via o reflexo de outras montanhas, cortadas por ravinas, pontuadas por lagos cristalinos e megálitos.

Podia pintar e dormir ao sol se quisesse, algo que parecia cair bem para os dragões. Mas o que ela mais gostava era de perambular pelo riacho Booker com Seph McCauley, que parecia tão confortável ali quanto em qualquer outro lugar.

As pessoas no condado diziam que Madison Moss estava diferente — mudada pelo tempo que passara junto ao lago. Ela olhava mais as pessoas nos olhos, e os olhos dela estavam diferentes também, quase hipnóticos. E às vezes a pele dela parecia brilhar e faiscar quando a luz do sol a atingia de certo ângulo. Todos sabiam que não se devia mexer com Madison Moss. Ninguém sabia o que esperar da garota.

O assassino de Brice Roper nunca foi identificado.

A mina dos Ropers finalmente se esgotou e fechou, e Bryson Roper Pai partiu para onde havia outras fortunas a serem feitas.

Seph não entendia de dragões, mas entendia de magia e, assim, ele e Madison se acertaram a respeito de algumas coisas e deixaram outras em paz. E se às vezes eles derivavam para outros assuntos mais interessantes dificilmente se poderia culpá-los.

Eles se deitavam na rede que balançava sobre o riacho Booker, fitavam o dossel das árvores e sonhavam sonhos que, esperavam, um dia se realizariam.

Entre os Weirs, espalharam-se lendas sobre a herdeira dragão que aparecera em Trinity, lendas que foram se tornando cada vez mais elaboradas, encorajadas por certos grupos de contadores de histórias entre as várias ordens. Ninguém sabia para onde a senhora havia ido ou se poderia reaparecer. Os magos pressionavam as mãos ansiosamente contra o peito e viraram de um lado para o outro em suas camas e se perguntavam como seria se fossem Anaweirs. E se comportaram bem, pelo menos por uns tempos.

Em todo o mundo, as ordens mágicas celebraram - apesar de saberem que o medo de dragões não duraria para sempre.